

SÉRIE FAMÍLIA CARTIER • LIVRO III

Entre o
DESEJO
e a
LOUCURA



K. C. FERREIRA



Entre o
DESEJO
e a
LOUCURA

Série família Cartier – Livro 3
ENTRE O DESEJO E A LOUCURA
Copyright © K.C. Ferreira

Revisão: Simone Salinas

Capa: Janaína Rodrigues

Diagramação: Thainá Brandão – Casillas Editorial

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue da nova ortografia da língua portuguesa.
Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação de direitos autorais é crime na lei n.º 9.610/98 e é punido no artigo 184 do código penal.

*No passado eu fui forte, não tinha medo de nada.
Até que a vida me quebrou. E agora estou mudada.
Só não sei se para melhor ou pior.
De patricinha, vadia e poderosa, para apaixonada e obsessiva...
Vou lutar e vou vencer.
Este amor me dará garra.
O passado irá se intrometer.
E por desejo de vingança, serei muito desafiada.
Se o amor vencerá?
Terão que ler para saber.
Porque no livro desta autora, prometo que irá se surpreender.*

AGRADECIMENTOS

Caro leitor(a), antes que comece a ler essa incrível história, gostaria de dizer que amei escrever a redenção de Paloma Cartier. Confesso que eu mesma me surpreendi com o amadurecimento desse livro e acredito que, no caminho para escrever essa história, eu mesma acabei amadurecendo e evoluindo.

Primeiramente, quero dedicar este livro a todas as pessoas que sofrem ou já sofreram de depressão, uma doença que para muitos é frescura, mas sabemos que é grave e que dia após dia vem tirando muitas vidas.

Quero dedicá-lo a Natasha, Ana Clara, Simone Rodrigues, e a todas vocês, queridas amigas e leitoras, que convivem com essa doença cruel dia após dia.

E agora, reservo este momento para agradecer, de todo coração, àquelas pessoas que foram fundamentais para que este livro virasse realidade.

À minha incrível revisora, Simone Salinas, o que seria de mim sem você puxando a minha orelha e dando seu suor para deixar o livro lindo e perfeitamente revisado.

A doutora Manuela, psiquiatra que me atendeu e me ajudou a entender tudo sobre o tratamento de uma pessoa depressiva.

A Jéssica Barbosa, que foi quase uma assessoria vinte e quatro horas por dia.

Quero agradecer a Milena, que sempre estava ali para me socorrer; e Jhenifer Gomes.

Ao grupo Família Cartier, que sempre estão comigo, são os alicerces da minha escrita.

Janaína Rodrigues, que fez a melhor capa da série até agora.

A Arlete, Wenida, Natasha, Ruby, Maristela, Simone e Karina, minhas amigas e maiores incentivadoras dessa série.

A todos os fãs que foram conquistados por essa série incrível, obrigada por terem dado uma chance a essa história, em que no fim Paloma nos ensinou uma bela lição.



PRÓLOGO

"Eu não quero ficar sem você, amor. Não quero ficar com um coração partido. Não quero respirar sem você, amor."

Estou em pânico, sem saber o que Martim irá me dizer. É quando ele me olha com tanta raiva e frieza, que estremeço de medo.

Martim abre a porta carro e me empurra para dentro.

— O que vai fazer, amor? Para onde vamos? — Eu mal consigo falar de tanto nervosismo.

— De onde nunca devia ter saído! Eu devia ter deixado

você lá desde o início!! — Fala com tanta frieza que até me arrepio.

— E agora cala a porra da sua boca, sua cadela miserável! — O olho pálido, apavorada com a forma com que ele fala comigo. Engulo a vontade de chorar, enquanto ele bate a porta com força e assume o seu lugar ao volante.

Estou com muito medo. O carro percorre velozmente as escuras estradas de terra. À medida que avançamos, fica claro que Martim está me levando para a cabana. Não luto, apenas fico lá, imóvel, olhando para frente. Meu coração apertado e sangrando, o pânico me consumindo, e uma raiva absurda daquele desgraçado, por ter me colocado nesta situação.

Tudo o que construímos ao longo dos últimos meses foi por água abaixo, foi em vão. Como foi possível as coisas desandarem dessa forma?! Meus olhos se enchem de lágrimas e luto para não chorar; embora esteja arrasada e com medo, sentindo-me destruída mais uma vez, por culpa dele. O que mais me machuca é o olhar que Martim dirige a mim.

Quero fugir e lutar, mas ao mesmo tempo quero deixar que ele me castigue, só para não vê-lo me odiar desta forma. Eu o amo e por ele sou capaz de suportar tudo.

— O que vai fazer comigo? — Não me responde. Estaciona de qualquer jeito o carro. Estremeço da cabeça aos pés, mal conseguindo respirar. Em uma súplica, digo:

— Eu não te traí! Por favor, me escute! A culpa não foi

minha dele ter vindo para cá! — Ele volta os olhos, que mais parecem duas pedras de gelo, em minha direção e me arrasta pelo braço.

Tento puxar o braço, mas ele apenas aperta com mais força.
— Você está me machucando!! — Digo firme, tentando manter minha voz controlada.

— Você não sabe o que é sentir dor, Paloma! Você nem sequer sabe o que é ter um coração!

— Por favor, Martim, está doendo. — Reclamo do seu aperto.

— Doendo, Paloma!? Você não sabe o que é isso! Imagina ter seu coração arrancado do peito pela mulher que você amava! Você, sua traidora miserável, não sabe o que é sofrer!

— Eu não quero entrar aí! Por favor, me escuta, eu não quero entrar nessa casa! Vamos voltar para nossa casa, meu amor! Me escuta! — Suplico angustiada.

A frieza dele é o pior de tudo. Desmancho-me em lágrimas. Puxo o braço, tento me jogar no chão. Mas é inútil. Ele me joga sobre seu ombro e eu começo a espernear, socar suas costas, alucinada de tanto medo.

— Você vai ficar aqui agora, como uma prisioneira! A princesinha mimada não está acostumada com a vida dura, não é!? Ficar aqui até que eu consiga o maldito divórcio e, de uma vez por todas, me livre de você, sua miserável! — Grita, me empurrando para dentro da cabana velha.

Entro em pânico. *Ele não pode fazer isso, não pode me deixar aqui!* — penso. A casa está totalmente escura, abandonada, ninguém parece ter vindo aqui desde que a deixamos.

— Martim, isso foi um engano, eu jamais te trairia! Você é tudo para mim, meu amor! Você e a Sarah! Deixe-me te explicar o que você viu! — Tento dizer enquanto ele me empurra para dentro da casa abandonada. — Martim, pare! Pare, por favor! — Mas ele não para. Bate a porta atrás de nós, me jogando no sofá mofado.

Ele me olha de cima a baixo, seus olhos cheios de ódio. Me olha como se eu fosse um verme, um ser desprezível. Em seus olhos já não vejo aquela chama, aquele amor; agora só restou o desprezo.

— Quero que fique claro que de mim você nunca mais vai tirar nada! Você me enganou, me usou, me fez de capacho em suas mentiras! Você é como a víbora, que só espera a hora certa para dar o bote. Não merece nem mesmo o meu desprezo!! — Ele está fora de si, possesso de raiva.

— Eu quero sair daqui! Quero a minha filha!

— O que você quer não importa! — Sua voz é gelada. — Hoje vai me pagar por tudo que me fez! Esta é sua nova casa. Daqui não poderá usar o seu veneno contra mim! Devia ter te deixado aqui desde o início! Eu vou me divorciar de você e nunca mais verá nem a mim e nem a Sarah. — Quando ele diz isso, sinto como se tivesse levado um soco direto no meu coração.

— Não!! Não pode tirar minha filha de mim! Não pode me

afastar dela! — Levo as mãos aos cabelos, alucinada com suas palavras. Perco todas as esperanças. Mesmo que sua voz não fosse fria, eu sentia sua ira e seu descontrole como algo palpável, vivo, atingindo-me em cheio.

— Por favor, amor, me escute! As coisas não aconteceram assim, me deixe te explicar, te contar porque ele estava aqui, meu amor.

— Chega!! Chega das suas desculpas, das suas mentiras! — Vocífera. — Eu não acredito em você, Paloma Cartier! Você é uma vadia, que destruiu a minha vida!! Eu fiz tudo por você, Paloma! Abri mão da minha promessa, abri mão da minha honra, destruí meu casamento com Beatriz, minha reputação como médico... Tudo isso para que, sua desgraçada!? Para você me usar, me enganar e me trair justo com ele, Paloma!? Você o chamou aqui, não é?!

— Não, amor, não foi assim que as coisas aconteceram, eu juro! Eu sempre te amei! Martim, se fiz tudo isso foi por te amar. Você não era feliz com Beatriz, eu fiz um favor para os dois! Eu não liguei pra ele, eu juro!!

— Como pode ser tão cruel? Você destruiu a minha vida, Paloma! Como pode ser tão falsa?

— Não! Eu te amo! Eu nunca quis te machucar, meu amor!

— Cala essa boca!! — Grita, jogando uma cadeira na parede, me assustando. — Eu sabia que era uma princesinha mimada, que era egoísta, mas eu estava cego, apaixonado demais

para perceber quem você realmente é!! Como pude acreditar em você, pensando que tinha mudado?! Eu confiei em você, te dei uma nova chance!

— Eu mudei, meu amor! Eu juro que mudei! Já não sou mais a mesma, você sabe disso. Eu me arrependo das coisas que fiz, mas, por favor, acredite em mim. Eu juro, amor, eu não te traí!

— A quem você quer enganar, Paloma? Chega! Sua máscara caiu, está claro para mim o monstro que você sempre foi!! E o pior, eu sou um maldito miserável por um dia ter te amado! Fui burro o bastante para deixar você me enganar duas vezes!

— Não! Não! Não diga isso, meu amor. Martim, por favor, você precisa me escutar; eu não tenho nada com esse desgraçado! Por favor, querido, me escuta, eu vou te contar tudo o que aconteceu e você vai compreender.

— Acha mesmo que eu sou algum otário para cair nessa sua conversa? — Caminha em minha direção, bufando feito uma fera feroz pronta para atacar.

Encolho-me na parede, com medo que ele vá me machucar, se bem que nada poderia ser pior do que o seu ódio por mim.

— Não se preocupe. Nunca mais vou tocar em você. Nem mesmo seu corpo me atrai mais! Pode ter essa cara de anjo, mas não passa de um demônio maldito. Tenho nojo de mim, por um dia ter tocado em você.

— Por favor, amor, me escute! — Digo, me ajoelhando no chão, tentando convencê-lo da verdade. — Eu não te traí; eu nem

sabia que ele viria atrás de mim, eu juro! Não estou mentindo, acredita em mim, amor! — Suplico aos prantos.

Martim dá um passo para trás, passa as mãos pelos cabelos bagunçados, virando de costas para mim.

— Está decidido. Você ficará aqui até que eu consiga o divórcio, depois disso, está livre para viver sua vida longe de mim... E da Sarah. — Diz com a voz carregada de frieza.

— Por favor, não! Me escuta! Não me deixe aqui!

Tira a chave do bolso e a enfia na fechadura.

— Martim, Sarah precisa de mim!

— Ela não precisa de alguém como você! — Ele abre a porta e sai. O pânico volta e eu grito.

— Martim! Por favor, não deixe aqui! — Ele tranca a porta atrás de si e eu fico sem ar. Desabo no chão, arrasada, sem poder acreditar em tudo isso, mas é a mais pura realidade.

Martim me deixou aqui. Choro tanto que meu peito dói, o nariz escorre e as lágrimas não me deixam enxergar direito. Fui descartada como um saco de lixo, abandonada nesta casa. O cheiro de mofo e a sujeira me deixam enjoada. Quase desmaio de tanto pavor, quando uma barata asquerosa passa por entre minhas pernas. Fico tonta, com vontade de vomitar. Tento olhar pela fresta da janela, na esperança, ainda que ínfima, de que ele volte e me tire daqui, e enfim saiba que tudo não passou de um mal-entendido. Porém, ele não volta. A chuva forte começa; uma tempestade lá fora, assim como dentro de mim. O pânico cresce, o medo dos

trovões se misturando com o pânico do escuro, da solidão.

É o meu fim. Algo dentro de mim parece se desmanchar, se romper, me dando clareza de que tudo está acontecendo por minha culpa! Por minha culpa! Este é o ápice, e eu estou pagando por tudo o que fiz, por todas as pessoas que machuquei. Esse é o meu castigo, eu jamais serei feliz, jamais serei amada. E essa é a pior realidade que poderia me assolar. Todas as minhas esperanças foram jogadas no ralo, assim como todos os meus sonhos. Vejo minha vida passar perante mim como filme; tudo que fiz para separar Martim de Beatriz, usando o desejo como arma.

Como fui ingênua! Como pude ser tão burra? Não há final feliz para nenhum vilão! Nem em contos de fadas e muito menos na vida real. Pessoas como eu não têm finais felizes!



CAPÍTULO 1

TUDO QUE TE DEI SE FOI

Onze meses antes do fim...

Eu acho que quando tudo está acabando as coisas ficam voltando em flashes, como um filme passando na sua frente. Tudo fica voltando... mas ele nunca voltou! Acho que parte de mim sabia que isso ia acontecer, "os vilões não são felizes!", é o que todos dizem. Eu sabia que tudo estava bem demais para ser verdade. Era intenso, arrebatador e destrutivo.

Quando me apaixonei por ele fiquei cega. Não enxergava nada à minha frente, apenas o desejo de tê-lo para mim. E, foi aí que eu errei. Foi por isso que me destruí. Acho que o pior de tudo não foi perdê-lo e sim me perder, não saber mais quem era.

Daloma

Fazia um ano desde o sequestro, no qual David, ex-sócio do meu irmão e meu ex-amante, tinha me sequestrado e torturado cruelmente. Na época, eu já não estava bem, havia perdido meu bebê e estava dilacerada. Perder meu filho foi um choque para mim. Cheguei a pensar que meu mundo acabaria, e minha estabilidade mental se foi. Primeiro veio a depressão, depois o transtorno compulsivo. Muitos ainda me chamavam de louca, depressiva. Não me sentia mais a mesma pessoa, e sabia que nunca

mais o seria. Meus irmãos Alice, Guilherme e Arturo foram meu porto seguro. Minha mãe também me ajudou muito, à maneira dela, que muitas vezes me irritava.

Naquele dia, estava correndo no parque, hábito que eu cultivava para espairecer a mente. De repente, me encontrei cercada por aqueles malditos abutres da imprensa mais uma vez.

— Olha ela lá!! — alguém gritou apontando para mim. Não consegui me mexer, minhas pernas não me obedeciam. Uma multidão se formou ao meu redor, me botando em pânico, todos tirando fotos e gritando perguntas nojentas. Quando voltei a sentir minhas pernas, não consegui dar um passo sequer.

— Paloma Cartier, é verdade que a senhorita foi pega na cama com três homens? — perguntou uma repórter com nojo, me olhando de cima a baixo, como eu fosse a pior criatura do mundo.

— Paloma! De “rainha da moda para rainha das putas” foi o que sua amiga de agência Christina disse! O que tem a dizer sobre o comentário dela?

— Paloma Cartier, é verdade que a senhora é bissexual? — pergunta um repórter ruivo.

Tentei me desvencilhar deles e acabei caindo no chão. Uma chuva de flashes me cegou. Tapei meus olhos com a mão esquerda, que sangrava devido à queda, e me arrastei até a entrada do prédio. Com muito custo, consegui entrar no prédio; todos os porteiros e funcionários me olhavam com olhares acusatórios. Meu rosto

estava coberto de lágrimas, minha roupa, suja. Apertei o botão do elevador, desesperada para me ver livre dos olhares, da culpa, do arrependimento, do nojo. Nojo era tudo que sentia de mim mesma. Abri minha bolsa tentando encontrar a chave e acabei deixando tudo cair no chão. Mas não me importei, só queria entrar, me trancar e nunca mais sair. Eu não aguentava mais, não suportava mais toda aquela dor. Entrei no apartamento, trancando a porta em seguida. O medo de eles me encontrarem era terrível. Me senti sufocada, tudo girava ao meu redor. Senti como se estivesse sendo observada, não podia acreditar no que estava acontecendo.

— Mamãe!! — gritei por ajuda, mas ela não estava em casa.

— Meire!? Meire!? — implorei, chamando seu nome, mas então me lembrei que ela tinha dito que ia ao mercado.

Tudo voltou em minha mente como se fosse um pesadelo, eu estava completamente sozinha. Eles vão me encontrar! — pensei. Entrei no meu quarto e me choquei ao ver a imagem refletida no grande espelho. Lá estava um ser imundo, com o rosto sujo, a mão esquerda sangrando, os cabelos curtos todos despenteados; um ser sujo, nojento, que não era digno de amor e nem mesmo pena. Essa sou eu — pensei —, meus grandes olhos azuis se arregalaram ao perceber que aquele monstro que via no espelho era eu. E foi então que uma fúria gigante tomou conta de mim. Senti tanto nojo da imagem que via, que não aguentei olhar mais nem um segundo. Soquei o espelho, o quebrando em vários

pedaços, mas não foi o suficiente, eu ainda podia me ver pelos pequenos cacos. Não queria olhar para mim, não queria ver a decepção que me havia tornado, o monstro inútil.

— Não!! Não!! — gritei angustiada.

Meu peito ardia, minha cabeça latejava. Senti medo, pavor, angústia, desespero, dor e, em um ato de coragem, decidi colocar fim a toda essa dor. Pegando um pedaço do espelho na mão, eu me cortei. E foi assim que, pela primeira vez em tanto tempo, eu não senti mais nenhuma dor. Foi quando cortei o meu primeiro pulso que me senti em paz, sem dor, sem angústia, sem pesadelos. Mas eu não parei por aí, e cortei o outro, e quando vi que o corte era grande o suficiente, sorri o meu primeiro sorriso sincero em muito tempo.

Meus olhos foram se fechando, eu mergulhei numa escuridão profunda, e já não sentia nada, nem frio, nem calor, nem medo ou qualquer dor. Enfim eu pude sentir alívio. A escuridão não me trazia dor, apenas o silêncio, e nesse silêncio eu mergulhei. Não sabia que lugar era aquele, mas não queria sair dali. Ali não me sentia sozinha, contudo, alguma coisa dentro de mim me dizia que era bom demais para ser verdade. Alguma coisa ainda me deixava consciente de que era fácil demais, bom demais para ser verdade...

E foi aí que ele apareceu. Doutor Martim McGregor Lancaster. Lindo. Com olhos incrivelmente azuis, atencioso, compreensivo, o médico que ajudou a me reerguer. No momento

em que não aguentava mais, que cometi a loucura de atentar contra minha própria vida, ele estava lá, me salvando, como meu anjo da guarda.

Eu teria morrido se ele não houvesse chegado a tempo.

— Paloma, por que fez isso? Paloma, droga!!! — Senti seu toque em meu rosto, mas não consegui abrir os olhos.

— Não faça isso, Paloma! Não posso perder você. Acorda loirinha, acorda! — Martim implorava.

Forcei meus olhos a se abrirem, para que pudesse olhar no rosto do meu salvador, daquele que se importava comigo. Martim.

— Isso, loirinha, abre os olhos para mim. — Disse emocionado, com o rosto coberto por lágrimas, me abraçando, a camisa toda suja de sangue. Meus pulsos estavam enfaixados, ele havia me devolvido a vida.

Foi ali, em meio a toda aquela escuridão, no meu pior momento, que me dei conta do sentimento que tinha por ele. E cometi o meu primeiro erro. Eu olhei para Martim segurando meus pulsos enfaixados e vi nele minha segunda chance de ser feliz.

Contudo, sabia que, quando se tratava de mim, nada era fácil. Havia um obstáculo, um grande obstáculo. Beatriz, sua esposa. Porém, por ele, estava disposta a ir até as últimas consequências, não me importava com mais nada e nem ninguém.

Depois daquele dia me dediquei a tentar me aproximar dele, mas infelizmente, nada surtia efeito. Ele me via apenas como sua paciente e não como uma mulher. O que me enfurecia e me deixava

louca. Com o tempo, apenas foi aumentando a paixão que sentia por ele. Só de estar perto dele, eu já sentia vontade de beijá-lo, tocar em seus cabelos. Um ódio tremendo tomava conta de mim ao imaginá-lo com sua esposa na cama, amando-a. Perguntava-me como era possível ele amar aquela mulher. Seus olhos não brilhavam por ela, não como Guilherme olhava para Alice ou como Arturo olhava para Verônica.

Um dia, minha mãe me disse uma coisa que mexeu comigo, que me fez enxergar o que estava acontecendo de outra forma.

— Você precisa voltar a ser quem você era, Paloma, a mulher forte e cheia de si, se quer mesmo conquistar esse médico! Só assim vai chamar a atenção dele.

Eu tinha esperanças de que ele me notasse e percebesse que eu estava loucamente apaixonada por ele. Eu o amava, Martim era minha última chance de ser feliz! Deus, como eu estava cega! Precisava dele como do ar para respirar. Era como se ele fosse uma droga, da qual eu era totalmente dependente. Mas ele só me via como sua paciente desequilibrada, uma “menininha”, como ele costumava me chamar. Eu estava tão cega, tão apaixonada, que cheguei ao ponto de me voluntariar para trabalhar no hospital, apenas para estar mais perto dele.

E foi no meu primeiro dia no hospital que fui abordada por uma cigana. Na hora não dei muita bola, mas agora vejo que ela acertou todo meu destino.

Nunca acreditei nessas coisas, mas não havia nenhum táxi

disponível para me levar ao hospital, então deixei que ela lesse a minha mão. Ela a pegou e abriu entre as suas, e eu senti um frio percorrer minhas veias. Ela me olhou assustada.

— A mocinha tem uma cruz grande em suas costas. O passado está decidido a atrapalhar seu futuro. O amor está batendo em sua porta, sua última chance está chegando. — Ela fez uma pausa e me olhou nos olhos. — O mesmo que te traz o amor, te trará muitas lágrimas. O mesmo que te fará feliz, te fará sofrer. Você terá que escolher entre ser forte e lutar pela sua felicidade, ou desistir e voltar a ser a casca seca e fria que sempre foi. Você irá para um lugar distante, longe de todos, onde terá que provar que o amor que sente é forte o bastante para vencer a dor. E será nesse lugar de grande tristeza e amargura que a sua provação irá começar. Terá de colocar à prova todo o amor que diz sentir. — Respirou fundo e continuou. — Seja forte, menina, porque o seu destino está só começando e haverá pedras e mais pedras em seu caminho.

Ela não poderia ter acertado mais, pois tudo que disse se concretizou. Hoje vejo isso, claro como água.

Ela viu o desespero em minha alma, sabia que eu queria o amor. E por ele eu lutei, tentei ser forte o bastante, porém, o passado estava sempre à espreita, procurando uma forma de me machucar e destruir mais uma vez.



Poucos dias após começar meu trabalho voluntário no hospital, pela primeira vez pude ver uma reação de Martim. Eu estava no corredor, tomando um café e conversando com Dário, um médico do hospital, que, sempre que me via, não perdia a oportunidade de me chamar para sair, e mais uma vez eu inventava uma desculpa para dizer que não, quando Martim apareceu com o olhar carregado de raiva.

— Senhorita Cartier, já está atrasada para sua consulta. Ande logo, não tenho o dia todo! — Disse o homem que eu amava, olhando para Dário com um ódio mortal.

— Depois nos falamos, Dário. — Respondi provocando. Caminhei ao seu lado e pude sentir a tensão emanando dele.

— Desde quando você e o doutor Cruz estão saindo? — Perguntou enciumado.

— Eu nunca saí com ele. Na verdade, estava inventando uma desculpa justamente para não fazer isso. — Tentei ser sincera.

— Certo, vamos. — Disse, abrindo a porta da sua sala. Caminhei sensualmente até o divã, porém, percebi que ele nem estava olhando para mim.

Martim sentou em sua cadeira de frente ao divã.

Aproveitei para escorregar um pouco em meu assento, fazendo com que meu vestido subisse um pouco, deixando minhas pernas mais à mostra. Apenas para tentá-lo. Eu não estava ligando para o que era certo ou errado, só queria conquistá-lo.

Após contar, em detalhes, minha última crise de ansiedade, não consegui me conter e desabei. Comecei a chorar desconsolada e foi aí que Martim me abraçou. Seu cheiro era tão bom. Estar assim tão perto dele era como estar no paraíso, não existia lugar mais perfeito do que em seus braços. Pelo menos era o que eu pensava.

— Não gosto de te ver chorar, loirinha. Você é mais forte do que demonstra ser. Está progredindo muito com seu tratamento, já não precisa de medicamentos para dormir. O que aconteceu foi apenas uma crise de ansiedade. Você está bem, Paloma. Está superando tudo que aconteceu no seu passado. Tem ganhado peso, e os exercícios físicos estão ajudando na sua saúde mental. Também notei que sua autoestima está mais elevada, mudou o modo de se vestir, está mais alegre e concentrada. — Falava olhando em meus olhos.

— Eu ainda tenho medo. Medo das crises voltarem, medo de acabar ficando louca.

— Eu já disse que você não é louca! Paloma, não quero que repita isso.

— Eu estou apaixonada. — Disse rapidamente, me arrependendo no segundo seguinte. Martim engoliu em seco, nervoso.

— Quem é ele?

— Você não deve conhecer. — Menti, olhando para minhas mãos, que estavam em meu colo.

— Ele corresponde ao seu sentimento?

— Infelizmente, não. Ele é casado, mas eu tenho certeza que é infeliz.

— Como tem tanta certeza?

— Eu sinto isso dentro de mim. Eu sinto que ele me deseja.

— Eu não sei se essa paixão pode ser boa ou ruim para você. Não neste momento. — Fala de maneira mecânica.

— Mas eu o amo, eu só preciso fazer com que ele note isso.

— Você é jovem, Paloma. Tem a vida toda pela frente, não precisa se humilhar por homem nenhum. E se ele não se separar da esposa?

— Eu vou fazer o possível para que isso aconteça. Eu o quero para mim e ainda o terei. — Falei, olhando para seus lábios e, num momento de insensatez, de pura loucura, eu o beijei. Foi nosso primeiro beijo e eu sabia que seria inesquecível.

Martim no início ficou paralisado, sem ação, mas isso não me impediu. Puxei seu corpo mais para mim, aprofundando o nosso beijo. Ele demorou, mas logo estava correspondendo com fervor. Seus lábios eram incríveis, me devoravam por inteira. Suas mãos foram parar em minhas costas e eu senti o fogo me consumir. Era proibido, imoral, mas era bom demais para voltar atrás.

Porém, como tudo que é bom dura pouco, Martim se afastou e me olhou tão horrorizado, que me encolhi no divã assustada.

— Isso não deveria ter acontecido, está errado. Você não

deveria ter feito isso.

— Você não pode negar que correspondeu. Que quis me beijar também. Por que luta, Martim? Por que lutar, se me deseja também?

— Você é minha paciente. E se já não bastasse isso, eu sou um homem casado. Além de antiético, é errado.

— Não negue que quer isso tanto quanto eu! Não sou a única culpada aqui! Eu estou apaixonada por você, Martim! Não aguento mais fingir que esse sentimento não está dentro de mim. — Soltei tudo de uma vez.

— Eu vou ter que transferir seu tratamento para o doutor Vinicius. Depois do que houve aqui, não vou mais poder acompanhar seu tratamento.

— Não, por favor, Martim! Não faça isso. Eu juro que não vou mais te tocar. — Praticamente me humilhei.

— É o mais correto a se fazer. O doutor Vinicius é um bom médico; ele vai cuidar do seu tratamento de agora em diante, senhorita Cartier.

Ao ouvir suas palavras tão firmes, tão duras, me enfureci. Fiquei com raiva por ele fingir que nosso beijo não havia significado nada.

— Então vai ser assim? É sua forma de me punir? Tudo bem, doutor! Eu não ligo! — Tentei fingir indiferença. — Só tenho uma coisa a dizer, doutor: pode fingir que não sentiu essa conexão entre nós dois, mas o seu corpo não mente, e esta noite, quando for

fazer amor com sua mulher, vai ser em mim que estará pensando, vai ser o gosto dos meus lábios que irá sentir. Lute enquanto pode, mas eu te garanto que você ainda será meu! — Disse totalmente decidida a conquistá-lo.

Após isso, saí da sua sala descontrolada, uma chama enraivecida crescendo em meu peito. Naquela hora, mais do que nunca, eu não iria desistir. Não quando sabia que ele não era totalmente imune a mim.

Pode-se dizer que eu fui a maior culpada de tudo que aconteceu, porém eu não errei sozinha, Martim também foi culpado. Não só ele, como Beatriz.



Peguei meu telefone dentro da bolsa e liguei para Nick, um antigo contato, do tempo que ainda era rainha das passarelas. Ele, além de modelo, era um estilo faz tudo e seria perfeito para meu plano.

— Nick? — Perguntei assim que ele atendeu.

— *Oi, Paloma, faz tempo que não entra em contato. Do que precisa?* — Falou sendo direto, uma qualidade que aprecio nele.

— Preciso de um serviço seu. Tem uma mulher, o nome dela é Beatriz Gouveia Lancaster. Preciso que a siga e descubra se ela esconde alguma coisa. Investigue seu passado, preciso descobrir tudo sobre ela. Também quero que coloque alguém de olho em um homem para mim. O nome dele é doutor Martim

McGregor Lancaster, é um dos diretores do hospital onde meu irmão trabalha. Quero saber tudo sobre esse homem, não deixe nada passar.

— Ótimo. *Faz bastante tempo que não faço um servicinho desses. Mas, como é para você, tenha como feito em uma semana. Te mandarei os relatórios completos sobre os dois.*

— Obrigada, Nick. Seu depósito será feito hoje mesmo.

Com um sorriso no rosto, eu cometi o meu *segundo* erro: coloquei mais um inocente no meu jogo.



Os dias se passaram e Martim fazia questão de fugir de mim, como o diabo foge da cruz. Meu novo psiquiatra era o doutor Vinicius. Ele era educado, atencioso, me tratava bem, mas não importava, ele não era Martim, claro. As crises tinham cessado e eu já não precisava mais dos remédios controlados, o que era ótimo.

Nick estava seguindo a esposa do Martim, contudo, por enquanto, não havia nada de mais em sua rotina.

Alice, mais uma vez, tentava me convencer a desistir de Martim...

— Ainda não desistiu desse homem?

— Não! Sabe que não vou desistir dele assim. Eu o amo, e não posso simplesmente deixar de amar. — Falei, sem me importar com o que estava fazendo.

— Por que não dá uma chance para o outro doutor, o Dário?

Ele anda te cercando o tempo todo, já está todo mundo reparando.

— Isso é perda de tempo. Eu não gosto dele. Dário é só um amigo, ele é gentil comigo.

— Falando nele...

Somos interrompidas.

— Meninas, como estão? — Perguntou o médico, chegando até nossa mesa.

— Tudo bem, doutor Dário. Como anda a ala de Cardiologia? — Tentei ser cordial.

— Hoje não tivemos nenhuma ocorrência grave, apenas consultas rotineiras. — Disse sorrindo para mim.

Alice não demorou muito para dar uma desculpa e sair, nos deixando sozinhos.

— Paloma, aproveitando que agora estamos a sós, queria conversar com você. — Disse ele, me olhando profundamente.

Quisera eu ter dado uma chance a ele, hoje eu não estaria aqui.

— Pode falar. — Falei baixo.

— Eu venho chamando você para jantar comigo faz algum tempo, mas você não parece disposta. Não sei se fiz algo que te desagradou, ou se está saindo com alguém, mas queria te dizer que eu realmente estou interessado em você, Paloma. Na verdade, acho que você me encantou desde que entrou neste hospital.

Suas palavras foram certas, mas estava cega demais ou apaixonada demais para tê-las ouvido.

— Dário, eu não tenho namorado, e você também não fez nada... — Antes que eu terminasse, vi Martim sentado ao fundo da cantina, olhando para nós dois. Seu olhar parecia me perfurar, e eu sorri por dentro. Ele estava com raiva. Era a primeira vez que conseguia identificar algum sentimento dele, desde o nosso beijo. Isso era bom, aliás, era ótimo.

— Eu aceito sair com você! — Disse de uma vez. — Pode ser esta noite? Entretanto, eu quero deixar claro que será um jantar entre amigos, não quero que crie expectativas. — Fui sincera.

— Certo. Está ótimo para mim. — Falou, pegando uma de minhas mãos e sorrindo contente.

Percebi que Martim bufou na mesa, o que só fez com que meu sorriso para Dário aumentasse, provocando.



Enquanto me arrumava para o jantar com Dário, recebi um e-mail de Nick.

Martim McGregor Lancaster vem de uma tradicional família escocesa. Os Lancasters estão envolvidos com a política do país e ainda mantêm uma fortuna através do banco Scotland. O doutor Martim e Ana Beatriz Gouveia se conhecem desde a infância. Ela foi noiva do irmão dele por quatro anos, o acompanhou quando ele esteve doente. Após a morte do irmão, dois anos atrás, Martim se casou com a noiva dele. O que pareceu meio estranho para a mídia, mas os dois trataram de abafar, vindo

para Londres, onde ele comprou ações do The Lister Hospital. O doutor trabalha também na ONG CHSL [Centro Humanitário de Saúde 'Logan'], que oferece atendimento médico de qualidade a pessoas carentes na periferia de Tottenham. Ele basicamente divide seu tempo entre a ONG e o hospital, do qual também faz parte da diretoria.

Quando li aquele e-mail não entendi o que, de fato, ligava Martim a Beatriz. Mais tarde saberia sobre todo o mistério e os segredos que eles dois carregavam.

Despedi-me de mamãe, que iria embarcar para a Espanha para passar uma temporada com meu irmão Hector. Estava me sentindo bonita e confiante, mal sabia eu que a noite se tornaria um fiasco completo.



Dário foi um perfeito cavalheiro, boa companhia até. Elogiou-me, me levou a um dos melhores restaurantes de Londres, o Cecconi's. Conversamos sobre o hospital e logo estávamos falando do seu casamento. Fiquei intrigada com a história da sua separação, que havia ocorrido dois anos antes. Pelo que ele me disse, sua ex-noiva o trocou por um cara que conheceu na internet. Não consegui evitar e acabei rindo.

— Isso não é piada, Paloma. Ela simplesmente me ligou, dizendo que tinha se apaixonado por ele e que estava indo atravessar o estado atrás do cara.

— Meu Deus, Dário, eu não queria rir, mas isso é impossível. Que mulher mais doida era sua noiva. Você deve ter ficado péssimo com isso.

— No começo sim, mas depois, eu percebi que nunca amei Sherilin. O que tinha com ela era mais uma relação de amizade... Mas, e você? Eu estou aqui contando todos os meus podres escondidos e você não me falou muito sobre você.

— O que quer saber? — Disse já nervosa, saboreando mais um gole do vinho.

— Quando vai desistir de sofrer pelo doutor Martim? — Falou, me olhando intensamente, e eu quase engasguei com o vinho.

— Você percebeu? — Falei baixo, me recuperando.

— Sim, não é muito difícil. Você não faz muito esforço para esconder o que sente. É só reparar na forma como olha para ele.

— É complicado. — Falei, querendo desviar do assunto, mas meu foco mudou quando avistei um casal sentando-se não muito longe de onde estávamos. — Droga! — Disse baixo, já tremendo.

Era Wallace, meu maldito ex-noivo. Ele, com Christina, minha ex-colega de agência. Os olhos de Wallace focaram em mim, e pude ver ódio, junto com algo que não soube identificar. Fiquei tensa, pronta para fugir em pânico.

— E-eu... preciso ir ao toalete. — Falei, me levantando

rápido, com medo ao vê-lo.

Me atrapalhei um pouco para achar o banheiro. Meus olhos já estavam cheios de lágrimas. Lembrei do meu bebê e que, por culpa de uma estupidez minha, ele tinha morrido.

Foi então que, mais uma vez, Martim me salvou.

Senti seus braços fortes me puxando para o corredor à direita. Eu quase caí no chão, tropeçando nos meus saltos.

— Se acalma. Respira fundo, respira. — Disse ele, com voz suave, enquanto limpava meu rosto. — Se acalma, loirinha, eu estou aqui.

— Me tira daqui, por favor. Me tira daqui! — Supliquei tremendo.

Não sei como, mas ele me levou até a saída dos fundos, me tirando do alcance de Wallace. E aí, cometi meu *terceiro* erro: deixei um cara legal — que gostava de mim — sozinho no meio de um jantar. Mas, naquele momento, eu não ligava para isso, tudo que queria era sair dali.

Martim me levou para minha casa, onde me ajudou a me acalmar. Tomei um calmante, mas não queria ficar sozinha, queria ele mais tempo cuidando de mim.

— Martim, por favor. — Toquei em seu braço, o impedindo de levantar da minha cama. — Eu não quero ficar sozinha, fica aqui comigo, por favor! — Implorei.

— Logo você vai dormir, os remédios já vão fazer efeito, amanhã vai estar bem.

— Só não me deixa sozinha, por favor! Fica comigo! — Eu disse tão carente da sua atenção, que ele acabou ficando.

Deitei minha cabeça em seu colo e logo apaguei, cansada.



Horas mais tarde acordei com seus braços fortes ao meu redor, foi a primeira vez que dormimos juntos. E essa seria a primeira de muitas. Seu rosto másculo, a barba por fazer, que o deixava ainda mais sexy; ele era um perfeito deus nórdico.

Fui até o banheiro, tratei de tomar um banho rápido, tomando cuidado para não acordá-lo. Voltei para o quarto enrolada em uma toalha.

Ao me aproximar da cama, Martim se mexeu e abriu os olhos.

— Que horas são? — Perguntou, olhando para mim assustado.

— Já passa das onze. Você acabou adormecendo.

— Estive de plantão ontem, estava exausto. Eu não deveria ter dormido aqui! — Disse preocupado, levantando da cama.

— Martim, eu preciso te agradecer pelo que fez por mim. — Falei sorrindo. — Você me salvou mais uma vez!

— Não precisa agradecer nada, Paloma, teria socorrido qualquer um naquela situação! — Disse evitando olhar em meus olhos. Aproveitei esse seu momento de distração e me aproximei, o abraçando.

— Eu já disse que não precisa agradecer. — Disse com a voz rouca, tentando me afastar, mas eu podia sentir seu corpo arrepiado. — Eu não fiz mais que a minha obrigação, ainda mais sendo seu médico.

— Sim, tem razão. Mas ainda assim não pode negar que se preocupa comigo e que gosta de mim. — Disse, levantando meu rosto e olhando em seus olhos, que estavam escuros, colando mais seu corpo ao meu.

— Por que faz isso, Paloma? Você sabe que é errado!

— Se é errado te amar, eu vou viver cometendo esse erro várias e várias vezes! — Disse apaixonada, colocando minhas mãos dentro da sua camisa e acariciando sua pele quente.

— Eu sou casado, Paloma! Não finja que não sabe disso. E sou muito mais velho que você. E ainda sou seu médico!

— Ex-médico! Sim, você pode ser casado, doutor! Mas seu coração não é dela, seu coração está aí, clamando por mim! E velho?

Passei minhas unhas de leve pelo seu peito até chegar ao cóc das suas calças, onde seu pau já se encontrava duro, pronto para mim. Deslizei minha toalha, fazendo com que caísse no chão. Martim paralisou, assustado ao me ver totalmente nua em sua frente.

— Não, você não tem nada de velho, doutor Martim! Você é perfeito para mim e o quanto antes se der conta disso, melhor vai ser. — Sussurrei sedutora.

— Eu não sei o que você faz comigo, loirinha, mas não consigo me conter! Não importa o quanto eu esteja tentando, minha cabeça só pensa em você! — Ele se virou, me levantando do chão, grudando sua boca na minha rendido.

— Não tente... Não lute, Martim... Eu sei que... você me quer... — Falei em meio aos beijos.

Seu beijo foi feroz, arrebatador. Podia sentir seu corpo musculoso grudado ao meu, suas mãos tocando minhas costas. Sorri, sabendo que já estava conseguindo o que queria.

Senti-o me erguendo do chão, aproveitei e cruzei minhas pernas em sua cintura. Ele me jogou na penteadeira, derrubando tudo que estava sobre ela.

— Você me enlouquece, Paloma, eu irei queimar no inferno por sua culpa!

— Então, vamos fazer valer a pena! Iremos queimar juntos! — Disse, beijando seu pescoço, sua barba arranhando minha pele, causando arrepios por todo meu corpo.

Com uma mão, Martim tocou meus seios, e eu joguei meu corpo para trás, extasiada. Coloquei minhas mãos na nuca dele, sentindo minha pele tremer em arrepios, quando sua língua percorreu meu seio esquerdo. A gente mal conseguia raciocinar o que estava acontecendo. Sentia seu pau duro se esfregando em mim. Voltei a beijar sua boca, sentindo cada pedacinho dos seus lábios.

Martim me soltou e, quando eu ia protestar, o vi tirando a

camisa. Seu peitoral malhado era como uma pintura de Michelangelo. Nós dois estávamos loucos um pelo outro; o desejo é que mandava naquele momento.

— Você me deixa louco, loirinha. Eu preciso de você, Paloma!

— Sou toda sua, Martim! De corpo e alma! — Disse com todo meu coração.

Martim me levantou, apenas para me jogar no tapete do quarto. Não reclamei da forma bruta com que ele me tocava, ele era tudo que eu queria. Ele prendeu minhas mãos com as suas, invadindo minha boca de novo. Depois, segurou meus cabelos com força, mordendo meu queixo, meu colo, me deixando marcada de maneira selvagem. Sua mão forte apertava o bico dos meus seios com força, arrancando gemidos profundos de minha boca. Senti-o esfregando seu pau duro em mim.

Então, de repente, seu celular tocou e tudo se desfez. Era ela, a maldita Beatriz, acabando com a minha festa.

Ele ficou pálido ao olhar o celular vibrando com a foto da esposa no visor, depois olhou para mim arrependido, horrorizado. Então, veio a culpa, e aí minha ficha caiu: ele não a largaria e eu precisaria jogar sujo para tê-lo para mim.

— Eu preciso ir! — Falou, já se vestindo, evitando me olhar.

— Você vai embora assim?! Sem dizer nada sobre o que aconteceu aqui? Simplesmente vai fingir que não aconteceu nada!?

— Isso foi um erro, Paloma! Você sabe que passamos dos limites. Eu sou casado, minha esposa é um anjo e não merece o que eu acabei de fazer! Essa coisa que está acontecendo entre nós, tem que acabar, precisa acabar; é errado, imoral e não vai se repetir!

— Você insiste em tratar o que aconteceu aqui como algo sujo, algo abominável, mas eu não vejo dessa forma, doutor. O que aconteceu neste quarto hoje foi o encontro de duas almas! Não importa o quanto você repita que isso é um erro, que é imoral. Ainda assim, você me deseja! Já te avisei uma vez, Martim, lute o quanto quiser, mas no final seu coração será meu!

Ele nem respondeu. Virou as costas e saiu, me deixando sozinha naquele quarto, me sentindo usada. Segurei-me para não chorar, não deixaria que isso me abatesse.

Eu devia ter desistido ali, quando vi que ela era importante demais para ele. Mas não! Fui teimosa e inconsequente.

Foi, então, que cometi meu *quarto* erro, talvez o mais grave. Peguei minha agenda e escrevi nela de caneta vermelha, com raiva, frustrada. Anotei quais seriam meus passos para destruir aquele casamento e conquistar o homem por quem estava obcecada.

Após ter anotado meus planos em minha agenda, fiquei impaciente, pensando em Martim na casa dele com a esposa. Meu corpo ainda fervia de desejo, meus seios estavam pesados de tesão. Eu já havia vestido uma camisola, depois que ele saíra. Deitei-me na cama sentindo seu cheiro em meus lençóis. Sorri ao imaginá-lo

aqui comigo.

Sem aguentar, toquei meus seios, imaginando que era o seu toque, e não o meu. Meu corpo implorava por um alívio que Martim não podia me dar, então massageei meus seios com vontade, tocando nos lugares que ele havia tocado. Minha mão desceu pelo meu corpo até chegar ao elástico da minha calcinha. Fechei os olhos, imaginando-o aqui comigo, me tocando com suas mãos fortes, com seus lábios, sua barba arranhando minha pele. *Como eu o queria aqui!* Meu dedo massageou minha intimidade com destreza, um arrepio subiu pela minha coluna. Acelerei meus movimentos buscando o orgasmo, meu corpo vibrava. Apertei meus seios e fui levada ao extremo, gozando.

Sorri, tentando lembrar quando havia sido a última vez que me toquei. Martim tinha o poder de dominar meu corpo e mente. Pensando nisso, decidi provocá-lo. Abri o WhatsApp, vi que ele não estava online, mas não me importei. Liguei a câmera e comecei a tirar várias fotos sensuais, uma mais quente do que a outra.

Ainda fiz questão de colocar na legenda:

"Você me deixou pegando fogo, amor. Da próxima vez não serão meus dedos que vão me satisfazer e sim seu pau gostoso, amorzinho!"

E uma carinha piscando.

Foi aí que me lembrei do coitado do Dário. Ele havia ficado sozinho no restaurante, e o pior, eu não me sentia culpada ou arrependida, a única coisa na qual pensava era que mesmo com o

meu surto, ainda assim tinha valido a pena, Martim tinha me trazido para casa. Então, como sempre, para mim, os fins justificavam os meios.

Mandei uma mensagem para Dário, explicando a ele o meu problema, que eu ainda não estava 100% e que aquele fora um dia ruim, que eu acabei surtando e voltando para casa. Omiti a parte que foi Martim quem me trouxe. Pedi desculpas e prometi que jantaríamos juntos em outro momento.

Confirmei com Nick o plano para conquistar a esposa de Martim. Ana Beatriz é artista plástica, então, ele se passaria por um amante de arte determinado a ter um quadro dela em sua casa, e faria de tudo para se aproximar de Beatriz, com o intuito de fazê-la se apaixonar por ele.

Eu sabia que estava jogando sujo, porém nada me fazia enxergar as consequências dos meus atos. Dei uma última olhada em meu celular, e vi que Martim já tinha visualizado minhas fotos, mas não havia respondido. Sorri, pensando na cara dele ao vê-las. Será que ficaria atormentado como eu? Será que se aliviaria pensando em nosso momento juntos, assim como eu havia feito?

*Quero ver você dormir com essa agora, meu bem!
Ah, Martim, é melhor você desistir, amor, porque estou só começando...*



CAPÍTULO 2

ENLOUQUECIDA

**"Como tentar explicar o que sinto quando estou perto de
você?"**

Passei praticamente o último ano inteiro vivendo em função dele. Eu deveria saber que caras como ele não ficam com garotas como eu. É como misturar óleo e água, não há como ficarem juntos, estão sempre destinados a se separar. A chuva continua forte, Martim ainda não voltou. Não sei quanto tempo se passou, para mim parece uma eternidade. A cabana continua escura, me deixando com medo. Talvez Dário tivesse razão, eu deveria ter me valorizado mais, me amado mais, protegido meu coração dele.

Nos dias que se seguiram, Martim fez de tudo para ignorar minha presença. Por outro lado, Nick estava avançando as investidas contra Beatriz. Ela já estava pintando a paisagem da casa de campo que os pais de Nick haviam deixado-lhe de herança. Para todos os efeitos, Nick era um empresário e grande admirador de arte.

Certo dia, me levantei cedo, tomei coragem e fui até a Cartier falar com meu irmão Arturo para pedir demissão. Desde que havia abandonado as passarelas estava trabalhando na empresa do meu irmão para me focar em algo, porém até mesmo disso abri mão pela minha obsessão por Martim. Pedi demissão apenas para ficar mais tempo perto *dele*. Arturo ainda tentou me convencer a mudar de ideia:

— Tem certeza que é isso que você quer fazer? Não está indo longe demais por esse homem? Será que ele realmente merece todo esse esforço? — Perguntou ele preocupado.

— Eu o amo, apenas estou lutando por aquilo que eu quero.
— Disse, tentando fazer com que entendesse.

— Só não quero que se machuque, eu sempre vou querer te proteger, irmãzinha.

— Confie em mim, eu sei o que estou fazendo. — Tendo dito isso, eu fui atrás da outra vítima da minha história: Beatriz. Para colocar meu plano em prática eu precisava fazer jogo duplo e

me aproximar da inimiga. E foi exatamente o que eu fiz.

Descobri o salão que a inimiga frequentava e, já com tudo planejado, marquei o mesmo horário que ela. Precisava me aproximar dela e assim começaria a minar essa relação. Se Martim não colocasse um ponto final nesse casamento, eu iria fazer de tudo para que *ela* colocasse.

Meu lado possessivo já estava nas alturas, ainda mais depois do nosso beijo. Fiquei fora de mim quando ele me ignorou no hospital e todas as mensagens que mandei. Pedi a Arturo que me entregasse um cartão de acesso para seu clube, que, sem dificuldade, consegui que fosse parar nas mãos de Martim. Eu já estava plantando a semente, agora só precisaria regar.

— A senhorita vai querer cortar ou apenas hidratar? — Perguntou a cabeleireira que me atendia.

Ao meu lado, vislumbrei a mulher de Martim, que estava fazendo uma escova em seus fartos cabelos escuros. Não podia negar que ela era bonita, sua pela alva e sedosa fazia um perfeito contraste com os olhos cor de chocolate. Mas, embora fosse elegante e refinada, ela simplesmente não combinava com ele. Só de olhar para ela, eu pude ver que os dois não foram feitos um para o outro.

— Apenas uma hidratação. — Respondi educadamente.

— Eu me lembro de você. — Disse a coitada da Beatriz apontando para mim, me surpreendendo.

— Oi! Falou comigo? — Perguntei dissimuladamente.

— Sim! Você é Paloma Cartier, não é? Eu fui ao casamento do seu irmão. Na verdade, dos *seus* irmãos. Meu marido me explicou que eles não são irmãos de verdade. — A sonsa disse com um sorriso sem graça.

— Ah, sim! Você é a esposa do doutor Martim? — Perguntei sorrindo por dentro, não achava que seria tão fácil me aproximar dela.

— Prazer, Ana Beatriz Lancaster. É a primeira vez que te vejo neste salão. — Ela me olhou e estendeu a mão para me cumprimentar, o que fiz, sorrindo falsamente.

— Na verdade foi uma amiga que me indicou, ela disse que Nice tem mãos mágicas. — Falei, apontando para a cabeleireira, que sorriu com o elogio.

— Tem razão! Ela é muito boa no que faz. — Aproveitei a oportunidade para puxar assunto com ela, e conversamos por um bom tempo.

Quando meu cabelo ficou pronto, ela já tinha terminado as unhas e estava pronta para sair. Acelerei meu passo, acompanhando-a até lá fora.

— Adorei te conhecer, Bia. Posso te chamar assim? — Disse sorrindo.

— Claro! Eu também gostei de conversar com você, Paloma. Não tenho muitos amigos em Londres, é bom conhecer gente nova. — Respondeu ela, sorrindo ao atravessar a rua, em direção a seu carro, que estava estacionado do outro lado.

— Você poderia vir almoçar comigo um dia desses? — Ela convidou animadamente.

Nesse exato momento, um carro veio em alta velocidade em sua direção. Movi-me rápido, fazendo o que havia combinado com um dos capangas de Nick. Empurrei Beatriz para o lado, tirando-a do caminho. Com o impacto acabei esfolando minhas mãos no asfalto.

— Meu Deus! Paloma, você se machucou? Você acabou de salvar a minha vida! — Falou ela assustada. — Aquele carro, ele ia me atropelar se não fosse você!

— Não foi nada! — Respondi com a voz meiga e me levantei, com as mãos sangrando.

— A senhorita precisa ir ao hospital? — Perguntou seu motorista, que aparecia para ajudar.

Eu insisti que estava bem, mas ela só se acalmou após me deixar em casa. Segundo ela, era o mínimo que podia fazer por mim, depois de ter salvado sua vida.



Nossa amizade foi se fortalecendo, até que um dia a sonsa me chamou para jantar em sua casa. Eu percebia que ela era muito carente de atenção, não tinha amigos e isso era um prato cheio para mim. Me produzi toda e cheguei em sua casa, que, diga-se de passagem, era muito linda, embora perfeita demais, não pareceria um lar.

Estávamos conversando como grandes amigas quando Martim chegou para jantar, e empalideceu assim que me viu. Tratei de colocar um sorriso provocativo no rosto e o cumprimentar.

— Boa noite, doutor! Espero que não se importe por ter vindo jantar em sua casa. A sua linda esposa insistiu tanto... — Disse irônica. Não sei por que, mas toda aquela situação proibida me deixava excitada. Eu sabia que estava mexendo com fogo, mas não sabia o quanto me queimaria no final.

O jantar a três foi ridículo, pude constatar o quanto a esposa dele era vazia. Sinceramente, não entendia por que ele estava com ela. Os dois estavam casados havia dois anos, mas se conheciam desde crianças.

Fui debochada e provocativa o tempo todo, porém ela não reparava. A tonta era ingênua demais para saber que estava colocando uma inimiga dentro da própria casa.

No fim da noite ela ainda fez a besteira de pedir que Martim me levasse para casa, já que eu tinha vindo de táxi. O que me deu mais uma oportunidade para provocá-lo.

Entrei no carro me sentindo vitoriosa. Ver os dois juntos me fez ter certeza que seria fácil minar essa relação; eles não se amavam, estava claro para mim.

— O que pensa que está fazendo, Paloma? O que veio fazer na minha casa? — Praticamente rosnou ao sentar atrás do volante.

— Eu te disse que não iria desistir fácil, Martim. Você sabe que gosta de mim, que me deseja, por que fica insistindo numa

relação sem futuro?

— Você não sabe de nada, Paloma. Se estou casado com Ana Beatriz é porque eu quero. Não queira ver coisas que não existem! — Ele fez uma cara estranha, sua voz soava um pouco cansada.

— Então me diz que a ama, Martim! Fala, me olhando nos olhos, que ama sua mulherzinha! — O provoquei.

— Não fale assim dela! Você é a única hipócrita aqui, Paloma! Como tem coragem de entrar na minha casa e jantar com a minha mulher? — Ele me olhou e eu sorri debochadamente.

— Eu faço a mesma pergunta a você, doutor! Como tem coragem de encará-la, se está apaixonado por outra mulher? Como é dormir ao lado da sua doce Beatriz, se seu corpo implora por outra? Como é tocá-la pensando em mim? — Perguntei e cruzei as pernas deixando a calcinha aparecer de propósito.

— Você está me deixando louco, inferno! — Gritava ele socando o volante, ao parar o carro no acostamento. — Mesmo eu querendo escapar, você me persegue, me deixa louco! Fico me perguntando quando você vai se dar conta de que isso é errado. Paloma, chega! Desista! Eu não vou ficar com você! Eu não quero, e Beatriz não merece isso! Eu realmente prezo muito meu casamento e não quero destruir tudo por uma aventura! — Disse ele me olhando profundamente.

— Está mais do que na cara que esse casamento é de fachada! Eu até entendo sua indecisão, você está com medo de

arriscar no novo e assumir nosso desejo. Mas escuta bem, Martim: eu não vou abrir mão de nós dois! Você pode enganar a *Biazinha*, mas a mim não! Eu sei o que tem por trás dessa fachada de médico perfeito com a esposa troféu. Esse não é você, Martim! Acha que pode ser feliz vivendo de mentiras? Acha que a sua preciosa Beatriz é feliz com um homem que não a ama? Aposto que será um favor que lhe fará, dando o divórcio. — Lancei um sorriso debochado.

— Você está delirando! É a única justificativa que tenho para essa obsessão! — Ele tocou na minha testa para ver se eu tinha febre e eu fiquei excitada apenas ao sentir seu toque.



Eu deveria ter desistido ali, quando me rechaçou dentro do carro. Mas não, eu joguei mais sujo. Chegou o dia de pôr em prática o plano do Lê Domain. Haveria um baile de máscaras no clube de fetiches de meu irmão, e assim que confirmei que Martim iria com Beatriz, eu já sabia o que fazer. Eu e Nick fomos disfarçados, chegamos ao clube bem mais cedo, apenas para observar a reação dos dois. Beatriz parecia chocada com tudo que via, Martim nem tanto. O que me fez pensar que ele já poderia conhecer esse tipo de clube. Os dois foram recebidos por Sury, que os levou para conhecer a casa como eu havia indicado, e ao final do percurso os levou para a Sala S.

Estávamos num sofá, num canto escuro, e pudemos ver

quando os dois entraram, sentando-se não muito longe de onde estávamos. Alguns casais trocavam carícias e sorrisos, enquanto um blues envolvente tocava ao fundo. Um garçom chegou e nos ofereceu champanhe. Eu não tirava os olhos de Martim e Nick fazia o mesmo com Beatriz, que parecia tê-lo reconhecido.

— Boa noite. — Disse Nick diretamente para Martim.

— Boa noite. — Respondeu ele me olhando.

— Primeira vez no Lê Domain? — Perguntei, tentando controlar a voz para que ele não soubesse que era eu; mesmo usando uma peruca e máscara ainda tinha medo de ser reconhecida.

— Sim. — Martim disse olhando para a sonsa da esposa. Nos apresentamos como Mark e Abby. Martim e Beatriz também omitiram seus nomes, escolhendo respectivamente Alejandro e Isabel.

Nick e Martim começaram a conversar, volta e meia incluíam eu e Bia na conversa. Ela estava mais relaxada, provavelmente o álcool fazendo efeito.

Por cerca de meia hora conversamos sobre amenidades, até Ana Beatriz dizer que queria ir ao toalete. Eu a acompanhei tentando ser gentil, mas com segundas intenções. Levei-a para a L'obscurité, uma sala totalmente à prova de luz, com apenas uma imensa janela de vidro de onde era possível ver os casais transando.

— É muito excitante, não acha? — Perguntei apenas para testá-la.

— Sim, parece incrível! — Falou curiosa e ao mesmo

tempo excitada. Os sons e gemidos podiam ser ouvidos daqui.

— Vamos? — Falei a levando até o banheiro, onde mais uma vez a pressionei.

— Você parece nervosa, não quer estar aqui? — Perguntei olhando-a através do espelho.

— Não é isso, apenas é muita coisa para digerir. — Disse, retocando seu odioso batom nude.

— Não se preocupe querida, o que acontece no Lê Domain, fica no Lê Domain! Precisa relaxar, fazer desta experiência algo inesquecível para você e seu marido. — Disse de um jeito provocante, estava cutucando a onça com vara curta.

— Acho incrível a forma como você trata o sexo de maneira tão natural, sem pudor. — Disse ela envergonhada, parecia uma menininha que estava na puberdade.

— Querida, não existem pudores dentre quatro paredes, ninguém será julgado pelos seus desejos, sejam eles com seu marido ou com outro! Tudo se trata de saciar os desejos da carne. — Disse e retoquei meu batom vermelho. Eu sou muito mais mulher que essa mosca morta. — Você sabe que nós estávamos na Sala do Swing, né? Onde casais se encontram para se conhecer e decidir sobre as trocas. — Falei atrás dela, indicando o caminho para onde Martim e Nick estavam. — Eu reparei como você olha para o Mark. Não se preocupe, nós somos um casal bem liberal e gostamos de nos divertir juntos e separados. — Falei jogando a isca.

— Vocês demoraram, amor. — Falou Nick ao nos ver.

— Desculpa, estávamos conversando, acabamos demorando. — Fiz uma voz meiga e o abracei, tinha que fazer a sonsa da Beatriz achar que eu e o Nick tínhamos algo.

Após mencionar a troca de casais, reparei que Beatriz ficou muito nervosa. Não podia ver um garçom passando que já estava com uma taça na mão. No fim da noite eu já estava ficando louca com a falta de reação da parte de Martim, foi quando Beatriz fez uma proposta irrecusável.

— Por que não terminamos esta noite de uma forma mais quente?

Martim olhou para ela, com os olhos arregalados.

Nick sorriu animado e eu fiquei passada.

— Eu acho melhor... — Martim começou a falar, mas Nick o interrompeu.

— Tenho certeza que pode ser divertido. Claro, se todos concordarem, e sem neuras.

Virei mais uma dose da bebida, sorrindo por dentro.

— Então, tem algum limite para vocês? — Perguntou Nick a eles dois.

— Algo que não gostam de fazer? — Dessa vez quem perguntou fui eu.

— Não gosto de dor! — Disse ela olhando para Nick.

— Certo. — Nick respondeu.

— Você tem certeza disso, amor? — Perguntou Martim.

— Tenho sim! — Disse Beatriz decidida.

— Todos no mesmo quarto? — Perguntou Martim cauteloso, me deixando horrorizada.

— Prefiro separado! — Beatriz respondeu quase em pânico. Aquela foi a nossa primeira noite juntos.

Eu já estava excitada, louca para ter Martim para mim. Queria provocá-lo, levá-lo ao limite, mostrar a ele que eu era melhor do que ela.

Assim que Nick e Beatriz nos deixaram sozinhos, eu ataquei a boca de Martim, desejosa.

Martim não se fez de rogado e correspondeu ao meu beijo com desejo, suas mãos foram possessivamente para minha cintura. Algumas pessoas estavam nos observando, mas isso não fez Martim se acovardar. Pelo contrário, ele parecia querer me exhibir. Sua boca desceu direto para o meu pescoço. Ao nosso redor havia pessoas transando, gemendo e curiosos passando pelo corredor. Arranhei seus braços e, com as mãos trêmulas, toquei seu pau por cima da calça.

Só de sentir, já soube que ele era grande, o que apenas me fez ficar mais molhada. Enfim eu o teria para mim! Nos agarramos naquele corredor como dois exibicionistas, até entrarmos no quarto. Não tive nem tempo de notar em que quarto estávamos, pois Martim me pressionou contra a parede. Depois desceu rapidamente e levantou meu vestido, chupando minha boceta por cima da calcinha, que já estava ensopada. Meus gemidos ardentes eram

como música para seu ouvidos, e minha vontade era tirar a máscara e dizer que era *eu* a mulher por quem ele estava louco de desejo.

Martim puxou a lateral da minha calcinha, rasgando-a toda. Minhas pernas pareciam gelatina, era tudo incrível demais. Parte de mim dizia que tudo não passava de um sonho e logo eu iria acordar.

Ele devorou minha boceta, mesmo naquela posição. Decidi mudar o jogo e, no lugar de ser a presa, seria a caçadora. Me soltei dele, empurrando-o para trás, dei um passo em sua direção com um sorriso nos lábios. Meu rosto estava parcialmente coberto pela máscara, meus lábios pintados de vermelho estavam à mostra. Coloquei Martim sentado na cadeira e andei o mais sensual possível até o criado mudo onde estava o controle da música.

Liguei o som, colocando uma música sensual de Trey Songz. Naquela noite eu iria fazê-lo ficar louco por mim. Já era hora de fisgar a minha presa. Sensualmente, fiz movimentos de *lap dance*. Martim tinha seus olhos vidrados nos meus quadris, dancei como se estivesse fazendo amor. Girei, ficando de costas para ele, sentei em seu colo, rebolando, sentindo seu pau grosso embaixo de mim. Coloquei suas mãos em meus seios, e ele não se fez de rogado, apertou-os com força. Rodei meu corpo, ficando de frente para ele. E então beijei seus lábios com paixão. Minhas pernas estavam abertas, e eu fazia movimentos para frente e para trás. Martim gemeu alto, seus olhos azuis, escuros de desejo. Afastei-me de mansinho, deitando no chão de frente para ele, sorrindo. Passei

as mãos por todo meu corpo simulando seu toque.

Lentamente me ajoelhei, engatinhando até ele. Eu podia ver o volume em sua calça, e não demorei a desafivelar seu cinto, abrir seu zíper e tirar seu pau para fora. Ele era grande, grosso, rosado, eu poderia jurar que nunca tinha visto um pau tão bonito e gostoso como o dele. Minha boca salivou, passei a língua pelos lábios olhando em seus olhos. Martim jogou a cabeça para trás extasiado. Eu não perdi mais tempo e abocanhei seu pau grosso, começando a chupá-lo com gula. Ele não cabia todo na minha boca, então trabalhei com a mão livre o que sobrava do seu comprimento.

— Isso, safada, assim! — Dizia olhando para mim.

Eu sorri contente por saber que ele estava gostando. Relaxei minha garganta, deixando minha boca mais molhada, já escorria baba pelo seu pau. Desci e subi minha língua enquanto apertei meus lábios ao redor. Forcei seu pau até o fundo da minha garganta, tentando levá-lo o mais fundo que conseguia. Martim gemeu alto e logo começou a foder minha boca com seu pau gostoso. Respirei pelo nariz, tentando não engasgar, mas era difícil. Martim não parava, socava com gosto, até chegar ao limite, e encher minha boca com seu esperma. Não perdi tempo, engolindo toda sua porra, lambendo seu pau, com gosto, o deixando limpinho.

— Você vai me deixar louco! — Disse ele, tirando a camisa social e logo em seguida a calça e a cueca boxer.

Ajoelhei-me aos seus pés, numa posição bem submissa, sabia que isso mexeria com ele.

— Assim que eu gosto, ninfeta safada! — Disse sorrindo, tocando meus seios por cima do vestido. Ele me levantou, só para me fazer girar, e desceu o zíper do vestido, me deixando apenas de cinta liga, já que o vestido não precisava de sutiã e ele tinha destruído minha calcinha. Martim me surpreendeu ao me jogar com tudo na cama. Sorri, adorando ver seu lado selvagem.

Ele puxou meus pés abrindo bem minhas pernas, me deixando arreganhada, só para dar um tapa forte em minha boceta. Gemi alto.

— É isso que quer, ninfeta gostosa?

— Eu preciso de você dentro de mim!! — Supliquei. Suas mãos passearam pela minha barriga, indo direto para minha boceta toda ensopada.

— Está molhadinha para mim! — Disse ele com a voz tão rouca como a minha. Com um dedo, tocou-me de maneira deliciosa, sem tirar os olhos dos meus, as máscaras ainda em nossos rostos. Mas seu olhar era tão íntimo, que sentia que ele sabia que era eu ali com ele.

Seus dedos castigaram minha intimidade, Martim sabia exatamente onde e como me tocar. Já não aguentando mais, comecei a gemer alto.

— É assim que você gosta?

Martim se abaixou e beijou minha boca e pescoço. Aproveitei e arranhei suas costas, marcando-o como meu. Sua boca saiu da minha, para ir direto para os meus seios, que já estavam

pesados de tesão.

Ele mordeu, assoprando em seguida, e eu só soube gemer de prazer. Nunca tinha sido tão intenso como foi com ele.

— Quero seu pau dentro de mim!!! — Gritei por ele.

Martim buscou uma camisinha no criado mudo, abriu e colocou em seu pau grosso.

Nem precisei pedir novamente, ele me puxou pelas pernas e me colocou de quatro na cama. Seu pau parecia uma tora me arreganhando. Puta que pariu, nunca tinha sentido nada assim. Ele nem deu tempo para que me acostumassem com seu tamanho, socou com força dentro de mim, a cama fazia barulho. Gozei, gemendo tão alto, que aposto que até no corredor dava para ouvir meus gemidos.

— Mais!! Não para, por favor! — Implorei louca de prazer.

Martim estocava sem parar, eu sentia suas bolas batendo em mim. Ele rangia como um animal feroz e eu gozei extasiada de prazer pela segunda vez.

Senti um tapa estalado na minha bunda, mas não parou aí, ele estapeou as duas, até deixá-las queimando. Seu dedo acariciou meu cuzinho, e eu estremeci, já imaginando o que ele estava preparando para mim.

— Eu quero você inteira para mim esta noite! — Disse ele me virando em sua direção.

— Eu sou toda sua! — Falei entregue.

Em resposta ele beijou minha boca, mordeu meus lábios.

Martim me puxou para o meio da cama, ficando por cima, socando novamente seu pau em mim sem parar, com tanta força, que eu ia para frente na cama. Beijeí sua boca, louca para senti-lo ao máximo. Sentia aquele pau gostoso e molhado deslizando dentro de mim, me arrombando toda, enquanto eu só gemia com vontade. Deliciava-me com o peso do corpo dele inteiro sobre mim. E cada vez que ele entrava, sentia mais vontade de gritar.

Já tinha perdido a conta de quantas vezes eu tinha gozado; isso estava superando qualquer das minhas expectativas.

— Vou comer esse cuzinho gostoso agora, ninfeta safada! E cada vez que você gritar vou socar mais forte, entendeu?

— Sou toda sua! — Disse submissa.

— Foi o que eu pensei.

Ele levantou da cama, acendeu o abajur, e pegou um óleo com cheiro de morango numa mesa cheia de produtos sexuais. Lambuzou seu pau e minha entrada de trás. Seu dedo foi entrando e saindo bem devagar. Estava em êxtase, tudo com ele era incrível. Martim colocou a cabecinha do pau na minha entrada anal e eu vi estrelas. Mordi o lençol para não gritar, mas depois que entrou tudo ficou uma delícia, empurrei minha bunda contra ele.

— Que delícia, gostosa! — Gemeu, e eu me sentia como uma massa de modelar em suas mãos, já estava pronta para gozar de novo, o corpo tenso, coberto de suor. Martim não deu descanso e quando o orgasmo me atingiu eu fiquei mole. Juro que vi pássaros voando, nunca na vida senti nada tão mágico como

naquele momento. Martim investia sem descanso e não demorou para seu rosto se contorcer e ele gozar forte, rugindo de prazer.

Caímos os dois exaustos na cama, abraçados e saciados, ofegantes.

Foi então que tive uma surpresa. Martim olhou em meus olhos e disse firme:

— Tira a máscara, Paloma.

— Você sabia que era eu? — Constatei assustada.

— Desde o início. Você pode colocar essa peruca e tentar disfarçar a voz, mas eu conheço seus olhos.

— E agora? Vai me mandar sair do quarto arrependido? — Abaixei a cabeça, completamente fragilizada por tudo o que havia acontecido.

— Eu não estou arrependido, Paloma! Eu te desejo, não vou negar! Só que o que aconteceu aqui foi apenas o desejo carnal sendo saciado. Só aceitei vir com você para este quarto, porque foi uma ideia da minha mulher. Mas a partir de amanhã, Paloma, tudo será o mesmo de antes! Eu não vou e nem quero deixar Ana Beatriz, apenas por um desejo sexual por você!

Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, "*apenas um desejo sexual*". Essas palavras me magoaram, e minha raiva por ela aumentou.

Foi assim que cometi mais um erro: transar com o homem que amava pensando que ele confessaria seu amor por mim. Como fui ingênua.

Melhor seria se tivesse desistido ali, mas não. Nem o meu ego ferido foi o bastante para me fazer desistir daquele homem.



Arrasada, tentei dar um gelo nele para ver se sentiria a minha falta e assumiria o que sentia, mas estava enganada.

Uma semana depois, fui abordada por Wallace dizendo que queria falar comigo. Eu me assustei, não entendia porque meu ex-noivo, depois de tanto tempo, queria falar comigo. Por sorte Alice estava comigo e o impediu de se aproximar. Quando entrei no carro estava assustada.

— Fica calma, ele não pode fazer mais nada contra você. Respira fundo, minha irmã.

— Você tem razão, não posso deixar esse maldito me afetar. — Tentei não me preocupar com o fato de ele ter vindo me procurar depois de tanto tempo.

Quando chegamos, confesso que fiquei nervosa. Me despedi de Alice e fui entrando no que parecia ser uma pista de pouso. Já havia ido ali antes me inscrever, feito as aulas, mas hoje seria a prática, e o pior é que Martim estaria aqui.

— Paloma Cartier? — Perguntou o instrutor de pouso.

— Sim, sou eu. Falei com a Júlia, você deve ser o Cris!

— Sim, sou eu mesmo. Seja bem-vinda à turma, você vai adorar o paraquedismo.

Infelizmente a instrutora Júlia, que iria saltar com você, não pôde

vir hoje, teve um problema familiar. Você se importa em saltar com um dos colegas da equipe?

— Claro que não! — Disse sorrindo, mas por dentro estava surtando, a coragem que tinha antes desaparecendo.

— Vamos? Os rapazes já chegaram. — Falou, apontando para uma sala de preparo onde vesti todo o equipamento necessário. Não vi Martim em lugar nenhum, e as palavras de Alice voltavam à minha cabeça; talvez ela estivesse certa e ter ido ali não fosse uma boa ideia.

Depois de pronta, caminhei até o pequeno avião que nos levaria até a altura adequada para o salto.

Minhas pernas já não queriam me responder. Fui tremendo até o avião, onde todos já estavam, inclusive o professor e dois outros alunos novatos.

Respirei fundo entrando na aeronave e foi aí que o vi. A princípio ele não me viu, mas quando Harry tocou em seu ombro, ele olhou diretamente em minha direção.

Senti aquela corrente elétrica familiar passar pelo meu corpo. Sua fisionomia mudou e ele ficou sério, olhando para mim com raiva. Meu medo de antes foi substituído pela raiva, ele fazia questão de ignorar minha presença durante a decolagem. Vi o professor falando com ele e o amigo dele por um tempo, enquanto tentava me controlar para não pensar na altura que já estávamos.

— Paloma, você vai saltar com Martim, ele tem bastante experiência com os saltos e vai substituir a Júlia no seu primeiro

salto.

Sorri com isso. Martim pareceu ficar pálido, irritado, mas quanto a mim, eu estava em êxtase.

As duplas foram se preparando. Andei até Martim, que ainda estava com cara de bunda.

— O que veio fazer aqui, Paloma? — Perguntou baixo para que ninguém ouvisse.

— Vim saltar, ora! O que mais viria fazer aqui?

— Você passou uma semana inteira sumida e agora vem com essa! Acha que me engana que só veio saltar? — Falou ele irritado.

— Você sentiu minha falta? — Perguntei boba, sabendo que ele sentiu sim.

— Porra, Paloma! Já falei para parar com isso, você não pode me seguir até aqui! —

Ele disse exaltado, mas tentando não levantar muito a voz.

— Saiba que passei a semana toda sonhando com a nossa noite no clube. Só de lembrar já fico excitada. — Disse baixo em seu ouvido.

Martim ficou rígido e percebi que ele engoliu em seco.

— Vamos!

Ele me conduziu até a entrada do avião, que já estava aberta. Prendeu todos os equipamentos juntando nós dois em um só paraquedas. Sorri ao sentir seu cheiro.

Tentei não olhar para baixo, mas quando vi, era tarde

demaís. Eu mal podia enxergar o chão, estava alto demais. Estremeci de medo.

— O que foi, Paloma? — Perguntou ao notar meu olhar de pânico.

— Eu esqueci de dizer, mas tenho medo de altura! — Tentei dizer, mas era tarde demais, Martim não ouviu pelo barulho do vento. Ele contou até três e pulou, me levando consigo. Eu podia jurar que meu coração parou, senti como se fosse morrer naquele instante, gritei feito louca de tanto pavor.

Martim ria do meu pânico. Vê-lo sorrir acabou me distraíndo, era a primeira vez que o via sorrindo assim, sem as sombras no olhar, ele parecia até mais jovem. Foi aí que confirmei o que já sabia. No meio de um salto de paraquedas, em que pensei que iria morrer, eu vi que o amava. Mais uma vez, olhando para ele, pude ver o quanto o queria para mim. Desejei ser o motivo daquele lindo sorriso sempre. Desejei afastar o olhar triste dos seus olhos, apagar de vez as sombras que o perseguiam.

Martim soltou o paraquedas e fomos imediatamente puxados para cima. Olhei para o céu azul, a imensidão lá embaixo e consegui superar o medo. Já não estava em pânico, mas sim admirada com a beleza daqui de cima.

Quando estávamos chegando em solo firme voltei a relaxar, mas a adrenalina ainda corria pelo meu corpo. Martim nos soltou do equipamento e então eu fiz o que queria fazer desde o momento que o vi: eu o beijei.

Primeiro foi um beijo roubado de susto, mas logo em seguida suas mãos foram para minhas costas.

Martim correspondeu ao meu beijo com fervor, devorando cada canto da minha boca. Puxei seus cabelos ficando na ponta dos pés para alcançá-lo.

Quando não aguentávamos mais a falta de ar, nos soltamos, um sorriso preenchendo meus lábios.

Martim me surpreendeu ao não rechaçar meu beijo, e ainda mais ao responder ao meu convite afirmativamente.

— Na minha casa ou num motel?

— Na sua casa, ninfeta! — me puxou para seus braços e me beijou novamente.

Não resisti e gemi alto, grudando meu corpo ao seu.

— Você é como uma droga infiltrada em meu organismo. Por mais que eu queira lutar, a dependência é mais forte! — Dizendo isso, Martim me ergueu e eu cruzei minhas pernas em sua cintura, sem desgrudar minha boca da sua. E ele caminhou até seu carro, nos levando dali.



CAPÍTULO 3



ALGUNS ERROS ATRÁS

"Não existem erros, apenas lições. O crescimento é um processo de tentativas e erros: experimentação. As experiências que não deram certo fazem parte do processo, assim como as bem-sucedidas."

Eu pensei que sabia quem ele era, pensei que conhecia o seu coração. Que jamais ele iria me machucar. Eu me sentia tão confiante, tão indestrutível, nada poderia me abalar desde que tivesse ele comigo. Agora, percebo que estava errada e a culpa é minha porque eu sabia que ele era encrenca quando o conheci. Que vergonha de mim agora, como pude me entregar assim? Mas ele era como uma droga me viciando e foi só ao lado dele que fui verdadeiramente feliz. Olho para mim agora, deitada nesse chão duro e frio, sufocando de tanta dor. A chuva não dá trégua e o medo é o meu pior inimigo. Fecho os olhos e tento apagar na inconsciência, mas tudo que consigo é ter mais e mais lembranças.

Paloma

Após o salto, Martim e eu fomos direto para o meu apartamento, onde fizemos amor mais uma vez. Mas bastou tudo terminar para ouvi-lo dizer que não deixaria Beatriz.

— Eu sei o que você quer, Paloma, mas isso não posso te dar. Você não entende, não posso deixar a Bia assim.

— É tão difícil assim me escolher? Eu sei que não a ama, Martim! Por que manter uma relação vazia como essa? Olha o que acabou de acontecer entre nós! Você sabe que foi muito mais do que sexo!

— Não me peça o que eu não posso te dar, Paloma, eu não quero te machucar.

— Você já está machucando! Eu não vou ser um brinquedo nas suas mãos, Martim. Posso te amar, mas não serei a segunda opção. — Dito isso, entrei no banheiro o deixando sozinho.

Ouvi a porta da sala batendo, sabendo que ele já fora até ela.

Engoli o bolo que se formou em minha garganta e minha vontade de chorar. Eu não podia chorar, eu sou forte! Repeti como se fosse um mantra. Não iria desistir tão fácil assim. Eu sabia que ele me queria. Só precisava mostrar que não facilitaria as coisas.

Lembro-me dos conselhos de Meire, quando ela entrou no meu quarto e me viu chorando no chão, agora eu vejo que ela tinha razão.

— Esse homem só vai te machucar! Para ele é muito mais fácil ficar com as duas.

— Eu o amo, Meire, eu não sei o que fazer para convencê-lo! Já deixei claro que não vou ser sua amante. — Como fui burra.

— Por que não dá uma chance para o outro médico?

— Dário é um cara legal, Meire, mas eu não posso obrigar meu coração a gostar dele. Martim está enraizado dentro do meu peito.

— Tente, querida, ao menos tente conhecer outros. Quem sabe assim o outro doutor não se dá conta que você é valiosa demais para deixar escapar.

— Tem razão, Meire! Você está certa! — Disse já fazendo planos de usar Dário para fazer ciúmes em Martim. Mais um dos meus muitos erros.



Saí de lá decidida a usar Dário para enfurecer Martim. A partir daí, ignorei Martim nos corredores do hospital sempre que o avistava, e mudei de área, indo trabalhar na ala de oncologia. Se teve uma coisa boa na minha jornada de conquista de Martim foi o amor que desenvolvi pelas crianças.

Ana Júlia era uma das garotinhas de que mais gostava. O sonho dela era ser uma cantora. Adorava ouvi-la cantar; mesmo sem os cabelos, ela mantinha o sorriso alegre no rosto.

— Tia Paloma, você chegou! — Gritou Higor, um menino lindo de sete anos, assim que entrei no quarto.

Ele tinha leucemia, estava aguardando sua cirurgia, que seria na semana seguinte. Se tudo desse certo, em breve ele iria sair dali recuperado, pronto para uma vida nova.

— Oi, amor. A tia não disse que voltaria? Eu trouxe um livro novo para você.

— Sério, tia? — Falou com um sorriso lindo no rosto.

— Sim. Você vai amar, é sobre um menino que tinha poderes mágicos, ele era um bruxo! — Disse animada para contar-lhe a história.

Sentei na cama dele para ler a história de “Harry Potter e a Pedra Filosofal”. Fiquei quase uma hora com Higor, até as enfermeiras entrarem para trocar seu medicamento. Depois disso fui para a ala de radioterapia, era um dos lugares que mais detestava. É muito difícil ver crianças tão pequenas, lutando por suas vidas, com seus corpos tão fragilizados por uma doença tão terrível.

Foi então que a porta se abriu e Dário entrou.

— Eu estava procurando por você, tinha certeza que estaria aqui com estes anjinhos. — Falou entrando na sala de brinquedos e pegando Melissa no colo.

— Doutor Dário, você veio brincar com as crianças? — Falei brincando com ele.

— Na verdade eu vim chamar uma certa donzela fujona para jantar hoje à noite! — Olhei para ele envergonhada.

— Tio, você parece o príncipe do meu livro! — Disse a pequena Melissa, de quatro anos.

— E você é uma princesa linda! — Disse sorrindo.

— A tia Paloma também é uma princesa. Ela vai casar com

um príncipe igual você. — Disse gesticulando com as mãos.

— Eu também acho que a tia Paloma parece uma princesa. E então, dona princesa, que tal pagar o jantar que deve para o príncipe Dário? — Falou mudando a voz, brincando com as crianças.

— Eu... Eu não sei se é uma boa ideia. — Disse penteando os cabelos de uma Barbie.

— Prometo que será apenas um jantar de amigos. — Prometeu ele suplicante.

— Sim, eu aceito jantar com você hoje à noite e prometo não fugir desta vez!

— Te pego às sete, tudo bem?

— Ok. Eu vou estar te esperando.

Naquele dia, na hora do almoço, vi Martim junto com o amigo dele, o doutor Harry, e ele fez questão de me ignorar, me deixando ainda mais magoada.

Porém, igualmente o ignorei quando vi quem me ligava. Beatriz, a minha nova amiga.

— Alô, Bia?

— *Oi, Paloma, desculpa te incomodar, mas preciso tanto falar com alguém, amiga!* — Disse com voz angustiada.

— Não se preocupe, eu estou saindo do hospital! Onde você está? Podemos nos encontrar.

— *Eu estou na galeria, não fui para Edale Peak hoje. Eu não tinha condições de pintar nada!*

— Tudo bem, estou indo para aí, em menos de vinte minutos nós poderemos conversar tranquilamente e você me conta o que está acontecendo.

Desliguei o telefone comemorando por dentro, ela já devia ter recebido as mensagens que eu tinha enviado, alertando-a sobre a infidelidade do marido. Agora, era só esperar que aquele casamento fosse para o ralo. Eu não estava nem aí se ela ia sofrer, ou se estava sendo cruel ao me fingir de sua amiga. Tudo que eu queria era destruir a sua relação.

Então eu fui até ela, me preparando para ouvi-la reclamar do seu casamento.

— Desculpe a demora, vim direto do hospital para cá. — Disse me sentando.

— Obrigada por ter vindo, Paloma. Eu não sabia a quem recorrer numa situação destas.

— O que houve, querida? Você está até pálida! — Perguntei fingindo preocupação.

— Você nem imagina, minha amiga. Ontem à noite eu tive uma discussão terrível com meu marido. — Falou angustiada.

— Me conte então o que aconteceu, mas desde o começo para que eu possa entender melhor.

— De uns tempos para cá Martim anda meio estranho comigo. Ele nunca foi muito carinhoso ou grudento, mas ele anda muito distante, até mesmo frio, não tem paciência... Até esqueceu nosso aniversário de casamento.

— Nossa, querida, imagino como isso deve ser horrível para você!

— Ontem quando ele chegou, nós tivemos outra discussão. Como sempre, ele dá mais atenção àquela ONG beneficente e ao hospital do que a mim. Eu queria ter filhos, mas ele sempre diz que é cedo demais, que temos que esperar mais. Você não imagina o quanto isso me irrita.

— Eu posso imaginar, você provavelmente seria uma ótima mãe! — Disse-lhe sorrindo.

— E não é só isso, Paloma. Alguns dias atrás, peguei as roupas dele jogadas no chão e vi que a camisa tinha uma mancha de batom vermelho. Pior que não era só o batom, ela estava com cheiro de perfume feminino.

— Meu Deus, Bia, isso é muito grave! Você acredita que ele possa ter estado com outra mulher?!

— Eu não sei, se fosse alguns meses atrás eu não hesitaria em responder que não, mas agora ele está tão mudado que nem parece o Martim que conheço.

— Será que ele não foi sempre assim e você apenas não percebeu? Será que você não idealizou nele algo que ele não é?

— Eu estou confusa, Paloma, não quero perder meu casamento! Tenho tanto medo dele estar tendo um caso, eu não sei o que fazer! — Disse com a voz embargada querendo chorar.

— Se acalma, eu vou te ajudar. Vou investigar no hospital, ver se descubro alguma coisa. Amigas são para essas coisas, não é

mesmo? — Disse sorrindo.

— Obrigada, querida, eu não sei o que seria de mim sem você neste momento!

— Eu quero te fazer uma pergunta, Bia, mas seja sincera! Se o seu marido realmente estiver tendo um caso, você teria coragem de pedir o divórcio?

— Eu nunca pensei nessa hipótese. Nossa! — Falou chocada com a possibilidade de desfazer o casamento. — Não sei se consigo, Paloma, nosso casamento era perfeito, nós temos uma ótima convivência. Eu não entendo como tudo pode estar desabando dessa forma. Onde eu errei? Eu sempre fiz de tudo para ser a esposa perfeita!

Irritei-me ao perceber que ela não ia desistir nem mesmo se descobrisse que Martim a traiu comigo.

— Você é jovem, Beatriz, bonita, tem uma ótima carreira, não depende de homem para nada. Por que se prender a um homem que te trai? — Tentei convencê-la. Talvez devesse ter tentado mais, assim eu não teria ido tão longe para separá-los.

— Você não entende. Eu gosto do meu marido. Martim e eu temos uma ligação que nos une... — Disse enigmática.

Saí daquele café decidida que se ela não colocasse um fim nesse casamento eu mesma colocaria. Voltei para casa e me arrumei para o jantar com Dário. Eu sabia que não queria nada com ele, mas não me importei de usá-lo apenas para fazer ciúmes em Martim.

Exatamente às sete da noite, ele me pegou na entrada da minha casa. Estava muito bonito, se eu não fosse tão apaixonada por Martim, quem sabe teria olhos para ele. Dário me disse que o jantar daquela noite seria na própria casa dele, e que ele mesmo prepararia tudo.

Dário foi gentil e atencioso; me contou sobre sua irmã, que fazia faculdade fora do país, contou sobre seus pais, que haviam falecido quando ele ainda era pequeno. Foi divertido estar com ele.

— Você vai mesmo cozinhar para mim? — Perguntei com estranheza. Sentando no balcão enquanto ele vestia seu avental.

— Sim, por que o espanto? — Ele indagou servindo uma taça de vinho.

— Todos os caras com quem saí não sabiam cozinhar, na verdade eu mesma não sei nem esquentar água. — Fui sincera.

— Se quiser eu posso te ajudar, minha tia Lola é uma ótima cozinheira, ela tem um restaurante em Manchester, um dia desses posso te levar para conhecer.

Dário era o cara perfeito. Solteiro, interessado em mim, por que não conseguia vê-lo com outros olhos? Poderia ter evitado tanto sofrimento!

Ele preparou cordeiro ao molho de ervas e montou uma mesa linda para nós dois no terraço de sua casa.

— Nossa, isso é lindo! — Falei admirada. — Acho que nunca ninguém preparou algo tão especial assim para mim.

— Pois deveriam! Acho que você andou saindo com as

peçoas erradas por muito tempo. — Agora eu posso ver que ele estava certo.

O jantar transcorreu agradavelmente, mas no caminho de volta para o meu apartamento, Dário me surpreendeu com um beijo. Infelizmente não senti aquela chama, nem aquele arrepio e calor que só com Martim eu sentia. Interrompi o beijo dando um passo atrás.

— Obrigada pela noite, Dário! Nunca pensei que me divertiria tanto assim. Mas esse beijo não deveria ter acontecido. Eu sinto muito se passei outra ideia que não seja amizade para você. — Fui firme, sendo consciente uma vez que poderia machucá-lo.

— Eu sei, Paloma, mas se ao menos me der uma chance de te fazer esquecer ele, eu posso tentar. — Disse sendo completamente sincero.

— Eu não quero te iludir, te dar esperanças, eu o amo! Mesmo sabendo que posso me machucar, isso não faz com que o amor que eu sinto diminua. — Como eu fui estúpida!

— Boa noite, Dário. — Virei as costas, entrando no prédio e deixando um cara legal que só queria o meu bem para trás.



Naquela noite nós nem percebemos que havíamos sido fotografados no momento do beijo, e dias depois a foto já estava num jornal.

Assim que eu soube daquilo, pedi para que Flávia, a empregada da Beatriz que eu subornava para me ajudar, entregasse o jornal com a foto do beijo. Queria ver o Martim desestabilizado, já que segundo Bia, os dois tinham voltado a dormir juntos e estavam aparentemente bem. Eu precisava acabar logo com aquilo. Era o aniversário de Beatriz e eles iriam à ópera. Eu, cega de ciúmes, não poderia aceitar isso.

"A ex-modelo e socialite Paloma Cartier, foi vista na última sexta-feira aos beijos com um suposto affair. Nossa equipe descobriu que ele se chama Dário Cruz, e é médico cardiologista. Trabalha no mesmo hospital em que a modelo é voluntária. Mais uma vez Paloma Cartier vira o centro das atenções. Quando nossa equipe tentou perguntar-lhe sobre o suposto namoro, ela não quis comentar."

Essa era a manchete principal, e eu torcia para que fosse o bastante para tirar uma reação de Martim.

Dito e feito, pois no meio da manhã minha campainha tocou, e recebi uma visita surpresa. Abri a porta de camisola, pensando ser Meire que tinha esquecido as chaves.

— Martim!? — Disse assustada ao vê-lo.

— Você deixou ele te tocar?! — Perguntou com uma ira que nunca tinha visto, já entrando no apartamento.

— Do que está falando?! — Me fiz de desentendida.

— Eu estou falando do Dário e você se beijando na frente da sua casa!! — Quase sorri com isso.

— Não sei por que tenho que dar satisfação para você! Não foi você mesmo que disse que o que houve entre nós, foi um erro?

— Falei cheia de coragem. — Por que agora vem me exigir explicações sobre um beijo!?

— Você está saindo com ele? Deixou ele te tocar?! — Exigiu saber.

— Escolha a mim que serei toda sua, Martim. Eu te amo e só quero você, mas se não pode me dar o que quero, eu também não te devo nada. — Falei orgulhosa.

— Porra, eu não posso, inferno!! Eu te quero, Paloma! Você não imagina como eu queria ser livre para você, mas eu não posso! — Ouvi-lo dizer isso foi como se fogos de artifício explodissem dentro de mim. Mas fui forte e joguei.

— Então eu não te devo nada, não exija de mim o que você não me dá!! — Praticamente esfreguei na cara dele.

— Você é minha, Paloma!! Só minha! Nenhum outro tem o direito de te tocar assim! — Falou, beijando meu pescoço, totalmente descontrolado.

— Não! Eu não sou sua, se você também não é meu! — Disse em meio a gemidos.

Martim rasgou minha camisola, deixando meus seios expostos.

— Você é minha, loirinha, não vai ficar deixando outro tocar o que é meu!

Não aguentei e comecei a rir do seu desespero, eu estava

conseguindo o que queria.

— Vamos ver quem vai me impedir! Eu sou solteira, não tenho compromisso com ninguém, farei o que me der na telha! — Disse provocadora.

Ele nem me respondeu, foi logo me beijando, mordendo meus lábios. Grudando meu corpo ao dele.

— Você está com ciúmes, doutor?! — Perguntei manipulando-o.

— Eu vou te ensinar a não me provocar, ninfeta safada. — Mordeu minha orelha chupando em seguida. Fomos direto para o meu quarto, onde ele fora de si me colocou de bruços em seu colo onde fez questão de esbofetear minha bunda me deixando marcada. Isso, porém, não me assustou, pelo contrário, me deixou mais e mais excitada.

A cada tapa, ele perguntava se eu tinha deixado Dário me tocar e eu de pirraça dizia:

— Eu não vou responder, não te devo satisfações! Você não é meu namorado, noivo ou marido. Como você disse, é comprometido e não pode deixar a doce Bia! — Trinquei os dentes quando tocou minha boceta já pingando de tesão.

— Você é minha! — Falou, dando mais um tapa.

— Sou? Eu não sabia disso!

— Você é sim, você é minha! Só minha; essa boca é minha, esse corpo é meu, você é toda minha! Você acha que foi fácil para mim, ver você naquele jornal, beijando outro cara? Acha que gostei

da sensação?

— Eu fico muito feliz que esteja doendo. Essa é a mesma sensação que sinto, todas as vezes que vejo você com a Biazinha.

Virou-me para ele me olhando nos olhos.

— Eu quero você, Paloma, eu preciso de você, estar contigo é como um sopro de vida para o meu corpo morto. Eu andei no vazio por muito tempo! — Foi tão bom ouvir aquilo naquele dia, foi como uma realização. Eram momentos como aquele que faziam tudo valer a pena! Bem, era o que eu achava.

— O doutor fica lindo com ciúmes, sabia? — Disse e o beijei faminta.

Fizemos amor loucamente, não uma, mas várias vezes.

Nos abraçamos, suados, mas satisfeitos, e eu sorri ao lembrar que mais uma vez não havíamos usado preservativo.

— Eu olho para você e me pergunto: onde você esteve por toda minha vida? — Perguntei olhando para ele.

— Eu queria ter te conhecido antes! — Disse triste por estarmos nessa situação.

— Já estive na Escócia uma vez, amei aquele lugar. Pergunto-me por que não te conheci antes dela... — A dor de saber que ele não me pertencia encheu meus olhos de lágrimas. E Martim fez questão de limpá-las e beijar meu rosto com carinho.

— Eu sempre quis encontrar alguém que despertasse o mais forte dos sentimentos em mim. Pensando bem, agora eu vejo que nadei contra a maré. Fui atrás de alguém que me fizesse sentir o que sinto

com você. Invejei meus irmãos porque eles eram felizes. Mas na verdade eu só queria alguém para mim. Alguém que pudesse me amar de verdade, alguém que me quisesse acima de tudo e de todos. — Abri meu coração para ele.

— Ei! Olha para mim, Paloma, não chora, por favor. — Disse angustiado. — Me machuca ver você sofrendo. Eu não quero te ver chorar. Por mais que eu saiba que não devo, é tarde demais, Paloma, eu já estou completamente apaixonado por você! É só você e mais ninguém dentro do meu coração! — Falou, revelando para mim o que tanto queria ouvir.

Para mim, naquele momento, saber que ele estava apaixonado por mim bastava. Eu não precisava de muito, só queria ele comigo, mas Beatriz ainda era uma pedra em meu sapato.

Fiz de tudo para deixá-lo ocupado naquele dia. Passamos a tarde e a noite juntos, nos amando e aproveitando a companhia um do outro até altas horas. Eu sorri satisfeita sabendo que ele tinha esquecido a esposa, seu aniversário e a ópera. Eu fui cruel, mas não me importava com os sentimentos de mais ninguém além dos meus.



Flávia, minha informante na casa da Beatriz, tinha me avisado que as brigas entre os dois agora eram recorrentes, e isso era como música para os meus ouvidos. Continuava enviando bilhetes anônimos, que estavam surtindo efeito. Ela vivia vasculhando as

roupas de Martim, caindo na minha armadilha direitinho. Alice, minha irmã, e Verônica, minha cunhada, tentaram a todo custo me fazer enxergar que estava errada em agir daquela forma, mas eu estava cega demais para perceber a gravidade das minhas atitudes. Até mesmo Guilherme, meu irmão, tentou me aconselhar naquela manhã, quando falei com ele que queria engravidar...

— Paloma, a que ponto você está indo por essa obsessão! Você quer colocar uma criança inocente no meio de um casamento?! Eu não vou te ajudar com isso.

— Não é bem isso, Guilherme, eu não quero um filho só para me prender a Martim. Eu quero ser mãe, eu quero ter um pedaço meu para amar, quero sentir todas as emoções da gravidez, eu quero ter o que não pude da primeira vez. Só que desta vez com o homem que eu amo. Martim pode não ficar comigo, mas terei um pedaço dele, um filho, fruto do amor que sentimos.

— Você já falou com ele sobre essa sua decisão de ser mãe? Porque pelo que está dizendo, ele seria o pai. Ao menos ele já pediu o divórcio para a mulher dele?

Menti, dizendo que ele já tinha me dito que ia se separar e que era só uma questão de tempo para que nós dois ficássemos juntos.

— Mas se você não puder me ajudar, tudo bem, eu mesma vou procurar um médico.

— Estou vendo que se eu não te ajudar, você mesma dá um jeito. Ainda não sei se estou tomando a decisão certa, mas tem a

doutora Rachelle Tarsiana, ela é ginecologista obstetra e fez uma especialização em fertilização natural.

— Obrigada, Gui. — Falei, e levantei para o abraçar.

— Só tome cuidado, eu me preocupo com você!

— Eu sei disso, irmão. Eu posso não ter sido a melhor irmã do mundo, mas eu amo você, Arturo e Alice, e até mesmo o príncipe sapo. — me referia a Hector, o irmão perdido que recentemente havíamos descoberto.

De lá fui direto para a sala de Martim, já estava sentindo sua falta. Fingi estar no meio de uma crise emocional apenas para convencer sua secretária a interromper sua consulta. Agora eu vejo como eu exagerei para ter esse homem.

Érica, sua secretária, entrou na sua sala e logo em seguida foi minha vez.

Martim estava de costas anotando alguma coisa em sua agenda, e quando se virou, paralisou.

— Minha secretária disse que era um paciente de emergência.

— É uma emergência, doutor, preciso dos seus cuidados. — Disse com a voz sedutora e percebi que seus olhos me devoravam. Fui lentamente me desfazendo do nó do sobretudo, revelando minha lingerie exclusiva do meu desfile para a *Victoria's Secret*. — Porra, você está ficando maluca, Paloma? Nós estamos no hospital! Você enganou minha secretária para entrar na minha sala! Porra, Paloma, veste esse casaco! — Disse exaltado.

— Vestir a minha roupa por que, doutor? Estou sentindo tanto calor, você precisa me examinar para ter certeza que não estou com algum tipo de mal! — Falei me abanando.

Martim passou as mãos pelo cabelo nervoso, desfazendo o nó da gravata que parecia o sufocar.

Com sensualidade eu sentei no divã e toquei o tecido macio sem nem olhar para ele.

— Paloma, isto é sério! Respeite meu local de trabalho! — Falou trancando a porta da sua sala. Sorri por dentro sabendo que ele estava a um passo de não resistir.

— Eu já te contei que sempre tive a fantasia de transar com você nesse divã? Quantas vezes imaginava o doutor perdendo a compostura e me agarrando nessa sala.

— Caralho! Inferno, loirinha. Você só pode ter vindo direto do inferno para me tentar. — Falou se desfazendo do jaleco.

— Ah, doutor, assim você me ofende! — Falei sorrindo travessa, mordendo meus lábios. Martim atacou minha boca, me beijando com força; nosso beijo foi apaixonado, quente como as chamas do inferno.

O medo de sermos pegos apenas deixava tudo mais excitante e perigoso.

Peguei em sua nuca e puxei seus lábios, o mordendo.

Nos beijamos apaixonadamente, até que a minha mão começou a abrir sua calça. Para não ficar para trás, Martim se desfez do meu sutiã e suas mãos se apoderaram dos meus seios.

Martim parou de me beijar e suspirou, quando finalmente consegui abrir sua calça. Quando meus dedos tocaram seu pau duro feito pedra, o vi fechar os olhos trêmulo.

Toquei seu pau com carinho, sorrindo, mas quando ia colocá-lo na boca Martim me interrompeu.

— Hoje não. Não vou aguentar! Isto terá que ser rápido e bruto. — Disse ele e me virou, colocando-me de quatro no divã. Martim tirou minha calcinha, me deixando apenas de liga. Ficou admirando minha bunda toda exposta para ele.

— Eu deveria surrá-la por me provocar desta forma, mas não temos tempo, alguém pode bater nesta porta e acabar com todo nosso prazer. — Empinei mais minha bunda para ele e logo senti seu pau grosso já na minha entrada. Martim me penetrou e senti todo seu comprimento me invadindo. Puxava meus cabelos com força e enfiava tudo de uma vez, me fazendo gemer alto. Sentia seu pau tocar meu útero, mas não reclamei, apenas gemia pedindo mais. Martim começou os golpes num vai e vem fenomenal. Eu já estava pingando de tesão.

— Você é como uma droga! Quanto mais eu a tenho, mais me contamina e mais eu a quero. — Dizia ele mordendo minha orelha e chupando meu pescoço.

E então eu gozei gemendo alto. Martim tapou minha boca para que não gritasse. Socava com gosto e eu tremia toda alucinada.

Ele me girou, me colocando por cima, e então comecei a

cavalgar gostoso em seu pau. Ele mordida e chupava meus seios enquanto suas mãos puxavam meus cabelos.

O segurei pelos ombros e joguei a cabeça para trás, sendo atingida pelo segundo orgasmo. Martim beijou minha boca roubando meus gemidos. Fui subindo e descendo em seu pau com força, correndo o risco de ser pega transando com ele em sua sala. Que delícia! O perigo do que estávamos fazendo apenas deixava tudo mais gostoso.

Martim segurou minha bunda, me ajudando a aumentar a velocidade.

— Ai, caralho! Você me faz cometer as piores loucuras, Paloma!

— Então vem, amor! Goza comigo! — Disse olhando em seus olhos. Foi como dar permissão, Martim gozou forte gemendo baixo, me enchendo com seu gozo.

— Hum, isto é delicioso. — Falei fechando os olhos cansada. Martim me abraçou com carinho, beijando minha boca.

Fomos ao banheiro da sua sala, onde rapidamente nos recompusemos.

— Eu não sei por quanto tempo vou suportar essa situação. Martim, se desfaça desse casamento e fique comigo.

— Eu quero você, eu gosto de estar com você, Paloma. Você desperta um lado meu que estava adormecido, contudo as coisas não são tão fáceis assim. Não posso simplesmente largar Ana Beatriz assim.

— É tão óbvio que você foi feito para mim. Cada pedaço seu se encaixa perfeitamente em mim. Você sente essa coisa forte, intensa entre nós dois. Isso, Martim, é o amor, a paixão nos consumindo. Eu não estou pedindo muito, eu só quero poder te abraçar na rua, te beijar, passear de mãos dadas. Eu gostaria de fazer esse tipo de coisa. Por que não podemos ser assim?

— Me perdoa, loirinha, eu sei o que quer. Eu também quero isso, mas não posso machucar a Bia, não posso deixá-la assim de uma hora para a outra, preciso de tempo.

— Acha que o que estamos fazendo não vai machucá-la?!
— Rosnei com raiva por ele se preocupar tanto com ela.

— Eu sei! Eu sei, Paloma, que é errado, nem você nem ela merecem isso. Estou sendo um canalha com as duas, mas não posso, não consigo ficar longe de você. Já é tarde para desistir de você. Eu a quero para mim, apenas preciso arrumar essa bagunça primeiro.

— Eu tenho pesadelos à noite. — Falei me afastando dele.
— Neles, você está com ela, você a beija, você a toca da mesma forma que toca em mim. Só de imaginar, o ciúme já me cega. Ela é a sua mulher, Martim, é com ela que dorme todas as noites, e eu só fico com as sobras! Eu não quero a metade de você, não me contento com pouco! Ou tudo ou nada!

— Eu fiz uma... — Antes que ele terminasse, alguém bateu na porta nos interrompendo. Abri minha bolsa pegando meu batom e retocando o vermelho vibrante. Martim voltou à postura de

médico respeitável e abriu a porta para Érica.

— Desculpe interromper o atendimento, mas sua esposa está aqui fora para ver o senhor.

Voltei meu olhar para Martim, que estava totalmente pálido.

— Eu já estou de saída, Érica, a consulta já surtiu um ótimo efeito. — Falei, engolindo minha vontade de gritar que a mulher dele era eu. Saí daquela sala sem nem olhar para trás. Meu sangue fervendo de raiva. Como ele podia tratar o que sentimos daquela forma? Verônica tinha razão, eu não deveria ter cedido tão fácil!

— Paloma, querida, que bom te ver aqui. — Diz Beatriz ao me ver sair da sala do seu marido.

— Olá, querida, só vim buscar a receita do meu medicamento. Como está? — Perguntei fingindo que me importava.

— Nada bem, preciso tanto dos seus conselhos, aconteceu tanta coisa! — Falou com um olhar triste.

— Eu adoraria poder conversar agora, mas estou atrasada. Podemos nos falar amanhã?! — Perguntei me segurando para não explodir. Tudo que não queria era ouvi-la dizendo que Martim era o marido mais incrível do mundo, meu coração não aguentaria.

— Você pode mandar uma mensagem e nós marcamos para amanhã.

— Para mim está ótimo. — Falou e me despedi e, em um acesso de raiva, fiz algo impensado, mandei uma mensagem com

um número privado.

"Você não ouviu meu aviso, porém, você é uma pessoa boa, não merece ser passada para trás. Se não acredita em mim, esta é a chave do quarto de motel onde seu marido se encontra com a amante dele todas as sextas! Vá até lá e descobrirá a verdade."

Em casa anotei na minha agenda tudo o que faria para ela pegar Martim e eu na cama. Eu estava inconformada após ele me tratar como se eu fosse um segredo sujo, a segunda opção.

Entrei no meu banheiro e me assustei ao olhar no espelho. Minha pele estava tão pálida, meus olhos borrados. Senti vergonha do meu estado.

Minha mãe sempre dizia, "Engula as lágrimas e seja forte." Mas eu não conseguia, eu não conseguia ser forte o tempo todo. Ele estava com ela naquele momento. Até quando eu teria que suportar aquilo?

Levantei a tampa da privada e fui acometida por aquele velho desespero. Meus olhos estavam repletos de lágrimas. Não suportava aquela situação. Era cruel, amar alguém assim. Devia estar sendo castigada por tudo que tinha feito. Ajoelhei-me no chão e a agonia veio. Estava cansada de só ouvir críticas. Ninguém me entendia. Senti um amargo em minha boca, um enjoo terrível. Respirei fundo me preparando para expelir todo o conteúdo do meu estômago. O vômito veio e junto com ele a culpa, a vergonha por

ter feito isso comigo mesma. Sentia-me fraca, quebrada. Achei que já havia superado a bulimia.

Sentei-me no chão frio do banheiro me sentindo vazia, derrotada. Pensei que aquele era o meu pior momento, mas a verdade é que não seria nada perto do que viria a acontecer.

— Paloma, querida, o que está fazendo? — Perguntou Meire, entrando no banheiro, onde eu estava tão perdida na minha dor, que nem ouvi a porta sendo aberta.

— Você voltou a fazer isso, menina?! — Perguntou ela me abraçando.

— Não conta para ninguém, por favor! — Implorei envergonhada. — Não quero que meus irmãos ou mamãe, sintam pena de mim. Não suporto que me olhem como se eu fosse louca.

— Eu não vou contar para ninguém, só me prometa que não vai mais fazer isso. — Limpou meu rosto com carinho.

— Por que com ele tudo tem que ser tão difícil? Só o quero para mim. Mas sinto como se não fosse boa o bastante. Não consigo entender o porquê de ele estar com ela, se não a ama. — Disse já com o rosto banhado em lágrimas, lágrimas quentes, e um ardor horrível nos olhos.

— Oh, meu amor, não chore! Não fique assim. Você é perfeita do jeito que é. Esse homem não merece todo o amor que você sente por ele.

— Às vezes é tão difícil seguir o coração e buscar a felicidade. Por que tem que ser assim?

— É algo que não dá para explicar. O destino às vezes brinca com a gente de maneira feroz — Meire me ajudou a tomar um banho e deitar na cama, onde apaguei cansada.

Quando acordei, tinha duas chamadas perdidas de Martim e três mensagens no WhatsApp.

Respirei fundo e, mesmo morrendo de vontade de ler, eu não li, o ignorei. Dei o gelo que ele tanto estava merecendo.



Terminei de me arrumar, pronta para ir almoçar com Beatriz. Já me sentia melhor. Meu telefone tocou pela quarta vez e ignorei mais uma vez; era Martim. Abri meu *whats*, mas não li sua mensagem. Apenas a da minha mãe e outra do Dário, me chamando para ir ao cinema à noite. Aceitei, querendo me distrair.

Minha campainha tocou enquanto pegava minha bolsa para sair.

— Eu abro, Meire. — Disse, abrindo a porta sem olhar quem era.

— Wallace!?! — Disse em choque.

— Boa tarde, Paloma, desculpe não ter avisado que viria, mas se avisasse você não estaria aqui. — Disse ele dando um passo para dentro.

— O que está fazendo aqui? — Perguntei de uma vez, me recuperando.

— Eu queria conversar com você.

— O que quer, Wallace? Como pode ver, estou de saída! —
Revirei os olhos e tentei ignorar sua presença.

— Eu preciso te pedir desculpas pelo que aconteceu. Eu agi de maneira errada, não deveria ter feito o que fiz. Mas você tem que entender que era louco por você, Paloma. E te ver naquela situação bizarra, no dia em que iria te pedir em casamento, me destruiu. Não imagina o quanto eu sofri.

— Eu sinto muito. — Falei sem saber como agir com seu pedido de desculpa. — Mas você passou dos limites colocando aquelas fotos na imprensa.

— Eu juro que não fui eu. É difícil de acreditar, mas é a verdade, eu não faria algo desse tipo. — Ele me olhou com cara de pena e a voz grave.

— Não sei se posso acreditar nisso. Se você sofreu pelo que fiz, Wallace, não imagina o quanto foi difícil para mim, quando perdi nosso bebê. — Notei que ele ficou pálido e sua postura mudou.

— O filho era meu mesmo, você tem certeza disso? — Ele perguntou.

— Você não tem motivos para acreditar, mas sim, o bebê que estava esperando era seu. Entretanto, não importa mais. Eu aceito as suas desculpas, mas preciso sair. — Disse e me retirei do apartamento.

— Você mudou, Paloma, está diferente. Parece mais real agora, mais humana. — Ele me olhou e eu dei de ombros.

— É, talvez eu tenha mudado! — Disse pegando as minhas chaves, querendo encerrar a conversa. — Preciso ir. — Indiquei o elevador no corredor.

— Tudo bem. Ah! Mais uma coisa. Mesmo depois de tudo que aconteceu, eu não sei explicar o motivo, mas eu ainda penso em você. — Falou me olhando estranho, e me deixando surpresa.

— Eu amo outro homem. Na verdade, o amo como nunca pensei ser capaz de amar. — Disse com um sorriso.

— Eu queria que um dia seus olhos brilhassem por mim como brilham agora. — Dizendo isso ele entrou no elevador, me deixando angustiada com suas palavras.

Um arrepio percorreu meu corpo. Não sabia ainda, mas Wallace estava longe de sair da minha vida...

Ignorando o perigo que Wallace representava para mim, fui me fazer de atriz, vestindo a máscara de amiga compreensiva da Beatriz.

— Desculpe a demora, querida, o trânsito de Londres nesse horário é terrível! — Disse assim que cheguei a sua casa.

— Não se preocupe, eu sei bem como é o trânsito nessa cidade. Vamos, mandei Flávia colocar uma mesa no jardim para nós duas.

— Como você está? Fiquei preocupada com sua mensagem. O que houve? — Indaguei curiosa.

— Eu nem sei por onde começar. Minha vida está uma confusão tão grande que você nem imagina. — Disse com os

ombros caindo.

— Oh! Querida, você está tão abatida. — Me fingi de preocupada.

— Eu não quero ficar te amolando com essas coisas, mas você é a única amiga que tenho em Londres. Sinto-me tão sozinha nessa cidade, longe dos amigos e da família, que acabei me apegando a você.

— Não se preocupe. Você não me amola, amiga. Eu gosto de você como se a conhecesse há muito tempo. Pode se abrir comigo, falar o que tanto a aflige.

— É sobre o meu marido, Paloma. Eu tenho certeza agora que ele está me traindo.

— Ainda com isso? Pensei que já tinha descartado essa hipótese. — Falei lembrando que tinha dito a ela que no hospital Martim não tinha nenhuma amante.

— Eu andei recebendo umas mensagens anônimas e, se isso já não fosse o bastante, ontem recebi um bilhete. E ele anda tão estranho comigo, precisa ver como mudou. Chamei-o para ir à praia depois do feriado, ele não deixou nem eu terminar de falar. — Disse inconformada.

— Como assim “bilhetes anônimos”? Que história essa? — Questionei.

Beatriz pegou o celular e, mesmo constrangida, me mostrou as mensagens.

— Eu ainda recebi esta chave junto com o bilhete. Sexta à

noite é o dia que supostamente ele se encontra com a amante.

— Meu Deus, estou chocada com tudo isso! — me fingi de horrorizada.

— Estou decidida a ir até lá e confrontá-lo. Se ele estiver com outra mulher, eu quero ver com meus próprios olhos quem é essa desgraçada!

— Beatriz, se acalma, querida. Isso pode ser só uma brincadeira. Você tem notado mudanças no comportamento dele que indiquem que ele possa ter um caso ou que não te ame mais?

— Eu queria poder dizer que não, mas tudo está mudado. Martim já não é o mesmo. Não conversamos mais como antes. Ele me convidou para irmos à ópera e me deixou plantada, toda arrumada. Sabe o quanto chorei naquela noite, plantada feito uma idiota? Ontem foi o jantar na casa dos tios dele, ele desmarcou em cima da hora, me fazendo passar vergonha. Se isso já não fosse o suficiente, ele não me procura mais na cama. — Baixou o olhar envergonhada.

O mais espantoso é que eu não sentia remorso algum por estar fazendo aquilo com ela. Na verdade, estava sendo delicioso ouvir seus lamentos.

— Para mim, Beatriz, está mais do que claro que ele não te ama e tem outra. Por que você fica presa a um homem que te trata dessa forma?

— Você acha mesmo que ele me trai? — Falou com a voz embargada, sem conseguir controlar as lágrimas.

— Não me conformo em ver você, uma mulher tão jovem, bonita e talentosa, tão triste. Você não precisa se submeter a isso. Não precisa ir até lá e se machucar vendo o que está claro. Por que não termina de uma vez? Vá atrás de alguém que te queira de verdade. — Fui direta, para ver se assim ela acordava desse sonho onde o mundo todo é cor de rosa.

— Eu... Eu ainda tenho esperança que seja uma brincadeira de mau gosto e ele não tenha outra.

— Está se enganando, querida.

— Eu sei que se tiver um filho ele voltará a ser o Martim de antes. — Disse emocionada. — Eu só preciso convencê-lo a ter um bebê para chamar de nosso.

— Como assim “convencer”? — Perguntei olhando-a indignada.

— Martim não quer filhos ainda e eu respeito isso, então, eu uso anticoncepcional regularmente, mesmo louca de vontade de parar.

— Nossa, Bia, eu não sei o que dizer. Eu não conseguiria viver em uma relação como essa. Posso ver claramente que vocês são infelizes, não só ele como você. Não podem de forma alguma trazer uma criança para essa relação.

— Penso que agora mais do que nunca eu preciso engravidar.

— Mas... — Engasguei constrangida.

— Não era assim antes, ele era um ótimo marido, mas tudo

mudou de uns meses para cá. Você não entende, eu conheço Martim, ele não é assim. Tenho certeza que algo aconteceu.

— Eu posso te perguntar uma coisa? — Joguei a isca.

— Claro.

— Se na sexta-feira você o encontrar com outra na cama, o que fará?

— Eu não sei... Provavelmente isso irá me destruir. Tudo o que construímos ao longo desses quase três anos estaria acabado. Foi aí que percebi que não adiantaria a minha ideia de marcar o flagra. Ela não se divorciaria. Algo unia aqueles dois e eu precisava saber o quê.



CAPÍTULO 4



FORA DE CONTROLE

"A paixão jamais combina com a lógica ou com a racionalidade. A paixão é uma prisão paradisíaca."

Como explicar à minha consciência que a culpa é minha? Como dizer ao coração que acabou, que ele não voltará? Sem ele eu sinto que estou morrendo. É alucinante, eu sabia que se esse dia chegasse eu morreria. E agora, sufocando nesta dor, eu posso ver que não sou forte o suficiente para viver sem ele. Me sinto uma perdedora. Chorar não serve de nada, no final das contas eu ainda estou aqui, trancada no escuro, na solidão dessa cabana abandonada.

Paloma

Estava sentada no restaurante Jangada com Nick, colocando em ordem todo o meu plano para conquistar Martim.

— Então ela foi ao hotel ver se ele estava lá? — pergunto a Nick

— Sim, Paloma. Mas... eu não gosto do que estamos fazendo. Paloma, precisa ver o quanto ela estava mal ao sair daquele hotel. Eu realmente gosto dela, não quero vê-la sofrendo.

— Sério isso? Você está interessado nela? — Perguntei chocada. Nick nunca se envolveu com ninguém desde que eu o

conhecia. Era até estranho vê-lo defendendo alguém assim.

— Eu não quero fazer nenhum mal a ela, Nick, mas preciso que ela peça o divórcio. — falei com certa tristeza, tentando soar verdadeira.

— Eu sinto que ela me quer. Nos meus braços, posso senti-la até mesmo trêmula, porém alguma coisa a impede, algo a prende; é como se ela tivesse medo. — Nick me olhou com angústia. Ele gostava mesmo da Ana Beatriz.

— Foi o que pensei, tanto ela quanto Martim não querem desmanchar o casamento perfeito deles, que de “perfeito” não tem nada. Eles não se amam, isso está claro para mim. Tanto ela quanto ele estão apenas acomodados com a situação. — Revirei os olhos. — Eu vou dar uma chance a Martim para que ele ponha um fim nessa situação, mas se isso não for o bastante, nós iremos usar o plano B.

— Tem certeza que essa é a melhor solução?

— Não, eu não tenho certeza de nada, porém, talvez seja o único jeito.

— O que mais devo fazer? Já praticamente me mudei para Edale Peak só para ficar perto dela enquanto ela pinta o quadro.

— Continue sendo atencioso, carinhoso, cerque-a de atenção, e deixe o resto comigo.



A noite chegou e eu estava terminando de me arrumar para

ir ao cinema com Dário.

— Filha, sua mãe te ligou, mas seu celular só dava caixa postal então ela ligou para mim e pediu que ligasse para ela. — Disse Meire, assim que cheguei à sala pronta para sair.

— Pode deixar, mais tarde eu ligo para ela; me deseje sorte, Meire.

— O que vai aprontar, mocinha, hein!?

— Hoje nada, mas amanhã eu não sei. — A abracei me despedindo.

Saí de casa indo direto até a entrada do prédio, onde Dário me esperava.

— Você está linda. — Disse ele assim que me viu.

— Obrigada, estou curiosa para saber que filme vamos assistir. — Disse animada.

— *Venom*! Lançou esses dias e estão todos falando que o filme é muito bom.

Assim que Dário e eu entramos no shopping, me vi cercada por uma multidão de repórteres. Dário me ajudou a entrar no cinema, me protegendo dos flashes.

— Senhorita Cartier, é verdade que está namorando o doutor Cruz? — Perguntou um repórter do Daily Mail.

— Paloma Cartier, seu ex-noivo foi visto essa manhã saindo do seu prédio, isso é um indício de um retorno? — Veio uma repórter da London Snell.

Ignorei todos eles e me apressei a entrar.

— Desculpa por isso, onde quer que eu vá sempre tem um repórter querendo uma foto.

— Não se preocupe comigo. Eu que me preocupo com você. Deve ser difícil aguentar toda essa pressão. — Dário tocou meus ombros e ajeitou meu cabelo atrás da orelha, suas mãos eram suaves.

— Já estou acostumada, foi assim praticamente desde que eu nasci. — Tirei uma *selfie* com Dário no cartaz do cinema. Fiquei de queixo caído com a semelhança do ator do filme com meu irmão e tive que tirar uma foto e mandar para Arturo, zoando ele que temos mais um irmão perdido.

Aproveitei para alfinetar. Mande para Martim a foto minha com Dário com a seguinte legenda:

"Para que esperar o que nunca vai acontecer, acho que está na hora de seguir em frente."

Após isso, desliguei o celular só para deixá-lo possesso.

No fim da noite, Dário e eu jantamos num restaurante do shopping. Ele era uma ótima companhia. Mas eu estava tão obcecada por Martim que não tinha olhos para mais ninguém.

Dário me deixou na entrada do meu prédio. Eu, burra, não percebi o que estava acontecendo. Entrei no elevador e não notei nada estranho, mas quando entrei no corredor senti um cheiro estranho. Cada passo que eu dava meu coração parecia querer sair do peito. A porta estava aberta, dei apenas três passos para dentro e já vi o fogo. Meu apartamento estava coberto por chamas!

— Meire! Meire! — Gritei preocupada, não a vendo em lugar nenhum.

A fumaça tampava minha visão. Eu sabia que ela estava em casa, ela só ia embora depois que eu chegava. O meu desespero cresceu, Meire poderia estar presa no meio daquele fogo.

Comecei a gritar por ela, já com o rosto coberto de lágrimas, quando vi seu corpo caído no chão. Me desesperarei, pois o fogo já estava chegando até nós, e a puxei com força, mas não a conseguia levantar.

— Socorro! Socorro! Alguém me ajude! — Gritava desesperada, as chamas já perto demais de nós, a fumaça dificultando minha respiração. Mais uma vez o pânico tomou conta de mim.

Com toda a força do meu corpo puxei Meire por entre as chamas, tentando sair do apartamento. O alarme de incêndio disparou — provavelmente a fumaça já deveria ter chegado ao corredor os acionando. Com dificuldade, consegui arrastar Meire até o corredor, onde o alarme de incêndio ativou o sistema hidráulico. Respirei aliviada quando percebi que estávamos salvas.

Um dos funcionários do prédio chegou, junto com Martim, correndo em nossa direção.

— Você está bem? Você se machucou? — Perguntou ele desesperado, tocando meu rosto todo molhado pela água.

— Não! Eu estou bem! Meire, ela não acorda, ela estava caída... lá dentro e o fogo estava quase chegando nela! — Falei

chorando.

Martim checkou sua pulsação e constatou que ela estava bem, apenas desmaiada. Nós duas fomos levadas até o saguão do prédio, e minutos depois os paramédicos — e Isabel filha de Meire — chegaram. Ela foi levada ao hospital e os bombeiros evacuaram o prédio. Eu estava paralisada, em estado de choque. Martim me abraçava, beijando meus cabelos, percebi que seu paletó estava sobre minhas roupas molhadas.

— Olha para mim, Paloma. Respira fundo que já passou. Você está bem e não aconteceu nada com você. — ele tentou me acalmar.

— Eu tive tanto medo! Pensei que não ia conseguir tirar ela de lá.

— Ela está bem, só respirou muita fumaça, mas vai ficar bem. Você vai ver! — Falou me abraçando.

— Minhas coisas foram todas destruídas! Nem sei para onde ir...

— Isso não importa. O importante é que *you* está bem. Agora vamos, eu vou cuidar de você. — ele me conduziu dali até seu carro.

Eu via a cena se passando em câmera lenta na minha cabeça. Martim dirigia, mas sempre me lançando olhares, preocupado com meu estado. Eu só conseguia pensar em quem poderia ter colocado fogo em meu apartamento, quem poderia querer a minha morte.

Não cheguei a conclusão nenhuma.

O carro entrou na garagem de um prédio histórico numa área residencial de Londres.

— Onde estamos? — Perguntei achando estranho esse endereço.

— Eu tenho um flat nesse prédio, quando fico muito tempo no hospital costumo vir dormir aqui. Por ser perto do hospital, fica cômodo ter esse apartamento disponível.

Não disse nada. Acompanhei Martim até o elevador. Estranhamente me sentia exausta, acho que a adrenalina começava a deixar meu corpo e sentia o impacto do que aconteceu.

— Vem comigo, princesa. — Disse ele abrindo a porta para mim. Entrei no apartamento e notei que era simples, mas com a cara de Martim. A decoração bem masculina, o grande sofá cinza, totalmente diferente da casa em que ele e a sonsa moravam.

— Como você foi parar lá no meu prédio? — Perguntei estranhando ele ter ido atrás de mim.

— Depois daquela foto, eu fiquei louco de ciúmes e fui atrás de você. Não imagina como fiquei quando o alarme de incêndio tocou. Eu só sabia pensar em você lá em cima sozinha. Subi as escadas desesperado com medo que algo tivesse acontecido com você, meu amor.

— Eu preciso de um banho. — Disse cansada.

— Bem, eu vou preparar um banho para você e amanhã nós conversamos melhor.

Concordei com a cabeça. Martim me levou até o banheiro da suíte, onde encheu a banheira e me ajudou a tirar a roupa. Só aí que percebi que havia queimado meu braço.

— Droga! Eu deveria ter te levado para o hospital, olha como seu braço está! — Disse examinando a queimadura.

— Eu estou bem, amor! — Toquei seu rosto tentando acalmá-lo.

— Eu não sei o que seria de mim se tivesse acontecido alguma coisa com você! — Disse ele desabando.

— Eu estou bem, eu estou aqui! — Beijeí sua boca com carinho e o puxei para mim. Martim acabou entrando na banheira comigo. Continuamos nos beijando por um bom tempo, era como se quisesse ter certeza que eu estava ali com ele.

Depois de tomarmos o banho juntos, Martim fez um curativo em meu braço e me emprestou uma camisa sua, que ficou gigante. Deitei na cama e só então a ficha caiu que ele poderia me deixar sozinha ali.

— Você vai ficar comigo esta noite? — Perguntei já com a voz embargada.

— Eu não sairia daqui nem se você me expulsasse! — falou com um sorriso lindo e duas covinhas apareceram em seu rosto.

— Eu te amo tanto! — Falei emocionada por tê-lo ali cuidando de mim.

— Eu te amo, Paloma Damasceno Cartier, independente de estar casado com Ana Beatriz, meu corpo e alma são seus. Basta

um sorriso seu para o meu dia se transformar. Na verdade, acho que me apaixonei assim que a vi pela primeira vez; eu nunca tinha visto olhos azuis tão lindos como os seus. Quase morri quando pensei que poderia te perder. Eu não posso ficar mais um minuto sequer sem dizer que estou completamente apaixonado por você.

Quando ele disse isso, meu peito parecia que ia explodir de tanta emoção. Era tudo que queria ouvir desde o começo. Ele me amava! Duas lágrimas rolaram pelo meu rosto. Martim atravessou o quarto e me beijou, me deitando na cama, onde fizemos amor apaixonadamente. Aquela noite, que tinha tudo para ser uma das piores noites da minha vida, foi completamente transformada por Martim, quando disse que me amava. Dormimos os dois grudados um no outro, nossas pernas cruzadas, sua mão direita no meu ventre. Seus braços eram o maior calmante que podia existir...



Acordei com braços fortes me rodeando. Abri os olhos e dei de cara com olhos azuis que pareciam oceanos, de tão profundos, me observando atentamente.

— Faz tempo que acordou? — Perguntei com voz rouca de sono.

— Sim, já faz um tempinho, mas você estava tão linda dormindo que não quis levantar com medo de te acordar. — Sorri com isso.

— É tão bom poder acordar do seu lado! — Disse feliz.

— Eu digo o mesmo! Acho que nunca dormi tão bem nos últimos dez anos.

— Que horas são? — Perguntei preocupada, lembrando que precisava avisar Alice e Arturo sobre o incêndio.

— Ainda é cedo, são seis da manhã.

— Preciso avisar meus irmãos que estou bem. Provavelmente vai estar em vários jornais aquele incêndio! — Falei me levantando.

— Eu vou preparar alguma coisa para a gente comer, te espero na cozinha. — Falou e me beijou. Sorrindo entrei no banheiro e tomei um banho revigorante.

Minhas roupas do dia anterior já estavam limpas e secas na secadora.

Vesti-me com cuidado para não estragar o curativo, tentei dar um jeito no meu cabelo e depois caminhei até a cozinha. Não sem reparar em cada canto do apartamento: tudo aqui lembrava Martim, até mesmo seu cheiro estava pelos cômodos.

— Você está cozinhando para nós? — Perguntei, achando engraçado o ver de cueca boxer fritando panquecas.

— Mas é claro que sim! Não quero deixar a minha loirinha faminta. — Sorriu colocando as panquecas em cima do balcão. — Eu não sei o que você gosta de comer, mas tem de tudo um pouco aqui. Sempre deixo a geladeira abastecida para quando tenho que dormir aqui.

— Não se preocupe, eu quero experimentar suas panquecas.
— Sentamos juntos no balcão para tomar café, num clima tão gostoso. Foi nesse momento eu soube o que era a felicidade. Estar assim com ele era perfeito. Porém, o maldito telefone fez lembrar mais uma vez que eu era a *outra* e ela era a sua esposa.

— Eu preciso atender. — Disse ele me olhando com cautela.

Não disse nada, fiquei apenas olhando para a comida, que tinha perdido o sabor.

Martim se levantou e foi até a sala atender ao telefone. contei mentalmente para não explodir, o que não surtiu muito efeito já que minhas mãos estavam tremendo.

Ele não demorou muito e quando voltou já estava vestido. Olhei para ele já sabendo o que ia dizer.

— Eu preciso ir, princesa. Vou mandar a moça que cuida do apartamento encher a despensa e vou deixar as chaves com você. Se sinta à vontade para mudar alguma coisa a seu gosto. Eu vou fazer de tudo para voltar amanhã e ficar um pouco com você. — Falou tudo de maneira tão natural que me irritou.

— Você não está pensando que eu vou ficar aqui, né?! — Perguntei já fora de mim.

— Mas é claro! Aqui você vai estar segura! Seu apartamento pegou fogo, sem falar que fica muito mais fácil a gente se encontrar aqui. — Quando ele disse aquilo, eu senti como se tivesse levado um tapa.

— Você está me tratando como uma puta! Uma amante barata que fica aqui à sua disposição sempre que quiser transar!

— Eu não disse isso, Paloma! Não coloque palavras na minha boca. Ontem eu disse que te amo. Como pode pensar que eu só quero sexo com você? Eu nunca disse aquilo a outra mulher que não seja a minha mãe!

— Justamente por isso eu pensei que hoje você iria colocar um ponto final nessa situação, mas eu vejo que não! Você não vai se separar dela! Como pode ser tão burra?! — Falei a mim mesma.

— Amor, tudo que eu queria era ficar com você! Era poder gritar ao mundo que te amo, Paloma, mas eu não posso, não agora! Meus pais chegam hoje, junto com a família da Bia, não posso jogar a bomba do nosso divórcio em cima deles assim. Só me dê um tempo e eu prometo pedir o divórcio!

— Eu já estou cheia desta situação, eu não quero esperar, Martim!! Ou você me quer agora e escolhe ficar comigo ou vamos colocar um ponto final nesta situação! Estou psicologicamente exausta. — Falei inconformada.

Martim se aproximou querendo me tocar, mas dei um passo para trás me afastando dele. Olhei para a vista da janela tentando ser forte.

— Não seja injusta comigo, me dê um tempo, Paloma. É só o que te peço, depois eu serei todo seu!

— Eu não quero você pela metade, Martim! Eu não vou ficar aqui disponível para você sempre que quiser. Eu te amo, mas

não posso. Eu não serei a sua amante! Vou seguir com a minha vida enquanto você não se decide.

— Não! Não! Você não pode estar falando sério! Eu te amo, Paloma, estou completamente, perdidamente, apaixonado por você! Você precisa entender, entre mim e Bia há muito mais do que pode imaginar. Eu me sinto responsável por ela, não posso simplesmente me separar assim de uma hora para outra. — Disse se aproximando de mim, tentando mais uma vez me tocar.

Virei-me para ele já cansada, me sentindo perdida. Olhei em seus olhos, tentando ver a verdade.

— Eu não aguento dividir você com ela, eu o amo e o quero comigo! Eu estou cansada de ser a segunda opção. Preciso de alguém que me coloque em primeiro lugar, alguém que para ele eu seja o centro do mundo. Eu só quero ser feliz.

— Por favor, amor, não faz isso! Eu sei que é difícil, posso ver em seus olhos o quanto te machuca. Me dê ao menos até depois do Natal e eu prometo que irei pedir o divórcio, só preciso fazer isso sem meus pais e os dela por perto.

— Eu não sei se posso esperar. — Disse pensativa.

Martim me puxou para seus braços, me deixando presa a ele. Beijou minhas lágrimas e todo meu rosto até chegar a minha boca. Eu tentei ser forte e não corresponder, mas era inútil quando meu coração era todo dele.

— Eu não posso. — Disse interrompendo o beijo, olhando séria para ele.

— Você não me quer? — Perguntou confuso e chocado ao mesmo tempo.

— Eu quero mais do que tudo, mas enquanto você não for sincero comigo eu não posso esperar por você.

— Do que está falando? — Perguntou confuso.

— Me diga a verdade! O que te prende à Ana Beatriz? Eu tenho certeza que me esconde algo. Seja sincero, Martim, me fale a verdade! Por que mantém essa relação furada? Por que quer tanto protegê-la? — Falei de uma vez.

— Eu não posso! É um segredo que não diz respeito somente a mim!

— Não pode ou não *quer*, Martim? Como eu posso confiar em você se não se abre comigo? Você pede muito, mas não me dá nada em troca. Não dá para aguentar essa situação!

— Você não entende, meu amor, eu não posso te contar! Isso pode afetar o sentimento que tem por mim.

— Eu não entendo o que pode ser tão grave a ponto de eu deixar de te amar! O que você está escondendo, Martim?

— Eu não quero te perder! Eu não posso te perder! Confie em mim! Eu juro que vou me separar da Bia!

— Não!! Chega!! — Gritei me levantando para ir embora. Não suportava mais. — Eu não vou confiar se você não faz o mesmo! Me diga o que te prende a ela que estarei aqui te esperando, mas se não confia em mim, como posso confiar que você vai deixá-la?

— Você não entende! Eu sou o pior ser humano que pode existir! Não me obrigue a contar sobre um passado que quero esquecer! — Falou Martim desesperado. Nunca o havia visto tão fora de si. — Eu não posso! Eu não posso, Paloma! Por favor, não me peça isso!

— Diga de uma vez, Martim!!

— Eu sou um assassino!! Eu matei o meu irmão!! — Gritou fora de si.

— Você... Você o quê? — Perguntei assustada.



CAPÍTULO 5



SEGREDOS REVELADOS

“Todo amor que eu dediquei a você não foi o suficiente para ficar comigo para sempre. Sonhei que juntos alcançávamos o céu e acordei no inferno. Eu te amei como louca, e você simplesmente não percebeu.”

Paloma

— Eu sou um assassino desgraçado, Paloma! Era isso que eu queria evitar, esse olhar!

— Eu não entendo... Como... — Me calei sem saber o que dizer.

Martim sentou no sofá em minha frente e me olhou tão perdido, tão arrasado, que perdi o ar. Seu rosto estava cheio de lágrimas, ele parecia tão indefeso.

— Logan era meu irmão mais novo. Eu tinha sete anos quando ele nasceu. Ele foi meu melhor amigo, eu o protegia, o defendia de todos. O amava. Ele me tratava como se fosse o seu herói. Ele sempre foi muito querido e amado, o filho prodígio. Precisava ver a felicidade do meu pai quando ele foi estudar administração. Esse sempre foi o sonho dele, ter um dos filhos administrando o banco da família. Eu ficava nas sombras, mas isso nunca foi problema para mim. Eu estava feliz com minha carreira de médico, na verdade era espetacular tirar essa responsabilidade de cima de mim.

— Não demorou muito para Logan começar a namorar Beatriz, e os dois faziam o casal perfeito. O namoro de infância se transformou em um noivado sólido. Meu irmão já era o vice-presidente do banco e eu trabalhava em um hospital conceituado em Edimburgo, quando ele foi levado às pressas ao hospital, com uma convulsão.

— Eu quase enlouqueci quando vi meu irmão naquele estado. Meus pais estavam desesperados. Após inúmeros exames, Logan foi diagnosticado com um tumor maligno no cérebro.

Eu não dizia nada, apenas ficava calada processando todas as coisas que ele ia dizendo.

— Então começou a jornada de tratamentos. Eu e a Bia

acompanhamos a luta do Logan pela vida, mas era tarde demais. O câncer estava corrompendo o seu cérebro. A quimioterapia não resolveria e nem a rádio. O caso foi se agravando. A Bia descobriu que estava grávida. Precisava ver como ele ficou feliz naquele dia. Eu ainda tinha esperança que ele superasse a doença e saísse vivo daquela, mas ele não estava tendo melhoras. Os medicamentos não eram fortes o bastante. Eu e a Beatriz não deixamos ele em nenhum momento. Eu segurava seu corpo quando ele vomitava, e cuidei dele quando as dores estavam fortes demais para suportar. Mas eu sabia que estávamos só adiando o inevitável. O câncer estava vencendo-o. Meu irmãozinho, que era um jovem forte e cheio de vida, já estava pesando o mesmo que um adolescente de quatorze anos. Ele estava visivelmente consumido pela doença.

— Beatriz entrou em depressão, o que foi preocupante por conta da gravidez. Ela não suportava ver o homem que amava definhando diante de seus olhos. Meu pai viajou por vários lugares atrás de uma esperança. Mamãe, assim como eu, não saía do hospital. Ele tentava se fazer de forte perto dela e da Bia, mas bastava as duas saírem que ele desabava de dor. As convulsões estavam cada dia piores e isso já estava dificultando sua fala. Foi então que ele começou a delirar, ter alucinações e implorar pela morte. Logan dizia que não aguentava mais, que preferia morrer, não suportava mais causar tanto sofrimento à sua família.

— Eu não entendia como meu irmãozinho, que era uma pessoa boa, estava sofrendo assim. Deveria ser eu em seu lugar,

deveria ser eu morrendo naquela cama, não o Logan! Ele não merecia aquilo! Se eu pudesse, eu juro que teria trocado de lugar com ele! — A voz de Martim carregava tanta dor que eu não podia evitar as lágrimas de caírem.

— As alucinações começaram a piorar, até que numa madrugada ele chamou por mim. Mamãe tinha ido dormir em casa e estávamos só nós dois no quarto. Foi quando ele segurou minha mão, olhou para mim com os olhos tão tristes que não aguentei. O abracei chorando, eu sabia que não restava muito tempo.

— *Brother, eu não aguento mais, eu preciso descansar. Papai não me deixa ir, ele não aceita que está chegando a minha hora, mas eu não aguento tanta dor. Vocês estão se destruindo junto comigo. Mamãe parece um cadáver, assim como eu. A Bia pode perder o nosso filho por minha culpa, me deixa descansar. É tudo que peço.*

— *Não! Não, irmãozinho! Você não pode se render assim! Lute pela sua vida! — Tentei convencê-lo.*

— *Eu estou cansado, Martim, eu preciso ir! — Disse com os olhos cheios de dor.*

— *Não, eu não posso! Não posso deixar você ir!*

— *Eu não quero perder a minha lucidez! Não quero virar um vegetal vivendo apenas ligado a aparelhos. Você não entende, papai não vai me deixar ir. Eu não quero isso para minha família. Por favor, meu irmão, seja o meu herói e me dê um fim digno! Não quero que lembrem de mim assim! Estou tão cansado...*

— *Eu não posso! Não me peça isso, por favor! Eu não vou aguentar perder você!"*

— *Só você pode, Martim, me ajude, irmão, é tudo que eu lhe peço! Deixe-me ir.*

— Aquela foi a primeira vez que ele me pediu isso, mas seu quadro foi piorando. Nos poucos momentos de lucidez ele implorava para que tirasse sua vida. Era horrível ouvi-lo implorar pela morte. Era torturante! Eu já sabia que ele não ia sobreviver, já tinha experiência o bastante na área para saber que era apenas uma questão de tempo. Mas ainda assim, eu não estava preparado para me despedir do meu irmão. Não conseguia aceitar que ele estava morrendo. Então, um dia Logan pediu para falar com Bia. Ele ficou por um bom tempo falando com ela e quando Beatriz saiu do quarto chorava desconsolada. Ali, já sabia que tinha sido uma despedida. Quando eu entrei no quarto ele estava com os olhos vermelhos, tão pálido que parecia um cadáver. Longe de ser o Logan cheio de vida que fora um dia. Sentei-me ao seu lado, já sabendo o que ele diria.

— *Ela merece ser feliz, é uma pessoa especial. Eu preciso que me prometa que vai cuidar dela e do meu filho, que vai protegê-los.*

— *Do que está falando? — Tentei fingir que não entendia que era um adeus.*

— *Cuide dela para mim, meu irmão. — Disse ele chorando e me deixando angustiado.*

— *Você não pode desistir assim, lute por ela, lute por seu filho, você os ama, não desista assim.*

— *Eu não posso mais! Essa missão é sua agora, faça ela feliz e cuide do meu filho. Seja um pai para ele e não um tio; faça por eles tudo o que eu não vou poder.*

— *Não posso! Eu não sou você, Logan! Eu não vou conseguir!*

— *Você vai sim, meu irmão. Você é forte, você sempre foi o meu espelho. Me prometa, por favor, eu só vou descansar em paz quando tiver a certeza que eles estarão bem ao seu lado.*

— *Eu... Eu prometo! — Disse rendido, fazendo a minha promessa.*

— *Você sabe o que tem que fazer. Aproveite que nossos pais não estão aqui, essa é a hora.*

— *Eu não posso. Eu não consigo!*

— *Você consegue, meu irmãozinho! Você é forte! Você é o meu herói. Lembre-se disso: eu te amo e eu vou descansar agora!*

— *O abracei tão apertado, não queria me despedir. Ali eu estava cometendo um crime contra o Código de Ética Médica. Estava cometendo um crime contra a minha família, e mesmo assim eu o fiz. Eu o deixei descansar, mesmo sabendo que meu pai e minha mãe me odiariam. Administrei uma dose letal de morfina; primeiro para ele adormecer, para que não sentisse nada, e segundo para cessar os sinais vitais.*

— *Eu matei meu irmão, Paloma! Eu tirei a vida de uma*

pessoa! — abracei-o tentando consolá-lo.

— A culpa não é sua, meu amor, você fez o que achou certo. Você deu um fim misericordioso ao seu irmão! Não se culpe, por favor! — Tentei convencê-lo.

— Meu pai me odeia. Não me perdoou pela morte do meu irmão. Bia só aceitou se casar comigo porque Logan assim queria. Infelizmente, meses após termos nos casado, o bebê nasceu morto. Minha mãe diz que a culpa não foi minha, que foi a decisão do meu irmão e temos que respeitar. Entretanto eu não vejo assim. Eu não consigo me perdoar, eu deveria ter lutado mais pela vida dele.

— Não se cobre assim, Logan não ia querer que você vivesse dessa forma, se culpando por tê-lo ajudado. Ele não merecia ficar definhando numa cama de hospital até morrer. Você fez o que achou certo, e agora eu te entendo. Obrigada por confiar em mim. E me perdoe por não ter confiado em você! — Disse limpando seu rosto.

— Eu prometo que assim que minha família for embora, eu colocarei um fim nessa situação. Hoje eu posso ver que não era isso que meu irmão ia querer para Bia. Ela merece ser feliz, encontrar alguém que a ame de verdade, e não uma pessoa que esteja com ela apenas por conta de uma promessa...



Martim prometeu que voltaria no dia seguinte e que em breve se separaria de Bia. Ele me levou de carro até meu prédio.

Por sorte não havia repórteres na entrada, porém fui surpreendida por Arturo e Guilherme.

Martim abriu a porta para mim e me surpreendeu ao segurar a minha mão, me dando segurança para enfrentar as duas feras que estavam em nossa frente.

— Paloma, onde você estava? Eu quase enlouqueci de tanto ligar para você. — Rosnou meu irmão mais velho.

— Desculpa eu não ter te avisado que estava com Martim, mas eu avisei Alice e pedi que desse o recado.

— Dar o recado, Paloma?! Seu apartamento foi incendiado e você me manda recado! Você está louca ou o quê? — Martim segurou forte minhas mãos e se controlou para não dizer nada.

— Eu estou bem, não aconteceu nada comigo. Martim cuidou de mim. — Disse tentando acalmar meu irmão.

— Então você estava com o doutorzinho? — Debochou, só agora olhando para Martim ao meu lado.

— Ela está bem, não se machucou, e eu já cuidei dela.

— Você cuidando da Paloma?! Um covarde que esconde a minha irmã como se ela fosse um segredo sujo? Você é um fraco, não é homem o bastante para assumir o que quer!

— Arturo!! — Tentei intervir, chocada com suas palavras.

— “Arturo” nada. Faz horas que eu quero ter uma conversinha com esse doutor de meia tigela.

— Você não sabe do que está falando. Eu amo sua irmã e tudo que quero é ficar com ela. — Disse Martim dando um passo à

frente.

— Quer ficar com ela? Ao menos você já se divorciou? Fala sério! Eu não quero ver minha irmã sendo usada por você.

— Eu não estou usando Paloma. Eu já expliquei a ela todos os meus problemas. E não preciso da sua bênção para estar com sua irmã. Paloma é maior de idade. — Disse Martim com a voz fria olhando nos olhos do Arturo.

— Eu vou te dar só um aviso, doutorzinho. Não pense que vai brincar com a minha irmã e vai ficar por isso mesmo. Você não sabe onde está se metendo. Paloma pode ser ingênua e se deixar levar pela sua conversa, mas eu não! — Disse Arturo avançando em direção a Martim, porém Guilherme o impediu.

— Chega, Arturo. Ela está bem e é isso que importa. Olha para ela, não está machucada. E com certeza precisamos ir à delegacia.

— Martim, é melhor você ir, eu ligo para você mais tarde para te contar como foi na delegacia. — coloquei minhas mãos em seu rosto tentando acalmá-lo. Arturo revirou os olhos irritado.

— Tudo bem, loirinha. Eles são sua família e nós precisamos aprender a conviver bem. — Ele disse em voz baixa, só para meus ouvidos.

Martim olhou para Arturo e disse com firmeza:

— Eu dou a minha palavra, Cartier, que só tenho as melhores intenções com sua irmã. Eu a amo e não vou machucá-la. — Após dizer isso, ele beijou meus lábios se despedindo, entrou no

carro e saiu dali.

Fechei os olhos e me virei para Arturo e Guilherme, que continuavam parados me olhando.

— Precisava disso, Arturo?

— Claro, eu só quero te proteger. Esse covarde só está te usando.

— Não pense que sou burra, Arturo. Não sou mais criança. Acha mesmo que eu sou tão cega a ponto de me deixar ser usada assim? Eu sei bem o que estou fazendo, não preciso que se preocupe comigo.

De lá fomos direto para a delegacia prestar meu depoimento. O incêndio estava sendo investigado. Graças ao sistema de irrigação contra incêndios o desastre não foi pior. Arturo praticamente me obrigou a andar com seguranças depois daquilo. Tive que insistir muito para ficar no apartamento do Martim. Ele só aceitou porque Guilherme argumentou que isso seria bom para me proteger, já que ninguém saberia onde estava morando.



Horas depois, meu telefone, já com um monte de chamadas não atendidas, tocou. Olhei para o visor e vi que era mamãe.

— *Onde você está, Paloma? Está ferida? O que aconteceu?*

— Atira uma pergunta atrás da outra.

— Eu estou bem, mãe, não me machuquei. A única ferida foi a Meire, mas ela já está no hospital e terá alta em dois dias.

— *Como isso foi acontecer, Paloma? Eu preciso voltar, não posso te deixar sozinha, alguém pode estar tentando te matar.*

— Eu estou começando a achar isso também. — Confesso a minha preocupação

— *Eu estou voltando pra Londres hoje mesmo. Vou pegar o primeiro voo de volta.*

— Mãe, calma. Me escuta. Você não precisa vir, eu sei o quanto é importante para você, ficar essa temporada na Espanha. Pode conviver e conhecer melhor o meu irmão. Não se preocupe comigo. Martim me ajudou, nós estamos juntos e só uma questão de tempo para ele pedir o divórcio. Arturo já providenciou toda uma escolta para me vigiarem a partir de amanhã.

— *Eu não sei se consigo ficar aqui sabendo que você corre risco aí sozinha.*

— Eu não estou sozinha, mãe. Confie em mim. Eu tenho Alice, Guilherme, Arturo... e o Martim. Nenhum deles deixará nada acontecer comigo.

— *Eu fico, se me prometer que vai me ligar todos os dias.*

— É claro, mãe, não se preocupe, eu estou bem.

Passei aquela tarde fazendo compras — já que todas as minhas coisas haviam sido queimadas, e estava até mesmo sem roupas para vestir. Depois fui visitar Meire no hospital. Isabel, sua filha, me agradecia sem parar, por ter salvado a vida de sua mãe, mas para mim não fiz mais que minha obrigação. Eu amo Meire e não deixaria que nada acontecesse com ela. Martim não estava no

hospital, ele tinha me dito que ia buscar os pais e os sogros no aeroporto e que ficaria em casa com eles. Não pude deixar de ficar enciumada, mas esse inconveniente logo chegaria ao fim.

Estava distraída olhando para o celular, digitando uma mensagem para Alice, e antes mesmo de chegar à porta para sair do hospital, fui abordada por alguém me puxando com brutalidade.



CAPÍTULO 5



PRESSIONADA

"Erre, falhe e engane-se, mas seja leal porque a traição não tem perdão".

Eu nunca fui do tipo que fica com o coração partido. Nunca fui do tipo que fica chateada ou magoada. Talvez por nunca ter deixado meu coração aberto o suficiente para alguém entrar. Nunca entendi direito essas coisas de "se apaixonar". Eu via meus irmãos e sentia como se fosse inacreditável demais para acontecer comigo. Olhando para mim agora, eu vejo o quanto fui ingênua em pensar que eu poderia realmente ser amada.

Paloma

— Vem comigo! — Disse Wallace, segurando meu braço com força e me arrastando com ele.

— Me solta! — Tentei puxar.

— Acho melhor você vir comigo, a não ser que queira que esta foto se espalhe pelas redes sociais! — Disse mostrando no seu celular uma foto na qual Martim e eu nos beijávamos, logo após o salto de paraquedas.

— Como conseguiu isso? — Perguntei nervosa.

— Entra no carro! — Falou com uma voz fria. Sem alternativa, entrei no carro sem protestar. As travas da porta foram acionadas assim que entrei. Wallace sentou no banco do motorista.

— O que você vai fazer comigo? — Perguntei assustada.

— Não me olhe assim, eu só quero conversar com você. Temos muita coisa a dizer um ao outro.

— Você não está bem, Wallace, precisa de tratamento. Eu quero ir embora, me deixe sair!

— Você só sai daqui quando ouvir o que tenho a dizer! — Fiquei calada tentando não irritá-lo, ao vê-lo tão fora de si.

— O que você quer comigo? Você já não destruiu a minha vida?

— Acha que sua vida está destruída, Paloma? Você acabou comigo! Me fez motivo de chacota! Eu te amava, eu te idolatrava, e você jogou todo esse amor no lixo. Eu te peguei na cama com dois

homens, Paloma! No dia em que te pediria em casamento. Não existe nada pior que isso.

— Você não pode me cobrar por não amá-lo! Eu já pedi desculpa, não posso fazer mais nada.

— Mas você mentiu, você me usou, brincou com meus sentimentos, me fez de gato e sapato! Por que, Paloma?

— O que quer de mim?! — Perguntei desesperada, chorando. — O que você quer, Wallace?

— Eu quero tirar esse sentimento que ainda sinto por você, quero que pague pelo que me fez, quero que sofra um pouco da dor que eu sinto!

— Você não sabe nada sobre mim, não sabe o que eu passei!

— Aí que você se engana! Eu sei quem você é, Paloma, você é uma vagabunda interesseira!

— Então por que quer falar comigo? Me deixe em paz! Eu não quero nada com você!

— Não antes de eu ter o que quero de você! — Disse ele com uma voz profundamente assombrosa.

Minhas mãos estavam tremendo, me controlei para não chorar. Estava apavorada, pois nunca tinha visto esse lado doentio de Wallace, ele não era assim.

Quando o carro parou na garagem da casa dele, olhei ao redor planejando uma maneira de escapar.

— Vem comigo tenho que te mostrar umas coisinhas! —

Falou, me arrastando até a entrada. Caminhei atrás dele mesmo sob protesto.

Wallace abriu a porta e, sem ter por onde fugir, eu entrei na sua casa. A decoração continuava a mesma. Ouvi a porta batendo atrás de mim.

— Chega, Wallace! Eu não sei o que deu em você, mas eu preciso ir! — Disse tentando soar firme, mas por dentro estava com medo.

— Antes, eu preciso te mostrar uma coisa só, depois você estará livre para ir. — Falou me indicando seu escritório.

Assim que me sentei em sua frente fiquei nervosa, com medo do que ele queria me mostrar. Ele tinha uma arma em sua cintura. Wallace pegou um papel pardo de dentro de uma gaveta, eu observava atentamente cada passo que ele dava. Fiquei horrorizada com o que vi. Eram fotos minhas com Martim em momentos comprometedores, e não só isso, mas também fotos minhas conversando com Nick em um café e fotos de Nick com Ana Beatriz.

— Eu sei o que você está fazendo, Paloma! Querendo destruir um casamento! Colocou até seu amigo da agência para perseguir a pobre Ana Beatriz. Quem te viu e quem te vê! — Disse sorrindo sentado em sua cadeira de couro.

— Se propondo a ser amante de um cara casado. O que será que ele vai dizer quando descobrir o conteúdo desta agenda? — Falou ele tirando a minha agenda da gaveta, cheguei a ficar

paralisada quando a vi.

— "Dez passos para tê-lo para mim." — Leu em voz alta.
— Eu tenho que confessar que você me deixou surpreso com a sua criatividade.

— Como... Como conseguiu essas fotos? Como você pegou a minha agenda? — Perguntei aflita.

— Digamos que eu tenha os meus meios, mas isso não importa, e sim o que está disposta a fazer para eu não contar para o seu psiquiatra o que andou aprontando pelas costas dele! Ou quem sabe essas fotos não vão parar na mídia!? Já até imagino a matéria: "Princesa da moda amante de médico casado."

— Foi você quem colocou fogo no meu apartamento, seu desgraçado!! — Assim que a percepção dessa verdade me atingiu, me lancei sobre ele furiosa, mas Wallace era mais forte e me empurrou com força.

— Não, não fui eu quem incendiou seu apartamento! Eu não quero te machucar, belezinha, eu quero você bem inteira para o que pretendo fazer.

— O que você quer?! — Perguntei já fora de mim. — Por que está fazendo isso?!

— Eu já disse o que quero, fazer você sentir um pouco da dor que sinto.

— Você disse que me amava. Como pode querer me fazer mal desse jeito?

— Eu amo, Paloma. Amo, e me odeio por isso. Amar uma

ordinária feito você. Mas você vai pagar, tem que pagar pelo que me fez.

— O que quer? Diga de uma vez, estou cansada dos seus joguinhos, se fosse para você entregar essas fotos para a imprensa já teria feito. O que você está querendo com isso?

— Garota esperta... Não me surpreende que tanto Martim como a esposa estejam sendo manipulados tão facilmente por você. — Engoli a vontade de chorar. Olhei para ele com tanto ódio que se pudesse ele seria desintegrado por meu olhar.

— Chega! Eu vou embora, não sou obrigada a ficar ouvindo essas coisas. — Disse me levantando, pronta para sair dali.

— Eu no seu lugar não me moveria. Sabe muito bem o que sou capaz de fazer com você. — Falou com os olhos nublados de amargura.

Continuei em pé, porém agora com os braços cruzados.

— O que você quer, Wallace? Eu já pedi desculpa, eu já fiz tudo que poderia. Não posso voltar ao passado e apagar as merdas que fiz! Eu sinto muito se te magoei.

— Eu quero uma noite, Paloma.

— O quê?! — Perguntei chocada.

— Quero uma noite com você. Quero uma noite onde eu possa usar você como meu brinquedinho, do mesmo jeito que fez comigo.

— Você só pode estar louco! Não acha que vou aceitar isso! Você deve estar delirando se acha que vou dormir com você.

— A escolha é sua. Como eu sou um cara legal, vou te dar um dia para pensar. Depois desse prazo, você já sabe o destino dessas fotos e dessa agenda. — ele debochou, rindo do meu desespero.

Virei as costas e saí daquela casa totalmente descontrolada. Acenei para um táxi que passava na rua. Somente quando já estava segura dentro do táxi me permiti desabar, chorando.

“O que eu vou fazer?” — me perguntei totalmente perdida. Se Martim descobrisse as coisas que fiz, ele não iria me perdoar, e pior, ele poderia continuar com a Beatriz. Eu tinha certeza que, mesmo se ela descobrisse que Martim e eu estivemos juntos, ela não iria querer se separar dele. E se ela descobrisse que Nick estava comigo nisso tudo, ela iria se afastar dele, e acabar com meu plano. “O que eu vou fazer?” — pensava. Só de imaginar Wallace me tocando meu estômago se embrulhava.



O carro parou na frente do prédio de Martim, paguei o taxista no piloto automático e entrei no prédio. Caminhava sem nem sentir minhas pernas, a conversa com Wallace ficava voltando na minha cabeça como um filme de terror. Quando entrei no apartamento, pensei que tudo que eu precisava agora era que Martim estivesse aqui. Aquele lugar tinha a cara dele, tudo ali me fazia lembrar dele. Joguei a minha bolsa no sofá e fui direto para o banheiro, coloquei a banheira para encher e liguei para Martim,

precisava ouvir ao menos sua voz.

— Martim?

— Oi, Paloma. — Sua voz estava estranha.

— Preciso te ver, pode passar aqui mais tarde?

— Eu não posso. Hoje não vai dar, meus pais e os pais da Bia já estão hospedados na minha casa, e pra piorar mamãe convidou minha tia e tio para jantar essa noite. Eu queria poder estar com você, mas não posso. — Disse com pesar na voz.

— Tudo bem, não era tão importante.

— Tudo que diz respeito a você é importante, meu amor. O que aconteceu? Parece triste. — Perguntou preocupado.

— Eu estou bem, só sentindo sua falta. Acho que me viciiei em dormir com seus braços em volta do meu corpo.

— Eu gostaria muito de poder estar aí, mas eu juro que essa situação vai terminar logo, logo.

— Eu sei que vai. — Disse, já tomando minha decisão.



No dia seguinte, após muito pensar, me vesti tentando ser forte e não desmoronar. Eu não acreditava que estava fazendo aquilo. Me sentia um lixo, um ser imundo, por me colocar naquele papel. Olhei no espelho da minha penteadeira e me vi pálida demais, meus olhos sem vida. Abri a gaveta de sombras e comecei a me maquiar tentando assim vestir uma máscara de mulher forte, coisa que já não era. Apliquei a última camada de batom vermelho,

estava pronta para cumprir meu destino. Não ia desistir, não depois de tudo que havia conseguido...

Se eu soubesse, naquela tarde, que estava cometendo um dos piores erros da minha vida, eu não teria sequer saído de casa. Teria deixado Wallace fazer o que quisesse com o meu diário, e seguiria minha vida. Mas não, por medo de perder Martim, me submeti a ser um brinquedo nas mãos de um psicopata.

Peguei minha bolsa, minhas chaves e saí do apartamento de Martim. Stewart, o segurança que Arturo enviou, já me esperava na entrada do prédio.

— Boa tarde, senhorita Paloma.

— Boa tarde, Stewart. Vou sair, por favor, mantenha distância. Se eu precisar, te ligo.

— Sim, senhora. Estarei por perto.

Peguei meu carro e parti em direção à casa de Wallace. Stewart me seguia não muito de perto. Dirigi o caminho todo trêmula, engolindo em seco a vontade de chorar; me sentia uma idiota por ter caído naquela armadilha, mas não havia outra saída. Ou pelo menos era o que eu pensava.

Estacionei de qualquer jeito, não me importando com nada. Desci do carro respirando fundo, tentando encontrar força para aguentar o que iria acontecer.

Subi os pequenos degraus de madeira que levavam até a entrada da casa e toquei a campainha ansiosa para que aquilo terminasse logo. Porém, antes que pudesse tocar pela segunda vez,

a porta se abriu e Christina apareceu.

Ela me olhou com surpresa, me analisando dos pés à cabeça. Pude ver seu rosto se transformar em uma máscara de ódio.

— O que faz aqui, vadia? — Perguntou cheia de veneno.

— Acho que isso não é da sua conta.

— Você veio se arrastar para ele, não é mesmo? Já não basta o que fez para o Wallace, você volta para infernizar a vida dele? Não vê que estamos bem? Ele não gosta mais de você, ele está comigo e é mim que ele ama.

— Não me interessa. Apenas saia da minha frente que preciso falar com esse desgraçado.

— Você não vai entrar, sua vagabunda.

— Baixa o tom para falar comigo. A única vagabunda aqui é você. Se fez de minha amiga, mas bastou eu virar as costas para ir atrás dos restos que deixei. Acha que esqueci o que você falou naquelas revistas? Mas não se preocupe, Wallace para mim não significa nada, e vocês se merecem, são dois ratos imundos.

— Quem está aí, Christina? — Ouvi a voz do Wallace, ele abriu o restante da porta e me olhou.

— Então você veio. Pensei que não viria.

— Quero acabar com isso de uma vez, o quanto antes melhor. — Disse amarga.

— Christina, é melhor você ir. Nos falamos amanhã.

— Você está brincando, né? Vai me dispensar por conta dessa vagabunda?

— Não me faça ter que repetir. — Disse ele com uma autoridade que não tinha visto antes.

Christina ficou vermelha, como se estivesse a ponto de explodir, e saiu marchando pelo caminho de pedras. Fiquei olhando para ela, pensando em como podia ser tão burra, ao deixá-lo tratá-la daquela forma. Só então direcionei meu olhar para Wallace e lembrei o que viera fazer.

— Entra. — Disse apontando para a porta aberta em minha frente. Caminhei com as pernas trêmulas, uma gota de suor escorreu pelo meu rosto.

— Se vim até aqui é porque quero colocar uma pedra nessa história. Eu quero que me entregue todas as fotos e as cópias que provavelmente você fez.

— Eu sou um homem de palavra, bonequinha. Dependendo do seu desempenho posso até te dar um bônus. — Disse ele sorrindo.

— Eu não sou uma prostituta. — Rosnei furiosa.

— Mas agora está se comportando exatamente como uma, não é?! — Disse irônico, me ferindo. — Venha, Paloma. Se fizer o que eu quero, eu te entrego todas as provas. — Ele indicou a escada de madeira polida que levava até a suíte principal.

Engoli em seco, mas levantei minha cabeça, sabendo que estava fazendo aquilo por amor. Não podia perder o que já havia conquistado por conta de um desgraçado como aquele.

Subi as escadas à sua frente. A porta do quarto estava

aberta. Entrei e logo vi que os lençóis estavam bagunçados, o que indicava que provavelmente esse desgraçado estava com Christina ali em cima.

Olhei para ele horrorizada, ele apenas sorriu. Wallace tirou a camisa e a calça social ficando apenas com uma boxer branca; deitou na cama cruzando os braços atrás da cabeça e olhou para mim como se me devorasse com o olhar.

— Agora você tira a roupa. — Ordenou e eu estremeci com vontade de vomitar e fugir dali.



Quase duas horas depois eu me vestia aos prantos. Não aguentava nem olhar para a cama de tanto nojo que sentia. Eu tinha sido usada da pior maneira possível. Parecia uma pedra de gelo nos braços dele, mas isso não o impediu de me usar como uma marionete. Tive nojo de mim mesma, vergonha por ter aceitado sua chantagem. Peguei a minha bolsa, que estava no chão, com pressa para sair dali.

— Nessa pasta estão suas fotos e sua agenda. Mesmo que não tenha me satisfeito do jeito que eu queria, trato é trato, você está livre para ir! — Disse ele debochado.

— Eu te odeio, Wallace! Tomara que apodreça no inferno pelo que fez comigo.

— Ah, meu amor. Se eu for ao inferno primeiro, irei esquentar um lugarzinho para você, querida, nós somos iguais.

Saí de lá feito uma bala, nem sei como dirigi, muito menos como cheguei ao prédio. Eu sentia como se todos estivessem me olhando, todos soubessem o que eu havia feito.

Senti um misto de sentimentos... Primeiro veio a dor, depois a culpa, a vergonha, o nojo de mim mesma. Fui direto para o chuveiro, ainda vestida, coloquei a água no mais quente possível e escoreguei pelas paredes do banheiro.

Trancada ali, debaixo da água escaldante, me permiti desabar, e chorei feito um bebê. Fiquei por horas naquele chuveiro me esfregando, até sentir minha pele sensível e ardendo.

Saí do banheiro, me enrolei com um roupão e fui direto para a cama. Ainda era cedo, não passava nem das oito da noite, mas tudo que eu queria era dormir e esquecer o que tinha acontecido. Me cobri com o edredom, sentindo o cheiro de Martim nos lençóis, e não consegui evitar as lágrimas que voltaram a cair.

Foi somente quando a porta se abriu e Martim passou por ela que voltei a respirar.

— Já deitada? — Perguntou ao me ver debaixo das cobertas.

Imediatamente, me levantei e me joguei em seus braços, chorando desconsolada.

— O que houve, meu amor? Por que você está assim? O que aconteceu, Paloma?

— Me desculpa! Eu... senti sua falta. — Não consegui contar a verdade.

— Minha loirinha. Me perdoa por ter te deixado sozinha.

— Me abraça, por favor. — Implorei chorando.

— Não fica assim, meu amor, eu odeio te ver triste. Eu estou aqui porque não consigo ficar muito tempo longe de você. — Ele disse e me beijou.

E era em momentos como esse que eu via que tudo valia a pena. Mesmo com tanta dor, tanto sofrimento, no final tudo compensava. Porque ele estava comigo.

— Faz amor comigo. — Implorei querendo apagar da minha lembrança a memória de Wallace me tocando.

Não foi preciso pedir uma segunda vez. Martim me levantou em seu colo beijando minha boca e me levou até a cama, onde desfez do nó do meu roupão, me deixando nua em sua frente.

Duas lágrimas deslizaram pelo meu rosto, seu olhar de adoração me machucava. Tudo que eu queria era apagar o que tinha feito horas atrás. Ele tirou a própria roupa e veio para cima de mim, me beijando com gosto. Sua boca era como o paraíso, seu sabor era inebriante. Minhas mãos foram para os seus cabelos, o puxando mais para mim.

Depois de muitos beijos, Martim desceu sua boca pelo meu pescoço até chegar a meus seios. Sua boca fez uma trilha de beijos molhados pelo meu corpo, eu já estava completamente entregue às suas carícias.

Fechi os olhos quando senti sua língua em minha intimidade. Com ele tudo era diferente, com Martim não era sexo

cru. Apenas com ele eu fazia amor, apenas nos seus braços eu me sentia plenamente realizada.

Martim me fez tremer em seus braços, eu já puxava os lençóis com tanto prazer e gozei, ficando mole em suas mãos. Ele não parou, continuou me chupando, bebendo do meu néctar.

Olhei por entre os cílios para seu rosto, Martim trouxe sua boca até a minha, me beijando com gosto, fazendo-me sentir meu próprio sabor, e mordendo meus lábios.

— Você é deliciosa. Poderia ficar te chupando por horas e horas. — Falou com um sorriso safado.

— Eu amo você. — Confessei rendida a ele.

— Não mais que eu, loirinha. Estou perdido em suas mãos.

Martim me invadiu com seu pau, senti ele me abrindo toda com seu membro grosso. Cravei minhas unhas em suas costas, querendo senti-lo por inteiro dentro de mim. Suspirei feliz, era a melhor sensação que já sentira. Eu abri mais as pernas para comportá-lo melhor. Martim lentamente foi se movimentando. Estávamos mais uma vez transando sem camisinha, e eu pedia a Deus que me desse um filho, um fruto da louca paixão que estava vivendo.

— Mais, amor, mais, eu preciso de mais. — Gemi querendo que ele me desse tudo de si. O que ele fez. Socou seu pau com força, a cama fazia barulho ao se chocar contra a parede. Ele mordeu meu seio esquerdo e eu estremeci gozando pela segunda vez.

Fechei os olhos me entregando ao prazer de estar em seus braços. Martim me virou e me colocou por cima, e cavalguei com maestria em seu pau, subindo e descendo, o sentindo profundamente dentro de mim. Suas mãos foram para os meus seios, e foquei em seus olhos azuis para não lembrar o que tinha feito naquela tarde.

— Adoro quando você rebola assim, ninfeta safada. — Disse chupando meus seios e ajudando os meus movimentos.

— Isso, amor, não para de me tocar. Quero sentir suas mãos no meu corpo. — Falei olhando para ele.

— Eu te amo, loirinha. Nada e nem ninguém nesse mundo vai me afastar de você. — Disse beijando meus lábios. Sua declaração me fez estremecer. Minha pele já estava molhada de suor.

— Eu estou pronta, amor, goza comigo! — Gritei chamando por ele, subindo e descendo no seu pau. Eu estava muito molhada e ele não aguentou, me penetrou bem forte e gozou bem fundo, ao mesmo tempo que eu. Quando terminou, ficamos abraçados, cansados do orgasmo devastador que tivemos.

— Preciso entregar uma coisa especial a você. — Disse Martim, se levantando da cama. Me sentei curiosa, enrolando um lençol em meu corpo.

— O que é isso? — Perguntei ao ver o estojo preto que ele tirava do bolso do paletó.

— Hoje mais cedo, antes do jantar em família, minha mãe

me chamou para conversar. Nós tivemos uma conversa bem esclarecedora. Foi bom ouvir da boca dela que não me culpa pela morte do meu irmão. E também conversamos sobre a minha vida esses anos, afastado deles. Mas, além disso, ela me entregou isto — disse mostrando o estojo. — Minha mãe disse que sabia que eu não era feliz com a Bia e que sonhava que um dia eu ainda encontraria a dona do meu coração. Eu quase contei tudo sobre nós dois, mas acho que ainda não é a hora certa. Entretanto, quando vi isso só pensei em você.

Peguei o estojo de suas mãos e o abri, estarrecida ao ver as lindas joias que continha.

— *Aurora Green* foi o nome dado ao diamante verde encontrado na mina do seu irmão. Uma vez você comentou que sua cunhada Verônica e Alice tinham diamantes coloridos com um significado especial. Você é uma Cartier e para mim é mais rara do que qualquer diamante. Meu pai comprou esses diamantes no leilão da Cartier para dar a minha mãe em seu aniversário de casamento. Mas agora ele me foi entregue. Ela me disse para presentear a mulher que será a mãe dos meus filhos, aquela que seria a dona do meu coração, e essa mulher é você, Paloma Damasceno Cartier.

Fiquei emocionada com suas palavras, e encantada com aquele lindo conjunto de colar e brincos.

— Oh, meu Deus, Martim. Eu não sei o que dizer, é mesmo o *Aurora Green*... Ele é lindo de mais. — Disse com lágrimas nos olhos.

— Minha mãe me fez prometer que só o entregaria se tivesse certeza que era para a pessoa certa. E eu quero que depois você entregue esse colar para nossa primeira filha, e que ele seja passado de geração em geração como símbolo do nosso amor. — Ele disse me quebrando no meio.

— Eu não sei se posso aceitar, é valioso demais, eu não sei se mereço, se sou digna de algo assim.

— Você é, meu amor. Esse colar é como um símbolo do meu compromisso com você, Paloma. Ao seu lado eu quero tudo, quero uma família, quero a felicidade, quero o amor, quero filhos. Com você eu quero o que jamais quis com outra pessoa. — Não consegui dizer nada, perdi totalmente a fala. Meu rosto já estava coberto de lágrimas, estava muito emocionada com suas palavras.

— Você gostou? — Perguntou ele me analisando.

— Se eu gostei?! Eu amei! Nunca imaginei ter um desses. Eu te amo, Martim, amo mais que tudo neste mundo.

— Você é a mulher que eu amo e vou amar pela eternidade!
— Disse me virando de costas e colocando o colar em meu pescoço.

— Linda. Eu sabia que combinaria com você. Veja como ficou. — Ele me levou para o grande espelho na porta do closet.

Martim se posicionou atrás de mim, e puxou meus cabelos de lado para colocar os brincos. Eu estava nua em frente ao espelho usando apenas os diamantes.

Sentia-me estranha. Olhando no espelho, eu via uma mulher

jovem, desinibida, com lábios vermelhos de tanto serem beijados. Usando um colar que valia uma verdadeira fortuna. As gemas de corte redondo, cravejadas de brilhantes, eram frias sobre minha pele nua. Mas emitiam um brilho quente sobre suas muitas facetas cintilando luz.

Martim cobriu meus ombros com suas mãos grossas e sussurrou em meu ouvido:

— Nunca vi nada tão perfeito na vida.

Tem horas que gostaria de poder voltar no tempo, apenas para sentir novamente as mesmas sensações. Nada era mais doce do que o olhar que ele direcionava a mim, por aquele espelho. Nada era melhor do que fazer amor com ele até amanhecer. Contudo, meu conto de fadas trágico ainda estava começando; pena que agora é tarde demais e tudo foi destruído.



CAPÍTULO 7



VITORIOSA

"Grandes vitórias exigem grandes sacrifícios"

Se você soubesse como é dolorosa essa rejeição, não me machucaria dessa forma. Você me deixou e eu não merecia esse castigo! Eu fiz tudo por você, eu só te amei, e você me deu em troca essa dor! — Ahhh!!! — Grito inconformada nesta maldita cabana, quase enlouquecendo. A chuva castiga o telhado, algumas goteiras pingam pelo chão. Por que, se eu só te dei amor, você se foi? Começo a sentir um latejar forte na cabeça, e também falta de ar. Sinto um frio, um frio terrível de solidão, de escuridão... Frágil, quebrada, vazia... uma perdedora. Longe de ser a Paloma implacável de meses atrás, aquela que derrubou tudo e todos em seu caminho.

Paloma

Enfim chegou o dia de concluir meu plano. Não era um jogo, mas eu sentia que naquele dia eu sairia vencedora. Eu poderia ter esperado os pais de Martim terem ido embora. Deveria ter esperado que resolvesse nossa situação, como me havia prometido; mas o meu ciúme estava me consumindo. Passar o ano novo sozinha sabendo que ele estava com *ela* me fez ficar descontrolada.

Não quis pensar direito, eu não quis esperar mais. Daria eu mesma um fim naquele casamento. E sendo assim, fiz o que tinha que fazer: arquitetei um plano no qual eu acabaria de uma vez por todas com a minha inimiga. Beatriz não era páreo para mim, eu sabia disso desde o início.

O primeiro passo foi ir até o *Fitzroy London Hotel* conversar com o gerente. Apesar de já o conhecer, foi uma reunião longa; fiquei quase uma hora para convencer Nestor a me ajudar. E é claro que tive que assinar um cheque bem gordo e me responsabilizar pelo que poderia acontecer. Tudo isso para conseguir colocar o plano em ação. Ele ficaria responsável pelas câmeras e a suíte ao lado estaria disponível para mim.

Quando estava saindo do hotel fui parada por um repórter da Vanity Fair, fiquei nervosa, pois não deveria ser vista ali.

— Paloma Cartier, o que anda fazendo agora que não trabalha mais na empresa do seu irmão? É verdade que pensa em voltar às passarelas? E sobre os rumores que seu ex-noivo está saindo com sua melhor amiga, Christina Perez? — Disse o repórter impertinente.

— O que meu ex faz não me diz respeito e sobre as passarelas não pretendo voltar a desfilar. — Respondi tentando manter a calma.

De lá fui direto para a casa de Nick, onde combinamos todos os detalhes finais. Ele levaria Beatriz para o flagrante; só

assim eu conseguiria que tudo desse certo. Meu segurança me acompanhou durante todo o dia, enquanto eu armava aquela situação.

Passei o dia todo mandando mensagens provocativas para Martim, que estava no hospital, apenas para tentá-lo. Ao final do plantão dele, eu joguei a isca: enviei-lhe uma foto minha vestindo apenas uma lingerie sensual com a seguinte legenda:

Te espero no Fitzroy London Hotel às oito para uma noite inesquecível. Quarto 123.

O que tá aprontando safada? — Respondeu ele segundos depois.

Talvez eu queira te enlouquecer... — *Digitei sorrindo.*

Em seguida meu celular tocou e era seu número.

— Oi, meu amor — disse com a voz sedutora.

— *Você sabe que eu estava com paciente.*

— Hum. — Gemi lembrando da última consulta que fiz com ele. — Você tá excitado? — Perguntei já pegando fogo.

— *Muito, loirinha...*

— Então você vai me encontrar no hotel, mais tarde?

— *Eu adoraria, mas sabe que não posso. Meus pais não foram embora ainda. Não posso simplesmente passar a noite fora.*

— Hum. — Resmunguei brava. — Mas você pode ao

menos se atrasar um pouco e dar uma passadinha lá. Eu quero ficar um pouco com você. Estou tão molhada, preciso de você, amor. — Disse mordendo o lábio.

— *Com você me provocando desse jeito não tem como não ir.* — Disse com a voz rouca.

— Você tá excitado, amor? — Perguntei para atiçá-lo ainda mais.

— *Muito; se prepara porque vai me pagar por toda essa provocação, ninfeta safada.*

— Eu conto com isso. — Desliguei o telefone sorrindo.

Mandeí uma mensagem para Nick confirmando que ele e Beatriz estivessem no hotel às sete e meia da noite.

Terminei de me vestir, retoquei a maquiagem e saí do apartamento em direção ao hotel. Meu segurança como sempre me acompanhava, mas pedi a ele que ficasse no carro e me avisasse por mensagem quando Martim chegasse. Chequei com Nestor os últimos detalhes e subi para a suíte para esperar o show começar.

Na televisão do quarto, eu podia acompanhar o que acontecia no corredor e no quarto ao lado.

Nick chegou primeiro e serviu-se de uma boa dose de uísque. Eu podia ver que ele estava nervoso, olhava para o relógio sem parar. Não demorou muito para que a campainha tocasse e ele abrisse a porta dando de cara com Beatriz, que parecia constrangida e envergonhada.

— Eu não deveria ter vindo, acho melhor ir embora —

disse ela tentando escapar dele.

Mas Nick foi mais rápido e a prendeu contra a parede, beijando sua boca. Não foi um beijo cáldo ou delicado. Não, Nick devorava a boca de Beatriz com desejo. Ela correspondeu da mesma forma, e eu sorri pensando que tudo estava saindo conforme o planejado. Nick foi descendo beijos pelo pescoço e colo dela e aos poucos desceu as alças do vestido que ela usava, deixando seu sutiã à mostra.

Ele a levou para a cama e Beatriz parecia hipnotizada olhando para ele, que tirava a roupa lentamente. Logo em seguida começou a beijar os pés dela, fazendo uma trilha de beijos até chegar à calcinha que ela usava, a rasgando com tudo. Então, atacou sua boceta, e ela puxava os cabelos dele, se esfregando e pedindo mais. Olhei para o relógio e notei que estava quase na hora que havia pedido para Martim chegar, e logo meu segurança me avisou que Martim estava subindo. Olhei para o monitor e vi Beatriz por cima, cavalgando no pau de Nick.

Eu já suava de nervosismo, com medo que algo não saísse como o esperado. Martim parou na porta do quarto e olhou novamente para o número confirmando. Logo em seguida girou a maçaneta e entrou. Meus olhos focaram na imagem da câmera de dentro da suíte. Beatriz estava de costas para a porta, subindo e descendo no pau de Nick. E não vi Martim paralisado atrás dela.

— Me diz uma coisa, Ana Beatriz, há quanto tempo você está me fazendo de corno? — Ele perguntou com uma voz tão fria

que chegou a me assustar.

— Martim? — Disse ela em pânico, se virando para ele.

Nick tentou cobri-la com o lençol, o que era inútil já que Martim podia ver tudo.

— Martim, meu Deus, não é o que você tá pensando! — Falava ela tentando se aproximar dele totalmente nua.

— Não se mova, fique aí! Não quero estragar a noite dos dois. — Ele bufou e pegou a calcinha dela, que estava rasgada no chão. — Sabe, Beatriz, o que mais me machuca nisso é pensar que eu me sentia culpado por não corresponder ao que você sentia por mim. Agora vejo que nunca sentiu nada, que eu fui ingênuo.

— Martim, por favor, me escuta, você não deveria ter visto isso. — A sonsa se fez de santa, e eu fiquei rindo da cara dela, que havia se enforcado sozinha.

— Mas é claro que não deveria. — Ele riu irônico e deu de ombros com uma expressão de sofrimento.

— Martim, por favor, me escuta, querido... — Ela ficou tentando se justificar e eu estava ali tendo uma crise de riso. Estava saboreando o sofrimento da Bia como se fosse uma criança saboreando um bolo de chocolate.

— Não seja cínica, Beatriz! Olha só onde você está! Num quarto de hotel com um homem na cama. Eu esperava isso de qualquer uma menos de você! Nunca pensei que fosse uma vagabunda.

Foi nesse momento que Nick se levantou, revoltado com as

palavras de Martim.

— Lava a sua boca pra falar dela, seu babaca! — Disse ele avançando em sua direção e segurando o colarinho de sua camisa.

— Por favor, Nick, nos deixe a sós, precisamos conversar.

— Eu não vou deixar você sozinha com esse empecilho. — Disse ele cuspiendo as palavras na cara de Martim, que não perdeu tempo e socou a cara de Nick em um golpe certo.

— Por favor, parem! — Gritava Beatriz desesperada tentando se cobrir com os lençóis da cama.

Nick revidou com um chute no estômago de Martim, que gemeu e lhe deu um gancho de direita. Martim e Nick se estapearam descontrolados em meio aos gritos de Beatriz.

Confesso que não esperava por isso; meu coração ficou agitado e pensei em ir até lá tentar fazer alguma coisa, mas isso apenas estragaria meus planos. Beatriz se vestia chorando desesperada. Não demorou muito para que os seguranças do hotel chegassem e separassem os dois.

— Me larga, eu vou quebrar a cara desse otário! Quem ele pensa que é pra falar com Ana dessa forma?! — disse Nick fora de si, mas Martim era maior e mais forte que ele. Pude ver Martim ser escoltado para fora, mas antes Beatriz tentou mais uma vez falar com ele, que apenas a ignorou saindo de lá.

Respirei aliviada pensando que agora estava finalmente acabado.

Saí da suíte me sentindo vitoriosa, sorrindo de orelha a

orelha. Desci pelas escadas para não correr o risco de Beatriz me ver, acelerei meus passos e encontrei Martim na entrada do hotel.

— Amor, o que aconteceu? — Perguntei fingindo acabar de chegar ao hotel.

— Onde você estava? Você armou isso, Paloma? — Perguntou completamente transtornado e desganhado.

— Do que tá falando? Eu fiquei presa no trânsito, acabei de chegar, o Stewart me trouxe. Desculpe ter te feito esperar, amor. — Beije seus lábios e sorri dissimuladamente.

— Vamos embora daqui, Paloma.

— Martim, você está me assustando. O que aconteceu? — Perguntei tocando seu rosto.

— Por favor, nós conversamos em casa. — Disse ele com a voz fria.

Caminhei junto dele até o seu carro, meu segurança foi logo atrás.

No caminho Martim não disse nada, mas eu podia notar o quanto ele estava nervoso, seus músculos estavam todos rígidos e um vinco já se formava em sua testa.

— Pronto. Agora que chegamos você pode me dizer o que aconteceu, por que viemos pra cá e não entramos no hotel? — Falei tentando me fazer de desentendida.

Martim caminhou até o bar da sala e serviu uma dose de seu uísque escocês Chivas Regal 18 Anos.

Ele afrouxou a gravata e sentou-se no sofá com o copo na

mão.

— Beatriz tem um amante. — Disse ele de uma vez olhando para o vazio.

— O quê? Não é possível. — Fingi uma expressão de surpresa.

— Eu a peguei naquele hotel com um cara que eu nunca tinha visto antes, mas pelo nome que ela disse eu imagino que seja o novo cliente, aquele para quem ela estava pintando o quadro.

— Meu Deus, Martim, estou chocada. Nunca pensei que a Bia fosse capaz de fazer isso! — Fingi estar escandalizada.

— Muito menos eu, fiquei todo esse tempo me recriminando, preocupado com os sentimentos dela quando terminássemos, mas no final eu fui feito de trouxa. — Disse com um sorriso frio.

— Eu sei que não é uma boa hora pra dizer isso, mas no final das contas foi melhor assim. — Falei com um falso pesar na voz.

— Jamais imaginei que as coisas fossem terminar dessa forma. Não pude deixar de me sentir enganado, usado por ela. — Falou ele de forma mecânica.

— Você deveria estar feliz, Martim. Acabou. Você está livre, meu amor. — Disse me aproximando dele focando seus ombros rígidos e massageando eles. — Agora não existe mais nenhum impedimento que nos separe. Querido, nós vamos poder viver o nosso amor. — Falei tocando seu rosto com carinho. —

Não fique assim, foi para o bem. Vocês dois não se amam e a Bia pode seguir a vida dela com esse tal Nick.

Martim me olhou confuso e perguntou:

— Como sabe o nome dele? Eu não disse que se chamava Nick. — Me olhou desconfiado.

— Foi a Bia, ela me disse que o nome do cliente do quadro era Nick. Nick Greyjoy, se bem me lembro. — Disse mentindo.

Sua expressão se suavizou e ele me abraçou forte. E aquele foi o melhor abraço de todos, pois finalmente Martim seria somente meu.

Naquela noite, quando fizemos amor, uma felicidade que eu nunca havia sentido antes tomou conta de mim. Martim era meu, e agora nada nem ninguém o afastaria de mim.

Pensar nisso, abraçada a ele após o melhor sexo de todos, trouxe um genuíno sorriso aos meus lábios.

— No que tá pensando? — Perguntou ele me olhando ternamente.

— Que agora eu não preciso mais esconder o que sinto por você.

— Isso é um alívio pra mim também, amor. — disse tirando o cabelo do meu rosto.

— Ainda tenho que me divorciar dela, mas depois do que aconteceu hoje, isso será rápido. — Disse com o semblante relaxado.

— Será que a sua família vai gostar de mim? — Perguntei de

repente me sentindo insegura.

— Talvez esse não seja o melhor momento para te apresentar a eles, mas com o tempo eu tenho certeza que vão te amar, assim como eu amo. — Falou me beijando.



Na manhã seguinte eu estava em êxtase com a minha conquista. Enfim Martim estava livre para ficar comigo. Acordar em seus braços e saber que ele não voltaria para ela foi indescritível. Em nenhum momento eu senti remorso. Longe disso, me sentia vitoriosa, qualquer lágrima ou sofrimento que eu causei tinha valido a pena.

Já estava fazendo vários planos para nós dois. Tomei um banho relaxante de banheira e me arrumei para ir almoçar com Martim, que tinha saído para falar com sua família sobre o fim do casamento dele com Beatriz. Ela provavelmente já tinha contado a sua versão do acontecido, então ele tentaria acabar com tudo de maneira menos danosa aos dois.

Eu ia aproveitar para convidá-lo para viajar comigo no final de semana. Poderíamos ficar no rancho de Verônica em Canterbury. Seria ótimo: só nós dois, muito vinho, uma lareira quente e a chuva lá fora. Sorri pensando nisso e me vesti de maneira bem sexy para provocá-lo. Quando meu telefone tocou, olhei o visor e estremeci ao ver o número de Beatriz.

Droga! Não havia parado para pensar no que faria com ela

agora. Uma hora ou outra ela iria acabar descobrindo sobre mim e Martim, o que eu faria? Perguntei-me em dúvida.

Sem querer protelar o problema, atendi ao telefone.

— *Paloma*. — Disse ela fungando do outro lado da linha.

— Oi, Bia! O que houve? — Perguntei falsamente.

— *Paloma, uma tragédia! Você nem imagina o que aconteceu!* — Disse ela chorando.

— Como assim, eu não tô entendendo nada! — Disse me fingindo de preocupada.

— *Eu preciso desabafar com alguém, eu não sei o que fazer. Por favor, preciso da sua ajuda, amiga. Meus pais estão indo embora hoje e não sei o que faço, se vou com eles ou se tento dar um jeito nessa situação.*

— Faz assim, eu estou no meu apartamento, venha até aqui, nós conversamos e você me conta o que aconteceu. Vou te passar o endereço, anota aí.

Ao terminar a chamada, pensei que deveria cortar de uma vez por todas aquela falsa amizade. Terminei de me arrumar, colocando o par de brincos de diamante verde que Martim havia me dado juntamente com o colar. Eram tão lindos que era difícil não querer usá-los. Deixei o quarto com a cama ainda bagunçada, para arrumar depois.

Meia hora depois, a campainha tocou. Abri a porta e fiquei chocada ao ver uma Beatriz totalmente destruída: seus olhos

estavam inchados de tanto chorar, seu nariz vermelho, e sua postura que sempre fora impecável, estava frágil e desanimada.

— Entra — disse recuperando a minha voz.

Beatriz entrou no apartamento de cabeça baixa e com os ombros caídos.

— Desculpe te importunar na sua casa, mas precisava tanto conversar com você, amiga. — Falou ela me abraçando e me senti culpada ao ver seu estado lamentável.

— Senta, Bia, eu vou pegar um copo de água pra você. — Disse meio constrangida.

Beatriz levantou a cabeça e ficou me observando parecendo chocada.

Não esperei ela dizer mais nada, caminhei até a cozinha tremendo e peguei um copo com água. Respirei fundo e voltei à sala. Porém, antes que eu pudesse entregar-lhe a água, estaquei ao ver Beatriz com uma camisa azul de Martim nas mãos.

— Desculpa ter deixado essa camisa aí, é do meu namorado, nem percebi que ele tinha deixado jogada no sofá.

— Onde conseguiu esses brincos? — Perguntou ainda olhando para a camisa, com a voz falha.

— Eu ganhei dele, não são lindos? — Disse sorrindo, tentando quebrar o clima tenso.

Coloquei o copo sobre a mesa de centro, mas Beatriz ainda estava paralisada, parecia estar em outro lugar.

— São diamantes verdes, não são? — Disse ela com a voz

trêmula.

— Sim, como sabe?

— Porque era para serem meus, sua vagabunda! — Gritou me surpreendendo.

— O que disse? — Perguntei chocada.

— Era você! Todo esse tempo, sua maldita! A amante de Martim. — Gritou esfregando seu ódio em minha cara.

— Eu não sei do que está falando. — Respondi assustada com seu olhar de ódio.

— Você era minha amiga! Maldito seja o dia em que te coloquei dentro da minha casa! Vocês estavam brincando comigo todo esse tempo, e eu trouxe não vi o que estava bem na minha frente! — Falava ela possesso, dando um passo em minha direção.

— Você está confundindo as coisas.

— Não. Eu nunca estive tão lúcida na minha vida. Imagina como eu fiquei feliz quando vi esses diamantes nas coisas de Martim. Na hora me lembrei que eram da minha sogra e imaginei que ele os daria a mim, que seria meu presente de natal. Imagina só a minha surpresa, os dias foram passando e Martim não me entregava o colar. — Sorriu irônica.

— Eu... Eu sinto muito — disse de uma vez.

— Ordinária! — Gritou, e senti o impacto da sua mão em meu rosto, dei um passo para trás assustada.

— Você está louca! — Gritei furiosa.

— Você achou mesmo que eu nunca descobriria vocês dois

pelas minhas costas, todo esse tempo?! — Gritava puxando meu cabelo. — Você destruiu a minha vida, sua cachorra!! — Falou tentando bater em meu rosto, mas segurei suas mãos impedindo-a.

— Ele nunca te amou, não seja hipócrita! Você não gosta dele, ele não é o Logan, Bia. Não adianta tentar usar Martim pra preencher a falta que Logan faz na sua vida.

— Ele te contou? — Perguntou chocada.

— Sim, eu sei de tudo, mas a mim você não engana, Ana Beatriz, você não pode me julgar, já que estava se divertindo na cama com Nick.

— Não me compare a você, sua vagabunda! — Ela tentou puxar meu cabelo, virei de lado, e nós duas acabamos caindo no chão.

— Como você é cínica!! Você me usou, se fez de minha amiga... Eu te coloquei dentro da minha casa, confiei meus maiores segredos a você e todo esse tempo o que você queria era roubar o meu marido? — Falou acertando outro tapa na minha cara, que devolvi em seguida e logo mordi seu braço com força.

— Me solta, sua louca! Aceita que perdeu, Beatriz. Martim me ama, sua ridícula. — Disse me colocando por cima e dando outro tapa estalado na cara dela.

— “Amor”, Paloma, você não sabe o que é isso! Você armou tudo, não foi? — Ela arranhava meu braço, chegou a sair sangue, e eu grudei minhas mãos no cabelo dela, a puxando para trás, tentando me soltar. Mas Ana Beatriz conseguiu subir em cima

de mim de novo e eu lhe meti uma joelhada na barriga.

— O que quer, Beatriz? Quer que eu confesse o quanto foi divertido te fazer de trouxa? Nem mesmo Nick foi à toa, sua burra! Nick só entrou na sua vida por minha causa! Se não fosse eu, você ainda ia ser a Biazinha frígida.

— Você... armou com o Nick?

— É claro, sua imbecil! Nick trabalhava pra mim!

— Não, não! — falou ela se levantando e me deixando livre, e colocou as mãos na cabeça inconformada. — Não é possível que até isso você fez, sua desgraçada.

— Era o jeito mais fácil de te fazer pedir o divórcio, mas você não pediu, né, sua infeliz? Queria manter o Martim com você, mesmo não o amando. Não vê que eu fiz um favor a vocês?

— Acha que vai ser feliz às custas do sofrimento dos outros, Paloma? Você destruiu meu casamento, acabou com a minha vida, minha reputação. Aposto que está por trás do Martim ter pego eu e Nick naquele hotel!

— Isso é meio óbvio, né? Assuma, Beatriz, eu fiz um favor a você. Sua vida era patética, você era nojentinha demais, cheia de frescura. Se não fosse o Nick entrar na sua vida, você continuaria sendo uma bonequinha de porcelana!

— Paloma, como pode citar no nome do Nick? Eu me apaixonei por ele, me apaixonei pelo homem que entrou na minha vida para me destruir... Ele me usou todo esse tempo, eu era uma marionete no seu jogo.

— A culpa não é minha se você se apaixonou por ele. E se gostasse dele mesmo teria pedido a droga do divórcio! Você tinha essa opção, não fez porque não quis!

— Eu estava confusa e você se aproveitou disso! — Disse ela inconformada, limpando as lágrimas que transbordavam pelo seu rosto.

— Vai embora, Ana Beatriz, você já sabe da verdade. Não tenho mais nada pra te contar. No final das contas eu venci e é isso que importa!

— Você venceu, mas o seu prêmio não vale nada. Fica com ele, eu não quero um traidor como ele, vocês dois se merecem. Mas antes de ir, eu vou te dar uma lição que jamais vai se esquecer! — Disse avançando em minha direção de novo.

Senti o impacto do seu golpe e minha boca se encheu de sangue. Rosnei furiosa acertando outro tapa nela. Beatriz me puxou pelos cabelos até o sofá, onde caímos.

— Sua louca, olha o que fez comigo! — Disse cuspendo o sangue.

— Esse foi pouco, toma mais! — Disse me socando novamente e a dor foi tão forte que caí de costas no chão gemendo de dor.

Beatriz se levantou e olhou para mim, caída no chão, e sorriu: — É aí o seu lugar, no chão, sua vadia. Pode achar que venceu, mas no final você vai ficar assim, caída, imunda no chão, sozinha! Pessoas como você não merecem a felicidade!! —

Dizendo isso ela virou as costas e deixou o apartamento.

Escorei-me na parede tentando me recuperar, meu rosto ardendo pelos tapas e socos, mas pelo menos ela não tinha saído ilesa. Levantei-me com dor, balançada com suas palavras; eu podia me fingir de forte, mas suas palavras mexeram comigo.

Olhei para o espelho, meu penteado estava desfeito, minha maquiagem borrada. Peguei um lenço e tentei estancar o sangue da minha boca. Estava detonada. Caminhei devagar até o banheiro, onde tentei dar um jeito em meu rosto, mas não estava nada bonito: meu olho estava inchado e havia um corte em meu lábio. Eu não podia ser vista daquela forma. Tomei um banho rápido e gelado, pois os arranhões em meus braços ainda ardiam. Tomei dois comprimidos de Advil e deitei na cama. Fiquei repassando a briga em minha cabeça e acabei perdendo a noção do tempo. Ouvi meu telefone tocar, mas não tinha coragem de atender; sentia-me humilhada, envergonhada e muito culpada. Nunca havia pensando que o que estava fazendo poderia causar um estrago desse tamanho para mim. Eu estava apenas fazendo a coisa certa, já que Martim me amava e Beatriz não era feliz com ele. Não pensei em momento nenhum nas consequências dos meus atos.

A porta do quarto abriu e me assustei pensando que pudesse ser Beatriz novamente. A luz foi acesa e Martim olhou para mim espantado.

— O que aconteceu, amor? Eu tô desesperado ligando pra você. Não imagina o que aconteceu no hospital! — Disse ele, sem

reparar no rosto que tentei esconder com meu cabelo, envergonhada por ele me ver dessa forma.

— Desculpa, eu não consegui atender. — Disse num fio de voz. Martim parou com a mão no botão da camisa e virou para mim, e só então notou que meu rosto estava todo machucado.

— Quem fez isso com você? — Perguntou ele horrorizado, fechando a fisionomia.

— Eu não quero que me veja assim. — Coloquei as mãos em frente ao rosto chorando.

— Eu vou perguntar só mais uma vez, Paloma, quem fez isso com você? — Disse ele com a voz sombria.

— Não importa, já foi. E a culpa foi minha. — Disse tentando acalmá-lo.

— Como “não importa”, Paloma? — Disse ele tirando minhas mãos do meu rosto e me olhando com seus olhos azuis arregalados.

— Eu preciso cuidar disso aqui, passar um gelo e uma pomada para que não fique um grande hematoma, e talvez tenha que dar um ponto no seu lábio inferior.

— Eu tô bem. — Disse firme tocando suas mãos. — Eu só preciso de você, nada mais me importa.

— Me diga, Paloma, quem te machucou dessa forma? — Perguntou me olhando nos olhos e eu não consegui mentir.

— Beatriz. Ela descobriu que eu e você estávamos juntos. — O rosto dele ficou confuso.

— Foi por isso que ela foi ao hospital e fez aquele escândalo?

— Ela fez o quê?

— Ana Beatriz entrou no meio da reunião com a diretoria do hospital, gritou pra todo mundo que eu era um canalha que traiu ela, que não valia nada, entre outras coisas. Não imagina a confusão que deu naquele hospital. Eu tentei acalmá-la, conversar com ela, mas ela deu um tapa na minha cara e disse que eu iria pagar pelo que fiz a ela, e saiu do hospital. Pensei em ir até a minha casa tentar conversar com ela, dizer a verdade, mas preferi vir ver por que você não tava atendendo o telefone.

— Ela veio conversar comigo, e quando viu os brincos juntou uma coisa à outra. Nós discutimos e acabamos saindo no tapa. Mas entendo a raiva dela.

— Isso não justifica, Beatriz não deveria ter feito isso. — Disse ele me abraçando. — Eu não queria que as coisas tivessem acabado dessa forma. Queria ter tido tempo de ser sincero com ela e dizer que não a amava e queria o divórcio, mas tudo saiu do meu controle. — Disse beijando meu cabelo, e sentir seu cheiro foi tão bom que me acalmou.

Martim se levantou e pegou sua maleta. — Eu vou cuidar de você, loirinha. A culpa é minha, isso não deveria acontecer. — Disse, se sentindo culpado.

Martim limpou meus ferimentos e aplicou uma pomada em meu rosto. Por sorte meu lábio não precisaria de pontos.

— Amanhã você vai se sentir melhor. — Disse ajudando-me a deitar na cama.

— O que vai acontecer com a gente agora? — Perguntei por fim.

— Eu não sei. Infelizmente a fofoca deve estar se espalhando por todo o hospital, eu não conseguir impedir que Bia gritasse aos sete ventos que eu a traí. Eu já falei com meu advogado, vou entrar com o pedido de divórcio o mais rápido possível e vou dar a ela o que é dela por direito. E torcer para que ela consiga seguir em frente e encontrar a felicidade com outra pessoa, como eu encontrei com você.

— Será que um dia ela vai me perdoar? — Perguntei corroída pela culpa.

— A Bia não tem por que te odiar, Paloma, se ela mesma tinha um caso. Eu acho que o maior culpado dessa situação toda sou eu. Eu não deveria ter levado adiante esse casamento, foi um erro desde o princípio, e agora eu estou pagando por isso. Odeio saber que por culpa minha você está ferida.

— A culpa não é sua, é minha. Eu sinto muito... — Disse triste.

— Não sinta, meu amor. Eu te amo, Paloma, e não quero ver você chorando. — Disse beijando minha testa e se aconchegando ao meu lado na cama.

Talvez naquele dia eu já estivesse começando a me dar conta das coisas erradas que fiz. Talvez ali eu tenha começado a

entender a dimensão dos meus pecados. Só que ainda estava longe de começar a minha redenção...



CAPÍTULO 8



FELICIDADE?

"O caráter é como uma árvore, a reputação é como uma sombra".

Como tirar a tristeza do meu coração? Se o meu mundo gira somente por você. Como curar esta profunda dor que sinto correr por minhas veias? A minha respiração é agonizante. Eu estou tão conectada a ele que até em meus sonhos eu o vejo, e agora em meus pesadelos. Sem Martim meu mundo é vazio e triste. Ele roubou meu coração quando me deixou, o levou embora. E agora ele bate cada dia mais lento. E a nossa chama se tornou brasa. Como curar essa profunda obsessão? Como explico à minha alma que é o fim?!

Paloma

Tomei um banho gelado e rápido, vesti uma roupa de corrida. Terminei de calçar meus tênis, coloquei um boné e óculos escuros. Peguei meus fones de ouvido e encontrei Martim na cozinha.

— Você vai me deixar mal acostumada, preparando café pra mim todas as manhãs. Vou ficar mimada. — Disse em um tom

de voz meigo.

— É isso que eu quero, te deixar bem mimada. Eu notei que ganhou peso, mas isso ainda não é suficiente, sua saúde e bem estar são minhas prioridades. — Disse ele me olhando com seus belos olhos azuis.

— A minha mãe me ligou, ela chega amanhã. Arturo comprou um apartamento pra ela. E ela anda insistindo para que eu vá morar com ela. — Falei meio envergonhada.

— Eu não quero que vá, Paloma, você está bem aqui comigo, gosto de ter você assim perto de mim. Adoro chegar em casa e te encontrar nua no sofá me esperando. — Ele sorriu de um jeito safado.

— Tem notícias do seu advogado? — Perguntei ansiosa.

— Ítalo disse que Beatriz concordou em assinar o divórcio, porém, isso vai me custar caro. — Disse ele, como se não fosse nada Beatriz exigir ações no hospital e metade de todo o dinheiro que Martim tinha.

— Já se passou um mês, mas ela ainda está furiosa. Você sabe que ela não quer o hospital, só está fazendo isso para se vingar. Não sei por que ela não aceita que acabou e vai viver a vida dela! — Disse irritada, revirando os olhos.

— Não vamos estragar nossa manhã. Já te disse que eu não me importo com o dinheiro, só não quero perder metade da minha parte no hospital.

— Eu sei e é por isso que ela está pedindo as ações, porque

sabe que é onde mais dói. — Falei indignada e levantei a sobrancelha.

— Não vamos pensar nisso, amor, meu advogado está tomando conta de tudo. Vamos tomar nosso café em paz, não podemos nos atrasar para a corrida. — Disse Martim com um sorriso tão lindo que não tive argumentos.

Terminamos nosso café e fomos andando até o Hyde Park. Todas as terças e quintas Martim e eu corríamos juntos, descobrimos mais uma coisa em comum.



— Me espera!! — Gritei sem fôlego tentando acompanhar o ritmo dele.

— Não acredito que já está cansada. — Disse ele sorrindo.

— Não sei como consegue correr tanto e continuar tão gato. Isso deveria ser um crime! Eu estou toda destruída. — Falei sentando num banco de pedra para respirar.

— Você fica linda até descabelada! — Disse ele rindo da minha cara de cansada.

— Vou comprar uma água de coco pra você se hidratar. — Disse e apontou para uma barraquinha à frente.

Tirei os óculos de sol e limpei meu rosto vermelho e suado.

Uma mulher, que estava ao meu lado com uma criança, me olhava estranho, mas escolhi ignorar. Continuei olhando para Martim, que aguardava para pagar pelo coco.

Um casal cochichava alguma coisa ao meu lado olhando para mim. Comecei a perceber que todos estavam olhando para mim, só não entendi por quê.

— Mas não tem vergonha mesmo! — Falou uma senhora.

— É uma desaforada, destruidora de lares. — Disse outra mulher olhando para mim.

— Roubou o marido da outra. — Cochichou outra mulher também olhando para mim.

Martim voltou até mim sem perceber o que estava acontecendo.

— Trouxe uma para mim e outra para você.

— Martim, eu quero ir embora. — Falei já nervosa.

— O que está acontecendo?

— Só me leva daqui, por favor! — Implorei já entrando em pânico com tantos olhares pesando sobre mim.

Ele olhou ao redor tentando entender o que estava acontecendo, mas as pessoas trataram de disfarçar.

Andamos de mãos dadas até a saída do parque, mas eu não pude deixar de reparar nos olhares maldosos que me lançavam.

Meu telefone tocou. Vi o número de Alice, minha irmã. Martim parou para eu poder atender.

— Ali?

— *Paloma, onde você está?*

— Eu estou no Hyde Park com Martim, o que houve? — Perguntei reparando que a voz da Alice estava estranha, ela parecia

preocupada.

— *Paloma, eu sinto muito, mas está havendo um escândalo envolvendo você e o Martim, no Twitter e na televisão.*

— O quê!? — Perguntei chocada.

— *Eu não sei bem, mas a mulher dele foi a um programa de TV e abriu o jogo. Tem repórteres no hospital e eles estão indo atrás de você.*

— Oh, meu Deus, eu não acredito que ela fez isso! — Disse em pânico, atraindo a atenção de Martim, que me olhou com preocupação.

— *Eu acho melhor você não vir para o hospital, está todo mundo comentando. Eu não quero que ouça o que essas pessoas venenosas estão falando.*

— Meu Deus, todos devem me julgar uma vagabunda, devem me odiar! E agora, como eu vou voltar para o hospital?!

— *Calma, vai para sua casa. O Arturo já está sabendo, ele vai dar um jeito nisso. Eu prometo que vamos proteger você.*

Desliguei o telefone totalmente aterrorizada. Nem nos meus piores pesadelos imaginei que Beatriz iria fazer uma coisa dessas.

— O que aconteceu, Paloma? Você está pálida. — Disse Martim segurando meus ombros e me olhando nos olhos.

— Beatriz, ela foi a um programa de TV e contou tudo, estão todos achando que eu destruí seu casamento, que acabei com a vida dela. Alice disse que o hospital está cheio de repórteres.

— Eu não acredito! Ana Beatriz não faria uma coisa dessas!

Ela não seria capaz!

— Você não acredita em mim, não vê que ela está furiosa e descontrolada? Ela não vai parar enquanto não se sentir vingada.

— Eu não quero acreditar que a Beatriz se transformou em alguém capaz de me expor dessa forma. É melhor irmos para casa, eu vou ligar para o meu advogado e ver o que posso fazer. Não se preocupe, eu vou resolver essa situação. Nem que eu tenha que pedir ajuda dos pais dela para pôr fim nesse inferno.

Nós entramos no carro e durante o percurso ficamos calados; Martim parecia preso em seus pensamentos e eu só pensava em formas de me vingar de Ana Beatriz. Assim que dobramos a esquina, já podíamos ver a montanha de repórteres na entrada do nosso prédio; e o pior, eles impediam nossa entrada.

— Nós vamos ter que descer. — Disse Martim apreensivo.

— Tudo bem. — Disse, notando que eles tapavam toda a entrada da garagem. Não tinha forma de entrar que não fosse pela portaria.

Martim saiu e deu a volta para abrir a minha porta. Não demorou muito para sermos vistos. Entrei em pânico quando vi a multidão vindo em nossa direção. Martim segurava forte minha mão. Meu cérebro não conseguia processar uma saída.

— Olhem eles lá!! — Gritou alguém apontando para nós dois.

Não conseguia me mexer, minhas pernas não me obedeciam. Uma multidão se formou ao nosso redor, me botando

em pânico, todos tirando fotos e gritando perguntas nojentas. Senti Martim puxar minha mão e voltei a sentir minhas pernas, mas não conseguia dar um passo sequer. Martim foi empurrado e sua mão soltou da minha.

— Paloma Cartier, é verdade que a senhorita foi amante do doutor Lancaster por anos e foi por isso que seu noivo rompeu o noivado? — Perguntou uma repórter com nojo, me olhando de cima a baixo, como se eu fosse a pior criatura do mundo.

— Doutor Lancaster, o senhor já sabe dos gostos da senhorita Cartier para orgias, concorda com isso?! — Disparou outro para Martim.

— Paloma Cartier, é verdade que a senhorita está grávida? — Perguntou um repórter ruivo e barbudo.

Tentei me desviar dele e acabei caindo no chão. Uma chuva de flashes me cegou. Tapei meus olhos com uma mão e tentei me arrastar até a entrada do prédio. Foi quando senti Martim me levantando do chão. Ele me pegou no colo enquanto meu segurança ajudava a abrir caminho e juntos conseguimos entrar no prédio, deixando o caos lá fora.

Eu não consegui controlar o choro; todos os funcionários do prédio me olhavam com olhares acusadores.

Martim disse alguma coisa a Stewart que não consegui processar. Nós entramos no elevador. Eu apenas coloquei meu rosto no peito de Martim e chorei. Pensei que aquele era o meu pior momento, que nada poderia ser pior do que aquela humilhação.

Ao entrar no nosso apartamento, Martim me colocou no sofá e foi à cozinha atrás de um copo com água para me acalmar.

— Olha para mim, amor. — Ele ergueu meu rosto, limpando as lágrimas. — Nada, está me ouvindo, nada do que eles digam importa! Não dê ouvidos a essas pessoas! Tudo que eles querem é vender tabloides. Você é melhor do que isso, nós não devemos nada a nenhum deles.

Assenti ainda chorando. Martim me deu um calmante e o copo com água. Me deixou na sala e foi para a sacada ligar para seu advogado, tentar de alguma forma melhorar a situação. Olhei para o meu celular e vi inúmeras notificações. Eu sabia que era melhor nem olhar, mas um lado masoquista meu queria ver o que as pessoas estavam falando. Abri meu Twitter e vi vários comentários...

"A vadia ataca novamente, já não bastava aprontar com o gato do ex-noivo, agora ela pega homem casado! A vadia não tem limites."

"E pior é que esses homens gostam desse tipo de mulherzinha descarada, sem valor, trocar uma mulher honrada por esse tipinho."

"A mulher dele é muito mais bonita. Ao menos ela não foi pega em orgia"

Meu Facebook também estava recheado de *posts* ofensivos. Todos me julgando uma vadia destruidora de lares.

Havia até uma enquete onde se perguntava quem era mais

bonita, eu ou Beatriz. Decidi deixar o celular de lado e ligar a TV, indo direto para o canal daquele fofoqueiro Hugo, aquele infeliz que adorava falar mal da vida alheia.

— *Pois é, isso mesmo: Paloma Cartier. Isso mesmo, meu povo, só que dessa vez a polêmica é sobre o triângulo amoroso mais falado nas redes sociais. A própria, Paloma Cartier, a princesinha da moda, foi desmascarada na revista Flyback pela esposa do milionário e médico Martim McGregor Lancaster, acionista majoritário e diretor do Lister Hospital, onde ele atuava como médico da modelo. Ana Beatriz contou à revista em questão que a ex-miss era amante do seu marido, e as coincidências não param por aí...*

Antes que ele terminasse de falar, a TV desligou. Olhei para o lado e Martim estava com o controle na mão.

— Você não precisa ficar vendo isso, eu já estou resolvendo tudo, Paloma. Os pais de Ana Beatriz estão vindo para Londres. Se ela estiver disposta a aceitar o acordo que meu advogado fez, nós assinaremos o divórcio na próxima terça-feira.

— Oh, meu Deus! Sério!? Só mais alguns dias e esse inferno acaba. — Disse aliviada.

— Faça as malas, nós vamos viajar este final de semana. Vamos tirar um tempo só para nós dois e deixar esses abutres longe de nós. — Disse ele animado.

— Sério?! Para onde vamos!? O que devo levar? — Perguntei sem parar, já espantando toda a tristeza que estava

sentindo. Martim tinha esse poder incrível sobre mim, fazia com que toda a escuridão se transformasse em felicidade.

— Vai ser uma surpresa, apenas leve roupas quentes. — Ele disse com um sorriso radiante.

— Mas e o hospital, e a ONG?

— Não se preocupe. Já falei com o hospital, Fernandes vai ficar no meu lugar até terça-feira, e na ONG o Harry tomará conta de tudo.

Fiquei admirada por ele estar tirando essa folga no hospital. Sorri entusiasmada e corri para o quarto para fazer nossas malas.

Martim me levou até o aeroporto, onde embarcamos num voo fretado apenas para nós dois. A viagem foi rápida, e assim que pisamos em solo suíço já pude sentir o frio intenso, o que não me deixou menos empolgada com nossa primeira viagem juntos.

— Vamos. — Disse ele apontando para um táxi.

— Eu nunca estive na Suíça. — Disse olhando encantada para toda aquela beleza.

— Eu fico feliz por ser comigo a primeira vez. Zermatt é um dos lugares mais incríveis e românticos no mundo, é um dos vilarejos mais procurados dos Alpes Suíços, você vai amar.

— Tenho certeza que sim! Só de estarmos nós dois aqui já estou muito feliz. — Disse e beijei seus lábios animada.

Algumas horas depois, o carro parou em frente a uma pousada rústica no pé da montanha, o lugar parecia um refúgio

perfeito para amantes.

Martim pagou o táxi e entramos na pousada; assim que entramos fomos acolhidos pelo calor que emanava de uma grande lareira no saguão.

— Vocês formam um belo casal. — Falou o simpático senhor que nos recepcionou. — Estão em lua de mel?

— Não, ainda não. Essa moça bonita ainda não me deu essa honra. — Disse Martim com um sorriso no rosto.

Perdi o fôlego, olhei para ele mal acreditando em meus ouvidos. Martim me respondeu apenas beijando meu rosto.

— Vamos. — Disse ele pegando as chaves.

— Você falou sério quando disse aquilo? — Não aguentei, tive que perguntar.

— O que foi? Não pensa que vou deixar você dando bobeira solteira por aí, né? — Disse com um sorriso brincalhão no rosto. — Eu prometo que logo essa situação estará resolvida e seremos só eu e você.

Foi por momentos como aquele que me apaixonei loucamente por esse homem. Martim era um príncipe, eu era a rainha má. Não merecia alguém tão perfeito como ele.

Depois de nos instalarmos em nossa suíte, saímos juntos para conhecer o vilarejo. Foi incrível poder andar abraçada a ele e não ser julgada por isso. Andamos por várias lojinhas, onde comprei algumas coisas para os meus sobrinhos e para os meus irmãos.

Jantamos em um restaurante na vila, num clima bem romântico. À noite nos amamos ferozmente, era como se necessitássemos um do outro. Martim estava insaciável, e eu me derretia em seus braços. Cravei minhas unhas em suas costas quando atingimos juntos o orgasmo deitados no tapete do quarto em frente à lareira crepitante.



— Vamos, estou ansiosa para andar de teleférico! — Disse puxando Martim pela mão.

De repente, tive uma sensação estranha, como se fosse observada, e parei na entrada do teleférico, olhando ao redor, mas não vi ninguém. Martim também olhou quando me viu procurando algo.

— O que foi?

— Não é nada, apenas pensei ter visto alguém — espantei a sensação entrando no teleférico.

— Aquela é a Matterhorn, uma das montanhas mais fotografadas e celebradas do mundo — falava Martim indicando a montanha gigante à nossa direita, onde podíamos ver muita gente esquiando. Do alto, teríamos uma vista incrível daquele lugar único e encantador. — Poucos destinos no mundo têm a elegância e a beleza natural de Zermatt, eu vinha esquiar aqui quando estava na faculdade.

— Eu já amei esse lugar, quero voltar mais vezes — disse

sorrindo, tirando várias fotos de nós dois.

Martim e eu esquiamos na montanha Matterhorn, foi divertido. Levei vários tombos, mas valeu a pena cada segundo. No final da tarde eu parecia uma criança alegre. Deitei no chão e fiz anjo na neve. Martim fez um boneco de neve bem bonito.

— Eu não queria ter que ir embora amanhã — disse ele olhando para mim.

— Nem eu, esse lugar se tornou especial para mim agora. — Disse sorrindo e não resisti, acertei uma bola de neve no casaco de Martim, que me olhou com desafio. Ele se jogou em minha direção, caindo por cima de mim, e nós dois rolamos na neve rindo feito duas crianças.

Nosso fim de semana nas montanhas geladas da Suíça foi incrível, e eu amei cada segundo que passamos ali. No domingo à noite, contudo, após nos despedirmos do casal de donos da pousada, Martim e eu fomos direto para o aeroporto de Zurique voltar para a realidade que nos esperava.



Chegamos no aeroporto de Heathrow por volta das seis da manhã, e eu já sentia falta do nosso refúgio gelado. Lá, era como se estivéssemos em uma bolha onde os problemas não pudessem nos atingir. No próprio aeroporto já fui recebida por dona Inês.

— Filha, minha princesa, eu quase morri de preocupação com você.

— Bom dia, senhora Damasceno — disse Martim sendo gentil.

— Bom dia, doutor. Onde vocês dois se meteram esses dois dias? — Ela sorriu de maneira fria.

— Eu avisei ao Arturo que ia passar o final de semana fora, não entendo por que vocês insistem em me tratar como uma criança. — Revirei os olhos e bufei meio irritada.

— Porque tem horas que você age como uma. A mídia destruindo sua reputação e você foge, não dá nenhuma resposta digna a esses abutres. — Falou ela de maneira firme.

— Eu mandei meu advogado soltar uma nota. — Martim responde por mim.

"Gostaria de deixar bem claro que o término do meu casamento com Ana Beatriz Gouveia não ocorreu por nenhum fator externo. Colocar culpa em alguém além de nós mesmos, minha esposa e eu, é falso e injusto. Nosso matrimônio já estava culminando a um fim muito antes da minha amizade com a senhorita Paloma Cartier. O que significa que apontar o dedo e culpá-la é errado e injustificado." — Falava mamãe olhando para o seu celular lendo a nota que Martim lançou nas suas redes sociais.

— Não seja ingênuo, doutor, o nome da minha filha está na lama por conta da vadia da sua ex, acha que essa notinha é o suficiente? — Disse dona Inês Damasceno mostrando quem era.

— Mãe! Eu estou bem, na verdade estou ótima, estive na

Suíça com Martim. Precisava passar um tempo longe desse inferno, mas podemos conversar na minha casa, estou cansada da viagem, se você não se importa — falei direta.

— Que casa, Paloma? Você vem comigo para o apartamento que Arturo comprou para nós duas. — Disse ela firme olhando para Martim com desafio.

— Mãe! Eu vou ficar com Martim! Não vou pra sua casa!
— Falei me impondo.

— Mas... Você pode correr riscos, eu preciso ficar de olho em você, te proteger.

— Mãe, por favor, eu estou bem. Martim cuida bem de mim. Amanhã já sai o divórcio e tudo vai ficar bem, você vai ver — tentei acalmá-la.

Foi difícil, mas com muito custo dona Inês desistiu da ideia de me fazer morar com ela, embora tenha feito questão de ir até o apartamento de Martim. Acho que para fiscalizar o lugar onde eu ficaria.

Alice me ligou, e Arturo logo em seguida, dizendo que já estava tomando medidas judiciais e uma retratação pública, pela revista que teria publicado a entrevista da Beatriz.

Foi quando resolvi revidar Beatriz na mesma moeda, mesmo sabendo que iria feri-la mais ainda. Eu fiz algo impensado, pois queria me vingar, afinal ela tinha destruído a minha reputação.

Esperei Martim ir para o hospital na manhã seguinte, a audiência estava marcada para as 14h. Então, liguei para Dinis, um

comentarista de um programa de fofocas que me devia um favor.

— Alô, Dih?

— *Paloma Cartier, estou surpreso com sua ligação!*
Quanto tempo, Senhorita Miss — Ele riu e eu sorri triunfante.

— É verdade, Dinis, faz muito tempo que não nos falamos. Precisamos marcar alguma coisa um dia desses, mas não é para isso que estou te ligando. — Disse de uma vez.

— *Imagino que um escândalo envolvendo seu nome tem a ver com isso.* — Ele pareceu adivinhar meus pensamentos.

— Como sempre perspicaz, é exatamente sobre isso que eu quero falar.

— *Já sei, você quer dar uma entrevista contando o seu lado da história, vou adorar ter você no meu programa, a audiência irá às alturas.*

— Não, o que eu tenho é melhor que isso — disse com um tom de voz amargo.

Contei tudo para ele sobre o envolvimento de Beatriz com Nick, sobre Martim ter pego ela na cama com outro homem, e aproveitei para usar as fotos dela e Nick aos beijos em Edale Peak para autenticar minha história. Desliguei o telefone após ter me vingado de Ana Beatriz me sentindo totalmente vitoriosa. Naquele dia, eu não me importava se estava ou não colocando mais lenha na fogueira, tudo que eu queria era me vingar.

Estava em êxtase com a sensação de vitória. Foi quando minha campainha tocou, olhei para o relógio e vi que ainda estava

cedo, eram apenas dez da manhã. Martim tinha a chave, não tinha motivo para ele tocar a campainha.

Caminhei até a porta para ver quem era o desesperado que esqueceu o dedo na campainha. Ao abrir a porta dei de cara com um Nick, um tanto desalinhado, com o semblante cansado e o rosto frio.

— O que houve, Nick? — Perguntei estranhando sua visita inesperada.

— Você não atendeu as minhas ligações, tive que vir até aqui para falar com você.

— Desculpe, eu andei meio ocupada. — Disse meias verdades. — Anda acontecendo tanta coisa... — disse me referindo à imprensa me perseguindo.

— Por que contou a Ana Beatriz que eu era seu aliado? — Disse ele sendo direto.

— Eu não tive escolha!

— Você acabou com o nosso relacionamento. Você sabe que só estava nessa porque gosto dela. Ana não quer me ouvir, recusa minhas ligações. Já tentei até mesmo ir até a casa dela, mas ela não me atendeu.

— Eu sinto muito...

— Você sente, Paloma?! A única coisa que você tinha que fazer era manter isso em segredo! Agora ela me odeia. E eu estou apaixonado pela Ana Beatriz! Só de imaginar como ela deve estar se sentindo agora, sozinha, sofrendo, e eu nem mesmo posso

consolá-la!

— Eu posso tentar falar com ela, dizer que a culpa não foi sua. — Nick me olhava com desdém. — Você destruiu a vida da dela, Paloma, não venha agora fingir que sente muito, que está arrependida, porque nós sabemos que isso não é verdade.

— Você pode não acreditar, mas eu não queria que isso tivesse acontecido, não era para ser assim. Eu torço pra que vocês dois se acertem e sejam felizes — disse sendo sincera, porém, ele não acreditou.

— Eu não sei se ela vai me ouvir, já não sei o que fazer. — disse Nick entristecido.

— Nick, ela vai embora — disse de uma vez e ele me olhou assustado.

— Como assim, que história é essa? — Disse ele angustiado.

— O pai dela disse a Martim que assim que o divórcio sair, ele levará a filha para a Escócia. Parece que eles estavam planejando levar ela para uma viagem a Paris para tentar ofuscar a mídia com o fim do casamento. Eu não sei bem, só sei o que Martim me contou.

— Se ela for embora eu vou perder a única chance que posso ter de me explicar, de dizer a ela que não foi encenação, que eu realmente estou apaixonado por ela e que a quero comigo. Droga, Paloma, o que eu vou fazer?

— Vá atrás dela! Diga o que sente, tente ser sincero de

alguma forma, ela deve te entender.

— Eu não sei se ela irá me ouvir, ela me odeia. Eu sabia que não deveria ter te ajudado, sabia que ela se machucaria.

— Você precisa tentar, lute pelo que quer da mesma forma que eu lutei. — Eu não sei se estava dando um bom conselho, mas talvez algo dentro de mim se sentisse de certa forma culpada. A verdade mesmo era que preferia ver Ana Beatriz com Nick, assim ela não ficaria em meu caminho nunca mais.

Depois que Nick foi embora, determinado a ir atrás de Beatriz até mesmo na Escócia, se fosse necessário, senti uma pontada na barriga e uma dor de cabeça forte, talvez fosse o estresse de toda aquela situação. Fui até a cozinha preparar um chá, mas a dor aumentou, o que me fez correr para o banheiro. Quando sentei no vaso, vi que minha menstruação tinha descido.

Fiquei frustrada, eu não estava grávida. Esse era o meu castigo por todas as coisas ruins que tinha feito. Castigo por um dia ter pensado em tirar a vida de um anjo inocente, meu bebê. Entrei no chuveiro e deixei as lágrimas caírem. Eu queria um filho, era tudo que faltava para completar a minha felicidade, um fruto do amor que sentíamos. Fechei os olhos e toquei minha barriga, e não pude deixar de imaginar um garotinho de olhos azuis, igual ao pai. Martim seria um pai incrível, e eu lutaria para ser uma mãe boa, tentaria ser o que dona Inês nunca foi para mim.

Terminei meu banho, as cólicas ainda não tinham cessado. Tomei um Advil para aliviar a dor e corri para o quarto para me

trocar; logo Martim chegaria e eu precisava estar pronta para encarar Beatriz. No início ele não queria me levar, mas depois de muito insistir ele acabou cedendo, eu iria com ele à audiência do divórcio.

Vesti uma calça jeans com uma camiseta azul, me maquiei com cuidado tentando ressaltar meus olhos. Fiz questão de usar os brincos de diamante verde que Martim me deu.

Me sentia bonita, mesmo que por dentro ainda me sentisse mal por ter menstruado. Eu não me conformava. Milhares de mulheres engravidam com tanta facilidade. E eu já tinha procurado a doutora Rachelle, feito vários exames e não tinha nada de errado comigo.

Deitei no sofá para esperar o remédio fazer efeito e fui ler um livro de As Crônicas de Gelo e Fogo. Verônica tinha me indicado, já que é o livro que deu origem à série que ela e Arturo tanto amavam. Tentei me distrair com a leitura, e um tempo depois a porta abriu e Martim passou por ela com o jaleco no ombro e os cabelos bagunçados, indicando seu cansaço.

— Senti sua falta. — disse me levantando e indo até ele.

— Eu também senti sua falta, loirinha — falou ele me beijando, e colocando a sua maleta em cima do aparador.

— O hospital estava uma loucura hoje, acabei me atrasando. Vou tomar um banho rápido e nós já vamos, não podemos nos atrasar. Quando tudo isso terminar, quero te levar num lugar — falou ele misterioso.

— Hum! Odeio mistério. Não pode me adiantar que lugar é esse? — Perguntei com a voz manhosa.

— Você vai ter que esperar. — disse ele indo até a suíte. Me sentei no sofá e tentei voltar a ler, mas estava ansiosa demais.

Menos de vinte minutos depois Martim saiu do quarto totalmente pronto, vestido com uma camisa social branca e calça preta. Estava muito bonito usando óculos escuros e com o cabelo molhado.

O caminho até o fórum foi silencioso. Eu estava nervosa, com medo que Beatriz mudasse de ideia e não assinasse o divórcio. Meu segurança nos seguia no carro de trás. Martim estacionou, deu a volta e abriu a porta para mim; respirei fundo e saí. Tinha pelo menos oito repórteres na frente do prédio, todos tirando fotos e fazendo perguntas. Martim e Stewart me ajudaram a passar por eles, ignorei todas as perguntas tentando fingir que eles não existem. Martim segurava minha mão me dando apoio.

Assim que entramos na sala de espera vi Beatriz, ela estava junto com o pai e seu advogado, e ambos me olhavam com ódio.

Martim apertou minha mão firme, me dando segurança. Cerca de dez minutos depois, todos foram chamados para a sala do juiz. Eu não pude entrar, fiquei sentada na sala de espera rezando para que tudo isso terminasse de uma vez.

A hora parecia não passar, liguei para Alice e falei com ela por um tempo, tentando me distrair. Fiquei vendo um vídeo que Verônica mandou dos meus sobrinhos brincando no quintal.

De repente a porta abriu, e uma Beatriz furiosa saiu por ela junto com o pai e o advogado. Ela caminhou até mim, parecia pronta para me atacar.

— Não se sinta vitoriosa, Paloma Cartier, ninguém é feliz às custas do sofrimento dos outros. Como o ditado diz: Aqui se faz e aqui que se paga! — Ela rosnou na minha cara, parecia que ela estava era jogando uma maldição.

Não tive chance de responder, pois Martim saiu da sala e veio até mim nos interrompendo.

— Vamos embora, Ana Beatriz — disse o pai dela a levando de lá.

— O que foi que aconteceu? — Perguntou Martim preocupado olhando em meu rosto.

— Não foi nada, agora acabou. — falei aliviada.

— Sim, é triste saber que teve que ser dessa forma. Logan deve me odiar pelo que fiz, mas sei que Beatriz não seria feliz ao meu lado, muito menos eu ao lado dela — dizia pensativo.

— Você disse que ia me levar a um lugar especial — falei tentando quebrar o clima tenso, sabendo que o assunto do irmão ainda o machucava.

— Tem razão. Vamos aproveitar a tarde de folga.



Conforme Martim foi dirigindo eu já podia reconhecer o caminho: era o centro de paraquedismo, nós iríamos saltar juntos

mais uma vez. Sorri pensando nisso e lembrando que havia superado meu medo de altura por causa dele.

— Vamos? — Disse ele sorrindo, pegando minha mão. Fomos ao vestiário, foi bom rever toda a equipe, nos vestimos e colocamos todo o equipamento. Martim foi falar com o instrutor, checar alguma coisa. E eu aproveitei que estava sozinha para ver se as fotos já tinham sido vazadas e bingo! Dinis já tinha postado em seu blog de notícias tudo que eu lhe contei sobre o caso de Beatriz com Nick. Desliguei o celular com um sorriso no rosto e caminhei até o avião. Martim já estava me esperando, íamos saltar juntos como da primeira vez.

— Está com medo? — Perguntou ele nos prendendo.

— Não, confio em você. Na verdade, acho que acabei superando o meu medo naquele dia!

— Isso é bom, mas o salto de hoje será especial, prometo que nunca mais irá se esquecer. — Disse ele me pegando de surpresa com um beijo carinhoso.

Achei estranho que só nós dois saltaríamos naquela tarde, o resto da equipe não foi. Mas isso não importava. Juntos fomos até a saída lateral do avião, aquele frio na barriga veio com tudo, mas bastou olhar para Martim que o nervosismo se foi.

Contamos até dez e pulamos juntos, a adrenalina foi a mil. A vista era incrível, Martim sorria olhando para mim, que gritava feito louca.

O vento forte bagunçava meus cabelos, o sol estava se pondo

e foi a coisa mais linda que já tinha visto na vida. Nada poderia se comparar àquilo. Então me lembrei do que Martim disse sobre hoje ser especial.

Os paraquedas foram acionados, nós subimos e flutuamos pelo céu, a terra foi se aproximando... Eu ainda olhava para o pôr do sol, mas bastou dar uma olhada para baixo para então perder o fôlego.

Lá do alto eu podia ver a mensagem escrita na areia em terra firme:

“VOCÊ QUE SE CASAR COMIGO?”

Meus olhos já estavam cobertos por lágrimas, não acreditava que ele tinha feito tudo aquilo. Olhei para ele, que apenas sorriu fazendo uma manobra para aterrissar o paraquedas. Quando enfim pisamos no chão firme, havia um grande coração feito de rosas vermelhas. Fiquei estática, em choque com essa surpresa. Martim nos soltou ficando na minha frente com um anel lindo com um diamante verde. Eu coloquei as mãos na boca sem acreditar que ele estava se ajoelhando na minha frente e que sim, isso era real, estava realmente acontecendo, não era um sonho.

— Éramos dois corações vazios, separados, hoje somos um em conjunto. Paloma, você sabe o quanto eu a amo, o quanto você mudou o meu mundo. Os dias ao seu lado são curtos demais, as noites quentes e inesquecíveis. Com você aprendi o que é a paixão, o amor. Eu amo tudo em você, Paloma Cartier. Eu adoro seu cabelo, e não aguento ficar longe do seu perfume, seu batom

vermelho me persegue em meus sonhos. Eu amo escutar sua voz e seus gemidos quando estou amando seu corpo. Seus olhos são de um azul profundo que me levam a outro mundo. Ao seu lado sou feliz como há muito tempo eu não era. Até mesmo quando você briga comigo eu me apaixono mais por você. Eu sou mais forte, mais capaz, quando meu corpo está junto ao seu; e é aí que o tempo para e nada é importante além do desejo que me queima. Hoje eu sei que meu lugar é ao seu lado, que não existe felicidade longe de você, então, eu pergunto: Paloma Damasceno Cartier, você aceita se casar comigo?

— Sim!!! — Gritei eufórica, pulando em seus braços, o beijando emocionada demais para dizer qualquer palavra mais.



CAPÍTULO 9

O GRANDE DIA

"Oh, minha querida, tem sido um ano difícil, mas lembre-se, os terrores não atacam vítimas inocentes. Confie em mim, querida, confie em mim!"

Paloma

Estremecendo da cabeça aos pés, indago se aqui será a minha morte. Desesperada, viro o rosto para a janela e tento enxergar alguma saída no fim do túnel onde estou.

O mofo deixa meu nariz irritado e escorrendo, a tontura voltou com tudo. Onde eu toco há mofo e sujeira, e isso me deixa em alerta. O dia já está amanhecendo, eu torço para que Martim venha me tirar daqui, mas uma parte minha me diz que ele não virá. Minha cabeça lateja, acho que por ficar muitas horas acordada e, quando durmo, estou tendo pesadelos com o passado. O meu coração está acelerado, eu posso sentir meu corpo todo em choque. Tento me levantar, mas meu corpo está doendo muito. Os meus pulmões queimam, sinto uma vontade tremenda de vomitar. Me forço mais uma vez a ficar de pé e com muito custo eu consigo. Só que aí não aguento a ânsia que vem forte e acabo vomitando em mim mesma, de tão mal que estou. Não aguento, acabo me escorando no sofá velho da sala, tentando me recuperar. Reparo que minha pele está vermelha e irritada. Uma dor abdominal terrível me acomete. Coloco a mão no meu abdômen tentando conter a dor, mas não consigo e solto um gemido alto. Olho para a porta rezando para que ele volte e me ajude.

Porém, os minutos vão passando e Martim não vem, a dor está ficando cada vez pior. Eu já estou lutando para me manter lúcida, está difícil de respirar. Tento pensar em Sarah para me manter acordada. Coloco as mãos direto na garganta tentando fazer massagem para conseguir respirar, mas tudo que sinto é dor. Fecho os olhos sabendo que não tenho o que fazer, eu morrerei aqui sufocada, sem ar. Acabo me entregando à inconsciência, já completamente quebrada.

Dizem que no amor e na guerra vale tudo. Até mesmo manipular, mentir e trapacear. Olhei meu reflexo no espelho, vestida de noiva, e vi a felicidade refletida em meus olhos. Consegui chegar até aqui. Eu conquistei o homem que eu amo. Esses últimos dois meses foram os mais felizes da minha vida. Agora, estou a um passo de alcançar o meu “feliz para sempre”. Senti uma lágrima cair pelo meu rosto e limpei com cuidado para não borrar a minha maquiagem, não queria que nada atrapalhasse a minha felicidade.

Nada podia ser comparado com o dia de hoje, acho que é impossível que alguém já tenha se sentido como me sinto agora; eu, enfim, encontrei aquela felicidade que tanto almejei.

A porta abriu e Helena passou por ela trajando um vestido nude lindo.

— Querida, os convidados já estão te esperando! — Disse a mãe de Martim entrando no quarto. — Você está linda! Parece uma princesa! Só falta o colar. Por que não o colocou ainda? — Perguntou olhando para meu colo.

— Eu não sei se sou digna de usá-lo!

— Como não, querida? Meu filho deu a você porque a ama de verdade.

— Eu tive tanto medo que vocês não gostassem de mim — disse emocionada com o carinho que a mãe de Martim me tratava.

Nunca imaginei que ela fosse tão amorosa e que me aceitaria tão bem. O pai dele não é de falar muito, mas ainda assim compareceu ao nosso pequeno jantar de noivado. Os únicos que não vieram foram os tios de Martim.

— Como eu não ia gostar, querida? — Disse ela me despertando dos meus pensamentos. — Paloma, basta olhar nos olhos do meu filho para ver o quanto ele está feliz. Quando tiver seus filhos, você vai ver que a felicidade deles vem em primeiro lugar.

— Eu não sei o que dizer. Você me tratou tão bem, mesmo depois de tudo que aconteceu.

— Você sabe que não concordo com o modo com que você e Martim se envolveram, mas eu posso ver o quanto estão apaixonados. Só um cego não enxergaria essa paixão entre os dois. Quando Martim contou que iria casar com Ana Beatriz, eu e o pai fomos contra, já imaginávamos por que ele estava fazendo isso. Então, para mim não é surpresa ver que não deu certo. Agora, vamos parar de falar do passado e vamos focar no futuro. Venha colocar esse colar aqui. Aposto que meu filho vai amar ver você usando-o — disse ela limpando uma lágrima e caminhando até a penteadeira onde o estojo com o conjunto estava.

Helena colocou o colar em meu pescoço junto com os brincos, as pedras frias em contraste com a minha pele morna me causam um arrepio. Não sei o porquê, mas sinto um mau pressentimento.

— Paloma, está aí? — Perguntou Alice abrindo a porta do

quarto, enquanto a mãe de Martim terminava de prender o colar.

— Oh, meu Deus! Você está linda! Parece uma princesa de conto de fadas.

— Pior é que estou me sentindo uma princesa. Tudo é tão surreal que parece um conto de fadas, e meu príncipe encantado me espera no altar.

— Eu vou deixar vocês duas. Vou falar com Inês e tentar acalmar meu filho, que está nervoso à sua espera. — Disse ela sorrindo.

— Helena, espere! — Digo, antes que ela saia pela porta.

— O que foi, querida?

— Eu prometo que farei de tudo para fazer Martim feliz!

— Você já faz, meu anjo. Eu nunca vi meu filho tão feliz. Agora se apresse.

— Eu nem acredito que você está se casando hoje. — Falou Alice me abraçando.

— Nem eu. Quem diria que no final, tudo daria certo?

— Eu só quero você feliz, minha irmã.

— Eu serei. Ao lado dele eu serei feliz. Nada mais importa desde que estejamos juntos.

— Você realmente o ama? — Perguntou ela admirada.

— Mais do que a mim mesma. Nunca senti um sentimento como esse. É como se apenas ao lado dele eu pudesse ser feliz.

— Eu posso ver a felicidade exalando de você. — Alice pareceu hesitar. — Eu não quero estragar isso, mas quero lhe pedir

algo. — Disse ela séria.

— O que foi, Ali? Aconteceu alguma coisa?

— Calma, é sobre papai. Eu sei que você combinou do Hector te conduzir na cerimônia. Só queria que falasse com papai, ele está lá fora só esperando para entrar e falar com você.

— Eu não sei o que Santiago quer falar comigo, Alice. — Digo friamente.

— Eu sei que sente mágoa por ele nunca ter sido presente, mas precisa falar com ele. Papai mudou muito, Paloma, ele está arrependido das coisas que fez.

— Eu não posso apagar o passado, Ali! Arturo, eu e Guilherme nunca tivemos um pai de verdade. Ele sempre esteve mais focado na Cartier ou no pôquer, e depois que você nasceu, você e Claire eram prioridade na vida dele.

— Apenas o ouça. Por mim. — Disse fazendo uma carinha de Gato de Botas.

— Tudo bem. — Aceitei.

Alice me abraçou novamente. Eu continuei me olhando no espelho, quando a porta abriu e Santiago entrou. Sua expressão era de cansaço, seus ombros estavam tensos.

— Filha? — Disse ele se aproximando de mim. Continuei sentada na penteadeira, olhando para ele pelo espelho.

— Você está linda! — Diz visivelmente emocionado.

— Obrigada. — Respondi com um bolo na garganta.

— Você pode se virar para mim, princesa? — Perguntou ele

com a voz embargada.

Respirei fundo, ficando em pé de frente para ele.

— Eu não posso me atrasar, os convidados já chegaram e estão todos me esperando. — Digo secamente.

— Eu preciso que me perdoe, Paloma. — Diz me olhando nos olhos.

— Eu... Eu...

— Eu sinto muito, filha, por não ter dado a você a devida atenção. Desculpe por não ter estado lá quando você precisou. Era sempre Arturo que fazia o meu papel. Me perdoa por ter deixado sua mãe te moldar naquilo que ela sonhava para ela, e não naquilo que você queria. Me perdoa por não ter cuidado de você quando tanto precisou.

Eu simplesmente não conseguia! — disse limpando o rosto cheio de lágrimas. — Eu não conseguia ver você naquele estado. Vivendo à base de remédios para se manter lúcida. Você não era mais a garotinha que eu me lembrava, aquela que entrava no meu escritório vestida de Cinderela, procurando Arturo para brincar. Eu sinto muito, filha, por não ter feito mais por você! Mas saiba que eu te amo! Tanto quanto amo Alice e Arturo, até mesmo Hector. Porque, eu posso fingir que não doeu em mim, mas deixar aquele bebê me partiu ao meio.

— Eu não sei o que dizer. — Falei totalmente paralisada com suas palavras, jamais imaginei que ele diria isso.

— Não diga nada, minha princesa. Só prometa que um dia

vai perdoar esse velho burro, que demorou demais para enxergar as besteiras que fez.

— Tudo bem. — Digo por fim.

Meu pai me surpreendeu quando vindo até mim e me abraçando. Primeiro fiquei paralisada com sua demonstração de afeto, mas depois acabei correspondendo a seu abraço.

— Vamos. Seu irmão está te esperando para te levar até seu noivo, que está muito ansioso. — Disse ele limpando as lágrimas que escapavam pelo seu rosto.

Ajeitei meu vestido e acompanhei meu pai até porta do quarto. A casa que eu e Martim escolhemos para ser nossa é linda. Todos os detalhes foram escolhidos por nós dois, cada objeto, cada cor de parede, tudo decidido em conjunto. Era o nosso lar perfeito, onde criaríamos os nossos filhos.

Meu pai e eu descemos as escadas e lá embaixo eu pude ver Hector me esperando com um lindo terno azul marinho. Ele nem sequer olhou para o meu pai, que segurava minhas mãos.

— Entregue a minha joia. — Falou papai olhando para meu irmão. Hector se limitou a sorrir para mim.

— Você está linda, irmãzinha. — Elogiou. Papai nos deixou sozinhos e foi em direção a onde a cerimônia aconteceria.

— Obrigada, você também está muito bonito. Eu agradeço por ter se oferecido para entrar comigo. — Disse feliz por tê-lo aqui. Mesmo não sendo muito próximos, Hector ainda é meu irmão mais velho.

Meus padrinhos foram Alice e Guilherme e Arturo e Verônica. A cerimônia era íntima, apenas para pessoas mais chegadas. Harry, melhor amigo de Martim, era o padrinho dele, junto com Raquel, a médica que atuava na ONG ao lado dos dois, além de Fernandes, um dos médicos que fazem parte do corpo diretório do hospital, e sua esposa.

Dário não quis vir ao meu casamento. Mesmo eu o tendo convidado pessoalmente, ele recusou. Apenas fez questão de dizer que quer a minha felicidade.

A música escolhida para a minha entrada foi "Perfect" do "Ed Sheeran", que foi tocada em um violino. Cristal e Arthur jogavam flores vestidos de pajem e daminha. Eram as coisas mais fofas que já tinha visto. Mas bastou eu olhar para ele, que tudo dentro de mim se acendeu. Lá de pé no altar, estava o homem da minha vida, aquele que me ensinou a amar, aquele que dominava meu corpo e mente, aquele que conquistou meu coração.

Hector segurou firme meu braço, me dando força. Eu já tremia de ansiedade e ao mesmo tempo de alegria. Caminhei lentamente, sorrindo, vendo todos os nossos amigos e familiares ali.

Assim que cheguei ao altar, Martim segurou minhas mãos e Hector olhou para Martim e disse com firmeza:

— Cuide bem dela! — Não foi um pedido e sim uma ameaça.

— Com a minha vida! — Diz ele apertando a mão do meu

irmão.

— Você está maravilhosa, meu amor! Não vejo a hora de tirar esse vestido. — Diz baixo, beijando meu rosto.

Posicionados frente ao padre, iniciou-se a cerimônia.

— Estamos reunidos aqui hoje em nome de Deus para celebrar as melhores coisas da vida. A confiança, a esperança, o companheirismo e o amor entre este casal. Vocês foram convidados para compartilhar este momento com Paloma Damasceno Cartier e Martim McGregor Lancaster porque são as pessoas mais importantes para eles. O respeito, a compreensão e o carinho que sustentam o relacionamento deles têm suas raízes no amor que todos vocês deram a este jovem casal. Por isso, é uma honra para os noivos contar com a vossa presença aqui hoje. Eles escolheram um ao outro para formar família e hoje estão celebrando o amor que já começou e que vai continuar crescendo ao longo dos anos.

— Agora, que o noivo leia os seus votos! — Diz o padre, entregando o microfone para Martim.

Martim pegou o microfone com as mãos trêmulas. Eu sei o quanto ele estava nervoso. Ele não gostava de falar em público, mas ainda assim sorriu para mim, pegou o papel com seus votos e os leu em voz alta olhando em meus olhos.

— Eu me lembro, como se fosse ontem, do nosso primeiro beijo. Assim que toquei em seus lábios, eu já soube que você tinha mudado o jogo. Você tem todo meu amor e hoje lhe entrego

também meu coração. Porque sei que ele estará bem guardado junto ao seu. Nossas almas estavam destinadas a ficarem juntas. Quando você sorriu para mim, eu já sabia que você seria a minha perdição, e foi. Perdi-me em você como um louco apaixonado. Você, Paloma Cartier, é minha estrela em meio à escuridão. Você transformou nossas vidas em um sonho. Uma fantasia de conto de fadas. Você, amor, que diz não ser uma princesa por ser cheia de defeitos e imperfeições. Saiba que, para mim, você é perfeita à sua forma. E nada se compara ao que sinto por você. Hoje eu lhe pergunto, minha amada, você aceita ser a minha Cinderela? Aceita viver esse conto de fadas ao meu lado?

Perdi totalmente o fôlego olhando em seus olhos azuis tão intensos. O padre me entregou o microfone e era minha vez de ler meus votos.

— Martim, meu amor, minha vida, minha felicidade. Tudo que mais quero é te fazer feliz da mesma forma que você já me faz. Saiba, querido, que quando o sol brilhar, nós brilharemos juntos. Eu juro que estarei aqui para sempre, não importa o que aconteça, eu jamais desistirei de nós dois. Porque viver em um mundo em que você não está, não é viver, é sim padecer em sofrimento. Eu quero ser sua amiga, esposa e companheira. Estarei ao seu lado em cada momento do seu dia, seja ele feliz ou triste. Não importa a força da tempestade, eu vou estar ao seu lado. Eu busquei por tanto tempo o amor e agora eu entendo que tinha que esperar o meu Príncipe chegar. Porque você é meu, assim como eu sou sua. Só

você, Martim, me deixa tão louca. Você é especial, meu amor, e eu não me canso de te amar. E, quanto à sua pergunta. Eu não sou uma princesa, mas tive a sorte de encontrar um príncipe encantado e viverei ao seu lado o mais belo conto de fadas. — Digo sorrindo com as lágrimas vertendo copiosamente.

— Pois, com estes votos, vocês estão dizendo ao mundo: "Este é meu esposo", "Esta é minha esposa".

— Martim McGregor Lancaster, é de livre e espontânea vontade que você aceita Paloma Damasceno Cartier como sua legítima esposa, e promete ser-lhe fiel, amá-la e respeitá-la, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de sua vida?

— Sim! — Martim disse firme olhando em meus olhos.

— Paloma Damasceno Cartier, é de livre e espontânea vontade que você aceita Martim McGregor Lancaster como seu legítimo esposo, e promete ser-lhe fiel, amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias de sua vida?

— Sim! — Falei transbordando em lágrimas.

— Assim sendo, por favor, deem as mãos e preparem-se para dar e receber as alianças.

Safira entrou segurando a cestinha com as alianças.

Ela as entregou para Martim, que sorriu beijando o rosto da pequena.

— As alianças são símbolos físicos do compromisso de um

casal e de sua ligação emocional e espiritual. Elas são consideradas um círculo perfeito, sem começo, nem fim. — Disse o padre as benzendo.

— Eu te dou esta aliança, como sinal do meu amor e da minha fidelidade. *Minha melhor escolha!* — Diz ele recitando as palavras gravadas em minha aliança e beijando minha mão, quando terminou de colocá-la.

— Eu te dou esta aliança, como sinal do meu amor e da minha fidelidade. *Amor sem limites.* — Disse a frase que havia escolhido.

— Eu os declaro marido e mulher! Pode beijar a noiva!

Martim

— *Martim! Por favor, não me deixa aqui! — Ainda posso ouvi-la dizer, antes que eu tranque a porta da bendita cabana.*

Fico imobilizado, dormente, sufocando cada vez mais. Tantas mentiras que me deixam doente. Olho para frente, consumido pela raiva, por um sentimento indescritível de traição. E aqui, sei que nunca a perdoarei. Ela acabou comigo. Luto contra meu corpo, que quer voltar atrás e tirá-la de lá. Saio correndo e entro no carro, para acabar logo com aquilo.

Não posso deixá-la me dominar, não, de novo não. Ela não merece meu amor, minha compaixão. Ligo o carro e saio, arrastando os pneus sem nem olhar para trás.

Conforme o carro vai correndo pelas ruas esburacadas, eu percebo lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Me lembro de tudo que vivemos aqui, do quanto ela parecia mudada, das coisas que enfrentamos juntos. Sarah! Droga, o que vou dizer ao meu anjinho quando perguntar pela vagabunda da mãe dela? Soco o volante com raiva.

Fico pensando nas súplicas dela, e me agarro ao ódio que toma conta dentro de mim. Digo a mim mesmo que não me importo com suas súplicas. Que Paloma só está colhendo aquilo que plantou. Mas é mais forte do que eu. É um custo me conter e não voltar até aquela cabana e tirá-la de lá, pegá-la no colo e acalentá-la, para que não chore mais, e dizer que eu estou aqui com ela.

— Por que, Deus!? Por que eu tive que amar justo essa mulher? — Me pergunto em voz alta, enquanto paro o carro em frente à nossa casa, aquela que escolhi com tanto esmero para agradá-la.

Abro a porta de casa e já sou arrebatado por aquela sensação familiar, contudo, agora nem mesmo esse lugar consegue arrancar a dor que sinto. Tudo aqui me faz lembrar ela e a sua maldita traição. Mais uma vez fui enganado por essa mulher, mais uma vez me deixei ser iludido por ela.

— Senhor Lancaster, posso ir buscar Sarah na casa da Maggie? — Pergunta Luzia, entrando pela porta, mas parando quando vê meu estado.

— Luzia, pode levar a Sarah para sua casa hoje? Eu não tenho condições de ficar com ela. — Digo, enterrando minha cara em uma almofada.

— Tudo bem, patrão, mas cadê a dona Paloma? — Ela pergunta segurando uma bolsa.

— Ela não vem. — Me limito a dizer, porém, noto que ela se segura para não insistir. Após certa hesitação, ela sobe para o quarto de Sarah e pega a bolsa dela.

Não digo nada, apenas caminho direto para o meu escritório.

Ao entrar, preparo um copo de uísque puro e tento esquecer o que tinha acontecido. Com a mente zozna, termino o primeiro copo. Só então fui me dar conta do meu estado. Eu tremia por dentro e sentia meu coração apertado, massacrado. Suas palavras, o quanto ela mente; "Eu não fiz isso! Eu não te traí!" Como acreditar, se eu vi os dois juntos!? Como acreditar, se ele estava com ela!? Bastou ele chegar que ela já estava em seus braços. Tudo que vivemos nesses últimos meses foi uma mentira, foi uma ilusão.

O uísque queima o meu estômago vazio. Sirvo mais uma dose e me sento na minha poltrona, olhando pela janela a mata lá fora. Fico bebendo e bebendo todo o estoque do meu uísque escocês. Ali, sozinho, eu não precisava mais ser forte. Deixo minha armadura de ódio e desprezo cair e resta somente a dor. Minha mente se enche com imagens de Paloma e é como se uma faca me

rasgasse por dentro. Fecho os olhos e sou inundado por lembranças do dia que deveria ser o mais feliz das nossas vidas.

O dia do nosso casamento.

Eu estava tão feliz que não cabia em mim. Todos os convidados estavam reunidos no jardim da nossa casa. Paloma estava linda, seu vestido era perfeito. Ela usava o colar de diamante verde que dei a ela, ele fazia um belo contraste com seu vestido. Até mesmo o céu ajudou, o dia estava lindo. Paloma e eu dançamos juntos, depois ela jogou o buquê. E as solteiras correram para pegá-lo. Tudo foi perfeito, nos beijávamos e nos tocávamos a todo o momento, tiramos várias fotos juntos.

Paloma parecia tão feliz, tão realizada. Meu pai, minha mãe, meus amigos do hospital e da ONG, todos estavam aqui. A festa estava linda, mas eu não via a hora de todos irem embora e eu poder amar a minha mulher, minha linda esposa. Eu iria devorá-la inteira. Já tinha feito reserva no *Beaufort House Knightsbridge Hotel*. E amanhã iríamos embarcar para Edimburgo.

Aos poucos, os convidados foram indo embora. Os irmãos de Paloma se foram após uma breve despedida, os três anjinhos lindos que haviam participado da cerimônia estavam apagados nos braços dos pais.

— Eu vou subir e me trocar, amor. — Disse ela em meu ouvido me deixando arrepiado.

— Tudo bem, vai lá, estou ansioso para nossa noite de

núpcias. — Disse mordendo sua orelha e a vendo arrepiar-se.

Mas bastou ela entrar para tudo desmoronar por completo.

Eu estava conversando com Harry, enquanto o resto dos convidados iam embora. A nossa lua de mel seria nas *Highlands* da Escócia. Paloma queria conhecer meu país e eu faria o possível para que as nossas duas semanas fossem inesquecíveis. Estava tão feliz que não tirava o sorriso do rosto.

— Tem certeza que dá conta de cuidar da ONG sozinho, cara? — Perguntei ao meu melhor amigo.

— Já dissemos para não se preocupar, nós vamos ficar bem. Aproveita esse tempo com sua mulher. Eu nunca te vi tão feliz, meu amigo. Aproveita essa lua de mel para voltar com um afilhado para mim. — Disse ele sorrindo.

Eu sorri de volta, confesso que ficaria muito feliz em ter um filho. Só de imaginar a barriga da minha loirinha crescendo, eu acompanhando cada passo da sua gestação, isso seria incrível.

— Aí está o noivo. — Disse alguém atrás de mim.

Me virei e vi meu primo vestindo um smoking negro e com um sorriso cínico. Estranhei, pois não havia visto nem ele e nem meus tios na cerimônia.

— E aí, cara, onde estão meu tio e minha tia? — Perguntei, olhando em volta, procurando por eles.

— Desculpe te decepcionar, primo, mas só vim eu mesmo. Não poderia perder o segundo casamento do meu primo querido. — Falava ele de maneira debochada.

— Obrigado, infelizmente a festa já está acabando, mas fique à vontade para beber alguma coisa. — Disse, lhe oferecendo uma taça de champanhe.

— Na verdade, eu não vou demorar muito, só preciso te entregar meu presente. — Falou ele de maneira sombria, e Harry que ainda estava do meu lado, também parecia desconfiado. Meu primo me entregou uma caixa pequena.

— Grato, eu vou guardar junto com os outros. — Disse sem olhar para ele.

— Não, é melhor você abrir agora, vai querer ver o que tem aí dentro.

Olhei para ele indeciso. Harry assentiu para que eu abrisse o embrulho. Não era pesado, tão pouco leve demais. Abri com cuidado, sem imaginar o que estava dentro. Meu primo sustentava um sorriso de deboche no rosto, me deixando arrepiado. Ao terminar de abrir o embrulho, vi um iPad última geração, e olhei confuso para ele.

— Liga, você vai gostar de ver o que tem aí. — Ele já estava começando a me irritar, não gosto de pegadinhas, ou fosse lá o que ele estava planejando.

Apertei o botão *home* e o iPad estava ligado. Um vídeo estava pausado na tela, e eu franzi o cenho confuso. Apertei o play e quase perdi o fôlego ao ver a minha mulher entrando na casa de Wallace. Perdi o ar, era como se tudo ao meu redor sumisse. Passo a passo eu fui vendo o que ela fazia, as câmeras eram

sequenciadas.

Paloma entrava no quarto, falando alguma coisa que não dava para ouvir, já que o vídeo não tinha som, e então o meu primo tirou a roupa, deitou na cama e olhou para ela cheio de desejo. Meu ódio já estava transbordando, algo dentro de mim dizia para não ver até o final, mas um lado masoquista meu queria ver a traição. Queria ter certeza que ela foi capaz disso. O vídeo foi passando e, então, o pior aconteceu: sim ela transou com ele. Não tinha nem como tentar me enganar dizendo que o vídeo era antigo, pois a data e hora estavam na tela. Uma ânsia tomava conta de mim.

— Surpresa, priminho! Você não esperava que sua esposa fosse uma vagabunda, não é? — Disse ele rindo ironicamente.

Ainda segurava o tablet em minhas mãos, mesmo com a imagem congelada, nela Paloma limpava o rosto. Não entendi por que, mas ela parecia chorar. Ainda assim ela transou com ele.

— Ah, querido primo, não fique assim, as mulheres não prestam. Você deveria saber.

— “Dez passos para conquistar Martim” — falou ele lendo uma folha de papel.

Wallace foi narrando passo a passo tudo que Paloma fez, tudo que planejou para destruir meu casamento, desde pular de paraquedas para me perturbar, a colocar um homem na vida de Ana Beatriz, e até mesmo simular uma tentativa de atropelamento, apenas para se aproximar de Bia.

Com o corpo imobilizado, os olhos fixos nele, eu contrái

meus dedos em volta do tablet, o segurei com tanta força que ele se quebrou. O ódio me deixou trêmulo, respirando fundo para entender aquela realidade.

— Cara, fica calmo, não vai fazer uma besteira. Conversa com sua mulher, ela deve ter uma explicação. — Fala Harry tentando me acalmar.

— Explicação! — Riu Wallace. — Ela foi minha namorada por dois anos e no dia em que ia pedi-la em casamento, a encontrei em seu apartamento transando com dois homens! Não se surpreenda, priminho, ela é devassa demais para ficar com um só!

A dor me rasgou por dentro, violenta, tão terrível que tive vontade de gritar e bater em alguma coisa. Rosnei como um animal ferido, e senti como se deixasse de ser eu mesmo. Me senti um babaca, um completo imbecil, enganado por Paloma. E num gesto de raiva e violência, soquei o sorriso debochado do meu primo com força, o fazendo cambalear para trás. O ódio que estava sentindo me fez enxergar tudo vermelho.

— Desgraçado!! — Rosnei e avancei em sua direção. Wallace tentou escapar, mas fui mais rápido, o golpeando mais uma vez, e caindo sobre uma cadeira.

— Martim!!! — Gritou alguém, mas não dei ouvidos. Subi em cima de Wallace e o soquei. Ele me acertou de volta, mas eu não sentia dor, não sentia nada, apenas o ódio tomando conta da minha alma.

— Desgraçado, me solta, seu imbecil!! — Gritava ele

tentando se levantar, mas eu não deixei. Forcei meu corpo contra o seu, o chutando no estômago. Wallace gemeu e me acertou no queixo. Eu queria matá-lo, apagar a sua existência. Eu nunca antes senti um ódio tão grande em minha vida. Quando vi seu corpo desfalecer em minhas mãos, eu não parei, continuava socando, vendo meus punhos cheios de sangue.

— Solta ele, Martim, você vai matá-lo!! — Gritava meu pai, me separando com a ajuda de Harry.

Os poucos convidados que sobraram olhavam a cena assustados.

— Eu quero todos fora daqui!! — Gritei descontrolado olhando ao redor, querendo ficar sozinho com a vagabunda que estava lá em cima. — Tira ele da minha frente, pai, ou eu sou capaz de matá-lo com as minhas próprias mãos! — Rugi tremendo de ódio.

Harry prestou socorro ao verme do meu primo, meu pai me olhava assustado enquanto ajudava Harry a levar Wallace dali.

— Filho, por favor, não faça nenhuma besteira. — Disse minha mãe tocando em meu ombro.

— Vai embora, mãe! — Gritei fora de mim.

— Por favor, você não é assim. — Ela insistiu.

— Me escute, por favor, eu não quero gritar com a senhora, mãe, mas vá embora. — Falei bravo e ela foi se afastando, seguindo meu pai e todas as outras pessoas.

Tentei respirar fundo para não fazer uma besteira, e esperei

todos saírem para então encarar aquela para quem, minutos atrás, eu declarava meu amor, aquela para quem jurei diante de Deus amar pelo resto da minha vida.

As lágrimas transbordaram pelo meu rosto ao relembrar todos os momentos que passamos juntos. Foi tudo mentira, ilusão.

Paloma, aquela mulher para quem entreguei minha vida, a única para quem me dei por inteiro, confiei, entreguei meu coração, agora ela enfiava uma faca nele, destruía a nossa felicidade. Limpei meu rosto com raiva de mim mesmo por ter me apaixonado por uma ordinária feito ela.

Entrei na casa, aquela que comprei para agradá-la, olhei as rosas que mandei entregar hoje pela manhã, estavam espalhadas pela casa. Subi as escadas que levavam diretamente para a suíte onde ela devia estar se preparando para a lua de mel. Engoli o bolo que se formava na minha garganta só de pensar que agora deveríamos estar embarcando para a Escócia.

Abri a porta do quarto com as mãos trêmulas, ainda sujas de sangue. Olhei para Paloma, de costas para mim, arrumando os cabelos de frente ao espelho. Assim que ela me viu, um sorriso tomava conta do seu rosto, contudo, agora eu sabia o quanto ele era falso.

— Meu amor, estava te esperando... — Disse ela se levantando e parando a frase na metade quando viu meu rosto. — O que aconteceu, Martim? Por que está assim? — Perguntou ela com os olhos arregalados fingindo se preocupar.

— Maldita, desgraçada, mentirosa!! — Gritei me controlando para não tocar em seu rosto.

— O que aconteceu, meu amor? Por que está falando assim? — Disse ela nervosa tentando se aproximar, ainda vestida de noiva.

Olhei para ela com tanto ódio, estava parecendo um anjo de tão bonita, mas agora eu sabia a verdade, sabia que por trás dessa cara de inocente se escondia um demônio.

— Você ainda tem o cinismo de me perguntar? Como você pôde me enganar assim? — Paloma tentou se aproximar.

— Você me traiu, me enganou, me manipulou. E pior, com meu maldito primo. — Disse segurando seu braço com força tentando impedir que ela me tocasse.

— Primo... primo? — Gaguejou nervosa.

Soltei uma risada fria. — Não finja que não sabia, sua mentirosa!

— Não, meu amor. Me escuta, não foi do jeito que você está pensando, eu não queria... Eu... eu...

— O que foi? Vai tentar dizer que não transou com ele, Paloma? Vai dizer que não foi você por trás daquela armação do hotel? Vai dizer que você não planejou passo a passo o que faria para me separar de Beatriz? Tudo não passou de um teatro pra você! — Disse com frieza.

— Não, meu amor! Não foi assim que as coisas aconteceram, eu te amo, Martim, eu só tive medo de te perder.

— Você me enganou, me usou! O que você queria era o meu dinheiro, foi por isso que se aproximou de mim? Era *ele* o seu ex-noivo esse tempo todo! Imagino o quanto vocês riram de mim.

— Não, não. Meu amor, eu odeio Wallace! Eu fui obrigada, você precisa me ouvir, eu vou te contar tudo...

— “Odeia”, Paloma? Eu vi a droga do vídeo pornô que vocês fizeram! Eu fiz tudo por você, Paloma! Eu confiei em você, te amei, abri mão da minha promessa apenas por amá-la e você, sua vagabunda, apenas me usou!!! — Rosnei com nojo da atitude de Paloma.

— Martim, eu te amo, querido. Eu não sabia que Wallace era seu primo, ele nunca falou sobre você quando estávamos juntos e você também não mencionou o nome dos seus tios. Não tinha como eu saber! Eu juro que só foi aquele dia, eu odeio Wallace. Se fiz o que fiz, foi porque estava sendo obrigada.

— Vai dizer que ele te obrigou, qual vai ser a desculpa que me dará para isso?

— Querido, fica calmo, você tem que me entender. — Tentou dizer firme, querendo me enganar.

— Eu jamais irei perdoá-la.

— Foi Wallace que botou fogo no meu apartamento! Ele pegou minha agenda e tirou fotos que me ligavam a Nick. Ele planejou tudo para que eu ficasse em suas mãos, e eu estava desesperada, tinha medo de perder você. Ele me ameaçou, disse que a única condição que tinha para não me entregar era que

dormisse com ele. Eu fiz, mas eu juro que me odiei por fazer isso. Eu juro que tive que fechar os olhos e pensar em você para não vomitar. Eu me senti suja, com nojo, mas eu não enxergava outra saída.

— Você teve medo que eu te deixasse por estar mentindo, mas não parou para pensar que estava cometendo um erro ainda maior!! Você, que poderia me contar, me dizer a verdade... Não acredito que estou ouvindo isso! Além de uma vadia egoísta, você ainda é burra. — Rosnei passando as mãos no cabelo, tentando não fazer nenhuma besteira.

— Eu te amo, e isso não é mentira!! Vou morrer te amando. Se fiz o que fiz foi porque estava cega, mas isso não muda o fato de nos amarmos, de sermos casados agora. Martim, nós dois estávamos felizes minutos atrás, você não pode jogar tudo para o ar assim.

— Eu não te amo mais. Na verdade, o único sentimento que tenho dentro de mim é ódio!! — Eu disse de maneira tão fria que até mesmo eu me assustei.

Paloma gemeu alto e colocou as mãos nos ouvidos, como se não quisesse ouvir minhas palavras. Eu só conseguia ver seus olhos arregalados e assustados, como se soubesse que merecia todo meu ódio.

Então ela fez algo que eu não esperava: se ajoelhou no chão olhando para mim e suplicou que a perdoasse. O que mais doía era imaginar que tudo não havia passado de uma farsa forjada e

manipulada por ela. O tempo todo eu fui vítima de sua armadilha.

— Não, eu não te perdoo, Paloma, você não merece meu perdão!! Você merece apenas meu desprezo. — Ali, naquele momento, eu quis matá-la. E quase, quase o fiz. Cheguei perto de machucá-la. Mas não consegui. Mesmo em desespero, em agonia, eu ainda a seguia amando. Ali, eu entendi como uma traição poderia destruir um relacionamento.

— Martim, por favor...

Tudo parecia girar diante dos meus olhos; eu me sentia um louco, desprendido da realidade. Paloma me olhava chorando incessantemente, dizendo algo para me acalmar, ajoelhada no chão, suplicando. Minha dor era tamanha que achei que morreria. Algo dentro de mim se rompeu, me deixando sem ar.

Quase voltei atrás. Levantei Paloma do chão e a abracei, implorando que ela negasse tudo, que dissesse que aquilo era tudo uma mentira, o que não aconteceu. Mas eu sabia que não era mentira. Era ela naquele vídeo, a minha Paloma. Anestesiado, apenas conseguia encarar a mulher diante de mim. Ela me levou de completamente apaixonado, rendido a seus pés, a um caco de homem, desiludido e destruído.

— Martim... — Foi sua voz em um murmúrio, que me despertou para realidade. Ali eu via tudo, desespero, dor, angústia.

Mas eu não ia ceder.

Afastei-me do seu toque, dando um passo para trás antes que eu perdesse totalmente a razão. Eu queria era causar a ela a

mesma dor que me rasgava, me consumia.

— Desgraçada. Você não vai me manipular com essas lágrimas fingidas.

— Por favor, me perdoe... Me perdoe, Martim... Eu te amo! Acredita em mim! Eu tive medo de te perder. — Ela chorou rendida e eu a olhei com desprezo.

— Você já perdeu!! — Segurei Paloma pelos dois braços com o ódio me cegando, precisava pôr minhas mãos em cima dela. Exigi saber por que foi tão falsa, por que me enganou de maneira tão cruel. Queria que ela sentisse um pinga da dor que me matava, o ódio e o desejo de vingança estavam me cegando.

As coisas foram se encaixando em minha mente como um quebra-cabeça. Todas as vezes que nos encontramos: no clube, no hotel, no hospital, no jantar, tudo foi manipulado por ela. Tudo um plano para se aproximar de mim e acabar com meu casamento

Para que não fizesse uma besteira, a joguei sobre a cama, minhas mãos queimando só de tê-la tocado.

Tive vontade de quebrar tudo pela frente, de extravasar um pouco da fúria assassina, então acertei o abajur do criado-mudo na parede o transformando em milhares de cacos. Paloma se assustou, olhando os cacos no chão, tremendo. Mas eu não parei por aí, acertei um porta-retrato dela no espelho da penteadeira, meu corpo queimava em fúria.

Meus olhos foram para Paloma, sua aparência era de derrota, as mãos no colo, a cabeça baixa, seus ombros caídos. Não

tive pena, só muita raiva, ódio e mágoa, me senti usado, destruído.

— Eu preciso que você se acalme, meu amor, você pode acabar se machucando. Por favor, Martim, nós precisamos conversar.

— Me acalmar?! — Ri ironicamente. — Você é minha maior decepção, Paloma!! — Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas, repletos de dor.

— Martim... Você precisa acreditar em mim — suplicou entre lágrimas, segurando o colar que ainda estava em seu pescoço. Eu não aguentava nem olhar para ele sem lembrar do significado que ele tinha para mim. — Eu juro por tudo que há de mais sagrado, eu te amo e nunca te trairia se não tivesse sido obrigada. — Tentou se aproximar de mim, mas recuei com nojo.

— Chega, não me toque!! — Disse firme. — Eu tenho nojo de você, nojo de te amar, nojo de ter te tocado algum dia. Acabou, Paloma! Acabou! Eu não serei mais um brinquedo em suas mãos. — Falei a olhando nos olhos. — Não me procure, meus advogados entrarão em contato com você — virei as costas saindo de lá, mas ainda consegui ouvir seu grito de desespero...



CAPÍTULO 10



LUA DE FEL

"A dor de se perder um grande amor é como a sensação de uma dose de morfina, onde há um vazio, um grande desespero. E a sensação de morte estando vivo".

Paloma

Eu estava desolada, Martim havia descoberto tudo. E foi da pior maneira possível. Por um momento pensei que ele me mataria. E enquanto vivesse, nunca esqueceria o ódio, a dor, a mágoa que vi nos olhos dele. Todo o amor e toda aquela paixão com que me

fitava tinham sumido. E eu era dilacerada ao saber que fui eu mesma que causei aquilo; toda aquela dor e mágoa foram por culpa de uma burrice minha. Eu o perdi, eu perdi o único homem que amei.

A porta do quarto se abriu e por um momento tive esperança que fosse Martim, mas não, foi mamãe que passou por ela e não meu marido.

— Ah, mamãe... — Engasguei com as palavras. — Eu sinto como se tivessem arrancado um pedaço da minha alma.

— Eu ouvi os gritos, não tinha ido embora, acabei vendo a cena lá fora. O desgraçado do Wallace fez questão de vir aqui acabar com a sua felicidade.

— Mãe, eu não sei o que fazer. Ele não vai me perdoar jamais.

— Olha para você, minha princesa, acha que se ficar chorando aqui nesse quarto vai resolver os seus problemas? Paloma, você é forte, eu te criei para ser forte, não se deixe ser destruída por ninguém. Muito menos pelo crápula do Wallace.

— Eu não tenho força, mãe, meu coração está doendo demais. Precisava ver o ódio que ele me olhou, as coisas que ele disse; não adianta, acabou, ele não vai me perdoar.

— Vem comigo. Vamos para o banheiro, você precisa de um banho, está horrível com essa cara inchada.

Mesmo relutante acompanhei-a até o banheiro me sentindo uma criança. No chuveiro acabei desabando, voltando a chorar

compulsivamente.

Minutos mais tarde eu estava sentada em frente ao espelho quebrado da minha penteadeira, minha mãe já tinha mandado as empregadas limparem o quarto.

Meire veio me trazer um chá de camomila, que tomei forçada e acabou não me fazendo bem, tive que correr para o banheiro e vomitar.

Me senti pior ainda, acabada, destruída, era assim que me via no espelho do banheiro.

— Você já tinha vomitado antes, Paloma? — Pergunta mamãe na porta do quarto me olhando estranho.

Penso que ela deve estar imaginando que eu estou fazendo isso comigo mesma, que eu voltei a ter as crises de bulimia.

— Não, mãe, é a primeira vez que vômito assim.

— Você por acaso não está grávida? — Pergunta, me surpreendendo.

— Não, mãe, infelizmente não.

— Mas você vinha fazendo o tratamento de fertilidade, tem certeza que não está mesmo grávida?

— Acho que é um castigo de Deus, eu não consigo engravidar, mesmo com os hormônios.

— Não diga besteira. Você não está sendo castigada, ainda não é o tempo certo, mas por hora temos outras preocupações. Tem alguma ideia de onde ele pode ter ido? — Ela pergunta notando que eu não parava de olhar para o relógio. Vendo as horas se

passarem e Martim não voltar.

— Acho que ele pode ter voltado para o apartamento ou ido para casa do Harry.

— Nós precisamos descobrir onde ele está, esperar ele se acalmar, e então, você tenta conversar com ele.

— Ele não vai querer me ouvir, mãe, ele me odeia.

Mamãe começa a andar pelo quarto recolhendo minhas coisas que estavam bagunçadas.

— Não. Ele não te odeia. Aquele homem te ama. Acha que eu o deixaria ficar com você se não tivesse a certeza de que ele ama você? Filha, ele pode estar com ódio, com raiva, mas ele te ama. Só precisa se acalmar ou de um empurrãozinho. — Diz ela pensativa e eu acabo me entregando ao sono.



Duas semanas depois, Martim ainda não tinha voltado para nossa casa, e pior, estava morando em um hotel no centro de Londres. Não atendeu nenhuma das milhares de ligações que fiz a ele. Alice e Guilherme tentaram me ajudar buscando conversar com ele, mas ele não quis nem recebê-los. Alice acabou deixando escapar que ele tinha se afastado do hospital. Harry ficaria em seu lugar na diretoria do mesmo. Quando descobri isso entrei em pânico, eu sei o quanto o hospital é importante para Martim, e se ele estava saindo dele só tinha uma explicação: ele iria voltar para a Escócia. E eu não podia deixar isso acontecer.

— Filha, você precisa comer alguma coisa, está muito abatida.

— Eu não tenho fome, Meire.

— Mesmo assim. Não pode ficar assim. Não sai desse quarto, só sabe chorar, não tem se alimentado direito. Você precisa estar forte para quando ele voltar.

— Ele não vai voltar, Meire. Eu o perdi. — Digo com a voz trêmula.

— Essa não é a garotinha forte que eu conheço.

Novas lágrimas inundaram os meus olhos e pisquei rapidamente, mordendo os lábios para não soluçar, agarrando ainda mais meu travesseiro, e respirando fundo.



Horas mais tarde, a porta do meu quarto abriu e mamãe entrou com sua postura de leoa feroz.

— Descobri algo importante. — Disse ela vindo até a cama.
— Levanta dessa cama, Paloma. Troca de roupa e vamos para o jardim. Você está péssima, passa um corretivo nesse rosto porque sua pele está horrível.

— Mãe, não quero sair do quarto. Me deixa aqui.

— Se você quer saber sobre o seu marido é melhor levantar e tomar café da manhã comigo no jardim — disse firme e eu acabei concordando.

Tomei um banho rápido tentando me sentir melhor, o que é

difícil. Vesti uma roupa qualquer e ignorei o que dona Inês disse sobre a maquiagem.

— Pronto, mãe, já estou aqui! — Falei e me surpreendi ao ver Verônica sentada no jardim com ela.

— Bom dia, Paloma. Você parece melhor. — Disse ela com um sorriso encorajador.

— Não minta, Verônica, eu estou péssima, mas isso não importa.

Me sentei de frente para as duas, olhando o belo jardim de nossa casa.

— Coma alguma coisa, você está pálida.

— Estou sem fome.

— Coma, porque não direi o que eu sei sobre seu marido antes que esteja bem alimentada.

A contragosto começo a comer um pedaço de bolo de maçã, e um pouco de melancia.

Quando me sinto satisfeita olho para as duas, que parecem preocupadas.

— Vamos, mãe, diga de uma vez.

— Tudo bem. Descobri que seu marido saiu da ONG. E se afastou do hospital porque pretende sair do país.

— Isso eu já imaginava.

— Espere. O que você não sabe é que ele se voluntariou para fazer parte dos Médicos Sem Fronteiras num país chamado Mali, no continente africano.

— O quê?! Como assim? — Perguntei completamente chocada.

— Isso mesmo, Paloma, e ele irá viajar para lá hoje à tarde. Eu sei que é muito rápido, mas só descobrimos hoje cedo que ele partiria.

— Eu não posso deixá-lo ir, me abandonar assim! Mãe, ele não pode ir!! — Pensei que não aguentaria mais chorar, mas novas lágrimas vieram aos meus olhos.

Verônica me surpreendeu quando veio me abraçar. Desolada murmurei:

— Eu o perdi! Eu perdi o amor da minha vida! Acabou, ele vai me deixar.

— Minha filha, ainda está longe do fim. Você não vai desistir agora, eu tive uma ideia. Não é o correto, mas é o que precisa ser feito.

— Não adianta, acabou. Ele vai embora e eu não posso fazer nada.

— Calma, Paloma, escuta o que sua mãe tem a dizer — falou Verônica voltando a se sentar.

— Eu consegui isso para você, entregue ao Martim e peça que ele fique. Duvido que ele vá embora deixando você grávida aqui.

— Grávida? — Pergunto confusa, mas então abro o envelope e vejo um exame de gravidez, me surpreendendo com o raciocínio de dona Inês.

— Será que isso irá funcionar? — Pergunto meio em dúvida.

— É a sua única chance, filha.

— Eu vou atrás dele. Se ele entrar naquele avião, eu vou atrás dele na África.

— Você é louca? Aquele lugar é um inferno, não é lugar para você! — exaltou-se mamãe.

— Paloma, isso é sério, é a pior crise de malária nos últimos tempos. Mali é um dos países mais pobres do mundo, você não imagina que tipo de coisa que acontece lá. — Diz Verônica tentando me alertar.

— Não importa, se ele não ficar, eu vou atrás dele. Se ele não me ouvir eu vou gritar até que ele ouça. — Disse decidida, com uma determinação que não tinha antes.

— Não dá mais tempo, Paloma, o voo é hoje e você precisa de um visto, nem sei se ainda tem passagem.

— Eu... Eu... Não posso desistir. Não posso deixá-lo ir! Não posso desistir do meu casamento assim! Não depois de tudo que já fiz para chegar até aqui.

Verônica parecia pensativa.

— Eu não quero você se enfiando naquele inferno, se ele não quiser ficar com você, o deixe ir. No final ele estará provando que não te merece! — disse mamãe com convicção.

— Mãe, é a minha felicidade que está em jogo. — Disse já decidida.

Conversamos por mais um tempo, mamãe a todo momento dizia que eu não deveria ir até Mali, mas eu apenas a ignorava. A minha mente só pensava em um plano para convencer Martim que eu o amava, que nós poderíamos dar certo, que me arrependo das coisas que fiz.

Verônica se despediu, mas antes de sair ela me abraçou e disse no meu ouvido:

— Eu vou te ajudar a conseguir o visto e a passagem, te mando uma mensagem mais tarde.

Cheguei a ficar animada com suas palavras, sorri para ela deixando uma pequena lágrima cair.

— Obrigada. — Me limitei a dizer.

Tentei me distrair até que mamãe fosse embora, mas minha cabeça latejava. Assim que ela se foi, corri até a cozinha para falar com Meire.

— Meire, preciso de você!

— O que foi, filha?

— Me ajuda a fazer as malas. Não tenho certeza, mas talvez eu tenha que fazer uma longa viagem. — Digo por fim.

— O que você quer levar? Para onde pretende ir? — Pergunta ela percebendo minha animação.

— Eu vou buscar a minha felicidade. Não sei quanto tempo vou ficar fora, mas me ajude a embalar o máximo possível.

Nós tivemos que chamar mais uma empregada para ajudar, e eu aproveitei e peguei as roupas de Martim que já estavam na

mansão. Embalei com cuidado, e peguei todas as minhas joias também.

Quando terminei já passava do meio-dia. No total eram sete malas. Eu ainda precisava ir ao banco, tinha que sacar algum dinheiro vivo.

— Meire, eu preciso ir pra não me atrasar. Preciso chegar ao aeroporto cedo pra conversar com Martim.

— Eu vou sentir sua falta, filha. — disse ela com lágrimas nos olhos.

— Eu também, você sabe que eu te amo muito. — a abracei apertado.

— Vá, querida, mas leve isto — disse ela tirando uma medalhinha de nossa senhora das causas milagrosas, que estava em seu pescoço e me entregando juntamente com uma bíblia de capa vermelha. Olho para ela estranhando o presente.

— Algo me diz que você vai precisar ser forte, filha. *Lembre-se, Jesus disse: pegue sua cruz e a carregue.* Saiba que estarei aqui para te dar colo, sempre que precisar.

— Obrigada, Meire, prometo que vou te ligar sempre que puder.

— Eu vou esperar ansiosa.

Stewart me ajudou a colocar as malas no carro e partimos para o banco.

Caminhava por entre as sepulturas tentando não chorar. Todas as vezes que vinha aqui sentia a mesma sensação de agonia, aflição. É como se, mesmo estando longe, ele pudesse me manter protegida. A dor estava escondida, guardada dentro de mim. Vê-lo aqui transformava tudo em realidade. Uma leve garoa começou a cair, e fiz o caminho que já conhecia de cor.

Fazia apenas três dias que estava na Escócia. Fiquei por quase dois meses viajando pela Europa. Essa temporada me fez bem. Acabei refletindo sobre muitas coisas, e uma delas foi a certeza de que Martim e eu nunca deveríamos ter nos submetido àquela promessa e nos casado. Agora, eu vejo claramente o quanto fomos imaturos. Eu fingi por muito tempo ser uma pessoa que não era. Primeiro, para agradar minha família, e depois, para ser a esposa perfeita para Martim. Eu olhava para ele e não o via ali, para mim era Logan comigo. Os mesmos cabelos loiros, os mesmos olhos azuis, mas não, ele não era o meu Logan. Era Martim.

O pior foi tudo ter acabado como acabou, ter sido traída duplamente. Primeiro por Martim, meu companheiro, amigo de todos os momentos; depois por Paloma, aquela em que aprendi a confiar, aquela a quem confidenciei meus segredos.

Não posso dizer que não pensei em Nick nesses últimos

dias, pois estaria mentindo. Nick se tornou figura constante nos meus sonhos. Eu tive que cancelar meu número de telefone, pois não aguentava mais receber tanta ligação. O que mais machuca é imaginar que tudo não passou de fingimento. Eu fui boba, caí feito um patinho no seu jogo de sedução. Machuca saber que depois de tanto tempo, após pensar que nunca mais amaria alguém como amei Logan, eu me apaixono e descubro que tudo não passou de uma mentira. Uma lágrima escorre pelo meu rosto, a limpo com cuidado e toco minha barriga.

Respiro fundo tentando ser forte e não desabar. Caminho pelo cemitério Ashton contemplando a beleza do lugar. Várias árvores ornamentam o belíssimo jardim. É bom saber que eles estão num lugar lindo como esse. Viro à direita, perto de um grande carvalho, e lá está o túmulo de mármore branco. Anjos decoram a parte de trás da sepultura e, ao lado, um pequeno túmulo guarda o fruto do amor que sentíamos; nosso filho está ao lado do pai, um cuidando do outro.

Paro em frente a lápide com seu nome. Logan McGregor Lancaster. Deslizo meus dedos por sobre as letras gravadas na pedra fria com as mãos trêmulas; posso vê-lo com os olhos do meu coração.

— Oh, Logan, você não imagina a falta que faz, eu me sinto tão perdida sem você aqui. — Falo não aguentando mais segurar as lágrimas. — Você estava errado, querido, Martim e eu não deveríamos ter ficado juntos. Me perdoa por ter sido burra e ter

aceitado esse casamento. Eu errei, tentei encontrar nele, você, mas isso é impossível. Só existiu um Logan e ninguém pode ser comparado a você. Eu sinto tanto por você não estar aqui. Você saberia o que eu devo fazer. Está doendo tanto! O que vai ser de mim e desse bebê? — Digo tocando minha barriga, onde guardo algo precioso. Coloco as flores que trouxe em frente ao túmulo dos dois; de Logan e do nosso bebê, que morreu antes mesmo de ter vivido.

Fiquei por horas naquele cemitério, tentando encontrar forças nas pessoas que mais amo na vida. Estranhamente eu me senti melhor, me senti em paz. Algo dentro de mim me dava a certeza que tudo daria certo. Este bebê em meu ventre era a minha segunda chance; eu viveria em função dele, o amaria mais que tudo.

Ligo meu carro indo até a casa de Maisie. Olho para as ruas de Edimburgo e sinto aquela sensação de estar em casa. Eu amo a Escócia. Penso no quanto me sacrifiquei ficando em Londres por dois anos. Estaciono na frente da casa da minha amiga louca, descendo do carro e em seguida tocando a campainha.

A ruiva de cabelos cacheados abre a porta vestindo um roupão de seda.

— Pela sua cara não foi fácil ir até lá — diz ela vendo meus olhos inchados. — Vem, Bia, vou preparar um chá para você.

Entro na sala aconchegante e sento no sofá creme, enquanto

ela vai até a cozinha.

— Pronto, isso vai te fazer bem — diz minha amiga, me entregando uma caneca fumegante de chá.

— Foi difícil, mas eu precisava fazer isso; precisa conversar com ele, mesmo sabendo que ele não está aqui. Sinto como se tivesse colocado um ponto no final nesse relacionamento.

— Você tá com saudade do moreno, né? Por que não liga para ele? Tentar ouvir o que ele tem a dizer! Dá para ver nos seus olhos que está apaixonada por ele.

— Você não entende. Nick é como um furacão imprevisível, eu nunca sei o que vai acontecer. Eu vivi a vida toda planejando cada passo que daria; Nick e eu somos muito diferentes. Ele é como uma força da natureza, totalmente imprevisível, implacável, eu me sinto intimidada perto dele. É como se eu não tivesse controle, e é isso que me assusta.

— Talvez esse tenha sido seu erro, Ana Beatriz. Achar que deve estar no controle de tudo, quando na verdade a vida é feita para ser vivida, e a melhor maneira é intensamente. Você me disse que sentiu uma conexão com ele desde o princípio, na galeria, antes mesmo do sexo maravilhoso. Que chegou a pensar em pedir o divórcio. Por que, então, não tenta escutar o que ele tem a dizer?

— Eu não estou pronta. Ainda não quero vê-lo, não sei qual seria a minha reação! Não depois do que descobri sobre ele. Como perdoar o fato dele ter se aliado àquela desgraçada para me humilhar!? Por mais que eu goste dele, não consigo ignorar esse

fato.

— Só quero seu bem, Bia, você sempre foi tão forte. Não deixe o sem vergonha do Martim acabar com você. Não imagina a vontade que eu tenho de arrancar as bolas dele pelo que fez a você.

Sorriso, sabendo que tenho a melhor amiga do mundo.

— Senti sua falta, sua louca.

— O que seria de você sem mim, *amore*?! Agora vamos espantar essa tristeza. Pensa no meu afilhado que está crescendo dentro da sua barriga. Tudo que você sente ele sente também.

— Tem razão. — Sorrio pensando no meu bebê, que mesmo tão pequeno já é tão amado.

— Sabe o que você precisa? — Diz ela com aquela cara de quem vai aprontar.

— Lá vem você!

— Você precisa transar, querida, mas como sei que está traumatizada depois do moreno do piercing... — diz ela me lembrando do detalhe que lhe contei sobre Nick.

— Eu estou grávida, Maisie. Que ideia!

— Sei disso, *amore*, mas você disse tudo: está grávida, e não morta! Você não precisa beber para se divertir! Vamos sair, ver gente nova, dançar, isso já vai te animar.

— Não sei se é uma boa ideia. — Falo meio ressabiada.

— Está decidido. Tem algumas roupas minhas que devem caber em você. Vamos, Bia, faz isso por mim, vai?

— O que eu não faço por você? — Digo me rendendo, pois

sei que ela vai insistir até eu cansar e aceitar.



Horas mais tarde, Maisie e eu entrávamos na casa noturna Whistle Binkies. Eu vestia um conjunto bem justo, que não era exagerado, mas me sentia bonita, me sentia mais jovem. Meus cabelos soltos e escovados davam um toque sensual. Hoje eu queria esquecer aqueles olhos castanhos. Não aguentava mais acordar no meio da noite gemendo, chamando por ele. Precisava dar um rumo à minha vida, e para isso eu precisava me desligar do passado, pensar apenas em mim e no bebê dentro da minha barriga.

— Vamos, amiga. — Diz Maisie me puxando até a pista de dança.

Dançamos juntas como havia muito tempo não fazíamos. Sorri pensando que deveria fazer isso mais vezes. A música “Metaphor” do Alok circulava pelo meu corpo. Alguns caras tentaram se aproximar, mas fiz questão de deixar claro que não estava ali para isso.

— Eu vou pegar uma bebida para mim. Quer alguma coisa?
— Pergunta Maisie.

— Uma água com gás. — Digo sem fôlego.

— Pode deixar.

Estava de olhos fechados dançando quando senti minha pele se arrepiar. Em seguida, braços fortes me rodearam. Eu estava pronta para mandar o engraçadinho ir à merda, quando vi que era

Nick ali parado em minha frente, me puxando para ele.

— Ni-ck... — Gaguejei assustada.

— Você não pensou que ia fugir de mim para sempre, né, Ana?

— O que você está fazendo aqui?! — Rosno me recuperando do choque de vê-lo depois de dois meses.

— Eu vim atrás de você, Ana. Vim porque não aguento mais ficar longe de você. Nós precisamos conversar.

— Eu não tenho nada para falar com você! — Digo virando as costas tentando sair de perto dele.

— Ana, por favor. — Diz ele me seguindo.

— Eu não vou cair na sua conversa, Nick. Vai embora! Você não me engana mais! Chega de ser feita de trouxa por você e pela sua amiguinha.

— Ana, me escuta, vamos conversar.

— Some daqui! Não está vendo que eu estou seguindo em frente? Eu estou sendo livre. Uma vez na vida eu quero curtir a noite, e longe de você!

— Você pode curtir comigo. Esses caras estão babando no seu decote! Que roupa é essa? Você nunca foi de vestir roupa de vadia! — Não esperei ele dizer mais nada e acertei minha mão em sua cara, dando um tapa tão forte que ele virou o rosto com o impacto.

— Ah, bebê... Você não deveria ter feito isso. — Diz ele sorrindo de maneira fria. Dá um passo em minha direção, e dou

outro para trás esbarrando em alguém. Nick me olha como se fosse me engolir toda. Ele me puxa pelo braço, me pondo sobre suas costas.

— Me solta, seu desgraçado! Me coloca no chão! — Grito estapeando suas costas.

— Calada, senão eu vou ser obrigado a estapear sua bunda.

— Desgraçado! Eu não vou a lugar nenhum com você!

Nick ignora meus protestos e continua caminhando até a saída da casa noturna. Só me coloca no chão quando chegamos ao estacionamento.

— Me larga, seu maldito!! — Grito enfurecida.

— Não é que a dondoquinha sabe falar palavrão? Vamos lá, Ana, você consegue fazer melhor!

— Seu babaca, arrogante, metido a galã!

— Humm, estou gostando de ver. O que mais, minha linda? Você fica linda demais quando está brava. — Diz ele me puxando para os seus braços e me surpreendendo quando ataca minha boca. Tento resistir, protestar, me afastar do seu toque, mas é inevitável. Me torno uma marionete em suas mãos. Sua boca devora a minha e eu gemo em resposta correspondendo. Nosso beijo é pura angústia, tristeza, saudade, dor; tudo misturado.

— Eu não posso, Nick, por favor, vai embora.

— Eu te amo, Ana! Você pode não acreditar, mas eu amo você! Não me afaste! Me deixe provar a você que o que sinto é verdadeiro, que nós podemos dar certo!

— Eu não confio em você e não estou pronta para embarcar em nada, Nick. Eu preciso cuidar de mim neste momento. — Digo firme.

Ele, porém, me puxa para seus braços e beija meus cabelos. Por ele ser bem mais alto do que eu, meu rosto fica em seu peito.

— Eu sinto muito se te magoei. Eu quero te explicar tudo, te contar a minha versão do que aconteceu, mas não agora, não aqui. — Disse olhando para a minha boca. — Agora, eu só preciso fazer isto.

Ele beija novamente meus lábios, diferentemente do primeiro beijo; esse era mais intenso. Sua ereção roçou meu corpo, me deixando excitada. Meus seios já estavam duros de tesão, os hormônios da gravidez não estavam ajudando.

Nick foi beijando meu pescoço, dando mordidas suaves. Com as mãos ele passeia por minha coluna até chegar à minha bunda. Eu só sei gemer extasiada. Ele me pega no colo, e eu cruzo minhas pernas em sua cintura, jogando a razão dentro de uma caverna e me entregando ao desejo que me consome. Foi muito tempo sonhando com seu toque. *Eu preciso dele dentro de mim, nem que seja pela última vez.* — Tento me enganar.

Nick me leva até o seu carro, o percurso até o hotel passou que eu nem vi. Quando dei por mim, nós já estávamos nos atacando no elevador.

Ele segura a minha nuca e começa a me beijar novamente, sinto sua língua invadir minha boca e gemo, me esfregando nele.

Nick me empurra para a parede do elevador e abaixa as alças da minha blusa, atacando meus seios mesmo sobre o sutiã, me deixando arrepiada.

— Você é a mulher mais linda que já vi. Porra, eu parecia um morto sem você! — Ele diz sem parar de beijar meu pescoço.

O elevador apita no nosso andar, e tento me recompor, o que é meio difícil.

O clima de luxúria toma conta de nós dois, e é inevitável não pensar no quanto a química entre nós dois é forte.

Entramos no quarto e percebo que é um quarto modesto, nada comparado ao luxo a que estou acostumada, mas isso não importa mais para mim.

Ele se senta na cama, e eu fico parada em sua frente. Seu olhar é de pura lascívia.

— Vem aqui, vem, amor. — Diz ele indicando para que me aproxime.

Caminho até ele totalmente afetada. Nick me vira de costas para ele e começa a descer o zíper da minha saia, para logo em seguida arrancar minha blusa, me deixando apenas de lingerie.

— Vire-se! — Ordena a mim. Obedeço sem pestanejar.

Ele segura os meus dois seios por cima do sutiã e beija entre eles me fazendo gemer alto. Depois, leva as mãos até o fecho do meu sutiã na parte de trás e o abre. Meus seios saltam para fora e seus olhos me devoram, como se eles fossem a fruta mais deliciosa que ele já degustou.

Nick me pega em seus braços, me deita sobre a cama e começa a tirar sua roupa, ficando completamente nu em minha frente. Eu quase enlouqueço só de ver seu pau duro, pronto para mim. O piercing que ele tem na cabeça do pau o deixa ainda mais bonito. Sua pele bronzeada, seu corpo malhado, seus cabelos bagunçados, com pinta de bandido; tudo nele me atrai como um ímã.

Olho para seu pau ereto, grosso e pulsante em minha frente e lambo meus lábios com um desejo enorme de chupá-lo; e é o que faço. Me ajoelho no chão, bem aos pés dele, e levo as minhas mãos até o seu membro, envolvendo-o com meus lábios e sentindo seu gosto característico, levemente doce, levemente salgado. Relaxo minha garganta o levando profundamente, enquanto minha língua brinca com o piercing.

— Como senti sua falta, amor, não via a hora de estar assim com você — diz entre gemidos.

Acelero os movimentos quando sinto seu pau estremecer na minha boca, mas Nick me interrompe.

— Não quero gozar na sua boquinha, eu quero sentir sua boceta gostosa me apertando. — Diz ele me levantando, só para me jogar na cama em seguida. — Quero sentir seu mel gostoso, quero você gozando, gemendo meu nome! — fala ele arreganhando minhas pernas e dando um tapa forte na minha boceta encharcada.

Nick sorri vendo meu estado, e então começa a beijar as minhas duas pernas, uma de cada vez, até chegar a minha boceta.

Quando chega à minha intimidade, ele me olha mais uma vez e sorri malicioso. E então, a chupa com gosto, mete a língua dentro e sorri soprando, em seguida, com um dedo ele vai me penetrando enquanto brinca com meu clitóris.

— Oh, Deus, Nick. — Digo em meio aos gemidos de prazer.

Sinto-o morder meu clitóris, e então eu gozo gemendo alto, puxando os lençóis da cama. Nick não para de chupar e lambe cada pedacinho meu, me deixando louca de desejo.

— Eu amo você, Bia, e irei te provar isso — diz com a voz rouca.

Não tenho tempo nem de processar o que ele fala, pois logo ele mete seu pau grosso dentro de mim. Só deu tempo de dar um gemido rouco.

— Oh, amor! Que saudade dessa bocetinha. Amo estar dentro de você! Poderia morrer nesse momento! — fala me beijando mais uma vez.

Nick soca seu pau com força, me deixando trêmula; arranho suas costas gozando mais uma vez. Ele não para. Chupa meu pescoço, e nossos gemidos enchem o quarto. Me contorço embaixo do seu corpo me sentindo cada vez mais quente.

— Vem, meu amor, goza comigo, vem...

Sinto meus olhos enchendo de lágrimas e desabo no precipício de um orgasmo arrebatador. Nick vem junto comigo gozando forte, me enchendo com seu gozo. Nossas testas suadas se

tocam e olho para ele totalmente sem fala. Foi perfeito, inacreditável.



Acordo desorientada. A memória de tudo o que aconteceu na noite passada vai vindo aos poucos. Abro os olhos e dou de cara com um buquê de rosas laranjas, que Nick segura sorrindo para mim.

— Bom dia, meu amor, você fica linda ao acordar — diz ele me olhando intensamente. Puxo o lençol para cobrir meu corpo. Tento ignorar o desconforto no meio das minhas pernas, a noite realmente foi intensa.

— Que horas são? — Pergunto preocupada.

— Ainda é cedo, são oito horas. Nós temos tempo para tomar café da manhã e depois podemos conversar.

Me levanto rápido e procuro minhas roupas, não me preocupando em tomar banho.

— Calma, Ana. Vamos tomar café primeiro. Eu pedi tudo que você gosta — fala ele como se tudo estivesse normal entre nós dois.

— Acho que você não está entendendo, né, Nick? Eu estou indo embora. O que aconteceu ontem à noite foi um erro que não vou voltar a repetir.

— Você está brincando, Bia?! Eu sei que você está chateada. Eu errei, mas prometo reparar os meus erros! Eu só

preciso que me dê uma segunda chance.

— Chance, Nick? — Sorrio de maneira fria. — Não existe segunda chance para nós dois! Eu não posso esquecer o que você fez. Você me usou, e mesmo que o sexo entre nós dois seja ótimo, isso não apaga o que fez.

— Ana, nada disso foi apenas carnal.

— Nick, aprendi muitas coisas com você, e uma delas é não confiar nos homens. Isso aqui foi sexo, eu queria, você queria e pronto. Não precisa de drama sobre isso.

— Eu não estou reconhecendo você.

— Prazer, eu sou Ana Beatriz Gouveia. Uma mulher que aprendeu da pior forma possível a se amar.

Daloma

Meu segurança acelerava pelas ruas congestionadas de Londres. Eu já havia sacado uma grande quantia da minha conta. Arturo me ligou na hora preocupado, e tive que inventar uma desculpa qualquer que queria comprar um carro novo e talvez fosse viajar para a Itália na semana da moda. Ele pareceu desconfiado, contudo, ele não podia saber o que eu estava prestes a fazer, senão seria capaz de mandar descer o avião para que eu não fosse à África.

Stewart buzina para um carro parado em nossa frente,

precisávamos chegar ao aeroporto a tempo de falar com ele. Se isso não funcionasse, eu precisaria embarcar junto no mesmo voo dele. Eu não ia perder o amor da minha vida assim.

Sabia que podia estar cometendo mais um erro, mas não podia deixá-lo ir assim, não sem ao menos tentar.

— Chegamos, senhora. — Diz Stewart, estacionando no aeroporto.

— Você pode me ajudar com as malas? — Falei, pensando que talvez eu tenha exagerado ao trazer sete malas para essa viagem. Agora era tarde para me preocupar com isso. Carreguei uma em cada mão e meu motorista distribuiu o restante em dois carrinhos.

Corri até o portão de embarque. Verônica me mandou uma mensagem avisando que já estava no aeroporto.

Não demora muito para que eu veja minha cunhada, é estranho pensar que agora nos damos bem, ainda mais depois de tudo que aconteceu, mas não posso evitar pensar que não estaria aqui se ela não estivesse me ajudando.

— Que bom que chegou. A primeira chamada já aconteceu, eu o vi indo até o check-in.

— Obrigada por estar fazendo isso por mim, Verônica.

— Você sabe que Arturo vai ficar uma fera quando descobrir o que eu fiz, né? — Fala ela preocupada.

— Eu sei, mas meu irmão te ama, não vai ficar com raiva por muito tempo. Estou indo atrás da minha felicidade.

— Tudo bem, não temos muito tempo. Aqui está o passaporte e a passagem. Eu torço para que vocês consigam se acertar e você seja feliz, Paloma. Eu já estive na sua pele e sei o quanto é desesperador perder o amor da sua vida, então, lute por ele.

— Mais uma vez obrigada, Verônica. Eu jamais vou esquecer o que está fazendo por mim. — Me despedi dela e fui apressadamente até a área de check-in.

Stewart me ajudou a levar as malas para o despacho. Após pagar pelo excesso de bagagem, me despedi dele e corri desesperada com meus saltos agulha até a sala de pré-embarque, segurando minha bolsa em uma mão e na outra a bagagem de mão. Me desesperei quando ouvi pelo alto falante o anúncio que seria a última chamada para o voo para a Nigéria com conexão para Mali. Acelerei o passo e consegui entregar os documentos para o fiscal.

Entrei na sala de pré-embarque e notei que estava cheia. Olhei ao redor procurando meu marido e o encontrei conversando com uma morena peituda que sorria cheia de mãos para cima dele.

— Martim! — Digo firme, chamando a sua atenção.

Ele se virou para mim e o sorriso que estava em seu rosto morreu na hora.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntou frio, dando dois passos em minha direção.

— Eu vou com você.

— O quê?! Você está louca, Paloma? Eu já pedi para o meu advogado resolver nossa situação. Eu não quero discutir com você agora, estou embarcando para uma viagem humanitária.

— Não era o que parecia. Você está cheio de sorriso para a morena ali. — Falei furiosa.

— Ela é a médica novata, mas isso não é da sua conta! Vai embora, Paloma! Não estou com paciência para lidar com você!

— Eu não vou embora!! Eu vou entrar nesse avião e você estará ao meu lado! — Digo com uma firmeza que não sentia.

— E por que você acha que vou aceitar isso? — Perguntou passando as mãos pelos cabelos visivelmente nervoso.

— Isso! — Digo entregando-lhe o envelope do laboratório.

Martim olhou desconfiado, mas pegou, abriu o envelope e começou a ler.

Observei atentamente sua fisionomia mudar. Ele evitava olhar para mim, como se eu nem estivesse no mesmo lugar que ele. Mas eu o observava desesperadamente, reparando em cada detalhe de sua beleza masculina, sua expressão fechada. Mordi os lábios cheia de sofrimento e vontade de chorar. Eu o amava tanto que doía demais receber sua completa indiferença.

— Grávida? Você está grávida? — Fala com voz dura olhando para a minha barriga.

— É muito recente, mas o resultado é incontestável! Você não pode me deixar aqui!

— O que me garante que esse filho é meu? — Questiona

revoltado.

Sinto como se tivesse levado um tapa. Dou um passo para trás e olho bem para ele. — O filho é seu e você sabe disso! Você tem duas opções: ou você fica aqui ou eu vou com você! Eu ainda sou a sua mulher e você não pode me largar aqui grávida do seu filho.

— Eu não quero você perto de mim, estou tentando me livrar de você! — Diz revoltado, atraindo a atenção das pessoas.

— Você não pode me deixar assim.

— Você sabe para onde eu estou indo, Paloma, lá não é lugar para você!

— Eu não me importo, desde que eu fique com você nada mais importa! Prefiro viver e perder do que não ter vivido nada. Se você entrar nesse avião e me deixar aqui eu morrerei. Por favor, me deixe ir com você.

— Você armou tudo, né, Paloma? Esse é mais um joguinho seu pra me obrigar a ficar com você? Você sabe que jamais deixaria um filho meu abandonado, sem um pai.

— Então, você já sabe o que tem que fazer.

— Você vem comigo, Paloma, mas não pense nem por um segundo que sua vida será boa. Eu te desprezo. Já não sou mais o otário que você conheceu. Se você for, saiba que será nos meus termos, as coisas serão do jeito que eu quiser. Entre nós dois só existe essa criança, nada mais.

Engoli em seco olhando para ele, que me olhava com ódio.

Nada mudou, ele ainda me odeia, mas talvez com o tempo eu consiga fazê-lo me perdoar. Martim verá meu amor; eu sei que ele me ama. Pode estar magoado, mas ainda me ama.

— Eu vou com você, não importa o que aconteça! — Digo firme, assinando ali a minha sentença. Embora algo dentro de mim me dissesse que eu deveria voltar atrás, que não deveria ir. Mas o amor me deixava cega e eu nem reparei que meu subconsciente já me avisava que eu estaria me metendo num inferno.



CAPÍTULO 11



MALI: O COMEÇO DO PESADELO

**“O bom da vida é que ela dá voltas, nos permitindo
reviver os acertos e corrigir os erros.”**

Paloma

Dentro do avião com destino à Nigéria, digitei uma mensagem para o meu irmão, sabia que precisaria acalmá-lo. Ele sempre foi protetor, sempre me tratou mais como uma filha do que como sua irmã. Era capaz de ele vir atrás de mim na África apenas para me levar de volta para Londres.

“Querido Arturo, nem sei como começar isso, sou péssima com despedidas. Espero que não me odeie, mas decidi que vou atrás do homem da minha vida. Não pude falar com você pessoalmente porque me faria mudar de ideia. Martim está indo para Mali, não posso perder meu marido. Eu vou lutar por ele da mesma forma que você lutou pela Verônica. Quero que saiba que eu te amo muito. Você é o melhor irmão que eu poderia ter. Nunca irei esquecer tudo que já fez por mim, mas, por favor, não me impeça de ser feliz. Eu o amo e serei feliz estando ao lado dele, não importa onde eu esteja. Prometa que não virá me buscar, eu juro que te mantereii informado. Você sempre foi meu super-herói. Dessa vez, meu irmão, eu preciso lutar minhas próprias batalhas,

preciso ir em busca do meu ‘felizes para sempre’.

“PS: Diga a Alice que mesmo não sendo a irmã que ela merece, eu a amo muito! Prometo que assim que puder ligarei para mamãe para não deixá-la preocupada. E não me odeie, estou fazendo o mesmo que você, lutando pelo amor! Te amo. Paloma Cartier Lancaster.”

Foi difícil não deixar uma lágrima escorrer. Continuei digitando para Alice. Eu sabia que estava sem sinal, mas assim que pousássemos eles receberiam as mensagens.

Depois de ter enviado as mensagens, tentei dormir um pouco. Tentei me aconchegar na cadeira e acabei esbarrando em Martim; aquela mesma corrente elétrica passou pelo meu corpo. Olhei para ele, que fingiu que não sentiu nada e continuou olhando para aquele maldito celular. Bufei irritada e fechei os olhos, tentando dormir, mas não consegui.

O voo era de classe média e a companhia era péssima — acho que a pior que existe. Fiquei assustada com o tipo de pessoas que estavam viajando na classe econômica. Até tentei falar com a comissária de bordo, quis trocar minha passagem para a primeira classe, mas bastou um olhar de Martim para que me calasse.

A comida era péssima, não tive coragem de comer. Martim comeu calado, falando com alguém no celular. Tentei olhar o seu celular para ver com quem tanto falava, mas ele o desligou quando percebeu meu olhar. Um bebê chorava sem parar, e minha cabeça

já estava doendo. Nunca na minha vida imaginei viajar numa condição dessas.

Tivemos que fazer duas escalas, parecia uma viagem interminável. Minhas pernas já estavam doendo de tanto ficar sentada nessas poltronas horríveis.

Já há dozes horas sem dormir, com o corpo cansado, enfim desembarcamos no aeroporto. Respirei aliviada quando pude comer alguma coisa decente no restaurante do aeroporto. Descobri que Mali foi colônia francesa e por isso aqui se fala francês, o que me ajudaria muito, já que sou fluente no idioma.

Martim conversava com a equipe de médicos e eu me sentia deslocada. Era a única fora da área. Ele também não fazia nenhuma questão de me incluir na conversa.

Comi em silêncio e ao sentir meu celular vibrar, pedi licença a todos na mesa e fui até o banheiro. Olhei para as chamadas de Arturo e de mamãe. Respondi apenas com uma mensagem.

"Eu estou bem, já cheguei em Mali. Estou muito feliz, não se preocupem comigo, amo vocês!"

Me olhei no espelho e vi que estava pálida, com olheiras terríveis. Peguei a minha necessaire e escovei os dentes. Retoquei a maquiagem, dei um jeito no meu cabelo. Me sentindo melhor e mais confiante, saí do banheiro, dando de cara com Martim com ar de poucos amigos.

— Vamos! Nós temos que pegar as malas e colocar no

carro. A viagem vai ser longa. — Falou ainda sem olhar para mim.

— Cadê o resto do pessoal? — Perguntei, notando que não havia ninguém junto com ele.

— Eles já foram de van, eu aluguei um carro. Só precisamos pegar suas coisas. — Resmungou ele.

Fomos até a ala do desembarque das malas, onde a esteira já havia parado e restavam apenas poucas malas, a maioria já havia sido retirada enquanto comíamos. Comecei a identificar as minhas enquanto andava em direção a um carrinho.

— Aquela lá. — Apontei para uma. Martim a recolheu enquanto eu pegava outra, e já estava saindo com as duas quando eu disse:

— Falta o resto. — Ele me olhou irritado.

Ele me ajudou a pegar todas, e a cada nova adição Martim ficava mais puto.

— Você é louca? Sete malas? Para onde pensa que está indo? As pessoas mal têm o que vestir e você vai chegar lá esbanjando suas roupas de grife? — Disse grosseiro, olhando toda minha bagagem.

— Eu não sabia o que trazer, desculpa. — Falei envergonhada.

Martim carregou a maioria das minhas malas, e também a única que ele mesmo havia trazido. Já na porta do aeroporto, ele se virou e disse sem nem me olhar:

— Espere aqui, Paloma. Vou buscar nosso carro.

E partiu com o carrinho contendo nossa bagagem, me deixando ali plantada. Como faz calor nesse lugar, mal cheguei já começo a suar.

— Senhora, precisa de ajuda? — Falou um menino simpático em francês.

— Nossa, obrigada. Eu preciso sim, me ajuda a levar isso?
— Indiquei a enorme mala preta que estava comigo.

— São cinco francos. — Ele respondeu.

— Eu não tenho o seu dinheiro, mas tenho euros — disse mostrando uma nota de cinquenta euros para ele. Seus olhos brilharam quando viu a nota, que pegou animado, me fazendo sorrir.

O menino começou a andar ao meu lado, na direção em que Martim havia ido, mas de repente desatou a correr, levando minha bagagem consigo.

— Ei! Volta aqui! A minha mala! — Gritei desesperada, tentando correr atrás do moleque ladrão, mas estava de salto alto e me cansei na metade do caminho. O infeliz parecia um atleta das olimpíadas, correu feito louco com minha mala cheia de sapatos caros.

Bufando frustrada, descabelada e suando em bicas, procurei por Martim, até que o encontrei vindo em minha direção.

— Onde você estava, Paloma? Eu disse pra me esperar na porta!

— Um moleque roubou a minha mala. Nós precisamos ir à

polícia, eles têm que encontrar ele.

— Não temos tempo para isso. Vamos.

— Mas, Martim, você não pode deixar isso assim. Ele me roubou. Um maldito marginal roubou as minhas coisas.

— A culpa é sua. Não deveria ter confiado sua mala a um estranho. E quem mandou trazer tanta coisa? Vamos, que não temos tempo.

Putá da vida, caminhei junto com ele até o carro, e qual foi a minha surpresa ao ver um jipe velho, vermelho, enferrujado.

— Esse é o nosso carro? Tem certeza? — Perguntei confusa.

— Era o único que tinha, então, não reclama. Não sou obrigado a ter que passar as próximas doze horas com você reclamando. Entra no carro que vou guardar suas coisas.

Não sei como, mas Martim conseguiu acomodar toda nossa bagagem naquele carro velho. Eu não dizia nada, apenas observava.

— Comprei isso para você. — Diz ele me entregando uma sacola de plástico. Sorrio pensando se tratar de um presente para mim, mas murcho quando vejo um repelente e um protetor solar fator setenta na sacola.

— Obrigada. — Respondi desanimada.

— Para onde vamos está tendo um surto de malária, você precisa usar o repelente até tomar a vacina. Não quero ter trabalho com você doente, ainda mais na sua condição. — Disse amargo e

eu engoli a vontade de chorar.

No caminho para a cidade de Timbuktu naquela estrada esburacada, um calor dos infernos, pensei muito no que havia feito e no custo para conquistar o homem que amo. Martim ainda me ignorava, ele não olhava mais em meus olhos, parecia odiar olhar para mim. Não entendi porque nós não fomos junto com os outros médicos e enfermeiros. Mas também não quis questionar e vim o caminho todo calada, presa em meus pensamentos.

O carro fez um movimento estranho e depois parou. Olhei para Martim, que parecia irritado. A chuva da noite anterior havia transformado a estrada de chão em lama vermelha e o calor era infernal. Eu já nem sentia minhas pernas por estar há tantas horas dentro desse carro.

— O que aconteceu? Por que paramos?! — Perguntei estranhando ele parar aqui no meio do nada.

Martim não respondeu, apenas desceu do carro bufando. Abriu o porta-malas pegando lá um estepe e chave de roda. Aproveitei o momento para descer do carro e esticar minhas pernas, mas assim que coloquei os pés para fora, me arrependi imediatamente.

— Não! Não acredito que pisei na lama! — Falei horrorizada, ao ver meu lindo sapato Gucci sujo de lama. Meus pés estavam mergulhados numa gosma vermelha.

— Martim, me ajuda! Eu estou afundando nessa lama!! — Grito desesperada ao ver o estado dos meus pés.

— Se vira! Não mandei descer do carro.

— Eu estou morrendo de calor, não aguento mais ficar dentro desse carro!! Você ao menos poderia ter alugado um com ar. Tenho certeza que fez de propósito apenas para me torturar com esse calor.

— Eu não te obriguei a vir comigo, eu não te queria aqui!

— Disse ele retirando o pneu furado do jipe.

Engoli o nó que se formou em minha garganta. Eu tinha vontade de responder que ele é meu marido e que devia estar com ele onde quer que ele fosse. Mas no momento ele está muito ferido, muito machucado e nada que eu dissesse ia fazê-lo me entender.

Tentei limpar meus pés com a garrafa de água que Martim levava dentro do carro. O calor me deixava exausta, parecia que nunca íamos chegar nessa maldita cidade. Eu mal cheguei à África, mas já odeio esse lugar.

— Pronto, entra no carro que a viagem é longa. — Falou Martim terminando de guardar o estepe furado.

— Ainda falta muito para chegar? Estou exausta e preciso de um banho, também sinto fome.

— Ainda faltam cinco horas para chegarmos à cidade, e depois são mais vinte minutos dentro da reserva.

— Eu estou cansada, Martim, já não aguento mais ficar dentro desse carro, esse lugar parece um inferno de tão quente!

— Você quis vir, mesmo sabendo que seria nas minhas condições, então não reclame! — Praticamente jogou as palavras

na minha cara. Me segurei para não chorar, ele nem mesmo se importa comigo.

Voltei para o carro magoada, coloquei o cinto e fechei os olhos me preparando para aguentar mais cinco horas dessa tortura. Tentei adormecer, para que quando acordasse eu já não estivesse vivendo esse pesadelo.



Quando o carro enfim parou, gemi aliviada. Que dor nas costas! Martim nem abriu a porta para mim, apenas desceu do carro, me ignorando por completo.

Minha pele estava queimada do sol, nem o protetor solar que Martim comprou para mim deu jeito. O calor aqui é forte demais, e em Londres estava frio, o que teve um efeito terrível no meu corpo.

— Você deve ser o doutor Martim Lancaster. Eu sou Ibrahim Menschen, o prefeito da cidade. Vocês demoraram muito.

— Sim, nós viemos de carro.

— De carro são dozes horas, por que não vieram com os outros integrantes da equipe de helicóptero?

Olho para Martim chocada. Ele fez de propósito só para me castigar! Poderíamos ter vindo de helicóptero! Eu estou horrível, cansada, cheia de poeira no rosto, com a pele queimada, os olhos vermelhos do clima seco e da falta de sono. Mas é óbvio que ele não pensou no meu conforto; fez isso para me ferir.

— Minha esposa queria conhecer a paisagem, por isso preferimos o caminho mais longo. — Ele disse me olhando de uma forma irônica e ameaçadora.

— Certo. — Diz o homem com estranheza.

— Muito prazer, senhora Lancaster. É muito bonita. Deve realmente amar o seu marido para vir com ele a um lugar como esse. É inglesa, e os ingleses têm uma vida bem diferente da nossa aqui em Mali.

— Sim, eu o amo muito e o seguiria para qualquer lugar que fosse. — Respondo e abraço Martim, que corresponde com frieza.

— Bom, doutor, o senhor será o chefe do hospital. Vicente conhece bem como estamos funcionando e lhe ajudará na transição.

Eu não dizia nada, apenas fiquei observando a cidade. Eu nunca tinha visto um lugar como esse, parecia mais uma vila do que uma cidade. Muito rústica, com casas de madeira e palha, das quais poucas eram feitas de tijolos. Algumas crianças brincavam na rua e algumas mulheres vendiam alimentos diversos.

Tudo era muito estranho e curioso. Fiquei pensando em onde ficaríamos e por quanto tempo Martim pretendia viver nesse lugar.

— A casa que você pediu já foi preparada, mas infelizmente não tivemos tempo de mandar uma das mulheres limparem antes que vocês chegassem. Já mandei o meu capataz ir buscar um gerador de força e amanhã provavelmente vocês já terão luz

elétrica. O melhor seria por hoje vocês dormirem na cidade, a minha casa está à sua disposição. — O prefeito me olhou como um animal faminto, e eu olhei para Martim com uma expressão assustada.

— Eu agradeço, mas minha mulher veio a viagem toda falando do quanto está empolgada com a casa na reserva, é melhor irmos para lá o quanto antes. — Ele fala com ironia, porém o prefeito parece não notar.

Olho para ele horrorizada, não acreditando que ele disse isso. A tal casa nem energia elétrica tem. Meu Deus, Martim só pode estar querendo me matar...



Seguimos o carro do prefeito pelas escuras estradas de terra no meio da mata. Em menos de meia hora, estacionamos em frente a um casebre abandonado horroroso, bem no meio do mato e cheio de insetos. Olho para meu marido, sem conseguir acreditar,

— Não se preocupe, senhora, não está tão feio por dentro.
— Diz o homem indicando a entrada.

— Eu não vou viver aí. — Digo só para Martim ouvir.

— Estará fazendo um favor para mim se for embora. —
Responde me olhando com um sorriso frio.

Enfio a vontade de correr dali goela abaixo e caminho em direção ao prefeito, ignorando o idiota atrás de mim.

— A casa tem dois quartos, e a sala fica junto com a cozinha; o banheiro fica do lado de fora da casa, vocês terão que tomar banho ali. — Diz ele apontado para um pequeno quadrado de madeira que ele chama de “banheiro”. O local é nojento e tem um odor desagradável, além disso, parece um cenário de filme de terror.

— Não se preocupem, tem água encanada. — Meus olhos se arregalam. Isso só pode ser brincadeira, Martim não seria capaz de fazer isso comigo.

Ele pega um molho de chaves, destranca a porta e dá espaço para eu entrar.

Com suor escorrendo pela minha espinha, dou um passo para dentro da casa velha e não me surpreendendo ao ver o quanto ela é escura e fede a mofo. Os móveis estão velhos e quebrados, a casa parece abandonada há anos, se é que se pode chamar esse muquifo de casa.

— Eu trouxe colchões e roupa de cama novos, já que os antigos proprietários morreram de malária, é melhor se precaver.

Olho para Martim estarecida. Ele apenas sorri, enquanto eu quase morro me controlando para não correr daqui ou arrancar o pescoço dele.

O prefeito parece notar o meu pânico e se adianta:

— Eu vou mandar uma das mulheres da vila fazer uma limpeza e trazer alguns utensílios para vocês, mas o meu convite ainda está de pé. Vocês podem ficar na minha casa, minha esposa

Kadish vai amar ter companhia.

Estava pronta para aceitar quando Martim se adiantou.

— A casa está ótima, né, meu amor? E quanto à ajuda, não se preocupe. Minha esposa é toda sistemática, não gosta de pessoas estranhas mexendo nas coisas dela. Aposto que ela mesma vai querer cuidar da casa. — Ele disse enquanto eu tentava conter a vontade de voar a mão na cara dele.

— Eu mesmo vou comprar tudo que precisamos, não precisa se incomodar com isso. — Diz Martim sorrindo ao prefeito, tentando fingir que está tudo bem.

Fico estática, em pé no meio da sala, enquanto Martim e o prefeito descarregam as coisas. Ainda não consigo acreditar que Martim está mesmo fazendo isso comigo.

O tal prefeito se despediu de nós dois e saiu, prometendo esperar Martim amanhã na cidade para começar o trabalho.

Martim volta carregando algumas sacolas e coloca tudo na sala ignorando a minha presença.

— Martim, isso é brincadeira, né? Nós não vamos ficar aqui? — Pergunto com uma expressão de sofrimento e ele parece se divertir com minha dor.

— Você é burra ou o quê? Não tá vendo que é aqui que vamos morar? — Diz ele pegando as malas e levando para um quarto.

— Martim, olha para mim, droga! — Grito ficando fora de mim.

— Chega, Paloma, o que mais você quer de mim? Já não basta ter me obrigado a te ter aqui? — Fala com tanta raiva que não aguento e começo a chorar.

— Você não pode fazer isso comigo!

Martim me ignora totalmente e começa a levar todas as minhas coisas para o quarto.

— Acho melhor você começar a se acostumar, princesa, porque aqui não é Londres. A vida é dura neste país. Nós não teremos empregados, e esta é a sua casa até eu descobrir se o filho que espera é meu. — Ele me olha com cara de nojo.

— Como... Como... Você pode falar isso? — Digo muito magoada.

— O que foi? Acha que vou ser burro o bastante e acreditar na sua palavra? Não, Paloma, eu não sou mais uma marionete. Você quis me tratar como um brinquedo, e me corneou com meu primo; agora é minha vez de brincar com você. — Ao ouvir suas palavras, engulo em seco.

— Mas, Martim, amor, não faça isso comigo. Como nós vamos fazer sem empregada? Quem vai cozinhar? Quem vai limpar esse casebre? Sabe que eu não sei fazer nada disso. — Falo nervosa enquanto ele me olha com a mesma cara de nojo. — Você tá querendo me matar, é por isso que me trouxe aqui?

— Não, Paloma, não quero que morra. E, se você está aqui, é por escolha sua, não minha, então aceite as consequências. Se não sabe fazer serviços domésticos, terá que aprender sozinha. Eu não

tenho tempo para lidar com uma mimadinha como você. — Ele me olha com tanto desprezo que despedaça meu coração.

— Mas eu estou grávida, eu vou morrer aqui isolada! — Digo tentando fazê-lo mudar de ideia.

— Você disse bem, grávida e não inválida. Já que quer ficar aqui, ao menos seja útil uma vez na vida e cuide da casa.

Passo por ele furiosa indo até o quarto e batendo a porta com raiva. O que não dá muito certo, já que ela cai no chão. Maldita cabana velha! Odeio esse lugar.

Olho ao redor e vejo uma cama de solteiro tão pequena que tenho certeza que vou rolar e cair dela. Pelo menos o colchão e os travesseiros são novos, embora eu duvide que sejam de pena. Reparo numa cômoda velha de madeira e penso em como colocar as minhas coisas aí.

Minhas malas estão todas aqui, mal tem espaço para andar neste cômodo apertado. Abro uma delas e pego uma camisola, calcinha e toalha. Vou tentar tomar um banho e descansar; minha cabeça está doendo. No caminho até o banheiro externo não vi Martim.

O tal “banheiro” mais parece uma caixa de sapatos; não tem espelho e a pouca luz que tem aqui vem da janela. Que medo de me deparar com algum inseto nojento. Tiro minha roupa e coloco tudo sobre a pequena pia; o chão daqui está imundo, de dar nojo. Nem tiro meus sapatos, vou tomar banho de sapatilhas mesmo. Ligo o chuveiro — que parece ser de plástico — e a água cai fria sobre

mim.

— Ai, merda! Tá gelada!! — Grito alto, e logo ouço a porta da cabana sendo aberta e Martim me chamar.

— Paloma, cadê você, caralho?!

— Estou no banheiro!

— O que aconteceu? Por que tá gritando? — Pergunta ele com preocupação na voz, e isso me enche de esperança.

— Não foi nada, só me assustei com o chuveiro gelado, estou bem. — Digo e volto a enfrentar minha “sofrência”.

Espero ele responder, mas Martim apenas torna a entrar na cabana.

Meus sapatos estão encharcados, mas pelo menos a lama saiu. Meu cabelo está duro, pois não tenho um condicionador. Termino o banho rápido, congelando com essa água fria. Me troco dentro do banheiro enrolando a toalha em meus cabelos e saindo de lá apressada.

Entro na casa e guardo minhas coisas, depois vou atrás de Martim, que não estava na sala/cozinha. Decido abrir a outra porta, que estava fechada.

Martim estava deitado na cama de solteiro, com as mãos sobre o rosto; parecia exausto.

— Martim, o que tá fazendo aqui?

— Eu que te pergunto: quem te deu autorização para entrar no meu quarto? — Diz ele com a voz fria.

— Por que você tá deitado aqui e não no nosso quarto? —

Pergunto mesmo já sabendo a resposta.

Martim se senta na cama e passa as mãos pelo rosto irritado.

— Sério mesmo, Paloma, que você pensou que tudo voltou a ser o que era antes? Que nós dois somos um casal apaixonado? — Pergunta cheio de sarcasmo.

— Não, mas eu achei que você ainda gostasse de mim.

— Acho melhor acordar para a realidade, Paloma. Eu não vou tocar em você. Não quero nem estar perto de você, quem dirá dormir no mesmo quarto. Você só está aqui por causa desse bebê. Então fecha a porta quando sair.

Dizendo isso ele volta a deitar na cama e fecha os olhos, me ignorando totalmente. Ali eu vi que não seria fácil reconquistar o seu amor, muito menos o seu perdão. Fechei a porta e voltei para meu quarto, sabendo que serei testada e terei que mostrar a ele que está errado.

Kadish

Eu estou nervosa. Ibrahim está para chegar e como sempre aquele medo cresce. Olho para a minha roupa verificando se está tudo certo, nada fora do lugar. O jantar já está pronto, só precisarei servi-lo.

A porta se abre e meu marido entra com a cara amarrada.

— Oi, querido, como foi seu dia? — Pergunto sorrindo e

tentando fingir alegria por sua chegada.

— Exaustivo, passei o dia recebendo os médicos estrangeiros. — Ele diz jogando o paletó no sofá e tirando a gravata.

— As mortes continuam acontecendo? — Pergunto, me referindo à crise de malária que tomou conta do nosso vilarejo.

— Sim, três pessoas morreram nessa semana, isso não é bom para minha carreira política — diz ele friamente.

— Eu já coloquei a mesa. — Digo mudando de assunto; odeio ver a forma que ele trata o povo carente da cidade.

— O doutor Lancaster chegou hoje e conheci sua esposa, parece ser uma mulher culta, estudada e fina. Talvez seja bom você fazer amizade com ela para aprender a ser a esposa de um político e perder esse seu ar de caipira. — Ele fala me olhando com um sorriso frio e eu apenas abaixo a cabeça.

— Eu adoraria conhecê-la. — Digo sendo sincera. Ibrahim não me permite ter amigos e por conta disso me sinto muito solitária.

Sentamo-nos à mesa e servi o jantar, fiz o seu prato favorito, calulu. Sentei em sua frente e notei seu rosto se contorcer de raiva olhando para mim.

Gelei sabendo que ele estava enfurecido; alguma coisa não o agradou.

Levanto-me e vou até ele, tentando acalmar seus ânimos.

— O que foi, amor, a comida está fria? — Digo

preocupada.

Fico em pé ao seu lado e ele estende a mão para mim. Assim que a seguro, ele me puxa, me fazendo sentar em seu colo. Respiro fundo, já tremendo de medo.

— Por que está tão nervosa? Andou aprontando alguma coisa, saiu de casa novamente sem a minha permissão?!

— Não, querido, eu não faria isso. Não depois... — engulo em seco a vontade de chorar, lembrando da última surra que ele me deu.

Ibrahim beija meu pescoço me deixando arrepiada, mas não de prazer e sim de medo.

— Você está linda, mas eu já disse a você que não quero que use esse maldito batom.

— Desculpe, por favor. Eu não deveria ter usado, eu esqueci, acabei não jogando fora. — Falei já cansada de ser submissa, queria tanto ser livre.

Senti meu cabelo sendo puxado para traz, e a dor forte no couro cabeludo. Gemi, fechando os olhos e deixando as lágrimas escorrerem pelo meu rosto

— Você sabe que eu não gosto de machucar você, né, Flor-de-lis?

— Sim, eu sei, me perdoe, a culpa foi toda minha. — Falo com medo que ele me machuque de novo.

— Mas você me dá motivos... Eu terei que castigá-la com violência. — Ele me pega pelo braço, me puxando para fora seu

colo. Não posso chorar, gritar, muito menos me defender. Caso eu faça qualquer uma dessas coisas, ele baterá mais ainda e eu não tenho para quem pedir ajuda, já que ele é o homem mais importante da cidade. Ele me joga no chão, e eu acabo batendo a cabeça no mármore frio; depois chuta meu estômago, me causando náuseas. Tento me proteger com as mãos, mas isso não o impede de me chutar por diversas vezes.

— Na próxima vez eu vou te dar uma lição que nunca mais irá esquecer, entendeu?!

— Sim. — Respondo, com dor e amedrontada.



CAPÍTULO 12

MUDANÇAS RADICAIS

“Fácil é julgar pessoas que estão sendo expostas pelas circunstâncias. Difícil é encontrar e refletir sobre seus erros, ou tentar fazer diferente.”

Martim

Acordo cedo na manhã seguinte com bastante dor nas costas. A cama é pequena e estreita demais para mim, que meço 1,89 m, e acabei dormindo com os pés e um braço para fora. Sabia que a vida aqui não seria fácil, mas vim mesmo assim.

Me levanto devagar e me alongo, tentando aliviar a dor. Vejo que ainda são seis da manhã. Paloma não vai acordar tão

cedo, ela demorou a dormir. Eu a escutei chorar por horas. Felizmente, agora eu não caio mais no seu joguinho. Ainda não sei por que a trouxe comigo, uma parte minha a quer longe e outra parte não quer afastá-la. E ela estar grávida só piora a situação. Pensei que quando entrasse naquele avião estaria livre dessa dor, mas não, ela teve que vir para tirar o resto do meu juízo.

Vou direto para o banheiro fazer a minha higiene. Estava tão cansado que não demorei muito para apagar ontem.

Termino de me vestir e volto para a cabana, dou uma olhada no lugar. Agora, sob a luz do dia, posso ter uma dimensão do estado em que a casa está. Talvez eu tenha exagerado, este lugar não é para ela. Balanço minha cabeça espantando esses pensamentos, eu não posso ter piedade dela, Paloma não merece nenhuma empatia da minha parte. Pego as chaves do jipe e dirijo direto para a cidade, à procura de um mercado em que possa comprar o básico para nos mantermos bem na cabana. Infelizmente, o maior mercado da cidade ainda é muito pequeno comparado com os mercados de Londres ou de Edimburgo.

Compro tudo que acho necessário, incluindo produtos de limpeza, que serão indispensáveis no estado que a casa se encontra.

Paloma terá que mudar de um jeito ou de outro, ela terá que deixar de ser a mimadinha egoísta que sempre foi.

Estaciono o carro em frente à cabana e desço, pegando as sacolas de compras. Assim que abro a porta, Paloma avança em minha direção.

— Onde você estava, seu desgraçado?! Você me deixou aqui sozinha!! Eu pensei... Eu pensei que tinha me deixado aqui sozinha. — Diz ela totalmente em pânico com o rosto cheio de lágrimas.

— Eu fui à vila buscar mantimentos e alguns utensílios que precisamos para ficar aqui. — Digo me virando de costas e evitando olhar para o seu rosto desesperado. Na minha cabeça eu relembro que tudo isso é fingimento, é um teatro dela para tentar me desestabilizar. Mas Paloma não me terá mais em suas mãos.

— Terá que se acostumar a ficar sozinha, já disse que vim para cá para trabalhar, isto aqui não é uma viagem de férias. Eu estou aqui para ajudar essa população carente, e você terá que se acostumar a ficar aqui enquanto eu trabalho. — Digo curto e grosso.

— Martim, por que está fazendo isso com a gente? Por que não sentamos e conversamos como um casal? Eu tenho certeza que dentro de você ainda tem amor por mim, querido. Acredite em mim, eu não quis te enganar, eu só me vi presa em uma armadilha e não vi outra saída. Eu errei, mas me arrependo de tudo. — Ela diz com um fio de voz tentando mostrar fragilidade.

— É tarde demais para voltar atrás, nada que diga vai me fazer esquecer o que vi. Preferia ser cego a ter visto aquele maldito vídeo. E se você está aqui é porque está grávida e não posso deixar você sem supervisão. — Digo preocupado.

— Você acredita que eu teria coragem de tentar algo contra

um filho nosso? — Pergunta ela ressentida.

E para machucá-la eu digo, mesmo sabendo que seria cruel demais da minha parte:

— Sim, Paloma, de você posso esperar tudo. — Falo, sem esquecer do filho que ela perdeu no passado. Filho esse que agora sei que era do meu maldito primo.

— Vai para o inferno, Martim! Eu sou um ser humano, eu cometo erros, sou falha! Me desculpa se não sou a garota perfeita que você idealizou, mas jamais faria algo contra um filho meu! — Diz chorando e vai para seu quarto.

Passo as mãos pelo cabelo nervoso, foi um erro trazê-la para cá.

Talvez eu tenha pegado pesado, mas quando estou perto dela a raiva toma conta. Eu me sinto destruído por saber que tudo que vivemos foi uma mentira, o amor que sinto por ela queima dentro de mim, mas o ódio queima junto e na mesma proporção. Coloco as sacolas em cima da mesa e saio, indo em direção à vila para começar a trabalhar e tentar esvaziar a minha mente.

Kadish

Acordo com o corpo dolorido, Ibrahim fez questão de me usar durante toda a noite. Mesmo com dor, tive que o aguentar dentro de mim. Quando ele enfim dormiu, eu pude tomar um banho e olhar o estrago que ele tinha feito. Minhas costas estavam

vermelhas, provavelmente amanhã estaria roxa. Tomei um banho frio tentando aliviar a dor. Mas a dor física não era nada comparada à dor na alma. Dentro do banheiro, com a porta trancada, pude desabar e chorar, perguntando a Deus quando esse martírio iria acabar.

Já é de manhã. Me visto com cuidado para que minhas cicatrizes não ficassem à mostra. Por mais que a noite de ontem tenha sido horrível, hoje eu iria sair de casa e isso já me deixava animada.

Caminho até a cozinha e encontro Amara, uma empregada da casa que faz questão de mostrar o quanto me odeia. Sempre suspeitei que ela gostasse de Ibrahim, até cheguei a torcer para que ele se interessasse por ela, assim, me deixaria livre, mas não. Ibrahim é um doente obcecado por mim, ele nunca me deixará livre.

— Onde pensa que vai? — Diz ela me interrompendo na escada.

— Onde vou não é da sua conta! Acho que se esqueceu do seu papel nesta casa. Amara, você não passa de uma empregada. — Digo firme enquanto a vadia me olha.

— Não é o que Ibrahim pensa. Eu vou contar para ele que você saiu, aí quero ver se esse sorriso vai continuar em seu rosto. Você não merece um homem como ele. — A vaca diz provocando e eu me controlo para não descontar as agressões do Ibrahim e meter a mão na cara dela.

— Tem razão, querida, não mereço. — Digo com raiva, descendo os últimos degraus, já irritada. Perdi completamente a fome, mas decido levar um bolo de milho para a esposa do médico. Torço para que sejamos amigas, já que meu marido parece querer marcar pontos com o médico estrangeiro.

Zaki já estava a postos me esperando com o carro, provavelmente para me vigiar. Quem eu queria enganar? Ele jamais me deixaria fora de supervisão, com medo que eu pudesse fugir. Mas há muito tempo eu não tenho mais esperança.

— Bom dia, Zaki. — Digo cordialmente.

— Bom dia, senhora, o patrão já avisou que deveria levá-la até a reserva, na casa do médico. Também estou levando o gerador de energia e combustível. — Ele diz e liga o carro.

— Então vamos. — Digo entrando no carro aliviada por estar saindo daqui. Pelo retrovisor olho para a bela casa atrás de mim, desejando nunca mais vê-la.



Ao chegar à cabana estranho muito as condições em que a casa se encontra, praticamente abandonada. Pelo que Ibrahim disse, o casal era recém-casado e queria privacidade, mas nunca imaginei que europeus iriam ficar em uma casa tão velha como essa.

— Eu vou entrar e falar com ela, você pode descansar um pouco, provavelmente vou demorar. — Digo a Zaki, que se limita a assentir.

— Olá, bom dia! Alguém em casa? — Digo com meu inglês enferrujado.

A porta se abre e vejo uma loira de cabelos curtos, toda suja de pó, com a roupa molhada, o nariz vermelho e a pele irritada.

— Oi, quem é você? — Diz ela olhando para mim.

— Meu nome é Kadish, sou esposa de Ibrahim, o prefeito. Vim lhe fazer uma visita de boas-vindas e trouxe um bolo de milho. — Digo mostrando a vasilha com o bolo.

— Desculpa o meu estado, eu... Eu... — Começa a gaguejar nervosa. — Eu estava tentando limpar a casa. Eu sou Paloma, esposa do doutor Lancaster.

— Precisa de ajuda? — Pergunto cordialmente.

— Não se preocupe, está tudo sob controle. — Diz indicando a sala para que eu entre.

Entro e noto um balde com água e sabão no meio da sala, um rodo e uma vassoura, e muita espuma de sabão esparramada. Há vários produtos de limpeza, todos abertos, a casa está verdadeiramente um caos.

— Meu marido me contou que você não é médica, veio simplesmente para acompanhar seu marido. Isso é realmente filantrópico. — Digo com um sorriso e ela assente.

— Não foi bem assim que as coisas aconteceram, mas digamos que acompanharia Martim onde quer que ele fosse. — Ela sorri e se senta no sofá enquanto eu sorrio de volta.

— Nossa, você deve amá-lo muito. Nunca vi ninguém falar

com tanta certeza de uma pessoa. — Digo sorrindo, pois ela é admirável.

— Eu o amo muito e para lhe provar, eu faria qualquer coisa. — Ela diz e eu sinto inveja por ela ter um amor verdadeiro.

— Espero um dia amar alguém como você ama seu marido. — Digo sonhadora, mas me arrependo no segundo seguinte e tento mudar de assunto.

— Você tem talheres limpos e dois pratos? Eu vou servir o bolo, espero que goste. É uma especialidade daqui, foi minha cozinheira que fez, mas se você gostar posso te ensinar. — Digo sorrindo para ela.

— Eu adoraria, na verdade ainda não comi nada. Martim trouxe várias coisas, mas eu não sei cozinhar, e sem internet tenho medo de arriscar e colocar fogo na casa. Até tentei mexer no fogão, mas não faço ideia de como ligá-lo. — Ela riu e eu a olhei estranhando.

— Você não sabe cozinhar nada? — Pergunto confusa.

— Eu nunca precisei aprender. — Diz ela meio que se defendendo.

— Desculpe por ter ficado tão chocada, mas em Mali as meninas aprendem a cozinhar com sete anos e imaginar uma mulher adulta que não sabe cozinhar é estranho.

— Eu pensei que teríamos uma empregada, mas meu marido está decidido a me torturar, ele quer me ver definhando nesse fim de mundo. — Ela bufa irritada.

Fico calada digerindo tudo que ela está dizendo, será que o marido dela é como Ibrahim? Será que ele a machuca?

— Vamos procurar um prato no meio dessa bagunça. — A ajudo a procurar as coisas no meio de toda aquela sujeira. A cozinha estava pior do que a sala; pelo que eu via, ela teria muito trabalho para deixar aquela cabana em ordem.

— Achei! Mas preciso lavar. — Digo sorrindo para ela, que parece cansada.

Paloma e eu nos sentamos na varanda da casa, a uma mesa de madeira que tinha lá fora, o sofá estava fora de cogitação.

— Isso está uma delícia. — Diz ela comendo o terceiro pedaço de bolo.

— Sabia que ia gostar, Abba é uma ótima cozinheira. — Digo sorrindo.

— Paloma, eu sei que não me conhece ainda, mas gostaria que fôssemos amigas. Eu me sinto muito sozinha. Depois que me casei, perdi todos os meus antigos amigos. — Digo segurando suas mãos.

— Eu gostei muito de você, Kadish, obrigada por ter vindo. Será bom ter alguém para conversar. Eu só tinha a minha irmã de amiga, mas agora ela está em outro continente. — Ela fala um pouco triste.

— Zaki trouxe o gerador, então não ficarão sem energia elétrica. — Digo apontando para a caminhonete.

— Isso vai ajudar muito, tenho muito medo do escuro, foi

difícil dormir ontem naquele breu. — Ela sorri timidamente e eu penso que preferia viver em uma cabana precária como essa a viver com o monstro do meu marido.

Fico triste por ver uma mulher tão bonita, aparentemente bem-nascida, num lugar como esse. É óbvio que muita gente na cidade vive em condições iguais ou piores do que essa, mas são pessoas que cresceram aqui e já estão acostumados com a vida difícil do nosso país.

— Eu notei que estava fazendo uma faxina na cabana, se quiser posso chamar algumas mulheres na cidade para te ajudar. A casa está há muito tempo abandonada e sozinha vai demorar muito para deixá-la habitável.

— Eu até queria, mas preciso mostrar ao Martim que consigo. Ele está me desafiando e, se chamar alguém para me ajudar, estarei apenas confirmando que ele está certo. — Ela diz com tristeza e eu fico completamente confusa.

Não entendo o que ela quer dizer. Paloma parece triste toda vez que fala do marido, mas ao mesmo tempo, parece amá-lo de verdade, o que é confuso.

— Eu posso ajudá-la, te ensinando o que precisa fazer. — Digo animada por fazer alguma coisa e me sentir útil.

— Você está se oferecendo para me ajudar? Sério? — Pergunta ela esperançosa.

— É claro. Se você não se importar. Não posso demorar muito, provavelmente quando Zaki terminar de instalar o gerador

eu terei que ir, mas ajudarei no que precisar.

— Eu na verdade nem sei por onde começar. Tentei ler os produtos de limpeza para entender como usar, mas não está dando muito certo. Essa maldita casa nem internet tem para que eu possa pesquisar como limpar. Não tive coragem de tomar banho naquele banheiro, quando o vi na luz do dia. — Diz Paloma com cara de nojo. Quando ela diz isso eu não aguento e rio da maneira desesperada que ela fala.

— Vem, podemos começar pelo banheiro então. — Digo pegando os produtos de limpeza.

Paloma parecia uma criança, era divertido ver como ela tinha nojo do banheiro. Quando disse que precisaria esfregar o vaso sanitário, eu podia jurar que seu rosto ficou verde. Ajudei-a na maior parte do serviço; o banheiro ficou impecável. Porém, ainda tinha a casa toda pela frente. Fomos até a cozinha, onde a bagunça era maior. As coisas que o doutor tinha comprado estavam todas na mesa, os armários estavam velhos e imundos, com teias de aranha e sabe-se lá o que mais.

— Sendo sincera, não sei se essa geladeira e esse fogão ainda funcionam. — Digo vendo o estado dos mesmos.

— Eu estou até com medo de abrir essa geladeira e ter ratos vivendo aí. — Diz ela com cara de nojo.

— Sua blusa ficou destruída. — Falo olhando para a blusa de marca dela, que ficou toda manchada de cloro quando lavamos o banheiro.

— Merda, eu amo essa blusa. Comprei quando fui à Itália no meu aniversário. — Ela se desespera e eu rio discretamente.

— Acho que esse tipo de roupa não é muito apropriado para fazer limpeza pesada.

— Acho que nenhuma das minhas roupas são apropriadas para isso. — Comenta desanimada.

Trato de tirar o lixo da cozinha, enquanto Paloma tenta limpar o fogão.

— Você precisa usar uma esponja de aço, não vai conseguir tirar essa sujeira sem botar força.

— Mas... — Me olha com olhos arregalados. — Eu estou esfregando tanto.

— Assim, olha. — Digo pegando uma esponja de aço e esfregando o fogão.

Paloma já estava com as mãos vermelhas, acho que ela nunca deve ter tocado em uma esponja na vida.

— Eu vou limpar a geladeira para você e podemos guardar as coisas que seu marido trouxe. — Digo e começo a limpar.

— Meu Deus, odeio fazer isso! — Confessa Paloma. — Eu nunca vou conseguir terminar. Você viu, estou há horas limpando e ainda não estou nem no começo. Ainda tem os quartos e a sala para limpar. — Diz ela soluçando.

Nesse momento a luz se acende e eu sorrio vendo que Zaki conseguiu instalar o gerador.

— Está vendo? Isso foi um sinal que tudo ficará bem. Logo

você vai aprender a fazer tudo isso. Eu posso ver com Ibrahim se ele consegue uma casa melhor para você e seu marido na cidade e vocês não precisarão ficar aqui. A maioria dos Médicos Sem Fronteiras estão no alojamento e lá é bem melhor do que aqui. — Tento acalmá-la.

— Não, eu vou ficar bem. — Diz tentando ser forte. — Você não entende, preciso provar ao meu marido que o amo acima de tudo. Nem que para isso eu tenha que viver aqui. — Diz ela pegando a vassoura. — Como eu uso isso? — Pergunta apontando para a vassoura, já totalmente recuperada. Me admiro com sua determinação e força.

— Vou te mostrar e depois você tenta fazer. O correto é você varrer toda a casa e logo depois jogar água para lavar esse chão.

— Está bem, então, me ensina que eu vou terminar o resto.

Mal comecei a varrer para lhe ensinar, ouvi Zaki me chamando.

— É, eu tenho que ir. Adorei te conhecer, Paloma. — Falo a abraçando e percebo que a peguei de surpresa.

— Eu vou tentar voltar amanhã e irei te ensinar a cozinhar, e nós podemos ir à cidade. — Digo empolgada e ela acena cansada.

Martin

Vendo o estado em que aquela enfermaria estava, me dei conta da situação que aquele povo estava vivendo. Essa era a pior

epidemia de malária que já tinha ouvido falar. Pessoas amontoadas por todos os lados, macas improvisadas. Vômito no chão, choro de crianças ao fundo, realmente uma cena desesperadora. Sem falar nos pacientes com outras doenças.

Nosso hospital era precário, não tínhamos uma grande estrutura, mas ainda assim, por ser aqui o único lugar com médicos, pessoas de outras cidades peregrinam para serem atendidas conosco. Meu contrato com o MSF é de dez meses de trabalho, e pretendo até lá ter acabado com essa epidemia. Junto com os médicos, vieram suprimentos hospitalares e doses da vacina.

Antes de Logan ficar doente eu havia me inscrito para ser um Médico Sem Fronteiras, mas com a doença do meu irmão acabei adiando meu sonho. Quando me casei com Beatriz, esse sonho foi mais uma vez protelado. Quando Paloma entrou na minha vida, eu sabia que ela não se enquadrava nesse sonho, mas o meu amor por ela era maior que tudo. E me contentaria com a ONG e o hospital. Fiz vários planos e em nenhum deles eu me via sendo destruído por ela daquela forma, e muito menos podia imaginar Paloma aqui grávida. Não consigo olhar para ela sem lembrar dela nos braços de Wallace. Lembrar da sua traição. A mulher que realmente amei, para quem entreguei meu coração, me apunhalou pelas costas. Imagino o quanto os dois devem ter rido da minha cara. Eu não conseguiria perdoar isso, nem mesmo se quisesse. A dor que sinto é como se estivesse morrendo dia após dia e tê-la por perto apenas piora esse sentimento.

— Doutor, que bom que já chegou, precisamos de ajuda — diz Hellen, a doutora que veio junto com a equipe a Mali. Uma morena bonita, com olhos castanhos e sorriso gentil.

— Pelo que estou vendo a situação aqui está difícil.

— Sim, precisamos de toda a ajuda possível. O senhor já viu como a malária age?

— Apenas no laboratório em Londres, nunca presenciei um paciente com a doença.

— Bem, doutor, aqui verá como é assustador e terrível a morte por essa doença. Nós já perdemos três crianças, apenas essa semana. Uma vez que o mosquito infectado pica o humano, os parasitas viajam até o fígado, onde se multiplicam e entram nas células vermelhas do sangue. Dentro dessas células, os parasitas se multiplicam rapidamente até elas se romperem, liberando ainda mais parasitas na corrente sanguínea e manifestando, nesse processo, os sintomas típicos da doença. A malária começa como a gripe, com os primeiros sintomas surgindo entre nove e quatorze dias após a infecção. A maior parte dos pacientes já chega aqui com o caso mais grave da doença, o que inclui febre, ciclos típicos, calafrios e suor em grande quantidade, dor nas articulações, dores de cabeça, vômitos frequentes, convulsões, podendo levar ao coma. Na maior parte dos pacientes que perdemos, a doença já tinha progredido e tomado conta do cérebro.

Um paciente geme pedindo ajuda, e me aproximo checando seus sinais vitais, vendo o quanto ele está fraco. Leio a ficha dele e

corro para administrar uma dose de antibióticos. O paciente geme de dor, tenho dificuldade para encontrar uma boa veia, já que o mesmo parece abaixo do peso, com altos indícios de desnutrição.

— Vou colocar ele no soro, está muito fraco e abatido. Se ele não melhorar, não terá tempo para que os antibióticos façam efeito contra a malária.

— Vamos, doutor, precisamos do senhor na UTI, temos casos mais graves. — Diz Hellen, me levando para a outra sala do hospital lotado. É desesperador ver todas essas pessoas doentes.

— Precisamos começar a vacinação o quanto antes se quisermos imunizar essa população. — Digo a ela assim que vejo o estado da UTI. Macas lotadas de pessoas entre a vida e a morte, muitas delas crianças.

— Isso vai nos ajudar muito, doutor. Tenho certeza que com sua ajuda e dos outros médicos que vieram, vamos conseguir acabar com essa epidemia que já matou mais de cinco mil pessoas até agora. — Fala ela ajudando uma menina que está chorando pela mãe.

Passei o dia todo na UTI ajudando a equipe a salvar o máximo de pessoas possível. Já eram três da tarde quando fomos almoçar. Se não fosse Hellen a me chamar eu nem me lembraria de comer.

Coordenei a equipe durante o resto da tarde, programando o início das vacinações, e junto com elas as visitas aos povoados que ficam nas imediações da cidade. Muitos desses nativos têm medo

de médicos ocidentais por isso não vão atrás de tratamentos, recorrem aos curandeiros e às plantas para se salvar, com isso se torna mais difícil controlar a epidemia.

Cansado e me sentindo extremamente frustrado ao ver a situação dessas pessoas e por ter perdido dois pacientes, eu dirigi estressado o caminho de volta à cabana. A morte nunca era fácil, perder um paciente sempre dói, ainda mais por uma doença tratável.

Paloma

Assim que Kadish saiu, fiquei me sentindo triste e sozinha de novo. Eu a tinha conhecido apenas algumas horas atrás, mas ela me ajudou tanto sem nem mesmo me conhecer ou pedir algo em troca, isso era realmente novo para mim.

Consegui terminar a maldita cozinha, e me sentei um pouco admirando meu trabalho. Olho para o meu estado e começo a rir. O que dona Inês diria se me visse agora!

Após um breve descanso, tratei de logo me levantar, ao ver a hora no antigo relógio de parede, que surpreendentemente ainda funciona. Martim logo irá chegar e quero que ele se impressione com o que fiz. Passei tempo demais na cozinha; espero que ele repare no esforço que estou fazendo para ficar com ele. Nunca me esforcei tanto na vida!

Com dor nas costas e me sentindo exausta, volto para a sala e pego os sacos de lixo. Começo a juntar todas as coisas velhas. As almofadas, as cortinas, todas as tralhas que acho, tudo vai para o lixo. Meu nariz está ardendo muito por conta da poeira, a minha cabeça já começou a latejar. Mas não paro, quero terminar para mostrar a Martim que estou disposta a tudo para que ele me perdoe. Assim que consigo tirar todo o lixo, volto com a vassoura e tento varrer a sala. O que é meio difícil, parecia tão fácil com Kadish fazendo.

Olho em volta e parece que não fiz nada. Frustrada, pego o balde e jogo água no chão. O balde é pesado, quase não consigo erguer. Um só parece não resolver, então pego outro e outro, porém, quando eu vou ver, a água suja está escorrendo para a cozinha que já estava limpa.

— Merda! Merda, odeio isso! Eu odeio esse lugar!! — Grito frustrada. Pego o sabão em pó e jogo no chão, mas sem querer acabei jogando sabão demais.

Olho para a bagunça que estou fazendo e não tenho a mínima noção de como limpar tudo isso. Acho que não tem importância. *Quanto mais sabão, mais limpo*, penso comigo mesma, então me ajoelho no chão e começo a esfregar.

Quanto mais eu esfregava mais espuma fazia, meus braços já estavam doendo. Cansada, suada e com dor de cabeça olho para o relógio e penso que Martim já deve estar chegando. Tento acelerar o passo, pego o rodo e tento tirar toda a espuma.

Me arrependo de ter deixado cair tanto sabão, agora não consigo tirar toda aquela espuma. Lembro-me de Meire e penso que ela merece um aumento para tanto trabalho.



Depois de horas, consegui terminar a sala, mas ainda faltava muito para deixar essa casa num estado decente; eu nem tinha limpado os quartos e a varanda.

Eu não era burra de não saber o jogo que Martim estava fazendo. Ele queria se vingar, queria me machucar, me mostrar que ele estava certo, que esse lugar não era para mim. Ele acha que eu vou fugir, que vou voltar para o conforto de Londres, mas estou pronta para mostrar que ele está errado. Eu o amo e irei provar isso a ele; mais dia menos dia, Martim se dará conta de que meu amor é sincero e me perdoará, e então deixaremos o passado no passado.

Caminho até a cozinha para guardar os produtos de limpeza, mas antes que eu alcance o armário, esbarro na vassoura e caio no chão, machucando minha bunda.

— Droga! Droga! — Choro vendo o meu estado, aonde vim parar. Tento limpar meu rosto cheio de teias de aranha e poeira, quando noto uma catástrofe em minhas mãos e começo a chorar.

— Não, isso não! — Choro olhando para as minhas unhas quebradas.

— O que aconteceu, Paloma, você se machucou? — Pergunta Martim entrando e se assustando ao ver meu estado,

sentada no chão e chorando.

— Eu... Eu... Desculpa... — Engasgo soluçando.

— O que foi, se feriu? — Pergunta ele se agachando na minha frente e me ajudando a levantar com o olhar preocupado. Pela primeira vez em dias eu pude ver o Martim que amo em minha frente, pude ver em seus olhos algum sentimento que não o desprezo.

Me jogo nos braços dele o abraçando forte, sentindo seu cheiro que tanto amo. Sinto que ele fica tenso, paralisado com meu toque, mas também não me afasta, o que é bom.

— O que aconteceu? Me conta, por que está chorando assim? — Diz ele se afastando, mas eu senti o quanto ele ficou afetado com meu toque.

— Eu estava limpando a casa e quando ouvi o barulho do seu carro chegando, fui guardar os produtos de limpeza e acabei tropeçando, caindo e quebrei três unhas. — Digo chorando e Martim começa a rir debochado.

— Minhas mãos estão ardendo, todas arranhadas e com bolhas de tanto segurar a maldita vassoura e você ri de mim!

— Você está chorando por que a sua unha quebrou? Pensei que tinha se machucado ou alguma coisa pior.

— Você fala como se isso não fosse uma tragédia. — Resmungo irritada.

— Deixa de ser infantil, Paloma. Quando vai crescer e deixar de ser mimada? — Fala revirando os olhos e jogando sua

maleta na mesa de centro de bambu.

Engulo a vontade de gritar com ele e me levanto esperando que repare que limpei a maldita casa.

— Por que está me olhando assim? — Diz ele visivelmente cansado, sentando numa cadeira.

— Eu passei o dia todo me matando para limpar essa maldita casa. Destruí a minha roupa, minhas mãos estão cheias de bolhas e vermelhas de tanto esfregar aquele maldito fogão. Ainda levei um baita tombo e você finge que não vê, e ainda ri da minha desgraça ao quebrar minhas unhas!! — Grito puta da vida, apontando o dedo no peito dele.

— Eu não preciso nem dizer que eu te avisei que a sua vida não seria a mesma se entrasse naquele avião, mesmo assim, você quis vir, então, não adianta tentar jogar a culpa em cima de mim.

— Meu Deus! Você realmente não se importa comigo! Você me odeia e nunca vai me perdoar!!

— O desprezo é um sentimento diferente do ódio, Paloma. — Diz ele acertando uma faca em meu coração. Martim levanta, me dá as costas e entra em seu quarto. Respiro fundo, lembrando que a culpada por ele estar assim sou eu mesma. Eu preciso aguentar, preciso me manter forte até ele ver que não adianta me ignorar; eu ainda estou aqui e continuo o amando.

Caminho até meu quarto para pegar uma muda de roupa para tomar um banho e tentar me refrescar desse calor do inferno. Nem quando fui ao Brasil senti tanto calor como aqui. Já são sete

da noite, mas o calor não dá trégua. Escolho uma camisola provocativa, não vou desistir de seduzir meu marido. Ele pode até negar, mas sei que me deseja.



Termino meu banho gelado, me sentindo um pouco melhor. Meu cabelo ainda está horrível, preciso urgentemente de uma hidratação. Minha pele irritada, meu nariz ardendo.

Entro na cabana indo direto para o meu quarto. Martim está na cozinha, mas o ignoro da forma como ele faz comigo. Volto para a sala, carregando a mala que trouxe para ele.

— Eu trouxe uma mala com coisas suas que estavam na nossa casa. — Falo entrando na cozinha onde ele prepara alguma coisa.

— Coloque no meu quarto. Quero saber quem te ajudou com a limpeza e organização da casa — pergunta ele desconfiado.

— A mulher do prefeito. Ela veio de manhã junto com o rapaz que ligou o gerador. Ela me trouxe um bolo e conversamos bastante. Eu gostei dela, ela me ajudou muito, fizemos amizade. Ela parece ser uma boa moça.

— Você pediu para a mulher do prefeito da cidade limpar a casa? Não tem vergonha de explorar a moça que veio te conhecer? — Diz ele bravo me ofendendo.

— Acha que eu sou capaz disso? Você realmente só pensa o pior de mim! Não acredita que sou capaz de mudar, não é mesmo?

— Falo deixando duas lágrimas caírem. — Para a sua informação, eu já estava limpando essa maldita casa quando ela chegou! Eu não explorei ninguém, ela se ofereceu para me ensinar, mas quer saber?! Se você não acredita em mim, pergunta para ela! — Digo emburrada indo para a sala e sentando na cadeira tentando controlar a minha raiva.

Martim não diz nada, apenas continua na cozinha preparando alguma coisa no fogão. Eu já estou faminta. O bolo que Kadish trouxe foi a única coisa que comi hoje.

Com os olhos, sigo seus passos. Martim coloca a mesa de maneira simples. Abre a geladeira e pega uma jarra de lá.

— Se quiser comer, a única coisa que tem é esse ensopado. Vai precisar se virar na cozinha de agora em diante. — Diz ele friamente.

Me sento à mesa ao lado dele morta de fome. O ensopado parece delicioso.

Martim come em silêncio, concentrado em seus pensamentos.

— Você não me disse como foi na cidade. — Tento puxar assunto.

— Não disse e nem vou dizer. — Responde curto e grosso.

— Martim, é pedir demais que ao menos tenhamos uma convivência pacífica?

— Você diz isso porque não é você que tem que conviver com as lembranças da pessoa que amava nos braços de outro!

— Você poderia ao menos tentar me perdoar! Você é inteligente demais para não perceber que Wallace só quis me ferir tirando você de mim.

— Não repita o nome desse miserável perto de mim! — Ruge se levantando da mesa e levando o prato.

Me levanto e vou atrás dele, puxo seu braço para que olhe para mim. Eu ansiava que ele me olhasse nos olhos, nem que fosse para gritar que me odiava, queria sentir algum sentimento dele.

O olhei com a minha alma exposta; minha dor, minha entrega, todo o arrependimento. Sabia que falar não iria resolver, queria que ele entendesse, que sentisse a dor dentro de mim. A dor de não ter o seu amor.

Eu quase perdi o ar quando seus olhos azuis intensos me fitaram da cabeça aos pés. Pela primeira vez naquele dia pude sentir tudo: saudade, desespero, desejo, paixão, dor. Fico paralisada, surpresa, com uma breve esperança que ele me perdoasse, mas não demorou muito para as suas armaduras se reerguerem. E aquele olhar apaixonado se foi, assim como o meu fôlego.

— Martim... — Digo ainda afetada, tocando seu rosto com carinho. — *Martim, me perdoe.* — Digo por fim. Sinto que se enrijece com meu toque, mas não se vira nem diz nada. — Martim, eu te amo mais do que já sonhei amar alguém nessa vida.

— Eu não quero ouvir suas mentiras, Paloma!

— Não é mentira. Eu te amo! Não viria até aqui se não te

amasse.

— O único motivo de estar aqui é o bebê que espera, não crie ilusões sobre nós dois.

— Martim... Nós precisamos conversar.

— Para mim essa conversa já deu. Eu trouxe a vacina para aplicar em você e amanhã vou te levar ao hospital para começar o pré-natal.

Quando ele diz isso sinto todo meu corpo paralisar. Não, droga! Agora sim estou perdida. Martim vai descobrir que não estou grávida e será o fim, eu perderei a única chance que tenho de fazê-lo me perdoar.

Fico parada pensando no que fazer para que ele não descubra a verdade, enquanto o vejo pegar a vacina e caminhar até mim.

Um arrepio sobe pela minha coluna quando Martim coloca as luvas e aplica a vacina em meu braço direito. Ele vai me odiar ainda mais quando souber que eu menti. Eu não deveria ter feito isso, eu não deveria ter mentido de novo para ele.

— Martim, preciso te contar uma coisa...



CAPÍTULO 13



VERDADES QUE FEREM

“Lágrimas não doem, não machucam de verdade, são os motivos delas que nos ferem.”

Kadish

Chegando em casa, após ter passado um tempo gostoso com minha nova amiga, vou direto para o banho me arrumar antes que Ibrahim chegue. Não quero que ele tenha nenhum motivo para me proibir de ver Paloma.

Tomo um banho rápido, me visto, e tento ficar impecável, já que Ibrahim não tolera nada que não esteja à sua altura. Olho-me no espelho e mesmo maquiada, com joias e um vestido bonito, vejo uma jovem de vinte e cinco anos sem vida. Depois que mamãe morreu, eu fiquei sozinha no mundo, o que contribuiu para Ibrahim me enganar com suas falsas promessas de amor. No começo eram rosas, bombons, eu era a sua flor. Eu me encantava com todo seu carinho e amor. Quando mamãe ficou doente, ele esteve ao meu lado me apoiando, me dando consolo. Mal sabia eu que tudo não passava de uma fachada. Por trás desse homem aparentemente bondoso, carinhoso, um marido perfeito, se esconde um monstro maldito, que sente prazer em maltratar e humilhar as pessoas. Me arrependo amargamente do dia em que disse sim e aceitei me casar com ele. Já na nossa lua de mel, ele me deu indícios de quem era,

mas eu, cega e apaixonada, não percebi. Quando voltamos para Mali, Amara já estava morando em nossa casa. Ibrahim parecia outra pessoa, não lembrava em nada o homem por quem me apaixonara. Dia a dia ele foi mostrando um lado dele que eu desconhecia, até que ele me espancou pela primeira vez em uma crise de ciúmes. De início, eu fiquei paralisada com as mãos no rosto, em choque, mas quando o segundo golpe veio, eu tentei correr, o que foi pior. Ibrahim me arrastou pelo cabelo até o porão, me chamando de vadia, vagabunda, dizendo que eu queria fugir com um estrangeiro. Ele tirou o cinto que usava e me surrou por diversas vezes; eu não conseguia me mexer, meu corpo estava dolorido demais, até mesmo para lutar. Gritei por socorro, mas ninguém na casa foi capaz de me ajudar. Ali eu vi que todos tinham medo dele, do poderoso Ibrahim Menschen.

Na manhã seguinte quis fugir, mas para onde iria? Meus documentos estavam trancados com ele, eu não sabia dirigir, não tinha para onde ir. Ele me encontrou facilmente e quando me trouxe para casa me trancou no porão sem comida por dois dias. Quando saí daquele porão percebi que algo dentro de mim tinha morrido, acho que a minha esperança. Prometi que não ia mais fugir e desde então tento fazer de tudo para não irritá-lo, sabendo o que é capaz de fazer.

O ruído da porta abrindo me desperta do transe e faço menção de me levantar da cadeira, mas basta cruzar o olhar com Ibrahim que paraliso.

Fico apreensiva ao vê-lo se aproximar devagar. Reparo logo que ele está usando apenas uma calça e que tinha tomado banho, aposto que estava com Amara. Tento me manter impassível e não demonstrar o meu repúdio, o meu nojo por eles dois.

— Amara me contou o que você fez com ela.

— Eu não fiz nada, Ibrahim, ela que me confrontou na escada quando estava saindo.

— Já disse que quero que as duas sejam amigas. Amara é muito querida por mim e minha sobrinha, tenho que cuidar dela e você deve tratá-la bem.

— Transando com ela? É assim que pretende cuidar da sua sobrinha? — Digo e me arrependo no minuto em que sinto o tapa forte no meu rosto.

— Você não aprende, não é, Kadish? Eu faço tudo por você e é assim que me retribui? — Diz ele apertando meu rosto com força. As lágrimas enchem meus olhos, mas eu me forço a não derramá-las. — Levante-se! — Ordena e eu obedeço de imediato com medo que ele faça pior.

— Vamos! O jantar já está posto. Limpa esse rosto e vamos jantar. — Faço o que ele diz e caminho atrás dele.

Ao chegar à sala de jantar vejo Amara com um sorriso no rosto. Seus cabelos estão molhados, confirmando minhas suspeitas. Ela arruma os talheres na mesa e eu evito olhar para os dois. Sento-me em meu lugar calada.

— Amara, sente-se conosco para jantar. — Diz Ibrahim me

provocando. Sorrio para ela, não deixando que ela veja o quanto me afeta.

O jantar foi uma tortura, tive que assistir ao flerte dos dois durante toda a refeição. Não que eu me importe com isso, por mim Ibrahim se casava com ela e me deixava livre. Ainda assim era nojento, e ele nem mesmo disfarçava.



Mais tarde em meu quarto, visto uma camisola branca e me preparo para deitar. Estou com dor de cabeça, então vou ao banheiro tomar um analgésico. Ao entrar no quarto novamente, sou surpreendida por Ibrahim, que chega por trás, me envolvendo com os braços. Reprimos a repulsa por seu toque, tremendo por dentro.

Ibrahim desce as alças da minha camisola fazendo com que a mesma caia no chão, e eu fecho os olhos tentando me desligar do que estava prestes a acontecer.

— Senti sua falta, Flor-de-lis. Já te disse que não importa quantas eu tenha, nenhuma se compara a você. Eu sempre vou querê-la, eu sempre vou voltar para os seus braços, e você sempre me receberá.

Martim

Toco seu braço direto e sinto sua pele se arrepiar, tenho que me concentrar para não olhar para a maldita camisola que ela veste.

Aplico a vacina e Paloma nem protesta, parece preocupada.

Termino colocando um adesivo em sua pele e ela se vira para mim. Parece pronta para dizer algo, mas fica paralisada, apenas me olhando. Descarto a seringa na lixeira.

— Martim, preciso te contar uma coisa. — Diz ela com a voz trêmula, me olhando temerosa.

— Seja o que for eu estou muito cansado e preciso tomar um banho e dormir. Amanhã quero chegar cedo à cidade.

— Martim, por favor, não me odeie pelo que eu vou te contar. — Diz segurando em meu braço, me obrigando a olhar para ela. Ela me olha com tanto medo que quase deixo as barreiras caírem e a puxo para os meus braços.

— Diga de uma vez, Paloma, o que você fez? O que mais você aprontou que eu não estou sabendo? — Digo revoltado com a hipótese de ela estar me escondendo algo.

— Primeiro, eu quero que saiba que eu te amo, e se fiz essa besteira foi por medo de te perder! — Fala olhando em meus olhos, deixando as lágrimas caírem. Eu não aguento e viro meu rosto, não quero ver seus olhos azuis. Não sou tão forte para aguentar vê-la assim, eu ainda a amo mesmo me odiando por isso.

— Diga, Paloma, diga o que você fez dessa vez!

— Promete que não vai me mandar embora e que não vai ficar com raiva de mim?

Olho para ela tão desesperada e começo a ficar nervoso.

— Fala, Paloma! — Exijo.

— Promete primeiro que não vai me mandar embora. Eu quero ficar aqui com você! Por favor, não me manda embora!

— Droga, Paloma, diga, porra! — Falo já estressado.

— Eu menti para você. — Diz ela se afastando, parece com medo. Ver seu olhar amedrontado para mim me fere de uma maneira que não deveria.

— Sobre o que você mentiu, Paloma? — Pergunto indo direto ao ponto.

— Eu... Eu não estou grávida.

— Você o quê?! — Pergunto não entendendo direito.

— É isso! Eu não aguento mais mentir para você. Mamãe conseguiu o teste falso que usei para te convencer a me trazer para cá. Você precisa me entender, eu fiquei desesperada, tive medo de te perder para sempre. Eu agi errado, mas não quero mais mentir para você, eu quero ser digna do seu amor.

Senti como se tivesse sido apunhalado pela segunda vez.

— Dessa vez você passou de todos os limites. Falsificar um exame de gravidez? Você sabe que pode ser presa por isso, Paloma? Você mais uma vez brincou com meus sentimentos. Paloma, uma criança!? Como pôde fingir estar grávida, porra!! — Grito revoltado, dando um passo atrás, tentando não fazer nenhuma besteira.

— Eu sei, querido, eu juro que não pretendia te enganar, eu ia contar assim que as coisas se resolvessem entre nós dois.

— Você não imagina o que eu estou sentindo agora,

Paloma. Quando penso que você não pode me ferir mais, você vem e faz isso! Já chega de tantas mentiras, Paloma, eu não aguento mais, não aguento mais você! Você vai embora dessa casa, eu não quero te ver nunca mais!

— Não! Não, Martim! Não, eu não posso aceitar isso, eu não vou te deixar! Eu sei que você só pensa o pior de mim, e sei que a culpa é minha disso estar acontecendo, mas, por favor, não me mande embora.

— Você não vê, Paloma? Eu não vou te perdoar nunca, não vou cair mais no seu joguinho. Não existe mais nós dois, a única coisa que te mantinha aqui era o suposto bebê que agora não existe mais.

— Martim! Martim, por favor, meu amor, não me deixe! Não me mande embora!

— Para! Para com suas mentiras! Para de implorar por algo que não vai acontecer! Quero você fora daqui!

— Eu entendo a sua raiva, compreendo o seu rancor, mas eu sei que nós fomos feitos um para o outro. Não há maneira de sermos felizes separados. Você me ama, eu sei que o sentimento ainda está aí dentro de você, só preciso despertá-lo.

— Chega, Paloma! Você nem sabe o que está falando! Arruma suas coisas que amanhã eu vou te levar no aeroporto e você vai embora. — A deixo sozinha na sala e entro no meu quarto. Tento controlar a vontade que eu tenho de quebrar tudo, gritar com ela.

Deus, eu não aguento. Essa dor é sufocante demais. Gemo agoniado. Por que me fazer conhecê-la? Por que me apaixonar justo por ela? Uma mulher tão cruel, tão terrível. Me enganou, mentiu, me usou. Paloma só brincou comigo, eu era algum tipo de diversão para ela, nada faz sentido! A única coisa que sei, é que dói saber que tudo não passou de mentiras.

Paloma

Pensei em ir até Martim implorar para que me ouvisse, mas o que diria? O que poderia fazer que já não tivesse feito? Nada que eu diga ou faça vai mudar o passado, mesmo que me arrependa dos meus erros.

Quando ouço o som de seus passos, fico em alerta, pensando que talvez ele venha conversar comigo, mas não! Ouço-o entrando no seu quarto e em seguida a porta sendo trancada. Choro baixinho mordendo o travesseiro para que ele não ouça, e fico assim pelo que parecem horas, até que decido que não adianta chorar. Levanto da cama e começo a recolher todas as minhas coisas. Quando vejo que não resta mais nada, fecho a última mala levando tudo para a sala.

Me sento no sofá velho e empoeirado sabendo que não vou conseguir dormir. Puxo minhas pernas para cima, abraço meu corpo e olho para o meu anel de noivado, tão lindo, tão delicado. Leio a inscrição na aliança e penso nele, no meu marido, "Minha

melhor escolha". A inscrição que ele escolheu para mim. Mesmo tentando me manter forte, eu não aguento e deixo duas pequenas lágrimas caírem. Acabou, desta vez é o fim. Encosto minha cabeça no sofá me sentindo exausta, derrotada, e acabo me entregando ao sono.



Acordo com o corpo dolorido e percebo que dormi sentada no sofá da sala, um cobertor está sobre meu corpo. Tento me lembrar quando foi que o peguei, mas não lembro.

Olho para a cozinha e vejo Martim já vestido, fazendo o que parece ser café. Sinto o cheiro forte e meu estômago fica embrulhado.

Me levanto e vou direto ao banheiro fazer minha higiene para ir embora. Quando termino, volto para a sala e o vejo de pé à minha espera.

— Coma alguma coisa antes de ir, a viagem é longa e não sabemos quando vamos poder parar. — Diz ele olhando para o relógio atrás de mim.

— Estou sem fome e já arrumei as minhas coisas, estão todas nas malas. É melhor irmos. — Falo com a voz embargada.

— Vamos! — Fala pegando a chave e colocando a caneca de café em cima da mesa.

— Antes de ir, eu preciso te dizer, Martim, que mesmo que não acredite em mim, eu te amo! — Falo colocando para fora a dor

que estou sentindo.

Ele me olha de maneira estranha, seu rosto está tão vazio que não consigo identificar o que ele sente.

Me viro de costas pegando uma das malas de rodinha, tentando ser forte e não chorar.

— Espera, Paloma. — Diz ele com a voz levemente trêmula.

Paro na soleira da porta com a mala na mão.

Ouçoo seus passos se aproximando de mim e meu corpo se arrepia.

— Não vai embora, fica comigo. — Fala segurando minha mão e eu me viro totalmente aliviada, como se o peso do mundo tivesse saído das minhas costas.

Solto a mala no chão, olho para o meu marido com o rosto cheio de lágrimas e desabo em seus braços, o abraçando forte, chorando em seu peito.

— Eu tive tanto medo de nunca mais te ver. — Soluço o abraçando forte. Sua camisa já está molhada com minhas lágrimas, mas eu não quero soltá-lo, tenho medo que ele mude de ideia e me expulse daqui.

— Sou orgulhoso demais para te deixar ir. — Diz ele se afastando de mim.

— Você vai me perdoar? — Pergunto com medo da resposta.

— Eu não posso! Por mais que uma parte de mim queira

esquecer tudo que aconteceu, eu não consigo. Talvez eu nunca vá conseguir te perdoar. Mas sou egoísta demais para te deixar ir, para te entregar para ele.

Me aproximo dele tocando seu rosto e noto que ele fica tenso.

— Eu vou esperar o tempo que for para que me perdoe, vou provar a você que o que sinto é verdadeiro. — Digo com uma certeza que não tenho.

— É melhor eu ir, o hospital está cheio e tenho muitas coisas para fazer. — Fala se afastando, erguendo as barreiras entre nós dois e voltando à postura fria de antes.

Respiro fundo, sabendo que essa foi apenas a minha primeira batalha. Não será fácil convencê-lo a me perdoar, que estou me esforçando por ele, por nós dois, para mudar, para ser digna do amor dele.

— Tudo bem. — Sorrio tentando não desanimar. — Espero que corra tudo bem no seu trabalho. Kadish falou que viria aqui mais tarde para conversar.

— Eu volto à noite

Sem nem se despedir, pega sua maleta e o jaleco e sai me deixando sozinha no meio da sala.

Assim que ouço o carro se afastando eu desabo no sofá. Fecho os olhos e faço uma prece mental. — *Senhor, que eu consiga seu perdão, que eu consiga o meu marido de volta!*

Kadish

Acordo com Ibrahim me olhando. Seus olhos foram direto para a minha face esquerda, onde eu sabia que deveria estar roxo.

— Bom dia, meu amor, você dormiu muito, já está na hora do café.

— Bom dia. — Falo com a voz rouca de sono, cansada ainda.

Me espreguicei na cama e gemi de dor. Ibrahim entrou no banho e eu pude me levantar e ver o estrago que ele fez.

Meu rosto estava inchado, com um roxo horrível, que mesmo com muito corretivo ainda daria para ver.

A porta do banheiro se abre, ele passa por ela de toalha e me olha através do espelho.

— Isso foi para o seu bem. É para você aprender como se comportar, como ser uma esposa à altura do prefeito dessa cidade. Você não pode mais ser aquela pobre coitada que era quando te conheci.

Quando ele diz isso, eu não consigo deixar de lembrar do quanto era feliz com a minha vida simples. Uma lágrima cai dos meus olhos.

— Acha que não me custa ver você chorando? — Fala de maneira obsessiva.

— Então por que não me deixa ir embora? Voltar para a casa da minha mãe, de onde nunca deveria ter saído? — Ibrahim dá

uma risada irônica.

— Casa?! Chama aquela palhoça de casa? Se não fosse eu, sua mãe não teria nem o que comer! Eu ajudei a sua mãe a ter um fim decente, se não fosse por mim, nem enterro ela teria. Você deveria me agradecer por ter cuidado de você e cuidado da sua mãe.

— Me deixa ir, eu não aguento mais viver assim! — imploro desesperada. — Você tem Amara, tem várias outras que adorariam estar no meu lugar.

— Nunca, Flor-de-lis! Você nunca vai me deixar! — Diz em tom ameaçador e eu estremeço assustada.

Tive que tomar café da manhã na mesa com ele, por sorte Amara não estava lá. Foi à cidade. Ibrahim se despede e vai embora, mas antes que ele vá, peço sua permissão para que eu pudesse ir ao orfanato com Paloma.

Ele parece satisfeito por me ver sendo amiga da esposa do médico, além do que a primeira dama no orfanato faria bem a sua imagem.

Tento dar um jeito no meu rosto com muito corretivo, mas ainda assim tenho medo que alguém perceba os hematomas.

Peço para Abba preparar uma cesta com algumas delícias que ela faz, para poder levar à Paloma.



Zaki estaciona na frente da cabana e eu desço animada para

falar com a minha nova amiga. Antes que eu bata à porta, Paloma aparece, já arrumada.

— Bom dia, Kadish, já estava te esperando, estou ansiosa para conhecer a cidade. — Diz ela me abraçando.

— Eu trouxe esta cesta para você.

Os olhos de Paloma brilham ao ver os doces.

Sentamos as duas na varanda da casa conversando enquanto Paloma come.

— O que houve com seu rosto? — Pergunta ela me olhando nos olhos.

— Eu escorreguei no banheiro ontem, bati meu rosto no box. — Digo tentando soar firme, mas acabo baixando o olhar.

— Certo, bateu no box! Vamos então. Eu vou guardar o que sobrou para mais tarde e nós já podemos ir. Acho que nunca comi tanto assim. — Fala se levantando, e noto que ela parece mais animada hoje do que estava ontem.



Quando o carro para na cidade, Paloma olha ao redor curiosa e admirada, acho que não esperava que tudo fosse tão precário.

— Vem, quero te levar à feira livre. — Falo arrastando-a pelo braço.

— Aqui não tem sinal! — Diz ela preocupada mexendo no celular.

— Não, infelizmente, na nossa cidade, ainda não contamos com sinal de celular, mas no orfanato, aonde irei te levar, tem telefone fixo e você pode ligar para sua família de lá.

— Mas não será muito incômodo?

— Não, claro que não. Eu mesma falo com a madre.

Arrasto-a até as barracas onde frutas e verduras são expostas. Paloma fica empolgada com a festa de cores que vê e sai comprando.

É complicado de início, já que ela só tem euros para pagar. Tenho que explicar ao vendedor da barraca que ele poderia trocar o dinheiro dela.

Uma vendedora de lenços nos aborda, eu escolho um para mim e Paloma um para ela.

— Eu não sei como usar, você vai ter que me ensinar.

— Pode deixar, quando voltarmos para sua casa eu vou te ensinar como colocar. — Falo, ajudando-a com as sacolas. — Acho que você exagerou nas compras. — Aponto para a quantidade de sacolas que Zaki carrega. Paloma ri achando engraçado e para na frente de uma menina que vende quiabos.

— Por que ela está trabalhando tão novinha?

— Isso é comum aqui, Paloma. As crianças começam a trabalhar assim que são fortes o bastante.

— Meu Deus! Eu quero ajudá-la! — Diz angustiada tirando um bolo de notas da carteira.

— Paloma, ela não é uma pedinte. Se quer ajudar, compre

os legumes que ela vende.

Só então ela se dá conta que seria ofensivo dar o dinheiro à menina e fica meio sem graça. Paloma compra todo o estoque de quiabo da menina e Zaki olha horrorizado.

— Vamos, sua louca. Quero só ver o que seu marido vai dizer quando vir a quantidade de quiabos que você comprou.

— Você vai me ajudar a cozinhar isso, né? — Pergunta ela, percebendo que exagerou.

— Claro que sim! Agora vamos que estou morrendo de saudades das crianças do orfanato.

— Tem muitas crianças vivendo lá?

— Infelizmente, sim. Muitas delas já são grandinhas e perderam os pais para a malária. O padre Mello e a madre Verusca fazem de tudo para que eles sejam adotados, mas com as crianças maiores é mais difícil.

— Nossa, eu nem fazia ideia.

— A vida é dura em Mali, Paloma, é muito diferente do seu país. Nem todo mundo tem o privilégio de nascer em um país como o seu.

Depois que falei isso, Paloma permaneceu calada por todo o caminho até o orfanato. Mostrei a ela onde ficava o hospital e perguntei se ela queria ir até lá ver seu marido, mas segundo ela, ele deveria estar muito ocupado e não queria atrapalhar.



Chegando ao local, Paloma olhava tudo parecendo horrorizada. E não era para menos, já que as condições aqui são precárias, a começar pela higiene.

O casarão era velho, o chão de terra batida contrastava com as paredes brancas e recém pintadas. O local cheirava a tinta e as crianças se encontravam agrupadas no pátio, todos vestidos com roupas extremamente simples e desgastadas. A igreja era ao lado e todos os domingos o padre Mello celebrava a missa, a qual boa parte da população frequentava. As crianças só eram alimentadas graças a doações, porém as doações estavam escassas.

Eu já havia tentado falar com Ibrahim sobre o orfanato, mas ele não se importava.

— Tenho certeza que vai amar. No total são sessenta crianças, entre bebês, crianças e adolescentes.

— Eles são tão magros e abatidos. — Fala Paloma reparando nas crianças.

— Tia Kadish, você voltou! — o pequeno Luís corre em minha direção.

Ao ver Paloma, os pequenos pareciam encantados, pois o cabelo dela é loiro e eles jamais haviam visto uma garota loira em toda a vida.

— Ela parece a Barbie. — Diz uma das meninas mais velhas.

— Posso brincar com ela? — Diz outra.

— Não, ela não é uma boneca, ela é minha amiga, e sim ela

parece a Barbie. — Respondo, achando graça da reação das crianças.

— Ela é linda. — Uma menina a abraça e ela sorri.

— Oi, pequena. — Diz Paloma à menina.

— Oi. — Responde com um sorriso largo.

— Você parece uma princesa. — Diz Anaya, de seis anos.

— Obrigada. — Paloma sorri e logo vê uma freira segurando um bebê pequeno. Ao ver o bebê, Paloma pede para pegá-lo no colo. A criança era pequena e usava um macacão cor de rosa, e diferente das outras crianças, a pele e cabelo da menina eram claros, assim como seus olhos, que eram azuis quase translúcidos.

— Ela é albina, — informo a Paloma — e por esse motivo os pais entregaram a criança ao orfanato, achando que a menina poderia estar amaldiçoada. Infelizmente nossa sociedade ainda é muito ignorante.

— Oi, coisinha linda. — Paloma sorri encantada com a menina.

— As freiras a chamam de Esperance, que significa esperança em francês arcaico.

— Madre, aqui tem algum telefone?

— Você é a esposa do novo doutor? — Pergunta a madre responsável pelo orfanato.

— Sim, sou eu. — Diz envergonhada.

— O doutor veio mais cedo vacinar as crianças. É um bom

homem, com um coração nobre. Temos sorte de ter ele aqui — diz a madre.

— Sim, Martim é incrível. — Paloma responde com um sorriso triste.

— Vamos, vou levar as duas até meu escritório para usar o telefone.

Paloma

— Eu amei conhecer as crianças. — Digo empolgada a Kadish depois que retornamos à cabana.

— Eu fico feliz, você parecia assustada no começo, mas tirou de letra as perguntas das crianças.

— Elas são muito curiosas e extrovertidas. Quero voltar lá mais vezes.

— Nós podemos ir sempre que quiser, tem muitas coisas que eu ainda quero te mostrar.

— Vem, você prometeu que me ensinaria a cozinhar, e quero fazer um jantar especial para o meu marido hoje. — Digo pensando em impressionar Martim.

— Eu vou te ajudar a guardar essas coisas e posso te ajudar.

Kadish tentou me ensinar a cozinhar, mas foi difícil. Cortei meu dedo com a faca quando tentava cortar o frango; ela cortou com tanta habilidade que fiquei constrangida. Também me ensinou a tirar a baba do quiabo, confesso que achei nojento aquele legume,

não sabia se teria coragem de comer aquilo.

— Tem certeza que esse tanto de sal está bom? — Perguntei a ela ao temperar o tal do arroz jollof, que levava como ingredientes básicos: arroz, tomate, molho de tomate, cebola, sal e pimenta vermelha, e que segundo ela era um pranto muito consumido aqui e era delicioso. O cheiro do frango com quiabos estava bom, mas ainda assim eu olhava para aquele legume com dúvida.

— Eu vou arrumar a mesa e você cuida do bolo.

— Está bem. O que eu tenho que fazer?

— Só não deixa queimar, fica de olho no frango.

Morrendo de medo do frango queimar, fiquei de olho na panela de barro borbulhante segurando uma colher grande de madeira e mexendo sem parar.

— Paloma, tira o arroz do fogo que já deve estar bom! — Kadish me avisa enquanto arruma a mesa.

— Está bem. — Digo pegando o pano de prato, mas a panela é grande e pesada demais e está pegando fogo.

— Droga, droga, droga, isso está quente. — Falo colocando a panela borbulhando em cima da mesa da sala onde a única mesa da casa está.

— Cuidado, você poderia ter se queimado.

— Chega de acidentes na cozinha hoje.

— Eu preciso ir, Paloma, preciso chegar em casa antes de Ibrahim. Meu marido ficará furioso se chegar e eu não estiver.

— Mas como eu vou conseguir terminar tudo? — Pergunto assustada com a hipótese de ficar sozinha na cozinha e estragar tudo.

— Não se preocupe, o arroz já está pronto. Você só precisa deixar o bolo no fogo por mais uns quinze minutos e desligar. Só não esquece o que eu te falei.

— Já sei, já sei, não pode desenformar o bolo quente, tem que deixar esfriar.

— Ótimo. Amanhã eu te levo pra conhecer a minha casa. Vamos torcer para a naja da Amara não estar lá.

— Amara, a sobrinha do seu marido que te odeia.

— Essa mesmo.

— Vou adorar conhecê-la. — Sorrio maldosa. Lembro do roxo no rosto de Kadish e penso que talvez ela e a tal Amara tenham brigado. A abraço apertado, me despedindo.

— Obrigada, Kadish, por tudo que está fazendo por mim.

— Não tem que agradecer. Você me diverte muito, Paloma. — Fala se despedindo e entrando no carro.

Com a panela com o arroz já na mesa, fui para o quarto me arrumar. Eu queria estar bonita hoje, queria que Martim se impressionasse com o que fiz. Então, escolhi um vestido que ele adorava, na cor cinza, era curto e de alças finas. Me maquiei com cuidado tentando esconder as olheiras e a pele ressecada pelo sol, passei meu batom vermelho que amo dando o toque final para o meu look. Olhei no espelho me sentindo bem mais bonita. E foi só

aí que me lembrei do bolo. Corri para a cozinha e vi a fumaça saindo do forno, trazendo um cheiro de queimado horrível.

— Droga! Droga! Droga!

Desliguei o fogo e abri a porta do forno, a fumaça quase me cegou. Tentei abanar para a fumaça sair, mas não tive muito sucesso. Peguei dois panos de prato para tirar a forma do forno e colocar na pia. O bolo estava todo preto, queimado, olhei para ele com raiva de mim mesma por ter esquecido o bendito no fogo. Larguei o bolo em cima da pia e fui para a sala para esperar por Martim, rezando para que até a hora que ele chegasse o cheiro de queimado já tivesse desaparecido.



Nove horas da noite e Martim ainda não chegou.

A comida já está fria.

E o pior, eu nem tenho como ligar para ele e saber onde está. Muito menos como ir à vila atrás dele.

Estou angustiada, preocupada que alguma coisa tenha acontecido. Ando de um lado para o outro sem saber o que fazer. Já estou quase indo a pé mesmo atrás dele, quando ouço o barulho do jipe chegando.

Abro a porta ansiosa para saber se ele estava bem quando vejo Martim descer do carro cambaleando, sem o jaleco e com o cabelo bagunçado. Engulo um nó que se forma em minha garganta, foco meus olhos em seu rosto e percebo que ele está embriagado.

— Onde você estava? — Pergunto assim que ele atravessa a porta.

— Ah, você está aí! Esqueci que você mora aqui! — Diz ele com a voz embargada.

— Você está bêbado! Você estava bebendo?! Eu quase morri de preocupação!! — Grito revoltada.

— O que foi? Já cansou de brincar de casinha e quer ir embora para a casa, princesinha? — Ele se ri do meu desespero.

— Você está rindo?! Estava enchendo a cara enquanto eu fiquei te esperando preocupada, seu canalha?

— Estava bebendo, e daí? Isso não é da sua conta! — Diz debochado e caminha até a geladeira onde pega uma garrafa com água.

— Não é da minha conta, seu desgraçado? Eu sou a sua esposa!! Você me deixa aqui sozinha e preocupada, enquanto vai encher a cara com sabe-se lá quem!!! — Grito e o soco.

— Você só é minha esposa no papel, Paloma. Nós dois sabemos que não existe casamento nenhum, e o que eu faço ou deixo de fazer não é da sua conta! — Fala me afastando.

— Seu desgraçado! Pensa que eu vou ficar aqui te esperando enquanto você está na farra!? Seu imbecil, eu posso até amar você, mas não sou nenhuma trouxa ou capacho para você pisar!! — Digo fora de mim.

— Eu nem queria você aqui, Paloma! — Diz ele meio zozinho.

— Eu, tonta, me esforcei para fazer essa droga dessa comida para você e olha como você chega!? Bêbado, com a roupa toda desgrehada, sabe-se lá com quem esteve!!

— Não que seja da sua conta, mas eu estava com o pessoal do hospital. Hellen e a equipe me chamaram pra um *happy hour*.

— Hellen?! A maldita peituda?! Você estava com ela, seu desgraçado? — Alcanço o prato em cima da mesa e jogo em direção a ele.

— Eu nunca tinha reparado nos seios dela, mas agora que você está falando... — Diz ele debochadamente e eu me enfureço. Acerto a travessa de salada bem no meio da testa dele.

Martim cambaleia meio zozzo e limpa a testa, que sangra, mas eu não me compadeço, estou zangada demais.

— Você está louca, mulher? Que diabos está fazendo? — Diz limpando o pequeno corte. Não foi fundo, mas ele mereceu.

— Eu aqui cozinhando para você, limpando essa maldita cabana e você com essa vagabunda?! Eu vou matar essa desgraçada!! Quem ela pensa que é para sair com o meu marido? — Me viro pegando a jarra de suco e jogando em direção a ele, que desvia rápido.

— Para, Paloma! Eu não te devo nada! Nós não estamos juntos! Eu nem sei por que ainda te mantenho aqui! Quer saber, sua desgraçada, hoje fui só sair para beber, amanhã eu já nem sei!!

— Eu vou te matar, seu cafajeste!! Como você ousa dizer isso na minha cara? Eu sou a sua mulher!! Eu vou acabar com a

raça dessa piranha também!

— Para sua, louca! Está jogando a comida toda fora!

— Como se você se importasse! Eu fiquei horas tentando fazer essa droga de jantar para você! Queimei a porcaria do bolo, quase botei fogo na cozinha e você chega aqui bêbado, e diz que estava com a tal Hellen?! Eu vi a forma que ela olha para você! Ela está mais do que interessada!

Pego a panela onde estava o arroz e jogo em direção a ele.

— Chega! Chega! Para, porra! — Diz ele avançando em minha direção e segurando meus braços, me empurrando contra a mesa e me impedindo de jogar os outros pratos na cara dele.

— Me solta, seu desgraçado, traidor de uma figa!

— Cala a boca, Paloma! Para de gritar!

— Eu não vou parar, seu infeliz!! — Grito e, em um gesto bruto, Martim me interrompe beijando minha boca e me deixando totalmente sem fala.



CAPÍTULO 14

EM CHAMAS

**"Então, vai ser para sempre
ou vai acabar em chamas?
Você pode me dizer quando terminar
Se os momentos bons superaram a dor".**

Paloma

Foi tudo tão repentino que quando vi sua boca já devorava a minha de maneira voraz. Suas mãos em minhas costas me puxavam mais para ele.

Sentir seu gosto me deixou arrepiada.

Mordo sua língua e Martim geme em meus lábios.

Eu já não raciocino; a boca de Martim desce para meu pescoço, chupando e mordendo minha pele.

— O que está fazendo? — Tento encontrar algum raciocínio dentro de mim.

— Estou te fazendo parar. — Diz ele chupando meu colo e sua barba arranha meu pescoço. O desejo louco já nos queima e Martim não para por aí, ele rasga meu vestido deixando meus seios à mostra. Sua boca vai direto para meu seio esquerdo e eu me arrepio por inteira.

— Martim... — Gemo, tentando me lembrar que estávamos brigando minutos atrás, mas sua boca lambendo o bico do meu seio me faz esquecer.

— Você está vestida demais. — Diz ele com a voz totalmente rouca, terminando de rasgar meu vestido.

Martim me empurra sobre a mesa me deitando nela. Sua boca vai para meu pescoço, mordendo e chupando. Minha calcinha já está encharcada, e seu pau duro contra mim não ajuda em nada a manter minha mente lúcida. Tudo que quero é senti-lo dentro de mim.

— Eu amo seu cheiro. — Diz ele mordendo meu ombro, e eu gemo arrepiada.

— Martim, como senti sua falta. — Digo puxando seus cabelos com força.

— Calada! Só abre essa boca para gemer.

Puxo seu rosto para mim, olhando em seus olhos nublados

de tesão.

— Eu te amo! — Digo em puro êxtase ao senti-lo comigo. Puxo sua camisa de botão com tanta força que os botões voam pelo chão.

Martim volta a beijar minha boca. Sinto seus dedos invadindo minha calcinha e me esfrego nele, querendo sentir mais contato.

— Era isso o que você queria, não é? Safada, você queria me deixar louco, descontrolado. — Diz ele rasgando minha calcinha e me deixando exposta.

— O que eu quero é o seu amor, o seu perdão. Você me ama, Martim, não adianta negar o que está óbvio para nós dois.

— Não diga nada, só me sinta. — Diz puxando meus cabelos e me fazendo olhar em seus olhos. — Você é minha, só minha! Ninguém te tem como eu! — Fala com um olhar possessivo que me deixa ainda mais alucinada.

— Sou só sua. Agora e sempre, meu amor. — Me afasto dele e me ajoelho no chão. Martim fecha os olhos quando vê minha intenção. Minhas mãos vão direto para o cinto da sua calça e rapidamente me desfaço dela, o deixando livre para mim. Seu pau grosso está pedindo por atenção e eu não perco tempo. Beijo a cabeça rosada, passo minha língua lentamente pelo comprimento, para logo em seguida levar fundo em minha boca.

Relaxo minha garganta o engolindo o máximo que consigo e com as mãos trabalho no que sobra. Martim começa a socar seu

pau na minha boca me xingando de safada, puxando meu cabelo, me deixando mais excitada. Abro os olhos e olho para ele, o levando profundamente. Sinto o gosto levemente salgado do seu pré-goço e não paro. Com a mão livre, vou massageando suas bolas, enquanto deixo seu pau cada vez mais molhado, engasgando com seus golpes. Não tiro meus olhos dos seus nem um segundo. Passo a língua pela cabecinha e enfio tudo de novo. Sinto seu corpo ficar trêmulo e ele goza chamando por mim. Engulo todo seu goço, deliciada com o seu sabor. Me levanto com uma firmeza que não tinha antes e digo com firmeza:

— Você é meu, Martim! Pode lutar o quanto quiser, mas no final sou só eu quem faz você se sentir assim! É só comigo que seu coração acelera dessa forma! Não se esqueça disso! — Falo e o puxo para um beijo firme. Ele não diz nada, apenas me ergue em seus braços nua, me carrega pela sala até o sofá velho e me joga com brutalidade sobre ele.

— Você procurou por isso, ninfeta safada! — Diz abrindo minhas pernas sobre seus ombros e caindo de boca na minha intimidade.

— Ahhh!!! — Só tenho tempo de gritar ao sentir sua língua sedenta em mim. — Isso, amor, não para! Assim! — Digo quando ele faz movimentos circulares em meu clitóris.

— Eu vou te dar tudo que precisa, safada! — Diz afastando mais as minhas pernas e me chupando com gosto. Puxo seus cabelos e me esfrego em seu rosto. Martim sopra minha intimidade

e em seguida me penetra com dois dedos; eu me contorço em seus braços.

— Eu não vou aguentar, Martim!

— Goza, goza para mim, minha loirinha safada.

E então vem o orgasmo devastador. Sinto meu corpo todo trêmulo, minhas costas se arqueiam, depois desabo no sofá.

— Deliciosa! Poderia passar horas aqui, só sentindo seu sabor. — Diz ele sorrindo e eu perco o fôlego.

Martim não deixa nem eu me recuperar, abre mais as minhas pernas e começa a me penetrar com vontade, fazendo movimentos fortes, que me tiram o fôlego. Percebendo que eu estou gostando, ele intensifica ainda mais os movimentos, mas quando eu estava prestes a gozar pela segunda vez ele para e começa a me masturbar.

— Martim, eu preciso que você se mexa! — Digo tentando me mover com seu pau duro dentro de mim e sua mão castigando meu clitóris. — Ah... Me fode, por favor, eu quero te sentir por inteiro! — Eu gemo.

— Senti tanto sua falta, loirinha. Eu estava enlouquecendo sem você!

— Ahhh! — Grito quando ele acerta um tapa na minha boceta encharcada. Volta a mexer seu pau dentro de mim enquanto me masturba com seus dedos.

— Oh! Sim! Sim, eu quero você, amor! Não aguento mais! — Grito de prazer.

— Goza para mim, safada! — Diz ele mordendo meus lábios e eu arqueio as costas gozando forte.

— Você é minha, Paloma! Só minha! — Diz ele beijando a minha boca e voltando a socar em mim sem parar.

— Ahhh... — Gemo arranhando suas costas, quando sinto ele vibrar dentro de mim.

Martim não para, soca com força e a cada golpe eu arranhava mais as suas costas. Ele alterna seus beijos entre meus seios e meus lábios e nos entregamos à saudade, à paixão que sentimos um pelo outro.

— Eu te amo, doutor! — Digo quando ele me olha com aquele mesmo olhar de antes. Paixão, amor, desejo, todos transparentes em sua face.

Martim me vira de lado e não responde a minha declaração. Coloca minhas pernas sobre a sua e mexe seu pau dentro de mim sem parar. Seus golpes são tão fortes que não aguento e gozo novamente; Martim se segura para não gozar.

— Nós estamos só começando, gostosa. — Diz e acerta um tapa em minha boceta.

— Ahhh! — Grito assustada.

Martim desacelera e começa a me foder lentamente, só para me torturar. Com movimentos mais leves que me deixam no topo da excitação, ele não para de me beijar, me deixando sem fôlego. Continua lento e em seguida rápido.

— Ohh, porra! Você parece uma droga que não consigo

viver sem! Me deixa viciado! Que saudade dessa pele, desse cheiro, desse gosto, dessa bocetinha! — Diz ele me colocando de quatro no sofá e segurando minhas mãos para trás. Começa a massagear minha bunda. Já até sei o que ele vai fazer e me arrepio ansiosa por seu toque.

— Agora eu vou judiar de você, safada. Quero ver você tentar me matar de novo! — Diz ele puxando meus cabelos para trás e beijando minha boca.

— É só não chegar perto daquela biscate, querido! — Digo provocando.

— Você está querendo apanhar, mulher. — Diz e acerta um tapa em minha bunda.

— É melhor não me testar, querido! Não sabe o que sou capaz de fazer com essa doutora! — Digo ameaçadora.

— Acha que consigo ter olhos para outra mulher com você aqui tirando todo o meu raciocínio? — Soca forte mais uma vez. E eu gemo arrepiada.

— É melhor não me testar, marido!

— Calada! Você é minha! Se não me obedecer, eu vou puni-la. — Diz saindo de dentro de mim.

Ele pega minha calcinha do chão e a coloca em minha boca, enquanto segura minhas mãos para trás. Em seguida, volta para trás de mim e soca sem parar. E eu grito fora de mim, gozando mais uma vez.

Sinto sua mão bater em minhas nádegas uma, duas, três,

mais vezes.

Grito com a calcinha na boca. Sinto-o acertando meu ponto G, e um prazer absoluto toma conta de mim. Estremeço, gozando forte em um orgasmo alucinante. Martim me puxa mais para ele, acelera seus movimentos e goza comigo, gemendo como uma fera feroz.

Exausta, totalmente acabada, eu desabo no sofá. Martim olha para mim com um olhar diferente, que eu não soube identificar. Fico com medo que ele me mande para o meu quarto.

— Vem comigo! — Diz ele me pegando no colo e me levando para o seu quarto.

Ficamos os dois deitados na cama, eu exausta e Martim também. Ele coloca uma mão sobre meu seio esquerdo, do jeito que gostava de dormir. Me puxa até me ter colada a ele e então eu fecho os olhos cansada, mas feliz, com a certeza de que amanhã será um dia melhor.

Beatriz

Já faz três dias que me mudei da casa dos meus pais.

Estou morando em um apartamento confortável em Stockbridge. Pela primeira vez estou tomando as rédeas da minha vida. Preciso pensar em mim e no meu filho.

Contei a meus pais sobre a gravidez. Não foi nada fácil. Quando disse que o pai da criança não era Martim, acreditei que meu pai fosse enfartar.

Ele me repudiou, e mamãe apenas chorava me olhando enquanto meu pai me julgava e condenava segundo a sua moral e seus princípios. Contudo, algo em mim havia mudado. Eu não saberia explicar, talvez meu filho esteja me dando forças, mas eu não baixe a cabeça e chorei como de costume faria. Apenas disse que os amava e que se quisessem fazer parte da vida do neto eles precisariam mudar e perceber que eu não era nenhuma perdida por ser mãe solteira.

Eu tenho meu dinheiro, não preciso dos meus pais para me sustentarem ou ao meu filho. Além do que recebi com o divórcio, pretendo continuar pintando até o bebê nascer

Saio do meu carro cheia de sacolas, animada para começar a montar o quarto do meu bebê.

— Bom dia, senhora. Precisa de ajuda com as sacolas? — O porteiro do prédio pergunta solícito.

— Não precisa, mesmo assim obrigada. — Digo entrando no elevador. Porém antes que a porta do elevador se feche, uma mão a impede. Olho para a pessoa que entra no elevador e fico em choque.

— O que está fazendo aqui, Nick? — Pergunto irritada.

Como se não bastassem suas milhares de mensagens, agora ele veio até aqui!

— Você não tá sabendo da novidade? Eu sou seu novo vizinho.

— Você tá brincando, não é, Nicolas? — Digo firme e ouço o elevador subir.

— Ana, eu disse que não ia desistir de você. Eu te amo e quero estar ao seu lado, quero provar que me arrependo de ter te machucado.

— Eu já disse que não acredito em você, me deixa em paz, Nick. — Digo e levo uma mão à cabeça com uma dor terrível na nuca.

— O que você tem, está se sentindo mal? — Pergunta ele tocando meu rosto.

— Não me toque! Eu estou bem, não preciso que cuide de mim.

— Ana, quando vai me escutar? Quando vai me dar a chance de conversar com você? Não finja que não sente nada por mim, Ana Beatriz, eu sei que também me ama.

— Chega! Eu já disse que quero distância de você, Nick, não consigo esquecer o que fez. — Por sorte antes que ele possa rebater as portas se abrem eu me apresso em sair do elevador. Posso ouvir seus passos atrás de mim, mas ignoro sua presença abrindo a porta do meu apartamento.

— Eu não vou desistir de você, Ana! — Ele insiste, mas eu o ignoro, me trancado dentro de casa. Como se trancar a porta pudesse trancar os sentimentos que guardo dentro de mim.

Minhas mãos estão trêmulas; me odeio por me sentir assim perto dele. Deixo as sacolas em cima do sofá e vou direto para cozinha tomar um copo de água, minha garganta está seca, minha cabeça latejando.

Entro em meu ateliê, olho para todos aqueles quartos não terminados, e penso que talvez eu possa colocar para fora toda essa frustração que estou sentindo.

Talvez Maisie tenha razão. Eu tenho que contar de uma vez a Nick sobre o bebê. Pensei que podia ganhar tempo ou coragem, não sei, mas agora com ele morando no mesmo prédio vai ser inevitável ele descobrir sobre a gravidez.

Não entendo por que ele está fazendo isso, mandando todas essas mensagens, flores, se mudando para cá. Uma parte minha quer acreditar que ele sente mesmo algo por mim, mas outra parte, a parte dominante, diz que não devo arriscar, que é perigoso, e que vou acabar me machucando.

Achei que pintar um pouco pudesse me ajudar a espairecer, a me distrair, mas após apenas algumas pinceladas com tinta vermelha em um desenho abstrato de paisagem, seu rosto começou a invadir minha mente. Maldito Nick! Como se não bastasse todo o mal que me fez, ainda quer me torturar!

Larguei o pincel irritada e uma pontada forte me acertou nas costas, gemi e sentei na cadeira do quarto.

Por um momento fiquei preocupada que algo pudesse estar errado com meu bebê, mas a dor foi embora.

Andando devagar, fui até a sala pegar meu celular para ligar para Maisie. Talvez ela pudesse vir dormir aqui hoje. Eu não queria ficar sozinha, ainda mais sabendo que Nick estava tão perto.

Eu mal tinha chegado na sala quando a campainha tocou. — *Chegou!* Logo pensei que fosse o porteiro com alguma entrega.

— Já vai! — Grito tentando acalmar quem está na porta.

— O que faz aqui? — Pergunto assim que vejo o dono do meu tormento na minha frente com uma cesta nas mãos.

— Eu vim ver se você não queria comer algo. Pedi comida mexicana, que sei que você ama, e também trouxe um DVD daquela série que você gosta, de vampiros. Como é mesmo o nome? *The Vampire Diaries*?

— Nick, você tá tentando me chantagear usando Damon e Stefan? — Perguntei sorrindo como uma boba.

— Não, claro que não. Mas está funcionando. — Sorri.

— Eu não estou me sentindo bem, é melhor ir embora, não estou a fim de discutir com você.

— O que você tem? — Diz ele dando um passo para dentro e colocando as mãos em meu rosto preocupado.

— Eu estou bem, Nick! Foi só uma dorzinha, não precisa se preocupar.

— Quer que eu te leve ao hospital? Você está pálida.

Quando eu estava para responder que queria, senti uma pontada forte no meu abdômen e gemi de dor.

— O que você tem? O que está sentindo? — Pergunta ele

desesperado, me aparaando em seus braços.

— Eu não sei, estou sentindo uma dor forte. — Falo com a voz embargada pelo choro, penso no meu bebê e a sensação de desespero toma conta de mim.

A dor se intensifica.

— Nick, você precisa me levar ao hospital! — Digo em desespero e ele paralisa assustado, olhando para o chão. Sigo seu olhar e então noto uma poça de sangue se formando aos meus pés.

— Não, não, não! Meu bebê, meu filho, não! — Grito em pânico, fraco, me escorando em seus braços.

— Eu vou te levar ao hospital.

— Não vai dar tempo, Nick. Por favor, me ajuda, eu estou perdendo meu bebê! — Grito em pânico. — Chama uma ambulância, por favor!!

— Bebê? Que bebê? Você tá grávida? — Pergunta ele confuso, digitando o número da emergência no seu celular.

— Me ajuda! — Grito me curvando de dor.

— Calma! Eu já tô chamando a ambulância.

Nick me pega no colo e me coloca no sofá.

— Droga, Ana! Você tá sangrando muito! — Fala ele nervoso quando vê minhas pernas molhadas de sangue.

— Por favor, Nick, eu não quero perder o meu filho. — Imploro em aflição.

— Você tá grávida, Ana Beatriz? Quando pretendia me contar?

— Me ajuda, eu não aguento, tá doendo muito! — Grito com os olhos cheios de lágrimas.

Nick anda de um lado para o outro com o telefone na orelha inquieto.

— Eles já estão vindo, meu amor, eu prometo que nada vai acontecer, eu estou aqui.

— Nick, eu tô com medo. Não quero perder nosso bebê, por favor, não posso perdê-lo.

— Nosso bebê — ele repete num sussurro. Depois me olha nos olhos, tocando meu ventre e diz com firmeza: Você não vai perder nosso filho.

A ambulância não tardou a chegar, e o percurso até o hospital passou num borrão. Nick ficou o tempo inteiro ao meu lado, segurando minha mão e tentando me acalmar. Apenas quando fui levada à sala de emergência nos separamos.

Os médicos tentavam conter o sangramento; eu já estava fraca. Ainda consegui ouvir dizerem que teriam que me sedar, antes de cair em um sono pesado...



Abro os olhos e me dou conta de que estou em um quarto de hospital. Lentamente vou me lembrando do que aconteceu e toco meu abdômen, preocupada com meu filho. Reparo que há fios ligados em mim e um soro em meu braço.

— Você acordou, meu amor? — Diz Nick, que estava

dormindo desconfortavelmente na cadeira a meu lado.

— Meu bebê, o que houve com meu bebê? — Pergunto já temendo que o pior tenha acontecido.

— Calma, calma! Não fique exaltada. Nosso filho tá bem, você o protegeu bem.

— Você não está mentindo para mim, não é? Ele tá bem mesmo? — Pergunto com lágrimas nos olhos.

— Sim, querida! Nosso bebê está aqui. Ele é forte como a mãe. — Nick deposita uma mão quente sobre meu ventre e sorri, beijando meu cabelo. — Eu quase morri, pensei que ia perder você. Ana, eu juro que se algo tivesse acontecido com vocês eu não sei o que seria de mim.

A porta do quarto abre nos interrompendo. Um médico entra no quarto e eu olho para Nick com medo que ele não tenha me contado a verdade.

— Bom dia, a paciente parece bem melhor esta manhã.

— Doutor, como ela está? E o meu filho? — Pergunta Nick de uma vez.

— Bem, a senhora chegou aqui com um princípio de aborto, causado por um descolamento prematuro de placenta. Nós conseguimos manter a gestação, mas o seu quadro requer muitos cuidados.

— O que significa isso, doutor? — Pergunto preocupada que meu bebê esteja em risco.

— O descolamento da placenta é quando as paredes

internas do útero se descolam antes do parto. A condição pode privar o bebê de oxigênio e nutrientes. Foi por conta disso que você teve o sangramento e as dores.

— Mas meu filho está bem, doutor? Não aconteceu nada com ele? — Pergunto com medo e Nick segura minha mão, me dando força.

— Sim, o bebê está normal. Mas a senhora precisará ficar de repouso absoluto, provavelmente até o final da gravidez. Qualquer movimento brusco pode acarretar na perda do colo, fazendo com que o bebê nasça antes da hora. A senhora precisa entender que sua gestação ainda está muito inicial para que o bebê sobreviva. Então o repouso é obrigatório se quiser levar essa gestação adiante.

— Não se preocupe, doutor! Eu cuido dela. — Diz Nick olhando fixamente para mim.

— O senhor é o que da paciente?

— Eu sou o pai do filho dela, e seu noivo. — Ele responde me surpreendendo, mas quando ia dizer algo, fui impedida por seu olhar duro.

— O senhor precisa saber que ela precisará de ajuda para tudo, até mesmo para ir ao banheiro. Terá que ficar deitada a maior parte do tempo, e não pode de maneira alguma se estressar, a vida do filho de vocês que está em risco aqui. — Fala o doutor muito sério.

Eu fico aterrorizada só com a hipótese de perder outro filho.

— Eu garanto que ela será bem cuidada.

— Bom, eu vou assinar a sua alta e te vejo na semana que vem para a consulta de rotina. Vou também pedir alguns novos exames.

O médico se despede de nós e eu fico calada, sem saber o que dizer a Nick.

Após alguns minutos de silêncio, Nick fala num tom decidido:

— Eu vou me mudar para o seu apartamento hoje mesmo, e não quero discutir sobre isso.

— Nick, eu sei que você tá preocupado com o bebê, mas não tem necessidade de se mudar para minha casa, Maisie fica comigo ou posso ligar para mamãe.

— Você ouviu o que eu disse, Ana Beatriz? Eu cuido do que é meu. Não quero te deixar estressada, sabe que isso faz mal para o nosso filho.

Fechei os olhos sabendo que não ia adiantar, ele parecia decidido. Não seria fácil conviver com Nick, mas no momento era a minha melhor saída.

Martim

Acordo com a cabeça latejando, a vista embaçada. Sento na cama e aos poucos vou me lembrando de tudo que aconteceu ontem. A discussão, o beijo e depois nós dois. O lado da cama está

frio, Paloma não está aqui. O relógio do meu pulso marca mais de dez da manhã. Por sorte hoje é sábado, eu só ia para o hospital na parte da tarde.

Levanto meio tonto, com uma dor de cabeça terrível. Não sei se pela bebida ou se pela travessa que Paloma jogou em mim. Os lençóis estão emanando o cheiro dela, tudo me lembra da loucura que fizemos ontem, e que não pode voltar a acontecer. Foi um erro, um deslize que não cometerei mais.

Visto uma boxer, bermuda e camiseta, e pego minhas coisas para tomar banho.

Abro a porta do quarto já prevenido a discussão que terei.

Me surpreendo ao ver Paloma sentada na sala — que agora está toda arrumada, nem sinal da bagunça de ontem. Ela está com uma xícara na mão, lendo um livro.

— Bom dia. Vejo que perdeu a hora pro trabalho. — Fala sem tirar os olhos do livro.

— Eu estou livre essa manhã, só vou para o hospital à tarde.

— Certo. Bom, não sei fazer café, mas comprei chá de saquinhos e não tive dificuldade em esquentar a água. Se quiser, também tem uns biscoitos de polvilho. — Fala tudo mecanicamente, como se ontem ela não tivesse arranhado minhas costas e gritado meu nome ao gozar.

— Obrigado. — Digo educado. — Paloma, sobre ontem... — Começo a falar, mas paro quando vejo que ela coloca o livro sobre a mesa e só agora olha para mim, com desafio em seus olhos.

— Sobre ontem, eu queria pedir desculpas pelo meu comportamento. Eu não deveria ter me aproveitado de você, pois estava bêbado e...

— Não precisa terminar. Eu já sei o que vai dizer! "Foi um erro, eu estava bêbado e não sabia o que estava fazendo". Martim, essa desculpa é a mais velha do mundo! Mas não se preocupe, eu não ligo! — Diz ela indiferente e eu me enfureço. Podia jurar que ela ia chorar e fazer um escândalo, mas não, simplesmente não deu a mínima.

— É isso mesmo, nem sei o que deu em mim ontem. Você nem me atrai mais, só pode ter sido a bebida. — Digo para machucá-la da mesma forma que sua indiferença me machuca.

Ao contrário do que pensei que ela faria, Paloma sorri.

— Somos adultos, Martim. Não se preocupe, não vou fazer nenhum drama sobre isso. — Diz e volta para o livro.

Olho para ela com raiva, morrendo de vontade de sacudi-la e fazer com que ela surte e diga algo, mas decido ir tomar meu banho e tirar o cheiro dela da minha pele. Exorcizar o desejo que sinto apenas por vê-la.

Nem a água gelada me fez esquecer a sensação do toque dela em minha pele. Minhas costas marcadas são a prova da paixão que queima entre nós dois.

— Maldita! Por que tudo tem que ser assim!?

Volto para a cabana e não a vejo mais na sala. Guardo minhas coisas e vou para a cozinha fazer um café forte para curar

essa maldita ressaca. Me arrependo de ter bebido tanto, mas depois do dia que tive ontem, parecia uma boa ideia beber um pouco para relaxar. Mas pelo visto, acabei passando dos limites.

Estava com a caneca de café na boca e quase engasguei ao ver Paloma sair do quarto vestindo um biquíni preto e saída de praia branca super-reveladores, deixando seu corpo quase todo à mostra.

— Onde você pensa que vai? — Rosno assim que a vejo colocando os óculos escuros.

— Não que seja da sua conta, mas Kadish me mostrou o rio que fica após a trilha. Como não aguento esse calor do inferno, vou me refrescar e sair um pouco desta casa.

— Mas você não pode sair assim. — Digo furioso, só com o pensamento que algum pescador ou nativo possa vê-la assim.

— Cuidado, *mon docteur*. Falando assim até parece que gosta de mim. — Diz ela debochada e não espera nem eu responder; sai em direção à trilha.

Porra! Essa mulher só pode estar querendo me enlouquecer. Coloco a caneca em cima da pia e saio de casa, indo na direção que ela foi. A mata cobria boa parte da trilha, mas o som da cachoeira me fez encontrar o caminho.

Assim que chego, a vejo sentada numa pedra sem a saída de praia, com os pés dentro da água, tirando fotos. Seu sorriso é tão lindo que por um segundo eu esqueço que a Paloma em minha frente é a mesma que me enganou e traiu.

Fecho os olhos guardando na minha mente seu sorriso. Me aproximo e me sento do outro lado da margem.

— O que você está fazendo aqui? Agora vai ficar me seguindo, é? — Pergunta ela assim que me nota.

— Eu só vim me certificar que não se machuque. Pode ter cobras ou algum animal selvagem. — Digo disfarçando. — O que você veio fazer aqui, hein, Paloma?

— O que é isso? Agora eu tenho que te dar satisfação de tudo? Engraçado, quando você estava bebendo com sua amiguinha ontem, não teve que vir me explicar, não é?

— Paloma, não vamos brigar sobre isso de novo!

— É claro que não! Afinal, eu só sou sua esposa no papel. É óbvio que você não me deve nenhuma satisfação.

— Já chega, Paloma! Eu me recuso a ter essa discussão com você aqui no meio do mato!

— Ah, Martim! Quer saber?! Eu não vim aqui para me estressar. Pelo contrário, estou atrás de um refúgio e você veio estragar o meu relaxamento.

— Onde você vai, Paloma? Estou falando com você!

— Eu vou mergulhar! Você tá cego ou o quê? — Diz ela entrando na água.

— Sai daí, Paloma! Pode ter cobras ou sabe-se lá o quê aí!

— Ah, Martim! Deixa de ser careta! Logo você que se diz um aventureiro. A água está uma delícia.

— Sai daí, Paloma, já!!

— Você não manda em mim! — Responde ela indo mais afundo no rio.

— Deixa de ser teimosa! Eu não vou te deixar sozinha aqui!

— Não pedi para vir! Está aqui porque quer!

— Eu vou te tirar daí, isso é perigoso demais!

— Blá-blá-blá, doutor! Entra logo, vai! A água está ótima.
— Fala afundando na água.

— Eu não vou entrar, é melhor você sair! Nem sabe a profundidade desse lago!

— Deixa de ser bobo, Martim! Você me trouxe para o meio da África, ao menos me deixe aproveitar!

— Eu vou te tirar daí! — Começo a tirar a roupa ficando só de boxer para tirá-la de lá. Entro no rio, a água está mesmo deliciosa. Paloma sorri fugindo de mim.

— É sério, Paloma! Vamos sair daqui, pode ter pescadores ou alguém da cidade vindo para cá!

— Deixa de ser chato, Martim. — Fala ela assim que chego mais perto, colocando as mãos sobre meu peito.

Coloco meus braços ao redor dela, puxando-a para mim. E não resisto. Vendo-a assim tão linda, tão minha, beijo seus lábios delicadamente, sentindo seu doce sabor.

Paloma geme em meus braços e puxa meu cabelo, enquanto eu grudo mais seu corpo ao meu. Minha língua toma conta da sua, e o beijo se torna mais intenso. Só paro quando já estamos sem ar. Paloma olha para mim com um olhar tão apaixonado que perco os

sentidos.

— Você vai me perdoar? — Pergunta ela com as mãos no meu rosto.

— Eu não posso, não posso. — Digo agoniado.

— Você está jogando a nossa felicidade fora! Eu errei, mas estou aqui com você, estou aqui te pedindo perdão.

— Como quer que eu seja feliz ao seu lado com a lembrança de você com ele?!

— É tão difícil assim me perdoar? — Diz magoada. — Eu estou tentando, Martim, ser uma pessoa melhor.

— Não é como se eu pudesse simplesmente apagar tudo o que você fez. Todas as mentiras, todos os enganos, sua traição, eu simplesmente não posso!

— Eu juro que tento te entender, mas não serei usada por você como uma válvula de escape. Você não pode me ter quando quer e depois dizer que não sentiu nada, eu não sou assim. Eu quero o seu perdão, o seu amor, não aceito menos que isso — diz ela se afastando.

— Paloma, volta aqui! O que você quer dizer com isso? Você vai embora?

— Você entendeu, Martim! Eu quero seu perdão, mas não serei seu capacho. Se como você disse, eu não sou sua esposa, então, você não é meu marido. — Diz ela embaixo da cachoeira.

— Você fez tudo isso para me provocar, não é? Você gosta de me enlouquecer? Quer me deixar louco?

— Martim, deixa de pensar tanto e sinta mais! Olha que lugar lindo. — Fala ela soltando o laço do biquíni, desnudando seus seios.

— O que você está fazendo, sua louca? Paloma, alguém pode te ver assim! Você está louca? Veste esse biquíni! — Digo pegando o mesmo, que flutua pela água.

— Sempre tive vontade de nadar nua em meio à natureza. Olha que legal. — Ela sorri e desfaz o laço da calcinha, a jogando em mim.

— Volta aqui, Paloma! — Digo assim que ela mergulha totalmente nua na minha frente. — Paloma, para de me provocar e vem vestir esse maldito biquíni!

— Ah, Martim. Deixa de ser careta, vai! — A maldita parece uma sereia.

— Vem aqui, sua louca! — Digo puxando-a, tentando cobri-la com meu corpo, com medo que alguém apareça.

— Deixa de ser bobo, ninguém vai vir aqui. Nós estamos longe da cidade. Relaxa, *mon docteur*! — Fala tentando afundar, mas a puxo para mim e ela sente meu pau duro e sorri travessa.

— Para de provocar, Paloma!

— Eu não fiz nada. — Diz sorrindo e saindo do rio feito uma maldita sereia, me deixando sem fôlego.



CAPÍTULO 15



PECADORA IMPERFEITA

**"Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro
que lhe atire uma pedra."**

Daloma

Duas semanas haviam se passado desde a cachoeira, e Martim mudou totalmente comigo. Se antes estava grosso e frio, agora, se tornou uma pedra de gelo. Às vezes, sinto como se morasse sozinha. Ele chega em casa, me ignora, janta calado, depois passa horas estudando seus livros de medicina. Até tento puxar assunto, perguntar sobre o hospital ou se tem falado com sua mãe, mas parece que até falar comigo o irrita.

Abro meu porta-joias e escolho um bracelete de ouro branco com brilhantes e cinco diamantes com corte redondo. É difícil me desfazer de uma joia como essa, mas o dinheiro que trouxe comigo acabou e se eu tentasse sacar a quantia de que preciso, Arturo desconfiaria que não estou vivendo um conto de fadas como falei. Ele já anda desconfiado, quando ligo me interroga sem cessar sobre minha vida aqui.

Coloco as joias dentro de um saco de veludo. “Estou fazendo isso pelas crianças”, repito para mim mesma. Eu não posso

ver aquelas crianças sem terem o que vestir e muito menos sem ter um calçado sequer e não fazer nada.

— Paloma! Já estou aqui, vamos?! — Diz Kadish gritando lá fora.

— Entra, Kadish, já estou pronta. — Falo saindo do quarto animada, mas bastou ver o pescoço de Kadish para o meu sorriso desaparecer.

— Quem fez isso com você, Kadish? — Pergunto nervosa indo até ela.

— Não foi nada, acabei me machucando, mas já estou bem.

— Acha que me engana? Posso ver claramente cinco dedos marcados em seu pescoço!

— Paloma, calma! Eu me machuquei na escada, foi isso!

— Kadish, eu venho reparando nesses hematomas desde que nos conhecemos. Por favor, se abra comigo. Eu sei que me conhece há pouco tempo, mas você é a primeira amiga verdadeira que tenho.

— Você não entende, eu estou te protegendo!

— Do que você precisa me proteger? — Pergunto preocupada com seu pavor.

— Por favor, eu não quero que nada aconteça com você ou com seu marido! — Diz ela começando a chorar.

— Não foi a Amara, não é? — Digo, já imaginando a verdade.

— Por favor, Paloma...

— Foi o seu marido, não foi, Kadish? — Falo de uma vez e a vejo estremecer.

— Por favor, promete que não vai fazer nada! Ele não pode saber que te contei! Por favor! — Praticamente implora em pânico.

— Calma, senta aqui e me conta toda essa história, só assim eu vou poder te ajudar! — Digo preocupada.

Kadish passa a próxima hora me contando toda sua história, e quando acaba estamos as duas com o rosto coberto por lágrimas. Pela segunda vez na vida, eu não sei o que fazer. A única coisa que faço é o que meu coração pede. Abraço Kadish forte, tentando consolá-la.

— Eu não sei como te ajudar, mas prometo pela minha vida que vou arrumar uma maneira de acabar com todo esse tormento.

— Não se preocupe, já estou acostumada com Ibrahim. Eu não dei os filhos que ele tanto quer, tenho fé que um dia ele vai cansar e vai atrás de outra, e eu estarei livre.

Após nossa conversa, Kadish parecia se sentir melhor, aliviada até. Levei-a até meu quarto, onde tratei de cobrir os hematomas de seu pescoço. Porque da mesma forma que eu vi, outra pessoa poderia ver.

Eu juro que me segurava para não ir até o maldito prefeito e atirar na cara dele. O meu lado vilã estava aflorado e a minha vontade era de destruir o sorriso de coitadinho que ele usava para enganar todo mundo.

— Nós precisamos ir. Ficou ótimo, ninguém vai notar as

marcas com esse corretivo. — Digo, a olhando no espelho.

— Obrigada, eu não sei o que seria de mim sem você! — Responde ela.

— Vamos, então? As crianças precisam de nós! — Falo tentando quebrar o clima tenso de minutos atrás. — Só preciso pegar uma coisa. — Digo lembrando-me do bracelete.

— O que é isso? — Pergunta curiosa.

— É o bracelete que vou vender no mercado de joias para comprar o uniforme das crianças. Talvez dê até para comprar calçados novos também.

— Tem certeza que quer fazer isso? Eu sei que suas intenções são boas, mas já é a terceira joia de que se desfaz para ajudar o orfanato. Primeiro, foi para comprar alimentos, depois, para ajudar o padre Mello com as finanças. Não seria melhor falar com seu marido primeiro? — Pergunta preocupada.

— Não é preciso. Martim nem sabe que passo as tardes no orfanato. Ele está tão focado no hospital que parece que nem nota que eu estou aqui também.

— Paloma, você mesma disse que a situação entre os dois não está nada boa, não é melhor contar para ele que quer ajudar o orfanato? Pelo que a madre falou, o doutor Lancaster ama as crianças, não acho que ele vá brigar com você.

— Eu vou falar com ele. Talvez hoje à noite, mas por ora preciso pagar os uniformes e as outras roupas que pedi para as crianças.

Kadish me acompanha ao mercado do ouro, onde joias e preciosidades são vendidas a céu aberto.

— *Non, ces bijoux valent plus!* — Repito ao vendedor explicando que o bracelete valia muito mais do que ele queria dar.

— Calma, Paloma, acho que não tem jeito, ele não vai dar mais. — Diz minha amiga tentando me acalmar.

— Mas isso é um roubo! Ele sabe que essa joia vale mais. — Falo consternada.

Por fim, Kadish consegue convencer o vendedor a pagar um pouco mais. Saímos de lá animadas para as compras que iriam ajudar as crianças.

Quando chegamos ao orfanato fomos recebidas pelas crianças. É incrível ver o quanto elas se apegaram rápido a mim.

— Ei! Se acalmem, crianças, nós temos que entrar e falar com a mãe. — Diz Kadish, que nem consegue andar rodeada de crianças. Sorrio pegando Esperance no colo feliz.

— Vamos, temos que entrar e entregar os presentes que compramos. — Digo animada e as crianças nos acompanham para dentro.

Martim

Já estava tarde, mas eu ainda estava no hospital, como vinha fazendo nas últimas semanas para fugir de Paloma. Estava em minha sala terminando de organizar alguns exames quando

alguém bateu à porta.

— Pode entrar. — Digo sem tirar os olhos dos exames de um paciente com tuberculose em estado avançado.

— Boa noite, doutor, sei que já está no seu horário, mas vim avisar que o paciente Morauh teve uma melhora significativa, provavelmente em dois dias já terá alta. A esposa dele ficou tão feliz que trouxe este presente para o senhor. — Diz e me entrega uma compota de caju.

— Obrigado, Hellen. Fico feliz que Morauh esteja melhor. Com a vacinação em andamento em breve vamos acabar com essa epidemia.

— Eu também queria saber se você não quer passar no *Sub* com a turma? Nós vamos comemorar meu aniversário. — Diz ela meio tímida.

— Desculpe, Hellen, eu não sabia que era seu aniversário, parabéns. — Digo constrangido.

— Não tem importância, não vai ser nada grande, apenas uns *drinks* entre amigos. — Ela diz, já próxima demais de mim. Tenho experiência o bastante para saber que ela não quer apenas a minha presença, mas algo mais.

— Aí estão vocês! Martim, estava te procurando. — Fala Vicente entrando na minha sala e Hellen parece ficar envergonhada.

— Eu já estava de saída. Te espero mais tarde, doutor. — Ela diz e se retira.

— Ela vai tornar-se um problema. — Avisa meu novo amigo.

— Por que diz isso? — Pergunto, preocupado que talvez ela seja uma má profissional e venha trazer problemas para o hospital.

— Pelo jeito que ela te olha, está bem visível que está interessada em você.

— Eu sou casado! — Digo firme, tentando mudar de assunto.

— Esse é o problema! Você é um homem casado e sua esposa parece o amar muito! Porque não tem outro motivo para tê-lo acompanhado até esse fim de mundo.

— Não importa o que o doutora Hellen pensa, eu não pretendo ter um caso.

— Nem devia! Com todo o respeito, mas sua esposa é linda!

— Sim, ela é! — Falo lembrando do seu corpo jogado na cama de solteiro, dormindo esta manhã. Quase virou um vício acordar bem cedo e ir vê-la em seu quarto.

— Falando nela, quando vai trazê-la para o pessoal conhecer? Vai ter o *Festival au Désert* no sábado, você deveria levá-la. Zoila vai adorar conhecê-la. Os caras estão comentando que quer manter sua esposa escondida para que ninguém tente roubar de você! — Diz ele rindo e eu vejo que talvez tenha exagerado em deixar Paloma tão afastada da cidade. Ela deve se sentir solitária naquela cabana. Mesmo que Kadish vá visitá-la,

ainda assim, as pessoas estão curiosas para saber por que não vivemos na cidade e por que nunca somos vistos juntos.

— Vai ser uma boa levar Paloma para o festival. — Falo não muito animado.

— Martim? Está tudo bem com seu casamento?

— Está sim, por que a pergunta? — Digo já ficando nervoso.

— Você fala sempre de sua esposa sem entusiasmo nenhum! Só quero que saiba que se precisar conversar, eu estou aqui!



Após a saída de Vicente, fiquei ainda mais duas horas no hospital verificando como está o estoque da farmácia.

— Teremos que pedir novos medicamentos em breve. — Digo à enfermeira Samira.

— Eu percebi que nossos estoques estão baixos, Doutor.

— Também vamos precisar de mais materiais para a coleta de sangue. Já está faltando seringas e materiais descartáveis.

Com a ajuda de Samira, faço uma lista de tudo que o hospital precisa.

Depois da conversa com Vicente decidi que não iria comemorar com o pessoal o aniversário de Hellen. Ele tem razão, não é de hoje que reparo seus olhares para comigo, e preciso cortar

o mal antes que me dê dores de cabeça.

Estaciono o velho jipe na entrada de casa, as luzes estão acesas, então, Paloma está acordada. Caminho cansado até a sala de casa. Vejo Paloma, que estava na cozinha vestindo nada mais que uma camisa minha — e pior, sem sutiã. Que diabos ela pensa que está fazendo?

— Martim, amor, você chegou. — Ela abre um sorriso e caminha em minha direção. E eu viro as costas me afastando, indo em direção ao meu quarto.

Fecho a porta antes que ela fale algo ou me siga. Pegó uma roupa e a toalha e saio do quarto ignorando-a. Paloma arrumava a mesa para o jantar. Reconheço o quanto ela tem se esforçado, mas me recuso a dar o braço a torcer e admitir isso a ela.

Tomo um banho rápido, me olho no espelho do banheiro e noto que minha barba está grande, e minha aparência cansada. Não está sendo fácil essa rotina do hospital. Todos os MSF estão trabalhando doze horas ou mais por dia para dar conta da demanda da população.

Deixo a barba para fazer amanhã de manhã e volto para a sala. Percebo que a mesa já está posta.

— Está pronto o jantar. Não é nada espetacular, apenas um cuscuz marroquino, com carne e legumes. Ainda estou tentando aprender a cozinhar. É mais difícil do que parece. — Diz ela meio tímida sentando na cadeira.

— Estou faminto. — Acabo deixando escapar e ela sorri.

Não entendo! Por que diabo ela sorri tanto? Deve saber que seu sorriso mexe comigo e faz de propósito para me provocar.

Paloma faz questão de me servir a comida, que cheira bem. Ela está linda com minha camisa, toda natural sem maquiagem, sem nada. Inevitável lembrar quantas vezes eu fui recebido por ela no apartamento ou nua ou vestindo a droga da minha camisa.

— Prove e me diga se ficou bom. Kadish disse que é um prato muito comum aqui, ela que me ensinou. — Diz tentando puxar assunto.

Pego o garfo e coloco uma pequena quantidade de cuscuz na boca, mas assim que começo a mastigar sinto o sal forte e começo a tossir.

— O que foi? Está tão ruim assim?

— Isso está terrível! Você colocou um pacote inteiro de sal?

— Não exagera, Martim, não deve estar tão ruim! Você está falando isso para me fazer sentir mal! — Ela me olha magoada e coloca um garfo cheio de cuscuz na boca.

Paloma começa a mastigar, fingindo que não está horrível, mas seu rosto se contorce.

— Não dá! Isso está péssimo! — Ela se levanta e corre para fora com o rosto pálido.

Levanto-me rápido e vou atrás dela. A vejo curvada na grama vomitando tudo que tem no estômago.

— Também não está tão ruim. Se não fosse o sal, estaria

delicioso. — Tento confortá-la.

Ela se ergue e vai até o banheiro, provavelmente escovar os dentes. Entro em casa e decido jogar a comida fora e eu mesmo preparar algo para o jantar.

— Você está melhor? — Pergunto assim que ela entra na cozinha ainda um pouco pálida. Fico preocupado, mas tento não demonstrar.

— Eu estou bem. Na verdade, não entendo por que não deu certo, eu fiz tudo como Kadish disse. Ela falou que o sal era a gosto, então, eu coloquei só uma colher já com medo de ficar salgado.

— Você colocou uma colher inteira de sal no cuscuz? — Pergunto tentando não rir.

— Sim, só uma colher!

Não aguento e começo a rir alto.

— Quem diria? Paloma Cartier tentando cozinhar! Sua comida é péssima, Paloma, você não nasceu para isso.

— Eu vou aprender, você vai ver! Logo vou cozinhar feito uma chefe de cozinha!

— Acho difícil isso acontecer. — Falo achando divertido o quanto ela está brava.

— Você não acredita que estou tentando mudar, né, Doutor Lancaster!? Mas escuta bem, eu vou provar a você que está errado! Estou lutando para ser uma pessoa melhor! Eu já disse muitas vezes que me arrependo das coisas que fiz.

— Não quero falar sobre isso, Paloma, não estou a fim de brigar com você. — Falo cortando alguns bifes.

Ela não responde, apenas vai para a sala e fica lendo um livro, enquanto eu termino a comida. Após estar tudo pronto, nós dois comemos em silêncio, presos em pensamentos.

Ela lava a louça e eu ajudo a guardar. Lá fora faz frio, um vento forte entra pela janela velha de madeira.

— Martim, você poderia me levar para conhecer o deserto? — Pergunta ela, deitada no sofá velho lendo uma revista, com os cabelos todos bagunçados e as pernas à mostra.

— Eu já disse que essa não é uma viagem de férias. Não estamos fazendo um safári na África, Paloma, eu estou aqui para trabalhar.

— Eu sei, mas já estamos aqui há quase um mês e eu só conheço o que Kadish me mostrou. Estou entediada e você não faz nada para melhorar a minha estadia aqui.

— Tenho muito trabalho no hospital, não tenho tempo para suas futilidades. — Digo rude, tentando cortar o assunto.

— Você está insuportável! Não sei como te aguento! — Diz emburrada indo até a cozinha e depois voltando com uma bacia de tâmaras.

Fico calado fingindo ler um livro sobre doenças raras do Doutor Buington. Estranho a forma como ela devora as frutas. Paloma nunca foi de comer tanto. Ela comeu bastante no jantar e ainda parece faminta.

— O Doutor Vicente e sua esposa querem te conhecer, pensei em te levar amanhã no festival na cidade. — Falo lembrando da conversa que tive com meu amigo.

— Por quê? — Pergunta ela sem me olhar.

— Eles querem conhecer a doce e amável esposa do Doutor Lancaster. Aquela que, segundo eles, é tão filantrópica que atravessou o continente para acompanhar o marido numa missão solidária. — Começo a gargalhar achando uma piada a forma como o pessoal do hospital vê Paloma.

— Não precisa ser tão irônico. — Responde brava largando as frutas na mesa.

— Mas você precisa concordar que de doce, amável e filantrópica você não tem nada! Se eles soubessem a cobra egoísta e mimada que você é, não falaria tanta bobagem e muito menos iam querer te conhecer.

— Me responde uma coisa, Martim. Você se sente melhor quando me humilha? — Fala Paloma, se levantando e parando bem na minha frente, e eu até esqueço o que ia falar diante de seus seios visíveis pelo tecido fino da camisa.

— Não! — Respondo grosso.

— Você fica dizendo essas coisas para erguer uma barreira entre nós dois. Tenta se convencer de que sou um monstro, que não mereço o seu amor. Mas nós dois sabemos que não é verdade. Se estou aqui, Martim, pode não ser por questões humanitárias ou filantrópicas, mas sim por amor! Por amar você. — Diz com seu

rosto tão perto do meu que está quase me beijando. Contudo, Paloma dá um passo para trás. Parece tonta. Coloca a mão na mesa como se precisasse se segurar.

— O que você tem? — Pergunto estranhando essa tontura repentina.

— Não é nada, já está passando. — Diz ela se afastando.

Tenho vontade de interrogá-la para saber se faz tempo que está se sentindo assim, mas pensando bem deve ser apenas uma cena para me comover.

— Eu vou para o meu quarto, não estou me sentindo bem e também estou cansada de discutir com você! — Ela diz e me deixa sozinho na sala.

Fecho os olhos não querendo que suas palavras me amoleçam. Paloma gosta de brincar comigo, de me manipular, mas não pretendo cair em seus joguinhos.

Decido sair da cabana, caminhar um pouco e espairecer. A lua já está no alto, a noite fria, o cheiro de mato é relaxante. No entanto, não consigo parar de pensar em suas palavras, minha mente está uma confusão total.

Lembro-me da conversa que tive com mamãe ao telefone esta tarde. Sua pergunta retorna a minha mente: “Será que você não ama Paloma o suficiente para perdoá-la?”

— Eu não consigo... digo a mim mesmo.

Não consigo confiar nela, é como se a qualquer momento ela fosse me apunhalar pelas costas.

Escoro-me no tronco de uma árvore, olho para o céu cheio de estrelas e me pergunto quando essa dor vai parar de queimar dentro de mim. Quando esse desespero irá embora? Quando vou conseguir dormir uma noite sem ter pesadelos de Paloma com Wallace? Basta fechar meus olhos para ver claramente os sorrisos debochados do meu primo na minha frente.

Paloma

— Senhora Lancaster? — Chama o padre Mello enquanto eu dava mamadeira para Jana sentada em uma cadeira de balanço.

— Padre, precisa de algo? — Pergunto achando estranho ele vir falar comigo.

— A freira Sofia fica com Jana. Preciso conversar um pouco com você. — Diz o padre me olhando ternamente.

Deixo Jana com Sofia para arrotar assim que termina de mamar. Caminho em direção à capela, que fica na frente do terreno do orfanato.

Kadish estava com a freira Ângela na cozinha, já eu prefiro ficar com as crianças.

Ao entrar na igreja reparo que há poucas pessoas aqui. Olho para o altar e me sinto intimidada, é como se todos os meus pecados estivessem expostos. Sinto-me indigna de estar pisando na casa de Deus, justo eu que fiz tantas coisas, muitas delas

imperdoáveis.

— Venha comigo, minha criança, precisamos conversar. — Fala e eu o sigo até uma sala simples, com uma mesa e banco.

— O que queria falar comigo, padre? — Pergunto preocupada, com medo que me proíba de ajudar no orfanato.

— Não se preocupe, só quero conversar um pouco com você, te conhecer melhor. Percebi que você e seu marido nunca vieram à missa. — Ele diz segurando um crucifixo de madeira.

— É... que temos alguns problemas e isso tem nos deixado distantes um do outro. — Digo baixando a cabeça.

— Você parece carregar um fardo muito pesado, minha jovem. O que houve para você ter esse olhar tão triste? — O padre pergunta pacientemente enquanto observa a medalha que Meire me deu.

— Eu sou uma pecadora, alguém que não é digna de amor, de ser feliz. Cometi muitos pecados, fiz muitas loucuras, cega por amor, e agora estou pagando por meus pecados. — Falo pausadamente tentando não chorar.

— Por que não se acha digna de amor, minha filha? Todos merecemos uma segunda chance. Um recomeço, o perdão de Deus.

— Eu tenho vergonha, padre, eu não deveria estar aqui! — Digo já chorando.

— Jesus é o caminho para o perdão. Ninguém vai ao Pai se não por ele. Abra seu coração que Deus o confortará.

— Eu me sinto perdida. — Desabo chorando. — Eu agi de

maneira fria. Fui egoísta, só pensei em mim. Não me importei com as pessoas que estava machucando. Eu destruí uma pessoa que me tinha como amiga. Eu usei a amizade dela para ficar com o homem que amo. Eu menti, enganei, manipulei tudo em prol do amor que sinto. Mas agora, eu perdi tudo, seu amor, seu carinho. — Falo com um fio de voz e o padre coloca uma mão em meu ombro, me confortando.

— Mas, filha, eu posso sentir o arrependimento em sua voz, você está tentando consertar seus erros, não está?

— Estou. Mas é tarde demais. — Falo engolindo o choro.

— Quem esconde os seus pecados não prospera, mas quem os confessa e os abandona e se arrepende encontra a misericórdia e o perdão de Deus. Irei ler uma passagem bíblica para você e rezar para que Deus conforte seu coração e que seu marido te perdoe.

— "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e do perdão e Deus de toda a consolação, que nos conforta em toda a nossa tribulação, para que possamos consolar os que estão em qualquer dificuldade, com o conforto com que nós mesmos somos consolados por Deus." 2 Coríntios 1:3-4.

— Eu quero que volte sempre que precisar de conforto. São muitas provações em seu caminho, mas Deus nunca dá um fardo maior do que podemos carregar. Eu vou te esperar aqui, se puder traga seu marido. — Diz ele me abraçando e não sei explicar, mas é como se tivesse tirado um peso das minhas costas.

Despeço-me do padre Mello e vou à cozinha contar a

Kadish sobre a minha conversa.

— Você vai ver, querida, logo seu marido vai esquecer o passado. Vocês se amam, ele só está machucado.

— Deus te ouça! — Falo animada e fico ajudando-a a ralar o milho.

— Senhora Lancaster!? — Me chama a madre Verusca.

— Olá, madre, precisa de mim? — Pergunto estranhando seu chamado.

— Sim, quero lhe mostrar uma coisa. — Diz ela sorrindo e me indicando uma porta na qual não havia entrado ainda no orfanato.

Acompanho-a até uma sala de música. As crianças estavam cantando um coral de nossa senhora, todas de pé enfileiradas.

— Nós temos um piano e um violão. A nossa professora de música, madre Cordélia, que Deus a tenha, morreu de malária cinco meses atrás. E desde então, o piano está parado.

— A senhora quer que eu ajude a Judite e toque o piano para as crianças?

— Seria uma honra! Kadish me contou que você toca, e ficaria feliz em ver as crianças cantando com ajuda do piano.

Olhei para o velho piano animada. Estava empoeirado, provavelmente estaria desafinado, mas fiquei empolgada por poder tocar. Fazia anos que não tocava. — Eu posso tentar, madre, ficaria muito feliz em poder ajudar. — Falei me sentando em frente ao piano.

— Foi o que pensei. Que tal tocar uma música para nós? As crianças vão amar, não é, crianças?

Um coro animado de crianças responde que sim.

Começo tocando uma música que gosto muito, do meu cantor favorito: Michael Jackson — “Heal the world”.

Toquei feliz, pois há muito tempo não me sentia tão leve. As crianças dançavam animadas ao som da música; no refrão os chamei para cantar. Adoro essa música, ela fala sobre ajudar o próximo e curar o mundo.

Antes que chegasse ao final, paralisei vendo Martim parado na porta. As crianças ficaram todas caladas olhando para ele.

— Por que parou? Estava tão lindo! — Diz a madre sorrindo para mim.

— Bem, eu...

— Continue, seu marido estava gostando de ver você tocar.

— Na verdade, eu já estou de saída. Só vim verificar a pneumonia do Malik. — Fala ele envergonhado por ter sido pego nos observando.

Olhei para a madre, suplicando com o olhar para que não insistisse.

— Eu faço questão, doutor! — Diz sorrindo para ele. — Que tal uma música mais suave agora? Aposto que todos vão gostar.

Não olho para a porta porque não é preciso. Consigo sentir seu olhar em mim. Sinto meu corpo queimar com a intensidade.

Respiro fundo, fecho os olhos para conseguir me concentrar nas notas do piano e então uma música vem em minha cabeça. “Million Reasons” da Lady Gaga. É como se a música falasse por nós dois. Então, começo a cantar, colocando para fora toda a dor e angústia que estou sentindo; é como se a música fosse um desabafo da minha alma.

Quando a música acabou, uma pequena lágrima escorria pelo meu rosto.

— Acho que por hoje está bom, não é, crianças? Melhor irmos todos para o pátio. — Diz a madre saindo com as crianças e me deixando sozinha com Martim.

Ele entra na sala e se aproxima de mim. Eu perco o fôlego com a intensidade com que me olha, é como se eu fosse queimada em brasas.

— Eu não sabia que tocava. — Diz ele me fazendo levantar o rosto para olhá-lo.

— Eu... Pensei que tinha contado. — Minha voz sai trêmula.

— Você não disse. Também não me disse que estava ajudando no orfanato. — Acrescenta em tom acusatório.

— A gente não tem conversado muito. — Falo com tristeza. — Tem muitas coisas que você não sabe sobre mim.

— Tem razão, acho que vou morrer sem saber tudo que se passa com você, Paloma.

— Martim, você não vai me impedir de vir aqui, não é? —
Pergunto temendo sua resposta.

— Não, não sou tão cruel assim.

— Obrigada! — Sorrio aliviada e ele se aproxima. Nossos rostos tão próximos que posso sentir sua respiração me tocando.

— Quando eu te vejo tão linda, tão feliz como agora, eu não posso evitar e acabo me esquecendo do que fez. É como se eu enxergasse apenas a Paloma por quem me apaixonei, aquela jovem cheia de vida e corajosa que me provocava. Por um momento eu consigo esquecer tudo que aconteceu e só ver o que gostaria que fosse real.

— Então esqueça, esqueça tudo. — Digo o abraçando apaixonada. Martim no começo fica paralisado, mas depois corresponde ao meu abraço. Levanto meu rosto e faço o que tanto desejei fazer nas últimas semanas: o beijo.



CAPÍTULO 16

FESTIVAL NO DESERTO

“Quem põe ponto final numa paixão com o ódio, ou ainda ama, ou não consegue deixar de sofrer.”

Kadish

Chego em casa nervosa, pois acabei perdendo a hora no orfanato.

Ao entrar na sala, logo de cara, vejo Ibrahim com um copo de conhaque na mão, sentado em sua poltrona à minha espera.

— Me desculpe, querido, acabei perdendo a hora.

— Onde você estava? — Diz ele vindo até mim.

— Eu estava na casa da Paloma.

— Você tem passado muito tempo na casa dessa mulher, o que tanto vocês fazem?

— Eu já te contei, nós vamos até o orfanato e fico um tempo com ela, na casa dela.

— Você anda me traindo, Flor-de-lis? Você está deixando outro tocar no que é meu? — Ele me encosta na parede.

— Claro que não, Ibrahim! Você sabe que eu não faria isso, meu amor! — Tento convencê-lo.

— Arrumou outro e por isso quer se ver livre de mim!

— Não, Ibrahim! Não é nada disso, querido! Eu te amo! — Falo o abraçando, tentando convencê-lo.

— Eu não consigo entender o poder que você tem sobre mim, Kadish. Eu me sinto devastado só de pensar em perder você. Você é minha, Flor-de-lis, ninguém vai te tirar de mim; nunca! Está a me ouvir? — Diz de maneira sombria.

— Sim! Eu sou sua! — Falo com um pesar na garganta. Ele nunca vai me deixar ir, estarei presa a ele para sempre.

Ibrahim me levou para jantar na cidade junto com a bruxa da Amara. Eu tive que sorrir como sempre, me fazendo de esposa apaixonada, enquanto ela fingia que era só sobrinha dele. Ele fazia questão de me exhibir como um troféu. No final da noite, dei graças a Deus quando o carro estacionou, enfim poderia ir para meu quarto.

Assim que Zaki abriu a porta, eu marchei em direção à porta.

— Kadish! Onde pensa que vai? — Pergunta Ibrahim me interrompendo.

— Eu vou para o meu quarto.

— Você não se despediu de Amara. — Fala ele me deixando indignada.

— Boa noite, Amara. Até amanhã. — Falo irritada, entrando na casa. Ainda pude ouvir ela se oferecendo para dormir com ele, os dois me enojam.

Subo as escadas, indo direto para o quarto. Preciso de um banho quente, para tentar relaxar. Fecho a porta aliviada por não ouvir os passos de Ibrahim atrás de mim.

Não demoro muito no banho. Visto uma camisola preta e me sento frente à penteadeira. Nesse momento a porta se abre e Ibrahim entra, com a roupa toda bagunçada, indicando que estava se esfregando na nojenta da Amara.

— Eu odeio a forma como você me humilha estando com essa vagabunda.

— Calada! Chega! Não sou obrigado a ouvir suas ladainhas! Estou cansado de repetir, quero que as duas se deem bem!

— Como pode dizer que me ama se me humilha dessa forma, ainda mais na frente dela?

— Te humilho?! O que acha que você faz comigo, Kadish? Nem um filho você me dá, já estamos casados há oito anos e até hoje o filho não veio! Acha que eu gosto disso? Acha que não virei motivo de chacota na prefeitura? Um homem que não tem frutos, não tem nada! Você me faz parecer um fraco na frente de todos.

Engulo a vontade de chorar, com medo do que ele possa fazer, apenas com um olhar ele tem o poder de me amedrontar.

— A culpa não é minha. — Falo num fio de voz, mas por dentro, eu sabia que era mentira. Ibrahim nem sonhava que eu tomava um chá forte de Renda da Rainha, para evitar uma gravidez. Jamais colocaria uma criança num inferno como esse! Se fosse para eu sofrer tudo bem, mas uma criança inocente, não.

— Tira a roupa, Kadish! Quero você agora! — Fala, mudando de assunto drasticamente.

— Ibrahim, hoje não, eu estou com dor de cabeça e cansada.

— Não é um pedido, eu quero você agora! Tira a roupa e deita na cama!

— Você não estava com Amara? Ela não te satisfaz o bastante? Por favor, me deixe dormir uma noite em paz! — Peço, pois estou exausta.

— Quer saber? Que se dane, Kadish! Estou tentando ser paciente, te mostrar que posso ser bom para você. Mas você escolheu o lado mais difícil, então, assim será.

Ele me puxa para a cama, me jogando sobre ela. Beija-me com violência e explora meu rosto com seus lábios. Tento resistir, mas ele estava inflexível. Suas mãos exploram meu corpo possessivamente. Como louco, feroz, sem carinho. Sinto nojo do seu toque, desprezo por ele. Eu tento persuadi-lo a parar. E com a voz alterada pelo choro, suplico:

— Por favor, eu não quero. Por favor, não faça isso, não faça assim! Me dê mais um tempo para estar pronta. Você disse que não ia mais me violentar! — Imploro com o rosto cheio de lágrimas.

— A culpa é sua por me negar o que eu quero! Eu não aguento, preciso ir lá hoje e nada vai me impedir! Nem suas lágrimas e nem suas súplicas! Se quiser participar disso, é só parar de lutar. Caso contrário, não importa se vai sentir ou não prazer.

Ele voltou a me beijar, mas eu só chorava, não acreditando

no que estava acontecendo. Comecei a tremer, mas isso não o impediu. Ele me despiu e em seguida a si mesmo, e sem demora me penetrou. Eu nem estava úmida, muito pelo contrário. Senti imensa dor quando seu membro me invadiu.

Ibrahim mordida meus seios e gemia, sentindo prazer em ver minhas lágrimas. Eu só queria que tudo acabasse logo, quem sabe ele me matava de uma vez.

— Você é a culpada disso estar acontecendo! Poderia ter sido diferente.

— A culpa não é minha se você é um monstro! — Acabo dizendo e sinto um tapa me acertar em cheio. Com o impacto, meu rosto vira para o lado. Mas ele não para, acerta outro e mais outro. Sinto o sangue quente escorrendo pelo meu lábio, e espero em sequência a surra que não vem. Fico com a cabeça virada e os olhos fechados chorando baixinho, não tenho coragem de olhar na direção dele, que não parava de me violentar com fervor e gemia alto como um animal selvagem. Não demorou muito para gozar forte dentro de mim.

Tentei segurar os soluços, mas foi mais forte do que eu. Logo, me vejo chorando e soluçando em meio à dor, o desespero e o medo.

— Flor-de-lis, eu não queria fazer isso, eu sinto muito. — Ele passa as mãos no cabelo e eu me encolho ainda mais. Ele suspira forte e levanta. Ouço seus passos se afastando no quarto, a porta abrindo e fechando; levanto a cabeça lentamente e olho em

volta. Ele não está mais aqui. Com cuidado caminho até o banheiro e coloco a banheira para encher. Afundo-me nela, sentindo aquela água escaldante relaxar meu corpo. Fecho os olhos e choro baixinho, me sentindo inválida, uma inútil.

Daloma

Já no carro, a caminho de casa, fico imaginando que Martim nem vai querer mencionar nosso beijo. Que vai fingir que nada aconteceu.

— As crianças gostam de você. — Diz ele me surpreendendo.

— Eu também gosto muito delas. É tão triste saber que dificilmente elas serão adotadas. Eu sinto que posso ajudar de alguma forma, me sinto útil perto deles.

— Amanhã tem uma festa na cidade, é o *Festival Au Désert*, uma ótima oportunidade para você conhecer toda a minha equipe.

— Vou amar conhecer todos, ainda mais se vamos a uma festa. — Falo empolgada.

— Você sente falta da sua família? — Pergunta do nada, me olhando estranhamente.

— Sim! Sinto falta da Alice. — Digo sorrindo, lembrando da minha irmã. — Arturo também, mesmo ele sendo um turrão.

Ainda tem Guilherme, sempre com um conselho sábio.

— Se quiser eu posso te levar ao hospital e você liga para eles. — Diz ele me deixando confusa. Por que está agindo assim, como se, se importasse comigo?!

— Eu já falei com meus irmãos ontem, mas se não se importar, eu queria conhecer o hospital.

— Como fez para ligar para eles? — Indaga confuso.

— A madre me deixou usar o telefone, eu disse a ela que irei pagar a conta se ela me deixar usar.

— Como não pensei nisso antes? É óbvio que sua família devia estar preocupada com você.

— Martim, eu estou bem. — Digo tocando seu braço, que ele afasta para trocar de marcha.

O resto do percurso foi feito em silêncio, mas eu estava feliz por poder conversar com ele, mais ainda por ir ao festival.

Martim estaciona o carro e abre a porta para eu descer. Entramos em casa.

— Eu vou tomar um banho rápido. — Falo olhando para ele.

— Vou preparar alguma coisa para nós comermos. — Diz ele me olhando estranho. Alguma coisa aconteceu desde que saímos do orfanato; Martim está estranho, pensativo. Me olha de maneira diferente. Penso em perguntar, mas decido deixar para lá.

Corro para o banheiro, tomo um banho rápido, visto uma camisola qualquer e vou para a cozinha ver se ele precisa de ajuda.

Martim olha para mim rapidamente, mas não diz nada e continua fazendo o jantar.

Abro uma garrafa de vinho branco que tinha comprado na cidade, enchendo um copo.

— Droga! Tomar vinho no copo é o fim! — Digo em voz alta revoltada.

— Ao menos você tem o vinho. — Responde ele sem me olhar. Me sento à mesa bebendo mais um copo, enquanto Martim coloca a mesa.

— O cheiro está divino, o que você fez? — Falo faminta. — Lasanha? Uau! Falo ao ver a forma fumegante com um cheiro incrível. — Fico imaginando o quanto deve ser difícil fazer uma lasanha, e faço uma nota mental de pedir para que Kadish me ensine.



A comida estava maravilhosa, o vinho já estava fazendo seu efeito. Eu me sentia bem mais leve, como se flutuasse. Martim se serviu bebeu em silêncio. Mas tinha uma pergunta que eu tinha que fazer ou não conseguiria dormir.

— Martim, me responde uma coisa. — Falei e só então ele olhou para mim.

— Fala.

— O que vai ser de nós dois quando tudo isso acabar, quando voltarmos para Londres?

— Eu não sei, Paloma. Não tenho resposta para isso. —
Fala rude, enchendo seu copo com o resto do vinho.

Fico em silêncio. Mas não estou triste, ao menos ele não disse que iria se divorciar e isso pode ser um começo.

As horas foram passando e logo eu vi que precisava dormir. Martim ainda lia seu livro, concentrado em seus pensamentos.

— Já está tarde, vou deitar. — Me levanto fechando meu livro “O Festim dos Corvos”, de George R. R. Martin. — Boa noite, amor...

— Paloma, espera! — Diz Martin segurando meu braço assim que passo por ele, me impedindo assim de entrar no meu quarto.

— Eu vou enlouquecer se não fizer isto.

Nem tenho tempo de perguntar do que ele está falando. Martin me beija, não um beijo calmo e comedido, e sim um beijo quente, feroz. Sua língua devora a minha e suas mãos vão direto para o meu cabelo. Eu gemo em seus lábios, colando meu corpo ao dele. Martin me ergue em seus braços, me empurrando contra a porta do quarto.

— Eu não aguento mais ficar longe do seu corpo, do seu toque, do seu cheiro. Preciso de você, Paloma.

É aqui que um alarme soa em minha mente, que isso está errado.

Me afasto dele, e Martin parece surpreso com a minha atitude.

— É melhor eu ir dormir. — Falo ainda meio afetada.

— Mas...

— Isso é errado, Martim, você ainda não está pronto para me perdoar. E eu não estou pronta para me decepcionar com você. Eu quero você, meu corpo implora por seu toque, mas nós dois sabemos que se fizermos amor agora, amanhã nada terá mudado e meu coração não aguenta mais um não. — Falo encontrando uma firmeza que nem sabia que tinha dentro de mim.

— Você tem razão. — Diz ele se afastando, indo até a cadeira onde minutos atrás ele estava.

— Boa noite. — Falo um tanto decepcionada, me perguntando quando ele vai me perdoar.

Martim

Minha noite foi péssima. Fiquei o tempo todo pensando em Paloma, rolando de um lado para o outro. Ela não tentou me seduzir como era de costume, mas me tratou com frieza, o que me deixou confuso.

Logo que o dia amanhece, vou ao banheiro e tomo um banho gelado, preciso espairar para conseguir trabalhar. Após o banho, vou à cozinha fazer um café forte, que é tudo que preciso. A porta do quarto de Paloma se abre e a vejo vestida com uma legging preta e uma camiseta cor de rosa, e a olho curioso.

— Por que acordou tão cedo? — Falo arqueando uma

sobrancelha.

— Preciso ir à casa da Kadish, sinto que preciso ir vê-la. —
Fala ela séria, parece que esconde algo.

— Você me leva? — Pergunta, enquanto serve uma xícara de café.

— Levo, se está tão nervosa para ver sua amiga, ela deve importar para você. — Digo admirado; não esperava que ela fosse se dar tão bem com uma mulher tão humilde como a esposa do prefeito.

— Nós vamos à festa? — Pergunta comendo um pacote de biscoito.

— Bem, provavelmente. — Respondo com descaso, e ela bufa. — Vai precisar que eu vá te buscar na casa do prefeito?

— Não, Zaki me traz. — Fala devorando uma caixa de figos frescos; o pacote de biscoito já vazio.

— É melhor irmos logo, tenho muitas coisas para fazer. —
Falo já pegando meu jaleco e minha pasta.

— Deixa eu só pegar mais um figo.

Espero no carro e assim que ela entra eu ligo o carro, partindo em direção à casa do prefeito.



Quando estaciono frente à casa do prefeito, Paloma me surpreende com um beijo no rosto e logo desce.

— Bom trabalho, não se esqueça que eu te amo. — Fala

sorrindo.

Ligo o carro partindo dali angustiado, como se estivesse fugindo do diabo, embora ela esteja mais para uma feiticeira.

Ao chegar ao hospital, meu primeiro atendimento é uma criança com um grave caso de desnutrição.

— Selma, o que houve? — Pergunto a uma enfermeira do hospital.

— Abandonaram esse anjinho na porta do orfanato e ela está desnutrida; as freiras a trouxeram. — Ela diz triste e logo eu levo a menina para fazer os exames.

Paloma

No jardim da casa do prefeito, caminho preocupada que algo pudesse ter acontecido a Kadish. Antes que eu entrasse, porém, algo chamou a minha atenção. Entre os arbustos, um casal quase se comia vivo. Fui chegando mais perto, tentando me esconder atrás de um arbusto, e meus olhos se fixaram no rosto dos dois. O homem eu reconheci como Zaki, mas a morena eu não me lembrava de já ter visto antes. A moça arruma o vestido e beija Zaki, e eu me escondo quando ela vai em direção à bela mansão. Na certa é uma funcionária da casa. Espero alguns minutos até não ter risco de ser vista, então, saio detrás das plantas, indo até a mansão. Toco a campainha e uma senhora atende sem demora.

— Bom dia, eu sou Paloma, amiga de Kadish, vim vê-la. —

Falo ansiosa.

— Sinto muito, senhora, mas a senhora não está. — Diz a velhinha, mas pelo tremor em sua voz sei que está mentindo.

— Quem está aí, Rania? — Pergunta a mesma morena dos arbustos chegando.

— Bom dia, eu sou Paloma Lancaster e vim ver Kadish.

— A minha tia não pode receber visitas.

— Tia? — Pergunto confusa olhando para ela. Kadish não tem idade para ser tia de uma mulher feita como ela.

— Sim, na verdade eu sou sobrinha do Ibrahim, mas sabe como é, acabei adotando Kadish como tia.

— Certo! Bem, então, já que você é da família, pode pedir para a empregada liberar a minha passagem, que preciso falar com a minha amiga.

— Rania, pode voltar para a cozinha que eu termino com esta senhora.

— Tudo bem. — Responde a empregada.

Já não gostei dessa Amara, ainda mais sabendo tudo que ela já fez a Kadish.

— Sinto muito, mas você não poderá vê-la.

— Ah, é, e quem vai me impedir?

— Meu tio a proibiu de receber visitas, então, é melhor ir embora.

Empurro-a na porta olhando bem em seus olhos e digo friamente:

— Escuta aqui, seu projeto de puta, eu vou ser bem clara com você! Eu sei bem quem você é, sei o que você andava fazendo nos arbustos minutos atrás, e para o seu bem, é melhor você me deixar entrar e não contar nada para seu titio! Nós não queremos que ele fique sabendo da sua diversão matinal, não é?

Vejo que ela empalidece, perde totalmente o ar.

Sorrio por dentro, sabendo que a peguei de surpresa.

— É o segundo quarto à esquerda, subindo as escadas.

— Boa menina! Espero que não tenha novos problemas com você, querida! — Falo sorrindo, entrando na sala e a deixando lá na porta parada feito uma estátua.

Subo as escadas apressada. Essa casa tem um ambiente carregado. Viro à esquerda e abro a porta do quarto que ela indicou. Assim que abro a porta, noto que a luz está apagada e um corpo pequeno está deitado na cama. Ligo as luzes e Kadish geme pela claridade.

— O que está fazendo deitada uma hora dessas? — Pergunto preocupada.

— Paloma, o que está fazendo aqui? — Pergunta ela se sentando e então eu posso ver seu estado.

— O que aquele maldito fez com você? — Pergunto já revoltada.

— Você não deveria ter vindo. Se Ibrahim descobre que veio até aqui, ele vai saber que te contei.

— Não se preocupe com isso, ele não vai saber que estive

aqui.

— Não! Você não entende, Amara é os olhos e ouvidos de Ibrahim nesta casa.

— Deixa que eu me resolvo com ela! — Digo fria.

Me sento na cama e a olho nos olhos. Pego suas mãos, colocando nas minhas as dela, tentando passar a força que ela precisa.

— Me conta o que ele fez! — Vou direto ao assunto.

— Ontem, quando cheguei, já era bem tarde. Ibrahim teve um surto de ciúmes. Consegui acalmá-lo, mas bastou termos chegado em casa para tudo desandar. Eu confesso que a culpa foi minha.

— Não! Não quero que repita isso nunca mais! Você não tem culpa dele ser um monstro desgraçado! Não se culpe, por favor, minha amiga.

Após ouvir o desabafo de Kadish, fiquei horrorizada com a baixeza de Ibrahim. Conversamos bastante. Eu prometi a ela que a tiraria de Mali, de um jeito ou de outro. Pensei em conseguir um passaporte falso e tirá-la do país, mas ele a encontraria. E sabe-se lá o que seria capaz de fazer com ela após ter fugido. Ibrahim não é qualquer um, eu preciso pensar bem, bolar um plano infalível.



Após combinar de encontrar Kadish à noite no festival,

Zaki me levou de volta para casa. Ele parecia constrangido, não disse nada durante todo o caminho. Acho que a tal Amara já devia ter contado para ele que eu os flagrei.

Mais tarde, almoço sozinha o resto da lasanha que Martim fez. Limpo a casa. Quando enfim acabei, já estava tarde e eu estava esgotada. Olhei-me no espelho notando que minha pele está ressecada, meu cabelo nem se fala, todo desbotado, sem brilho, minhas unhas todas quebradas. Me sento na minha cama e não sei por quê, começo a chorar.

Olhei para minhas malas, algumas empilhadas, outras abertas e bagunçadas, e tentei encontrar uma roupa especial para usar, mas os vestidos mais bonitos estavam todos amassados e eu não sabia como passar. Joguei todos os looks que não estavam amarrotados em cima da cama e decidi escolher depois.

Fui ao banheiro e tomei um banho demorado.

Saio enrolada na toalha e ao entrar em casa dou de cara com Martim.

— Você já chegou?! — Falo admirada por ele estar aqui antes das sete.

Martim se assusta e olha para mim, engolindo em seco quando percebe que estou só de toalha.

— Sim, o movimento no hospital hoje à tarde estava tranquilo e como vai ter o festival está todo mundo animado com os preparativos, então decidi vir mais cedo.

— Eu vou para o meu quarto me arrumar, então. — Falo e

entro, mas não fecho a porta, pois sei que ele está olhando. Lentamente, escorrego a toalha pelo meu corpo jogando-a no chão e ficando nua de costas para ele. Pelo espelho posso ver que Martim me observa. Escolho o vestido mais provocante das opções. Ele é cinza e tem uma fenda enorme na perna. Não coloco calcinha porque vai marcar. Martim não está mais me olhando, provavelmente foi para o banho. Sento em frente ao espelho e procuro dar um jeito em meus cabelos, que já estão compridos. As pontas estão ressecadas, sem vida e nada que eu faça parece ficar bonito. Por fim, os deixo soltos mesmo, já está ficando tarde e nada funciona. Capricho na maquiagem, ressaltando meus olhos, e passo meu maravilhoso batom vermelho; sei o poder que tem sobre meu marido, e esta noite eu pretendo enlouquecê-lo.

Termino os toques finais e me olho no espelho me sentindo bonita. Na sala encontro Martim olhando para o relógio entediado.

— Estou pronta! Como estou? — Falo sorrindo e dando uma voltinha.

— Onde você pensa que vai vestida assim? — Rosna fechando a cara.

— Você não gostou? Estou feia, é isso? — Pergunto olhando para mim mesma, tentando encontrar algo fora do lugar.

— Isso não é roupa de uma mulher casada usar! — Fala ele apontando para o meu vestido. Só então eu percebo o que está acontecendo.

— Sério isso, Martim? Menos, né! Minha roupa está linda e

para a sua informação eu não tenho outra.

— Impossível! Você trouxe sete malas! Onde foram parar todas as suas roupas?

— Estão todas amarrotadas e não tem ferro de passar nesta casa, e se tivesse também não saberia como usar, então, vou com esse mesmo.

— Você não vai vestida assim! Veste outra coisa! Qualquer roupa! Você nem ao menos está usando calcinha.

— Como você sabe? Por acaso estava bisbilhotando, *docteur*? — Pergunto com um sorriso sacana no rosto.

— É claro que não... Dá para notar que não tem nada por baixo desse vestido.

— Sei! Mas não importa, eu já estou pronta e já está tarde.

— Paloma, estou falando sério com você! Eu sou seu marido e ordeno que tire essa roupa já! Vista uma calça jeans e uma blusa comprida e nós podemos ir!

Eu não aguento, disparo a gargalhar. Martim está vermelho de tão nervoso

— Então, você é meu marido e “ordena”, né!? Vou te dizer uma coisa: você não manda em mim! Eu vou com o que eu quiser, e vou lembrá-lo de que foi você mesmo que disse que eu não era sua esposa! Nosso casamento era de fachada ou já se esqueceu? — Pergunto o desafiando.

— Isso não vem ao caso agora.

Ignoro o que ele fala, pego minha bolsa, passando por ele

indo em direção ao carro, e ainda faço questão de rebolar só para provocá-lo. Entro no carro me sentando no banco do passageiro, esperando por ele. Posso ouvi-lo xingando uma dúzia de palavrões, mas logo em seguida, tranca a porta e vem em direção ao carro.

— Quando chegarmos, eu vou fazer questão de fazer uma fogueira com todos esses malditos vestidos. — Diz sentando atrás do volante e ligando o carro.

— Experimenta fazer isso para ver se não vou aticar ainda mais o fogo com seus preciosos livros! — Falo sorrindo e ele aperta o volante com raiva.

Martim não diz mais nada, apenas dirige calado. Eu fico na minha, do jeito que ele está nervoso, capaz de me jogar do carro. Mas hoje não estou a fim de aguentar suas humilhações, eu quero me divertir, conhecer gente nova, fazer amizade.

— Martim!?

— Fala, Paloma! — Diz já bravo.

— Você precisa comprar um carro para mim, e uma máquina de lavar.

— Uma máquina de lavar até entendo, você conseguiu manchar quase todos os meus jalecos. Mas para que eu vou comprar um carro? Esse está ótimo!

— Eu não quero ficar dependendo de você ou do motorista da Kadish, é chato ficar andando por aí de carona.

— Sério isso, Paloma? São menos de quatro quilômetros da cidade até a cabana, você pode ir caminhando tranquilamente.

— Se é tão perto assim, você vai a pé e me deixa com o carro. — Falo cruzando os braços no peito irritada com sua falta de sensibilidade. Querer que eu caminhe nesse sol quente, é demais.

— Você sabe muito bem que uso o jipe para levar os equipamentos, não posso deixá-lo para você.

— Então me compra um carro, eu não ligo se vai ser uma lata velha como esse, desde que funcione.

— Tudo bem, eu vou ver amanhã na cidade algo que dê para você. — Fala ele aceitando muito facilmente.

Martim

Estacionei o carro e abri a porta para Paloma. Segurei a mão dela, querendo mostrar a todos os homens presentes que ela é minha, que é casada comigo. O lugar já estava cheio, uma multidão de pessoas fazia um círculo na terra batida, onde as apresentações seriam feitas. No alto, no que parecia ser um palanque, o prefeito e a sua esposa estavam sendo homenageados. Muita comida e bebida eram oferecidas aos convidados do evento.

— Vou te levar pra conhecer a equipe! — Falei levando-a comigo até os médicos do hospital, que estavam todos juntos sentados em uma mesa à esquerda.

— Boa noite a todos! — Falei sorrindo.

— Boa noite!

— Gostaria de apresentar minha esposa a vocês, Paloma Lancaster! — Digo e ela dá um passo à frente sorrindo, mas seu sorriso morre assim que vê Hellen.

— Boa noite, estava ansiosa para conhecer a equipe que trabalha com o meu *marido*! — Reforça olhando para Hellen, que sorri provocadora.

Nos sentamos junto com eles, e decido me vingar das provocações de Paloma. Simplesmente a ignoro e começo a conversar com o pessoal, sempre incluindo Hellen na conversa. Paloma não diz nada, apenas observava as danças que acontecem.

— Estamos animados com a abertura do ambulatório, vai ser complicado o rodízio de médicos, mas dessa forma podemos trabalhar na prevenção das doenças, e não só na cura! — Diz meu amigo Vicente.

— Espero que quando nosso contrato acabar, nós possamos ter livrado essa população tão carente desse surto de malária. Pretendo me reunir com o prefeito na terça-feira, para discutimos sobre o fumacê nas casas dos moradores da cidade, com esse método nós podemos nos livrar dos mosquitos e diminuir em grande escala a epidemia. — Falo esperançoso.

— Martim, por que não foi à minha festa? Eu nem queria cortar o bolo sem você. — Fala Hellen baixo, tocando meu braço. Vicente olha para mim, e eu fico constrangido.

Uma senhora bonita se aproxima da nossa mesa.

— Doutor, essa é minha esposa, Zoila. — Diz Vicente

cordialmente.

— Este é o doutor Martim, meu chefe, e esta é a esposa dele, Paloma!

— Prazer, Paloma, estava curiosa para conhecê-la!

As duas ficam conversando animadamente por um bom tempo. Paloma aceita uma bebida que Omar, médico ortopedista do Canadá, oferece para ela cheio de sorrisos.

Eu já estava de saco cheio de tanta falação da Hellen, o Vicente tentando a todo momento me salvar dela, mudando de assunto, mas ela insistia, não se importando com o fato de eu ser casado e estar com a minha esposa.

— Eu vou falar com a Kadish! — Diz Paloma, se levantando quando a esposa de Vicente vai amamentar a filha.

— Tudo bem. — Respondo e ela vira as costas, indo até Kadish e o prefeito.

Observo Paloma ao longe conversando com Kadish e observando um grupo de dançarinos, que dança ao som do Afoxé.

— Já ficou sabendo que o grande Éric Forls está vindo para a cidade conhecer o hospital? Ele é conhecido por ajudar instituições no mundo todo.

— Ele é aquele magnata da indústria farmacêutica? — Pergunto achando uma boa, caso ele queria ajudar o hospital, com remédios e materiais hospitalares.

— É ele mesmo, o cara ficou viúvo há cinco anos, e depois disso está dedicando a vida a ajudar o próximo, acho que ele

pode ser de grande ajuda! — Fala meu amigo me animando.

De longe vejo Paloma dançando com Kadish, e outras mulheres, ela sorri animada imitando os passos de Kadish na dança folclórica africana.

— Precisamos de um equipamento novo de Raios-X! — Fala Omar, entrando na conversa. — Está difícil de dar conta de tantas fraturas com apenas um equipamento.

— Tem razão, nosso hospital está funcionando de maneira precária.

Olho novamente para Paloma e congelo ao vê-la dançar com um homem de camisa branca. Ela sorri para ele, o que me enfurece! Me levanto pronto para tomar uma atitude. Se ela pensa que vai me fazer de besta outra vez está muito enganada.

Mas então as luzes se apagaram, e os tambores começaram a tocar.

Tento enxergar onde ela está, mas não vejo nenhum dos dois.

Tochas são acesas. Ando entre a multidão, tentando encontrá-la. Até que a vejo num canto, perto de um poste. Ela sorri para ele conversando animadamente.

— Quem é ele? O que diabos eles tanto conversam? — Pergunto a mim mesmo.

Esse mauricinho pensa que é quem, para tocar na minha mulher? E pior, ela ainda dançou com ele. Minhas mãos tremem de tanta raiva, meu sangue congela nas veias. A cada passo que dou

em direção aos dois fico mais enfurecido. Me aproximo deles e quando chego perto não notam minha presença, ainda posso ouvi-lo dizer:

— Você é casada, Paloma? — Pergunta o babaca, olhando o anel em seu dedo.

Então decido interromper o caszinho.

— Sim, e muito bem casada! Prazer, eu sou o marido dela.



CAPÍTULO 17



LOUCA SIM, TROUXA NÃO.

"A suspeita e o ciúme são como venenos empregados na medicina. Se pouco, salva. Se muito, mata!"

Paloma

Martim estaciona o carro na entrada da praça central, onde o festival estava acontecendo. Ele me abre a porta e me surpreende quando segura minha mão. Tenho que me segurar para não rir, ele parece um cão feroz quando está com ciúmes.

O lugar estava cheio de mesas postas; barracas de palha estavam por toda parte, além de muita comida e bebida. Um palco estava montado, pude ver Kadish e o prefeito lá. Logo, me lembrei do plano que botei para tirá-la daqui. Em breve precisaria conversar com ela e explicar como faríamos.

— Vou te levar para conhecer a equipe! — Fala Martim, me levando até uma mesa com várias pessoas sentadas.

— Boa noite a todos! — Ele cumprimenta.

— Boa noite! — Todos à mesa respondem educadamente.

— Gostaria de apresentar minha esposa a vocês, Paloma Lancaster! — Ele diz e eu dou um passo à frente para que possa vê-los melhor, mas foi aí que vi a maldita peituda. Sorrio cínica para

ela e digo com gentileza:

— Boa noite, estava ansiosa para conhecer a equipe que trabalha com o meu *marido*! — Reforço, deixando bem claro que ele é meu, e foco meu olhar nela, que sorri provocadora. Tadinha, não sabe com quem está mexendo.

Nos sentamos junto a eles e logo Martim começa um papo tedioso sobre o hospital. Eu não entendia nada e me sentia deslocada. Ele também não fazia nenhuma questão de me pôr na conversa. A vaca holandesa, toda hora fazia questão de tocar nele, gesticulando, e ainda sorria para mim. Tive que ser forte e fingir indiferença.

Fiquei calada tentando olhar para o espetáculo que acontecia, mas estava em alerta para a puta se esfregando nele.

Uma senhora bonita com um bebê no colo se aproxima da nossa mesa e o amigo de Martim se levanta e nos apresenta ela como sua esposa Zoila.

— Prazer, Paloma, estava curiosa para conhecê-la! — Diz ela se sentando ao meu lado e nós duas embarcamos em uma conversa amigável. Por sorte ela me distrai e eu não faço nenhuma besteira. Já estava a ponto de pular no pescoço da tal Hellen e esmagar ele todinho.

— Você precisa vir conhecer uma tribo de beduínos que vivem no deserto.

— Como assim? — Pergunto curiosa.

— Você não sabia? Muitas pessoas vivem no deserto,

mudando de lugar, atrás de recursos naturais.

— Mas por que essas pessoas não vêm viver na cidade? —
Pergunto confusa.

— É a cultura, querida, são anos vivendo dessa forma, tudo que eu queria era que as crianças pudessem ao menos ir à escola, mas eles não ficam tempo o bastante em um lugar.

O doutor Omar nos interrompe me oferecendo uma bebida, que aceito sorrindo para ele, já que o meu marido não se preocupa se estou com sede ou com fome.

— Obrigada, doutor. — Agradeço, e é só então que Martim olha para mim. Finjo que não vejo e continuo falando com Zoila.

— Nossa! Eu gostaria de conhecer o deserto e esse povo. —
Falo empolgada.

— Seu marido não contou? Ele, Vicente e a doutora Hellen vão até o deserto prestar atendimento a eles. — Diz ela sorrindo.

— Acho que ele se esqueceu, mas com toda certeza eu vou com vocês. — Falo, já fazendo planos.

Zoila é muito agradável e gentil, gostei muito dela. Sua bebê, a pequena Kira, começa a chorar e ela se retira para amamentar.

De saco cheio de Martim, decido ir curtir a festa.

— Eu vou falar com a Kadish! — Falo já me levantando, nem espero ele responder, caminho em direção a minha amiga.

— Boa noite. — Cumprimento ela e o marido.

— Boa noite, senhora Lancaster, faz tempo que nós não nos

vemos. — Diz o nojento do prefeito.

— Sim, estive muito ocupada com o orfanato.

— Sei, Kadish me contou. — Diz ele olhando para a mulher.

— Kadish, vamos dançar? — Falo animada para me divertir um pouco.

Ela olha para o marido com um pedido silencioso.

— Pode ir, querida, se divirta. — Diz ele me olhando estranho.

Kadish se levanta e vem até mim animada.

— Nem acredito que ele me deixou vir com você! — Diz ela assim que estamos longe o suficiente para que ele não nos ouça.

— Vem, vamos nos divertir, estou precisando relaxar.

Kadish começou a dançar animada ao som do batuque, algumas crianças dançavam junto com a gente.

— Quem é aquela falando com seu marido? — Kadish sussurra em meu ouvido.

Olho para a mesa onde ele está e vejo a tal Hellen cochichando no ouvido de Martim, que não parece muito animado.

— Ela? — Aponto para os dois. — Ela é apenas um inseto que irei esmagar.

— Paloma?! — Fala uma voz atrás de mim. — Me viro e vejo ninguém menos que Éric Forls, um amigo de longa data.

— Éric, é você? — Pergunto abismada por vê-lo aqui.

— Eu digo o mesmo! Paloma Cartier aqui? Tão longe das

passarelas? O que aconteceu?

— São tantas coisas para te contar! — Digo abraçando-o.
— Essa é Kadish, minha amiga. — Indico Kadish e vejo o prefeito se levantar e chamá-la.

— Vai lá, amanhã conversamos. — Digo a ela.

— Desculpe ter atrapalhado sua dança, você está linda.

— Obrigada, mas não seja por isso, você pode dançar comigo. — Falo indicando que ainda há pessoas dançando.

Éric sorri e posso ver duas covinhas em seu rosto, o tempo fez bem a ele.

Ele segura minha mão e vamos até o centro da pista. Nenhum dos dois sabia dançar direito; tentávamos imitar os locais em sua dança, mas acabava saindo um desastre.

— Eu sou péssima nisso. — Falo sorrindo, achando graça de ver o grande Éric Forls das indústrias farmacêuticas dançando dessa forma.

— Não pior que eu. — Diz ele sorrindo e de repente as luzes se apagam, e ouço o som de tambores.

Éric me guiou para fora da multidão. Eu estava sem fôlego pela dança e acho que o álcool estava me deixando tonta.

— Isso foi muito divertido! — Falo tomando fôlego.

— Você é casada, Paloma? — Pergunta ele olhando para minha aliança e o anel de noivado. Não tive nem tempo de responder, pois uma fera selvagem apareceu ao meu lado marcando seu território.

— Sim! E muito bem casada! Prazer, sou o marido dela. — Diz Martim se apresentando a Éric.

— Prazer, senhor...?

— Doutor. Doutor Martim McGregor Lancaster. — Responde meu marido, pegando minha mão, que tento soltar, mas ele aperta forte.

— Bom, esse é Éric Forls, meu amigo e do meu irmão de longa data. Na verdade, eles estudaram administração juntos. — Falo quando um silêncio estranho toma conta.

— Prazer, doutor, já ouvi falar de você. Na verdade, vim até Mali justamente para conversar com você sobre o hospital. — Diz Éric sorrindo, mas Martim continua com o olhar intenso. Eu juro que se ele pudesse, teria assassinado Éric apenas com o olhar.

— Você é o empresário que está querendo ajudar o hospital com recursos médicos?

— Isso mesmo. Eu ia chegar só na quarta-feira, mas decidi me adiantar e conhecer o festival. Imagina, tive a surpresa de encontrar uma velha amiga. — Diz ele olhando para mim.

Martim aperta mais a minha mão. Sorrio, querendo gritar de raiva. Minutos atrás parecia que eu nem existia, agora ele quer mijar no poste! Desgraçado! Penso comigo.

— Certo, senhor Forls, nós podemos marcar uma reunião amanhã de tarde no hospital, eu e minha esposa estamos de saída. — Fala ele só agora olhando para mim.

— Ótimo! Foi muito bom te ver, Paloma. — Diz Éric

olhando para mim com uma pergunta no olhar. Acho que o coitado não está entendendo nada.

Martim não espera nem sequer eu responder, me arrasta para longe dele, indo em direção ao carro.

— Você está me machucando, seu bruto!

— É melhor você ficar quieta, Paloma, não confio em mim mesmo nesse momento.

— Você não manda em mim! Me solta, seu idiota! — Rosno e puxo meu braço.

— Eu mandei você ficar quieta, porra!

Martim me joga nas costas como se eu fosse um saco de batatas. Esperneio e grito, socando suas costas, mas a música alta faz com que ninguém me ouça.

Ele abre a porta do passageiro com agilidade e me joga no banco com força.

— Seu imbecil, o que pensa que está fazendo?! — Grito com raiva.

— Calada, desgraça!! — Ele está tão possesso que está vermelho. Seus cabelos estão todos fora do lugar. O maldito está sexy para caralho, que até esqueço o que ia dizer. Respiro fundo me segurando para não gritar com ele, ao menos até chegarmos em casa. Desgraçado, tem que ser tão lindo desse jeito?!

Martim dirige calado, mas posso ver o quanto está tenso. Segura o volante com tanta força, que penso que ele deve imaginar meu pescoço ali.

Estaciona na entrada da cabana e eu não espero nem ele desligar o carro, já desço e caminho até a porta bufando.

— Aonde você pensa que vai? — Diz ele atrás de mim.

— Para bem longe de você, seu ignorante! Você me fez passar a maior vergonha na frente do meu amigo!

— Amigo? Ele parecia mais do um amigo para mim! — Rosna ele abrindo a porta.

— É porque você é um imbecil que vê o que não existe! Éric é apenas meu amigo. E quem é você para exigir satisfações de mim, Martim? Passou a festa toda se esfregando naquela puta peituda! Fez questão de fingir que eu não estava lá! Me ignorou, me fez parecer uma idiota na frente dos seus amigos!!! — Grito jogando a bolsa na direção dele, que desvia rapidamente.

— Você não vai quebrar mais nada, sua louca! Hellen é só uma colega de trabalho, não achei que se importasse de me ver conversar com ela.

— Sim, Martim! Sou louca, muito louca de ter vindo para esse fim de mundo atrás de você, sabendo que você me odeia! Mas escuta bem! Eu posso ser louca, mas trouxe jamais! Eu reconheço uma puta de longe, e aquela mulher quer ser mais do que uma colega de trabalho!! — Grito fora de mim, tirando o salto e jogando em direção a ele, que o pega no ar.

— Para com isso, fui eu que peguei você quase aos beijos com aquele mauricinho! Você deixou ele te tocar, estavam parecendo bem íntimos. O que foi, já ia pular para a cama dele?

— Desgraçado!! Deixa de ser ridículo, eu estava dançando com ele. Éric é casado, eu conheço a esposa dele! — Falo exaltada.

— Viúvo, Paloma! Ele não é mais casado, e basta ver a forma como ele olhava para você para saber que ele quer o que é meu!

— Agora eu sou sua, seu canalha?! Minutos atrás eu parecia nada para você! Sem falar que você mesmo disse que nosso casamento é de fachada, então, você não pode me cobrar nada!! — Grito revoltada apontando um dedo no seu peito.

— Você vai ficar repetindo isso até quando? Nada disso teria acontecido se você não tivesse sido uma qualquer e transado com meu primo! — Fala ele me ferindo profundamente.

Acerto um tapa bem forte em seu rosto e lágrimas se formam em meus olhos. Ferida, magoada, destruída, ele tem o poder de fazer isso comigo com apenas umas palavras.

— Nunca mais repita isso. Eu posso tolerar tudo, Martim, tudo, mas já deu! Eu não sou uma vagabunda! Eu cometi um erro, um erro grave, a meu ver imperdoável para você, mas estou pagando caro por isso dia após dia!!

— Eu não quis te ofender. — Diz ele arrependido.

— Quis, você sabe que quis! Estou ficando cansada dessa situação, vai chegar uma hora que eu não serei mais forte e desistirei! — Falo limpando o rosto. — Eu tenho certeza que é isso que quer, mas saiba que, se eu desistir de nós dois, se for embora, eu nunca mais irei voltar, será o fim! — Viro as costas indo em

direção ao meu quarto.

— Paloma, espera. — Diz ele e eu fecho a porta do quarto com força, sentando no chão, desabando em lágrimas. — *Me desculpa!* — Posso ouvir sua voz através da porta, mas isso não alivia a dor.

Olho para a Bíblia que Meire me deu, de capa preta com uma cruz dourada no centro, e pergunto a ela:

— Até quando eu tenho que pagar, sendo infeliz dessa forma?

Beatriz

Acordo com vontade de ir ao banheiro e tento não fazer barulho para não acordar Nick. Com cuidado, me levanto e toco minha barriguinha, que já está à mostra. Aqui cresce meu tesouro, meu anjinho. Uso o banheiro, já aproveitando para escovar os dentes, dando um jeito em meus cabelos revoltados.

Volto para o quarto, mas antes que possa voltar para a cama, a porta do meu quarto se abre e entra Nick, vestindo nada mais que uma boxer branca.

— Por que não me chamou se queria ir ao banheiro? — Fala Nick chateado.

— Eu não queria te incomodar, você não anda dormindo direito.

— Eu já disse que não incomoda, Ana, eu quero cuidar de você e do nosso bebezinho; não quero que escorregue e se machuque.

Eu nem consigo responder, meus olhos vão direto para a boxer branca marcada pelo seu pau ereto.

— Ah, desculpa, eu deveria ter colocado uma bermuda! — Fala ele percebendo o meu olhar meio envergonhado. Desvio os olhos para a janela, constrangida por ter sido pega no flagra. — É normal de manhã acordar assim. — Diz rouco.

— Nick, sobre isso, eu quero te dizer que você tem a liberdade de sair no final de semana, sair com alguém. Eu não quero atrapalhar sua vida! Você é jovem, e nós não estamos juntos. — Falo, mesmo que por dentro esteja me rasgando dizer isso.

— Ana, eu não quero sair ou ligar para alguém, meu lugar é aqui! — Diz firme, se aproximando de mim e me fazendo olhá-lo. — Escuta bem o que vou te dizer: eu não vou a lugar algum, não sem você e nosso filho ao meu lado. Ana, eu te amo, como pode pedir que eu saia com outra mulher, se meu coração está aqui? — Fala colocando minhas mãos em seu peito. Eu estremeço com a intensidade de suas palavras.

— Nick, nós dois já conversamos sobre isso! — Tento convencê-lo.

— Sim, já conversamos, mas eu não vou desistir de você, querida. Coloca uma coisa na sua cabeça: eu te amo, eu te quero, eu te desejo. É só você que eu amo, Ana Beatriz, e não vai existir

outra mulher! — Dizendo isso ele toca meus lábios gentilmente com os seus, me fazendo tremer em seus braços. Esse é o primeiro beijo desde que ele se mudou para minha casa, mas é como se automaticamente meus lábios o reconhecessem. Nossas bocas se completam, suas mãos vão para os meus cabelos, e eu gemo em resposta.

Paramos o beijo os dois sem fôlego, olho para ele totalmente embriagada de desejo.

— Sente isso, Ana? — Fala pegando minha mão e colocando em cima do seu pau. — Só com você ele fica assim, só você me deixa dessa maneira, desesperado. — Fala de maneira tão profunda que eu perco o ar.

— É melhor eu ir preparar seu café, antes que acabe fazendo uma besteira e te jogue nessa cama e faça amor com você o dia todo. Eu não posso esquecer o que o médico disse, nós não podemos ainda! — Fala com pesar.

Nick sai, me deixando sozinha totalmente excitada. Os hormônios não ajudam em nada, eu mal posso olhar para ele que já sinto vontade de tê-lo dentro de mim. Sem contar os malditos sonhos eróticos que tenho com ele. Neles, Nick está me chicoteando, me marcando com a sua boca, devora meus seios e minha intimidade.

Vou enlouquecer, tendo que conviver com ele sob o mesmo teto, sabendo do incêndio que é quando estamos juntos.

E para piorar ele não comete um erro, para que eu possa

justificar a minha decisão de me afastar. Ele tem sido um pai e companheiro perfeito. As semanas se passaram e ele vem me ajudando com tudo. Cuidando de mim, como ninguém nunca fez. Assiste filmes de romance ao meu lado e atende todos os meus caprichos. Acorda durante a noite para me ajudar a ir ao banheiro. Atende meus desejos estranhos. É sempre tão compreensivo...

Droga! Por que ele tem que ser tão perfeito? Por que não é o safado manipulador que eu idealizei? Assim está sendo difícil manter os meus muros intactos.

Martim

Percebo que fiz merda assim que sinto o tapa em meu rosto.

O olhar que Paloma me direcionou me desarmou; eu a feri, a magoei. Pedi desculpas, mas isso não muda nada. Ela se trancou em seu quarto e eu não consegui me explicar. Droga!

Talvez seja melhor assim, não posso ser um fraco. Paloma não merece nenhum sentimento da minha parte, não depois do que ela me fez, não depois de ter arrancado meu coração. Talvez isso seja bom para ela sentir um pouco do que sinto.

Vou para meu quarto e tento em dormir, mas é inútil. Vejo as horas se arrastando, a noite se torna madrugada e a madrugada dia. Decido que não adianta ficar na cama; me levanto, tomando um banho rápido, e vou para a cozinha preparar um café. Arrumo uma bandeja com café, leite, torrada e omelete, não esquecendo as tâmaras porque sei que ela agora criou uma verdadeira adoração

por essa fruta.

Pego a chave extra no meu quarto e abro a porta, seu quarto está escuro, mas posso ver claramente a teimosa dormindo no chão frio. Seu corpo está encolhido e o rosto inchado. Sinto a culpa me acertar em cheio, ela está assim por minha causa. Com cuidado, coloco a bandeja na cômoda e com delicadeza a pego no colo, Paloma me abraça automaticamente, ressonando forte. Coloco-a na cama, seus cabelos se espalham pelo travesseiro. Cubro-a com a manta e beijo sua testa. *Por que nós temos que sofrer assim, loirinha?*

Fecho a porta com cuidado para não acordá-la, e penso que é melhor ir logo até a cidade resolver as coisas que ela me pediu ontem.

Dirijo até a cidade, onde primeiro compro a máquina de lavar mais moderna que encontro, e depois procuro uma loja para resolver o problema de locomoção de Paloma.

Passo no supermercado e compro algumas coisas que já estão faltando, em seguida volto para a cabana.

Estaciono o carro e pego as sacolas. Entrando em casa, encontro Paloma enrolada em uma toalha, com outra no cabelo.

— Bom dia. — Falo ainda envergonhado por ontem.

— Bom dia. — Diz sem me olhar, entrando no quarto.

Decido guardar as coisas e deixar para conversar depois. Minutos depois, ela aparece vestida e com a bandeja intocada nas mãos.

— Você não vai comer? — Pergunto preocupado, porque sei que ultimamente ela anda comendo bem no café.

— Só de olhar para essa bandeja já fico enjoada. O cheiro forte desse café me dá ânsia. — Fala ficando pálida.

— Você deveria vir comigo ao hospital fazer alguns exames. Não é a primeira vez que passa mal.

— Eu estou bem, deve ter sido o estresse de ontem.

— Paloma, sobre ontem, nós precisamos conversar.

— Não há o que falar. Você deixou claro o que pensa de mim, não preciso de explicações agora.

— Me desculpa por ontem, eu passei dos limites. Eu não posso negar que morri de ciúmes de ver aquele homem tocando em você. Ver você sorrindo para ele, como não sorria há muito tempo.

Ela solta um suspiro triste e esfrega a testa.

— Estou com dor de cabeça e não quero falar sobre isso. — Ela parece cansada, pálida demais. Alguma coisa está errada com seu corpo, talvez esteja doente e não queira me falar.

— Eu trouxe um presente para você, talvez isso te anime. Eu também já comprei a máquina de lavar, eles vão vir trazer amanhã.

— Isso é bom. — Fala sem muito ânimo.

— Vem. — Estendo a mão para ela indicando a porta. Paloma ignora minha mão estendida, caminha até a varanda e fica procurando o presente.

Corro até o jipe e descarrego a bicicleta que comprei para

ela. Ela é cor de rosa com uma cestinha branca.

— Uma bicicleta? Sério isso, Martim? Eu pedi um carro e você me trouxe uma bicicleta?

— Ela é bonita, não é? Pedi rosa porque sei que você gosta; tem cestinha, você pode colocar sua bolsa ou algo que comprar na feira.

— Você só pode estar louco pensando que vou andar nisso!

— Mas eu achei que você ia gostar. Para que comprar um carro, Paloma? A vila fica perto daqui, com uma bicicleta você pode se locomover da mesma forma.

— Eu não vou subir nisso, nem ferrando! Eu vou cair e me esfolar todinha. Você fez de propósito! Você quer que eu caia dessa coisa e morra, isso sim.

Fico ofendido com a forma que ela fala.

— Deixa de ser mimada, Paloma, o que você queria, uma Lamborghini vermelha? — Digo frustrado.

— Eu não quero uma bicicleta. — Fala ela quase chorando e então eu sinto que ela esconde algo.

— Por que detesta tanto a bicicleta? — Pergunto me aproximando dela com a bicicleta nas mãos.

— Eu não vou saber usá-la, vou me machucar. Prefiro um carro, pode ser velho igual o seu, só não me peça para subir nisso.

— Você não vai se machucar. Ninguém esquece como se anda de bicicleta, logo você pega a prática e vai ser ótimo para andar na trilha.

— Que merda, Martim!! Eu não sei andar de bicicleta, é isso que quer ouvir? Eu nunca andei! Não sei como usar! Então, isso é inútil, melhor devolver e poupar seu dinheiro. Eu mesma vou comprar um carro para mim.

— Eu não entendo, como é possível que você nunca tenha andado de bicicleta? — Pergunto confuso.

— Eu... Eu não tive uma infância normal. Com sete anos eu já não tinha tempo para essas coisas, tinha que me preparar para os concursos. Se mamãe me pegasse no jardim toda ralada, ela se decepcionaria comigo. Arturo uma vez prometeu que ia me ensinar na dele, mas mamãe chegou mais cedo naquele dia e eu levei uma bronca. Uma miss não podia ter o joelho ralado ou o cabelo todo bagunçado da corrida. Então, depois que eu e Arturo ficamos de castigo, nunca mais pedi para o meu irmão me ensinar. Simplesmente deixei de mão.

— Eu não sabia de nada disso, nunca imaginei que sua infância fosse assim.

— Tem muitas coisas que você não sabe. E é por isso que é melhor devolver essa bicicleta ou doar para alguém.

Olho para ela, que parece extremamente triste, pensativa com as lembranças de infância.

— Se você quiser eu posso te ensinar. — Digo como quem não quer nada.

— Não sei se é uma boa ideia, você tem que ir ao hospital.

— Posso ir mais tarde. Quero te ensinar.

— Se você insiste... Mas vou logo avisando que é perda de tempo. Ninguém aprende a andar de bicicleta depois de velho.

— Vem, vamos tentar. Você vai ver como é fácil.

Ela vem meio incerta, eu a ajudo a subir na bicicleta e explico o que precisa fazer.

Ela tem um ótimo equilíbrio e logo não precisa que eu a segure.

— Eu vou soltar agora, você só precisa fazer o que estava fazendo.

— Tudo bem, pode soltar.

Então me afasto, deixando-a andar sozinha. Paloma consegue e grita empolgada.

— Isso é muito legal! É incrível, eu consegui! — Grita correndo pela grama.

— Parabéns! Eu disse que conseguia.

— Amor, olha... Olha isso! — Diz ela acelerando animada, porém sem perceber uma pedra grande bem à frente. Tento alcançá-la antes que caia, mas é inútil; quando vejo, Paloma caiu de bunda diretamente em uma poça de lama, sujando o rosto e a roupa.

Não consigo segurar e começo a gargalhar da sua pose toda torta, caída na lama.

— Não ri de mim, seu idiota! Isso não é justo. Essa pedra não era para estar aí. — Resmunga igual uma criança birrenta. Me aproximo, ajudando-a a se levantar, mas sou pego de surpresa por

uma bola de lama que ela atira em mim.

— Isso é para você aprender a não rir da desgraça dos outros.

— É guerra que você quer, princesa? Então, é guerra que você terá.

— Não! Você nem ouse fazer isso! — Diz ela rindo, tentando se afastar, mas a pego no colo.

— Martim, não! Desculpa, eu não vou mais fazer isso.

Me jogo na poça com ela no colo e Paloma grita com nojo.

Nós dois estávamos todos sujos, mas gargalhando feito crianças.

— Você destruiu a minha roupa. — Resmunga ela no meu colo e acerta uma mão cheia de barro no meu cabelo.

— Confesso que eu mereci isso. — Me rendo.

Paloma sorri divertida e eu não resisto. A beijo, pegando-a de surpresa.

O beijo é delicado, um beijo de saudade, carinho. Ela segura na minha camisa com força e eu aprofundo o beijo, aos poucos minha língua vai brincando com a sua e gememos um nos braços do outro. Parando apenas quando já não tínhamos ar.

— Por que me beijou? — Pergunta ela me olhando seriamente.

— Eu não sei, só precisava fazer isso. Talvez seja um poder que você tem sobre mim. Quando vejo já estou te tocando, como um encanto de uma sereia.

— Eu te amo e quero o seu perdão, Martim! Apenas isso.
— Diz tocando meu rosto.

— Eu pensei em darmos uma trégua, pararmos de brigar tanto. — Falo me erguendo e a ajudando a levantar da lama. — Eu não sei o que vai ser quando sairmos daqui, se esse casamento vai continuar ou não. E também não sei se um dia vou conseguir te perdoar de verdade, sem guardar nenhuma mágoa, mas não quero que vivamos em pé de guerra.

— Eu... Não sei se isso é uma boa ideia... — Paloma fica hesitante.

— Eu sei que você sente algo por mim, Paloma. E posso ver o quanto tem se esforçado nos últimos meses. Mesmo quando não quero ver, eu vejo você lutando para conseguir o meu perdão, eu só não estou pronto ainda para te dar. Nós podemos ao menos tentar ser amigos, conviver civilizadamente.

— Martim, eu não posso aceitar aquela mulher dando em cima de você e você se esfregando nela, isso é demais para mim.

— Eu também não posso aceitar outros homens te tocando, te querendo, isso me deixa louco de ciúmes. E Hellen não significa nada para mim, eu não quero nada com ela, eu juro.

— Eu não sei se posso aceitar essa trégua, Martim. Eu não quero você pela metade, quero o homem que amo de volta.

— No momento isso é tudo que posso te oferecer, Paloma.
— Digo sendo franco.

Ela me olha decepcionada, eu sei que não é isso que ela

quer e, sendo sincero, uma parte minha também não. Mas talvez essa seja a única forma de mantê-la aqui. Não quero que ela se vá, mas também não consigo confiar que ela não vá me trair, e perdoá-la.

— Se é assim, tudo bem. Eu aceito a sua trégua. Amigos, então! — Oferece a mão direita para mim.

— Amigos! — Aperto firme e ela sorri.

— Preciso tomar um banho. — Fala ao ver seu estado.

— Eu também.

— Quer ir primeiro? — Pergunta gentil.

— Podemos ir juntos. — Respondo malicioso. Ela cruza os braços sobre os seios séria.

— Nada disso, espertinho, “amigos” não tomam banho juntos. Você fica aí e eu vou primeiro. — Caminha graciosamente na minha frente, e mesmo toda suja de barro, ela ainda é a mulher mais linda que já vi na vida.

Paloma

Martim foi para o hospital, e fiquei sozinha, mas me sentia bem mais leve. A trégua não era o que eu queria. Entretanto, era um progresso.

Estou certa de que ele ainda me ama; um amor como o nosso não se apaga assim.

Arrumo o meu quarto e me arrependo da bagunça que fiz

ontem para me arrumar; se soubesse que teria tanto trabalho, não teria feito.

— Paloma!? — Ouço a voz de Kadish do lado de fora.

— Entra, Kadish, estou no quarto! — Grito daqui, tentando organizar todos os meus sapatos, o que é difícil.

— Oi, como você está? — Fala ela entrando no quarto.

— Bem, já estava preocupada que você não viesse, e que aquele traste tivesse feito algo com você.

— Por incrível que pareça, ontem Ibrahim foi um verdadeiro cavalheiro. Portou-se muito bem, até me mandou convidar você a Martim para jantar em casa hoje.

— Sério? Nossa, só de pensar em jantar perto desse homem, já sinto ânsia! — Falo fazendo cara de nojo, e ela ri achando graça da minha cara.

— O que tá fazendo? — Pergunta Kadish, apontando para a bagunça.

— Estava tentando arrumar as minhas coisas, mas é impossível, não tem espaço para tanta coisa.

— Acho que você exagerou quando decidiu trazer cinco malas.

— Acredita que eram sete malas? Uma foi roubada no aeroporto, e a outra era com coisas de Martim! — Digo rindo, agora vendo o quanto eu exagerei.

Abro o porta-joias escolhendo três colares para vender, apenas os mais valiosos. Um com rubi e diamantes, e os outros dois

só de diamantes.

— O que vai fazer com essas joias? — Pergunta ela admirando os colares. — Paloma, nós já conversamos sobre isso, você não pode se desfazer das suas joias assim, eu sei que cada uma delas tem um significado especial pra você. O orfanato está bem e não precisa de nada por enquanto.

— Eu sei, mas dessa vez é para uma causa maior; eu vou salvar uma pessoa de que gosto muito! — Falo sorrindo para ela.

— Do que está falando? — Pergunta confusa.

— Eu vou precisar vender essas joias para colocar meu plano em ação, preciso tirar você daqui custe o que custar! E para isso vou precisar de dinheiro. — Falo esperançosa.

— Como assim, do que tá falando? — Pergunta confusa.

— Calma, senta aqui do meu lado que eu vou te explicar todo o meu plano, e você vai ver que é sua melhor chance de fugir daqui.

Passo a próxima hora explicando a Kadish todo meu plano. Detalhe por detalhe do que teremos que fazer. Ainda precisaria envolver mais duas pessoas nisso.

— Paloma, isso é loucura, não tem como esse plano dar certo, é muito arriscado.

— Eu sei, mas é exatamente por isso que dará certo. Você tem que entender que é a única maneira de ter sua liberdade.

— Se Ibrahim descobrir, e se algo der errado, você estará correndo risco de vida.

— Não se preocupe comigo. Martim jamais deixará que nada me aconteça! — Falo confiante.

— Eu não sei, me dê um tempo para pensar, eu tenho medo de estar fazendo uma besteira e acabar envolvendo pessoas inocentes nisso.

— Eu entendo seu medo e sei que é difícil, mas você tem que ser corajosa. Nós duas sabemos que Ibrahim jamais mudará, e a única maneira de tudo isso acabar, é você ir embora. Ou ele vai terminar acabando com a sua vida.

— Eu preciso pensar! — Fala com medo; eu sei que ele a deixou muito traumatizada.

— Vamos fazer assim: eu vou seguir com o plano, pois vou precisar de tempo para preparar tudo, então enquanto isso você terá bastante tempo para pensar! — Falo abraçando-a.

— Eu estou aqui pra você, não se esqueça disso.

— Obrigada! — Diz emocionada.

— Agora vamos, preciso resolver um problema no hospital e depois vou vender as joias.

— Problemas no hospital, você tá doente? — Pergunta ela preocupada.

— Não, eu estou bem. Na verdade, o hospital está com problemas com insetos, e eu vou ter que ir lá fazer uma dedetização! — Falo rindo.

— Você não presta, Paloma, quero morrer sendo sua amiga. — Diz ela rindo comigo.

— Você não viu nada ainda, Kadish, ninguém mexe com o que é meu. Me ajuda aqui a escolher um modelito perfeito.

Levanto pegando dois vestidos, um cinza e outro preto.

— Já que você vai matar uma barata, é melhor usar o preto, já combina com o velório!

— Perfeito!



Zaki me deixou no hospital e seguiu para deixar Kadish no orfanato.

Ao entrar, reparo que está bem cheio, gente por todos os lados, pessoas gemendo de dor, e o cheiro de sangue é horrível. Um idoso passa mal e é amparado por um enfermeiro. Este lugar é um inferno. Caminho por entre as pessoas, procurando a recepção, que está lotada. Por fim consigo reconhecer Omar.

— Senhora Lancaster! — Ele diz assim que me nota.

— Omar, que bom que te encontrei, você pode me ajudar!
— Falo aliviada por não precisar continuar na fila.

— A senhora parece perdida, está procurando seu marido?

— Na verdade não! Eu precisava falar com a Dra. Hellen, mas não a acho em lugar nenhum.

— Ah, sim, isso é fácil. Eu acabei de sair da enfermaria e ela estava lá! — Diz ele apontando para uma porta no final do corredor, com a placa “Enfermaria”.

— Obrigada, Omar, você me salvou! — Digo contente.

— Não foi nada. Mas preciso ir, nos falamos outra hora! — Ele se despede e vai atender um paciente.

— Dra. Hellen! — Falo assim que entro na enfermaria. O único paciente que estava aqui acabou de sair pela porta, nos deixando a sós. Bem conveniente.

— Srta. Paloma, está procurando seu marido? — Fala me olhando curiosa.

— Não! Na verdade, eu vim falar com você mesmo. — Digo dando dois passos em direção a ela, que não se abate e continua com o nariz em pé, me encarando de frente.

— Então diga o que deseja falar comigo! — Responde cheia de si.

Toco a bandeja com instrumentos metálicos e sorrio para ela.

— Sabe, doutora, eu estou com um grave problema que vem tirando meu sono e perturbando a minha paz.

— Se precisa de um médico, melhor seria chamar o Martim.

— Doutor Lancaster para você! — Respondo ríspida. — Bem, doutora, vou direto ao assunto. O problema que tenho é com uma certa “barata asquerosa”, que insiste em invadir meu terreno.

Vejo sua postura mudar, ela já não está tão inabalável. Pego um bisturi em cima da bandeja e o toco com a ponta do dedo, sorrindo de maneira fria.

— É melhor guardar isso, pode se machucar.

— Não se preocupe, doutora, eu não pretendo *me* machucar! — Digo me aproximando dela e empurrando-a contra a parede com brutalidade.

— Pelo contrário, querida, pretendo machucar outra pessoa!
— Falo, colocando o bisturi em seu pescoço.

— Vou deixar claro de uma vez, sua vaca holandesa! Martim é meu marido, e da próxima vez que eu vir você se esfregando no meu homem, eu faço questão de marcar seu belo rostinho com esse bisturi! — Encosto o objeto em sua pele, a deixando em pânico.

— Por favor, não faça isso, você está enganada!

— Não pense que sou trouxa, que não percebi seus avanços para cima do meu marido. Pois saiba que se eu sonhar que se aproximou dele novamente, e que o chamou para qualquer coisa que seja, eu arranco a sua pele. Eu não sou boazinha, tô bem longe disso. Vou me divertir vendo o seu sangue escorrendo em minhas mãos. Então, tome cuidado quando pensar em olhar para o meu marido!! — Me afasto dela, devolvendo o objeto à bandeja e sorrindo friamente.

— Tenha um bom dia, doutora! — Viro as costas, e deixo para trás uma Hellen pálida e assustada, mas avisada do que pode acontecer.

Entretanto, ao sair para o corredor um mal-estar toma conta de mim. Sinto tudo girar, a minha cabeça começa a latejar, e dou alguns passos, buscando sair do hospital para respirar ar fresco,

mas preciso parar e me apoiar na parede para me equilibrar.

— Senhora Lancaster, a senhora está bem? — Fala o amigo de Martim, parado em minha frente com um olhar preocupado.

— Eu estou tonta! — Ele me ampara, fazendo com que eu me sente em uma cadeira de plástico.

— Quer que eu mande chamar seu marido?

— Não, não é preciso, já estou melhorando, foi apenas uma queda de pressão. Além disso, Martim já tem muito com que se preocupar, o hospital está cheio. Eu falo com ele em casa! — Digo já me levantando.

— Tem certeza, senhora? Você está pálida, não parece muito bem, seria melhor fazer alguns exames.

— Não se preocupe. Como disse, já estou bem.



CAPÍTULO 18



SURPRESAS

**"O mundo precisa de atitudes, e não de opiniões.
Opiniões não matam a fome e muito menos curam doenças".**

Paloma

— Tem certeza que você está bem? — Pergunta Martim mais uma vez dentro do carro a caminho da casa de Kadish.

— Já disse que estou ótima, Martim!

— Vicente me disse que você não estava bem, que estava pálida e com vertigem. Já não é a primeira vez que passa mal, Paloma.

— Eu estou ótima, só passando por muita pressão e nervosa com tudo que anda acontecendo. Estou preocupada com as crianças no orfanato, duas delas pegaram malária.

— Já estão sendo medicados, Paloma, eles vão ficar bem. E eu não sou idiota, sei que não é só isso. Amanhã vou te levar ao hospital para fazer alguns exames.

— Amanhã eu vou com você para o deserto conhecer os beduínos e depois ainda quero ver as crianças no orfanato, vou dar uma aula de música para eles.

— Quem te falou que nós vamos ao deserto? É perigoso demais para você ir!

— Foi Zoila, mas falando assim, até parece que você se

preocupa com meu bem-estar. — Digo com um sorriso bobo no rosto.

Martim para o carro no meio da estrada e olha para mim.

— Eu me preocupo com você, muito mais do que gostaria. Você não está bem; está pálida, parece abatida e o deserto não é lugar para você. São muitas horas de carro num calor intenso até chegarmos lá e não quero que passe mal. Não podemos voltar correndo para te levar ao hospital. Tem muitas pessoas doentes nessa tribo precisando de cuidados.

— Eu quero ir, Martim! E vou ficar bem, eu prometo. Zoila vai, ela me convidou. Eu quero conhecer esse povo, essa cultura, o deserto. Quero ajudar em algo, me sentir útil. — Suplico fazendo charme, ele fecha os olhos e suspira cansado.

Solto o cinto de segurança, me aproximo dele ficando colada em seu corpo e, sorrindo, eu digo:

— Eu prometo me comportar se você me deixar ir. — Digo bem perto do seu rosto e seus olhos focam em meus lábios.

— O que você está fazendo? — Pergunta ele rouco.

Minhas mãos vão para o seu cabelo, e me inclino ficando praticamente em cima dele.

— Nada. — Falo olhando em seus olhos. — Me leva com vocês? — Suplico passando minha mão pelo seu rosto. Martim se arrepia, e eu sorrio sabendo o quanto ainda o afeto.

— Eu levo... — Geme com a mão na minha cintura. Sorrio, me aproximo para beijá-lo, mas decido jogar o mesmo jogo dele.

Beijo sua bochecha e volto para o meu lugar, com um sorriso vitorioso no rosto.

Martim olha para mim de maneira quente. Posso ver nos seus olhos o quanto ele me deseja. Liga o carro, seguindo até a casa do maldito prefeito.



Ao estacionar, Martim abre a porta para mim, segura minha mão e toca a campainha.

A tal Amara abre sorrindo, mas assim que me vê seu sorriso se desfaz.

— Boa noite. — Diz com a voz trêmula.

— Boa noite, Amara, que bom vê-la. Nós viemos para o jantar. — Digo com um sorriso cínico no rosto.

— Claro, podem entrar. Vou avisar Ibrahim que já chegaram, quer dizer, “meu tio” que já chegaram. — Diz sem graça.

— Muito estranha a maneira que essa mulher olha para você. — Diz Martim baixinho, só para eu escutar.

— Nem reparei. — Respondo entrando na sala de estar.

— Enfim, vocês chegaram. — Diz Ibrahim chegando no hall com um sorriso falso no rosto. — Espero que não se importem, eu convidei o senhor Forls para jantar conosco.

Martim aperta minha mão na sua e eu sorrio pensando que esse jantar será longo.

— Imagina, prefeito, nós agradecemos o convite. — Diz Martim educadamente.

— Não me chame de prefeito! Ibrahim para os amigos. — Diz todo cortês, me deixando enojada, e nos leva até a sala, onde vejo Éric sentado no sofá.

Eu o cumprimento, e Martim também, sendo educado.

— Que bom vê-lo aqui, doutor, Paloma. Nós podemos falar sobre o hospital? Estou ansioso para saber da melhoria que o senhor conseguiu executar.

— Kadish! — Chama Ibrahim em voz alta por minha amiga.

— Oi, querido. — Responde ela saindo do que parece ser a cozinha.

— Nossos últimos convidados já chegaram. — Diz apontando para Martim e eu.

— Fico feliz que vieram. — Ela sorri timidamente, mas eu sinto que alguma coisa aconteceu, seus olhos estão tristes. Aposto que ele lhe fez algo ou a ameaçou.

— O cheiro está ótimo. Adoraria conhecer a sua cozinheira e elogiar pessoalmente aquele bolo maravilhoso que você me levou. — Digo disfarçando, querendo falar com ela a sós.

— Abba está na cozinha. Vem comigo, vamos deixar os homens com seus assuntos, enquanto o jantar fica pronto. — Diz Kadish e eu a sigo.

— O que ele fez com você? — Pergunto aos sussurros,

assim que nos afastamos.

— Apenas ameaças, não se preocupe.

— Você já se decidiu se vai seguir meu plano?

— Eu acho que sim, só estou com medo. — Diz com incerteza na voz.

— É normal ter medo, mas tudo vai dar certo, você vai ver.

— Kadish! Você já checkou se os talheres estão bem posicionados? — Diz Amara entrando na cozinha com toda a sua pose de dona da casa.

— Não, Amara, mas já vou checar.

— Mas é claro que você não vai precisar checar nada! Sua querida “sobrinha” fará isso para você e também nos ajudará essa noite servindo a mesa. Não é, linda? — Falo virando na direção dela.

— Eu... eu adoraria ajudar — rosna Amara me olhando com ódio.

— Foi o que imaginei! — Digo sorrindo e ela sai bufando.

Kadish e eu rimos e conversamos um pouco até o jantar ficar pronto. Amara não voltou na cozinha, apenas a cozinheira Abba estava conosco. Uma senhora muito carinhosa que parece gostar muito da minha amiga.

Quando tudo já estava pronto, voltamos para a sala. Martim olhou para mim como se fosse me devorar. Caminhamos todos até a sala de jantar, onde um jantar tedioso aconteceu. Eu e Kadish éramos ignoradas, enquanto os três homens falavam sobre

negócios. Mal consegui comer. Só de estar perto do prefeito, eu já perdia o apetite. Ele a todo momento fazia propaganda do quanto a cidade evoluiu desde que ele se tornou prefeito e só sabia falar sobre política.

Por fim pudemos nos levantar; peguei a taça de sorvete de pistache que estava tomando e fui para a varanda, onde podia ter uma bela vista da reserva e do deserto.

— É lindo, não é? — Diz Kadish ao meu lado.

— Sim! Amanhã eu vou com Martim conhecer os beduínos, estou ansiosa para ver esse mar de areia.

— Não se esqueça do que falei! Use o vestido mais comprido que tiver e um lenço nos cabelos. Eles são um povo muito arcaico com a cultura. Pregam o islamismo e são muito rigorosos. Eles seguem o Alcorão, ou Al-qur'ân, em árabe, é o livro sagrado e todo o adepto da religião islâmica usa. Com o tempo o tratamento das mulheres islâmicas mudou muito, hoje elas são mais bem tratadas, mas os beduínos são povos que vivem atrasados no tempo, eles não veem a modernidade e mudanças com bons olhos. Eles ainda têm o costume de poligamia, onde um homem pode ter, segundo o alcorão, até quatro esposas; e a prática da circuncisão, tanto masculina como feminina. A mulher é vista como uma propriedade do marido, um objeto para procriar. — Olho para ela enojada, em choque com tanta informação.

— Como isso é possível? Nós estamos no século vinte e um, as mulheres não podem ser tratadas dessa forma!

— Posso dizer que, mesmo Ibrahim sendo cristão, ele ainda leva muitos costumes do islamismo, como a posse e controle sobre a minha vida! — Diz triste, e então nota que está sendo observada pelo marido. — Eu vou buscar um café para eles e já volto. — Diz Kadish, logo indo até a cozinha, me deixando sozinha contemplando a vista para o deserto.

Continuo tomando meu sorvete de pé pensativa, enquanto Martim conversava com Éric sobre o hospital e a crise de malária. Ele não parecia muito à vontade com a conversa, mas ao mesmo tempo precisava da ajuda dele com os medicamentos.

— Eu me pergunto o que uma mulher como você veio fazer num lugar como esse? — Diz o verme se aproximando de mim.

— Achei que já tivesse lhe dito, vim acompanhar meu marido.

— Não. Esse não foi o verdadeiro motivo da sua vinda. Você é uma mulher bonita demais, ambiciosa e bem-nascida. Não viria a um lugar desse só para acompanhar o marido. Você é do tipo que tem os homens aos seus pés, por que se humilhar morando numa choupana no meio do nada?

— Diz isso por não me conhecer! Não sabe o que sou capaz de fazer pelas pessoas que amo! — Falo fria.

— Eu reparei a forma como seu marido olha para você.

— Ah, é mesmo!? — Digo irônica.

— Ele parece lutar contra algo, é como se simplesmente olhar para você fosse uma tortura.

Engulo em seco e tento me manter firme e não deixar que seu veneno me afete.

— Vocês não parecem felizes, muito menos recém-casados apaixonados.

— As aparências enganam, não é mesmo, prefeito? — Digo jogando a indireta e ele me olha com ódio nos olhos.

— Do que está falando? Você está louca! — Questiona, segurando meu braço com força, me forçando a olhar para ele.

Olho para o desgraçado com fúria, deixando bem claro em meu olhar que não tenho medo dele.

— É melhor você soltar o meu braço!

Ele me solta e sorri com frieza.

— Você tem razão, as aparências enganam! — Diz me olhando de maneira doentia, parece me despir com o olhar.

Por sorte Martim nos interrompe.

— Querida, é melhor irmos embora, já está ficando tarde.
— Diz meu marido se aproximando da varanda e me puxando para os seus braços, para longe do maldito Ibrahim.

— Tem razão, já está tarde! — Coloco as mãos na boca, fingindo bocejar.

Kadish aparece com uma bandeja e café.

— Vocês já estão indo? — Pergunta triste.

— Sim, querida, amanhã nos vemos aqui para ir ao orfanato. Já está tarde e Martim não gosta de pegar a estrada no escuro.

— Eu já vou indo também. Amanhã darei a resposta que pediu, doutor. E prefeito, sobre o projeto que me propôs, precisarei de mais tempo para analisá-lo. — Diz Éric já de pé.

Nos despedimos de todos e somente quando estávamos dentro do carro pude respirar aliviada. Sabendo que aquele maldito estava longe de mim.

— Eu não gostei da forma que o prefeito olhava para você durante o jantar. — Diz Martim estressado.

— Eu nem reparei. — Finjo-me de desentendida, tentando mudar de assunto.

— Não quero você sozinha perto desse homem. Ele não me inspira boa coisa.

— Digo o mesmo. Me pergunto o que Kadish viu num homem como esse!

— É o amor. É cego e nos faz ver apenas o lado bom de quem se ama. Quando a realidade aparece, é tarde demais para voltar atrás, você já se apaixonou... — Martim declara com tristeza, mirando a estrada pensativo.

— Mas algumas pessoas podem mudar, Martim! O amor nos faz mudar, nos faz querer melhorar.

— E até quando essas mudanças vão durar? Até a primeira briga? Até o primeiro problema? Não, Paloma, não acredito em milagres! As pessoas são o que são e não tem retorno...

Kadish

— O que você disse a ela?! — Gritou Ibrahim assim que os convidados se foram.

— Do que está falando? — Perguntei confusa.

— Você foi se queixar para a mulher do médico? Você disse a ela que é infeliz ao meu lado?

— Claro que não, amor! — Digo assustada com seu olhar.

— Eu devia saber que essa sua amizade repentina iria me trazer problemas! — Disse jogando um vaso na parede.

— Ibrahim, calma, querido, você precisa se acalmar!

— Vai para o nosso quarto agora! — A voz dele era baixa, mas aterrorizante.

Eu tinha que tentar acalmá-lo, se possível.

— Ibrahim, me ouça, me deixa explicar, eu nunca disse nada para Paloma. — Tento em vão convencê-lo.

— Vai para a porra do quarto agora! — Vocifera.

Não tenho tempo de dizer mais nada; ele me arrasta com brutalidade pelos cabelos.

— Você não quer me ouvir, sua vagabunda?! O que foi? Sua amiga já está enchendo sua cabeça de ideias e acha que pode desafiar seu marido? Está pensando que eu vou deixar você ficar igual ela? Eu vou te ensinar a ser obediente!

— Ibrahim, por favor, se acalma. Você está me

machucando. — Suplico angustiada.

— É para machucar mesmo! — Diz me puxando para o andar de baixo. Eu já tremia aterrorizada. — Eu prometi não te trazer mais aqui, olha o que você está me obrigando a fazer! Descumprir minhas próprias promessas! Por que não pode ser a esposa que eu mereço? Kadish, por que teve que se queixar com aquela vagabunda?

— Eu não disse nada, por favor, eu juro!

Ele não me escuta, simplesmente me arrasta até o porão, onde me joga feito um saco de batatas. Então sai e eu escuto a chave trancando a porta. Corro até lá, mas já está trancada. Eu chamo, mas não tenho resposta. Grito desesperada.

— Por favor, Ibrahim, abre a porta! Por favor, vamos conversar! Não me deixa aqui!! — Grito em pânico.

— Eu não queria te deixar aí, Kadish, mas é preciso, para aprender a me respeitar.

Me abaixo, sento no chão imundo e cheio de mofo e ratos por todos os lados e choro baixinho me sentindo um lixo.



Depois de algum tempo, horas talvez, ouço a chave girar e a porta se abre. Ibrahim entra, tranca a porta novamente, e olha para mim com nojo e irritado. Eu tremo de medo. Fico olhando para ele assustada.

— Você não vai mais ver essa tal Paloma. A partir de hoje,

você não sai mais de casa. Ficarà trancada aqui até segunda ordem. Se ficar gritando e fazendo escândalo, seu tempo de permanência aqui será maior. Ele me dá as costas e se dirige à porta. Eu começo a suplicar:

— Não! Volta, não faz isso comigo!

— Se vier atrás de mim vai ser pior! Fica aí! Eu estou tentando manter o controle e não meter a mão na sua cara. Você me humilhou na frente daquela mulher. O que ela e o marido devem pensar de mim! Que não lhe trato bem! Que não é feliz! Justo eu, Kadish, que faço tudo para o seu bem, que só quero que aprenda como ser uma boa esposa. É pedir demais? Em troca da vida boa de luxo que te dou!

— Por favor, Ibrahim, eu prometo me comportar.

Ele sai e me deixa aqui chorando sozinha no escuro. Me encolho no canto úmido e faço a única coisa que me resta: chorar.

Martim

Dirijo concentrado, no calor escaldante do deserto.

Paloma ficou o caminho todo calada, apenas fotografando tudo que via.

Vimos em dois carros, ao todo somos quatro médicos e duas enfermeiras. Zoila, a mulher de Vicente, veio para ajudar na tradução. Poucos beduínos falam francês, a maioria fala um idioma

mais antigo, como árabe. Pelo que nos foi informado, a tribo é pequena, com no máximo trezentas pessoas, mas algumas delas nem nunca sequer tiveram contato com um médico.

— Nós já estamos chegando. — Diz Ramal, o médico responsável pela missão.

Estou ansioso, com medo que eles nos vejam como uma ameaça e não aceitem nossos cuidados. Ao longe já podíamos ver tendas coloridas e alguns animais pastando. Paloma arruma o lenço nos cabelos nervosa.

— Chegamos. — Diz Zoila animada no banco de trás junto com Vicente.

Descemos todos, e seguro a mão da Paloma, enquanto Zoila e Vicente falam com o chefe da tribo.

— Ele nos deixou entrar, mas tomem cuidado. — Diz Vicente olhando para nós.

Descarregamos os equipamentos e os remédios que trouxemos, e somos levados até uma grande tenda onde o chefe dá ordens a duas mulheres para arrumarem tudo. As crianças nos olham curiosos.

Paloma olha tudo calada, ajuda a carregar as caixas com os suprimentos e alimentos que conseguimos trazer. Uma fila é organizada por Ramal.

O chefe da tribo diz algo a Zoila que não entendo. Ele aponta para uma mulher grávida com um lenço no rosto e várias crianças em sua volta.

— Ele disse que essa é a família dele. — Traduz Zoila. — A terceira esposa se chama Liasu e está grávida do sexto filho, ele conta com orgulho que sente que será um menino.

Paloma olha com pena para as crianças, enquanto distribui bolachas e leite, que as mesmas comem desesperadas.

Começo o atendimento junto com os outros médicos. Shin atendia um senhor idoso, que foi o primeiro paciente grave que vimos. Infelizmente, não podíamos fazer muito sem um raio-x e alguns exames laboratoriais. O mediquei e Zoila ajudou explicando como ele deveria tomar a medicação.

Reparo que um dos filhos do líder da tribo tem a barriga grande, mas ele comia rápido os biscoitos olhando curioso para nós.

— Zoila, pergunte ao chefe se posso examinar o menino. — Digo e ela logo traduz em árabe. O homem apenas acena com a cabeça.

Sorrio para o garoto tentando não assustá-lo. As condições sanitárias são péssimas, eles têm que andar por longas distâncias para buscar água e muitos parasitas podem viver por aí, já que animais, como galinhas, ovelhas e carneiros ficam junto com eles. Chamo o garoto com um gesto e ele curioso vem. Olha para o estetoscópio, achando engraçado, dou-lhe e com gestos eu tento pedir para que ele levante a blusa. Ele ri achando engraçado, a mãe diz para que ele se comporte e então percebo que ela fala francês. Examino o pobre garoto e vejo que ele está com um grau forte de

desnutrição; seu estômago está encostado nas costas, posso sentir os ossos da costela. Sem contar que ele aparenta ser bem menor do que a idade que tem.

Entrego as vitaminas à mãe, e o farelo multimistura, para complementar a sua alimentação. Isso irá ajuda a melhorar significativamente o quadro nutricional das crianças, principalmente a taxa de ferro e a prevenção da anemia.

Vicente aplicava a injeção contra a malária. Várias crianças foram vacinadas e os adultos também, colhemos amostras de sangue para análise.

Uma mulher idosa fala algo para o líder da tribo. Ela chora angustiada.

— Ramal? — Pergunto.

O líder da tribo fala algo para Zoila.

— Ele está pedindo que uma médica vá até a tenda da senhora, ver sua neta que não está bem.

— Eu vou! — Digo dando um passo em frente.

— Ela pede que seja uma mulher, é um *Haraam* um homem examinar uma mulher intimamente.

A doutora Shin pega sua maleta e caminha em direção à senhora.

— Eu vou com ela! — Diz Paloma indo em direção a Shin, segurando uma sacola de mantimentos.

Horas se passam. Eu continuo atendendo os pacientes.

Paloma não volta, já estava ficando angustiado querendo ir

atrás dela.

Foi aí que a vi sendo amparada por Zoila, chorando inconsolável.

— O que aconteceu? — Pergunto confuso.

— Ela ficou muito impressionada com o que viu, entrou em choque.

Abraço-a, puxando seu rosto, ainda coberto pelo lenço, para o meu.

— Hei! Não fica assim, loirinha. Não deveria ter trazido você.

— Eles machucaram aquela menina! Como podem fazer algo tão cruel? — Diz ela fungando.

Shin também parece abatida, olho para ela sem entender e ela explica:

— Eles fizeram um procedimento religioso na garota, ela só tem nove anos e acabou tendo uma infecção. O procedimento foi muito mal feito, ela estava com febre alta e convulsionando com uma infecção forte.

Fecho os olhos já imaginando o estado em que a pobre criança devia estar.

Paloma não devia ter presenciado essa atrocidade.

Paloma

Martim estaciona o carro na frente da casa de Kadish, mas

ainda sinto como se estivesse deixando algo para trás.

— Você está se sentindo melhor? — Pergunta Martim olhando para mim.

— Ainda não consigo me conformar com aquela cena, a pobre menina estava amarrada, que tipo de mostro faz isso com uma criança?

— Tem coisas que não podemos entender e muito menos mudar! — Digo triste.

— Acho que ver a situação daquelas pessoas mexeu comigo. Pensei que nada pudesse ser mais triste do que a vida nesta cidade, as crianças do orfanato, a pobreza dessa região. Mas bastou ver aquelas pessoas, para ver que tem gente em situação até pior que as crianças daqui. Aquelas nunca terão a chance de ir à escola, assistir um desenho ou comer um chocolate. Não me conformo com esse tipo de vida.

— Não podemos fazer nada, Paloma, é a cultura deles. Quem somos nós pra julgar anos e anos de crenças e religião?

— Ainda assim, você viu aquela mulher com nove filhos? Pobre coitada, ainda está grávida do próximo.

— Zoila e Ramal vão tentar convencer o líder da tribo a aceitar ajuda do hospital. Eles odeiam o prefeito, mas talvez a ajuda sendo diretamente do hospital do MSF eles possam aceitar. Estamos pensando em levar cestas básicas, e também podemos tentar ajuda a menina.

— Isso vai ser ótimo. Eu quero voltar lá, Martim, preciso

voltar lá! — Digo angustiada.

— Por ora eu preciso voltar para o hospital. Você vai ficar bem? — Pergunta preocupado.

— Sim, Kadish está me esperando, nós vamos para o orfanato depois.

— Tudo bem, te vejo mais tarde.

Beijo seu rosto me despedindo, e caminho até a entrada da mansão. É tão estranho ver uma casa desse tamanho, no meio de tanta pobreza e miséria.

Toco a campainha e sou recebida por uma empregada que nunca vi antes.

— Boa tarde, gostaria de falar com Kadish!

— Ela não está, senhora — Diz receosa.

— Não tá? — Digo confusa. — Estive aqui ontem, e combinei de vir me encontrar com ela aqui hoje.

— Sinto muito, senhora, é melhor voltar outro dia.

— Tudo bem, eu volto outro dia! — Digo me despedindo da mulher, virando as costas e saindo dali.

Ando pelo jardim apenas esperando a moça entrar e fechar a porta, porém assim que vejo que ninguém me observa, dou a volta na casa, entrando pelos fundos. Um portão branco está encostado, passo por ele com medo de ser vista. *Deus, me ajude a encontrá-la*, faço uma prece. Caminho pela lateral, por um corredor estreito. Vejo uma porta aberta e sem pensar duas vezes entro por ela. Ando olhando para todos os lados com medo de ser pega, até

que esbarro em alguém e ambas caímos no chão.

— O que tá fazendo aqui? — Pergunta Amara assustada, levantando do chão.

— Onde está Kadish? — Pergunto de uma vez, já nervosa, sentindo que algo muito grave deve ter acontecido.

— Ela saiu, não está aqui! — Tenta me enganar, mas eu posso ver em seus olhos que é mentira.

Cheia de fúria, empurro seu corpo até a parede; sou muito mais alta do que ela, e com a raiva que estou sou capaz de matá-la.

— Presta atenção no que eu vou dizer, querida Amara! Eu sei que Kadish está aqui, e você vai me levar até ela, e não vai falar nada para o seu titio. Você me ajuda e eu te ajudo, não contando seu segredinho sujo.

— Eu não posso, você está louca! Se ele descobre que você esteve aqui, é capaz dele me prender também!

— Prender? — Digo confusa. — Seja esperta e não deixe ninguém saber que estive aqui! — Falo firme, cravando minhas unhas em seu braço.

— Tudo bem, vou te levar lá, mas tem que ser rápido, Ibrahim pode chegar a qualquer momento. — Diz com medo.

Solto Amara e ela me leva por um corredor estreito, até chegarmos a uma escada que leva ao porão. O cheiro de mofo deixa meu nariz irritado. Meu coração acelera só de imaginar que Kadish está aí.

— Abre a porta! — Digo a ela, que está parada no topo da

escada.

— Eu não tenho a chave, não posso ajudar! — Diz olhando para trás.

— Tudo bem, então, tome conta do corredor! — Digo para que ela saia e não ouça a nossa conversa.

Amara se vai e eu me aproximo da porta do porão.

— Kadish!? — Chamo baixo, porém ninguém responde. — Kadish, por favor, responde. Você está me ouvindo? — Suplico desesperada.

— Paloma, é você? — Ouço sua voz fraca.

— Sim, sou eu, Kadish! Eu vou te tirar daí, eu prometo. — Digo já chorando.

— Você não deveria estar aqui, se Ibrahim te pegar aqui, eu não sei o que ele é capaz de fazer. — Diz preocupada.

— Calma! Não se preocupe, Amara está me ajudando, ele não vai saber que estive aqui.

— Nós podemos confiar nela?

— Por ora sim. Mas, como você está?

— Estou fraca e com fome, só quero sair daqui. — Diz chorando muito.

— Você lembra do plano, Kadish? Lembra sobre o que conversamos?

— Sim, eu aceito! Eu quero fugir, não aguento mais. — Diz aflita.

— Então vamos adiantar tudo. Confia em mim e faça sua

parte. Você vai precisar ser forte, mas eu prometo que esse inferno vai acabar.

— Eu confio! — Diz firme.

— Eu vou, mas prometo que volto.

— Paloma, tome cuidado! — Diz se despedindo de mim.

Saí daquela casa tremendo de ódio, uma fúria tremenda crescendo dentro de mim, um ódio que jamais senti.

No caminho até o orfanato tento me acalmar. Ao chegar, sou recebida pelo abraço carinhoso das crianças, e imediatamente toda a raiva vai embora.

— Quem aí tá animado para a aula de música? — Pergunto sorrindo, me abaixando na altura deles, que gritam todos, levantando as mãos.

— A tia Paloma vai falar com a Madre e já volto para nossa aula. — Digo beijando uma das meninas.

Caminho em direção à sala da madre superiora e no caminho vejo a freira Sofia.

— Olá, senhora Lancaster, que bom que veio. As crianças já estavam ansiosas para a aula de música. Kadish não veio? — Pergunta, estranhando a falta da minha amiga.

— Não! Infelizmente ela não veio hoje, mas tenho certeza que deve vir em breve. — Digo com um sorriso forçado. — A madre está na sala dela?

— Está sim, pode ir lá. — Me despeço dela, e bato na porta da sala.

— Entre.

— Madre, boa tarde!

— Boa tarde, senhora, já estava a sua espera para aula.

— Fico feliz, madre, mas antes de ir pra aula eu queria pedir sua autorização para usar o telefone.

— É claro. Eu vou para a cozinha, fique à vontade.

Assim que a porta se fecha, pego o telefone, discando o número de uma pessoa que poderá me ajudar a salvar Kadish. Passo os próximos vinte minutos ao telefone, implorando por sua ajuda.

— *Por que não fala com seu irmão, Paloma?*

— Eu não posso, não quero nada que a ligue a mim. Preciso escondê-la e caso ele desconfie de mim, minha família serão os primeiros que ele irá procurar.

— *Esse plano é muito arriscado, tem tudo para dar errado.*

— Eu sei. Mas preciso muito que me ajude. Se der tudo certo, você precisa me garantir que vai ajudá-la, mantendo-a em segurança.

— *Tudo bem, eu vou ajudar.*

Uma lágrima de alívio escorre por meu rosto.

Desligo o telefone, não sem antes agradecer muito sua ajuda.



Após a aula de música das crianças, nós ensaiamos um

coral de ave maria. Em seguida, os levei para lanche, e fui visitar o berçário. Depois do lanche, as crianças se reuniram e batiam palmas fazendo uma roda ao meu redor. Eu me divertia com Babu nas costas e ele sorria alegremente.

— Tia, tia! Olha o desenho que eu fiz pra senhora! — Grita a pequena Niara com um papel na mão. Coloquei Babu no chão e me aproximei dela vendo o desenho, era um coração vermelho com um sorriso no meio.

— É lindo, meu amor, nunca ganhei nada tão bonito. — Falei beijando seu rosto. — A tia vai levar para casa e colocar em uma moldura. — Falei feliz com o carinho que recebia.

Então, algo estranho aconteceu: senti uma tontura forte. Tudo foi escurecendo, minhas pernas fraquejaram e eu caí no chão, ouvindo o grito das crianças, assustadas. Só tive tempo de ver Niara chorando e então a escuridão me engoliu.



Lentamente fui recobrando a consciência, um cheiro forte me deixava enjoada.

Pisquei várias vezes por conta da claridade e percebi que estava deitada em uma cama estreita. Na minha frente, a madre superiora e a freira Sofia.

— O que aconteceu? — Pergunto meio atordoada.

— Você desmaiou, minha filha. Estava com as crianças no pátio brincando, quando de repente caiu no chão e desmaiou. —

Diz a madre Verusca.]

— Oh, Deus! As crianças devem ter ficado assustadas, tadinhas.

— Não se preocupe, a freira Isabel já as tranquilizou; disseram que você só precisa descansar. Quando desmaiou, nós acabamos mandando chamar o doutor, tivemos medo fosse algo mais grave. — Diz ela sorrindo, me deixando confusa.

— Acho que minha pressão deve ter caído, mas não precisava chamar meu marido, ele deve estar ocupado no hospital.

— Tenho certeza que o doutor vai querer saber da notícia, e você precisa de cuidados.

— Como assim “cuidados”, o que eu tenho? — Pergunto alarmada.

— Calma, querida. Você precisa descansar, se alimentar bem e não fazer esforço físico, que tudo vai correr bem. Isso é mais comum do que imagina na sua condição, vômitos, desmaios e fraquezas.

— Do que está falando? — Pergunto com medo que seja algo grave.

— Ah, querida, você está grávida. É natural ter esses mal-estares no começo da gestação.

— O quê? — Pergunto sem conseguir acreditar no que ouço.

— A freira Sofia já ajudou muitas mães a darem à luz, ela sabe reconhecer uma mulher grávida de longe.

— Não é possível! Eu não posso estar grávida! — Olho para elas confusa, começando-a chorar. — Eu não tô grávida! Eu... Eu... Não é possível. Ou é? — Estou chocada.

— Vou buscar um copo de água com açúcar para você se acalmar. — Fala a madre Verusca.

— Quando foi a última vez que suas regras vieram? — Pergunta a freira Sofia, segurando minhas mãos e tentando me acalmar.

— Eu... Eu não me lembro... Acho que mês passado veio, mas foram apenas dois dias. Mas eu sempre fui desregulada. Isso é normal, não é?

— Ah, querida! Um bebê é uma benção. Está tão claro para mim que você será mãe em breve.

Começo a me lembrar de todas as vezes que passei mal e da fome repentina. De tudo que aconteceu nesses últimos meses. Toco minha barriga emocionada só com a possibilidade de ter um anjinho ali.

— Como não percebi antes que estou grávida? — Falo chorando.

A porta se abre e um Martim desesperado passa por ela. Ele se aproxima, tocando meu rosto assustado.

— O que houve? Vim correndo assim que soube que passou mal. O que você tá sentindo? Por que está chorando? — Dispara meu marido.

— Eu vou deixar vocês sozinhos para conversar! — Diz a

freira Sofia sorrindo.

— Por que está chorando? Está sentindo alguma dor? —
Diz limpando meu rosto.

— Não! Eu não estou sentindo dor, eu estou bem.

— Não tente me enganar, Paloma, dessa vez você vai comigo para o hospital nem que eu tenha que te amarrar! Para você estar chorando alguma coisa aconteceu.

— Calma! Você está me deixando nervosa, eu não consigo falar. — Digo rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Tudo bem! Me fala o que você tem e por que está chorando dessa forma. O que aconteceu?

— Eu... Eu estou chorando de felicidade.

— Você está me deixando confuso. A madre me disse que você desmaiou. Eu avisei que não deveria ter ido ao deserto, mas você é teimosa! Vou te levar para o hospital.

— Eu estou ótima, Martim! Estou grávida! — Digo de uma vez e vejo seu rosto paralisar em choque.

— O que disse? — Pergunta olhando incrédulo para minha barriga, sem nenhum sinal de que cresce uma vida em mim.

— Eu estou esperando um filho, um filho nosso! — Digo tocando com carinho minha barriga, com os olhos cheios de água.

Martim está pálido, parece ter levado um choque.

— Ter certeza, Paloma?! Não é mais uma das suas mentiras?!



CAPÍTULØ 19



LIVRE

**"Não existe mulher que gosta de apanhar.
O que existe é mulher humilhada demais para denunciar,
machucada demais para reagir. Com medo demais para
acusar, pobre demais para ir embora".**

Martim

Assim que recebi a notícia que Paloma tinha desmaiado no orfanato, larguei tudo que estava fazendo e corri desesperado até lá. Meu coração estava acelerado, pois se algo acontecesse com ela eu não me perdoaria. O arrependimento tomou conta, eu não deveria tê-la levado ao deserto, aquilo era demais para ela.

Nem lembro como estacionei o carro. Caminho com o coração pesado pelo pátio até chegar ao corredor que leva à enfermaria do orfanato, onde imagino que esteja.

— Que bom que chegou, doutor. — Diz madre Verusca ao me encontrar no corredor.

— Onde ela está? — Pergunto impaciente.

— Acalme-se, doutor, a freira Sofia está na enfermaria com ela, e ela já está bem melhor. — Diz sorrindo empolgada, o que me deixa confuso.

— Eu vou até lá.

Continuo meu trajeto e, ao entrar, dou de cara com Paloma,

sentada na maca improvisada, com o rosto cheio de lágrimas. Não enxergo nada mais em minha frente, apenas seu rosto aflito.

Chego perto da minha loirinha, angustiado e ansioso para saber o que há de errado com ela. Sua atitude me confunde, ela parece feliz, embora esteja chorando. Penso se tratar de mais de uma de suas armações, ainda mais quando a ouço falar:

— Eu estou ótima, Martim! Estou grávida! — Assim que ela diz essas palavras eu sinto um choque dentro de mim. Olho para ela incrédulo. Ela pensa que vai me enganar de novo?

— O que disse? — Pergunto, pensando que talvez eu não tenha ouvido direito. Paloma respira fundo, coloca as mãos em sua barriga plana, sem sinal algum de gestação.

— Eu estou esperando um filho, um filho nosso! — Fala emocionada, como se realmente acreditasse nisso.

Me sinto zozzo com a informação. Um bebê? Paloma grávida? Não é possível! Nós nem temos tido intimidade. *Será?* — Me pergunto mentalmente.

Começo a repassar tudo o que aconteceu nos últimos dias, seus enjoos, o aumento de apetite, o ganho sutil de peso. Os sintomas estavam ali, eu só não quis enxergar.

— Tem certeza, Paloma?! Não é mais uma das suas mentiras?! — Tento mais uma vez extrair a verdade dela.

— Certeza eu não tenho, mas os sintomas que a madre descreveu são os mesmos que eu tive, e antes do casamento eu estava fazendo tratamento para engravidar. Cheguei a tomar

injeções de hormônios para aumentar a fertilidade. Nós nunca usamos preservativo, então, sim, é possível que eu esteja esperando um bebê. — Diz com um largo sorriso no rosto.

— Você nunca me disse que estava fazendo tratamento para engravidar! — Acuso, revoltado que ela tenha me escondido isso.

— Eu... Sinto muito. Eu queria muito ser mãe. Quer dizer, eu *quero* muito ser mãe e, por um tempo, cheguei a pensar que havia algum problema comigo. — Diz olhando para a janela com uma sombra de tristeza no olhar. — Martim, você não vai rejeitar o nosso filho, né?! — Pergunta me olhando com expectativa.

— Paloma, eu jamais rejeitaria um filho meu! — Digo com firmeza, mas ainda desconfiado. Porém, algo não me deixa ficar longe. Quando dou por mim, já estou sentado ao seu lado abraçando-a.

— Eu estou tão feliz! — Diz soluçando em meus braços.

— Ei! Não chora! Não quero que crie expectativas ainda. Pode ser apenas um alarme falso, nós precisamos ir ao hospital confirmar se é verdade.

— Você tem razão, mas é impossível não ficar feliz com a possibilidade. Eu pensei que nunca mais seria mãe, que era o meu castigo por todas as coisas que já fiz. E, só de pensar que pode ter um bebê aqui, eu já me sinto presenteada. — Fala com as mãos na barriga.

— Vem, vou te levar ao hospital e vamos tirar logo essa dúvida. E, se você está realmente grávida, nós já checamos se está

tudo bem com o bebê. — Digo a erguendo em meu colo.

— Eu posso andar! — Tenta protestar quando saio com ela nos meus braços.

— Fica quietinha que te levo! — Falo caminhando com ela até o carro.

Daloma

O caminho até o hospital feito em silêncio. Assim que Martim estaciona o carro, eu salto para fora, ansiosa demais para esperar ele abrir a porta.

Martim dá a volta no carro e segura minha mão, me ajudando a entrar.

— Vem, vou te levar para minha sala e já faremos todos os exames. — Diz caminhando por um corredor estreito e cheio de portas.

O hospital não estava muito cheio como da última vez, mas ainda assim, bem movimentado. Martim abre a porta para que entre, e vejo uma sala pequena, simples, com uma maca à esquerda e, de frente para a janela, uma mesa com duas cadeiras.

Eu já estava suando frio quando vi Martim vestir o jaleco e trancar a porta da sua sala. Seu olhar estava impassível, eu não conseguia saber o que ele estava pensando.

— Vou fazer alguns exames e vou colher seu sangue para análise no laboratório, tudo bem? — Diz olhando para mim, me

tratando como uma paciente normal.

— Não acho que você deveria me examinar, é constrangedor. — Digo olhando para a parede.

— Eu sou médico e já vi tudo que você tem aí, não tem por que ter vergonha. — Fala como se não fosse estranho ele, meu marido, estar me examinando intimamente.

Martim me entrega uma bata hospitalar para que eu vista. Tiro minha roupa ainda meio atordoada com tudo que aconteceu. Visto a bata, coloco minhas roupas em cima de uma cadeira.

— Vem deitar na maca, vou aferir sua pressão e colher o material para levar para o laboratório. — Diz, com sua pose de médico durão.

— Já disse que amo você assim, com essa cara de médico malvado? Principalmente quando está vestindo branco. — Falo sem conseguir me conter.

Martim engole em seco, termina de colocar as luvas e amarra meu braço com uma borracha, me furando em seguida, para colher o sangue. Sua mão é tão leve que nem sinto.

— Pronto, agora vou te examinar.

Um arrepio sobe pela minha espinha, um medo tremendo se apodera do meu corpo. Martim parece notar meu desconforto.

— O que foi? Está sentindo alguma coisa?

— Não. Só estou nervosa. Vamos acabar logo com isso, não aguento mais toda esta ansiedade. — Digo por fim.

Martim se aproxima de mim e começa a tocar meu

abdômen. Não digo nada, fico apenas olhando para ele. Noto que sua fisionomia muda rapidamente.

— O que aconteceu, Martim? Tem alguma coisa errada? — Pergunto aflita.

— Calma. Vamos fazer o ultrassom e tiramos a dúvida de uma vez. — Diz ele sem olhar para mim e começa a ligar o aparelho. Martim passa um gel gelado em minha barriga e começa a passar o aparelho sobre meu abdômen, olhando para a tela. Tento ver o que ele está vendo, mas a tela está totalmente virada para ele.

Observo seu rosto, ele parece concentrado.

— Martim! Fala alguma coisa, pelo amor de Deus! — Digo aflita, e só então ele olha para mim, com um sorriso no rosto. Ele aperta um botão e um som forte, rítmico e constante sai por ele.

— O que é isso?

— É o coração do nosso bebê!

— “Nosso bebê”? — Pergunto com a voz embargada, já às lágrimas.

— Sim! Nosso bebê! — Diz ele, beijando minhas mãos.

— Eu... Eu quero ver... — Falo tremendo já.

Martim vira o monitor para mim e, então, posso ver na tela uma imagem preta se mexendo, não entendo nada.

— Vou te mostrar onde ele está. — Diz rindo. — Aqui está a cabecinha, está vendo? Vê, ele já está com doze semanas, o que é muito estranho, já que você não tem barriga nenhuma. Isso deve ser porque é muito alta e estava abaixo do peso ideal. Mesmo que

tenha engordado, ainda não dava para notar a gestação.

— Doze semanas? Isso quer dizer que eu engravidei antes de vir para Mali, na semana do nosso casamento?

— Sim. — Diz medindo alguma coisa. — Aqui está a barriga, esta linha aqui é o cordão umbilical. E esses são os pés. — Diz apontando para a tela.

Eu não digo nada, apenas, choro, emocionada demais.

— Ei, filho! Vamos mexer para o papai te ver melhor, hein? — Diz Martim girando o aparelho na minha barriga e eu sorrio feliz. — Ele está com a mão no rosto. — Fala rindo e uma lágrima escorre pelo seu rosto, me deixando emocionada.

— Ele é lindo. — Falo olhando para a tela.

— Agora eu vou tirar todas as medidas dele e depois nós vamos ter de fazer vários exames. Como a gravidez já está bem adiantada, você já deveria ter começado o pré-natal e também a tomar as vitaminas necessárias.

Quando ele diz isso, eu gelo totalmente, me lembrando de tudo que fiz nos últimos três meses. Eu bebi, passei muito nervoso.

— Martim? Será que nosso bebê está bem? — Pergunto aflita.

— Calma! Não tem nada de errado com nosso filho. Ouve esse som, é seu coração batendo forte. Ele está com um ótimo peso, vinte gramas, e está com o desenvolvimento adequado para a idade gestacional. Você só precisa de cuidados e de uma boa alimentação. Hoje você já começa a tomar as vitaminas. Eu vou

cuidar de você, e nosso filho vai nascer forte e saudável. — Fala tocando minha mão, me confortando.

— Dá para ver se é uma menina ou um menino?

— Ainda não, ele ainda é muito pequeno, e não quer abrir as perninhas, mas logo nós vamos descobrir, não se preocupa. Nós não temos o aparelho para o ultrassom morfológico, mas eu vou dar um jeito de conseguir. — Fala animado.

Martim anota várias medidas e, por fim, me entrega duas fotos do ultrassom, a primeira foto do nosso bebê.

— Ele é a coisa mais linda que já vi na vida. — Falo sentada na cadeira após ter me trocado com sua ajuda.

— Sim! É o nosso anjinho. — Fala se abaixando ao meu lado.

Sinto suas mãos geladas em minha barriga e me sinto tão feliz.

— É incrível saber que ele está aqui. — Diz sorrindo e eu toco seus cabelos emocionada.

Martim acaricia minha barriga carinhosamente, falando com nosso filho.

— Ei, garotão, você estava escondido aí esse tempo todo. E o bobão do seu pai não sabia. — Diz rindo e beija minha barriga. — Mamãe vai ficar tão feliz em saber do neto. — Fala ele animado e eu rio com sua empolgação.

— Eu também preciso avisar minha família. Ainda nem posso acreditar que me casei grávida e nem sabia! — Quando me

lembro disso um tremor percorre meu corpo.

— Martim, você não duvida que seja seu filho mesmo, né?

— Pergunto olhando fundo em seus olhos.

— Claro que não! Eu não desgrudei de você nem um segundo na semana do casamento. Não tem como essa criança ser do Wallace!

Suas palavras me quebram. Uma tristeza tremenda me cerca. Não importa o que eu faça ou diga, ele nunca vai acreditar que Wallace não era meu amante, nunca vai confiar em mim novamente. Me afasto dele decepcionada e me levanto.

— É melhor eu ir embora. Já está tarde, eu preciso descansar. — Falo, evitando olhar para ele. Não quero que ele repare na tristeza em meus olhos.

— Eu te levo. — Diz tirando o jaleco, sem notar o quanto suas palavras me feriram.

Mas estou feliz demais para deixar que ele estrague o meu dia.

Kadish

Já se passaram dois dias inteiros. O tempo aqui parece passar mais devagar.

Paloma veio me visitar ontem, mas não pôde se demorar. Contudo, saber de sua gravidez me trouxe grande alegria, apesar da

minha própria situação.

A porta do porão se abre e a luz forte embaça a minha visão.

— Venha. Seu castigo já acabou. Acredito que dois dias trancada aqui tenham te ensinado uma lição.

Não digo nada, apenas me levanto com cuidado. Meu corpo está todo dolorido pelas noites dormindo no chão duro, me sinto fraca e faminta.

— Você precisa de um banho. — Diz olhando meu estado seriamente.

Caminho ao seu lado, saindo daquele maldito porão imundo.

Assim que ele tranca a porta da suíte atrás de nós, eu tremo por inteiro, com medo do que ele vai fazer.

— Vem, eu já enchi a banheira. — Fala sério, abrindo a porta do banheiro para mim.

Obedeço a suas ordens sem questionar. No banheiro, noto que a hidromassagem está ligada, com os sais de banho.

Tiro o maldito vestido que uso, o jogando diretamente na lixeira. Faço o mesmo com minha lingerie. Tento ignorar que ele está aqui me observando e entro na banheira. Imediatamente, gemo com o contato da água quente em minha pele.

Fecho os olhos, afundando na água borbulhante, e sinto uma esponja de banho em minhas costas. Automaticamente eu paraliso de medo.

— Não se preocupe, eu não vou te machucar, só quero te ajudar. — Diz ele de joelhos na beirada da banheira, passando a esponja pelo meu ombro.

Um tremor toma conta do meu corpo, uma vontade tremenda de chorar, de fugir, de gritar que ele não tem o direito de me tocar, mas tudo que faço é ficar calada, deixando-o me ensaboar. É como se estivesse me torturando. Ibrahim foi carinhoso, fez questão de lavar meus cabelos com delicadeza, ensaboou todo meu corpo, sem tocar nas minhas partes íntimas. Quando viu que já estava limpa, ajudou a me secar. Ibrahim me embrulhou em um roupão e saiu, enfim de dando um pouco de privacidade.

Visto uma camisola comprida, como se eu pudesse me proteger com ela, e coloco também um robe de seda longo e de mangas compridas.

O ar estava ligado, e o quarto frio, mas eu preferia assim. É como se uma parte minha tivesse morrido; já não me importo mais com o que acontecerá. Estou exausta, só preciso fechar os olhos e descansar.

Todavia, antes mesmo que eu possa me entregar ao sono, a porta volta a se abrir e Ibrahim entra com uma bandeja nas mãos.

— Mandei Abba preparar uma sopa leve para você. Deve estar com fome. — Fala, colocando a bandeja em cima da cama.

Olho para ele confusa. Ibrahim está aprontando alguma coisa. Não é normal todo esse cuidado, ainda mais depois de me

deixar dois dias apenas com água.

— Obrigada. — Falo pegando a bandeja e me sentando na cama.

Assim que coloco uma colher na boca, gemo sentindo o sabor delicioso da canja que Abba fez.

— Você gostou? — Pergunta me olhando nos olhos.

— Sim, está deliciosa. — Digo cortando um pedaço de pão para acompanhar a sopa.

— Eu quero que as coisas sejam boas entre nós, Kadish, não gosto de te ver sofrer. Quero ver você feliz. Você sabe que eu a amo, não sabe? — Pergunta segurando meu rosto, fazendo com que olhe para ele.

— Sim, Ibrahim, eu sei! — Digo firme.

— Eu te amo tanto, Flor-de-lis! Não sei o que seria de mim sem você. Tudo que eu faço é para o seu bem; só quero que você me obedeça, seja uma boa esposa. Digna de ser a primeira dama dessa cidade.

Me seguro para não responder. Minha vontade é gritar com ele, dizer que isso não é amor, é possessão! Ele não sabe o que é amor, tudo que ele sabe é machucar as pessoas.

— Você entende, querida? Diz para mim que você entendeu! Que não vai mais me desafiar e muito menos se queixar para estranhos sobre nosso casamento.

— Eu entendi! E não farei nada para desagradá-lo. — Digo baixo, mas firme.

Entretanto, por dentro, minha vontade é gritar “não”. Eu nunca irei entender um doente como ele.

Daloma

Hoje fomos à missa, o padre Mello ficou muito feliz quando viu Martim e eu lá.

Já faz um mês que descobri que estou grávida; um mês que passou voando.

Duas semanas após o primeiro ultrassom, refizemos o exame e descobrimos que teremos uma menina. Uma menina! Minha princesinha... Martim e eu nos abraçamos, emocionados.

Até minha família se alegrou com a notícia. Mamãe queria pegar o primeiro avião rumo a Mali para vir cuidar de mim. Tive que convencê-la de que não era preciso. Ela estava com problemas com Eduardo e eu não queria atrapalhar sua segunda chance com ele.

Pelo que Alice me contou, o pai de Guilherme não queria assumir mamãe como namorada ou algo do tipo, o que a estava machucando muito. É nítido que ela o ama, mas talvez ele não sinta a mesma coisa.

— Ei! O que está fazendo aí fora no sereno? — Pergunta Martim, me abraçando por trás, colocando as mãos em minha barriga.

Agora, com quatro meses, já dá para sentir nossa pequena mexer.

— Está muito calor lá dentro, aqui fora está bem fresquinho.

— Vem, vamos entrar. Não quero que você pegue um resfriado. Eu já fiz o jantar. — Diz me levando para dentro.

A mesa já estava posta, e eu, faminta. Ultimamente, tenho comido muito. Martim diz que é normal, que estou comendo por dois.

— Mamãe ligou hoje querendo saber de você. — Fala Martim, cortando um pedaço de carne e o levando à boca.

— Helena está eufórica com a primeira neta. — Falo feliz por saber que minha sogra me perdoou e que está feliz com a chegada da nossa bebê.

— Até papai já está fazendo planos, diz que vai mandar fazer um quarto todo rosa para a neta.

— Sua mãe pediu que fossemos para a Escócia antes dela nascer, ela quer que a neta nasça lá. Não sei como vamos resolver isso. Minha mãe quer que eu tenha nossa filha com o médico que fez meu parto, em Londres.

— O contrato com os Médicos Sem Fronteiras vai até dezembro. Mesmo que tenhamos contido a epidemia de malária, ainda temos que atender um número considerável de casos e a população da cidade ainda depende muito do hospital.

— Eu sei, eu não me importo se nossa filha nascer aqui,

mas também não quero decepcionar sua mãe.

— Você está disposta a contrariar a sua, apenas para agradar a minha?

— Claro, eu gosto dela, e é sua primeira neta. Eu entendo o quanto está animada. Eu mesma não me contenho de tanta euforia, sabendo que em breve nossa pequena estará aqui.

Martim fica calado, preso em seus próprios pensamentos. Desde a notícia do bebê, ele mudou muito. Tem sido carinhoso, compreensivo, eu não sei o que seria de mim sem ele aqui. Não teve um desejo que ele não tenha realizado, até quando disse que queria presunto com pasta de amendoim! Ele saiu no meio do expediente para comprar. Mas entre nós dois, ainda parece existir um muro impedindo que sejamos verdadeiramente felizes. Ele nunca mais me beijou ou tentou algo, e eu também não insisti, mas queria que ele se desse conta de que nos amamos e que não há motivos para ficarmos separados.

Eu já estava subindo pelas paredes, a gravidez está me deixando muito excitada, e ver Martim sem camisa ou só de boxer preta em casa não estava ajudando a minha libido a se acalmar. Ontem à noite estávamos na varanda olhando as estrelas e escolhendo possíveis nomes para nossa filha. Tive uma tontura e ele me segurou em seus braços, me olhou daquele jeito que olhava quando nos conhecemos, e eu fechei meus olhos ansiando por seus lábios nos meus. Mas, o beijo não aconteceu. Ele simplesmente me ajudou a sentar na cadeira de balanço e ficou toda hora

perguntando se eu estava bem, me deixando totalmente frustrada.

Fecho os olhos e tento não pensar no “quase beijo” de ontem.

— Martim, tem bolo de fubá ainda? — Pergunto ao terminar de lavar a louça do jantar.

— Acho que sobrou um pedaço. A Zoila disse que se quiser, ela vem aqui te passar a receita.

— Eu vou adorar, mas amanhã não vai dar. — Falo, lembrando que tenho que ir ver Kadish, que está meio depressiva.

— Não acho uma boa ideia você ficar dirigindo grávida por essas estradas esburacadas. — Diz ele emburrado, me fazendo lembrar do carro que comprou, que ainda não usei, só de pirraça. Já que quando eu pedi um carro, ele fez questão de me dar uma bicicleta. Agora, só porque estou grávida, quer me proteger.

— Eu estou grávida e não inválida! Já cansei de dizer isso! — Digo tirando a blusa de pijama, sentindo muito calor. — Sabe? Só está faltando você me colocar dentro de uma bolha, igual aquele filme.

— Se fosse possível, pode ter certeza que você já estaria em uma.

— Você está me deixando tão irritada com esse cuidado exagerado! Eu queria voltar ao deserto, visitar as crianças da tribo beduína. Zoila disse que perguntaram por mim.

— Nós já falamos sobre isso! Da última vez que foi lá, você passou mal, ficou nervosa; já te expliquei que tudo que você sente

passa para o bebê. — Fala colocando o prato com o bolo em minha frente.

— Eu só não vou discutir com você, porque minha boca está cheia de água para comer esse bolo. — Falo emburrada.

— Você fica linda com esse bico. — Fala beijando minha testa e meu corpo todo se aquece.

— Eu estou horrorosa. Meus pés estão inchados. Daqui a pouco nem vou conseguir ver meus pés.

— Besteira. Você está linda. Na verdade, maravilhosa. — Diz ele olhando para mim como se pudesse me devorar.

Quase engasgo com o bolo, totalmente sem fôlego. Malditos hormônios!

Bebo um copo de suco, mas ainda sinto seu olhar me queimar.

— É melhor eu ir deitar, já está bem tarde e amanhã quero acordar cedo. — Me levanto sem olhar para ele. — Boa noite. — Falo, já entrando em meu quarto. Esfrego meu rosto cansada.

A porta do meu quarto se abre enquanto eu ajeitava o travesseiro para dormir.

— Você não deixou eu me despedir direito, saiu correndo. — Diz Martim sem camisa, vindo em minha direção, como uma fera pronta para dar o bote.

Eu nem consigo formular uma frase completa. Quando vejo, ele se ajoelha na minha frente e beija minha barriga, causando arrepios por todo meu corpo.

— Boa noite, princesa do papai. — Beija toda a minha barriga, eu não consigo evitar e gemo baixinho tocando seus cabelos.

Martim se levanta, olha em meu rosto e eu solto a respiração que nem tinha percebido que prendia.

— Boa noite, loirinha, durma bem. Se precisar de mim é só chamar. — Fala rouco e beija minha testa, só para me torturar.

Maldito Martim! Está fazendo isso só para me provocar! Se ele espera que eu implore que ele faça amor comigo, vai morrer esperando!

Martim

Preparo um café forte e algumas torradas para o café da manhã, enquanto penso na surpresa que farei a Paloma hoje.

Nem acredito que realmente vou ser pai. Da primeira vez que Paloma disse estar grávida, no aeroporto, não posso negar que tive dúvidas. No fundo, acho que eu sentia que ela estava mentindo, mas não podia contestar o exame positivo. Quando ela confessou que falsificou o exame, eu me senti ferido, magoado, enganado mais uma vez por ela. Entretanto, o destino gosta de pregar peças. Todo esse tempo ela estava mesmo grávida, esperando um filho meu, ou melhor, “filha”, nossa princesa.

Eu estava tão cego de raiva e ressentimento que nem consegui identificar os sintomas iniciais da gestação. Achava que

ela estava fingindo só para me comover.

— Bom dia. — Vejo Paloma sair do quarto e vir em minha direção. — Dormi demais, já são mais de dez da manhã! Você devia ter me acordado. — Ela diz emburrada.

Está vestindo apenas um short de malha e um top curto, com os seios quase saltando para fora.

— Bom dia, não quis te incomodar, estava tão linda dormindo. Hoje é domingo, não tem problema dormir um pouco mais. — Falo abraçando-a e sentindo seu cheio que tanto amo. — Toma café que eu vou te levar a um lugar, tenho uma surpresa pra você.

— Hum, amo surpresas. Mas vou tomar um banho rápido primeiro, e já venho tomar o café, acordei toda suada. — Diz esfregando o pescoço.

Preparo a mesa com tudo que ela gosta de comer e espero um tempão até ela ficar pronta. Quase perco o fôlego quando a vejo com um vestido longo florido, os cabelos soltos e brilhantes, e salto alto.

— É melhor trocar o sapato, esse é muito alto, você pode tropeçar e acabar caindo. — Falo com medo que ela se machuque.

— Nem pensar, já demorei para achar um sapato que ficasse bem com esse vestido. É um dos únicos que não está apertado.

— Coloca um chinelo, assim não tem perigo de se machucar.

— Eu uso salto desde os dez anos, não vou cair — Fala sentando-se à mesa e cortando uma fatia de mamão.

Decido não insistir, não vai adiantar brigar com a bomba de hormônios chamada Paloma Lancaster. Espero ela terminar seu café da manhã, e só então saímos.

— Sério isso, Martim? Você precisa mesmo me vender? — Diz sorrindo por ter os olhos cobertos.

— Isso faz parte da surpresa. — Digo beijando sua testa, ajudando-a a colocar o cinto de segurança.



O caminho até nosso destino foi curto. Assim que estacionamos, desci do carro e fui ajudar Paloma.

— Eu vou tirar a venda e você me diz o que acha. — Falo animado.

Lentamente, desfaço o nó da venda deixando que ela veja a casa em sua frente.

— Nossa, que lugar bonito. — Diz ainda sem entender.

— Você gostou? Ela não é muito grande, são apenas três quartos, três banheiros, sala, cozinha em conceito aberto, uma lavanderia pequena e a área externa.

— É linda, parece aconchegante, e a vista dá para o rio.

— Espera até ver lá dentro. — Seguro sua mão, guiando-a até a varanda da entrada.

Paloma olha tudo encantada enquanto entramos na casa. A

sala é espaçosa, com uma bela lareira de pedra decorando o centro.

Ela sorria encantada com tudo que via. A cozinha era bem grande, com eletrodomésticos novos e uma decoração rústica.

— Nossa, posso me imaginar aqui cozinhando. — Fala passando as mãos pela bancada de mármore.

— Vem. — Levo-a até o segundo andar, onde os quartos ficam.

— Eu pensei neste para o quarto da nossa princesa.

— Nós podemos pintar de rosa, e o berço pode ficar naquela parede; ali uma estante com livros e brinquedos. — Fala empolgada.

— Sim, vamos comprar tudo para deixar perfeito para nossa pequena. — Digo animado. — Vem ver a suíte master. — Arrasto-a até o quarto da frente. E assim que Paloma vê a cama *king size* fica encantada.

— Ah, meu Deus, que saudade de uma cama grande! — Fala rindo.

— Espere até ver o banheiro. — Abro a porta do banheiro e Paloma geme quando vê a banheira e o box gigante.

— Nossa, nem lembro quando foi a última vez que tomei um banho de banheira.

— Que bom que gostou. Essa casa já existia, mas precisava de uma reforma. Não foi fácil preparar tudo em tão pouco tempo. — Falei sorrindo, enquanto me sentava.

— Você a comprou? — Ela pergunta empolgada voltando

para o quarto.

— Sim, é nossa. Aquela cabana não é um lugar apropriado para você, aqui vai ter mais conforto e comodidade. Sem contar que é perto do hospital, posso vir almoçar em casa. — Disse sorrindo. — E também é perto do orfanato, já que gosta das crianças, eu sei como elas são importantes pra você.

— Eu amei, amei, amei!! — Ela me abraça contente, e eu não resisto e a puxo mais para perto, sentindo o calor do seu corpo junto ao meu.

Ficamos abraçados assim por um tempo. Então, lentamente, nossos rostos foram se aproximando e o beijo que se seguiu foi inevitável. Começou suave, um beijo de saudade, mas aos poucos foi se intensificando.

Paloma puxa forte meus cabelos e eu gemo em seus lábios.

— Sinto falta do seu beijo, da sua pele; não imagina o quanto é difícil para mim te ver todos os dias e não te tocar. — Falo jogando a razão no ralo.

— Também sinto tanto a sua falta. — Diz baixo olhando em meus olhos. — Sinto falta dos seus beijos, do seu carinho, e principalmente de quando dizia que me amava... Sinto falta de tudo que vivemos, mesmo tendo sido por tão pouco tempo.

— Eu quero você, Paloma. Preciso de você. Não aguento mais lutar contra esse desejo. — Toco em sua pele macia e delicada.

— Então por que luta, meu amor? Eu estou aqui por você e

para você. — Diz sem tirar os olhos dos meus.

Não é preciso dizer mais nada. Puxo Paloma de volta para mim e beijo sua boca gostosa ardentemente. Ergo-a em meus braços e a coloco com todo cuidado na cama.

Me afasto sem tirar meus olhos dela, e vou tirando a camisa com pressa, logo em seguida os sapatos. Quando abro o cinto da calça, posso ouvi-la gemer em expectativa. Meu pau já está a ponto de explodir nas calças.

Quando já estou livre das roupas, me ajoelho na cama pegando seu pé delicado, beijando-o lentamente, fazendo sua pele se arrepiar. Ergo seu vestido, deixando suas coxas à mostra e posso ver sua calcinha rosa já encharcada.

— Você está molhadinha para mim, ninfeta.

— Eu quero você dentro de mim agora, Martim.

— Tá muito apressada, gostosa. — Falo desfazendo o nó do seu vestido e o jogando no chão, deixando-a apenas de calcinha.

Paloma parece uma deusa deitada na cama esfregando as pernas uma na outra. A gestação não a fez ficar menos atraente, pelo contrário, seu corpo está mais cheio e muito atraente.

— Para de me olhar assim e vem me beijar, safado. — Fala ela excitada.

— Você não sabe o quanto eu estava louco para ter você, loirinha. — Falo voltando a beijar sua boca, passando a língua entre seus lábios e a devorando inteira, matando aquela saudade que não me deixava dormir.

Paloma geme, arranhando meus braços, e eu vou descendo beijos molhados por todo seu pescoço, fazendo o caminho até seus seios, que estão maiores e pesados; estou amando ver cada mudança em seu corpo.

— Você quer minha boca aqui, ninfeta safada? — Pergunto provocando.

— Sim, amor, por favor, preciso de você. — Ela geme e toca meu pau duro com suas mãos delicadas, fazendo movimentos de vai e vem.

Assopro seu seio esquerdo, vendo sua pele se arrepiar, para em seguida chupar com gosto. Ela se contorce e eu castigo seu biquinho, brincando com os dois, enquanto ela me masturba.

— Por favor, amor, eu não vou aguentar... Preciso de você dentro de mim.

— Vai ter que aguentar, safada, você me fez ter um caso sério de bolas azuis, dormir de pau duro é horrível. — Digo e me afasto do seu toque, descendo beijos por sua barriga até chegar ao centro do seu desejo, sua bocetinha linda e rosada.

Sinto seu cheiro doce único e passo a língua por toda a extensão da sua boceta.

— Oh, eu não vou aguentar, Martim! Eu vou gozar! — Grita e arreganha-se mais. Eu aproveito para devorar sua bocetinha quente e molhada. Paloma estremece e goza forte, arqueando as costas e puxando meus cabelos. Bem devagar, coloco um dedo dentro dela fazendo movimentos de vai e vem, enquanto

minha língua brinca com seu clitóris.

— Nunca experimentei algo tão doce. — Falo olhando para seu rosto vermelho e seus cabelos bagunçados, tão linda, tão minha.

Me afasto apenas o suficiente para poder me posicionar, e lentamente fui colocando meu pau dentro dela, de maneira que não colocasse peso em cima dela.

— Oh, Deus! Como senti falta de você dentro de mim! — Diz ela arranhando minhas costas e beijando meu pescoço. Tenho que me controlar para não gozar.

A conexão sexual entre nós dois é incomparável. Apenas com ela é assim; nenhuma outra me fazia sentir dessa forma. Paloma tem o poder de me tirar do chão.

Ela me beija gemendo alto enquanto eu movimento meu pau dentro dela.

— Eu amo você. — Fala fechando os olhos quando um novo orgasmo vem. Me arrepio todo com as palavras dela. Mas algo dentro de mim não me deixa responder.

Giro Paloma no meu colo, fazendo com que ela fique por cima, sem tirar meu pau de dentro dela.

— Vai, safada, cavalga no meu pau. — Digo com a voz rouca de excitação.

Paloma geme alto, subindo e descendo, enquanto eu chupo seus seios fartos. Seus cabelos esparramados, sua cara de prazer, me deixam alucinado. Mordisco o biquinho do seu seio e ela treme,

gozando forte, e me levando ao limite junto consigo.

Paloma deita em cima de mim exausta, e com cuidado para não machucar nossa pequena, a beijo com carinho, pegando-a, em seguida, no colo e levando-a até o banheiro. A coloco sentada na bancada enquanto a banheira enche.

— Acho que vou precisar de uma soneca para recuperar as forças.

— Te cansei muito, loirinha? — Pergunto entrando com ela na banheira de água quente.

— Sim, mas nunca me senti tão bem e tão relaxada. — Fala beijando meu queixo.

— Hum, isso é bom. Quero te ver sempre assim, bem relaxada...

Kadish

Depois que Ibrahim me manteve trancada naquele porão imundo, eu ando pisando em ovos dentro de casa. Proibida de sair de casa, e até mesmo de falar com Paloma, cada dia desse último mês foi uma tortura. Sou uma prisioneira dentro da minha própria casa, e tenho meu marido como meu carcereiro pessoal. Só consegui sair de casa três vezes, e isso com a ajuda de Paloma, que subornou Amara para me dar cobertura, e eu pude ir ao orfanato.

Passo pelo canteiro de rosas que leva até a entrada dos fundos da mansão. Respiro fundo, aliviada por saber que cheguei

sã e salva do orfanato.

Ao entrar em casa, sinto um leve mal-estar, um pressentimento ruim. Caminho até a cozinha sem ver nenhum funcionário. Pego uma maçã na fruteira e vou em direção à sala.

Mas assim que vejo quem está sentado no canto escuro da sala, eu paraliso.

— Oi, querido, você chegou cedo. — Digo tremendo, tentando disfarçar.

— Sua piranha, vagabunda! Você estava com outro, não é? — Grita Ibrahim, atirando o copo de uísque em minha direção, que por sorte não me acerta.

— O que foi, querido? O que aconteceu? — Meu coração dá um pulo.

— Você acha que eu sou algum otário, não é, vagabunda desgraçada? — Ele abre um sorriso cínico assustador.

Ele deve saber que eu saí, penso em desespero.

— Eu vi você, sua puta! Vi você perto da praça! Andava rápido, olhando para trás com medo de ser vista saindo da casa do seu amante!!

— Querido, eu juro que não é isso! Eu não tenho amante! — Tento acalmá-lo. — Eu... Fui ao orfanato, eu já não aguentava mais ficar trancada aqui, e fui visitar as crianças.

— Há quanto tempo você tem um amante, desgraçada? Há quanto tempo dá o que é meu a outro? — Ele olha para mim com tanto ódio que paraliso de medo.

Ele vai me bater novamente, meu Deus, eu sei que vai,
penso em pânico.

Eu o escuto levantar da cadeira, abaixo a cabeça não querendo vê-lo.

— Você não era nada, sua vagabunda!! Você era um animal jogado no lixo! Eu te dei tudo! Eu fiz quem você é! Sem mim você não teria nada! — Sinto o primeiro tapa em meu rosto, tão forte que me faz cambalear, mas não consigo me afastar, pois ele agarra meu braço e me joga contra a parede.

Atordoada, sinto meu cabelo ser puxado com força e meu corpo ser arrastado.

— Você o deixou te tocar?! Você deixou outro homem tocar no que é meu?!

Eu gritei que não o tinha traído, mas ele não queria me ouvir. Ibrahim subiu em cima de mim e começou a bater no meu rosto me chamando de puta, dizendo que mataria meu amante. Tentei me defender, mas não conseguia. Comecei a gritar por socorro.

— Cala a boca, vagabunda!! Ninguém vai interferir! Todos sabem que você merece o que está levando!

Em desespero, movo minha cabeça tentando me soltar.

— Presta atenção, sua maldita! Você não é nada sem mim, absolutamente nada! — Ele dá mais um tapa no meu rosto, e manda eu repetir.

— Eu... Eu... Não sou nada... — Repito com a voz trêmula

e a garganta ardendo pelos soluços. Ele me dá outro tapa, e me manda repetir novamente.

— Eu... Eu odeio você!!! — Grito com todas as minhas forças, e é então que vejo a morte diante de mim. O rosto de Ibrahim se transforma, ele parece o próprio demônio na minha frente.

Ele sai de cima de mim, me ergue com brutalidade pelos braços e, sem dó, me dá um soco na boca.

— Nunca mais você vai falar isso, está me ouvindo? Se eu ouvir você repetir isso eu vou cortar a sua língua!! — Diz autoritário, para me intimidar.

— Me mate de uma vez!! Eu não aguento mais viver com você!!!

Ele nem responde; sem dó, me atira no chão da sala. Sinto o gosto de sangue em minha boca; minha visão está turva pelo inchaço na face e pelas lágrimas.

— Eu vou acabar com você, sua puta mal-agradecida! — Fala tirando o cinto da calça, pronto para me surrar. Eu tento correr, mas ele me acerta um golpe forte nas pernas. A dor é tão forte que sinto que vou desmaiar.

— Você não corre de mim, não, miserável! — Fala se aproximando. Eu já me sinto fraca, tonta, mas ainda tento lutar.

— Socorro!! — Grito pedindo ajuda, e tento correr dele, porém, acabo tropeçando no tapete da sala. Com isso, me desequilibro e caio em cima da mesa de centro feita de vidro,

estilhaçando-a. Ouço o grito alto de Ibrahim chamando por mim e uma dor lancinante se espalha por todo meu corpo. Sangue escorre pela minha boca, me fazendo sufocar, e pela primeira vez em muito tempo eu sorrio, sabendo que por fim, eu estava livre.



CAPÍTULO 20



FANTASMAS DA CONSCIÊNCIA

"Dizem que os fracos são aqueles que se humilham por amor, talvez eles sejam os fortes, porque arriscam um minuto de humilhação por uma vida inteira de amor".

Paloma

Acordo com uma sensação gostosa de relaxamento. Passo a mão ao lado da cama e percebo que está fria. Martim não está aqui. Me sento já angustiada. *Não, ele não pode fazer isso de novo*, penso. Olho em direção à janela e posso ver o sol se pondo.

— Droga. Dormi demais. — Me xingo mentalmente.

Levanto e vou direto ao banheiro. Descobri que essas visitas constantes ao toalete são parte do pacote da gravidez. Até mesmo à noite, tenho que levantar da cama para fazer xixi.

Vejo meu reflexo no espelho e sorrio, vendo meu pescoço marcado. Fecho os olhos e posso sentir a boca de Martim por todo meu corpo.

Lavo meu rosto, procuro uma escova de dente e não encontro nada; os armários estão vazios. Precisamos comprar tudo, já que a casa é nova. E precisamos buscar nossas coisas na cabana.

Decido descer e ver onde Martim está. Imploro a Deus que ele não tenha mudado de ideia e diga que se arrependeu. Meu coração está acelerado. Assim que desço as escadas, o vejo de

costas para mim, sentado no sofá, com os cabelos bagunçados.

— Oi. — Digo sem graça, entrando na sala.

— Boa tarde, mocinha. — Diz com um sorriso lindo no rosto e só então vejo que estava segurando a respiração.

— Eu dormi muito, não é?

— Sim, estava até preocupado. Nós não almoçamos e na verdade já está quase na hora do jantar.

— Nossa, eu nem sabia que estava tão cansada, mas aquela cama macia foi como um sonífero para mim. — Falo me sentando no sofá.

— Você gostou mesmo da casa? — Pergunta, chegando perto de mim.

— Eu não só gostei, eu amei! É melhor do que eu poderia querer. — Martim me olha nos olhos, com um sentimento que não consigo decifrar.

— Como está a princesinha do papai? — Fala passando as mãos pela minha barriga carinhosamente. Sorrio colocando minhas mãos sobre as suas.

— Acho que ela está com fome. — Digo, pois estou faminta.

— Enquanto você dormia, eu busquei nossas malas. Zoila me indicou uma senhora para trabalhar aqui em casa. E amanhã eu termino de trazer o que restou na cabana.

— Não preciso de ninguém para me ajudar! Eu estava me virando bem na cabana. Na verdade, eu acho que vai ser ainda mais

fácil deixar esta casa limpa do que a outra.

— Eu não quero que se canse, você precisa descansar, se alimentar bem. E a ajuda vai vir a calhar quando nossa pequena nascer. — Fala tirando meu cabelo do rosto.

— Tem razão. — Falo conformada.

— Quero te levar para jantar fora. — Fala se levantando e vestindo a camisa que estava na mesa de centro.

Sorrio animada em sair com ele. É a primeira vez que Martim me leva para jantar, depois do que aconteceu. Algo dentro de mim dizia que agora tudo ficaria bem, mesmo que ele ainda não tivesse dito nada sobre nós dois.

— Eu preciso trocar de roupa, então. — Falo me levantando. — Onde estão as malas? — Pergunto ansiosa.

— Não precisa mudar de roupa, você está linda assim. — Fala ele olhando para mim de maneira quente.

— Preciso sim, este vestido já está todo amassado, não posso sair assim. É a primeira vez que vou ao restaurante da cidade, eu quero estar bonita.

— Está bem, as malas estão no closet, lá no quarto.

Não espero ele dizer mais nada. Ando apressada até o quarto e logo encontro todas as malas. Vou abrindo uma por uma à procura de algo que ainda me sirva.

Escolho uma saia branca com uma camisa nude social, um par de botas marrom e deixo os cabelos soltos. Sinto-me bonita. Coloco um pequeno colar de brilhantes, um dos últimos que me

resta.

— Como estou? — Pergunto assim que desço as escadas.

— Não acha que essa saia é curta demais? E para quê usar botas de salto? Eu preciso comprar chinelos para você. Não é possível que vá ficar usando salto estando grávida.

— Custava dizer que estou bonita e pronto? — Digo irritada, pegando a bolsa e indo em direção à porta.

Nem espero ele abrir a porta do carro, já vou me sentando no banco do passageiro.

— Você está linda, Paloma. Só não quero que nada aconteça com vocês duas. — Senta-se ao meu lado e liga o jipe.

O clima dentro do carro fica estranho e Martim liga o rádio para tentar amenizar. Enrique Iglesias enche meus ouvidos com sua música *El Baño*. A letra sensual e quente me faz fechar os olhos e lembrar de mais cedo, da maneira louca como nos amamos. Solto um gemido baixo excitada. Droga! Não posso pensar nisso agora.

Abro os olhos e dou de cara com Martim me olhando, como se eu fosse sua próxima refeição.

— Se você continuar gemendo assim, nós não vamos jantar. Sou obrigado a parar o carro e te comer aqui mesmo.

— Martim... — Digo sem fôlego.

— Me pede para parar, loirinha, me impeça, antes que seja tarde demais!

— Eu quero você... — Foi tudo que consegui dizer, antes que ele parasse o carro no meio da estrada escura e me puxasse

para o seu colo.

Nos beijamos com loucura, chegava a ser rude. Martim já puxava meu cabelo pela nuca e beijava meu pescoço. E eu rebolava em seu colo. Minha saia subiu, deixando minha calcinha em contato com sua calça.

Tirei a camisa dele olhando para aquele peitoral malhado. Martim afasta o banco para trás, me dando mais espaço. Me viro em seu colo e ajoelho no banco do passageiro. Ansiosa, começo a abrir o cinto e o zíper da calça que está vestindo. Seu pau já está duro na cueca preta, e não perco tempo. Pego-o com minhas mãos, louca para sentir seu gosto.

— O que você quer que eu faça, doutor? — Pergunto com a minha voz mais sexy.

— Coloca na boquinha, safada.

Sorrio e, obedientemente, passo minha língua por todo pau e engulo com vontade. Os gemidos dele só me deixam com mais tesão. Martim abre minha blusa, deixando meus seios à mostra e vai massageando-os conforme eu o chupo, levando-o à loucura. Eu chupo com força, relaxo minha garganta, levando o máximo que consigo e, com as mãos, trabalho no que sobra. Ele me segura pelos braços e me faz levantar; sem cerimônia, me puxa para o seu colo e me coloca de costas.

Ganho uma mordida na bunda e mesmo de calcinha começo a rebolar no pau dele. Coloco minha calcinha para o lado e vou sentando lentamente. Ele morde minha orelha e me xinga baixinho

de ninfeta safada. Eu estou tão molhada que escorrego aquele pau inteiro para dentro de mim. Gozo rapidamente alucinada. Suas mãos seguram meus seios e ele começa a bombar fortemente de baixo para cima, sinto suas bolas quase me rasgando e ele ruge alto, me levando à loucura, me preenchendo com seu gozo quente.

— Isso foi incrível! — Falo tomando fôlego, e saio de cima dele. Pego um lenço de papel no porta-luvas para me limpar. Martim sorri relaxado.

— Você fica linda assim, toda corada depois de um orgasmo. — Diz me observando enquanto eu me arrumo.

— E você me deve um jantar. Vamos, que estou faminta. — Falo me ajeitando no banco. Martim termina de se arrumar e liga o carro, partindo em direção ao restaurante.

Ele segura minha mão, me conduzindo até a mesa, mas, antes mesmo que nos sentássemos, eu vejo a tal Hellen, a doutora peituda. Seus olhos vão direto para o meu marido, ela parece devorá-lo vivo.

Talvez meu aviso não tenha sido claro o bastante! Martim puxa a cadeira para mim e eu decido ignorar a vadia para não estragar minha noite.

— Gostei muito desse lugar.

— A comida é muito boa, você vai gostar. — Diz sorridente.

— Você já veio aqui? — Pergunto, incapaz de disfarçar meu ciúme.

— Sim, já vim com o pessoal do hospital almoçar. — Fala como se não fosse nada, desgraçado!

— Certo. — Digo, bebendo um pouco de água.

Martim faz os pedidos e bebe um copo de uísque, eu um suco de caju.

Conversamos por um bom tempo até que chegamos num impasse sobre o nome da nossa filha.

— Eu gosto de Davina, é escocês. — Sugere ele.

— É um nome bonito. Eu gosto de Lindsey. Ah! É tão difícil escolher o nome dela. É mais difícil do que eu pensava.

— Acha que nossos pais vão ficar chateados se ela nascer aqui?

— Provavelmente, mas, eu não quero me afastar do orfanato, e você tem o hospital. — Digo pensativa.

Uma garçonete trás nossos pratos, uma mistura de cores e aromas diferentes, e minha boca enche de saliva assim que sinto o cheiro delicioso.

— Eu pedi um pouco de cada coisa, espero que você goste. A comida daqui é muito diferente do que estamos acostumados, mas, ainda assim, é ótima. — Diz Martim sorrindo.

A noite foi maravilhosa; a comida estava incrível, e ainda pedimos sobremesa. Comi feito uma louca. Martim foi atencioso e compreensivo, me lembrando do homem pelo qual me apaixonei. Fazia muito tempo que não sorria tanto ou me sentia tão feliz.

Porém, ao entrarmos no carro, notamos uma movimentação estranha em direção ao hospital. A noite na cidade não costuma haver muito movimento, o que nos deixou curiosos.

— Martim, eu estou com um pressentimento ruim. — Digo nervosa. — É o carro do prefeito! — Você se importa se nós pararmos apenas um minuto aqui?

— Não, é melhor vermos o que aconteceu.

Ibrahim

Quando a vejo caindo em direção à mesa de centro, eu grito em pânico, mas já é tarde. Kadish cai sobre a mesa, que se estilhaça, e muitos cacos perfuram sua pele.

— Não! Não! Não! Kadish! — Me aproximo e vejo que ela está sufocando. — Respira! Respira! Eu vou te levar para o hospital! — Digo desesperado, vendo seu corpo desfalecer. — Zaki!! — Grito por ajuda.

Não demora muito para os funcionários aparecerem. Amara coloca as mãos na boca, horrorizada.

— Ele a matou! Ela morreu! — Diz baixo, mas alto o suficiente para que eu possa ouvir.

— Ela não morreu! Sua desgraçada, some da minha frente! Infeliz!! — Rosno olhando para ela com puro ódio.

Com ajuda de Zaki e outro funcionário, tiramos Kadish do meio dos cacos. Ela sangra muito e sua respiração está fraca.

— Você não vai morrer, Flor-de-lis! Você não pode me deixar! Eu te proíbo de me abandonar!

Olho para seu rosto, todo machucado, deitada no banco de trás do carro.

Entro no hospital feito um louco, gritando por ajuda, com seu corpo frio em meus braços.

— Salvem ela!! Ajudem ela!! — Imploro em desespero.

Logo a colocam em uma maca e a levam para longe de mim.

Escorrego meu corpo no chão, colocando as mãos na cabeça e chorando. Tentando entender como isso foi acontecer. Por que ela tinha que fazer isso? Ela não devia ter me provocado daquela forma! Eu não queria que ela tivesse caído, eu não queria que ela se machucasse!

Zaki fica sentado numa cadeira, olhando para a porta por onde Kadish entrou. Abba veio logo em seguida e foi consolada por ele. Todos estavam esperando por uma notícia.

Horas se passaram e nenhuma notícia sua. Quando me levantei, pronto para invadir a sala de cirurgia atrás dela, apareceu um médico, segurando uma prancheta.

— Como ela está? Posso vê-la? — Pergunto desesperado indo em sua direção.

— A paciente chegou aqui em estado grave, com uma perfuração no pulmão e uma grande hemorragia interna. Nós fizemos tudo que podíamos, mas infelizmente ela não resistiu e

faleceu após uma parada cardíaca.

Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. É irreal demais. Faleceu! As palavras parecem perfurar meus ouvidos.

— Isso é mentira!! — Digo revoltado, olhando para o maldito médico.

— Eu sinto muito, senhor prefeito, mas infelizmente nós não conseguimos conter a hemorragia a tempo. Seu caso era grave, não havia muito a ser feito. Com a parada cardíaca, ela não aguentou. Nós fizemos tudo que podíamos, mas seu coração não aguentou.

— Não!! Não, eu não posso aceitar!! Ela não pode morrer!! Não, ela não pode me deixar!! — Grito, puxando os cabelos e chorando desesperado. Tentando entender por que ele estava mentindo para mim. — Ela não tem esse direito!! Ela não pode me deixar!! — Grito segurando o jaleco do médico, incontável.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunta o doutor Lancaster, entrando acompanhado pela esposa, a maldita loira desgraçada.

— A primeira dama, doutor, ela acabou de falecer. — Diz o infeliz que a atendeu, o maldito que não cuidou da minha flor.

— Kadish... Kadish morreu? — Pergunta a esposa do doutor Lancaster.

— Sim, ela já chegou em estado grave. Nós fizemos tudo que podíamos, mas ela não resistiu. — Repete as malditas palavras, me enfurecendo.

— Não! Não! Kadish não! Ela não morreu! É mentira! Martim, ela não pode ter morrido! Não!! — Grita a desgraçada para quem nem faço questão de olhar.

— Fala para mim que isso é alguma brincadeira de mau gosto, que minha mulher está bem!

— Senhor, eu sinto muito. Eu imagino o que o senhor deve estar sentindo. Não é fácil perder um ente querido.

— Não! Você não imagina! Não sabe de nada!! — Grito revoltado. — Eu quero vê-la! Eu quero ter certeza que ela morreu! — O médico me olha com pena e eu fico com mais raiva.

— Desgraçado!! — Sinto socos em meu peito e olho para baixo. Vejo a mulher do médico me socando e gritando com o rosto cheio de lágrimas.

— Paloma, você precisa se acalmar, pensa na nossa filha. — Diz ele tentando puxá-la para seus braços.

— A culpa é sua! Você a matou! Você acabou com a vida dela! — Acusa descontrolada.

— Ela não morreu! Ela não pode morrer! Cala a boca! Eu não a matei! — Grito enfurecido, indo em sua direção, mas o maldito do médico entra na frente.

— Eu entendo a sua dor, mas é melhor se afastar e ficar bem longe da minha mulher. — Diz ele me ameaçando com um olhar mortal.

Quem eles pensam que são? Eu sou o prefeito dessa cidade, eu mando aqui!

— Eu quero vê-la! Eu quero vê-la agora!! — Vocifero para o idiota que estava na minha frente.

— Eu imaginei que o senhor gostaria de ver o corpo. Venha, te levarei até ela.

Antes de entrar no corredor, ainda pude ver a loura desmaiada nos braços do marido e Abba chorando inconsolada ao lado de Zaki.

Eu não quero acreditar, não pode ser verdade.

Passamos por várias salas, até pararmos em uma sala fria, e lá eu posso vê-la. Seu cabelo está espalhado pela maca, seu corpo coberto por um fino lençol azul.

— Vou deixar que se despeça. — Diz o doutor e sai, me deixando sozinho com ela.

A dor que eu sinto é terrível, é como se estivesse morrendo. Ela é tudo para mim, meu sol, minha lua, minha razão de lutar, o ar que eu respiro.

— O que vai ser de mim sem você, Flor-de-lis? Por que me deixou? Como vou viver agora, meu amor?

Passo a mão pelo seu rosto todo machucado. Ainda assim, é o mais belo que já vi na vida. Me lembro da primeira vez que a vi, ela estava com uma cesta de frutas vendendo na feira. Acho que me apaixonei por ela assim que a vi.

— Eu não queria te machucar, amor. Por que me provocou daquela forma? Eu fiquei fora de mim, eu não queria que isso tivesse acontecido! Você não pode me deixar, Flor-de-lis! Volta

para mim! Abre os olhos, Kadish, abre os olhos para mim!! — Grito enfurecido com sua teimosia. — Você não vai me deixar, você não vai me deixar!! — Chacoalho seu corpo, gritando inconformado.

A porta é aberta e o mesmo médico torna a entrar.

— O senhor precisa ir agora. Sinto muito.

— Não! Não, eu não vou sair daqui! Ela só está dormindo! Ela vai acordar! Ela só está sendo teimosa! — Digo com o rosto cheio de lágrimas. Sinto braços me puxando para longe dela. Eu tento lutar, mas duas pessoas me seguram.

— Ela vai acordar! Ela não morreu! Ela está viva! Ele está mentindo!! — Grito inconformado. Até que sinto uma agulha furar meu braço. Eu tento lutar, tento me soltar deles, mas aos poucos vou ficando zozzo e sem forças, e a escuridão toma conta de mim.

Beatriz

Minha barriga já está enorme, eu quase não consigo ver meus pés direito; meu garotinho já está quase para nascer. Confesso que conto ansiosa os dias para sua chegada. Estou feliz, como há muito não era. De certa forma, o que Paloma e Martim fizeram me fez bem, me trouxe paz, livre de culpa.

A curiosidade está me matando. Nick disse para eu me aprontar, que viria me buscar para jantar às sete, mas não disse aonde iríamos, ou o motivo para jantar fora essa noite. Nossa

relação está muito melhor. O médico não me liberou para atividades sexuais, mas isso não fez com que não ficássemos cada dia mais próximos. Ele me mima o tempo todo, é tão paciente e dedicado. Se eu já não fosse apaixonada por ele, com toda certeza agora estaria louca por esse homem.

— Você está linda. — Diz ele assim que chego à sala.

— Obrigada! Eu não sabia o que vestir, já que não me falou aonde vamos.

— É uma surpresa, curiosa. — Fala vindo em minha direção. — Como tá meu garotão?

— Agitado, não para de mexer um minuto sequer. — Nick sorri e beija minha barriga.

— Ei, garotão, tá dando trabalho para a mamãe, é? Tá ficando apertado aí dentro? — Diz acariciando minha barriga, e nosso pequeno Anthony se mexe.

Nick segura minhas mãos, se levantando e beija meu rosto; confesso que pensei por um minuto que ele ia beijar meus lábios.



Nick dirigia concentrado no trânsito de Edimburgo.

— Eu consegui vender meu apartamento em Londres, e também me desfiz de todos os negócios que tenho na Inglaterra. Estou pensando em abrir um escritório de advocacia aqui na Escócia.

— Eu não sabia que era advogado. — Falo confusa.

— Sou sim. Na verdade, eu me formei na área e cheguei a trabalhar com meu pai por um tempo, mas a carreira de modelo me trazia muito mais dinheiro e eu não queria muitas responsabilidades.

— O que seu pai acha do bebê? — Pergunto curiosa.

— O velho está empolgado que o filho único parece estar tomando jeito, e disse que virá conhecer o neto assim que ele nascer.

— Eu não quero te obrigar a se desfazer da sua casa e das suas coisas, Nick. Não quero que daqui a alguns anos você jogue na minha cara que abriu mão de toda a sua vida por mim.

Sinto-o ficar tenso, e Nick para o carro no acostamento e segura minhas mãos, que estão frias, olhando em meus olhos.

— Ana, quando vai parar de tentar sabotar nossa relação?

— Eu não tô tentando sabotar nada! — Digo na defensiva.

— Eu sei que é difícil para você acreditar em mim, mas estou sendo sincero quando digo que a quero. Por mim, já tinha te levado para a igreja e hoje você estaria casada comigo, mas eu sei que acabou de sair de um casamento e tem medo.

— Não quero te pressionar só por causa do bebê.

— Meu amor, olha pra mim! — Fala segurando meu queixo, beijando meus lábios suavemente. — Eu não estou sendo pressionado, minha linda, tudo o que eu quero está dentro deste carro. Com você, Ana, eu sinto coisas que nunca senti na vida; com você, me vi fazendo planos, criando metas... Eu quero uma família,

Ana. Eu, você, o nosso filho e um cachorro. E, quem sabe, tentar uma menininha linda como a mãe.

— Você... Quer? — Gaguejo nervosa com a intensidade do seu olhar.

— Sim. Eu queria mais dois, mas apenas quando Anthony estiver maior, assim ele me ajuda a cuidar da irmã. — Sorrio com seu comentário, uma lágrima solitária caí do meu rosto.

— Ei, não chora, não! Não quero ver você triste, tudo que mais quero é te fazer feliz, minha vida.

— Eu estou feliz. — Ele volta a ligar o carro e partimos até o centro da cidade.

Nick entrega a chave do carro para o manobrista. Olho a fachada do restaurante "The Table" — o restaurante mais requintado de Edimburgo. Entramos de mãos dadas como um verdadeiro casal, e a recepcionista nos leva até nossa mesa. Assim que nos aproximamos, eu posso ver meus pais sentados a nossa espera.

Paraliso na hora, colocando as mãos na barriga como se pudesse proteger meu bebê do olhar do meu pai. Minhas mãos tremem e Nick logo nota minha palidez.

— Ei, fica calma, eu os chamei aqui porque já está na hora de colocarmos tudo às claras. Eles são sua família e são importantes para você.

— Não estou preparada para ter essa conversa.

— Eu estou aqui e não vou deixar que ninguém te

machuque ou te ofenda, nem mesmo seus pais. — Suas palavras têm o poder de me acalmar. Caminhamos até os dois.

— Filha, querida, você está tão linda! — Falou mamãe se levantando da cadeira e vindo me abraçar

A princípio fico em choque, sem reação nenhuma, mas assim que sinto suas lágrimas quentes em meu ombro, eu a abraço de volta.

— Senti sua falta, mamãe.

— Senhor Gouveia. Boa noite! — Diz Nick cumprimentando meu pai.

— Boa noite, Greyjoy! — Fala com a voz dura.

Nos sentamos em frente aos dois e comecei a ficar nervosa com o olhar intenso que papai direcionava a Nick, que segurou minha mão, tentando me acalmar.

— Bom, vocês devem estar curiosos com o meu pedido para jantar! — Diz ele sério olhando para os dois. — Como podem imaginar, eu sou o pai do filho da Ana Beatriz. Chamei vocês aqui para esclarecer as coisas. E para tentarmos selar a paz entre nós todos, para o bem do Anthony. — Diz Nick com convicção.

— Anthony? — Pergunta mamãe emocionada.

— Sim, mãe. É um menino, e eu e Nick decidimos colocar o nome do vovô! — Falo olhando para o meu pai, que engole em seco sem olhar para mim.

— Bem, eu sei que não começamos com o pé direito nossa relação. Que Ana Beatriz ainda era casada. Mas nós nos

apaixonamos. Ela não era feliz naquele casamento. O que houve não foi certo, porém, no final das contas o que importa é a felicidade da filha de vocês.

— O que você pretende com a minha filha? Já que engravidou ela. Além de ajudar a destruir o seu casamento.

— Pai! — Tento intervir.

— Estou falando com ele, Ana Beatriz Gouveia. — Nick aperta minhas mãos, tentando me acalmar.

— Eu quero construir uma família com Ana, senhor. Eu a amo, e quero fazê-la feliz. Se dependesse de mim, nós já estaríamos casados. Porém, estou respeitando o tempo dela. A gravidez de Ana é de risco e não quero forçá-la a fazer nada que não queira.

— Risco? — Pergunta minha mãe nervosa.

— Eu estou bem, mãe!

— Estou cuidando para que ela tenha repouso e não se esforce muito até nosso filho nascer. — Diz Nick olhando para ela.

— Eu não gosto dessa situação! É o nome da minha filha que está manchado; grávida e divorciada, e o filho é do amante. Eu não a criei para isso! — Diz meu pai me olhando com desgosto.

— Goste ou não, essa é a situação atual! O senhor pode escolher se afastar e renegar sua única filha e seu único neto, ou pode fazer parte da vida dos dois. Sendo o pai que ela ama e o avô que nosso filho precisa. Ana já passou por muita coisa nesses últimos tempos, tudo que ela precisa agora é do amor dos dois.

Uma lágrima escorre por meu rosto ao ver o quanto Nick se esforça para me fazer feliz. Ele sabe o quanto a minha família é importante e está fazendo de tudo para reatar nosso relacionamento.

Papai parece abatido e triste, ele bebe mais um gole do seu uísque olhando para minha barriga e Anthony escolhe esse momento para mexer. Automaticamente minhas mãos vão à região.

— Eu te amo, filha, e quero a sua felicidade! — Diz ele com os ombros caídos olhando para mim.

Me levanto, já não aguentando mais, e o abraço chorando em seu ombro.

— Eu estou feliz, pai, e sinto tanta sua falta. — Digo emocionada.

Sempre fui muito próxima de papai, até mais do que de mamãe, e ter sido renegada por ele me feriu profundamente.

— Me perdoa por ter falado aquelas coisas, pequena? Eu estava com a cabeça quente, preocupado que você sofresse da mesma forma que sofreu quando Logan morreu. Só quero seu bem, querida.

— Não precisa pedir perdão, papai, eu nem me lembro mais por que estávamos brigados! — Falo sorrindo, e me sento novamente para nosso primeiro jantar em família.

Martim

Eu olhava para seu rosto sereno dormindo, sem saber o que faria quando ela acordasse.

O corpo de Kadish foi levado; o enterro seria amanhã de manhã. O prefeito precisou ser sedado. Eu não conseguia entender a atitude de Paloma contra ele, por que ela o acusava daquela forma. Pelo que o funcionário havia contado à polícia e aos médicos, Kadish havia caído da escada em cima da mesa de centro.

Passo minha mão pelo seu rosto delicado Seus olhos se abrem e piscam várias vezes, por conta da claridade, e então focam em mim.

— Onde eu estou? O que aconteceu?

— Você desmaiou no corredor do hospital! — Falo segurando suas mãos.

Paloma fica calada, parece ir se lembrando aos poucos do que aconteceu.

— Me diz que é mentira? Que ela não morreu, que isso não está acontecendo? — Pergunta com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu sinto muito, mas ela não resistiu. Já chegou ao hospital em estado grave e não puderam salvá-la.

— Não! Não! Isso não é justo, ela não podia morrer, ela não merece isso! Aquele desgraçado acabou com a vida dela. Ela foi a única amiga que eu tive. Ela só queria ser livre.

— Eu tô aqui, meu bem. Essa dor vai passar, eu prometo.
— Digo, me sentando na maca e a abraçando, tentando consolá-la.

Voltamos para casa. Paloma estava desolada; era nítido o

quanto gostava de Kadish.

Levo-a nos braços até a suíte, colocando-a na cama com cuidado. Paloma fica quieta, presa em seus pensamentos.

— Vou colocar a banheira pra encher, tudo bem?

Quando volto do banheiro, Paloma está de pé olhando para a janela calada.

— Ei! Não fica assim, você precisa ser forte.

— Ele precisa pagar pelo que fez. — Diz com a voz sombria.

— Paloma, você sabe de alguma coisa que eu não sei, sobre a morte da Kadish? — Pergunto olhando em seus olhos, estranhando o seu comportamento.

— Creio que ela não caiu da escada. Suspeito que ele tenha feito algo contra ela.

— Por que diz isso? — Pergunto estranhando seu olhar sombrio.

— Kadish me confessou que ele batia nela. Ela sofria muito na mão dele. Portanto eu não acredito que ela caiu da escada. — Sinto como se suas palavras fossem facas, vejo que Paloma treme de raiva.

— Paloma, isso é muito sério, você não pode acusar o prefeito sem provas! Assassinato, Paloma.

— Você acha que eu tô mentindo, é isso? — Pergunta enfurecida.

— Eu acredito em você, mas não podemos fazer nada sem

provas. Se Ibrahim fez o que você está dizendo, ele é um homem muito perigoso e não quero você correndo risco.

— Ele não pode sair impune!

— Eu sei que ela era sua amiga, e que você está sofrendo, mas promete que não vai fazer nada, não vai procurar vingança. Eu vou dar um jeito de investigar melhor o que aconteceu. Prometo tentar fazer de tudo para colocá-lo atrás das grades.



Uma semana depois, Paloma já estava melhor. Eu, entretanto, ainda não havia conseguido encontrar nada que provasse que Ibrahim era violento com Kadish. Pelo que todos diziam, ele era um marido bom e apaixonado, e estava sofrendo muito pelo luto. Se não acreditasse em Paloma, eu mesmo não desconfiaria dele.

Luzia, uma senhora de meia-idade muito simpática, já estava trabalhando lá em casa. Paloma gostou muito dela; confesso que fico mais aliviado sabendo que ela não está sozinha.

Estaciono o carro na entrada e pego a sacola com o presente que comprei para ela, pensando na conversa que ouvi hoje no mercado. Pelo que ouvi, Paloma já está na boca do povo; ela vai precisar me explicar direitinho essa história de vender suas joias.

Entro na sala e sinto um cheiro bom vindo da cozinha. Coloco minha maleta em cima do sofá, junto com a sacola do presente.

— Martim, você já chegou! — Fala Paloma saindo da cozinha com uma camisola rosa e uma xícara de chocolate. — Senti sua falta! — Diz me abraçando, e eu fecho os olhos sentindo seu cheiro doce.

— Como vocês duas estão?

— Estou melhor, fui ao orfanato hoje, as crianças me deixam entretida. Precisa ver que lindo o desenho que Anaya fez para mim. — Diz sorrindo.

— Luzia já foi? — Pergunto olhando ao redor.

— Sim, ela terminou o jantar e foi pra casa. Não gosto que ela fique até tarde.

— Eu trouxe uma coisa para você. — Falo apontando para a sacola.

Paloma salta animada, pegando o embrulho.

— Adoro presente! — Fala rasgando a embalagem.

— Oh, meu Deus, é a coisa mais linda que já vi! — Diz empolgada vendo o macacãozinho cor de rosa que comprei para nossa filha.

— Eu já imagino ela vestindo. — Digo empolgado. — Não vou trabalhar no sábado; nós podemos pintar o quarto e comprar os móveis, o que acha?

É a primeira vez que a vejo sorrindo, desde a morte da amiga.

Deixo Paloma colocando a mesa e vou tomar um banho.

Conforme a água ia caindo, eu pensava no que Paloma está

me escondendo... Preciso dar a ela o benefício da dúvida. Talvez ela não tenha se desfeito das joias. Uma parte minha queria confiar nela. Eu queria acreditar que ela realmente mudou, mas por outro lado, depois do que ela fez, depois das mentiras, era muito difícil confiar.

Me sequei, vestindo apenas uma boxer e uma calça de pijama. Abro a parte dela do closet procurando a caixa de joias. Lembro bem de ter visto ela mexendo por aqui, deve estar em algum lugar. Abro a terceira gaveta e encontro o porta-joias enorme. Ao abri-lo, não fico surpreso ao ver que está quase vazio. O estojo com o colar que dei a ela estava lá. Porém só tinha um par de brincos e uma pulseira de ouro rosa.

Minhas mãos tremem segurando o maldito porta-joias. Ela está me enganando mais uma vez. Saio do quarto pronto para exigir uma explicação. Assim que entro na cozinha a vejo de costas, na pia.

— Paloma! — Rosno, assuntando-a.

— Que susto, o que houve?! — Diz colocando a mãos no peito, pálida.

— Eu vou perguntar apenas uma vez, e é melhor você não mentir para mim. Não tente me enganar.

— Você tá me assustando.

— O que fez com as suas joias?! — Pergunto tentando manter a calma.

— Eu... Eu... Vendi. — Fala ela nervosa.

— Por que vendeu suas joias, para quê precisava de tanto dinheiro? — Grito já fora de mim. — O que tá planejando, você está querendo fugir e quer o dinheiro para ir embora com a minha filha? — Pergunto descontrolado.

— Não, é claro que não, Martim! Eu não queria que você soubesse. Na verdade, isso não tem tanta importância. — Ela fala com olhar triste e a voz embargada.

— Paloma, não me tire de idiota! Como não tem importância? Eu posso não ser um conhecedor de joias como a sua família, mas eu sei bem que você tinha uma verdadeira fortuna dentro desse porta-joias. — Digo preocupado com o falatório do povo.

— Eu só queria ajudar o orfanato. Pronto, é isso! Eu vendi para ajudar as freiras e o padre Mello a manter as crianças, Ibrahim não se importa com nada! — Diz chorando e eu sinto como se tivesse levado um soco.

— Você... Você vendeu para ajudar as crianças, é isso?! — Repito meio incrédulo.

— Eu não consegui muito dinheiro nelas, o valor de revenda aqui é muito baixo. Então não deu muita coisa, mas eu consegui uniforme para as crianças, sapatos para todas elas, a pintura nova, e pagar as contas atrasadas.

— Por que não me pediu o dinheiro, Paloma? — Pergunto agora mais calmo, me sentindo culpado por ter negligenciado ela dessa forma.

— Eu não tinha como falar! — Olha para mim perdida. — Você me odiava, como ia pedir dinheiro para você?! Eu até cogitei ligar para Arturo, mas não quis incomodar. — Diz baixando a cabeça desanimada.

Não é preciso que ela diga mais nada para que eu me sinta o pior dos homens. Caminho em sua direção, puxando-a para os meus braços e a abraçando.

— Me desculpa. Eu não devia ter gritado com você. — Respondo acariciando seus cabelos. — Eu preciso que confie em mim, Paloma! Eu sou seu marido, estou aqui do seu lado. As pessoas estão comentando pelo mercado que eu não cuido de você, que precisa vender suas joias para se sustentar. Imagina como eu me sinto ouvindo isso.

— A culpa não é minha! — Resmungo emburrada.

— Eu sei, eu sei. Só não quero que me esconda mais nada. — Digo, levantando seu rosto para mim. — Suas joias, elas eram importantes para você. Eu vou tentar recuperá-las. — Digo sorrindo.

— Elas não são mais tão importantes assim. — Fala me surpreendendo.

— Você está diferente, quase não a reconheço. — Digo admirado com suas atitudes.

— Isso é bom, não é? — Pergunta me olhando nos olhos.

— Isso é ótimo! — Falo e não resisto mais, beijo seus lábios sedento, e Paloma corresponde tão desesperada quanto eu.

Suas mãos tocam meu cabelo, puxando com força, e as minhas vão para sua cintura, puxando-a para o meu colo.

— O jantar vai esfriar. — Fala ela desgrudando seus lábios dos meus.

— O jantar pode esperar... — Digo e volto a beijar seus lábios com intensidade, sentindo falta de sentir seu corpo junto ao meu...

Ibrahim

Duas semanas sem ela. Ainda parece mentira que ela se foi. Algo dentro de mim não quer acreditar que por minha culpa ela não está mais aqui. Suas coisas ainda estão no mesmo lugar. A casa ainda tem o toque dela. E eu passo as noites abraçado à sua camisola vermelha.

Não consigo suportar a culpa me consumindo, os olhares acusatórios dos malditos funcionários. Abba e Zaki eu mandei embora, e não sem antes ameaçá-los. Não aguentava mais ouvir o choro daquela mulher, e Zaki me olhando como se eu fosse um mostro. Eu não queria que ela tivesse morrido, eu a queria comigo, ao meu lado para sempre. Sinto falta do seu sorriso, aquele doce que sempre via no começo de nosso casamento.

De madrugada, quando a lua está alta no céu, eu juro que posso ouvir sua voz chamado por mim. Eu juro que posso vê-la em minha frente. A bebida já não funciona para amenizar a dor que me

consume. Até tentei usar o corpo de Amara para esquecê-la, mas é impossível. A dor é sufocante e sempre presente.

Seus gritos de socorro estão tão vivos em minha memória.

Não compareço à prefeitura desde sua morte. Isaac, meu secretário, vem me trazer documentos que precisam ser despachados, os quais assino em meu próprio quarto. Aqui, posso sentir seu cheiro.

Mas então começaram as malditas mensagens.

No começo eram apenas avisos. “Eu sei o que você fez.” — Foi a primeira.

Tentei ligar para o número, mas só dava caixa postal.

A segunda foi uma foto do túmulo de Kadish, com a legenda “Assassino”.

Desde então, diariamente sou atormentando por mensagem com fotos dela, e em todas seu rosto está machucado e seu corpo sem vida. Foram oito dias seguidos de mensagens. Eu já estava à beira da loucura com as ameaças; cheguei a jogar meu celular na parede.

E foi quando as cartas começaram a chegar. Cartas contendo apenas uma frase: “ASSASSINO”. Então cheguei à conclusão de que estava sendo traído, pelos meus próprios funcionários. Expulsei todos da minha casa, eu já não poderia confiar em ninguém, todos queriam tirá-la de mim. Por culpa deles ela não estava mais comigo.

Bebo mais um gole do uísque direto da garrafa, sentado na

sacada do nosso quarto. Minha cabeça lateja, há dias que não como nada.

Pego minha arma, com a garrafa na outra mão.

— Não sei por quanto tempo vou conseguir viver sem você, Flor-de-lis! — Digo olhando para o jardim.

A arma pesa em minha mão, a coloco na boca pronto para atirar e me livrar de vez de todo esse sofrimento. Uma parte de mim se acovarda, e eu não atiro. Olho novamente para o jardim e sinto raiva de mim mesmo por ter feito isso com ela.

— Me perdoa, meu amor, eu não queria te machucar!!



CAPÍTULO 21



PARAÍSO SE DESFAZENDO

"Uma pessoa muda apenas por duas razões, porque aprendeu de mais ou porque sofreu o suficiente."

Daloma

Acordo no meio da noite com o corpo tenso, o coração angustiado. Martim está dormindo, parece um anjo com seus cabelos bagunçados e seu peitoral à mostra. Basta olhar para ele que já me sinto acesa. Com um sorriso arteiro no rosto, me ajoelho na cama olhando para fonte do meu desejo — mesmo dormindo seu pau grosso marca a boxer. Lentamente vou baixando a cueca, com cuidado para não acordá-lo, pelos menos por enquanto. Com uma mão vou acariciando todo seu comprimento e minha boca salivando, então bem devagar começo a passar a língua pelo seu pau e sinto Martim se mexer meio sonolento. Levo-o à boca e vou chupando com gosto até ouvir Martim gemer e abrir os olhos.

— Você quer me matar, loirinha? Pensei que estava sonhando com sua boca gostosa e acordo com você assim. — Fala rouco de prazer.

— Hum. Você é gostoso demais e eu não resisti. — Falo rindo e continuo o chupando. Sinto um tapa certo na minha bunda e sorrio arteira.

Martim puxa minha calcinha para baixo tocando diretamente minha intimidade. Tento não gemer, mas é impossível; solto um som de puro de prazer. Logo sinto-o me puxando para cima dele.

— Cavalga no meu pau, safada. — Ordena rouco e eu não me faço de rogada. Posiciono-me em cima dele e desço bem devagar; quando seu pau já está todo enterrado na minha boceta, estremeço de tesão. Começo rebolando devagar.

— Hum, que delícia. — Ele gemeu mordendo meus seios. Continuo a subir e descer bem devagar enquanto Martim chupa meus seios, eu já estava gozando olhando em seus olhos apaixonada.

— Eu amo você. — Falo beijando seus lábios, e Martim corresponde com fervor devorando minha boca. Eu não aguento e começo a cavalgar mais rápido e mais forte.

— Isso, cachorra, assim. — Ele pede puxando meus cabelos, mordendo meu pescoço. Nossos corpos se encaixam num ritmo frenético e alucinante.

— Você me enlouquece, loirinha. — Ele geme mordendo minha orelha.

Gozo pela segunda vez tremendo forte, ficando mole em seus braços. Martim nos vira de lado, ficando de conchinha, e começa o vai e vem bem gostoso, apertando meus seios forte, e me levando ao delírio.

Eu só sabia gemer querendo mais e mais. Martim fala palavras sujas em meu ouvido, me chama de cachorra, ninfeta safada.

— Martim, eu não aguento, eu vou gozar de novo!

— Então goza, meu amor. Goza para mim. — Ele agarra minha cintura e começa a socar forte, me fazendo gozar mais uma vez gritando bem alto seu nome. Não demora muito para ele gozar também, rugindo feito uma fera feroz.

— Você acabou comigo, safada. — Diz ele me puxando para os seus braços.

— Valeu muito a pena. — Falo com um sorriso no rosto, fechando os olhos cansada.

Martim

Acordar com seu rosto sereno encostado em meu pescoço é uma delícia. Vejo a luz do sol entrando pelas janelas e iluminando nosso quarto. Com cuidado me desvencilho dos seus braços, e Paloma geme resmungando ainda em seu sono. Sorrio, beijando seu rosto. Me levanto, indo até a janela fechar as cortinas. Tomo uma ducha rápida, saio do closet já vestido e Paloma ainda está dormindo, a gravidez tem deixado ela dorminhoca.

— Paloma? — Tento acordá-la.

— Hum... Me deixa dormir só mais um pouquinho?

— Nada disso. Você tem que se alimentar, e ainda tem que dar aula de música, hoje no orfanato, e fazer seus exames do pré-natal da nossa princesa. — Ela abre os olhos lentamente ainda bicuda.

— Você não me deixou dormir a madrugada toda, agora

estou com sono.

— Eu, né, safada! Negue que você gostou! — Falo enquanto vou beijando seu pescoço.

— Não posso negar. — Diz sorrindo.

— Vem. — Ajudo-a a se levantar.

— Vou tomar um banho e me arrumar.

— Eu te espero na cozinha, Luzia já deve ter chegado.

Deixo Paloma no banheiro e vou para a cozinha.

— Bom dia, doutor, a dona Paloma está dormindo? — Pergunta Luzia com um sorriso doce.

— Ela está no banho, daqui a pouco ela desce.

— Eu fiz um bolo de banana para ela.

— Hum... Fiquei até com água na boca, espero que tenha um pedaço para mim também. — Falo brincando e ela serve-me uma fatia.

— Não quer comer com a gente, Luzia?

— Já tomei café, doutorzinho, não saio de casa sem comer. — Diz ela colocando as frutas de Paloma.

— Senti cheiro de bolo lá de cima. — Diz Paloma aparecendo na cozinha com um vestido azul marinho, linda, me fazendo sentir o homem mais sortudo da terra.

— Não imagina o quanto tá bom o bolo que Luzia fez. — Falo provocando-a.

— Você comeu meu bolo? — Pergunta se fingindo de brava.

— Não resisti, mas deixei para você também. — Falo

puxando a cadeira para ela.

Tomamos café num clima gostoso. Conversamos sobre o orfanato. Estamos mais felizes do que nunca! Esta gravidez só me fez enxergar que não posso viver sem Paloma. Os dias ao seu lado têm sido maravilhosos; aos poucos ela estava se recuperando do luto pela amiga.

— Vamos, vou te deixar no orfanato e irei para o hospital.

— Digo me levantando.

Paloma se despede de Luzia, e saímos em direção ao carro.

— Martim, eu queria voltar à tribo. Você foi semana passada e não me levou, estou preocupada com aquelas crianças.

— Fala ela colocando o sintô, enquanto eu dou partida no carro.

— Não quero que fique nervosa, você está grávida e o deserto não é lugar seguro.

— Mas, não é você que vive repetindo que gravidez não é doença, que posso fazer tudo normalmente?

— Não é a mesma coisa. Assim que nossa filha nascer e você estiver bem, eu te levo para visitar a tribo.

Ela não diz nada, mas continua emburrada o caminho todo. Estaciono o jipe na frente do orfanato e abro a porta para ela.

— Nos vemos mais tarde no hospital. — Falo acariciando seu rosto.

— Está bem, assim que acabar a aula eu vou para lá. Beijo seus lábios com carinho, me despedindo.

Ibrahim

É ela ali! — Kadish está na minha frente. Ela não morreu, ela não me deixou.

— Minha Flor-de-lis, como senti sua falta. — Falo tocando seu rosto com os olhos cheios de lágrimas. Toco seus cabelos, e ela sorri.

— Onde você estava, meu amor? — Pergunto bravo, mas ao mesmo tempo aliviado por tê-la de novo.

Não aguento mais tanta saudade, beijo sua boca com desespero, mas algo está diferente. Sua boca não tem o mesmo gosto e seus suspiros não são os mesmos.

Me afasto assustado, alguma coisa dentro de mim me diz que não era ela.

Percebo, então, que não é minha flor ali, e sim Amara.

Não era sua boca que eu beijava, e sim a da Amara.

— O que faz aqui? — Rosno com raiva.

— Eu vim cuidar de você. Eu me preocupo com você, está magro, não vai mais trabalhar desde que ela morreu.

— Não diga que ela morreu, sua puta! — Grito fora de mim.

— Amor, você não vê que agora nós somos livres para viver o nosso amor? Agora você pode me assumir como sua mulher, e posso te dar o filho que tanto quer. — Diz ela se aproximando de mim, o que me deixa enojado.

— Eu não quero você, eu não quero um filho com você! Eu

quero a Kadish de volta, preciso dela para viver, sem ela minha vida não tem sentido.

— Ela se foi, Ibrahim, ela morreu. Já está na hora de você se conformar. Mas eu estou aqui, viva. — Fala tentando me tocar.

— Não diga isso, desgraçada! Ela não morreu. — Grito me afastando.

— Querido, não vê que foi melhor assim? Agora ninguém mais impede que sejamos felizes.

— Você é burra ou o quê, acha que vou assumir uma mulher como você? Acorda, Amara! Você não tem classe para ser a primeira dama dessa cidade. Só Kadish. — Digo frio.

— Mas ela morreu e não adianta fica sofrendo, ela não vai voltar. Está morta e enterrada.

Não espero ela dizer mais nada. Acerto um tapa forte no seu rosto, fazendo com que ela caia em cima da poltrona.

— Nunca mais, vagabunda! Nunca mais toque no nome da minha flor, tá ouvindo, sua puta desgraçada? — Falo segurando seu rosto com força, a fazendo gemer de dor.

— Você não vê que ela não te amava, Ibrahim? Ela te desprezava, para quê ficar chorando por uma mulher que nem gostava de você?

— Não diga merda, sua imbecil! Kadish me ama, assim como eu a amo. — Amara sorri de maneira fria.

— Amava? Ela te odiava, Kadish te odiava. E você a matou! — Joga na minha cara.

Uma fúria cega e quente toma conta de mim. Quero fazê-la engolir essas palavras.

Seguro seu pescoço com força, vendo seu corpo se debater.

— Você nunca mais vai falar isso, sua cadela! Nunca mais!

— Aperto com força, vendo-a ficar roxa e sufocar sem ar. Amara tenta me chutar, mas eu sou mais forte; aperto seu pescoço com mais força. Sinto minhas mãos ardendo por conta das suas unhas, o que só faz aumentar minha fúria. Despejo no pescoço dela toda a raiva que sinto.

Aos poucos vejo Amara desfalecer, a vida deixando seu corpo. Solto-a e sorrio.

— Agora você aprendeu a ficar calada.

Martim

— Oi, doutor. — Hellen fala entrando em minha sala.

— Olá, doutora, precisa de alguma coisa? — Pergunto sério.

— Na verdade eu vim saber se o senhor vai precisar de ajuda com a cirurgia da tarde. — Fala ela docemente.

— Eu já falei com Vicente de manhã, para ele me acompanhar na cirurgia. — Falo sem tirar os olhos dos relatórios médicos.

— Doutor, me desculpa perguntar, mas eu fiz algo que não gostou? — Pergunta nervosa.

Largo os papéis sobre a mesa e olho para ela.

— Não, doutora Visser. Por que a pergunta? — Levanto a sobrancelha.

— É que o senhor vem me evitando pelos corredores e nunca mais nos falamos... Aquele dia no festival eu pensei que... — Não a deixo terminar, me levanto sério e digo:

— Eu não sei o que pensou, doutora Visser, mas quero deixar bem claro que nosso relacionamento é estritamente profissional. Você é uma médica voluntária e eu sou o chefe da equipe. — Digo me afastando.

— Mas eu pensei que você gostasse de mim, que estava interessado. — Ela faz cara de magoada e eu ignoro.

— Sinto muito se passei essa impressão, mas eu amo minha esposa e ela está grávida do nosso primeiro filho. Não tenho olhos para nenhuma outra mulher além dela. Espero ter sido claro com a senhorita. — Falo firme e vejo-a engolindo em seco para não chorar.

Abro a porta da minha sala indicando a saída.

— É melhor ir, deve ter muitos pacientes precisando de atendimento! — Falo sério. E só então percebo Paloma paralisada na porta da minha sala.

Hellen passa por ela rapidamente e, pelo olhar mortal que Paloma lança, sei que terei problemas.

— Chegou cedo, amor! — Falo para quebrar o gelo.

— O que essa mulherzinha estava fazendo na sua sala? — Ela

dispara, em tom de desconfiança. Decido fechar a porta para não ter plateia vendo nossa discussão

— Ela trabalha comigo, Paloma, veio falar sobre uma cirurgia que vou fazer mais tarde. — Digo a olhando nos olhos.

— Eu não gosto de te ver conversando com essa mulher, ela está interessada você!

— Nós já conversamos sobre isso, Paloma, eu não tenho nada com a doutora Hellen. Ela é apenas uma integrante do hospital, e eu não sinto nada por ela.

— Você pode se interessar por ela depois. Ela passa o dia todo com você. Enquanto eu só te vejo a noite. — Ela faz uma carinha manhosa e me deixa confuso.

— Paloma, você tá com ciúmes? — Pergunto me divertindo da sua cara de brava.

— Eu estou sim! Não sou obrigada a ficar vendo essa vaca holandesa se esfregando em você! — Ela bufa irritada.

— Não tem por que ficar assim. — Abraço-a e fico inebriado com seu cheiro.

— Eu estou gorda, com os pés inchados; ela é toda bonita, peituda e está sempre disponível. Eu não posso evitar pensar que ela está fazendo a mesma coisa que eu fiz. — Paloma baixa a cabeça envergonhada.

— Ei, olha para mim, loirinha. — Falo erguendo seu rosto para mim. — Não se compare a Hellen, Paloma. Eu te amei assim que a vi em meu consultório. Por mais que tudo tenha começado do

jeito errado, eu me apaixonei por você, e algo dentro de mim me diz que era para ser assim. Esse era o esse nosso destino; eu não preciso e nem quero outra mulher.

— Então você ainda me ama? Me perdoa por tudo que eu fiz? Você acredita em mim? — Pergunta ansiosa.

Olho para ela perdido. Esses questionamentos me incomodam, queria mesmo é esquecer tudo que aconteceu.

— Acho que nunca vou poder esquecer o que eu vi. Por mais que eu ainda te ame, por mais que não consiga viver longe de você. Eu ainda não consegui esquecer o que fez, o quanto me usou.

— Martim... — Suplica com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu não quero mais tocar nesse assunto, Paloma. Vamos deixar o passado para trás e esquecer o que já se passou. É melhor focar no nosso futuro com a nossa filha. — Toco em sua barriga e sinto a nossa filha se mexer.

— Eu só quero que me entenda, que acredite em mim, não posso... Não posso simplesmente fingir que nada aconteceu, Martim. — Ela fala com a voz embargada e depois me olha triste.

— É melhor você se trocar para fazermos os exames. Eu preciso trabalhar, o hospital tá cheio hoje. — Falo mudando de assunto.

Não posso negar que tenho evitado sequer pensar nesse assunto. Nós estamos tão felizes, que prefiro ignorar o maldito dia do nosso casamento.

— Tem razão, afinal eu vim aqui para isso, ver como minha

filha está. — Fala mudando a postura e limpando o rosto.

Eu já havia pedido para a enfermeira Carly deixar tudo pronto na minha sala.

Pego o histórico médico de Paloma junto com a pasta com seus exames enquanto ela se troca.

— Qual exame vai fazer hoje? — Pergunta ela terminando de vestir o avental.

— Vou medir o crescimento da nossa filha, checar seu peso e sua pressão. Você está retendo muito líquido. E depois vamos fazer o morfológico. — Falo sério e ela apenas me olha.

— Esse é aquele aparelho que queria trazer para o hospital? — Ela pergunta acariciando a própria barriga.

— Sim, esse mesmo, você conseguirá ver os traços da nossa filha. — Digo ansioso.

— Quero muito vê-la, já estou ansiosa para conhecê-la, eu sinto como se não chegasse a hora do parto nunca. — Ela ri e eu beijo sua testa.

— Calma, é normal ficar ansiosa, mas nossa princesa tem que ficar aí protegida até o tempo certo. — Digo observando sua barriga arredondada.

Paloma senta na cadeira e afero sua pressão, anotando os valores no seu prontuário. Ela se pesa e eu sorrio vendo que ela conseguiu ganhar peso. Após todos os exames básicos, ajudo ela a deitar na maca.

— Nessa ultrassonografia morfológica, você vai conseguir

ver os traços com mais nitidez. Além de medir a nossa princesa e estimar seu peso, com esse exame vou poder analisar os órgãos dela e ver se está tudo se formando corretamente. — Falo empolgado. Paloma levanta a bata hospitalar deixando a barriguinha exposta.

— Ei, tem alguém ansiosa também. — Falo notando sua barriga mexendo. Paloma sorri e toca sua barriga com carinho. Aplico o gel e ligo o ultrassom.

Ouvimos o som mais lindo do mundo: o coração da nossa princesa batendo forte.

— Nossa, ela é linda! — Diz ela emocionada olhando para tela.

— Eu vou medir a translucência nuchal e confirmar se está tudo bem com ela. — Falo olhando a nossa menina pelo monitor.

— O que é isso? — Pergunta curiosa.

— É a medida da nuca do bebê. De acordo com essa medida, nós podemos avaliar as chances de síndromes e calcular os riscos de o bebê apresentar alguma alteração.

Paloma fica nervosa, mas não diz mais nada; apenas acompanha o exame.

Avalio as estruturas de cada segmento, cabeça, pescoço, coluna vertebral, tórax, abdômen, e o líquido amniótico, cordão umbilical e placenta, com auxílio do doppler colorido.

— Martim, eu já não aguento mais, dá para falar de uma vez se tem algo errado com ela?

— Calma, eu já terminei — Falo limpando o gel da sua barriga.

— E como ela está?

— Ela está ótima, ganhou peso e sua formação é normal; não há nada de errado com nossa princesa. — Falo contente e ela suspira aliviada.

Ajudo Paloma a se vestir; o clima ruim de antes se foi, nós dois estamos sorrindo após vermos nossa pequena.

— Nós precisamos decidir qual vai ser o nome dela. — fala sorrindo.

— Tem razão, eu estou em dúvida entre aqueles três. Sabe, eu posso até ver a dona Inês enchendo nossa princesa de presentes.

— Mamãe também não vai ficar atrás, afinal é sua primeira neta. Vai ser uma disputa para dar o primeiro banho. — Suspiro pensativo. — Bom, eu te levo para casa e volto para o hospital.

Assim que saímos de minha sala, podemos ouvir uma gritaria vindo pelo corredor de entrada do hospital.

— O que tá acontecendo? — Pergunta Paloma assustada.

— Eu não sei, fica aqui que eu vou ver. — Falo apontando para o banco no canto do corredor.

Beijo seu rosto e caminho preocupado em direção aos gritos. Ouço o som de tiros e os gritos aumentam. Quando chego ao corredor vejo duas vítimas no chão sangrando.

— O que tá acontecendo aqui? — Pergunto a uma enfermeira que está encolhida na parede.

— Ele chegou atirando nas pessoas! — Diz em prantos.

Me aproximo do corpo caído no chão e vejo que é um dos médicos da equipe. Stefano está desacordado com um tiro no abdômen. Tento conter a hemorragia, mas preciso de ajuda.

— Sai de perto dele, ele tem que morrer! — Grita alguém na minha frente.

Levanto o rosto nervoso e vejo o prefeito com uma arma na mão totalmente desequilibrado.

— Eu preciso ajudar ele. — Tento dizer com calma.

— Não! Sai de perto dele! Eu quero que esse desgraçado morra! Ele tirou Kadish de mim! Por culpa dele, ela se foi!! — Diz o prefeito completamente fora de si.

— Ibrahim, você precisa se acalmar e me entregar essa arma! — Falo tentando controlá-lo.

— Eu estou calmo, por que tá dizendo que não estou calmo? Estou só me vingando, por culpa dele ela morreu! — Ele continua gritando completamente perturbado.

— Eu sei que não é fácil perder alguém que se ama, mas essas pessoas não têm culpa! — Digo calmo olhando em seus olhos, tentando demonstrar tranquilidade.

— Ela não deveria ter me provocado, ela não deveria ter saído de casa! Ela me provocou! Eu não queria fazer aquilo com ela! — Diz chorando, mas não deixa de apontar a arma para mim.

— Eu a amava, não queria que ela morresse, ela não tinha o direito de me deixar. Eu... Eu preciso dela. Mas a desgraçada tinha

que me provocar! — Ele seguia gritando e eu segurei seu braço.

— Ibrahim, eu sei que a amava, posso ver que o que diz é verdade! — Digo tentando acalma-lo.

— Eu perdi a coisa que mais amo. Eu perdi tudo que me importava, não tenho mais nada! — Fala de maneira sombria olhando para trás de mim.

— A culpa é sua! — Diz apontando para Paloma pálida atrás de mim.

— Eu falei para você me esperar lá atrás, Paloma! — Grito em pânico.

— Fiquei preocupada quando ouvi tiros! — Diz tremendo, ficando do meu lado.

— Foi você, né, sua desgraçada?! — Diz ele apontando a arma para Paloma.

— Ibrahim, fique calmo! — Tenta dizer Paloma.

— Você colocou coisas na cabeça dela, desde que você chegou aqui, Kadish mudou! — Ele fala com um tom de voz sombrio, o que me deixa desesperado.

— Ibrahim, Paloma não tem culpa, deixa ela ir! — Tento protegê-la.

— Ela não vai a lugar nenhum! — Ele atira na parede, fazendo Paloma dar um grito assustada.

— Calma, você precisa sair daqui, Ibrahim, a polícia logo vai chegar. — Tento apelar desesperado com medo que ele faça algo contra Paloma.

— Você deveria ter atendido ela, assim ela não teria morrido, não esse desgraçado inútil! — Diz apontando para Stefano.

— Ibrahim, seu problema é comigo, deixa a Paloma ir. — suplico desesperado.

— Ela não vai! Ela é a maior culpada de tudo isso! Se ela não tivesse aparecido, Kadish continuaria sendo uma boa esposa, doce, submissa e comportada. Mas bastou essa infeliz aparecer para minha vida se tornar um inferno! — Ibrahim sorria feito um louco olhando para a barriga de Paloma.

— A culpa não é minha! — Tenta dizer Paloma, e eu puxo suas mãos tentando controlá-la.

— A culpa é sua, sim; a culpa é de todos vocês! — Diz chorando, posso ver claramente que ele não está nada bem, está no meio de uma crise psicótica de consciência.

— Por culpa de vocês dois, eu perdi a minha razão de viver, minha felicidade. Agora vocês vão sofrer! — Quando ele diz isso, tento empurrar Paloma para trás do meu corpo, mas é tarde demais. Ibrahim dispara.

Vejo Paloma dobrar o corpo e cair ao chão com a mãos na barriga. O sangue começa a escorrer.

— Não!!! — Grito desesperado me ajoelhando ao lado dela. Ouço o baque da arma caindo e vejo Ibrahim correndo, mas não tenho outra reação a não ser olhar para Paloma.

— Amor! Amor! Aguenta firme. — Digo tentando conter o

sangramento.

— Me perdoa, Martim. Eu não queria que isso tivesse acontecido. — Fala com a voz fraca, o rosto pálido; sinto sua pulsação enfraquecendo.

— Alguém me ajuda! — Grito olhando ao redor.

— Você não vai morrer, Paloma, você não vai morrer! Nós vamos ficar bem, meu amor, nossa filha vai nascer e seremos felizes. Você vai amamentá-la, vai cuidar dela! — Digo tentando acalmá-la, mas meu desespero está cada vez maior.

Uma lágrima escorre por seu rosto e um sorriso triste toma conta da sua fisionomia. Meu rosto está transbordando em lágrimas, eu não posso perdê-las, eu não posso.

— Aguenta firme, meu amor, você é forte! Lute por nossa família, lute por nós dois! — Tento mantê-la acordada.

Vicente chega junto com outros médicos.

— Nós precisamos levá-la agora para sala de cirurgia. — Diz ele ao meu lado me ajudando a colocá-la na maca.

— Me perdoe, amor, me perdoe! — Repete ela chorando com a voz baixa.

— Já te perdoei há muito tempo. Eu te amo, princesa, você não vai morrer, eu preciso de você. — Falo desesperado.

— Segure minha mão. — Implora respirando com dificuldade.

— Eu estou aqui, amor, eu estou aqui, não vou te deixar. Nós vamos sair dessa. — Falo vendo-a desmaiar na maca.

— É melhor você ficar aqui, Martim, você não vai conseguir se

controlar, pode acabar atrapalhando a cirurgia. — Vicente tenta me acalmar. — Eu vou fazer o impossível para salvar a sua mulher e a sua filha.

— Eu não posso deixá-la! Não posso perdê-las! — Tento dizer.

— Por favor, espera aqui fora, eu prometo que vou cuidar dela, mas você não pode entrar na sala de cirurgia desse jeito, vai acabar nos atrapalhando. — Ele tenta me convencer.

A maca passa pelas portas duplas e sinto como se estivesse perdendo minha vida. A dor é sufocante, pior do que qualquer coisa que já senti.

Vejo a correria no hospital, de médicos e enfermeiros ajudando os feridos, mas não consigo reagir, tudo que faço é sentar no chão gelado e chorar, implorando a Deus que não as tire de mim.

Ibrahim

Saí do hospital desesperado. Imagens e vozes ecoavam em minha cabeça freneticamente. Gritos desesperados e pedidos de socorro. As mãos sujas com um sangue que não era meu, e sim daqueles malditos que tiraram Kadish de mim. Ouço as vozes me chamarem de assassino; grito para que se calem.

— Sai!! A culpa não é minha, a culpa foi sua por não me obedecer! — Solto um grunhido, completamente consumido pela dor de sua perda, transtornado por saber que fui sim o culpado de sua morte.

Preciso fugir dessa cidade, aqui estão todos contra mim.

Uma voz ressoava na minha cabeça e gritava que todos eles mereciam o que eu fiz.

Ao atravessar a praça, sinto uma dor forte na cabeça e me desequilibro. Olho ao redor meio tonto e vejo vários moradores da cidade com pedras nas mãos e gritando.

— Assassino, assassino!!! — Gritam várias mulheres vindo em minha direção.

Sinto um golpe forte em meu peito, é outra pedra sendo arremessada em mim.

Tento escapar, mas os golpes não param, me fazendo desequilibrar. Uma multidão de pessoas me cerca, me xingando e me acusando.

— Eu sou o prefeito dessa cidade, saiam da minha frente!!
— Grito com ódio, enquanto alguém acerta outra pedra nas minhas costas.

— Não mais! — Grita alguém que não vejo.

— Você não é nada! — Brada um opositor político que está na praça.

— Você é um lixo! — Zaki grita enquanto me joga uma pedra que acerta meu nariz.

— Cala a boca, seu idiota! — Tento reagir, e ele apenas ri com ironia.

— Quem te viu e quem te vê! Você é um monstro! — Grita uma mulher, que arremessa uma pedra na minha testa.

Tento fugir, mas eles me cercam, e suas vozes se misturam às vozes na minha cabeça; tudo fica confuso e estranho.

Sinto sangue escorrendo pelo meu rosto e sinto falta de ar.

As pedras continuam vindo, e tento me proteger com os braços, mas não adianta. Minha pele vai se rasgando, a dor é lancinante; sinto meu corpo pender para trás e caio de costas no chão. Mas as pedradas violentas não cessam.

— Eu sou uma autoridade, parem! — Tento falar alto, mas tudo que sai são palavras sufocadas.

É então que começo a ouvir os gritos de Kadish, chorando, e a voz de Amara dizendo que ela me odeia.

— Eu não queria te machucar, Flor-de-lis... — Tento dizer olhando para seu rosto formoso todo machucado, coberto de sangue.

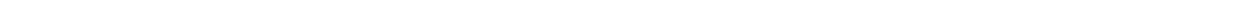
Sinto o gosto metálico de sangue na minha boca. Engasgo ao tentar respirar, e sufoco com meu próprio sangue. A dor é excruciante, mas não é pior do que a dor de não ter mais ela.

As pessoas gritam ao meu redor, coisas que não entendo, e tudo que faço é olhar para Kadish na minha frente, cheia de sangue, me olhando com ódio e dor.

Agonizo de dor e Kadish desaparece. Minha visão vai ficando turva, cheia de pontos pretos ao redor, até eu ser completamente engolido pela morte.



CAPÍTULO 22



SUFOCANDO EM DOR

"A vida é um constante recomeço. Não se dê por derrotado e siga adiante. As pedras que hoje atrapalham sua caminhada, amanhã enfeitarão a sua estrada".

Paloma

Acordo com uma terrível dor na cabeça, sem saber onde estou. Aos poucos as coisas vão ganhando foco e logo reconheço que isso é um quarto de hospital. Um quarto de hospital! Há fios em meu peito, meu braço, um tubo em minha boca. Tento me mexer, mas ouço um som de bipe forte. Me sinto fraca. Não demora muito a porta se abre e vejo entrar uma enfermeira, seguida por doutor Vicente.

— Senhora Lancaster, que bom que acordou! — Diz ele sério, me olhando de maneira profissional.

— Onde está Martim? — Tento dizer, mas o tubo em minha garganta impede.

— Fica calma que eu vou tirar o tubo de respiração de você.

Tento me acalmar, mas a dor na minha cabeça não deixa. Minha mente viaja para tudo que aconteceu. Minha filha, ela é tudo que me preocupa.

Sinto minha garganta arder e o ar encher meus pulmões.

— Minha... Minha f-filha? — Consigo dizer com a voz fraca.

— Eu sinto muito. — Ele respira fundo e prossegue, falando tudo que eu não queria ouvir. — Seu bebê não resistiu. A bala perfurou o útero e atingiu o feto. Realizamos uma cirurgia de emergência para retirar a criança, entretanto, ela já se encontrava sem vida. Nós fizemos tudo que podíamos, mas não tivemos nem chance de salvar sua filha.

Me recuso a acreditar em suas palavras, tudo parece mentira, irreal, uma brincadeira idiota. Toco minha barriga e de cara percebo que ela está baixa. A pequena ondulação que era presente ali já não existe mais.

— Não!!! Não!!! — Grito forte, me sentindo vazia, oca, sem vida. — Minha filha não!!! — Começo a arrancar os fios do meu braço desesperada. A dor me sufoca, é como se minha vida tivesse sido arrancada de mim.

— Não, minha filha não! Não, de novo não! Eu não mereço isso! — Vicente e a enfermeira tentam me segurar, mas eu resisto, puxando os fios e gritando por ela. Os dois me seguram forte e me prendem à cama.

— Minha filha! Minha filha não morreu! Não! Ela não pode ter morrido! Vocês estão mentindo! Parem com isso!! — Grito, sentindo lágrimas grossas escorrendo pelo meu rosto.

— Você precisa se acalmar. — Diz o doutor, tentando me controlar, mas tudo que queria fazer era me debater. Gritar que não,

que isso era mentira. Tudo estava acontecendo de novo. Um filme bizarro de terror. Eu perdi um filho pela segunda vez. Eu tinha algo precioso, algo que me traria felicidade e isso foi arrancado de mim.

— O que está acontecendo? O que estão fazendo com minha mulher?! — Grita Martim assim que abre a porta e me vê contida pela enfermeira e o médico.

— Ela está fora de controle, está em choque! — Diz Vicente amarrando minha mão ao lado da cama.

— Eu não sou louca!! — Grito fora de mim. — Minha filha! Martim, diz que é mentira! — Imploro e vejo ele paralisar.

— Eu disse que não era para contar para ela! Eu disse para me chamar assim que ela acordasse!!

— Eu não sou louca! — Repito sentindo meu peito arder. Ele não negou, não disse que era mentira, que ela não está aqui.

— Solte-a! — Exige olhando para a enfermeira, que segurava uma agulha pronta para administrar algo em meu braço.

Martim vem ao meu lado e desata o nó das ataduras presas no ferro da cama.

Eu só sabia tremer e chorar com força.

— A paciente está se negando ao tratamento! Ela arrancou os acessos, se machucou e está fora de controle. — Diz Vicente olhando para Martim sério.

— Saiam os dois daqui agora! — Ruge olhando para os dois com ódio.

— Eu quero minha filha! — Choro, sentindo seus braços à

minha volta.

— Eu sei, meu amor, eu sei que está doendo. — Seu coração bate forte, eu sei que ele sofre, assim como eu.

— Eu não vou aguentar! Não de novo! Não! Eu não quero viver assim. — Digo entre soluços.

— Olha para mim! Eu estou aqui, nós vamos superar isso. Nós vamos conseguir! Eu não vou te deixar entrar lá de novo! Você não vai se entregar, eu estou aqui e você não pode me deixar! Você é forte, é a garota mais forte que já conheci! — Fala com os olhos cheios de lágrimas, me abraçando fortemente. — Me perdoe, meu amor! Me perdoe por não ter lhe protegido! Me perdoe por não ter salvado ela!

— Davina — Falo me lembrando que já tinha escolhido esse nome. Martim me olha confuso.

— O nome dela era Davina! Minha pequena menina! Por quê, Martim? Por que essas coisas têm que acontecer comigo? Será que eu nunca vou ser feliz? Por que as pessoas que amo são tiradas da minha vida?

— Não chora, meu amor! Não chora! Eu sinto tanto. Queria poder tirar essa dor de dentro de você, e passar para mim. Queria poder dizer que é mentira, que em alguns meses ela estará aqui, mas eu não posso.

Martim

Vê-la assim tão quebrada, é difícil demais. Impossível não lembrar de como a conheci. Não posso deixar Paloma voltar para o abismo em que estava, eu não posso perdê-la para sua mente perturbada. Foi necessário sedá-la para que enfim se acalmasse.

Avisar nossas famílias sobre a tragédia não foi nada fácil.

A perda da nossa filha me feriu profundamente; dói só de pensar que nunca verei seu rostinho, e o pior é saber que a culpa foi minha. Eu deveria tê-las protegido, eu deveria ter cuidado melhor das duas. Me sinto um monstro, um inútil, queria poder tirar toda a dor que ela sente.



Os dias foram passando lentamente. Paloma parecia presa em um casulo, seu olhar sempre distante e vazio. As noites eram difíceis, raramente ela conseguia dormir sem ter um pesadelo. Eu também não dormia, preferia vigiá-la, com medo que fizesse uma loucura. A terapia não tem surtido muito efeito; tampouco a presença de Inês em nossa casa. Os irmãos de Paloma quiseram vir também, mas ela lhes pediu que não viessem — não queria que a vissem no estado em que está.

E eu estava pagando por todos os meus pecados vivendo sob o mesmo teto que minha sogra. Ela odiava tudo, reclamava de tudo, nada era do seu agrado; parecia uma onça feroz protegendo a cria. Vive me culpando por todos os males do mundo. Não se conformava por Paloma não querer voltar com ela para Londres.

Mas, eu estendo minha mulher, ela não quer ter sua privacidade violada. Aqui ela é só “a esposa do doutor”, lá ela é “Paloma Cartier, ex-miss e vadia destruidora de lares”.

Saio dos meus devaneios com dona Inês me chamando.

— Não acho justo só ter uma empregada nesta casa, na verdade, a casa é muito pequena. Minha filha precisa de conforto para superar este momento. — A mulher começa a buzinar em meus ouvidos, e eu a olho indignado.

— Eu já disse, dona Inês, Luzia dá conta do serviço, e tanto eu quanto Paloma não ficamos muito tempo em casa.

— Você precisa convencê-la a voltar comigo. Lá, ela estará segura.

— O desgraçado do Ibrahim está morto e debaixo da terra, ele não pode mais nos fazer mal! — Falo com raiva, lembrando que o desgraçado morreu antes que eu pudesse colocar minhas mãos sobre ele.

— Ainda assim, o que garante que outro louco não possa fazer o mesmo? Este lugar é assustador. — A mulher não para de reclamar.

Logo Paloma sai do quarto usando uma camisola rosa.

— Mãe, já falei para você que não vou, eu quero ficar aqui até o contrato do Martim acabar! — Diz minha loirinha descendo as escadas, visivelmente mais magra e abatida.

— Como está se sentindo hoje, amor? — Pergunto indo até ela e a beijando.

— Melhor, um dia de cada vez como você sempre diz. — Ela me olhou e eu botei seus cabelos para trás da orelha.

— Eu não aguento te ver assim, minha filha, eu só quero o seu bem, e este lugar não é para você. Você é uma princesa perdida neste deserto, seus irmãos estão preocupados com você.

— Mãe, eu agradeço sua preocupação, mas acho que já está na hora de ir embora. Já estou bem, estou me recuperando e não vou voltar para Londres! Não sem meu marido! — Fala olhando para mim e eu sorrio orgulhoso.

— Você está me mandando embora, é isso?

— Mali não é lugar para você, mãe. Não se preocupe, eu tenho Martim comigo e vou ficar bem. Eu te amo, entretanto, eu preciso de espaço. Sua superproteção está me sufocando. — Ela olha para a mãe e a abraça. — Confia em mim, quando digo que estou bem.

— Se não me quer aqui, eu vou. — Diz fazendo drama. Eu e Paloma apenas ignoramos.

— Vem, vamos comer. Eu mesmo fiz aquela lasanha que você ama. — Falo segurando suas mãos e a levando até a cozinha. Mas não sem antes ver minha sogra subindo as escadas furiosa.

— Tem certeza que não quer que ela fique mais um pouco? — Pergunto assim que chegamos à cozinha.

— Eu entendo a preocupação dela e dos meus irmãos, mas eu já sou grandinha e sei me cuidar. Odeio que sintam pena de mim, odeio a forma como ela me olha, como se eu fosse surtar a

qualquer momento. — Fala com seus olhos fixos na janela.

— A Madre perguntou por você. — Falo jogando um verde, para ver se ela se anima a voltar para o orfanato. Talvez isso a ajude a se sentir menos vazia e sair dessa depressão horrível.

— Eu não sei se estou preparada para voltar lá, tem muitos bebês, eu ainda... Não sei. — Fala com a voz trêmula e volta a chorar.

— Ei...! Não chora, você é minha vida, me sinto um inútil vendo você sofrer. — Digo abraçando-a. — Que tal nós voltarmos à tribo?

— Zoila está insistindo muito em me levar lá na sexta. — Ela diz um pouco menos triste.

— Já sei. Amanhã vamos sair, vou te fazer uma surpresa! — Digo pensando em levá-la a um lugar especial.

O jantar foi tranquilo; Paloma não comeu muito, o que vinha me preocupando. Os antidepressivos são fortes e ela acaba ficando fraca.

— Eu já marquei meu retorno para amanhã, Hector vai mandar um jatinho me buscar em Bamako. — Fala Inês triste, olhando para a filha.

— Mãe, não quero que fique chateada comigo, eu só quero que entenda que eu estou bem.

— Eu sei, mas não posso evitar me preocupar, você é minha única filha. Eu me sinto inválida por você estar tão longe de mim.

— São apenas quatro meses, logo nós já estaremos

voltando. Você vai ver como o tempo vai passar rápido.

As duas conversaram por um bom tempo.

Paloma está deitada no meu colo de frente para a TV e Inês no sofá da frente. Eu não tenho muito o que falar, preso em meus próprios pensamentos.

— Ela dormiu. — Diz Inês apontando para Paloma em meu colo.

— Vou colocá-la na cama, a hora passou e eu nem vi. — Digo apanhando-a no colo.

— Cuide dela para mim, ela pode parecer forte, mas é a mais frágil dos quatro. — Inês me olha e eu aceno com a cabeça.

Paloma

Sento-me na cama chorando assustada com as lembranças terríveis daquele dia no hospital. A dor é tão forte que parece que acabou de acontecer. Um soluço escapa da minha garganta e acabo acordando Martim.

— Shh! Calma, eu estou aqui. Foi só um pesadelo. — Diz Martim me abraçando forte. Toco minha barriga vazia e a angústia e tristeza se apoderam de mim.

— Já passou, tudo vai melhorar, você vai ver. Nós vamos superar. Nós vamos ter outros filhos ainda, você vai ver! — Diz ele

tentando me acalmar.

— Eu não quero! — Falo com a voz trêmula, lembrando do pesadelo.

— Essa dor vai passar, você vai ver. — Diz beijando meu rosto.

— Eu não quero. — Falo com uma firmeza que até me assustou. — Eu não quero mais ter filhos! Não quero nunca mais passar por isso! Não quero ter esperança e tudo ser arrancado de mim!

— Ei! Não fala assim, meu amor, é muito cedo para pensar sobre isso.

— Você sabe o que os exames dizem, meu útero ficou comprometido, eu estou seca como as areias do deserto!

— Nós não temos certeza ainda, Paloma, você vai precisar repetir os exames daqui a seis meses. Seu corpo precisa de tempo para se recuperar.

— Eu não quero, Martim. É o meu castigo pelo que fiz no passado, estou pagando pelos meus erros. Só de lembrar o que disse a Verônica quando ela perdeu seu bebê... Deus, eu era um monstro.

— Ei! Não fale isso. Você mudou! Paloma, olha para mim! — Fala firme erguendo meu rosto em direção do seu. — Eu amei você do jeito que você era, impulsiva, descontrolada, egoísta, mimada, nada disso me impediu de me apaixonar por você. Mas, agora, o amor que sentia aumentou. Eu amo ainda mais o que você

se tornou. Não importa o que você tenha feito no passado, o que importa é o que quer fazer no futuro. Se não quer mais filhos, isso não importa! Você é tudo o que eu quero! Você é tudo que basta para eu ser feliz. Mas eu sei que seu sonho é ter uma família. Só está falando isso porque tem medo de sofrer. Saiba que, qualquer que for sua decisão, eu estarei ao seu lado para te apoiar.

No dia seguinte, mamãe foi embora, relutante, prometendo voltar em um mês para me ver.

— Eu me sinto mal por dizer isto, mas estou aliviado por ela ter ido. — Diz Martim enquanto dirige. Sorrio vendo sua cara de alívio.

— Dona Inês fez da sua vida um inferno essas semanas, eu sei. Mamãe é muito protetora, ela acredita que ninguém é digno dos seus filhos.

— Eu até a entendo, não a culpo por querer protegê-la, mas me sinto bem melhor com ela em Londres. — Fala rindo. — Estamos quase chegando. — Diz ele quando percebe que olho atenta para a estrada; começamos a seguir pelo deserto e eu fico instantaneamente animada.

Não demora muito para o carro parar. Olho ao redor e vejo que estamos à beira de um oásis no deserto; o lugar é lindo, digno de livros de romance. Palmeiras cercam a água verdejante, fazendo uma sombra gostosa, logo vejo uma tenda enorme montada.

— Eu não acredito nisso você preparou isso pra nós dois — falo encantada.

— Você merece. Nós estamos no deserto, nada mais justo que passar uma noite romântica como no conto das Mil e Uma Noites.

— Isso é perfeito — digo fascinada com a beleza do lugar.

Martim me leva até a tenda, onde há um banquete em estilo árabe posto em uma mesa. O chão está coberto por um tapete macio e almofadas de linho coloridas, tudo tão lindo; me senti literalmente uma princesa. Uma sensação de paz toma conta de mim. A beleza deste lugar me traz tranquilidade, uma calma que não sei explicar.

A tenda está decorada com rosas e velas, um clima bem romântico. Isso é tudo tão incrível, fico até emocionada.

— Quero que essa noite seja a noite de núpcias que não tivemos.

Martim me beija com delicadeza e eu retribuo sedenta. Sinto falta do seu toque. Ele me surpreende ao me pegar no colo, me levando até o tapete.

— Amo você! — Falo emocionada.

— Eu tive uma cúmplice, Zoila que me ajudou. Na verdade, eu queria ter feito isso há muito tempo, mas com a sua mãe aqui, não deu muito certo.

— Uau! Ninguém nunca fez algo tão lindo para mim!

— Você merece. Eu amo você e não quero te ver triste e abatida. Nós estávamos precisando de um momento só para nós. — Fala enquanto trilha suaves beijos em meu pescoço, me deixando

arrepiada.

Martim me deita sobre as almofadas e vai beijando meus pés, minhas pernas, até chegar na minha calcinha. Eu tremo de ansiedade pelo que virá. Ele então afasta minha calcinha e passa a língua de leve, me deixando arrepiada. Sua língua brinca com meu clitóris, me deixando louca. Sinto meu corpo todo quente implorando por ele, que não me dá descanso, sua língua castiga minha intimidade sem dó. Sua barba me arranha, me deixando mais louca. Chupa com muita vontade, ele me suga fazendo um oito com a língua. Não preciso de muito para ser atingida por um intenso orgasmo.

— Delícia! Posso ficar o dia todo aqui, sentindo seu gosto.

— Diz ele bebendo todo o meu prazer.

Martim tira minha calcinha, me devorando com o olhar. Se livra das suas roupas e me ajuda a desfazer o laço do vestido. Quando estou nua em sua frente, ele me olha como se fosse sua presa. Meus seios já estão duros de tanto tesão.

— Preciso de você, amor. — Falo olhando para ele, que se masturba olhando para meu corpo.

— Eu sou todo seu, minha loirinha. De corpo e alma. — Martim sobe em cima de mim e começa a esfregar a cabeça do seu pau na minha entrada. Eu gemo pedindo mais. Estou tão molhada que deslizou fácil para dentro. Ele me penetra devagar, com medo que eu ainda esteja sensível, mas por sorte não sinto dor. Devagarzinho ele vai movimentando seu corpo dentro do meu.

Fecho os olhos, me perdendo no prazer. Martim beija meus lábios docemente. Nós não estamos transando; estamos fazendo amor. Como num encontro de almas gêmeas. Posso sentir meu corpo se encaixando perfeitamente ao dele. Sua boca escorrega para meu pescoço, mordendo, chupando, e eu só sei gemer, querendo mais e mais.

Martim acelera os movimentos, e eu abro mais as pernas para senti-lo inteiro dentro de mim.

— Você está tão quente e apertada, amor. Eu não vou aguentar muito tempo.

— Eu amo você! — É tudo que consigo dizer.

Martim me gira, me colocando por cima. Eu sorrio olhando seu corpo todo suado. Encaixo o seu pau e começo a rebolar devagarzinho. Não demora muito para outro orgasmo me atingir. Estremeço gritando por ele. Martim segura em minha cintura e me ajuda a acelerar, metendo mais rápido. Sinto uma leve dorzinha, mas isso não faz com que meu tesão diminua. Martim toca meu clitóris, me levando ao delírio. Fecho os olhos rebolando com ele.

— Vem comigo, amor! Goza no meu pau! Goza no meu pau! — Não precisei de mais nada, gozei intensamente, ficando até trêmula de tanto prazer. Desabo em seus braços, exausta, mas satisfeita.

— Te machuquei? — Pergunta preocupado olhando para mim.

— Não! Estou ótima! — Falo deitando em seus braços e

olhando, pela abertura da tenda, as estrelas brilhando na noite escura.

Dário

Impaciente, seguro a bendita placa com o nome da moça. Onde é que eu estava com a cabeça quando aceitei ajudar Paloma? Olho para o portão de desembarque e nada da mulher chegar. Vejo várias pessoas passarem pelo portão, menos ela! Quando penso em ir embora, vejo um anjo olhando ao redor, parecendo perdida. Seu olhar era doce, inocente, mas sua pele era como o pecado. Nessa mesma hora, eu soube que estava perdido. Paloma tinha me jogado em uma armadilha, mas quem disse que eu não queria cair? Levanto a placa com o nome. Reparo que ela respira fundo aliviada antes de vir até mim.

— Oi. Você é o Dário? — Pergunta com uma voz suave, e juro que senti um arrepio por todo meu corpo.

— Kadish? — Consigo pronunciar, ainda embasbacado com sua beleza. Ela é de longe a mulher mais bonita e exótica que já vi.

— Prazer, Dário. Paloma me disse que você estaria aqui me esperando, vamos? — Diz ela olhando para mim.

— Sim, claro! Vamos! Quer dizer, prazer em conhecê-la, Kadish. Espero que esteja melhor. Paloma me disse que precisou ficar internada em Bamako e por conta disso teve que adiar a vinda

à Inglaterra.

— Sim, as coisas acabaram saindo do controle, mas explico tudo melhor assim que descansar um pouco. A viagem até aqui foi muito longa, sem contar que Londres é muito fria!

Só então reparo que ela não usa um casaco; é certo que o clima daqui deve ser frio demais para alguém que veio da África. Tiro meu casaco, colocando sobre seus ombros, para protegê-la do frio. Pego suas malas e indico o caminho.

— Obrigada. — Diz com um sorriso tímido.

Levo-a até meu carro. O caminho foi silencioso e rápido, Kadish parecia pensativa.

Estaciono na entrada da minha casa, abrindo a porta para ela entrar.

— Eu espero que não se incomode, mas a minha irmã Marjorie está de férias e, quando soube que você se hospedaria aqui, veio correndo para te conhecer.

— Não se preocupe, é bom conhecer pessoas novas. Eu não quero atrapalhar sua vida, ser um estorvo. Eu disse a Paloma que preferia ficar em uma pensão ou algo assim, até conseguir um emprego, mas ela insistiu muito.

— Você não atrapalha de maneira nenhuma, vai ser bom ter alguém em casa para conversar; eu sou muito solitário. E você pode ficar o tempo que precisar.

— Obrigada, eu nem sei como agradecer por estar me ajudando tanto.

— Paloma me disse que você é uma ótima cozinheira. Um jantar de vez em quando seria bom. — Falo sorrindo e ela sorri docemente.

Entramos na sala e logo somos abordados por uma baixinha curiosa.

— Vocês chegaram! Até que enfim! — Diz minha irmã animada, já abraçando Kadish.

— Eu sou Marjorie, irmã desse cabeça dura aí, mas pode me chamar de Maju. Seja bem-vinda, Kadish.

— Obrigada por me receber, prometo não atrapalhar. — Diz ela meio tímida.

— Você é linda e doce, eu gostei de você! — Diz Maju empolgada.

— Você também é linda. — Fala meio constrangida com o elogio. Ela parece não se dar conta de sua beleza.

— Vamos entrar. Vou te mostrar o quarto que mandamos preparar para você.

— Maju, Kadish está cansada, deve querer tomar um banho e descansar.

— Ah, claro! Desculpa, eu estou tão animada em ter gente nova aqui que nem pensei que fez uma viagem de mais de doze horas.

Maju leva Kadish até o segundo andar. E eu fico angustiado, já sentindo falta dela. Droga, por que estou assim tão confuso, tão descontrolado, por uma mulher que eu nem mesmo

conheço? Bastou olhar para aquele rosto doce e frágil, que senti uma vontade imensa de protegê-la, de fazê-la sorrir.



Estava na cozinha preparando um jantar de boas-vindas para Kadish quando Marjorie entrou com um sorriso no rosto.

— Você gostou dela, não é? — Fala me analisando.

— Não sei do que está falando. — Tento me esquivar do seu interrogatório.

— Ah, Dário! Não tente me enganar, basta ver a forma como olha para ela, para saber que está interessado. Quando falei que a levaria para sair e conhecer alguns rapazes, você só faltou rosnar como um cão bravo.

— Não é verdade! — Tento me defender enquanto corto o alho.

— Eu gostei dela, acho que foi o destino que a trouxe aqui. Se quer saber, eu ficaria muito feliz se vocês dois namorassem!

— Você está acelerando as coisas, nós mal nos conhecemos.

— Sei — diz ela me deixando pensativo.

Tento me lembrar quando foi a última vez que me senti assim com uma mulher. Sendo sincero, eu nunca me senti tão mexido assim apenas com um encontro.

Algum tempo depois, Kadish aparece na sala, de banho tomado e com uma aparência bem mais relaxada.

— Eu fiz o jantar, tomara que seja do seu agrado. Não sou nenhum mestre cuca, mas minha tia é dona de um restaurante, e me ensinou um pouco do que ama fazer. — Puxo uma cadeira para Kadish. — Peixe com fritas, com molho tártaro ou geleia de pimenta, como preferir.

— Tenho certeza que está delicioso, o cheiro é bom. — Fala ela sorrindo.

Jantamos num clima gostoso; minha irmã não calava a boca um segundo sequer, perguntando tudo sobre a vida de Kadish, seus gostos, a vida em Mali.

— Meu irmão me contou um pouco sobre o plano maluco, seu e da sua amiga, mas não entendi bem como fez para forjar a sua própria morte. — Questiona minha irmã.

— Eu precisava que Ibrahim se descontrolasse. Tivemos a ajuda da Amara, sobrinha dele, e de Zaki, meu motorista.

— Eu consigo imaginar o risco que correram. — Falo angustiado, pensando no que essa mulher tão bonita e tão jovem deve ter passado.

— Eu cheguei mais tarde naquele dia. Sabia que ele estaria me esperando. Uma discussão começou e eu já imaginava que em breve ele partiria para a violência, ele sempre era assim. — Diz com um olhar triste. — Mas acho que nem eu e nem Paloma prevíamos o quanto a coisa ficaria feia. Ibrahim perdeu o controle, ele me espancou como nunca tinha feito antes. — Fala com a voz trêmula.

— Desgraçado! Covarde! — Diz minha irmã se levantando revoltada.

— Não se preocupe, eu estou bem! Eu sobrevivi! Foram anos suportando as piores torturas, não só físicas, como psicológicas. Sendo abusada, violada por um monstro, mas agora, pela primeira vez em anos, eu estou realmente livre. Não foi fácil, no meio da briga eu caí sobre uma mesa de vidro e fui levada ao hospital com uma perfuração no pulmão. O tempo era contado. Paloma já tinha tudo organizado com Stefano, o médico que me atenderia. Um corpo seria enterrado em meu lugar, em nossa cultura os caixões são sempre lacrados. Assim que a hemorragia interna foi contida, eu fui sedada, meus batimentos estavam quase inexistentes, era como se estivesse em coma! Tudo para parecer que eu estava realmente morta. Paloma teve que fingir que sentia minha morte. Ela não poderia arriscar a carreira do marido, contando para ele. Fui levada em estado grave a Gao, onde fiquei internada por quase um mês. Isso não estava nos nossos planos, mas eu precisava sair da cidade com urgência. Durante a viagem acabei pegando uma infecção, o que me fez quase perder a vida. Contudo, a equipe do outro hospital me ajudou muito.

— Então, foi por isso que demorou tanto para chegar em Londres? Paloma me avisou que tiveram problemas. Mas não imaginei que as coisas tinham ido tão longe, você poderia ter morrido. — Digo sem conseguir sequer imaginar o perigo que ela correu.

— Estou feliz por estar aqui, Kadish, vamos bridar à sua nova vida, em Londres! — diz Maju.

— À sua nova vida, Kadish! — Falo entregando as taças às duas.



CAPÍTULO 23



O DESERTO TE TROUXE

"Não ver a barriga crescer, mas sentir que o coração não tem tamanho. A certeza que os laços de coração existem e são para sempre. E o encontro de almas que traz felicidade a todos que cercam".

Beatriz

Me olho no espelho e mal posso acreditar na pessoa que vejo em minha frente. Hoje sou uma mulher mais feliz, sou amada, encontrei a minha felicidade. Com a maternidade amadureci muito, o amor me fez enxergar muitas coisas de maneira diferente. Hoje posso ver que, no fim das contas, mesmo de maneira torta, toda errada, Paloma me fez um favor. Talvez, se não fosse por ela, hoje eu ainda estaria presa a um casamento sem amor, sem paixão. E Anthony não existiria. Nick nunca teria entrado em minha vida.

A vida deve ser como Maisie sempre diz: um livro onde nossos destinos já estão traçados e, para encontrar a felicidade, temos que enfrentar dores e dificuldades.

Anthony resmunga sonolento, enquanto tento vesti-lo. A porta do quarto se abre e Nick passa por ela, vestindo um terno preto sob medida e uma camisa branca.

— Como está o garotão do papai?

— Ele não deixa colocar a roupa, nós vamos chegar

atrasados na igreja. — Falo nervosa.

— Deixa que eu termino de arrumar ele, arruma a bolsa dele.

— Obrigada. — Respiro aliviada, entregando Anthony, que chora, ao pai.

Nick aproveita quando lhe entrego nosso filho, e me rouba um beijo suave e dá um tapa na minha bunda.

— Safado. — Resmungo rindo, indo até a cômoda para arrumar a bolsa.

Quando termino, olho para os dois homens da minha vida e me sinto orgulhosa da minha família. O amor de mãe é algo que jamais imaginei, é maior e mais forte do que tudo, é mágico, único e inexplicável.

Anthony tem olhos castanhos, profundos como os do pai, que me derretem toda. Não tem uma pessoa que não se apaixone por ele. Mamãe e papai estão extasiados com o neto. Até Geoffrey, o pai de Nick, está pensando em mudar para cá para passar mais tempo perto do netinho.

Nick e eu estamos vivendo como casados, mas sem alianças. Ele já me pediu em casamento três vezes, mas ainda não sei se estou pronta para dar esse passo, tudo está bom como está. Nós mudamos para a casa que ele comprou. Ela é linda! Tem um quintal grande para nosso filho, e é perto da casa dos meus pais, num bairro bem familiar, perfeito para nós.

Nossas noites são regadas a paixão. Cada dia que passa, eu

me vejo mais encantada com seu jeito. Nick é carinhoso, atencioso, compreensivo e possessivo ao mesmo tempo. Amo ver como ele tem ciúmes de mim. Pela primeira vez em muito tempo eu sinto que realmente sou amada. Talvez eu devesse deixar meus medos de lado e dar o sim que ele tanto quer.

Termino de passar o batom e saio do quarto, descendo as escadas até a sala, onde vejo Nick com o nosso filho já pronto no colo.

— Estou pronta, vamos.

— Você está linda, minha vida.

— Hum, você também não está nada mal, mesmo eu achando que essa camisa é um número menor que o seu. — Nick ri do meu comentário.

Sáímos de casa e vamos direto à igreja onde acontecerá o batizado do nosso filho. A igreja já está cheia, nossos amigos e familiares estão aqui reunidos. Donald, amigo de Nick e novo sócio no escritório de advocacia, será o padrinho; a madrinha é minha amiga Maisie.

Meus pais e Geoffrey já estão sentados na primeira fileira. Agora que chegamos, o padre começa a missa e eu fico emocionada com as palavras dele. Anthony dorme tranquilo, e logo somos chamados para o batismo.

Encaminhamo-nos até o altar junto com os padrinhos.

— Estamos aqui reunidos para batizar o infante Anthony Gouveia Greyjoy, sabendo-se que o batismo é o santo sacramento

que dá início à vida cristã, transformando a criança de criatura escrava do pecado original, em filho de Deus. Assim, pelos poderes da santa igreja católica, declaro o infante Anthony como novo membro da comunidade cristã.

O padre pegou o óleo bento e o batizou.

Alguns momentos depois, a missa já havia acabado e estávamos todos em casa; era um dia feliz e Nick estava radiante com o batismo do nosso filho.

— Ele está tão lindo.

— Talvez tenha puxado o pai. — Sorrio e mexo nos seus cabelos.

— Eu tenho certeza que ele puxou só a mãe. — Diz me olhando intensamente.

— Eu amo você. — Digo de uma vez, não aguentando mais segurar isso dentro de mim.

— Eu esperei muito para ouvir isso, meu amor. — Fala beijando meus lábios com destreza. Me derreto em seus braços emocionada.

— Casa comigo, Ana? Eu sei que tem medo, mas eu prometo passar o resto dos meus dias provando a você o meu amor! Juro que serei o marido que você precisa.

— Eu aceito! — Digo enfim.

— Você aceita? É sério?

— Sim! Eu aceito me casar com você, Nick Greyjoy!

— Prometo te fazer feliz! — Beija meus lábios com

carinho.

— Eu já sou feliz! — Falo olhando para nosso filho.

Kadish

Minha vida aqui em Londres é muito mais do que jamais imaginei. Marjorie é uma pessoa maravilhosa, não só ela, como o irmão, Dário. Às vezes me sinto incomodada por estar dando trabalho a ele, mas Dário faz questão de dizer o tempo todo que eu não causo nenhum incômodo, que está feliz por eu estar aqui.

Fiz uma entrevista de emprego ontem. Paloma me convenceu que deveria fazer um teste para modelo. Eu não sei se tenho dom para isso, porém, bastou eu chegar à tal agência, para uma tal de Angel surtar. Ela fez muitas perguntas, que me deixaram atordoada. Perguntou sobre meu peso, minhas medidas, se já tinha desfilado antes. Fui sincera, mas isso não pareceu desanimá-la. Saí de lá com a garantia que voltaria para uma sessão de fotos e para conversar sobre um curso que ela quer que eu faça.

Dário está me ensinado a dirigir, coisa que sempre foi meu sonho em Mali. Eu sempre tive esse desejo, mas Ibrahim nunca deixou, nem mesmo cogitou essa ideia. Marjorie me levou para conhecer a cidade. Londres é linda, e bem diferente do que eu imaginei. Cada lugar histórico me deixa encantada.

Mas ainda há algo que me preocupa: Paloma.

Não consegui contato com ela nessas últimas semanas. Não

tenho como ligar para a casa dela, pois nosso plano poderia ser descoberto. O combinado era que eu ligaria no orfanato, mas a madre Verusca me disse que ela não aparece lá há mais de um mês. O que me preocupa é pensar que talvez Ibrahim tenha feito algo contra ela, e por isso ela não tem aparecido.

Termino de colocar as travessas na mesa, os talheres, as taças; confiro se está tudo alinhado. E me repreendo mentalmente por esse costume. Ibrahim me deixou tão traumatizada com suas manias, que ainda me pego tentando alinhar as coisas.

A porta da sala se abre e imagino ser Dário, hoje ele não ficaria de plantão.

— Hum! O cheiro está maravilhoso. — Ele diz, entrando na sala de jantar.

— Quis fazer algo da minha cultura para vocês, então, eu fiz Bobotie, uma carne de forno com frutas e um molho especial, acompanhado de arroz amarelo.

— Nossa, parece incrível. É muito bom chegar em casa e ser recebido assim. — Fala com um sorriso lindo e percebo que ele tem duas covinhas. — Eu vou tomar um banho e já venho jantar. Você sabe da Maju?

— Ela disse que iria jantar fora, mas que viria mais tarde com o namorado me buscar.

— Aonde vocês vão? — Faz a pergunta com um tom de nervosismo.

— Sua irmã me convidou para sair com ela para conhecer uma casa noturna que está abrindo hoje. Eu nunca fui num lugar assim, não sei se vou gostar, mas ela pareceu tão empolgada. Até me ajudou a comprar um vestido.

Percebo que Dário não gosta muito do que eu disse, mas que prefere não falar nada.

— Ok, eu vou tomar um banho, já volto. — Fala de maneira distante.

Fico sozinha e preocupada com a hipótese de ter feito algo que Dário não tenha gostado. Termino a salada, coloco tudo na mesa e me sento, aguardando-o. Não demora muito para Dário aparecer, vestindo uma camisa polo e moletom. Sem querer sou flagrada o admirando.

— Estou faminto. — Diz se sentando ao meu lado.

Me levanto pronta para servi-lo, quando Dário coloca as mãos na frente do prato, me impedindo.

— Você não precisa fazer isso. — Fala olhando em meus olhos.

— Desculpa, é a força do hábito. — Falo envergonhada.

Ele não é Ibrahim, é óbvio que não preciso servi-lo o tempo todo.

Dário serve seu prato e eu faço o mesmo. Comemos e conversamos descontraidamente. Conto-lhe sobre meu teste na agência de modelo e de como estou animada para começar a trabalhar.

— Quando vai ser sua prova de direção? — Pergunta enquanto come uma colher de sorvete.

— Semana que vem, na terça.

— Vou pegar folga para te levar.

— Não quero te incomodar.

— Não é incômodo nenhum, quero estar lá para te apoiar. Você vai ver como vai arrasar na prova.

Após nossa refeição, Dário me faz companhia na sala de tv, onde assistimos a um filme divertido de comédia.

— Meu Deus! Olha a hora. Preciso me arrumar, Maju deve estar chegando. — Falo me levantando apressada e subo as escadas sob o olhar preocupado de Dário.

Dário

Fiquei sentando na sala angustiado só de pensar em Kadish nessa tal casa noturna, todos os homens caindo em cima dela. Ela é jovem, solteira e cheia de vida. Porra! Estou é morrendo de ciúmes, merda! Decido beber um copo de uísque e tentar me acalmar. Droga! Não posso ficar com ciúmes, ela não é nada minha e não me deve nada. Como posso estar tão envolvido por uma mulher que acabei de conhecer? Mas ela é tão doce, tão meiga... Basta olhar em seus olhos e ver o tumulto dentro deles; são como uma tempestade em uma noite quente.

Por fim, Maju chega, acompanhada de Boyce, seu

namorado.

— Isso são horas, mocinha? — Falo me fingindo de bravo.

— Como vai, Dário? — me cumprimenta Boyce.

— Bem, como sempre trabalhando de mais.

— Já falei que precisa pegar mais leve nesses plantões? —

Diz meu amigo de infância.

— Eu já falei pra ele! Apesar que, de uns dias para cá, Dário anda ficando mais em casa do que no hospital. O que é no mínimo estranho.

— Não tem nada de estranho querer passar mais tempo com a minha irmãzinha. — Falo a abraçando.

— Comigo, né? Sei bem, doutor Dário. — Diz ela irônica, com um olhar desafiador.

Nesse momento Kadish decide descer as escadas. Olho para ela e até esqueço o que ia dizendo. Meus olhos fixam-se nela, com seu vestido colado e curto para matar. Seu cabelo está preso e sua maquiagem marcante, pronta para enlouquecer qualquer homem na terra.

— É melhor fechar a boca, se não a baba escorre, irmãozinho. — Fala Maju ao meu lado, apenas para eu ouvir.

— Você está linda, Kadish, vai arrasar corações! — Diz minha irmã animada.

— Tem certeza? Achei esse vestido um pouco indecente. — Diz ela tímida.

— Não acho uma boa ideia vocês irem a essa tal balada. —

Falo nervoso com a possibilidade de ela sair vestida assim.

— Não se preocupe, cara, eu cuido delas. — Diz Boyce.

— Eu vou me trocar e vou com vocês. — Falo decidido.

— Mas, você nunca gostou desse tipo de festa. Nunca te imaginei em uma boate. — Diz minha irmã.

— Tudo tem uma primeira vez. Não é você que vive dizendo que eu preciso sair e me distrair um pouco? Então, eu vou com vocês. — Falo já subindo as escadas para o meu quarto.



Quando enfim chegamos à casa noturna, de cara já vi que estava lotada. O som alto irritante, muita gente bêbada, esse não é tipo de lugar que gostaria de estar.

Maju arrasta Kadish até a pista de dança e Boyce a acompanha. Já eu prefiro ficar no bar e beber alguma coisa que me ajudasse a ficar calmo.

Uma loira de vestido vermelho senta do meu lado no bar.

— Está sozinho? — Pergunta olhando para mim interessada.

— Estou, mas prefiro continuar assim. — Digo sendo curto e grosso.

— Um cara bonito como você não deveria ficar sozinho, muito menos com essa cara de desânimo. Por que não saímos daqui e terminamos a noite bem gostosa? — Fala tocando meu ombro.

— Não estou nem um pouco afim. Na verdade, a única

coisa que eu quero é ficar sozinho. — Falo já irritado com a ousadia da mulher.

Ela fica vermelha, irritada, e se levanta me deixando sozinho, porém é tarde demais, Kadish viu todas as investidas da loira enquanto se dirigia ao banheiro.

As horas passam, e eu fico irritado com a quantidade de homens tentando dançar com Kadish. Maju a leva para o outro lado do bar, onde vejo as duas bebendo feito loucas. Não gosto nada disso; Kadish não está acostumada com bebidas, esse não é o tipo de lugar para ela.

Maju a arrasta de volta para a pista de dança e ela sorri o tempo todo. Boyce dança com Maju, e Kadish sozinha, até um cara alto vestindo uma camisa azul se aproximar dela e falar algo em seu ouvido. Noto que ela fica constrangida, mas não o afasta, e os dois dançam juntos. O desgraçado faz questão de tocar nela a todo o momento. Kadish não parece muito à vontade, mas não diz nada. Olho ao redor procurando Maju e a vejo com o namorado aos beijos sentados num sofá.

— Filha da mãe, como deixa Kadish sozinha? — Bebo mais um gole da minha bebida tentando me acalmar.

A música se torna mais sensual e vejo um desgraçado tentar agarrar Kadish. Ela diz algo assustada e tenta se afastar, mas o infeliz não escuta e tenta beijá-la a força. Em menos de dois segundos eu já estou na pista de dança, a puxando para mim

— Se afasta, seu idiota, não ouviu que ela não quer que a

toque? — Grito para o infeliz.

— Ei, cara, eu cheguei primeiro, a morena tá na minha.

— É melhor você sumir da minha frente antes que eu quebre a sua cara! — Rugi de raiva. O panaca fica assustado e enfim vai embora.

— Bem, vamos embora daqui. — Digo pegando sua mão e a puxando até a saída.

— Mas, e Maju? — Pergunta meio grogue.

— O que você bebeu? — Pergunto nervoso.

— Talvez eu tenha bebido um ou dois drinques coloridos, mas eles eram tão bons. — Geme totalmente alcoolizada.

— Eu não deveria ter deixado você vir. O que deu na cabeça da minha irmã, te trazer para um lugar desses? — Falo abrindo a porta do carro para ela entrar.

— Você fica tão bonito com essa cara de malvado. Mas fica ainda mais bonito quando volta da corrida, todo suado. — Diz com a voz embargada, me pegando de surpresa.



Estaciono o carro na entrada de casa e ajudo a descer. Kadish cambaleia e eu a seguro, antes que ela caia no chão.

— Eu já disse que você é lindo? — Fala me olhando intensamente.

— Acho que amanhã vai se arrepender por me dizer essas coisas. — Digo a amparando.

— Me beija, Dário. Me faça sentir como é com um homem de verdade! — Fala ousadamente, grudando seu corpo no meu, me fazendo tropeçar no tapete da sala e cair no sofá.

— Você está bêbada e não sabe o que está falando... — Tento dizer, mas ela me interrompe, subindo no meu colo.

— Eu só quero sentir o que é fazer amor com um homem com prazer, sem ser forçada. — Fala beijando meu pescoço. Eu gemo tentando me controlar e não corresponder.

— Kadish, é melhor você ir dormir.

— Você não me quer? Não me deseja? — Fala abaixando as alças do vestido, deixando os ombros à mostra, e o sutiã preto.

— Eu quero! Como eu quero! — Falo rouco, com meu pau tão duro que juro que a qualquer momento ele pode furar a calça. — Mas nós não podemos, linda. Não assim. — Tento fazê-la entender.

— Mas eu quero agora. — Diz beijando meu queixo e mordendo meu lábio. Fazendo com que o resto do meu autocontrole vá para o ralo.

Beijo sua boca com vontade, e Kadish geme em meus braços colando mais seu corpo ao meu. Sua boca é como uma fruta gostosa, carnuda e ao mesmo tempo doce. Meu corpo todo estremece, nunca senti tanto prazer com apenas um beijo. Minha língua brinca com a dela, enquanto ela puxa meu cabelo. Minhas mãos vão para sua cintura, curvando seu corpo no sofá. Só interrompo o beijo quando já estamos sem ar. Abro os olhos e vejo

seu olhar desejoso.

— Você é linda! Me peça para parar antes que eu cometa uma loucura.

— Mas eu não quero que pare. — Fala gemendo para mim.

Não consigo mais me segurar; jogo-a no sofá e puxo seu vestido para baixo. Vejo sua pele morena como o próprio pecado. Kadish fica tímida de repente. Olho para o seu corpo e vejo pequenas cicatrizes marcando sua pele. Meu sangue ferve só de imaginar tudo que o desgraçado do seu ex-marido deve ter feito com ela.

— Você é linda! Perfeita para mim! Não se envergonhe do seu corpo nunca. — Falo firme olhando em seus olhos. Vendo-a relaxar, começo a beijar seu colo. Abaixo as alças do sutiã e um par de seios fartos fica à mostra. Eu tremo de satisfação. Eles são lindos e cabem perfeitamente em minhas mãos.

Passo minha língua de leve pelo bico, causando um arrepio em sua pele. Chupo um, enquanto, aperto o outro. Seus seios são deliciosos, me acabo neles, dando atenção aos dois por igual. Mordo o biquinho, e olho para o seu rosto, esperando ver sua reação. Qual é a minha surpresa, ao notar que ela está dormindo!

Porra, é como se tivesse levado um balde de água fria. Me afasto sentindo culpado.

Ela está tão bêbada que desmaiou cansada e eu aqui abusando dela. Merda! Onde eu estava com a cabeça? Aposto que amanhã ela nem se lembrará do que aconteceu. Com cuidado,

coloco sua roupa no lugar, pegando-a no colo e vou subindo as escadas até seu quarto. Na minha boca ainda posso sentir o sabor dos seus lábios. Meu pau está duro a ponto de explodir. Deito Kadish na sua cama com cuidado, ligo o ar e a cubro com o edredom. Encosto a porta irritado comigo mesmo, e vou direto para o chuveiro tomar um banho gelado.

Paloma

Hoje, acordei com um pressentimento bom, algo me dizia que as coisas estão mudando. Senti paz e tranquilidade, mas ao mesmo tempo estava ansiosa.

Depois da nossa noite romântica no deserto, Martim e eu estamos mais unidos do que nunca.

Obviamente que ainda não consigo esquecer a morte da minha filha, contudo, aos poucos estou seguindo em frente, tentando mais uma vez recomeçar.

— Já estamos chegando. — Fala Zoila animada com a minha visita à tribo.

Quando Zoila veio me buscar, não consegui conter a minha animação. Alguma coisa me dizia que precisava ir à tribo. É como se algo importante me esperasse lá.

— Estou tão animada. Nem acredito que Martim não reclamou por eu vir.

— Meu marido disse que ele está recebendo os

medicamentos do tal empresário. Como é o nome mesmo?

— Éric Forls. Ele doou uma grande quantidade de medicamentos para o hospital. Que vão ajudar muito, principalmente quando não estivermos mais aqui.

— Vou sentir sua falta, quando vocês forem embora.

— Só mais quatro meses e voltamos para Londres. Ao menos a malária foi erradicada da cidade. Muita coisa aconteceu, algumas boas, outras nem tanto...

— Não queria você triste. Vamos pensar nas crianças e nas pessoas que vamos ajudar.

— Você tem razão. Quero ver a felicidade das crianças quando virem que trouxemos brinquedos. — Digo empolgada.

O carro para na entrada da tribo. Podemos ouvir música, pelo visto está havendo alguma comemoração. Somos recebidas pelo líder da tribo, trajando uma roupa toda vermelha, o que indica algum tipo de ritual.

Fomos levadas, como da primeira vez, para uma grande tenda onde os atendimentos aconteceriam. Percebo uma grande fogueira no centro da aldeia, e mulheres cantando músicas em um idioma que não conheço. Acompanho Zoila até a tenda e ajudo com o que posso nos atendimentos. Entregamos os brinquedos para as crianças, mas algo me chama a atenção. Uma criança estava faltando, a menina que ajudei a dar a vacina, a filha do chefe da tribo.

Peço para Zoila perguntar pela menina às outras, mas ela

não ouve. Vou entregando o chocolate para as crianças e me divirto vendo as reações delas ao sentir o sabor. É tão incrível que algo simples assim as faça tão felizes. Uma parte minha queria gritar, exigir que as levassem à cidade, onde elas teriam o direito de ir à escola, mas eu sabia que é a cultura deles e que nada poderia ser feito.

A esposa do chefe da tribo aparece e fala algo para o marido. O estranho é que ela parece nervosa e discute sobre algo que não consigo escutar. Uma angústia toma conta de mim, não sei explicar. Saio da tenda precisando de ar, o sol está quente, apesar do vento forte.

Noto uma movimentação estranha à minha direita. Vejo a mulher do líder andando com mais três mulheres para o fundo da tribo. Meu coração acelera e sigo na direção das duas sem pensar duas vezes. Elas entram em outra tenda. Ouço o choro da criança lá dentro e entro rápido, ficando chocada. Vejo uma menina de aparentemente cinco anos deitada no chão com as pernas amarradas e sem calcinha, seu vestido foi erguido.

Dou um passo à frente e paraliso quando o rosto da menina fica visível para mim. Uma emoção gigantesca toma conta do meu corpo. Algo que nunca senti na vida, uma emoção inexplicável e única. Sinto como se ela fosse minha. Um pavor me acerta quando vejo a senhora que está olhando em minha direção e gesticulando algo.

— Não! Não! Você não vai fazer isso com ela! — Falo

apavorada e ao mesmo tempo furiosa. A menina ainda chora, sendo segurada pela mãe.

— Soltem ela! Vocês não vão mutilar ela! Larguem ela! —
Avanço em direção à senhora.

— É o costume. — Fala outra mulher em francês e posso compreender.

— Não! Isso é errado! Vocês não vão fazer isso com ela! Ela é pequena demais.

— Sahara está noiva. O ritual tem que ser feito! — Diz a mulher mais jovem, olhando para mim como se eu fosse retardada.

— Noiva?! Vocês estão loucos?! Ela é só uma criança, não pode estar noiva! Isso é errado e desumano!

— É comum na nossa cultura os pais negociarem o casamento. O noivo da menina é filho de um pastor de ovelhas. Com o casamento, o pai da menina vai receber mais doze ovelhas, um bom dote.

— Vocês venderam a criança por ovelhas?! — Grito horrorizada, olhando para a mãe da criança, que segura as pernas da menina, que se debate. — Não! Larguem ela!! — Avanço em direção à mulher que segura o que parece ser uma gilete.

— Se não fizer, a menina não vai casar! Uma menina que não faz a circuncisão não se casa. É um modo de preservar a virgindade, tornando uma menina em uma mulher "casável". — Fala a jovem me olhando calmamente, como se eles não estivessem prestes a mutilar uma criança de cinco anos.

A mãe da criança me olha com raiva e se aproxima de mim.

— Vá embora, mulher branca, não é da sua conta, estrangeira. Sahara aguentará firme, assim como as irmãs já aguentaram.

Empurro a mulher para o lado, avançando em direção à menina.

— Eu vou te ajudar. — Digo enquanto tento desamarrá-la. As mulheres se juntam tentando me impedir, mas tiro forças não sei de onde e puxo a menina para meus braços.

— Eu não vou deixar vocês fazerem isso!! — Grito fora de mim com o rosto cheio de lágrimas. Desesperada, a pequena se aninha em meus braços assustada.

— A filha é minha!! — A mãe grita.

— Por favor, senhora, largue a menina. Eu sei que é confuso o que estamos fazendo, mas é nossa cultura. É uma exigência para todas as meninas. Coloque a filha dela no chão ou ela pode perder um bom casamento, e os pais da criança precisam dessas ovelhas para sobreviver à seca que virá. — Diz a jovem.

— Não! Eu não vou deixar! — Digo em meio aos soluços. — Vocês não veem que estão destruindo a vida dela? Seu corpo nunca mais será o mesmo. Ela é tão pequena, tão frágil, como podem querer fazer isso com ela? — Digo em prantos.

— Sexo é pecado. Uma menina pura deve se guardar para o marido! Sentir prazer é um *haraam* em nossa religião. — A mãe de Sahara tenta me explicar.

As duas senhoras mais velhas se aproximam, tentando pegar a pequenina de mim, mas eu luto contra elas como uma leoa, querendo desesperadamente protegê-la.

— Não!! Eu não vou deixar vocês machucarem ela!

Na entrada da tenda, vejo Zoila e o líder da tribo. Ele olha para nós com raiva e dá um grito.

— Paloma, o que você está fazendo? Dá para ouvir seus gritos lá de fora!

— Zoila, elas vão machucar ela, eu não posso deixar. Eles vão mutilar a menina, eu preciso ajudá-la!

— É filha deles, Paloma, não podemos nos intrometer.

O chefe da tribo grita algo em minha direção, provavelmente na língua nativa. Eu tremo de medo. O seu olhar é de puro ódio para mim. A pequena treme em meus braços e soluça chorando.

— Ele está dizendo, Paloma, que não pode perder um grande acordo, por conta de uma inglesa metida! Eu sei que quer ajudar, mas ela é filha do líder da tribo, nós não podemos nos intrometer.

O homem avança em minha direção e puxa a pequena dos meus braços, eu sinto um vazio horrível imediatamente.

— Não! Não! Por favor, não façam isso!! — Suplico olhando para ele.

Ele diz algo à menina, que chora, e a mãe balança a cabeça confirmando.

— Paloma, vamos sair daqui. É melhor irmos embora.

— Não!! Por favor, não!! — Tento dar um passo à frente, mas a mãe me impede.

— Como você pode deixar fazerem isso com sua filha?! Que tipo de monstro você é?! — Falo olhando para a mulher com ódio.

— As ovelhas vão ajudar a manter a família. O meu bebê precisa do leite, e Sahara só vai se casar quando fizer doze anos. — Fala a mulher.

— As ovelhas não valem as lágrimas da sua filha! — Falo olhando para ele, que parece entender o que eu digo, pois ri.

— Paloma, não adianta dizermos nada. Vamos embora. — Diz Zoila segurando meu braço.

— Não!! Não é dinheiro que vocês querem!? Eu pago! Eu pago por ela!! — Grito olhando diretamente para ele. O homem me olha curioso, mas aí me dou conta de que não trouxe dinheiro comigo e o desespero volta. A mulher fala algo na língua deles ao marido e com um gesto ele a cala. E continua a me olhar bravo.

Zoila está paralisada com minha proposta.

— Eu não trouxe dinheiro comigo, mas eu tenho muito dinheiro na cidade, eu pago o que for para que não a machuque! Eu quero levá-la comigo!

— Paloma, não é certo fazer isso. Vamos embora, por favor.

O chefe da tribo diz algo para Zoila, que não entendo.

— Ele disse que, se não tem uma proposta melhor que as doze ovelhas, é melhor você sair da tenda antes que ele chame alguém para te tirar daqui.

— Eu... Eu... — Tento dizer algo para convencê-lo, mas o pânico é enorme. Então, me lembro do meu anel e da minha aliança e com muita dificuldade eu consigo tirar os dois.

— Eu tenho! Isso é um diamante verde e ouro. — Abro as mãos mostrando para ele os dois anéis. Zoila repete o que digo na língua dele. Os olhos do maldito chegam a brilhar. Ele caminha em minha direção, pega os anéis da minha mão e os analisa com cuidado. Meus olhos estão focados na pequena, que ainda chora, sendo segurada pelas mulheres. Seguro minha vontade de avançar em direção às desgraçadas que a seguram no chão. Olho para o chefe da tribo, que morde minha aliança, me causando náuseas. Então ele diz algo à esposa.

— Feito! Pode levar a menina! Ela é sua! — Diz a mãe da pequena com um sorriso que me causa nojo. Eu não espero mais nada, corro até a minha pequena, pegando-a nos braços.

— Calma, meu amor, já passou. Ninguém mais vai te machucar, eu prometo. — Digo em francês, sem saber se ela me entende. A pequena me abraça forte e eu sinto um amor tão grande que juro que poderia dar a minha vida para protegê-la. Olho para a mãe da mesma, que está ao lado do marido olhando o meu anel de diamante encantada; nem liga que a filha está sendo trocada pelas joias.

Com Sahara no colo, eu saio da tenda sem olhar para trás.

— Vamos embora daqui, Zoila, rápido. Antes que ele mude de ideia. — Falo indo em direção ao jipe.

— Paloma, o que fez? Você acabou de comprar uma criança! O que seu marido vai achar disso? Você não deveria ter feito isso! Meu Deus, você está muito abalada ainda pela perda da sua filha e agiu por impulso!

— Eu nunca tive tanta certeza na minha vida! Não deixaria que eles a machucassem de forma alguma.

— O que vai fazer com a menina? Vai deixá-la no orfanato?

— Não!! — O grito sai como um reflexo. — Ela é minha! Ela é minha filha... E ninguém vai tirar ela de mim!!



CAPÍTULO 24



NÓS TRÊS E A FELICIDADE...

“A verdadeira família é aquela unida pelo espírito, e não pelo sangue.”

Martim

Todo o pessoal do hospital já havia chegado, mas Paloma e Zoila ainda não, o que achei estranho. O combinado era Zoila trazer Paloma para o hospital e voltaríamos daqui para casa.

— Sury, você sabe por que Zoila e Paloma não vieram com vocês? — Pergunto a uma das enfermeiras que haviam ido ao deserto hoje.

— Eu não sei, doutor. Elas saíram antes de nós. As duas vieram de carro na frente.

Minha preocupação aumenta quando ela diz isso. Será que Paloma teve uma crise ou se sentiu mal? Eu não deveria tê-la deixado ir para o deserto sem mim.

— Obrigado, Sury. Eu já estou indo, se precisarem de mim, podem ligar no telefone de casa.

Pego minha pasta e caminho até o estacionamento nervoso.

Já passa das seis, ou seja, Paloma já deveria ter chegado.

Dirijo angustiado, ansioso para vê-la. O caminho nunca pareceu tão longo.

Estaciono o carro na entrada e vejo as luzes acesas, sinal de que ela deve estar em casa. Abro a porta e sou surpreendido pelo

um som gostoso da risada de Paloma, vindo do segundo andar. Subo os degraus rapidamente e abro a porta do nosso quarto. Ouço a voz de Paloma dizendo algo dentro do banheiro. Abro a porta e vejo Paloma de pé em frente ao espelho, com uma menina sentada numa cadeira alta, tendo os cabelos penteados.

— Oi? — Falo meio confuso, chamando a atenção das duas.

— Oi, amor, que bom chegou. — Fala Paloma olhando para mim com um sorriso enorme no rosto. A pequena parece com medo de mim e abraça o braço de Paloma escondendo o rosto.

— Ei, meu amorzinho, não precisa ficar com medo. Ele não vai te machucar, Sarah. Martim é meu marido e agora será seu pai. — Fala com uma naturalidade que até me espanta. Olho para o seu rosto, tentando entender o que ela está dizendo. Pai?! Ela disse que eu seria pai da menina.

A pequena levanta o rosto ainda receosa, e só então olha para mim. Seu rosto está abatido, ela está bem magrinha, provavelmente com um leve grau de anemia. Mas não é isso que me surpreende, e sim seus olhos escuros e a sensação que senti ao olhar para seu rosto. É como se a conhecesse há muito tempo. Uma vontade esmagadora de protegê-la, de cuidar dela, me invade.

— Oi, Sarah. Eu sou Martim. — Falo dando um passo em direção às duas.

— Viu? Não disse? Ele só é grandão e tem cara de mau, mas ele vai amar você, tanto quanto eu. — Fala Paloma olhando

para a menina, que arrisca dar um sorriso.

— Paloma, quem é ela e por que disse que ela será minha filha? — Pergunto de uma vez, confuso e estranhando sua atitude.

— Eu vou colocar ela para dormir e nós podemos conversar lá na sala. Pode ser? — Diz olhando para mim e com o olhar me pede calma, mas nesse momento estou é nervoso.

— Tudo bem, eu vou esperar você lá na sala.

— Ok. Daqui a pouco eu desço e prometo que te explico tudo.

Desço as escadas, indo direto para a cozinha beber um copo de água e tentar entender o que está acontecendo. Só agora que reparo as várias sacolas espalhadas pela sala.

— O que diabos você está aprontando?

Não demora muito para Paloma descer as escadas, mas o que logo me chama a atenção é sua mão esquerda, onde deveriam estar sua aliança e anel de noivado, mas há apenas uma sombra onde os anéis estiveram.

— Cadê sua aliança?! — Falo puto da vida.

— Eu... É melhor nós termos essa conversa lá na cozinha. Vou preparar uma xícara de chá para nós dois.

— Paloma, eu não quero chá! Eu quero que me explique de quem é essa criança e por que disse que ela seria minha filha? E, onde diabos foi parar sua aliança e anel de noivado?

— Se você não quer o chá, eu quero. Tive um dia terrível e estou cansada. — Fala indo até a cozinha e me deixando sem

respostas.

Caminho, bufando, atrás dela, já sem paciência; me sento à mesa e sigo todos seus passos com os olhos, esperando ela fazer o bendito chá.

— Vamos, Paloma, estou esperando!

— Como você sabia, eu ia com Zoila à tribo. Acontece que, quando estava lá, notei o comportamento estranho daquela mulher, a esposa do líder da tribo.

— O que isso tem a ver com a criança e a falta dos seus anéis!?

— Eu a segui. — Fala olhando para a janela, onde podemos ver o sol se pondo, dando início à noite.

— Eu a vi entrando em uma tenda. Algo me dizia que eu precisava ir até lá. Então eu o fiz. Entrei e dei de cara com Sarah, com as pernas amarradas e sem a calcinha. Uma idosa segurava uma gilete. Elas... Elas... — Tenta dizer, mas sua voz embarga.

— Algumas das mulheres falavam francês, então pude entender que Sarah fora prometida em casamento e que precisava ser circuncidada. Eu entrei em pânico. Eu não poderia deixar que mutilassem a pobre menina. Precisava ver, Martim, o lugar não tinha nenhuma higiene, provavelmente, ela pegaria uma infecção. Dificilmente sobreviveria a um ato tão brutal. E se sobrevivesse, carregaria sequelas por toda a vida.

— Você não podia ter se metido! E se eles fizessem algo contra você? Eu não estava lá para te proteger! — Falo já nervoso.

— Eu lutei contra a mãe da menina e consegui pegar Sarah no colo. Eu juro, Martim, quando a tive nos meus braços, eu senti um amor inigualável. Ali eu soube que ela era minha, que a protegeria do que fosse.

— Ela não é nossa filha, Paloma! Sarah não pode ocupar o espaço da filha que perdemos; isso é errado, tanto com você, como com ela.

— Eu sei que ela não é, eu sei! Mas eu a amo, eu a quero mais que tudo, quero protegê-la. Quero que ela tenha uma vida feliz.

— Como conseguiu trazer a menina para cá? — Pergunto estranhando o fato de ela ser a filha do líder da tribo e Paloma tê-la trazido.

— O líder da tribo entrou na tenda e tirou Sarah dos meus braços, disse que não perderia as ovelhas que havia negociado pelo casamento da menina. Martim, eles casariam ela com doze anos! Que tipo de monstros fazem isso?! — Questiona já com lágrimas nos olhos. — Eu implorei para que eles não a machucassem, mas os pais estavam decididos na tradição nojenta deles. Uma mulher sem ser circuncidada não pode se casar, é impura e indigna de uma família.

— Eu sabia que esses povos têm costumes muito antigos, e muitas vezes cruéis, mas não estamos aqui para mudar isso, Paloma. São anos e anos de crenças.

— Eu sei, mas eu não consegui ficar parada os vendo

machucarem ela. Então, eu ofereci a ele meu anel de casamento e a aliança em troca de Sarah. Eu a comprei dos pais por um preço maior do que as malditas doze ovelhas.

— Você fez o quê? — Pergunto chocado, ainda sem acreditar no que ouvi.

— Eu fiz isso para salvá-la. Não pode me julgar! Agora ela é minha e eu vou cuidar e proteger ela.

— Você comprou uma criança! Paloma, você tem noção do que fez? Isso é crime! — Digo admirado com seu gesto. — E a mãe dessa menina, Paloma? E se ela vir atrás dela?

— Ela não se importa com a Sarah! Não ligou de ver a pobrezinha chorando desesperada e com medo. E ficou feliz com o anel! Ela que compre mil ovelhas!

Sento na cadeira totalmente chocado com o que ela fez, minha mente dá voltas.

— Você não vai mandar ela embora? — questiona ela com medo.

— Tenho medo que você esteja querendo substituir nossa filha, com essa criança.

— Não é verdade, você não entende, Martim, quando eu a vi senti algo único, algo mágico, sabia que ela seria minha. Nunca senti nada parecido com qualquer outra criança.

— Ela parece ser uma garotinha especial. — Falo puxando Paloma para os meus braços ainda assustado com o risco que ela correu.

— Então ela fica, amor — diz ela manhosa beijando meu pescoço,

Não espero ela dizer mais nada. Puxo seu rosto pra mim e a beijo.

— Ela é nossa! Eu prometo que ninguém vai tirar ela da gente! — Digo enquanto beijo seu pescoço. Orgulhoso demais da minha loirinha.

— Martim, Sarah está lá em cima. — Fala gemendo, mas grudando seu corpo ao meu.

— Você me deixa louco! Cada dia que passa eu me apaixono mais e mais por você. — Digo descendo as alças da sua blusa. — Você nem se dá conta do quanto foi perigoso o que fez. Eu não sei o que seria de mim se algo tivesse acontecido com você! — Falo enquanto me abaixo, ficando de joelhos em sua frente e abrindo os botões da sua saia. Me desfaço dela e da sua calcinha rosa.

— Me diz o que você quer amor, fala para mim o que você precisa! — Digo olhando em seus olhos.

— Preciso de você, Martim, eu quero que me chupe, me faça sua.

— Você já é minha! Só minha. — Falo pegando-a no colo.

— Você sabe que está merecendo umas palmadas por ter se arriscado desse jeito? — Falo rouco sentando na cadeira da cozinha com ela no meu colo.

— Martim, a Sarah... — Tenta dizer, mas rebola se esfregando no meu pau duro.

— Eu vou te punir e você vai ter que ficar calada para não acordar nossa filha, está ouvindo? Vejo um brilho nos olhos dela quando chamo Sarah de nossa.

Paloma geme e eu a puxo para os meus lábios, devorando sua boca com gosto, mordendo seu lábio.

Empurro-a até a mesa, curvando seu corpo na mesma, fazendo com que sua bunda gostosa fique virada para mim. Não resisto e começo a passar a mão pelas suas pernas. — Sabe por que vai apanhar, gostosa?

— Não! Eu não fiz nada de errado! — Diz teimosa, me enfrentando sem deixar de esfregar sua bunda no meu pau.

— Você se colocou em risco! Poderia ter perdido a vida pelo que fez. Mas, vou ser leve, só porque amei seu gesto e estou feliz por ter salvado nossa filha. — Falo passando a mão pela sua bunda branquinha sem nenhuma marca.

Paloma geme rebolando para mim. Eu posso sentir o seu cheiro, sentir o quanto ela está excitada.

— Está molhadinha, cachorra? — Falo dando o primeiro tapa e a sinto tremer para mim. Não paro, aí estapeio aquela bunda gostosa, a deixando toda rosada. Paloma geme excitada. Eu sei que ela gosta assim, duro e bruto.

— Você gozou, safada? — Pergunto vendo suas pernas molhadas de prazer.

— Sim... — Geme, reclamando de dor.

Viro ela e começo a beijá-la com força saboreando cada pedacinho

da sua boca gostosa. Abro bem suas pernas colocando as duas em cima de duas cadeiras deixando sua boceta arreganhada para mim. Olho para sua bocetinha molhada e não resisto. Caio de boca sedento, faminto, desesperado por ela. Eu coloco a língua o mais fundo que posso e, eu consigo ver ela se contorcendo toda, já deitada na mesa, tentando não gritar. Mordo e chupo seu clitóris, a sentindo estremecer e gozar para mim.

— Martin... — Geme tentando se segurar.

Me afasto contemplando seu corpo suado, sua cara de prazer. Me livro das minhas roupas rápido.

Toco meu pau, enquanto, olho para ela com desejo. — Está pronta para mim, safada?

— Sim, amor! Quero seu pau em mim, amor! Agora! Preciso de você! — Diz sedenta. Arreganho ela e começo a colocar meu pau dentro da sua boceta gostosa. Entro rasgando e ela dá um suspiro trêmulo. Dou uma estocada forte, tirando e colocando todo meu comprimento dentro dela. Sinto suas unhas nas minhas costas. A mesa balança com o impacto dos nossos corpos. Começo a acelerar as estocadas e ela começa a gemer muito.

— Calada! Não quer que acordemos Sarah! — Falo me lembrando da pequena que dormia lá em cima.

Paloma fecha os olhos, mordendo os lábios para não gritar, quando o orgasmo forte a atinge. Beijo sua boca com gosto.

— Eu amo você, Paloma Lancaster! Tudo em você! Até quando age feito louca! — Falo chupando seu pescoço e descendo

para seus seios.

— Ahhhh, doutor não para! Eu quero mais! — Diz em meio aos delírios.

O nosso tesão subia cada vez mais. Ela força a bocetinha para frente no momento que eu a tocava. Entre nós dois, é sempre assim, intenso, arrebatador. Nunca cheguei a sentir essa paixão, esse desespero por outra mulher. Paloma era minha, estava destinada a pertencer a mim.

— Eu amo você! Doutor, não para! Eu estou quase gozando. — Fala tremendo no meu pau. Toco seu clitóris escorregadio, esfregando com força, fazendo ela gemer em meus braços, gozando rapidamente e me levando junto com ela.

Gozo forte, a enchendo com meu gozo. Paloma fecha os olhos cansada, deitada na mesa. Olho para ela fascinado. — Como é possível eu te amar, mais e mais a cada dia? — Pergunto olhando-a.

— Da mesma forma que eu te amo um pouco mais a cada amanhecer. — Fala com um sorriso satisfeito no rosto. — Martim, você gostou dela mesmo? — Pergunta sentando-se à mesa pensativa.

— Eu me encantei pela pequena assim que vi seu cuidado com ela.

— Então, a aceita como nossa?

— Eu me preocupei com o fato de ser muito recente a perda do nosso bebê, mas bastou você contar a história da pequena, para

um instinto protetor tomar conta de mim. Nós vamos cuidar dela. Sarah é nossa, amor! Ninguém vai tirá-la da gente. Vai ser complicado, mas vamos precisar legalizar a adoção dela.

— Obrigada, amor! Obrigada! — Diz pulando em meu colo e me beijando loucamente.

— Precisamos de um banho. — Falo mordendo seu pescoço.

— Hum, acho uma boa ideia, ainda não me sinto totalmente satisfeita doutor. — Fala mordendo meu queixo de maneira provocante.

Dário

O dia amanhece e me levanto envergonhado com o que houve. Faço um café forte para curar a ressaca e fico lendo o jornal. Maju não dormiu em casa, provavelmente passou a noite no apartamento do namorado. Não demora muito para que Kadish desça as escadas; continuo concentrado no jornal, fingindo não vê-la.

Até que ela para em frente à mesa e chama a minha atenção.

— Bom dia, Dário. — Diz me olhando envergonhadamente.

— Bom dia, Kadish, como está se sentindo?

— Minha cabeça está doendo, mas a pior dor é a da vergonha. Me desculpe por ontem. Eu já fiz minhas malas, decidi ficar em um hotel. Depois do que fiz, não acho certo eu ficar aqui

— Fala sem me olhar nos olhos.

Olho para ela confuso, assustado. *Será que ela lembra de tudo que aconteceu ontem?* Questiono-me mentalmente.

— Você se lembra de tudo? Por que quer ir para um hotel?

— Lembro que me ofereci pra você, que o beijei. Também me lembro da briga com o outro cara na boate. Eu nem sei o que deu em mim, juro que nunca agi assim.

— Não tem nada de mais, Kadish. É normal beber um pouco mais e extravasar.

— Nenhum homem nunca me defendeu como você. Obrigada, Dário. Você me trouxe para casa sã e salva. Desculpe por tê-lo beijado. — Ela diz olhando para mãos.

— Kadish, não se sinta culpada, isso não é motivo para querer ir embora. Eu também te beijei. Na verdade, eu gostei. Queria ter feito isso há muito tempo.

— Você está... Está dizendo que queria me beijar? — Fala com a voz trêmula.

Me levanto da cadeira, ficando com o corpo bem próximo ao dela, até que ela olhe em meus olhos; quero que ela veja a verdade em mim.

— Sim, Kadish, eu queria te beijar! Queria fazer amor com você! Estou louco por você, desde o dia em que te vi naquele aeroporto.

— Dário, isso é errado. Eu sou uma hóspede aqui. — Percebo que a deixei nervosa.

Toco seu rosto sem conseguir me conter, desesperado para sentir sua pele sob meus dedos. Kadish fecha os olhos parecendo apreciar meu toque, então eu não resisto e a beijo.

O beijo começa delicado, é como se estivéssemos conhecendo um ao outro. Ela geme baixinho, ao sentir minha língua na sua. Kadish passa seus braços pelo meu pescoço e naquele momento eu sinto que ela me quer. Aprofundo nosso beijo, chupando seus lábios, os mordendo de maneira erótica, sendo recompensado com um gemido seu. Só paramos de nos beijar quando o ar nos faltou.

— Deus, você é incrível! Kadish, diz para mim que quer tentar, que gostou do nosso beijo. Por favor, nos dê essa chance. — Falo desesperado, com medo de ser rejeitado por ela.

— Eu não posso, não posso. — Ela entra em pânico e parece querer chorar.

— Ei, calma, Kadish. Eu não sou ele. Olha para mim — falo firme erguendo seu rosto para mim. — Eu nunca vou te machucar. Quero cuidar de você, te venerar como você merece. Diz para mim o que sentiu quando te beijei? Fala para mim o que sente quando te toco? — Pergunto olhando em seus olhos.

— Eu gostei, Dário. Nunca me senti assim, mas estou confusa. Não quero que confunda as coisas, eu não sou uma mulher fácil, e ainda estou de favor na sua casa.

— Eu não estou confuso, Kadish, eu quero você, simples assim. Pode ser cedo, mas eu posso dizer com clareza que te quero

para mim. Eu sei que você tem muita coisa na cabeça, mas se sente o mesmo que eu, aceite me conhecer melhor e, então, nós vemos no que essa atração vai dar.

— Eu, não sei o que dizer, eu não... Quer dizer... Eu estou confusa. Você é um cara tão legal, bonito, médico, bem de vida, e eu, sou apenas uma mulher quebrada, sem nada e sozinha, cheia de traumas. — Ela abaixa a cabeça envergonhada e uma lágrima escorre por seu rosto.

— Ei, não diga isso! — Digo erguendo sua cabeça suavemente. — Você é maravilhosa, Kadish! Há muito tempo que não sinto o que estou sentindo agora. Você é linda, doce, dedicada, carinhosa, é tudo que um homem pode querer. Eu só quero uma chance para a gente se conhecer e entender o que estamos sentindo. Eu sei que você também me deseja, eu posso ver em seus olhos. Deixa-me te mostrar que pode ser bom.

— Eu quero recomeçar, eu quero sentir isso que senti quando me beijou, mas tenho medo de te decepcionar. — Diz receosa.

— Isso nunca, nós vamos com calma. Eu vou esperar o tempo que você precisar. Vem, senta aqui comigo para tomar seu café, depois, vou levá-la para passear no Hyde Park. — Falo animado em sair com ela em um encontro.



Chegando ao Hyde Park, ficamos admirando as flores e

observando alguns casais brincando com crianças; Kadish olha tudo com encantamento.

— Esse lugar é lindo. — Ela sorri feliz, segurando Luxi, minha cadelinha, que se deu muito bem com ela.

— Realmente, esse parque é incrível, adoro correr aqui de manhã. — Falo me sentando num banco de pedra.

— Lá em Mali, nós temos a natureza tão presente. Aqui, é tudo tão cinza, cheio de prédios, que me sinto até amedrontada.

— Não se preocupe, você vai se acostumar com Londres, geralmente, é muito fria, mas existe beleza até mesmo no inverno. — Falo tirando o cabelo do seu rosto.

De mãos dadas, seguimos passeando pelo parque ensolarado. Fui mostrando os lugares de que mais gosto até chegarmos em casa.

Assim que entramos, somos abordados por uma Marjorie brava.

— Posso saber onde os dois estavam que não atenderam os celulares? Eu quase fiquei louca sem saber! — Fala olhando para mim com raiva, mas então seus olhos focam em minhas mãos e de Kadish juntas.

— Ah, meu Deus! Não acredito! Vocês... Vocês estão juntos! — fala animada.

— Sim! Eu e Kadish estamos juntos, estamos nos conhecendo melhor. — Falo olhando para Kadish do meu lado.

— Eu sabia! Sabia que você estava caidinho por ela! Ah, eu

vou amar ter você como minha cunhada! — Fala abraçando Kadish, que fica imediatamente envergonhada.

Daloma

É tão inacreditável pensar que eu tenho uma família agora, que estou vivendo tão feliz. Os dias têm passado rapidamente, e cada um tem sido melhor que o anterior. Sarah tem se adaptando bem à nossa rotina. Martim pintou o quarto de lilás para ela, e me ajudou a escolher os móveis e vários brinquedos. Sarah já conquistou seu amor. Pela primeira vez na vida, me sinto realizada.

Fazemos as refeições em família. Luzia também se apaixonou pela minha pequena. Eu a amo tanto, que daria a minha vida para que nunca mais ela passasse pelo que passou.

Mas há ainda uma coisa que me preocupa. Martim disse que precisávamos adotar Sarah legalmente, e o processo está demorando mais do que imaginei. O prazo dele em Mali está acabando, logo iremos embora e temos que levá-la conosco.

— Madre? — Chamo assim que abro a porta da sua sala.

— Pode entrar, senhora Lancaster.

— Obrigada, madre, eu vim falar com a senhora sobre Sarah, queria saber como ela está se adaptando na escola.

— Sente-se, querida. — Diz ela apontando para a cadeira em frente à sua mesa.

Me sinto nervosa com seu olhar sempre severo.

— A pequena Sarah está indo muito bem, não precisa se preocupar. Muitas crianças da idade dela ainda não frequentam a escola, então ela não está muito deslocada. Sarah é muito dócil e curiosa, já fez amizade com as outras crianças e está se saindo bem.

Um peso enorme sai das minhas costas quando ela diz isso.

— Obrigada, madre, eu estava muito preocupada com ela.

— Não tem por que, sua filha está se saindo bem.

— E as aulas de inglês? — Quero que Sarah saiba pelo menos o básico até nos mudarmos de volta para a Inglaterra. Graças aos Céus que ela sabe um pouco de francês, que é como temos nos comunicado. Mas ela aprende rápido, vejo que se esforça.

— Estão indo bem também. A pequena aprende com facilidade, é muito dedicada.

— A senhora não sabe como é bom ouvir isso. Em breve, iremos embora, e tenho medo dela não se adaptar bem em Londres. Aqui na cidade, já é tudo novidade. Em Londres, será pior.

— Vocês vão se sair bem.

—Tomara, madre. — Digo esperançosa.

— Ah, senhora Lancaster, tem notícias de Kadish? Sinto muito a falta dela.

— Falei com ela essa manhã, ela está ótima. Já começou a fotografar para algumas marcas. Pelo que me contou, já tirou a carteira de habilitação, e está empolgada com a vida nova. Está até namorando. Pela primeira vez na vida, minha amiga está sendo

realmente feliz.

— Eu nunca poderei agradecer o bastante pelo que fez a essa jovem. Há anos eu via a pobre sofrer calada nas mãos daquele monstro. Agora, ela pode ser feliz.

— Sim, e eu também estou morrendo de saudade dela. Por um lado, quero ir embora rever minha família e Kadish, por outro, sei que vou morrer de saudade do orfanato, das crianças e de todos vocês.

Após conversarmos por mais um tempo, me despeço da madre e caminho até o pátio onde as crianças estão brincando. De longe, já posso ver minha pequena. Um sorriso enorme preenche meu rosto. É sempre assim quando a vejo, é algo mágico e único. Sarah aponta para uma das crianças e sorri correndo até mim.

— Oi, mamãe, estava com saudade de você. — Fala meu anjinho.

— Mas eu só fui dar uma aula rapidinho. — Falo beijando seu rosto. Logo, as outras crianças vêm correndo me abraçar. Eu entro na brincadeira junto com eles.

Uma das meninas maiores chega com uma corda e pede que eu as ajude a pular. As crianças fizeram fila para pular. Foi divertido brincar com eles. Era tão bom ver Sarah sorrindo, feliz com as amiguinhas.

Quando já era fim de tarde, ajudo as crianças a guardarem os brinquedos e nos despedimos, indo embora. No caminho até o

carro Sarah fala:

— Estou com saudades do papai.

— Que tal a gente fazer uma surpresa para ele no trabalho?

— Vamos, mamãe, vamos! — Diz empolgada e eu ligo o carro, após me certificar que ela está bem presa na cadeirinha.

Estaciono na entrada do hospital, ajudo Sarah a descer, e então entramos.

— Jaci, meu marido está atendendo? — Pergunto à recepcionista.

— Não, senhora, o doutor está em sua sala.

— Você poderia dar uma olhadinha em Sarah para eu falar com ele só um pouquinho?

— Claro, senhora. Sarah, tem papel e giz aqui, você pode fazer um desenho bem bonito para o seu pai, o que acha?

Deixo Sarah com ela e vou direto para a sala de Martim, mas antes que eu entre, ouço a voz da vadia saindo de lá.

— Eu estou apaixonada por você, Martim! É tão difícil me notar? Eu não posso simplesmente deixar você ficar com aquela mulherzinha, ela não merece um homem como você!

— Você está louca! Sai da minha sala, caralho! Eu sou casado e amo minha mulher!

— Não me importo, tudo que quero é uma noite com você. Eu sei que posso te satisfazer melhor do que a tábua da sua mulher!

Escolho esse momento para abrir a porta com tudo, assustando os dois. Martim fica mais branco que um fantasma, mas

nem me importo com ele. Meu foco é uma barata, que vou exterminar.

— Eu achei que tinha deixado claro que queria você longe do meu marido, sua puta oferecida! Mas, você tinha que teimar, não é? Queria me afrontar, sua cadela? — Falo com um sorriso macabro no rosto.

— Ele não te ama, sua idiota! Ele me deseja! Só está com você por pena! — Fala me fazendo tremer.

— A vadia quer morrer, só pode! — Digo rindo.

Martim não diz uma palavra, acho que está é assustado.

— Eu vou te ensinar, sua barata descascada, a nunca mais tocar no que é meu! — Falo puxando-a pelos apliques baratos. Acerto um tapa forte em seu rosto, a fazendo cambalear, mas não paro aí. Puxo seu cabelo e bato sua cabeça na parede.

— Me solta, sua patricinha nojenta!

— Sim, querida, eu sou a porra de uma patricinha, mas uma coisa que eu sei fazer é matar barata! — Falo arranhando seu rosto, a fazendo gritar alto.

— Paloma, solta ela! — Diz Martim, que ainda tem coragem de defender a vaca holandesa.

— Cala a boca, Martim! — Grito furiosa, me distraíndo, e sinto meu cabelo ser puxado. Acerto meu joelho na sua barriga e ela se desequilibra e cai no chão. Eu aproveito e subo sobre ela, bato na sua cara com toda a minha raiva.

— Nunca mais você vai se oferecer para o meu marido, sua

cadela miserável!

— Me solta! Eu já entendi!

— Entendeu nada, vadia! — Digo acertando outro tapa. Minha fúria era tão grande que seria capaz de matá-la se Martim não tivesse me puxado com tudo de cima dela.

— Me solta, desgraçado, eu vou matá-la! — Tento me soltar, mas Martim me segura forte.

— Hellen, pode arrumar suas coisas. Não há mais espaço para você aqui, neste hospital. — Sorrio vitoriosa, vendo a barata morta se levantar do chão com o rosto todo machucado.

— Você se machucou, amor? — Pergunta preocupado, olhando para o meu corpo.

— “Amor” uma porra!! Como você deixou essa vadia se oferecer para você dessa forma? — Falo com raiva. Martim me olha incrédulo e assustado.

— Paloma, você não está pensando que eu dei asa para essa mulher!? Você viu que eu não gostei da forma como ela estava se portando!

— Eu vi, mas isso não impede que eu fique puta da vida com você sozinho com ela, na sua sala. — Falo cruzando os braços sobre o peito.

— Amor, aquela louca veio me entregar um prontuário e começou a se insinuar para mim — fala puxando meu corpo para o seu. — Eu só tenho olhos para você, loirinha ciumenta. Acha que vou olhar para outra mulher, tendo tudo isso em casa? — Diz

beijando meu pescoço, depois dando um tapa na minha bunda.

— Ah, doutor, vou te mostrar assim que chegarmos em casa, a ciumenta. — Eu falo beijando-o apaixonada.

— Eu te amo, Paloma Cartier Lancaster. Ninguém nunca vai ficar entre nós dois.

— Promete? — Falo emocionada.

— Prometo!

— Então, você me perdoa por tudo que já aconteceu?

— Eu já te perdoei há muito tempo, linda, mas fui orgulhoso demais para admitir em voz alta. Eu não posso viver sem você, e já não me importo com o que aconteceu no passado.



CAPÍTULO 25



DE VOLTA À CABANA

*“Por você, eu
fui capaz de fingir estar feliz mesmo estando triste
Por você, eu
fui capaz de fingir ser forte mesmo estando machucada
Eu queria que o amor fosse perfeito por si só
Queria que todas minhas fraquezas pudessem ser escondidas!”*

Paloma

Acordei sentindo a cama fria; abro os olhos e vejo que Martim não está deitado, e ouço o barulho do chuveiro. No relógio da cabeceira noto que ainda é cedo, seis da manhã. Decido me levantar, já que não dormiria novamente sem Martim na cama.

Olho para a porta do banheiro semiaberta e um sorriso toma conta do meu rosto só de imaginar Martim nu debaixo da água. Tiro a camisola e minha calcinha jogando tudo na poltrona do quarto. Caminho sem fazer barulho até o banheiro e vejo ele de costas para mim, com os olhos fechados, esfregando os cabelos. Me aproximo entrando no box e o abraço por trás.

— Não resisti e vim fazer companhia a você. — Digo rouca.

— Hum, acho que podemos fazer uma coisa melhor do que tomar banho. — Diz me beijando apaixonadamente.

— Eu já disse que você me faz muito feliz? — Digo, beijando seu pescoço, sentindo sua barba me arranhando.

— Eu também sou muito feliz ao seu lado. Perdi muito tempo sofrendo longe de você, sendo teimoso, quando tudo que eu mais queria era estar assim: com você nos meus braços. — Diz me pegando no colo, e eu cruzo minhas pernas ao seu redor, sentindo seu pau duro.

— Não diga mais nada, vamos esquecer tudo que passou e ser felizes. — Falo olhando em seus olhos profundos. Martim me prende contra a parede do box e me beija de uma forma faminta, sinto seu pau duro tocando minha barriga e tremo.

Viro-me de costas para ele, arrebitando minha bunda e Martim não se faz de rogado, enfia aquele pau enorme e delicioso dentro de mim, me fazendo gemer alto. Deus, era perfeito! Nós dois juntos é indescritível.

Suas mãos vão direto para meu pescoço apertando de maneira selvagem, enquanto estoca forte dentro de mim, meus cabelos esparramados pelo meu rosto. Tudo que sabia fazer era gemer pedindo mais e mais do seu toque.

— Tá gostando, ninfeta safada? É assim que você gosta? — Fala me provocando.

— Não para, amor.

Martim começa a estapear minha bunda com gosto, me fazendo gozar gostoso.

— Você está sugando meu pau, safada. — Fala me virando

para ele.

Ajoelhando-se no chão, Martim coloca minha perna esquerda em seu ombro, e cai de boca devorando minha boceta. Ele passa sua língua gostosa por toda minha intimidade e eu me arreganho mais.

— Eu amo seu gosto, é como a fruta mais gostosa que já provei na vida. Eu me sinto um viciado. — Diz e morde forte meu clitóris, me fazendo delirar, gozando em sua boca. E Martim não para, endurece sua língua me fodendo com ela enquanto seu polegar esfrega meu clitóris com força; puxo seu cabelo gritando por ele. Desabaria no chão, não fossem suas mãos firmes me segurando.

— Ainda não acabou, cachorra, eu não estou satisfeito de você! — fala me erguendo em seu colo e me beijando, fazendo com que eu sinta meu próprio gosto. Martim sem demora me invade com seu pau, dando arremetidas lentas e profundas com toda a destreza, e aumentando a velocidade dos golpes aos poucos.

Eu gemia igual uma louca enquanto ele socava com tanta vontade. Martim puxava meus cabelos, o que me fazia enlouquecer de tesão.

— Eu vou gozar, amor! — Falo já sentindo meu terceiro orgasmo chegando.

— Vem comigo, safada, goza no meu pau. — Fala com os dentes cerrados.

Assim, nós dois chegamos ao ápice, perdidos em uma

névoa de luxúria e amor. Martim e eu terminamos nosso banho em meio a carícias e sorrisos de prazer.

Voltamos para o quarto, os dois enrolados em roupões, e de repente a porta abre com tudo e uma pequena cabeleira negra se acabando de chorar entra no nosso quarto.

— Mamãe, mamãe, eu tive aquele sonho ruim de novo! — fala Sarah com os olhos vermelhos de tanto chorar, vindo até mim e partindo meu coração.

Corro em sua direção e a pego no colo.

— A mamãe está aqui, princesa, eu já disse que ninguém vai te machucar.

Ela ainda tem pesadelos com as lembranças do dia em que eu a trouxe para casa.

— Mas e se o meu papai mau me encontrar? — Pergunta com os olhos amedrontados.

— Eu já prometi que nunca deixarei ninguém te machucar, princesa — fala Martim se aproximando de nós duas, beijando o rosto dela, que se joga nos braços dele.

— Promete que nunca vão me devolver para o papai mau? — Diz meu pequeno anjo com uma maturidade surpreendente.

— Eu já disse que você é minha princesinha. Acha mesmo que posso viver sem você? Nada disso, quem vai me esperar na janela da sala depois que eu sair do hospital?

— A mamãe? — Pergunta olhando para mim.

— Mas eu não quero a mamãe, ela não sabe brincar de

pega-pega com o papai, só a minha princesa. — Martim fala arrancando um sorriso do seu rosto, fazendo com que toda a tensão de antes se esvaia.

— Que tal você ir tomar um banho gostoso com a mamãe e se trocar para ir à escola, enquanto o papai vai preparar aquelas panquecas do jeito que você gosta? — Diz meu marido fazendo com que eu o ame mais um pouco nesse momento.

— Ê!! Panquecas, mamãe, que delícia! — Diz animada pulando do colo do pai e indo em direção ao seu quarto, nem lembrando mais do choro.

— Eu vou lá cuidar dela, já desço para tomarmos café juntos. — Digo beijando seu rosto, indo em direção ao quarto de Sarah.

Ajudei minha pequena no banho e ajeitei seus lindos cabelos cacheados. Quando ela está pronta, já com a roupa da escola, vejo o quanto está linda e sorrio orgulhosa.

— Bem, agora vamos para o quarto da mamãe, que eu vou me arrumar e então descemos para tomar café.

Descemos as escadas juntas, sorrindo e encontramos Martim enchendo uma bandeja com panquecas.

— Vamos tomar nosso café, tem uma ferinha faminta aqui. — Falo chegando à cozinha e olhando para Sarah, que não tira os olhos da mesa onde Martim já colocou nosso café da manhã.

— Vem, princesa, papai fez as suas panquecas. — Fala ele levando-nos à varanda.

Tomamos café num clima gostoso e familiar. Depois, Martim foi para o hospital. Eu esperei Melissa, amiga de sala de Sarah e filha da minha vizinha, chegar, pois daria uma carona para ela hoje e na volta, Sarah iria voltar com ela.



Passei a manhã no orfanato ajudando as freiras com os preparativos para a festa de nossa senhora de Fátima, que aconteceria na próxima segunda. Deixei Sarah na aula de inglês, e lembrei que fiquei de ligar para Kadish, hoje seria sua primeira campanha. Eu sabia que minha amiga estava nervosa, queria poder estar lá para ajudá-la nesse início.

Estaciono o carro na entrada de casa, descendo pensativa. O dia de nossa partida de Mali está chegando e até agora a documentação que aprova a nossa adoção de Sarah ainda não saiu.

Entro em casa e vou indo até a cozinha, onde Luzia está lavando louça.

— Oi, Luzia.

— Dona Paloma, que bom que a senhora chegou, preciso pedir um favor.

— Claro, Luzia. O que precisa?

— Hoje é a reunião na escola do meu neto e eu queria saber se poderia dar uma saidinha rápida, eu volto assim que acabar. Já deixei até o almoço pronto.

— Mas é claro, fica tranquila. Pode ir sossegada.

— Obrigada, senhora. — Diz com um sorriso gentil.

Eu me despeço dela e subo para meu quarto. O calor está forte, preciso tomar um banho gelado para refrescar.

Ligo o ar do quarto e coloco uma música relaxante.

Tomo um banho demorado, aproveitando para lavar e hidratar meus cabelos, e depois aplicar um óleo corporal bem aromático. Enrolo-me em uma toalha felpuda e sigo em direção ao closet, para pegar uma roupa leve.

Mas ao abrir a porta do banheiro, dou um grito assustado, ao me deparar com uma figura demoníaca bem na minha frente.

— O que foi, meu amor? Surpresa com a minha visita?

— O que você tá fazendo aqui, Wallace? — Digo tremendo pelo susto.

— Eu vim te ver, não imagina o quanto senti a sua falta, meu amor. — Fala se aproximando e eu dou dois passos para trás, temerosa.

— Como entrou aqui?! Como descobriu onde eu estava? O que você veio fazer aqui, seu maldito desgraçado?

— Quantas perguntas, minha linda. — Ele vai chegando mais perto e eu aperto a toalha sobre meu corpo com força, como se ela pudesse me proteger do seu olhar doentio.

— Sai da minha casa, vai embora! Some da minha vida! — Tento soar destemida.

— Eu amo você, Paloma. Será que é difícil entender que não consigo me afastar?

— Isso não é amor. Você quer é vingança!! Você quase destruiu meu casamento! Armou contra mim, mandou incendiar meu apartamento, você é louco, Wallace! Precisa de um psiquiatra, precisa se tratar.

— Eu fiz tudo o que fiz por amor a você, para me aproximar de você. Eu só queria que você percebesse que aquele idiota do meu primo não combina com você.

— Você não sabe o que é o amor. Você só quer me machucar, se vingar pelo que fiz! Se me amasse não estaria aqui tentando destruir a minha felicidade. Amor é querer ver o outro bem.

— Que felicidade, Paloma? Olha para você! Olha para onde estamos, Paloma! Você está vivendo no meio do nada, num lugarzinho medíocre, horrível, rodeada de pessoas ignorantes. Isso foi o que meu primo te fez.

— Wallace, me escuta... — Tento apelar.

— Eu sei que você não está feliz aqui. Basta olhar para essa gente. Qualquer um vê que isso não é para você.

— Wallace, por favor, vá embora. Me deixe viver a minha vida, seguir em frente, e ser feliz.

— Não minta para mim!!! — Grita me prensando contra a parede. — Eu sei que você não o ama. Martim é só mais um brinquedo em suas mãos, como todos são. Eu vou te fazer lembrar como era bom entre nós dois... — Diz beijando meu pescoço, e eu me desespero, sem conseguir me soltar.

— Não faça isso, me solta! Eu não quero, não quero!! —
Grito me debatendo.

— Você é minha, Paloma. Eu vou fazer você me amar, você vai ver. — Diz beijando meu colo, e chupa meu pescoço com força; eu arranho seus braços na tentativa de me livrar do seu aperto.

— Wallace, você não é um mostro. Por favor, não faça isso comigo. Se um dia me amou como diz, não me machuque. —
Apelo com medo de ser violentada.

Parece que uma luz se acende dentro dele. Wallace me solta de uma vez, fazendo com que eu caia no chão, e me olha com raiva.

— Você realmente o ama? — Pergunta incrédulo.

— Amo como nunca pensei ser capaz de amar um dia.

— Eu olho para você e não a reconheço. Essa não parece a Paloma que eu conhecia.

— É porque aquela Paloma morreu, ela não existe mais. Eu sei que o machuquei, que o feri, mas já é hora de deixar tudo isso para trás. Wallace, você merece ser feliz, esqueça o passado e viva sua vida, por favor. — Suplico em prantos.

— É fácil para você falar, Paloma. Como posso ser feliz se ainda sigo te amando, dia após dia? Você é uma erva daninha que não sai de dentro de mim!! — Fala magoado, virando as costas e saindo, e eu respiro aliviada.

Martim

Estava indo buscar Paloma para almoçamos no restaurante da cidade, quando uma tempestade começou a se formar. Queria comemorar a novidade sobre os documentos da nossa filha; enfim estarem prontos! Confesso que já estava acostumado com a vida calma e tranquila dessa cidade, mas sentia falta da ONG, do hospital e do meu bom amigo Harry.

Dirijo ansioso até nossa casa. Ao chegar, estanco ao ver um carro preto estacionado na frente. Acho muito estranho, pois Paloma não me avisou que receberia visitas. Era um carro caríssimo, um Maserati Levante, nunca vi um carro desse porte na região, o que me põe em alerta: quem quer que esteja nos visitando não é daqui.

Caminho rapidamente e, ao entrar na sala, vejo ninguém menos que Wallace, o maldito do meu primo. Não consigo raciocinar direto, paro olhando para ele, que de início não me vê, mas assim que me nota abre um sorriso debochado.

— O que faz na minha casa, desgraçado?! — Rujo já enfurecido.

— Adivinha? Vamos lá, primo, você já foi mais esperto. — Fala me olhando de maneira cínica.

— Onde está Paloma? O que fez com ela?

— Ela está lá em cima, provavelmente se vestindo, se é que

me entende. — Diz sugestivo. Minha mente diz que é mentira, mas meus olhos podem ver claramente sua roupa desalinhada e marcas de unhas em seus braços.

— Paloma não faria isso. Você está mentindo.

— Se quer se enganar, o problema é seu.

— O que você veio fazer aqui, Wallace? Acha que vai conseguir o quê? Não se dá conta de que Paloma não te quer, desgraçado?!

— Vim até aqui porque ela me chamou! Só estou aqui porque ela já se cansou dessa vidinha sem graça, nesse fim de mundo. Sabe como é? Uma mulher como Paloma gosta de devassidão.

— Desgraçado!! Ela é minha!!! — Avanço em sua direção, pegando-o pelo colarinho da camisa, pronto para acabar de uma vez por todas com sua vida.

— O que foi, priminho? Não aceita que a Paloma que você idealiza nunca existiu? Ela nunca se contentará com um só. Eu já aceitei isso, basta você aceitar. — Fala cheio de veneno.

Sinto meu estômago embrulhar. Minha cabeça dá voltas, mas nada faz sentido. Segurando pelo colarinho, eu o empurro até a parede, tremendo de ódio.

— Aceite, Martim, Paloma sempre será minha.

— Nunca mais abra essa boca imunda para falar da minha mulher! — Soco seu rosto com toda a minha força.

— Você pode não admitir, — o desgraçado ainda ri — mas

ela é minha. Só de lembrar da sensação daquela boceta gostosa sugando meu pau, eu já enlouqueço.

— Desgraçado, você está mentindo!! — Avanço, dando mais um soco em sua direção, mas dessa vez Wallace desvia e eu acerto seu ombro.

— Seu erro foi ficar de joelhos por uma mulher, e pior ainda, por uma feito Paloma. — Diz arrogante.

— Meu Deus, Martim! — Grita Paloma paralisada ao pé da escada. Sua voz faz todos os pelos do meu corpo se arrepiarem; viro meu rosto em sua direção e é como se tivesse levado a porra de um tiro.

Seu rosto está corado, seus cabelos molhados, e há um chupão em seu pescoço. Wallace sorri quando segue o meu olhar.

— Fala para ele, amor. Diz que foi você que me chamou aqui.

— Wallace, você é louco. Por que está dizendo essas coisas? — Fala ela se fingindo de horrorizada.

Não é preciso ouvir mais nenhuma palavra de sua boca. A verdade está escancarada em sua cara. Ela estava com ele, ela o chamou aqui, mais uma vez me apunhalou pelas costas, me fez de idiota, me traiu. Juntando o resto da força que ainda tinha dentro de mim, puxei Wallace para fora da minha casa. Tudo o que eu queria era vê-lo fora da minha vista. A dor que estava sentindo era dilacerante, indescritível. Mais uma vez entreguei meu coração, e ela pisou sem dó nem piedade.

— Aceita, priminho, Paloma nunca me esqueceu.

— Para de mentir, Wallace! Por que está fazendo isso comigo? — Diz Paloma afetada, com um choro fingido.

— Some da minha casa antes que eu cometa uma loucura e acabe com a sua vida. Só não faço isso nesse momento por consideração a sua mãe, porque minha tia é uma pessoa boa e não merece um verme como você de filho.

Minhas mãos estavam tremendo. Sentia um ódio que nunca havia sentido na vida. Paloma estava estática olhando para mim com os olhos cheios de lágrimas. Ouço o carro do desgraçado dar partida, mas me concentro na vadia em minha frente. Como pude me enganar tanto com uma pessoa? Como pude ser tão burro e não ver a vagabunda mesquinha que ela sempre foi?

Eu a amei, amei mais do que imaginei ser possível. E esse amor agora se transformou num ódio profundo. Minha vontade é somente me vingar, fazê-la sentir um terço do que sinto nesse momento.

Paloma me olhava amedrontada, em pânico. O que só comprovava o quão cínica ela era. Ela dá um passo em minha direção e meu corpo treme de raiva; juro que me segurei para não matá-la. Ando em direção ao carro, na chuva, abrindo a porta com raiva — só pensava em fazê-la pagar pelo que me fez. Puxei seu braço com força, não me importando nem um segundo se a estava machucando ou não.

— O que vai fazer, amor? Para onde vamos? — Tenta me

ludibriar com sua voz doce.

— De onde nunca devia ter saído! Eu devia ter deixado você lá desde o início!! — Digo, querendo machucá-la. — E agora cala a porra da sua boca, sua cadela miserável!

Bato a porta com tudo e Paloma engole o que ia dizer, se encolhendo no banco. Não consigo parar de pensar que todo esse tempo ela estava brincando comigo, que fez tudo de caso pensado, tudo para me enganar.

Ligo o carro, saindo em alta velocidade. Segurava aquele volante com tanta força, que podia visualizar o pescoço do maldito Wallace ali.

Paloma olha o caminho que sigo já em pânico.

— O que vai fazer comigo? — Pergunta, mas faço questão de ignorar. Estaciono de qualquer jeito na frente da cabana e noto seu olhar amedrontado.

— Eu não te traí! Por favor, me escute! A culpa não foi minha dele ter vindo! — Olho para ela transtornado com a sua cara de pau. Abro a porta do carro com tudo e puxo a desgraçada pelo braço, arrastando-a pela lama.

— Você está me machucando!! — Diz nervosa tentando se soltar.

— Você não sabe o que é sentir dor, Paloma! Você nem sequer sabe o que é ter um coração! — Rio com a ironia das suas palavras.

— Por favor, Martim, está doendo. — Reclama do meu

aperto.

— Doendo, Paloma!? Você não sabe o que é isso! Imagina ter seu coração arrancado do peito pela mulher que você amava!? Você, sua traidora miserável, não sabe o que é sofrer! — Jogo a verdade em sua cara.

— Eu não quero entrar aí! Por favor, me escuta, eu não quero entrar nessa casa! Vamos voltar para nossa casa, meu amor! Me escuta! — Suplica angustiada, mas simplesmente não me importo. Acabou. O trouxe que a amava se foi.

Paloma me surpreende se soltando e tentando se jogar no chão desesperada. Levanto-a, puxando pelos cabelos, e a jogo sobre meu ombro. Ela esperneia, soca minhas costas e grita desesperadamente.

— Você vai ficar aqui agora, como uma prisioneira! A princesinha mimada não está acostumada com a vida dura, não é!? Ficará aqui até que eu consiga o maldito divórcio e, de uma vez por todas, me livre de você, sua miserável! — Grito, a empurrando para dentro da cabana velha abandonada.

— Martim, isso foi um engano, eu jamais te trairia! Você é tudo para mim, meu amor! Você e a Sarah! Me deixa te explicar o que você viu! — Tenta me fazer de bobo.

Ignoro suas palavras. Agora sei que é tudo parte do seu maldito teatro. Empurro-a para dentro da casa, a levando para o lugar de onde nunca deveria ter saído.

— Martim, pare! Pare, por favor! — Suplica, e eu a jogo

sobre o sofá, querendo colocar distância entre nós. Até mesmo olhar para ela machuca. Preciso me afastar, colocar um ponto final em tudo isso. Só consigo olhar em seu rosto com desprezo. Fico tentando encontrar a mulher por quem me apaixonei. Como pude ter sido tão burro?!

— Quero que fique claro que de mim você nunca mais vai tirar nada! Você me enganou, me usou, me fez de capacho em suas mentiras! Você é como uma víbora, que só espera a hora certa para dar o bote. Não merece nem mesmo o meu desprezo!! — Jogo tudo na sua cara.

— Eu quero sair daqui! Quero a minha filha! — Tenta dizer.

— O que você quer não importa! — Falo amargo. — Hoje vai pagar por tudo que me fez! Esta é sua nova casa. Daqui não poderá usar o seu veneno contra mim! Devia ter te deixado aqui desde o início! Eu vou me divorciar de você e nunca mais verá nem a mim e nem a Sarah. — Digo me fazendo de forte e não demonstrando o quanto ela me destruiu com sua traição.

— Não!! Não pode tirar minha filha de mim! Não pode me afastar dela! — Grita histérica, puxando os próprios cabelos.

— Por favor, amor, me escute! As coisas não aconteceram assim, me deixa te explicar, te contar por que ele estava aqui, meu amor. — Fala a vagabunda, pensando que vai me manipular com suas lágrimas falsas.

— Chega!! Chega das suas desculpas, das suas mentiras! —

Eu não acredito em você, Paloma Cartier! Você é uma vadia, que destruiu a minha vida!! Eu fiz tudo por você, Paloma! Abri mão da minha promessa, abri mão da minha honra, destruí meu casamento com Beatriz, minha reputação como médico. Tudo isso para quê, sua desgraçada!? Para você me usar, me enganar e me trair justo com ele, Paloma!? Você o chamou aqui, não é?! — Falo me lembrando de tudo que fiz por ela.

— Não, amor, não foi assim que as coisas aconteceram, eu juro! Eu sempre te amei! Martim, se fiz tudo isso foi por te amar. Você não era feliz com Beatriz, eu fiz um favor para os dois! Eu não liguei para ele, eu juro!! — Tenta me convencer.

— Como pode ser tão cruel? Você destruiu a minha vida, Paloma! Como pode ser tão falsa? — Pergunto sem querer acreditar no ser humano horrível que está em minha frente.

— Não! Eu te amo! Eu nunca quis te machucar, meu amor!

— Cala essa boca!! — Grito, cansado de ouvir suas mentiras, jogando na parede uma cadeira que estava em nossa frente. — Eu sabia que era uma princesinha mimada, que era egoísta, mas eu estava cego, apaixonado demais para perceber quem você realmente é!! Como pude acreditar em você, pensando que tinha mudado?! Eu confiei em você, te dei uma nova chance! — Digo chorando de raiva de mim mesmo, por ter amado tanto.

— Eu mudei, meu amor! Eu juro que mudei! Já não sou mais a mesma, você sabe disso. Eu me arrependo das coisas que fiz, mas, por favor, acredite em mim. Eu juro, amor, eu não te traí!

— Mente, chorando até parece inocente.

— A quem você quer enganar, Paloma? Chega! Sua máscara caiu, está claro para mim o monstro que você sempre foi!!! E o pior, eu sou um maldito miserável por um dia ter te amado! Fui burro o bastante para deixar você me enganar duas vezes! — Digo lembrando que a perdoei, que acreditei em suas palavras.

— Não! Não! Não diga isso, meu amor. Martim, por favor, você precisa me escutar; eu não tenho nada com esse desgraçado! Por favor, querido, me escuta, eu vou te contar tudo o que aconteceu e você vai compreender. — Ela tenta me tocar, mas eu me afasto com nojo do seu toque.

— Acha mesmo que eu sou algum otário para cair nessa sua conversa? — Avanço em sua direção, feito uma fera feroz, pronto para atacá-la.

Paloma se encolhe na parede, posso ver o medo em seu olhar. Me dou conta do que essa mulher está me transformando.

— Não se preocupe. Nunca mais vou tocar em você. — Digo passando a mão no cabelo, transtornado. — Nem mesmo seu corpo me atrai mais! — Falo para machucá-la. — Pode ter essa cara de anjo, mas não passa de um demônio maldito. Tenho nojo de mim, por um dia ter tocado em você. — Me afasto com medo de fraquejar.

— Por favor, amor, me escute! — Fala ela se ajoelhando no chão, tentando me convencer. — Eu não te traí; eu nem sabia que

ele viria atrás de mim, eu juro! Não estou mentindo, acredita em mim, amor! — Suplica, mas nada que ela faça vai me fazer acreditar. Eu vi, com meus próprios olhos. Os dois estavam juntos na minha casa, no meu quarto. Viro de costas para ela, não querendo voltar atrás em minha decisão. Eu vou me divorciar dessa mulher e tirá-la da minha vida de uma vez por todas.

— Está decidido. Você ficará aqui até que eu consiga o divórcio, depois disso, estará livre para viver sua vida longe de mim... E da Sarah. — Digo com a voz carregada de frieza.

— Por favor, não! Me escuta! Não me deixa aqui!

Tiro a chave do bolso e a enfio na fechadura, pronto para trancá-la lá.

— Martim, Sarah precisa de mim!

— Ela não precisa de alguém como você! — Abro a porta e saio, trancando-a em seguida. Mas ainda consigo ouvir ela gritar por mim.

— Martim! Por favor, não me deixe aqui!

Arturo

Um dia antes

Sentado a minha mesa de escritório, tenho um pressentimento ruim. Meu telefone toca e atendo nervoso.

— Cartier falando.

— *Senhor, receio ter novidades nada boas.* — Diz Payne, meu chefe de segurança.

— Diga de uma vez! O que aconteceu com ela?

— *Hoje de manhã, um dos meus homens, que ficou a cargo de vigiar o filho do deputado, me ligou avisando que ele acabou de desembarcar em Mali.*

— Wallace está indo para aí? — Pergunto surpreso. — O que esse maldito foi fazer aí? Deve ter ido atrás da minha irmã.

— *É o que imagino, senhor.*

— Fique de olho em tudo, Payne. Mantenha Wallace sob vigia, estou indo para Mali hoje mesmo! — Falo irritado.

Desligo o telefone e ligo diretamente para Hector, para que me acompanhe nessa viagem. Ele me pediu que, se algo acontecesse com nossa irmã Paloma, ele queria ser informado.

Logo após conversar com o príncipe sapo, aviso Guilherme sobre a viagem. Ele se oferece para nos acompanhar também. Com Verônica já foi mais complicado. Ela queria vir comigo, estava preocupada com Paloma. Na verdade, não tinha uma pessoa na família que não se preocupasse com ela depois de tudo que aconteceu.

— Ei, não vai ficar com essa cara, minha rainha. Eu prometo que volto rápido.

— Promete mesmo? — Diz emburrada. Beijo sua boca gostosa, já sentindo saudade dela sem nem mesmo ter ido ainda.

— Promete não fazer nenhuma besteira? — Pergunta receosa.

— Não posso te prometer isso.

— Guilherme, cuida dele para mim. Não deixa ele fazer nada que vá se arrepender depois.

— Pode deixar, cunhada.

Partimos no jatinho de Hector rumo a Mali.

Algo me dizia que Paloma precisava dos irmãos.



Quase dezoito horas depois, desembarcamos no Aeroporto de Korogoussou, em Gao, e seguimos viagem rumo à cidade de Timbuktu. A tempestade da noite anterior atrapalhou nossa chegada. Se não fosse isso, teríamos chegado mais rapidamente.

Ao chegarmos, fomos recebidos por Payne e sua equipe. Guilherme, eu, Hector e Pablo, segurança pessoal do príncipe sapo, descemos do helicóptero já ansiosos.

— Bom dia Payne, tem notícias para mim?

— Bom dia, senhores. Infelizmente, não tenho boas notícias. Ontem, no início da tarde, eu perdi o maldito do Wallace de vista, não sei o que aconteceu. Ele voltou para o hotel transtornado, passou a noite e a madrugada bebendo.

— E Paloma? — Hector pergunta.

— Esse é o problema, eu não consigo localizá-la. Ela e o marido saíram juntos de carro, por volta da hora do almoço, porém,

ele voltou para a casa sozinho. No começo da noite, a criança e a empregada saíram juntas, foram para a casa dela. Mas, nem sinal de sua irmã. — Diz preocupado.

— Como você perdeu minha irmã de vista, porra?! — Esbravejo.

— Calma, Arturo, se estressar não vai resolver nada. — Hector tenta me acalmar.

— Desculpe, senhor. A senhora Paloma sempre saía com o marido e retornava. E Wallace, creio que ele trocou de carro, deve ter desconfiado que estávamos seguindo seus passos.

— Se ele fez algo contra Paloma, desta vez eu o mato. — Digo amargo.

— Não imagina algum lugar onde ela possa estar? — Pergunta Pablo concentrado.

— Bom, eu soube, ao perguntar no hospital, que, quando Paloma e Martim chegaram à cidade, eles moraram alguns meses em uma cabana afastada perto do rio.

— O que estamos esperando? Vamos! Se ela não estiver lá, eu vou quebrar a cara do Lancaster, por não ter cuidado da minha irmã.



O caminho até a maldita cabana foi feito em silêncio. O clima aqui é quente e úmido, muito diferente de Londres. Estávamos todos cansados. Minha cabeça latejava. Não conseguia

deixar de pensar na cena que jamais esquecerei. Quando Guilherme entrou na minha sala com Paloma após o sequestro. Minha irmã já sofreu muito, não posso deixar que Wallace a machuque mais.

O carro estaciona em frente à casa velha. Olho ao redor confuso.

— Estamos no lugar certo? — Pergunta Guilherme, tão confuso quanto eu, olhando para o matagal em nossa frente. Não só isso, a cabana em questão não pode nem ser considerada uma cabana. É um casebre velho, não parece habitável em nenhuma situação. Não é possível que Paloma tenha vivido num lugar como esse.

— Ele trouxe Paloma para viver nesse pardieiro? — Fala Hector perplexo.

— Maldito!! — Falo revoltado, descendo do carro, já com minha arma em mãos. Ouço os passos de Payne, Hector e Guilherme atrás de mim, mas os ignoro.

— Paloma! — Chamo por ela esperando que me responda, porém, tudo continua em perfeito silêncio.

— Acho que não está na cabana. Parece estar abandonada, ela não deve estar aqui. — Fala Guilherme olhando a varanda empoeirada.

— Não sei, talvez devesse entrar. — Diz Hector dando um passo à frente tentando olhar pela fresta da janela. — Está muito escuro, não consigo ver nada lá dentro.

Forço a maçaneta da porta e reparo que ela está trancada,

isso já me deixa em alerta.

— Está trancada. Por que alguém trancaria uma casa abandonada? — Diz Payne, sugerindo que há algo aí. Não espero ele dizer mais nada, forço meu corpo contra a porta tentando arrombá-la. Acabo derrubando a porta de madeira com um chute forte. Entro rápido, sendo seguido pelos meus irmãos. Foi aí que vi algo que jamais me preparei para ver. Um corpo caído no chão, no meio da sujeira e imundice. Cabelos loiros que logo reconheci.

Corro em direção ao corpo pálido e desfalecido da minha irmã.

— Guilherme, ela está morta!! — Grito em choque. Não consigo me mexer. Lágrimas embaçam minha visão, mas vejo Guilherme se ajoelhando ao meu lado, tão desesperado quanto eu. Ele checava por sinais vitais olhando em seu relógio.

— Ela está sem pulso...



CAPÍTULO 26



CORAÇÃO FERIDO

“Nós somos apenas um coração, e você o destruiu. E quanto a nós? E quanto a todas as vezes em que você disse ter as respostas? E quanto a todos os "felizes para sempre" destruídos? E quanto a todos os planos que acabaram em desastres? E quanto ao amor? E quanto à confiança? E quanto a nós dois?".

Martim

“Martim! Por favor, não me deixa aqui!” — Suas palavras desesperadas ainda ecoam em meus ouvidos. Mesmo consumido pela ira, foi difícil fazer o que fiz. Assim que tranquei aquela porta, hesitei. Quis voltar atrás e tirá-la dali. Mas lutei contra os meus instintos, desesperado, sufocado. Não podia deixá-la me dominar. Ela não merece mais meu amor, minha compaixão.

Saí dali o mais rápido que pude, sem olhar para trás. Só precisava me distanciar daquela mulher. O choro, que tentei sufocar, me atingiu com tudo enquanto voltava para nossa casa. Veio à minha mente tudo que vivemos aqui, o quanto Paloma parecia mudada. Droga! E Sarah?! O que eu iria dizer ao meu anjinho quando perguntasse pela vagabunda da mãe dela?

Agarrei-me ao ódio que sentia, para endurecer meu coração. Dizer a mim mesmo que não me importava com suas súplicas, com

nada que aconteça a ela. Paloma só está colhendo aquilo que plantou.

— Por que, Deus!? Por que eu tive que amar justo essa mulher? — Indago em voz alta.

Paro o carro em frente à nossa casa, aquela que escolhi com tanto esmero para agradá-la.

Abro a porta de casa e sou arrebatado por aquela sensação de familiaridade, o que só faz aumentar minha dor. Tudo neste lugar me faz lembrar dela e da sua maldita traição. Mais uma vez, fui enganado por aquela mulher, mais uma vez, me deixei ser iludido por ela.

— Senhor, posso ir buscar Sarah na casa da Melissa? — Pergunta Luzia, mas para ao ver meu estado.

— Luzia, pode levar a Sarah para sua casa hoje? Eu não tenho condições de ficar com ela. — Digo, enterrando minha cara em uma almofada.

— Tudo bem, patrão, mas, cadê a dona Paloma? — Pergunta preocupada.

— Ela não vem. — Me limito a dizer, e noto que ela se segura para não insistir.

Luzia sobe para o quarto de Sarah, e logo desce, carregando uma bolsa e se despede, saindo.

Não digo nada, caminho direto para o meu escritório.

Ao entrar, preparo um copo de uísque puro e tento esquecer o que tinha acontecido. Com a mente zonza, termino o primeiro

copo. Eu tremia por dentro e sentia meu coração apertado, massacrado. Penso em suas palavras, no quanto ela mente; "Eu não fiz isso! Eu não te traí!" Como acreditar, se eu vi os dois juntos!? Como acreditar, se ele estava aqui!? Bastou ele chegar que ela já estava em seus braços. Tudo que vivemos nesses últimos meses foi uma mentira, foi uma ilusão.

O uísque queima o meu estômago vazio. Sirvo mais uma dose e me sento na minha poltrona, olhando pela janela a tempestade lá fora. Fico bebendo e bebendo todo meu estoque de uísque escocês. Ali, sozinho, eu não precisava mais ser forte. Deixo minha armadura de ódio e desprezo cair e só sobra a dor. Minha mente se enche de imagens de Paloma, e é como se uma faca me rasgasse por dentro. Fecho os olhos e sou inundado por lembranças. Tudo que vivemos fica indo e voltando na minha cabeça.

A cada gole que dava, sentia meu corpo mais amortecido, contudo, a dor seguia presente dentro de mim. Eu nem sei quantas garrafas eu bebi, nem por quanto tempo. O dia se fez noite, e fiquei sozinho em meio à escuridão. Meu corpo já estava dormente; não sei como vim parar no chão gelado e nem que horas eram, estava cansado demais para subir.



Acordo com a cabeça pesada e latejando. Abro os olhos e quase fico cego com a claridade que entra pelas janelas. Só então

me dou conta de que estou deitado no chão frio do meu escritório. Aos poucos, as lembranças de ontem voltam à minha mente e me dou conta de tudo que aconteceu. Merda! Eu não devia ter deixado Paloma naquela maldita cabana. Me deixei cegar pelo meu ódio.

Ouçõ barulhos vindos da cozinha e me levanto, caminhando até lá. Vejo Sarah chorando e Luzia preparando o café da manhã dela.

— Bom dia, filha, por que está chorando? — minha voz saiu rouca, arranhando a garganta.

— Eu quero a mamãe! Pai, você acordou! Onde está a mamãe? Eu não a vi em casa. — Fala minha filha me deixando angustiado. Bastou ela perguntar sobre Paloma para que eu percebesse o quanto agi errado ontem. Jamais poderia sequer cogitar a ideia de separar Sarah de Paloma. As duas se amam, e separando-as estarei ferindo minha filha.

Luzia se vira para mim com um olhar duro, como se quisesse dizer algo, mas limita-se a me dar bom dia.

— Obrigado por ter ficado com ela, Luzia.

— Fiz o que dona Paloma gostaria que fizesse. A menina não dormiu bem, ela acordou no meio da tempestade chamando pela mãe. A pobrezinha chorava amedrontada. Eu não sei o que aconteceu, mas ela precisa da dona Paloma.

— Tempestade? — Questiono confuso.

— Pelo visto o senhor bebeu tanto que não ouviu a chuva

que deu. A tempestade foi tão forte que derrubou várias árvores, e algumas casas foram destelhadas. — Quando ela diz isso sinto todo meu corpo estremecer.

— Merda! Paloma! Eu não devia ter deixado ela lá! — Digo nervoso, passando a mão no cabelo.

— Cadê a mamãe, pai? — Minha filha pergunta novamente, olhando para mim.

— Ela saiu, amor, mas o papai vai buscar ela.

— Eu quero ir junto. Eu estou com saudade da mamãe.

Olho para Luzia angustiado, pedindo com o olhar que ela me ajude. Contudo, ela dá de ombros e volta a seus afazeres.

— Eu vou trocar de roupa e nós vamos buscar ela, está bem? — Falo sabendo que não é uma boa ideia, mas estou sem saída.

Arturo

Me afasto do seu corpo imóvel, enquanto Guilherme faz massagem cardíaca nela. Eu só conseguia olhar a imundice onde ela está, para o seu corpo coberto de poeira, nada fazia sentido, por que ela estava aqui? Hector está tão assustado quanto eu. Ele segura o pulso de Paloma, ajudando Guilherme a ver se ela reage.

— Vamos, Paloma, não desista da sua vida! Lute, irmãzinha! — Diz Guilherme desesperado.

— Paloma, lute! Você é forte! — Fala Hector tirando o

cabelo do seu rosto e então eu noto as olheiras profundas e o inchaço. Sua pele está vermelha e machucada.

— Eu preciso da minha maleta e do kit de primeiros socorros!! — Grita Guilherme para Pablo, que estava parado na porta olhando para a cena horrorizado, assim como Payne.

— Há quanto tempo ela sumiu?! — Grito para Payne, que se mantém calado, provavelmente se sentindo culpado por seu descuido. Se tivesse a protegido como ordenei, Paloma não estaria aqui.

— Não muito tempo, ela saiu com o marido de carro ontem de manhã.

— Então, foi o desgraçado do Martim! Eu vou matá-lo! Eu juro que vou matá-lo! — Falo fora de mim. Pablo entrega a maleta a Guilherme, que aplica alguma coisa em Paloma, que ainda está sem reação.

— Eu não devia ter deixado ela vir para cá, minha irmãzinha! — Digo me culpando.

— A culpa não é sua e sim do desgraçado do marido dela! — Diz Hector tão revoltado como eu.

— Estou sentindo seu pulso, mas muito fraco. — Fala Guilherme me fazendo olhar imediatamente para ela, que ainda está do mesmo jeito, aparentando estar morta.

— O que ela tem, Guilherme? — Questiono, não entendendo o que pode ter feito ela estar nesse estado.

— Eu não posso dar um diagnóstico preciso sem exames.

Seu batimento está baixo e o pulso fraco. Aparentemente, ela está tendo um choque anafilático. Seus órgãos parecem ter sido atingidos, suas vias aéreas estão fechadas.

— Salve ela, Guilherme! Não deixe nossa irmã morrer! — Falo tão horrorizado que nem reparo na figura paralisada à porta da cabana velha. Martim segura a mão de Sarah, filha da Paloma. Eu a reconheci pelas fotos que minha irmã mandou dela. Assim que meus olhos se dão conta de que ele está aqui, uma fúria tremenda toma conta de mim.

— O que aconteceu com ela? Por que ela está assim? — Ele tenta dizer, mas é interrompido pelo soco que dou em seu rosto.

— Você matou minha irmã, seu desgraçado! — Grito avançando em sua direção em um pulo. Hector corre em direção a Sarah, afastando-a de nós dois. Não consigo enxergar mais nada na minha frente, só o desejo doentio matá-lo.

— Me solta, seu infeliz! Eu preciso vê-la! Paloma, acorda, Paloma! — Ele tenta se aproximar da minha irmã, me acertando em cheio. Mas, quando tenta me acertar de novo, sou mais rápido. Me desvencilho do seu golpe, o acertando no estômago. Podia ouvir o choro de Sarah e os pedidos de Guilherme para parar, mas tudo que menos queria era parar. Ele precisava pagar pelo que fez à minha irmã!

— Ela é minha mulher, me larga! — Fala cuspendo sangue.

— Você destruiu a minha irmã! Tanto que eu te avisei que não era para machucá-la e olha o que fez com ela, seu maldito! —

Ela está morta e a culpa é sua! — Digo com amargura, enquanto soco sem parar seu rosto. Martim já não luta contra mim, seu olhar está fixo em Paloma, ele parece preso em outro lugar.

— Não! Ela não morreu! — Tenta se arrastar até ela todo ensanguentado, mas eu não deixo.

— Arturo, precisamos levar ela para um hospital. Eu não posso fazer muito aqui. Seu estado é muito grave. — Meu irmão fala desesperado. Quando Guilherme fala isso, eu me desperto do meu surto de ódio e me aproximo do seu corpo caído no chão.

— Ela não vai morrer, Guilherme! Paloma é forte e teimosa demais para desistir. — Digo com um fio de voz.

— O que ela tem? Por que ela está assim? Paloma, amor, lembra! — O maldito do Lancaster ainda tenta dizer. Hector não está na cabana, provavelmente saiu com Sarah para que ela não assistisse à briga.

— Você fez isso com ela, seu maldito! Você destruiu a minha irmã! Eu avisei! Eu te disse que iria acabar com a sua vida se a machucasse! Olha para ela, seu merda! Olha o que você fez!! — Grito desesperado.

— Eu não queria que isso tivesse acontecido! Eu a amo! Eu estava com raiva dela, ela e Wallace, eu os vi juntos...

— Você machucou minha irmã por causa do maldito do Wallace? Você é um bosta, mesmo! Não merece um terço do amor que minha irmã te deu!! Eu juro, Lancaster, eu vou acabar com a sua vida! Essa será uma promessa que farei questão de cumprir! —

Grito enforcando-o.

— Nós precisamos levá-la para um hospital, ela está no meio de um choque cardiocirculatório, seus órgãos estão entrando em colapso!!! — Grita Guilherme me lembrando que neste momento a vida de Paloma é mais importante.

— Ela não morreu! Paloma não pode ter morrido! Amor, não me deixa!!! — Se descontrola Martim, chorando compulsivamente ao se jogar no chão ao lado da minha irmã.

— Você não merece estar perto dela! — Falo com nojo e raiva.

— Me ajuda aqui, Arturo, a levá-la para o carro.

— O que vamos fazer? Ela precisa de atendimento de urgência! — Pablo fala nos trazendo à razão.

— Para o hospital, ela precisa do hospital do MSF. — Diz Martim desolado, olhando para minha irmã em desespero. Quem o visse agora, não imaginaria que ele foi o culpado por colocá-la nesse estado. Pablo ajuda Guilherme a levar Paloma até o carro. Hector segura Sarah no colo, enquanto distrai ela, que ainda está chorando, chamando pela mãe.

— Fique sabendo, que se não te matei hoje, foi por ela, Sarah, a minha sobrinha. Mas, escuta bem, seu médico de merda: se Paloma não se recuperar, se o que fez deixar sequelas nela, pode saber que nada vai me impedir de meter uma bala na sua cabeça. — Digo com tanta frieza que poderia congelar o inferno.

Martim

Olho para o carro saindo e fico estático, sem reação; ali eu senti toda a dor, culpa, o peso do meu ciúme e do meu ódio. Acabei machucando a única mulher que amei na vida. Ainda parece irreal. É como se fosse mentira, ontem de manhã estávamos felizes e nos amando, agora tudo foi destruído, e o pior: por minha culpa. As lágrimas turvam minha visão, me sinto um mostro cruel. A culpa me massacra. Paloma, o que eu fiz com você, amor? Soco a merda da parede descontrolado, até sentir o sangue escorrer por entre meus dedos e uma dor forte tomar conta do meu punho. Mas nada se compara à dor de vê-la naquele estado. O que eu vou fazer se ela morrer, meu Deus? Como vou viver sem ela? Desabo no chão chorando, as lembranças de tudo que ela já passou passam em minha mente como um castigo... O sequestro, a tortura, o primeiro aborto, todo seu tratamento, a tentativa de suicídio, a perda traumática da nossa filha... Me levanto atordoado sem saber o que fazer, eu deixei a raiva me cegar. Não pensei que poderia estar fazendo a mesma coisa que o maldito David fez com ela.



Não sei como consegui chegar ao hospital dirigindo, meu peito ardia com medo do que veria, medo que ela não sobrevivesse.

Vejo Zoila subindo as escadas para o vão que vai para recepção quando, me ela vê.

— Martim, o que houve com seu rosto? E o que aconteceu com Paloma? Eu vim correndo quando Vicente me contou que ela deu entrada em estado grave.

— Zoila, você pode cuidar da Sarah para mim ao menos por hoje? Hospital não é lugar para ela.

— Tudo bem! Mas a Paloma, o que é que ela tem?

— Eu ainda não sei, estou atrás de notícias dela também.

— Com quem a Sarah está agora?

— Ela está lá dentro com os irmãos da Paloma.

— Vamos, então. — Diz ela caminhando a minha frente, até a sala de espera.

Ao entrar na sala de espera, vejo Sarah no colo de Hector e Arturo sentado no banco do lado olhando para a janela. Minha pequena chora no colo do tio e isso faz com que meu coração se parta, ainda mais por saber que o culpado pelas lágrimas em seu rosto sou eu.

— Como ela está? — Pergunto ignorando o fato que eles me odeiam nesse momento.

— O que você tá fazendo aqui?! — Questiona Arturo.

— Ela é minha mulher, eu tenho direito de estar aqui, de saber como ela está. — Falo com raiva.

— Você perdeu o direito quando a trancou naquela maldita cabana.

— Arturo, olha o estado que Sarah está, por favor, não piore as coisas. — Diz Hector fazendo Arturo olhar para minha filha assustada.

— Papai, cadê a mamãe? Papai, a minha mamãe vai morrer? — Minha filha pergunta amedrontada, e eu me aproximo dela, a pegando no colo tentando acalenta-la. Zoila se mantém calada, olhando a cena um tanto confusa.

— A mamãe vai ficar bem, ela tá dodói, mas logo, logo ela vai estar boa. Lembra que te falei que nós iríamos viajar de avião? Que você ia conhecer seus avós e seus priminhos? — Falo com a voz embargada, tentando passar para ela uma certeza que eu não tenho.

— A tia Zoila vai levar você para brincar com a filha dela e mais tarde o papai vai te buscar.

— Mas eu não quero ir, eu quero a mamãe!

— Eu sei, meu amor, mas o papai precisa cuidar da mamãe agora. Você precisa ser uma menina grande e ir com a tia Zoila.

— Promete que vai me buscar, promete que a mamãe vai ficar boa? — Arturo me fuzila com o olhar quando minha filha diz isso.

— Eu prometo. — Digo firme.

Sarah deixa a sala junto com Zoila, que me olha com uma pergunta no olhar.

— Se você pensa que vai se aproximar da minha irmã novamente está muito enganado! — Diz Arturo se levantando, mas

antes que eu possa responder, a porta da sala de espera se abre e a doutora Shin entra, com Guilherme a seu lado; suas expressões não são nada boas, o que me deixa tenso.

— Como ela está, Shin? — Pergunto diretamente a ela.

— Bem, a senhora Lancaster... — Antes que ela possa termina de falar, Guilherme dá um passo à frente, me olhando com ódio.

— A minha irmã chegou aqui em estado grave de anafilaxia. — Quando ele diz isso sinto minhas pernas fraquejarem.

— O que significa anafilaxia? — Pergunta Arturo, e seu irmão responde:

— Ela teve uma reação sistêmica aguda grave, que começou subitamente após ter ficado num lugar úmido, cheio de poeira e mofo. Paloma é extremamente alérgica. Com isso, foram atingidos vários órgãos e sistemas simultaneamente. Sua pele estava irritada, as vias respiratórias fechadas e o aparelho gastrointestinal e cardiovascular em colapso, o que culminou o choque cardiocirculatório. Se tivéssemos demorado uma hora a mais, ela não sobreviveria. Ela teve um ataque de pânico devido ao trauma, o que piorou ainda mais a sua situação. Paloma foi entubada para que pudéssemos manter ventilação e oxigenação suficiente, e foi medicada. Agora é uma questão de tempo para saber como ela vai reagir às próximas vinte e quatro horas, elas são decisivas para a minha irmã.

— Bom, como o doutor disse, nós fizemos todos os

procedimentos necessários para salvá-la, agora teremos que esperar para ver como seu corpo irá reagir. — Diz Shin se pronunciando.

Não consigo me segurar, meus olhos enchem de lágrimas.

— O que eu fiz?! — Me escoro na parede para não desabar; consigo ver o olhar de súplica de Paloma na minha cabeça e seu desespero ao colocá-la naquela maldita cabana.

— Fora daqui, Lancaster! Não quero que minha irmã acorde e veja você. Isso só vai piorar seu estado, você já a machucou demais. — Fala Hector me deixando arrasado. Olho para os três irmãos de Paloma, que me encaram com ódio.

— Eu vou, mas eu volto. Sei que o que eu fiz é imperdoável, mas Paloma ainda é minha mulher e querendo ou não eu mereço uma chance de implorar seu perdão.

Não espero que digam mais nada, saio de lá com o coração na mão. Assim que eles forem para o hotel em que estão, eu volto para vê-la.

Mal saí da sala de espera, dou de cara com Wallace.

— O que você tá fazendo aqui, seu desgraçado? — Falo já agarrando seu pescoço.

— Me solta, seu babaca! O que fez com ela, hein? O que fez com Paloma?

— Paloma não é da sua conta, ela é minha mulher.

— Não me interessa se ela é sua mulher. Eu só quero saber o que você fez com ela!

— O culpado é você por tudo de ruim que acontece em

nossas vidas. Te odeio com todas as minhas forças!! — Falo acertando um soco em seu queixo.

— Você que machucou ela, você feriu a Paloma!

— A culpa foi sua, você tinha que aparecer para estragar tudo!! — Digo amargo.

— Você é um imbecil, Martim, um idiota mesmo. — Fala rindo da minha cara, mesmo com sangue escorrendo do rosto.

— Some daqui, seu imbecil, antes que acabe com a sua vida.

— Você não vê que fez exatamente o que eu queria, seu idiota? Eu vim para cá disposto a acabar com o seu casamento e bastou uma ceninha de teatro para você cair feito o trouxa que é. — Suas palavras me atingem como flechas. — Paloma nunca foi minha amante, ela só transou comigo antes do casamento porque eu a chantageei. Parecia mais um cubo de gelo na cama, mas ainda assim confesso que foi uma delícia foder ela. — Não o deixo falar mais nada, dou um soco certo no seu nariz, com tanta força que juro ter ouvido o som de ossos se partindo.

— Seu maldito! Você destruiu meu casamento, acabou com a nossa felicidade.

— Não, seu babaca, eu não fiz isso, quem fez foi você! Se confiasse de verdade nela, nada que eu falasse o faria duvidar.

Meu ódio nesse momento está nas alturas, avanço em direção a Wallace e ambos caímos no chão em meio a chutes e pontapés. Alguns funcionários gritam assustados, mas isso não faz

com que eu pare. Wallace me acerta no estômago; tento revidar, mas os seguranças dos Cartier nos separam.

— Me larga! Eu quero falar as verdades na cara desse imbecil!! — Grita Wallace, e eu tento me soltar, mas um mutante bombado me segura. O tal Payne leva Wallace para fora do hospital, mas ainda posso ouvi-lo dizer:

— Você não a merece, primo...

Hector

Paloma ficou desacordada por dois dias. Dona Inês e Alice chegaram hoje para vê-la. Verônica também desejava vir, mas Arturo conseguiu persuadi-la, com a promessa de que logo estaríamos todos juntos em Londres. Arturo conseguiu proibir a entrada de Martim no quarto de Paloma. Payne e Pablo estão vigiando a entrada do quarto.

Ninguém conseguia assimilar ainda tudo que tinha acontecido.

Paloma está clinicamente melhor, mas o seu emocional é o que preocupa. Quando ela acordou, a primeira coisa que fez foi chamar pela filha. Se debatia na cama, em prantos, pedindo pela Sarah.

Demorou quase duas horas para conseguirmos acalmá-la; foi difícil ver minha irmã naquele estado. Mesmo não tendo convivido com ela e Alice, posso dizer que as amo como minhas

irmãs. Confesso que tive mais afinidade com Paloma, talvez por ela ser tão quebrada quanto eu.

Entro em seu quarto em silêncio, com medo que ela esteja dormindo. Vejo Sarah adormecida no colo de Inês e Paloma olhando para janela com um semblante triste.

— Oi, como você está, Paloma?

— Bem, na medida do possível. — Fala com a voz fraca.

— Inês, é melhor levar Sarah para descansar no hotel. Vocês duas precisam de uma boa noite de sono. Eu fico com Paloma.

— Você cuida dela para mim? — Pergunta com o rosto preocupado, cheio de olheiras, dá para perceber como ela está cansada. Inês não sai do quarto de Paloma desde que chegou.

— Pode deixar, eu vou ficar com ela essa noite.

Ajudo-a a ajeitar Sarah no colo, me despedindo das duas. Quando a porta fecha, me sento na cadeira do lado da cama. E só então noto que o rosto de Paloma está coberto por lágrimas.

— Não precisa se fazer de forte na frente delas. Você é humana, Paloma, tem direito de chorar, de desabar, como qualquer um.

— Não quero que Sarah fique triste, e muito menos deixar mamãe pior do que já está.

— Pode chorar, irmãzinha, nós estamos aqui pra você; e não se preocupe, não vamos deixar mais ninguém te machucar. Nem Martim, nem Wallace vão chegar perto de você. Eu prometo.

— Eu só queria não sentir essa dor horrível.

Me aproximo dela, abraçando seu corpo, que treme em meio aos soluços.

— Vai passar. Você vai ver, tudo isso vai passar. Logo isso será apenas uma lembrança triste do passado. — Digo a minha irmã, embora meu próprio passado ainda me assombre.



Fiquei por quase duas horas acalentando Paloma, que chorava sem parar, até que ela dormisse. Me sentei na cadeira velando seu sono. Me lembrando do que Inês havia contado antes. Do estado depressivo e destrutivo em que Paloma já esteve, o que levou até a uma tentativa de suicídio. Nós não podemos deixá-la perder sua mente novamente.

Duas enfermeiras entram, me arrancando de meus devaneios.

— Nós precisamos levar a paciente para alguns exames.

— Guilherme não me avisou nada sobre exames agora à noite.

— São apenas exames de rotina para monitorar seu quadro.

— Fala ela firme, me convencendo.

— Tudo bem.

As duas levam a maca de Paloma, enquanto eu espero no quarto.

Paloma

Acordo com alguém tocando meu rosto; sinto um cheiro familiar.

— Você acordou, meu amor. Não sabe o que eu sofri vendo você desacordada nessa cama.

Viro meu rosto em sua direção, em choque por ele estar aqui. Não digo nada, minha voz parece ter desaparecido; tudo que faço é focar em seus olhos, me perguntando o porquê.

— Paloma, fala comigo. — Tenta tocar em meu rosto. Fazendo com que eu me esquive. Depois, encaro a parede como se ele não estivesse por perto.

— Amor, diz alguma coisa. — Simplesmente o ignoro, tudo que consigo sentir nesse momento é desprezo.

— Fala comigo, amor, me xingue, grite, diga algo. — Suplica angustiado.

— O que está fazendo aqui? Já não foi o bastante o que fez comigo? O que mais você quer de mim, Martim? — Pergunto me sentindo derrotada.

— Paloma, eu me arrependo muito, amor, vamos conversar. — Diz Martim se aproximando da cama com lágrimas nos olhos.

— É meio tarde para conversas, Martim! Não sobrou nada para você dizer agora! — Meus olhos doem, minhas mãos tremem, até olhar para ele dói. Então, viro meu rosto para a janela, contemplando a escuridão da noite lá fora.

— Loirinha, eu errei muito! Eu não devia ter feito aquilo com você! Eu estava cego, não pensei nas consequências dos meus atos...

— Não me chame assim! Você não tem mais esse direito!
— Grito, ainda sem olhá-lo.

— Paloma... — Tenta dizer, mas eu o corto, erguendo uma mão em um gesto para que se cale.

— Martim, eu te amei tanto, você sempre foi tudo que eu queria. Um anjo que me protegeria, que cuidaria de mim. Olha só como a vida é irônica!

— Eu sei que te feri, mas eu posso explicar...

— É tarde para explicações. Não há mais nada que você possa fazer ou dizer. Você não pensou em mim quando me abandonou naquela cabana feito um animal! Não pensou em momento algum no que eu já tinha passado na mão do David! Você fez igual a ele, a diferença é que, para mim, foi cem vezes pior, porque era você ali, Martim!! Aquele a que entreguei meu coração, minha devoção. Você não se importou nem mesmo com o fato de ter perdido nossa filha há tão pouco tempo!! Não, Martim, você foi cruel e vingativo.

— Do fundo do meu coração, eu te peço que me perdoe, Paloma. — Seu olhar até parece arrependido, mas eu apenas não me importo mais.

— Eu não quero ouvir suas desculpas. Não quero ouvir nada que venha de você. Só vire as costas e vá embora. Nada mais

me importa. Mais uma vez você não me deixou explicar, não me deixou te contar a minha versão. Foi muito mais fácil me condenar, como andou fazendo durante todo esse tempo.

— Amor, olha para mim. — Suplica, se ajoelhando aos pés da cama de hospital.

— Olha como isso é irônico, Martim! Eu já estive aí, de joelhos, pedindo que me perdoasse, que me ouvisse. Agora, até olhar para você me enoja. A *vagabunda* aqui, não quer mais olhar em seu rosto. A *vadia*, a *qualquer*, não suporta estar perto de você, não mais...

— Não diga isso, você é a minha vida, não fala isso. Você não é nada disso. Eu estava ferido, eu só queria te machucar, mas eu nunca pensei em você assim. Paloma, você é a mulher da minha vida, eu te amo e me arrependo tanto de ter feito você sofrer.

— O que eu fiz com a minha vida? Por que fui tão boba e não vi que estava cega, obcecada por você a ponto de quase perder minha vida duas vezes! Esse amor é doentio. Eu quero me livrar dele, eu não quero mais sentir isso, não quero mais te amar!!

— Me perdoa! Eu prometo nunca mais duvidar de você! Eu juro que vou te recompensar! Juntos, nós vamos superar tudo que aconteceu. Eu amo você, Paloma!

— Amor? Essa palavra soa tão bonita, mas esse é o pior sentimento que alguém pode sentir. Eu quis tanto ter o que meus irmãos tinham, mas agora eu vejo que isso não é para mim! Amar machuca! Amar dói demais!! — Digo com frieza.

— Me perdoa, Paloma. Eu devia ter confiado em você, mas estava tão cego, fui tão burro, não pensei que estava fazendo exatamente o que Wallace queria. Não pensei no que você estava sentindo, mas agora, eu vejo tudo com clareza.

— Perdão? Lembra todas as vezes que te pedi perdão? Lembra todas as vezes que me humilhei implorando que me perdoasse? Eu tentei tantas vezes falar sobre o vídeo, sobre o dia do nosso casamento e você nunca deixou me explicar. Agora acredita em mim? Mas é claro! Wallace deve ter contado a verdade! — Digo rindo de maneira histérica.

— Realmente, ele me procurou quando ficou sabendo do seu estado, mas não importa! Wallace é passado. Vamos passar uma borracha no que já passou e apagar toda essa merda.

— Como pode me pedir para esquecer tudo que fez, a maneira como me humilhou? Eu não te perdoo, Martim! Jamais te perdoarei!

— Não pode jogar tudo que vivemos fora, Paloma. Eu estava louco de ciúmes, não estava pensando nas consequências dos meus atos. Eu nunca mais deixarei que ninguém se coloque na nossa frente! Eu acredito em você, meu amor!

— Você só acredita em mim porque ouviu da boca do próprio Wallace! Se não fosse isso, ainda estaria duvidando do meu amor. Justo eu, Martim, que provei dia após dia, o quanto eu o amava. — As lágrimas já transbordam, sinto-me destruída.

— O que eu posso fazer para que me perdoe? Para que me

dê uma nova chance, amor...?

Martim olha para mim tão triste, tão angustiado... Entretanto, algo dentro de mim mudou, eu já não me importo, a dor que sinto é grande demais.

— Paloma, por favor, nós somos casados, temos uma filha, nós nos amamos, merecemos uma segunda chance!

— Nós estávamos casados e já tínhamos uma filha quando me jogou naquela maldita cabana! Você teve a coragem de dizer que Sarah não era minha, que ia me afastar dela!

— Eu sei que errei, amor. Eu sei que nada vai apagar o que eu fiz, a maneira como agi; mas nós precisamos um do outro, eu vou cuidar de você.

— Não preciso de você para cuidar de mim! Nunca precisei de você apontando meus defeitos, me dizendo o quanto eu fui errada nessa história! — Digo já com ódio. — Nunca quis sentir essa dor horrível que sinto agora! Muito menos ser cobrada de ser aquilo que você idealizou! Eu deixei o meu amor por você se erguer acima de tudo, até mesmo de mim mesma! Você me julgou, me condenou e castigou da forma que quis! Fui seu capacho, fui humilhada e menosprezada. Você não quis ver que, por trás de cada gesto meu e de cada palavra, era somente o amor que me motivava.

— Eu me arrependo tanto, meu amor. Eu te feri, pois era orgulhoso demais para te deixar falar. Eu deixei que Wallace me envenenasse. Enquanto você lutou por nós dois, você foi forte e não desistiu do nosso casamento. Me deixe agora lutar, Paloma,

mostrar que o nosso amor é maior que tudo.

— Não! Eu te disse uma vez que chegaria uma hora que eu desistiria de você! E esse momento chegou. Acabou! Agora vejo que eu não fui a vilã dessa história como todos me pintaram. Você errou ao se deixar envolver por sua paciente, mesmo sendo casado. Você foi errado quando não terminou seu casamento para ficar comigo. Errou quando não me deixou explicar o que aconteceu no dia do nosso maldito casamento. E errou quando quis se vingar de mim aqui em Mali! Você é tão culpado quanto eu.

— Paloma, amor, eu sei que nós dois erramos, mas podemos recomeçar. Eu me apaixonei por você, Paloma, assim que a vi. Pode ter começado da forma errada, mas foi só ao seu lado que fui verdadeiramente feliz. Eu sei que o que fiz não tem perdão, mas eu acredito que podemos superar toda essa tempestade. Vamos recomeçar, e fazer tudo certo dessa vez.

— Recomeçar? Nunca devia sequer ter começado! Eu nunca devia ter entrado na sua vida, nem ter feito tanta loucura para te ter para mim! Olha agora! — Aponto para mim mesma. — Olha o que eu ganhei com tanto sacrifício! No final das contas, Ana Beatriz tinha razão, eu não mereço ser feliz!

— Não diga isso. Você é tudo para mim, você e Sarah, são a minha razão de existir. Não pode jogar fora tudo que já vivemos, tudo que passamos, não assim.

— Eu não quero ficar mais nem um minuto perto de você, Martim. Chega de tanta conversa! Entenda que acabou e eu não

quero mais você. — Digo vazia.

— Paloma, para de falar isso.

— O desprezo machuca, não é?! — Pergunto rindo de maneira fria. — Bom, se acostume com ele. Eu o senti por muito tempo, logo você vai estar familiarizado.

— Paloma, você não é assim. Eu entendo que esteja ferida, magoada. Eu vou te dar um tempo para se recuperar.

— Não... Você não entende! Nunca vai entender. Martim, acabou...

— Isso é mentira, não diga isso! Eu amo você, não pode me deixar. Eu vou te provar que podemos dar certo, vou te mostrar o quanto te amo! — Tenta pegar minhas mãos, mas me esquivo do seu toque como se minha pele fosse arder em chamas.

— Desculpe, por não acreditar em nada que você diz. — Falo ressentida. — Vai embora, Martim! Desaparece da minha vida! Me deixa tentar juntar os cacos e seguir minha vida. — Me desespero com a dor forte na minha cabeça. Martim se aproxima de mim tocando meu rosto e um pânico horrível toma conta.

— Não me toca! Não me toca! — Grito desesperada.

— Não me olha assim, por favor, não tenha medo de mim. Nós vamos superar todo esse inferno! — Tenta me abraçar e eu me debato em seus braços enfurecida.

— Não me toca! Não me toca! Não me toca!! — Um desespero tremendo me acerta, sinto dificuldade de respirar. Eu sei que ele vai me machucar, não posso deixar, não posso!

— Vai embora!! Vai embora!! — Grito angustiada,
completamente fora de mim.



CAPÍTULO 27



SEM VOCÊ, SÓ HÁ O VAZIO...

“A ferida de um coração magoado é tão profunda, que nenhum médico consegue indicar um bom remédio para amenizar a dor.”

Martim

— Vai embora!! Vai embora!! — Ela grita, fazendo meu peito arder. Eu posso ver claramente a Paloma que conheci, transtornada e fora de controle. E o pior é que fui eu quem fez isso a ela. Antes que eu possa dizer algo ou fazer alguma coisa para tranquilizá-la, a porta se abre com tudo e Guilherme passa por ela.

— O que você está fazendo aqui?! — Pergunta olhando diretamente para mim.

— Eu precisava vê-la. — Tento dizer, mas os soluços de Paloma nos interrompem.

— O que fez a ela? O que você fez com a minha irmã?

— Eu não fiz nada! Nós estávamos apenas conversando. Eu precisava pedir perdão.

— Você não deveria ter mentido para Hector e ter a trazido para cá, olha como ela está!

— Você não entende! Eu amo Paloma!

— Eu posso até ser o mais calmo dos três, mas ainda sou irmão dela. Então, vou te dar um aviso! Se não se afastar agora, eu

vou tirar você daqui! E posso te garantir que será de uma forma que você não vai gostar! — Diz me olhando com ódio.

— Eu vou. Não porque está me ameaçando, e sim porque percebi que minha presença não está fazendo bem a ela. — Falo firme, mesmo arrasado por dentro. Saio de lá com o coração apertado, como se estivesse deixando uma parte minha para trás.

Voltar para casa é um martírio, não sinto mais aquela sensação acolhedora e muito menos a alegria de ver Paloma e Sarah me esperando. Sinto falta delas! Sinto falta da minha pequena. O que eu fiz com nossas vidas?

Olho ao redor e tudo que vejo são lembranças nossas. Eu achei que já havia me machucado antes, como fui burro, nada é pior que isso! É como se estivesse morrendo aos poucos, tamanha é a minha culpa. Suas palavras cortam mais do que facas, seu desespero, seu pranto, me deixam arrasado. Uma parte de mim diz que a perdi para sempre, outra parte insiste em dizer que ela ainda me ama, só está ferida e magoada.

Preciso dela para viver.

Entro no nosso quarto e sinto como se estivesse afundando. Meu peito arde, escorrego no chão frio e choro. Choro, como uma criança assustada.

— Paloma! — Chamo por ela, mas não tenho resposta, apenas o vazio. Estou tremendo, chorando, desolado. Meu corpo dói, mas nada se compara ao meu coração. — Deus, eu a perdi! —

Grito puxando meus próprios cabelos, desesperado.

Fecho os olhos e seus olhos azuis vêm à minha mente, seus lábios vermelhos, seu sorriso provocador. Seus gemidos, suas palavras doces.

— Não vou desistir de você, amor! — Falo, como se assim ela pudesse me ouvir. — Eu provarei todos os dias, até o fim da minha vida, que te amo, Paloma! Nunca mais a farei chorar, meu amor!



Na manhã seguinte, acordo no chão duro e frio, com a cabeça latejando, mas me sentindo mais confiante. Era como se algo na noite anterior tivesse me dado força para lutar, pela minha família, pela mulher que amo. Me levanto, indo direto para o banho. Me assusto com meu reflexo no espelho. Olheiras profundas, hematomas por todo o rosto, meu cabelo sujo, minha barba por fazer.

Entro no chuveiro e tomo um banho gelado. Demoro um pouco fazendo a barba. Termino de me arrumar e decido comer algo no hospital. Hoje terei uma conversa definitiva com Arturo. Eu entendo que ele me odeie e queira proteger Paloma, mas ela é minha esposa e é meu dever cuidar dela. Ele não pode me afastar dela. Eu preciso estar por perto, assim, vou poder provar que me arrependo e, aos poucos, conseguir seu perdão.

Chego no hospital já preparado para enfrentar os irmãos

Cartier.

Mas, para minha surpresa, a porta do quarto de Paloma está aberta e desprovida de seguranças. Estranho. Olho ao redor, mas não os vejo em lugar nenhum. Decido entrar de uma vez para ver minha esposa. Porém, assim que adentro o quarto, um frio toma conta de mim. Ela não está aqui.

Saio dali angustiado e procuro alguém do plantão de ontem que possa me dar uma resposta. Encontro Samira, enfermeira plantonista, no corredor.

— Samira, sabe se Paloma foi transferida para outro quarto? — Ela me olha com pesar e arruma a postura antes de dizer:

— Ela já foi, doutor.

— Eu não entendi. Paloma teve alta médica?

— Ela não teve alta, doutor. Sua esposa foi transferida daqui para Londres. A família dela preparou tudo e, durante a madrugada mesmo, eles a levaram em um helicóptero até a capital. E de lá iriam para Londres. Desculpa, mas, é tudo que sei.

Suas palavras são certeiras e me deixam chocado. Paloma se foi. Eles a levaram de mim. Eles levaram minha mulher e minha filha para longe de mim.

Deixo Samira falando sozinha e parto em direção ao hotel em que estavam os Cartier, com uma ínfima esperança de que ainda não tenham realmente partido.

Mas, assim como Samira, a mulher da recepção me diz que

eles se foram, ainda de madrugada.

Sem rumo, eu dirijo sem parar. As lágrimas turvam minha visão; tudo que eu sei é que ela se foi. Eu nem tive a chance de me desculpar, de ter seu perdão, de recuperar seu amor.

Kadish

Vestindo um vestido preto Chanel, sorrio sabendo que hoje faria meu primeiro grande desfile. A nova coleção da Chanel era um grande passo para uma modelo iniciante como eu. Minhas mãos estavam tremendo de nervosismo. Eu não poderia errar ou travar no meio da passarela, esse era um grande passo na minha nova vida.

— Não precisa ficar nervosa, é a sua vez de brilhar. — Me viro em direção à voz que diz isso e me surpreendo ao ver Dário dentro do meu camarim.

— Como conseguiu entrar aqui?

— Pensou que eu não ia vir dar um beijo de boa sorte na minha namorada? — Diz me puxando para ele e beijando meus lábios com carinho.

— Eu estava tão nervosa, mas só de você estar aqui comigo eu já fico mais calma. — Falo quando o nosso beijo acaba.

— Deixa eu olhar para você. — Fala me fazendo girar, seu olhar é quente e faz meu corpo se arrepiar. — Você está

maravilhosa, eu estou me segurando para não te carregar daqui direto para nossa casa.

— Kadish, vamos, já está quase na sua hora. — Fala Mel me chamando.

— Eu preciso ir.

— Vai lá, e não se esqueça, é sua hora de brilhar. Estarei lá embaixo te esperando.

Me despedi de Dário, indo até o início da passarela. Quando chegou a minha vez, eu simplesmente respirei fundo e caminhei em direção à passarela. Me senti confiante e poderosa, é como se enfim me sentisse dona de mim mesma. O som de “One Night Only” me fez flutuar pela passarela, quando girei e fiz a volta ouvi aplausos e assobios. Encerrei o meu desfile com o coração na boca, as meninas correram para me abraçar, comemorando. Depois de me trocar, pude enfim sair dos bastidores, e logo fui correndo atrás de Dário, que me beijou apaixonadamente assim que me viu.

— Você foi incrível, meu amor. — Diz o meu lindo namorado, me abraçando forte.

— Você viu o desfile? Foi incrível.

— Você era a mais linda naquela passarela, nenhuma delas tinha seu brilho.

— Obrigada. Por um momento eu pensei que não conseguiria, mas quando as cortinas se abriram e chegou a minha vez, foi como se tudo desaparecesse; era como se estivesse apenas eu e a passarela.

— Nós precisamos comemorar, que tal um jantar a dois? — Diz com um sorriso lindo no rosto.

— Bem, eu adoraria, mas vai ter um coquetel para as modelos da campanha, e eu tinha dito que iria para a Vic.

Percebo que Dário não gostou do que eu disse. Não ando tendo muito tempo para ele nessa última semana e sinto que isso o deixa chateado. Sem contar o fato que ainda não dormimos juntos. Eu não me sinto pronta ainda para esse passo tão sério.

— Tudo bem, nós podemos comemorar outra dia. — Diz sorrindo, mas o seu sorriso não chega aos olhos.

— Espera, eu vou avisa a Vic que vou jantar com você.

— Eu acho ótimo, vou adorar ter você só para mim essa noite! — Diz com a voz rouca e em seus olhos posso ver a promessa.



Entramos em um restaurante sofisticado de Londres, que não conheço. O maitre nos leva até uma mesa no canto do salão.

— Nossa, que lugar lindo! — Falo admirada com o ambiente. — Nunca estive num lugar tão chique como esse.

— Se depender de mim, você vai conhecer muitas coisas novas. — Fala pegando minhas mãos.

O jantar foi muito agradável. Dário escolheu vieiras ao molho marroquino, um prato diferente, mas delicioso.

Porém, tudo estava perfeito demais para ser verdade.

Quando brindávamos com champanhe, comemorando sucesso do desfile, fomos interrompidos por uma loira de olhos verdes que parou em nossa mesa.

— Dário, é você?

— Sherilin? — Diz ele ficando meio pálido, me fazendo sentir que essa mulher foi importante para ele.

— Eu voltei para cidade essa semana, eu já ia te ligar. Que bom vê-lo, faz tanto tempo que a gente não se vê... — Diz a lambisgoia fingindo que não me vê aqui.

— Sherilin, desculpe, mas eu e minha namorada estamos no meio de um jantar de comemoração e você meio que está atrapalhando. — Diz ele sério, e eu olho para ela, que fica pálida, e sorrio por dentro.

— Desculpe a minha falta de educação. Eu sou Sherilin, ex-noiva do Dário. Desculpa ter atrapalhado o jantar de vocês, mas quando o vi depois de tanto tempo, não podia não vir cumprimentá-lo.

— Eu sou Kadish, e não se preocupe, eu entendo perfeitamente. Mas, se não se importa, nós já estávamos de saída, temos que comemorar o resto da noite em casa. — Falo sorrindo sugestivamente e ela fica vermelha.

Dário chama o garçom e pede a conta, entendendo meu olhar para ele.

A tal Sherilin se despede e nos deixa a sós, mas não sem antes dizer que ligaria, o que me deixou enfurecida.

— Acho melhor nós irmos. — Diz meu namorado sem graça. Eu não digo nada.

Ver essa mulher se oferecendo tão descaradamente para ele fez com que uma insegurança me abatesse. Ela foi noiva dele, o que significa que ele a amava. Sem falar o fato que ela é linda e não carrega uma bagagem emocional como eu.

— Kadish, olha para mim. — Diz Dário assim que o carro para em frente à casa, ele segura meu rosto, o levantando na altura do seu.

— Eu posso ver sua cabeça trabalhando, só está faltando sair fumaça de dentro dela. Presta atenção no que eu vou dizer: eu estou apaixonado por você, não deixe nada e nem ninguém entrar na nossa relação, estamos construindo algo puro e verdadeiro. Sherilin não vale nada, ela me trocou por um cara que conheceu na internet e, se voltou para Londres, foi porque se deu mal. Mas eu não me importo com ela, não ligo se está de volta. Só não quero ver seus olhos tristes como agora.

— Me desculpa, eu estraguei nossa noite. É que ela é tão bonita e não tem tantos problemas e traumas como eu.

— Você não se dá conta do quando é linda, do quanto é especial. Só de olhar para você meu coração acelera, você é como uma flor rara em meio a um deserto. — Fala me beijando apaixonadamente, e eu correspondo de imediato, querendo mostrar que sinto o mesmo por ele.

Alice

O inverno acabou, dando lugar à primavera.

As cores estavam por toda a parte, mas minha irmãzinha não sabia disso.

Mais uma vez, eu estava ali, arrastando-a até o banheiro para se banhar.

— Você precisa reagir, eu não aguento te ver assim. A professora da Sarah a elogiou ontem, sabia? — Pergunto tentando fazer com que reaja.

— Desculpe por fazer você chorar. — Ouço ela murmurar baixo.

— Eu só quero você bem. Nós precisamos de você! Sarah precisa de você!

— Eu não consigo, dói demais. — Fala voltando a chorar. Abraço minha irmã tentando consolá-la, mesmo sabendo que isso tem sido em vão.

Tem sido assim no último mês. Paloma não sai de casa. Só come quando Sarah está por perto. Só toma banho quando eu a levo. Não faz nada, a não ser sentar em frente à janela e olhar para o vazio ou chorar. Eu sei que ela sente falta dele, que ela o ama. Até tentei convencer Arturo a deixar ele vê-la, mas ele está irredutível. Martim está desesperado à procura de Paloma. Ele está cercando todos nós atrás dela e estamos fazendo de tudo para que ele não descubra seu paradeiro, ele já machucou muito minha irmã.

Mas algo dentro de mim diz que ele pode ajudá-la.

— Sua amiga Kadish vem amanhã. Ela me disse que está morrendo de saudade de você. Outro dia, eu a vi na capa de uma revista. Ela me contou por telefone tudo que fez por ela. Eu sempre soube que você tinha um coração grande, fiquei tão orgulhosa de você! — Lavo seus cabelos com cuidado, ajudo ela a se enxaguar e logo em seguida a se secar.

Com um pijama confortável, Paloma volta a se deitar na cama. Os antidepressivos a deixam aérea, cansada. A porta do quarto se abre e Meire entra com uma bandeja de comida.

— Alice, como ela está hoje? — Pergunta preocupada, como todos nós.

— Igual, talvez você consiga fazer ela conversar um pouco e se alimentar direito. Vou buscar Sarah na escola. — Falo, dando um beijo na testa da minha irmã, deixando-a na companhia de Meire.

Hector

Meu regresso à Espanha foi necessário. Não pude ficar muito tempo longe do meu país. Minha irmã ficou em Londres, com meus irmãos. Estamos todos preocupados com seu estado emocional. Paloma está visivelmente transtornada.

Ouçõ uma suave batida à porta do meu gabinete, e logo

minha secretária passa por ela.

— Bom dia, Alteza. Sua agenda de hoje.

— Pode me passar, senhorita Menezes. — Digo sério.

— Às nove, o senhor tem uma reunião com o líder do parlamento. Às onze, a inauguração de um centro de integração para portadores de deficiências visuais. À uma, um almoço com o rei. O chefe da penitenciária Sotto Del Rei virá hoje no final do expediente, senhor.

— Você manteve essa reunião fora da minha agenda oficial? — Pergunto preocupado.

— Sim, senhor! Fiz conforme o senhor me passou, ninguém saberá sobre essa visita, nem mesmo o rei.

— Ótimo, senhorita Menezes! Mais alguma coisa?

— Sim, senhor. Tem um médico, ele veio ontem e anteontem, querendo falar com o senhor. Como o senhor estava em viagem à Andaluzia, não foi possível. Mas, ele está lá fora o aguardando e diz que o senhor o conhece, e que não sairá daqui até vê-lo. Pensei em chamar a segurança, mas decidi avisá-lo primeiro.

— Qual o nome dele, senhorita Menezes?

— Martim McGregor Lancaster, senhor.

Assim que ela diz o nome, uma raiva toma conta de mim. Não acredito que ele teve a cara de pau de vir até aqui atrás dela. Desgraçado!

— Mande-o entrar, Menezes, e assim que ele entrar, certifique-se que ninguém interrompa nossa conversa.

Minutos depois, Martim passa pela porta do meu gabinete. Ele está visivelmente mais magro, o rosto abatido, parece cansado, mas nada disso faz com que eu tenha pena dele.

— Lancaster! — Falo amargo.

— Hector. — Cumprimenta.

— Ortega para você! — Digo o olhando friamente.

— Onde está Paloma? — Diz, ainda de pé, indo direto ao ponto.

— Veio até a Espanha atrás dela? Acha mesmo que vou te ajudar?

— Eu não sei mais a quem recorrer. Arturo não diz onde ela está. Já faz dois meses que a procuro como um condenado e vocês a escondem de mim. Nem mesmo Guilherme ou Alice me dizem onde ela está. Cheguei ao fundo do poço! Preciso saber se ela ao menos está bem. Estou morrendo dia após dia sem ela.

— Paloma está ótima longe de você. Desista de procurar! Você não acha que já fez o bastante!?

— Eu a amo, Hector! Eu errei e estou disposto a consertar tudo que fiz. E Sarah é minha filha, Paloma e eu a adotamos, legalmente, vocês não podem escondê-la de mim.

— Terá que entrar com uma ação judicial para vê-la, com hora e dia marcado, e claro, sob supervisão de alguém de nossa confiança. Fique satisfeito por não o termos denunciado por sequestro e cárcere privado. Por sua culpa, ela voltou a ficar doente.

— Ela... Está doente? Ela está em crise? — Pergunta ele ansioso, e fica extremamente pálido.

— Vá embora, Martim! Paloma não precisa de você. Deixe-a em paz. Nem eu, nem meus irmãos diremos onde ela está.

— Você não pode fazer isso comigo. Por favor, me diga onde ela está! Diga como posso encontrá-la! Se ela está em crise novamente, ela precisa de mim, eu posso ajudá-la!

— Se quer mesmo ajudar, se afaste e deixe o tempo curar a dor que você causou.

— Eu não posso! Eu não posso viver longe dela! Não vou desistir de recuperar seu amor, de conseguir seu perdão!

— Vá embora, Lancaster, sua vinda aqui foi perda de tempo.

— Eu vou! Mas saiba que não desistirei! Eu irei encontrá-la, custe o que custar!

Verônica

O tempo passou muito rápido e Paloma não teve nenhuma melhora. Na verdade, as coisas pioraram. Tivemos que levá-la às pressas ao hospital graças a uma crise terrível que ela teve. Sarah, por sorte, não viu o estado da mãe. Todos estamos preocupados, pois nada que fazamos parece surtir melhora. Nem mesmo a visita da amiga Kadish ajudou.

Paloma está recebendo o melhor tratamento psicológico

possível, mas nem os remédios nem a terapia são o bastante para tirá-la do fundo do poço.

Artur corre pelo jardim junto com Sarah e Woody. Safira e Cristal dormem sobre a colcha colorida estendida na grama.

— Eu sei que ela está aí! Me deixem entrar!!! — Ouço alguém gritar.

— O que está acontecendo? — Pergunto a Dulce, assustada.

— Eu não sei, dona Verônica, parece que está vindo lá de fora.

— Fique com as crianças que eu vou lá ver o que está acontecendo.

Caminho até a entrada da mansão. Pelo circuito de segurança, posso ver tudo que acontece. Fico chocada ao ver Martim sendo contido por dois seguranças.

— Paloma, amor, você está aí? Me deixem entrar! A minha mulher está aí! Sarah, filha! — Ele grita desesperado batendo no portão.

Sem querer, memórias tristes vêm à minha cabeça. O dia em que eu estava no lugar dele e pedia desesperadamente que Arturo me deixasse ver meus filhos. Um aperto toma conta do meu coração. Eu sei que ele não merece, mas não é justo o que estão fazendo com Sarah, não posso deixar que façam o mesmo que Arturo fez comigo.

Então, decido fazer algo que sei que deixará Arturo

enfurecido, talvez até magoado. Volto até o jardim e chamo por Sarah.

— Sarah, querida, vem aqui com a tia.

— O que foi tia? Eu não fiz nada. — Diz a pequena em francês, um tanto assustada. Está sendo difícil para ela se adaptar com nossa língua e se acostumar com todos nós.

— Eu sei, querida, mas tem uma pessoa querendo ver você lá fora, que tal a gente ir lá?

Sarah me olha meio amedrontada, mas aceita minha mão. Conduzo-a até a entrada da mansão e peço que um segurança abra o portão. Assim que Sarah vê o pai, solta da minha mão e corre em sua direção.

— Papai, papai, papai!! — Grita a menina, e Martim começa a chorar emocionado ao vê-la.

Martim se ajoelha no chão, pegando a pequena no colo; é uma cena linda! Seria perfeita se não fosse tão trágica.

— Obrigado! Obrigado! — Diz ele com os olhos vermelhos, cheios de lágrimas, olhando para mim.

— Eu te amo, minha filha. O papai estava morrendo de saudade.

— A tia Alice falou que o senhor estava trabalhando e não podia vir me ver. Eu sinto muita saudade, papai!

— Eu também, meu amor. — Fala a abraçando forte.

— Como está a sua mãe? Você está cuidando dela?

— A mamãe está dodói e a vovó diz que eu tenho que ser

uma mocinha grande e cuidar dela. — Fala Sarah sorrindo.

Martim me olha, suplicando com o olhar que eu o deixe ver Paloma.

— Ela não está aqui, Martim. Sarah veio visitar os primos. É melhor você deixar Paloma se recuperar. Não está sendo fácil para ela.

— Eu preciso vê-la! Verônica, eu não aguento mais! Não é justo o que estão fazendo, me afastando dela. Ela ainda é minha mulher. Eu só quero vê-la, nem que seja de longe, por favor. — Implora.

— Eu não posso, sinto muito. Eu queria poder ajudar, mas já estou arriscando meu casamento deixando você ver Sarah. Por favor, não piore as coisas para mim.

Ele fica desanimado com minhas palavras. Acho que a última esperança dele era que eu lhe contasse onde Paloma está.

— Nós temos que entrar. Arturo logo vai chegar e não será bom ele ver você aqui. Não quero que Sarah presencie uma nova briga entre os dois.

— Tudo bem, você tem razão. Obrigado por me deixar vê-la. O papai vai ter que ir, meu amor, mas eu prometo que logo eu volto para buscar você e a mamãe. Enquanto isso, você cuida dela para mim.

— Está bem, papai, eu vou cuidar da mamãe.

Guilherme

— O que vamos fazer? Eu não aguento vê-la assim. — Diz Alice chorosa sentada no sofá da casa de Arturo. Estávamos todos reunidos para falar sobre Paloma, que não ia nada bem. Seu estado psicológico está preocupando todos nós.

— Ela só come quando Sarah está por perto, mas peguei ela outro dia vomitando tudo que comeu. — Falo triste.

— A bulimia voltou. — Fala mamãe séria, olhando para a janela.

— Talvez ela só precise de tempo e calma para melhorar. — Diz Verônica com um olhar triste.

— Talvez ela nunca mais volte a ser o que ela era. — Fala Arturo abatido. — Eu deveria ter acabado com a vida daquele médico miserável.

— E como isso teria ajudado no estado dela? — Diz Santiago, se pronunciando pela primeira vez.

— Eu não aguento vê-la assim! Ela cortou seus cabelos com a tesoura no banheiro. Está tão magra, não sai de casa para nada e aposto que se não fosse a Sarah, ela nem sairia da cama. — Diz Alice.

— O que a médica que está cuidando dela disse, Guilherme? — Pergunta Hector, que mais uma vez veio da Espanha para acompanhar o quadro de nossa irmã.

— A doutora Amber está preocupada com o estado dela,

pois os medicamentos não estão surtindo o efeito desejado, ela está num grave nível de depressão pós-traumática. Os medicamentos fortes estão deixando-a aérea e sonolenta, no entanto, sem eles, o seu quadro pode piorar.

— Isso não é saudável para Sarah. É muita coisa na cabecinha dela. Já faz meses que ela está em Londres e a mãe não melhora. Ela está perguntando pelo pai de novo, sente falta de Martim. — Fala Alice.

— Nós precisamos entrar em acordo. — Falo preocupado.

— Martim não vai desistir de encontrá-la. Ele ainda é o marido dela, vocês sabem. — Fala Santiago.

— Se depender de mim, por pouco tempo. — Diz Arturo se levantando e acendendo um charuto.

— Eu já falei que não quero que fume isso em casa! — Verônica o repreende.

— As crianças estão na casa de Amanda, e eu estou nervoso demais com toda esta situação. — Resmunga meu irmão.

— Se ele se aproximar dela, pode ser que isso piore seu estado. — Digo firme.

— Mas e Sarah? Ele ainda é pai dela! A menina sente a falta dele. — Diz Ali, revoltada com nossas decisões.

— Paloma precisa de tratamento adequado, não é justo ela ter que se fazer de forte perto da filha, e nem é justo com Sarah, conviver com a mãe nesse estado.

— Vocês não estão cogitando a ideia de interná-la? —

Questiona Verônica, se levantando.

— Talvez seja a melhor coisa a fazer! — Diz Santiago.

— Não! Não! Arturo, você não está pensando em fazer isso com ela, né?! — Diz ela já com lágrimas nos olhos.

— Acha que é fácil para mim ver o estado da minha irmã? Não é uma decisão fácil, Verônica!

— Tudo isso é minha culpa! Por favor, não faça isso com ela! — Suplica, chorando angustiada. Ali chora, assim como Verônica.

— Eu quero minha filha de volta e se para isso precisarmos procurar outra forma de tratá-la, é o que devemos fazer. — Diz mamãe, que até então se mantinha calada.

— Nós temos que pensar bem sobre isso, é uma decisão difícil para ser tomada assim. — Fala Arturo angustiado.

— Eu odeio ter que concordar, mas Paloma precisa de um tratamento melhor, mais adequado ao caso dela. Nós não estamos ajudando em nada. — Digo tentando pensar na saúde mental dela.

— Como podem estar cogitando a hipótese de colocá-la em um hospício? Ela é a irmã de vocês! — Grita Verônica, já fora de si.

— Verônica, jamais colocaríamos Paloma num lugar assim. Tem uma clínica, a Rehab, que é mais parecida com um SPA de luxo do que uma clínica, para pacientes com problemas psicológicos. Eu andei investigando o lugar e os médicos que trabalham lá. Talvez seja nossa única solução. — Tento convence-

la.

— Eu não vou apoiar isso. — Diz Ali, cruzando os braços.

— Nem eu. — Fala Verônica visivelmente contrariada.

— Nós podemos tentar por um tempo, e se Paloma não melhorar, nós a trazemos de volta para casa. Nós estamos ficando sem opção. — Diz Arturo dando a palavra final.

Arturo

— As malas dela já estão no carro. — Diz mamãe tentando se manter firme e não desabar. Verônica não quis vir, se sente culpada pelo estado de Paloma. Tentei convencê-la que os únicos culpados por Paloma estar assim são Wallace e Martim, os dois desgraçados que arruinaram a vida da minha irmã.

— Me espera no carro, mãe, vou ajudar Hector a trazê-la.

— Guilherme não veio? — Pergunta.

— Guilherme foi na frente, já está na clínica preparando tudo para chegada dela.

— Ela está calma! Hoje eu conversei com ela, disse que a levaríamos para um SPA, ela apenas assentiu.

— Ela vai melhorar, mãe, eu prometo!

— Eu espero que sim, filho, não aguento mais vê-la assim. Como pude ser tão negligente? Nunca deveria ter encorajado ela a ir atrás dele. — Diz não segurando as lágrimas.

— A culpa não é sua, mãe. — Abraça-a, e ela não aguenta,

soluça em meus braços.

— Traga minha princesinha de volta.

— Eu vou tentar, mãe, eu juro que vou tentar.

Deixo dona Inês no carro e entro para buscar Paloma.

— Não se aproxime de mim, Esteban, eu não sou seu filho.

— Diz Hector parado em frente ao meu pai.

— Uma hora nós vamos ter que conversar, Hector. Você é meu filho. Pode negar o quanto quiser, mas é meu sangue que corre em suas veias. — Diz meu pai a Hector, que o olha com ódio.

Entro na sala ruidosamente, chamando a atenção dos dois.

— Onde ela está? — Pergunto ignorando a discussão dos dois, tenho problemas maiores para me preocupar.

— Está no quarto, eu acabei de sair de lá, estava só esperando você chegar.

— Eu estou indo, já me despedi dela. Assim que os médicos liberarem visitas, vocês me avisam, que irei ir vê-la. — Diz meu pai, mas antes de sair, avisa meu irmão:

— Hector, nós ainda iremos conversar!

— Então, vamos! — Falo indicando a porta que leva ao quarto de Paloma.

Abro a porta e encontro ela naquela maldita cadeira de balanço.

— Paloma? — Chamo por ela, mas ela não parece me ouvir.

Meu peito arde vendo-a assim. Não importa quantas vezes

eu a visite, em todas elas me surpreendo vendo seu estado lastimável. Essa não é a Paloma Cartier que conheço, apenas o caco do que ela foi um dia.

Me aproximo dela, tocando seus cabelos, agora curtos de novo, e fecho os olhos; não gosto nem de pensar no que ela poderia ter feito com aquela maldita tesoura, se minha mãe não tivesse a visto.

— Paloma, nós temos que ir, irmãzinha! — Só então ela olha para mim. — Como está se sentindo hoje? — Pergunto tocando seu rosto pálido e frio.

— Estou bem. — Diz vazia.

— Hector e eu vamos te levar para a clínica.

— Quem vai cuidar de Sarah, enquanto estou longe?

— Alice e Guilherme. — Digo olhando em seus olhos.

— Alice é boa para ela. Diz pra Ali que Sarah não gosta de dormir no escuro, tem que ter uma luz de abajur para ela dormir bem. — Fala se levantando.

— Pode deixar que eu digo a ela.

— Arturo? — Me chama antes que eu abra a porta para ela.

— Eu amo você, meu irmão, você sempre foi meu herói. Não se culpe pelo que aconteceu comigo, a única culpada de tudo sou eu.

Não digo nada, mas uma lágrima escorre do meu rosto.

Hector a ajuda a entrar no carro. Eu tomo meu lugar ao volante e meu irmão vem no banco da frente, ao meu lado.

O caminho foi longo e cansativo. Nos mantivemos todos em silêncio, todos presos em seus próprios pensamentos. Uma angústia horrível tomou conta de mim, assim que passamos pelos portões da clínica. O lugar era bonito, bem arborizado, realmente parecia um SPA de luxo. Estacionei o carro na entrada e vi Guilherme caminhando até nós.

Hector abre a porta para Paloma descer, ela observa tudo de maneira mecânica, como se nada fosse realmente importante para ela.

O diretor da clínica nos mostra todo o lugar e devo admitir que realmente é diferente do que imaginava. Nada se parece com um manicômio ou algo do tipo, é mais um lugar para descanso e relaxamento. Ele nos explica como seria feito o tratamento de Paloma, com terapia motivacional.

— O método de tratamento para a depressão da Clínica Rehab inclui interferência medicamentosa, socioterapia, grade de atividades terapêuticas e instalações sofisticadas para propiciar o ambiente terapêutico mais agradável para refazer o projeto de vida, readquirir a autoestima, a positividade e a esperança de uma vida melhor. — Diz o diretor tentando nos passar esperança que ela realmente melhore.

— Nós daremos a você, Paloma, a devida atenção para que as atividades terapêuticas não se tornem apenas uma mera ocupação de tempo, mas sim uma forma de amadurecimento

emocional. Amanhã mesmo começaremos a terapia e a mudança dos medicamentos. Logo você se sentirá melhor e voltará para casa, para sua família. — Diz ele com um sorriso bondoso.

— Vamos, Paloma, venha conhecer seu quarto. — Diz Guilherme, segurando as mãos dela. Passamos por um corredor bem iluminado. Tudo é muito bonito e luxuoso, lembra um grande hotel. Guilherme abre a porta de uma suíte com uma cama grande de casal, a janela tem vista para o jardim, o quarto é bem bonito.

— Paloma, você quer ficar aqui? — Pergunta Hector, olhando diretamente para ela.

— Eu estou bem, é melhor vocês irem embora.

Quando ela diz isso de maneira tão fria, mamãe solta um soluço sofrido e abraça Paloma forte, se despedindo. É difícil deixá-la aqui, mas eu sei que é a melhor coisa a se fazer.

— Se cuida, princesinha, eu prometo que virei te visitar sempre. — Falo abraçando minha irmãzinha tão linda, agora tão quebrada.

— Você irá se curar, Paloma. Eu prometo que voltará a ser a Paloma Cartier forte que sempre foi! — Falo com fé.

— Aquela Paloma não existe mais...



CAPÍTULO 28



DECISÕES DESESPERADAS

“Me pergunto quem era eu!? Como fui tão cega? Como deixei tudo ir tão longe? Eu já deveria saber que não daríamos certo.

Alguém sempre tem que ceder, alguém sempre tem que se quebrar. Mas, tudo que eu sempre fiz foi me doar e tudo que você faz é tomar mais e mais de mim.”

Martim

O tempo passou, e os dias tornaram-se semanas, as semanas meses, mas dentro de mim, o vazio que ela deixou estava sempre ali.

Olho para a janela, sem me lembrar exatamente de quando a neve cessou, quando as flores desabrocharam, e de quando os dias começaram a ficar mais quentes. A brisa suave acaricia meu rosto, me lembrando que ainda estou vivo. Deixo as cortinas abertas, trazendo luz a meu escritório escuro. Me sento mais uma vez na frente dessa mesa com papel e caneta na mão.

“Eu continuo guardando todas as cartas que te escrevi, minha loirinha. Em cada uma delas, eu coloco uma parte de mim. É como, se por meio delas, eu pudesse conversar com você, mesmo que eu não possa te ouvir. Basta fechar os olhos e você está aqui comigo. Até tento conter as lágrimas, mas é inevitável. Que falta que você me faz!”

“Como você está, amor?” — Escrevo no papel já amassado. — “Sinto a sua falta, preciso de você. Preciso te ver, mesmo que você me odeie pelo que fiz.”

Continuo escrevendo, até não ter mais palavras para dizer o quanto me arrependo por tê-la feito chorar. Guardo a carta junto com todas as outras, nem sei por que as escrevo, mas talvez por dentro eu ainda tenha esperança de entregá-las.

Minha cabeça fica girando e ouço a voz de Arturo, repetindo como na última vez que o vi. A forma como descreveu tudo que Paloma passou em minhas mãos, me fez sentir um completo monstro.

Mas ele está errado! Todos estão! Não é uma questão de orgulho, como ele disse, eu só queria uma chance de tentar fazer as coisas certas desta vez. Mas, nem mesmo tentar eu posso. Eu preciso me redimir, me desculpar, conquistar seu perdão. Eu a amo, de uma forma que me assusta, de forma a ter certeza que jamais amarei novamente.

Minha vida se tornou um inferno nesses últimos meses, não sei como consigo suportar a falta que elas estão fazendo.

Me viro bruscamente, em direção à porta do meu escritório. A casa que comprei para vivermos juntos agora é meu lar, um lar triste e vazio sem minha família. Nem mesmo os empregados me suportam, fazem questão de desaparecer assim que eu chego. Olho em direção ao interruptor do meu escritório quando a luz é acesa, era só o que me faltava.

— Harry! — *Claro, quem mais seria?* penso comigo. — O que está fazendo aqui? — Questiono mal-humorado.

— Vim ver se ainda está vivo, se não se suicidou. Agora, olhando para a sua cara, parece que não falta muito para isso! — Fala com deboche.

— Não estou com paciência hoje, cara! Me deixa sozinho!

— Para quê? Para continuar se destruindo? Bebendo feito um louco? Quando foi a última vez que tomou um banho ou fez a barba ou até se alimentou?

— Você não entende! Não sabe o que eu estou sentindo!

— A única coisa que eu sei é que, nesse estado, você não vai conseguir ter ela de volta! Cara, você fede!

— Me deixa em paz!

— Tudo bem, se você não quer saber o que eu descobri... Tudo bem. Mas, pensei que quisesse saber onde a sua mulher está!

— Você descobriu onde ela está? — Digo me levantando da cadeira surpreso.

— Bem, não exatamente, mas tenho uma pista quente de onde ela pode estar.

— Me fala logo, porra!! Me conta tudo que sabe!

— Só direi depois que você tomar um banho e fazer essa barba. Você está parecendo o naufrago daquele filme.

Com a esperança renovada, eu me levanto e sigo direto para a suíte; espero que um banho gelado me ajude a me recuperar do porre que tomei.

Após ter feito a barba, me olho no espelho e nem me reconheço. Meu rosto está pálido, com olheiras profundas, parece que envelheci anos. Pareço mais magro e meus cabelos estão compridos.

Saio do banheiro indo direto para o closet, e não consigo evitar olhar para a sua parte do guarda-roupa, que ainda mantém algumas peças esquecidas. Um vestido preto curto que me lembro de tê-la visto usando.

Desço as escadas até a cozinha, dessa vez mais animado.

— Pronto! Satisfeito? — Falo ao meu amigo, que abre uma embalagem plástica em cima da mesa da cozinha.

— Vou ficar quando você se alimentar direito. Não aguento mais receber ligações da sua mãe preocupada com você.

— Se for para me falar logo onde ela está eu faço qualquer coisa. Até aguentar você no meu pé! — Digo já de mau humor.

Como rápido a comida que ele trouxe. Confesso que nem sinto direito o sabor, de tão ansioso que estou.

— Pronto! Agora dá para falar logo o que descobriu?

— Estou vendo que se demorar mais um segundo, é capaz de me matar!

— Para de brincadeira! Já faz meses que não a vejo, quer que eu esteja como?

— Eu te entendo, cara. E é por isso que andei vigiando o doutor Thunderwolves e a esposa. No começo não consegui muita coisa, a rotina dos dois é muito parecida, mas na terça-feira ouvi a

Alice dizendo que iria a uma clínica em Guildford visitar um parente e precisava trocar o plantão com a Kay.

— Eu não sei de nenhum parente dos Cartier que mora em Guildford.

— Bom, como sou muito esperto, eu fiz uma pesquisa rápida sobre Guildford. E descobri algo que não sei se você vai gostar muito.

— Fala logo, porra!

— Em Guildford, tem uma clínica para pacientes com problemas psicológicos, e eu aposto que sua mulher está lá.

— Não! Não pode ser eles, não fariam isso! Colocar Paloma em um hospício? Não é possível! Eles não seriam capazes. Você deve ter ouvido errado. Tem certeza que foi Guildford para onde ela disse que iria?

— Eu sei que é difícil de aceitar, mas faz todo o sentido eles a mandarem para lá. O tal Hector não disse que ela estava doente?

— Mas uma clínica para doentes mentais? Isso é demais, Paloma não precisa disso! Um lugar como esse só pioraria seu estado.

— Só tem uma forma de você saber se ela está lá.

— Eu vou para lá! Se Paloma estiver lá, eu vou tirá-la de lá! Paloma é minha esposa legalmente e isso não vai ficar assim.

Dário

Verifico a mesa do jantar, confirmando se estava tudo no devido lugar. Esta noite, quero que tudo esteja perfeito. Acendo as velas, as que estão espalhadas pela sala e as que estão sobre a mesa do jantar. Dúzias de rosas vermelhas decoram o ambiente. Ligo o som bem baixinho, selecionando uma playlist bem romântica. Olho para o relógio, que marca as oito horas, ela já deve estar para chegar. Ajeito mais uma vez a minha gravata, tentando ficar o mais apresentável possível.

Não demora muito para a porta abrir e Kadish entrar com duas sacolas nas mãos, mas paralisa assim que vê as rosas.

— Meu Deus, Dário, que lindo! — Diz com um lindo sorriso no rosto.

— Hoje é um dia especial e pensei em fazer algo único para nós dois.

— Achei que você não soubesse, já que não te contei.

— E como eu poderia deixar de comemorar o aniversário da minha namorada? Parabéns, meu amor.

— Já disse que você é incrível? — Diz, me beijando. Amo quando ela toma a iniciativa de me tocar. Tudo com ela é diferente, espontâneo, natural.

— Você demorou, eu já estava indo te buscar.

— Desculpa, estava uma correia hoje na agência. Também passei no hospital para falar com Alice sobre Paloma, quero visitá-la. — Diz com certa tristeza no olhar.

— Vem, não vamos pensar em coisas tristes agora, esta é

nossa noite especial — falo oferecendo a mão, e ela não recusa. Conduzo-a até a sala de jantar, e assim que vê a mesa toda arrumada para nós dois, Kadish sorri apaixonada.

— Assim eu vou ficar mal-acostumada.

— Eu não me importo! Posso te mimar a vida toda, se for preciso. — Percebo que minhas palavras mexem com ela.

— Você preparou tudo isso?

— Sim! Passei o dia todo pensando em como fazer tudo. Confesso que queria te impressionar. — Falo segurando suas mãos.

— Se queria me impressionar, você conseguiu. Estou encantada.

— Você gostou mesmo?

— É claro! Estou emocionada!

— Eu amo você, Kadish, e quero te fazer feliz!

— Eu não sei o que seria de mim sem você. Nunca senti as coisas que sinto ao seu lado, você domina minha mente e meu corpo. — Diz corando, ficando ainda mais linda.

— Pois saiba que o mesmo acontece comigo. Me vejo ansioso para voltar para a casa todos os dias, apenas por saber que você está aqui me esperando.

Nós jantamos num clima gostoso, eu mesmo tinha preparado minha especialidade na cozinha: escondidinho de carne de cordeiro com molho de vinho. Enquanto comia, sempre me via observando seus delicados traços, ela é linda, perfeita para mim.

— Preciso te contar algo. — Fala meio tensa, após sorver um gole de vinho.

— O que houve? — Pergunto já apreensivo.

— Sherilin me procurou na agência. — Congelo ao ouvir suas palavras.

— O que ela foi fazer atrás de você?

— Ela tentou me convencer a deixar você, disse que eu era a única coisa que impedia você de voltar para ela.

— Você não acreditou naquela louca!? — Pergunto preocupado que Sherilin tenha colocado coisas na cabeça de Kadish.

— Não, eu não acredito nela. Mas não deixo de pensar que ela é linda, vem de uma boa família e não tem um passado tão sombrio quanto o meu.

— Ouça o que eu vou te dizer, Kadish! Sherilin pode até ser bonita, mas a beleza dela não se compara à sua. Amor, você não é só uma deusa, você é linda por dentro e por fora. Não imagina o quanto eu me seguro para não te jogar em cima dessa mesa e te fazer minha! Não imagina quantos banhos frios eu ando tomando desde que te conheci. — Ela perde o fôlego, posso ver o quanto ficou mexida com minhas palavras.

— Eu só quero você, Kadish. Nenhuma outra me faz sentir o que você faz. É muito mais do que atração física, é amor. — Digo, aproximando meu rosto do dela e beijando sua boca desesperado. Como se, com meu beijo, eu pudesse apagar todas as

dúvidas que povoam sua mente. Nosso beijo começou lento, e foi se tornando voraz, descontrolado. Kadish e eu nos beijamos como se não houvesse amanhã, e eu me senti o homem mais sortudo da terra por tê-la em meus braços.

— Eu quero que esta noite seja inesquecível para nós dois.

— Me faça sua, Dário. Faça-me sentir como é ser amada de verdade. — Diz meio tímida, mas isso apenas a deixa mais desejável aos meus olhos.

Não espero outro convite e a pego no colo, subindo com ela nos braços até o segundo andar. Passamos por uma trilha de rosas, que fiz especialmente para ela. Kadish apenas olha tudo emocionada.

Abro a porta do meu quarto com certa dificuldade. Ela nunca entrou aqui, esta seria sua primeira vez no meu quarto, mas, se dependesse de mim, agora este seria o nosso quarto.

Ponho-a no chão e ela contempla boquiaberta tudo que preparei para nossa noite especial. A cama está coberta com pétalas de rosas vermelhas, sobre ela uma bandeja com champanhe e chocolate, a luz baixa dá um toque ainda mais romântico.

— Você fez tudo isso? — Pergunta boba.

— Sim, cada detalhe. Você gostou?

— Ninguém nunca fez algo assim para mim, é lindo! — Fala emocionada.

— Olha para mim, Kadish. — Digo firme. — Isso não é nada, comparado ao que você faz comigo. Você merece isso e

muito mais, amor! — Digo, a puxando para meus braços e a beijando avidamente.

Kadish

Dário me empurra para a parede mais próxima. Sedento, beija meus lábios e dá uma mordida que me arre pia inteira.

— Você é a mulher mais linda que eu já vi. Eu sou um cara de sorte. — Ele me olha de maneira apaixonada, como se eu fosse o centro do seu mundo, e beija o meu pescoço me deixando louca. — Você quer brindar? — Sua voz suave roça minha pele.

— Depois. — Respondo faminta por ele.

Nunca me senti assim, é como se o toque daquele monstro tivesse sido apagado de todas as minhas lembranças. Só existe o Dário. Seu olhar é de puro desejo. Não acredito que isso está acontecendo. Estamos nos entregando de corpo e alma um ao outro.

Dário me vira de costas, coloca as minhas mãos na cama e então, começa a descer o zíper do meu vestido. Sinto medo que ele sinta nojo ou repulsa ao ver minha pele marcada pelas várias cicatrizes que carrego.

Meu vestido cai lentamente, e fico apenas de lingerie em sua frente.

— Vire-se! — Ordena com a voz rouca de desejo.

Toda envergonhada por estar só de sutiã e calcinha diante dele, eu me viro e me surpreendo ao ver seu olhar quente e desejoso.

— Você é perfeita, Kadish! É linda assim, sem tirar nem pôr nada.

— Eu quero você. — falo ansiosa.

— Você me tem, amor, eu sou todo seu. — Fala e segura meus seios por cima do sutiã, beijando entre eles e me fazendo gemer alto. Ele leva suas mãos até o fecho e o abre. Meus seios saltam para fora e Dário os chupa como se fossem uma fruta pronta para ser consumida. Ele suga meus dois seios alternadamente, me fazendo sentir uma sensação desconhecida prazer. Meu corpo todo fica em brasa. Nunca senti nada comparado a isso. É intenso e inexplicável.

— Eles são lindos, perfeitos para mim. — Diz em delírio.

Abro os meus lábios para responder, mas sua língua invade a minha boca, varrendo cada canto. Suas mãos começam a deslizar sobre a minha cintura, até que uma delas pousa dentro da minha calcinha. Ele começa a me tocar lentamente, me torturando; eu já não me contenho, minhas mãos o puxam mais e mais.

Dário me pega em seus braços e me deita sobre a cama. Começa a tirar sua roupa. Meus olhos analisam cada movimento seu. Ele é lindo; há uma tatuagem de cruz no seu abdômen, não tinha visto ainda. Quando ele se desfaz da boxer, eu quase babo admirada com o seu membro. Seu pau grosso estava duro feito uma

rocha pronto para me enlouquecer. Minha boca saliva de vontade de chupá-lo.

— Eu quero que esta noite seja inesquecível e que eu consiga apagar da sua mente todas as coisas horríveis que você já passou. — Fala erguendo meus pés e os beijando com delicadeza.

— Eu te amo. — Falo pela primeira vez, colocando para fora o sentimento que venho guardando dentro de mim.

— Eu te amo mais, minha deusa.

Esse era o homem para que escolhi entregar meu corpo e meu coração, o primeiro que me fazia sentir à vontade para tentar sentir prazer na cama. Dário faz uma trilha de beijos desde meus pés, subindo por minhas pernas, até chegar à minha intimidade. Rapidamente tira a minha calcinha encharcada, e a joga para trás.

— Abre as pernas para mim, minha deusa. — Diz firme e eu obedeço.

Então, ele começa a beijar e chupar minha boceta com gosto. Sua língua brinca com a minha intimidade me deixando louca, eu já puxava os lençóis com força, me contorcendo de prazer. Sua língua castiga meu clitóris inchado, me fazendo estremecer. Dário coloca um dedo dentro da minha boceta e faz movimentos de vai e vem, enquanto sua língua continua a doce tortura. Fecho os olhos desesperada, em busca de algo que não sei o que é.

— Deus! — Digo louca de prazer, gozando pela primeira vez na vida. Sentindo como se fogos de artifício estivessem acesos

dentro do meu corpo. Sinto-o dar uma leve mordida e chupar todo meu gozo. Ele olha para mim e sorri satisfeito.

— Você é uma delícia, amor. Sua boceta é como mel na minha boca. — Diz beijando o meu pescoço e me deixando arrepiada.

Sinto o seu pau roçar a minha entrada, é como se pedisse permissão. Dário me olha nos olhos e segura as minhas duas mãos. Ele entra em mim, e eu abro os meus lábios em um “o” pelo prazer que sinto. Foi diferente de tudo que já havia sentido; com ele, tudo é mágico. Não estávamos fazendo sexo, e sim amor.

— Você é apertada. Amor, não vou aguentar muito tempo. — Geme alto.

— Isso, Dário, não para, por favor. — falo desesperada ao tê-lo dentro de mim. Seus golpes são lentos e profundos. Minhas unhas vão direto para suas costas. Sua boca está sempre na minha, numa sintonia perfeita.

Depois de longas estocadas e gemidos de prazer, me contorço sob seu corpo, sentindo-me cada vez mais quente. Minha intimidade palpita de tão molhada que está e eu gozo, gritando por ele. Dário me segue, gemendo alto e estocando ainda mais rápido.

Quando termina, estamos os dois entrelaçados, suados e com sorrisos satisfeitos.

— Você é perfeita, Kadish, nunca senti nada parecido com hoje!

— Você foi incrível, Dário. Obrigada por me fazer sentir

tão especial. Por ter feito algo tão romântico, só para mim.

— Você merece o céu, meu amor. Eu sou um mero escravo em suas mãos. — Fala feito um bobo apaixonado.

Eu não resisto e beijo seus lábios com carinho, sendo surpreendida com seus braços fortes me erguendo.

— Esse foi apenas o começo. Preciso ter você mais e mais, a vida inteira acho que não é o suficiente para mim. Vamos, aquele champanhe está esquentando...

Martim

Após Harry ir embora, eu não esperei mais nada. Troquei de roupa, peguei as chaves do carro e parti em direção a Guildford. O tempo nunca pareceu demorar tanto para passar. Meu telefone tocava, pela terceira vez naquele dia, olhei o número e vi que mais uma vez era meu pai. Mas não tinha condições de falar com ele agora. Precisava me focar em encontrá-la. Desta vez ninguém ficaria no meu caminho, eu conseguiria vê-la e a tiraria de lá, custasse o que custasse.

A cada quilômetro percorrido meu coração ficava mais acelerado, minhas mãos suavam de ansiedade. Assim que vi a placa indicando a entrada para Guildford, me vi ainda mais ansioso. Segui o GPS até a clínica, que não era muito longe. O lugar é bonito, parecia um refúgio no meio da natureza.

Estaciono o carro na estrada da Rehab e desço apressado,

entrando na clínica.

— Em que posso ajudar? — Pergunta a recepcionista, assim que me vê.

— Eu quero visitar uma paciente. — Digo, enquanto boto o cotovelo no balcão de mármore.

— Certo. E qual seria o nome da paciente? — A moça pergunta.

— Paloma Lancaster. — Respondo olhando ao redor, analisando o lugar.

— Desculpe, senhor, mas não temos nenhuma Paloma Lancaster em nosso sistema. — A moça responde retirando os óculos.

— Não é possível. Ela está aqui, eu sei que tá.

— Deve ser algum engano, senhor, nossos sistemas não erram. — Fecho os olhos frustrado, ela tem que estar aqui!

— Você pode ver se ela está usando o nome de solteira, Paloma Cartier?

— Tudo bem — diz voltando os olhos para o computador.

— Grato. — Agradeço nervoso.

— Encontrei Paloma Cartier, mas infelizmente não poderia liberar sua visita. A paciente não está evoluindo em quadro e as visitas foram suspensas por ordem do doutor Gregório.

— Eu quero falar com o diretor da clínica e com o médico responsável pelo seu quadro.

— O doutor Josh Bowlby não atende ninguém sem hora

marcada — diz a mulher assustada com meu tom de voz.

— Escuta aqui, como é mesmo o seu nome? — Respiro fundo para me acalmar.

— Ariane. — Diz trêmula.

— Ariane, acho que você não tá entendendo o que tá acontecendo. A minha esposa está internada aqui sem o consentimento do marido. Ou seja, a sua internação é ilegal! Então você vai chamar o seu chefe e dizer a ele que Martim Lancaster quer falar com ele agora!

Ela nem responde; se levanta toda atrapalhada, pega o telefone e liga para a sala do diretor do lugar. Respiro fundo tentando me acalmar e não fazer besteira, mas a minha raiva nesse momento já foi às alturas.

— Martim, não acredito que é você aqui! — Diz Josh me surpreendendo.

— Você é o diretor da clínica? — Pergunto ao meu velho amigo de doutorado.

— Sim, eu mesmo. Nem acreditei quando Ariane me falou seu nome. — Diz me dando um abraço apertado.

— É bom ver você, velho amigo, preciso da sua ajuda! — Falo desesperado.

— Vem, vamos para a minha sala e você me explica essa história melhor. Da última vez que te vi, sua esposa era Ana Beatriz Gouveia e não Paloma Cartier. Me conta essa história que vou tentar te ajudar.

Acompanho-o até sua sala, observando melhor a clínica — que não é nada do que eu imaginei. O lugar é aconchegante e acolhedor, mais parece um hotel do que uma clínica médica.

— Sente-se, meu amigo, e me conte em que confusão você entrou. — Ele me olha com um sorriso amigável.

Começo do início; conto sobre como conheci Paloma, seu quadro médico, seu histórico, e passo a próxima hora contando tudo que nos aconteceu, sem omitir nada.

— Estou chocado, devo admitir. Se não tivesse ouvido da sua boca tudo isso, não acreditaria.

— Eu preciso vê-la. Sei que ela está aqui, e posso ajudá-la. Já cuidei dela, não existe ninguém melhor do que eu para tratá-la.

— Não é tão fácil assim, meu amigo. A paciente não está respondendo a nenhuma terapia que estamos aplicando. Ela simplesmente não responde ao tratamento. É como se ela tivesse perdido a vontade de viver.

— Me deixe vê-la, por favor, eu ainda sou o marido dela!
— Me desespero ainda mais ao saber do seu estado.

— Tudo bem, eu vou te levar para vê-la, mas terá que me prometer não fazer nada que comprometa ainda mais o estado da paciente. Você é meu amigo, mas esta clínica é minha e eu zelo pelo bem-estar dos meus pacientes. — Diz Josh enquanto retira seus óculos.

Após eu prometer que não faria nada para piorar o quadro de Paloma, ele me leva por um corredor branco, com várias portas

fechadas.

— Eu vou deixar você vê-la sozinho. Acho que precisa de privacidade. O quarto dela é o número doze. — Dizendo isso ele me deixa sozinho.

Eu sigo em direção ao quarto, e a cada passo sentia que meu coração estava para sair do peito. Coloco a mão na fechadura fria e entro. Imediatamente meus olhos foram para a cama, onde um corpo frágil estava encolhido. Me aproximo da cama, vendo seu cabelo, que outrora estava comprido agora curto. As lágrimas enchem meu rosto. Foram meses longe dela, sem saber como ela estava, sem sentir sua pele macia, sem seus beijos. Sua pele está pálida e seu rosto abatido. Ela parece estar em um sono profundo.

— Paloma? — Chamo por ela, me sentando na cama, e passando as mãos pelo seu cabelo. — Amor! Eu estou aqui, eu vim te buscar, princesa. — Ela não esboça nenhuma reação, parece dopada. — Você precisa reagir, meu amor! Paloma, você precisa lutar. Eu preciso de você! Sarah precisa de você! — Eu suplico, não contendo as lágrimas, enquanto seguro suas mãos frias.

— Eu quebrei muito você, anjo — acaricio seu rosto pálido. — Não sei como consertar as coisas.

Me levanto, vendo a ficha médica na parede do quarto e começo a ler a dosagem de medicação que foi receitada, e logo entendo o estado dela. Paloma está dopada. Os remédios são muito fortes, desse jeito irão acabar com seu cérebro. Arturo não podia ter feito isso com ela! Paloma não merecia isso.

Volto para a cama, arrumando a coberta sobre ela. Noto que ela perdeu muito peso, posso ver os ossos do seu maxilar. — O que eu fiz com você, meu amor!? — Sinto-me um monstro por tê-la feito chegar a esse estado.

Deixo Paloma dormindo naquele quarto e saio de lá decidido a resolver de uma vez por todas essa situação.

Arturo

Estava distraído revendo os relatórios de exportação, quando de repente a porta da minha sala se abre e Verônica passa por ela.

— Tá ocupado? — Pergunta sorrindo se aproximando de mim.

— Para você nunca, minha rainha. — Digo beijando seus lábios carnudos.

— Estava com saudade e vim te buscar para almoçarmos juntos, o que acha? — Ela sorri enquanto retribui o beijo.

— Acho uma ótima ideia. — Falo beijando seu pescoço. Olhando para o seu decote exagerado.

— Não gosto dessa blusa, tá deixando minhas coisas à mostra. — Digo emburrado.

— Pois eu não acho. Estou me sentindo linda. E, mesmo que tenha alguma coisa à mostra, você sabe que é o único que pode me tocar, o único dono do meu corpo e alma. — Ela sorri me abraçando e eu fico sentindo seu cheiro.

— Se você ficar falando essas coisas nós não vamos almoçar, serei obrigado a te jogar nesse chão e te comer tão forte que todos na Cartier vão ouvir.

— Nem vem, engraçadinho, estou toda dolorida de ontem.
— Fala me fazendo lembrar que ontem à noite açoitei sua bunda no Lê Domain.

— Sei bem que gostou. — Digo provocando. Ela me olha como se me devorasse vivo.

— Sabe que amo quando me domina, senhor Cartier, amo quando estamos no clube. — Não espero ela dizer mais nada, ataco sua boca sedento. Verônica corresponde meu beijo tão ou mais desesperada. É sempre assim. Sinto meu corpo todo aquecendo, é como se estivesse no meio de uma nevasca e ela fosse a única fonte de calor. Nos separamos quando já não temos ar.

— Que tal você me levar para almoçar e depois a gente vai pra casa? — fala beijando meu rosto.

— Ótima ideia, não vou conseguir trabalhar sabendo que você está em casa precisando de mim. — Digo dando um tapa na sua bunda e Verônica geme rindo.

Saímos da Cartier de mãos dadas, caminhando até o restaurante Azle em frente à empresa. Como sempre, não foi difícil conseguir uma mesa para mim e para Verônica.

— O que quer comer, minha rainha? — Pergunto olhando o cardápio.

— Risoto de frutos do mar.

— Eu vou pedir o mesmo. — Antes que ela possa responder, sou surpreendido por um soco no rosto.

— Desgraçado! Como teve coragem de deixá-la lá, seu maldito? — Grita Martim partindo para cima de mim, mas dessa vez consigo desviar.

— Maldito! O que você tá fazendo aqui?

— Achou que eu não ia encontrá-la, seu miserável? Achou que ia escondê-la de mim para sempre?

— Martim, solta ele! Arturo, se acalma! — Diz Verônica assim que acerto uma joelhada nele.

— Você foi atrás da minha irmã, seu maldito?

— Agora ela é “sua irmã”, seu desgraçado! Você a largou lá, numa clínica para loucos!

— A culpa é toda sua! — Grito fora de mim.

— Eu sei, seu desgraçado, mas nunca faria isso com ela. Paloma está morrendo lá dentro.

— Eu fiz o melhor para ela. Paloma precisa de tratamento — falo limpando o sangue que escorre da minha boca.

— O melhor para ela? Paloma perdeu mais de dez quilos, perdeu a consciência por conta dos remédios que estão dando para ela. Acha que isso é o melhor?

Paraliso chocado com o que ele diz.

— Vamos para a Cartier. É melhor ter essa conversa sem plateia, daqui a pouco isso aqui vai tá cheio de repórteres. — Diz Verônica preocupada olhando ao redor.

Jogo algumas notas de cem na mesa e saio arrastando-a pela mão, nem olho para trás para saber se Martim está nos seguindo.

Assim que chegamos à minha sala, Martim entra me olhando com ódio. Verônica se senta no meu colo tentando me acalmar.

— Quero que me explique essa história da Paloma estar inconsciente. — Falo.

— Eu a encontrei em um estado lastimável, vocês a largaram lá, como se ela fosse um problema que querem esconder!

— Não fala assim da minha irmã, seu verme!! — Grito enfurecido.

— Quem é você para me dizer como eu devo falar? Ela é minha mulher!

— Arturo, fica calmo, não vai fazer nenhuma besteira. — Tenta me tranquilizar Verônica.

— Acabou, Cartier, chega! Você não toma mais as decisões sobre a minha mulher e minha filha! Você queria brigar, então nós vamos acertar de uma vez por todas, nem que para isso eu tenha que entrar na justiça, contra você e sua família.

— Você não seria capaz, você foi o único culpado por Paloma estar nesse estado.

— Eu sei, porra!! Acha que não estou morrendo dia após dia, me corroendo de culpa? Sabendo que ela está assim, por minha causa? — Ele pergunta chorando.

— Eu não acredito em você, nunca mais vou confiar minha

irmã a você! Tudo que você faz é machucá-la.

— Arturo, calma, não é assim que as coisas vão se resolver, lembra da Sarah! — Veronica tenta me acalmar.

— Sarah é minha filha, você querendo ou não, o lugar dela é ao meu lado!

— Minha sobrinha está bem com Alice, não quero você perto dela e da Paloma.

— Você não percebe!? É Paloma que está se perdendo. Eu não tenho tempo para ficar discutindo com você, é minha mulher lá naquela cama, e eu preciso salvá-la.

— Você tá louco se pensa que...

— Como você pretende ajudá-la? — Pergunta Verônica me interrompendo.

Martim passa as mãos pelos cabelos num gesto desesperado.

— Para começar, suspendendo os remédios que ela está tomando; são muito fortes e estão deixando-a inconsciente e seu corpo debilitado.

— Você está louco se pensa que vou deixar você chegar perto dela, nem fodendo! — Digo indignado.

— Arturo, ele pode ajudá-la, não podemos deixá-la lá pra sempre! — Verônica argumenta.

— Não, eu não o quero perto dela.

— Você não pode me proibir, eu sou o marido dela e você não pode fazer nada. Só estou te avisando por educação.

— Martim, você acha que tem alguma chance da Paloma voltar ao que era antes? — Fala Verônica me irritando.

— É claro, Paloma não é louca, não tem nenhum problema mental grave. Ela está passando por um trauma grande e uma depressão profunda, mas essas doenças são tratáveis, existem milhares de formas de tentar ajudar ela.

— Arturo, por favor. — Suplica Verônica, me olhando desesperada.

Olho para Martim e algo passa pela minha cabeça.

— Tudo bem, talvez você tenha razão e você seja a única chance da minha irmã se recuperar. Também acho justo Sarah voltar a conviver com você. A minha sobrinha não tem culpa de tudo que está acontecendo. — Vejo ele respirar aliviado. Verônica também relaxa.

— Você pode cuidar do tratamento da Paloma, com uma condição.

— O que quer, Cartier? Não vê que agora não é hora para joguinhos?

— Não é um jogo, estou te propondo algo. Você quer cuidar da minha irmã, e quer sua filha de volta. Então, é só cumprir uma simples exigência.

— O que quer? Farei o que for preciso para Paloma voltar ao que era.

— Simples. Você cuida da Paloma e, assim que ela estiver recuperada, deixa a minha irmã em paz. Você dará o divórcio a ela,

e a deixará seguir a vida com Sarah.

Martim parece ter levado um golpe com minhas palavras, fica pálido e com o olhar perdido.

— Você sabe que posso entrar na justiça e não poderá me impedir de tratá-la.

— Você mesmo disse que o tempo está passando e Paloma não tem tempo. Você não é burro, Martim, sabe que processos judiciais são demorados.

— Eu a amo, Cartier. — Diz com a voz embargada, mas não me comove.

— Se a ama, a deixe ser livre!

— Eu aceito. Vou salvar Paloma, depois a deixarei livre para viver a vida dela, ela vai ser feliz. — Diz firme.

— Então, estamos combinados. — Martim confirma com um aceno e sai da minha sala, me deixando aliviado. Verônica chora no meu colo, angustiada.

— Por que está chorando, meu amor?

— Ele tá fazendo a mesma coisa que você fez, abrir mão do amor para deixar a outra pessoa feliz. Por que tá fazendo isso, Arturo? Por que colocou uma condição absurda dessa?

— Foi um teste, minha rainha. Martim fez muito mal a Paloma, mas agora eu realmente acredito que ele a ama.



CAPÍTULO 29



FERIDAS EXPOSTAS

**“Tudo bem não estar bem, às vezes é difícil seguir o
coração.**

**Lágrimas não significam sua derrota,
apenas que é hora de levantar.”**

Martim

Olho para a saída de desembarque e vejo meu pai e minha mãe chegando, acompanhados por seguranças. Apenas ao vê-los, me dou conta da saudade que sentia dos dois.

— Mãe, pai, obrigado por terem vindo. — Digo ao abraçá-los.

— É claro que eu viria, meu filho, você precisa de nós, e nosso lugar é aqui te apoiando — diz minha mãe.

— Isso significa muito para mim — falo olhando para o meu pai.

— Sua mãe tem razão, Martim, nós precisamos estar do seu lado. Helena vive me dizendo que preciso tirar umas férias do banco, e também estamos ansiosos para conhecer nossa neta. Vai ser bom para nós, esse tempo juntos.

— Vocês vão amar Sarah, ela é um anjo.

— Onde ela está?— Pergunta mamãe com um olhar crítico.

— Vou buscá-la mais tarde, vim pegar vocês primeiro,

antes de ir.

— Então nós iremos para Guildford? — Questiona meu pai.

— Sim, até tudo se estabelecer e Paloma melhorar, nós vamos ficar lá. E é por isso que preciso da ajuda dos dois. Não quero assustar Sarah, ou deixá-la com estranhos, a cabecinha dela já está uma bagunça. Ela já sente muito a falta da mãe e não quero confundi-la ainda mais.

— Tem razão, filho, então vamos que estou ansioso para ver minha neta.

— Estou ansiosa, filho, não vejo a hora de vê-la, e ver a Paloma também. Como ela está?

— Mande suspender os remédios, vamos ver como ela reage. A doutora Manuela Franzo virá amanhã e me ajudará a dar início ao tratamento dela.

— Ela vai melhorar, você vai ver. Logo todo esse pesadelo vai acabar.

— É o que eu mais quero, mãe.



Horas mais tarde, eu estacionava o carro na entrada da casa de dona Inês. Não sabia dessa casa. Penso que foi aqui que Paloma esteve, e por isso eu não a encontrava.

— Você está bem, filho? — Pergunta mamãe assim que abro a porta para ela.

— Apenas ansioso demais para ver minha filha.

Um segurança abre o portão, liberando a nossa entrada; mamãe segura o embrulho do presente que trouxe para Sarah. Caminhamos até a entrada da casa, quando a porta se abre e Sarah vem correndo em minha direção. Sinto meu coração acelerado, as lágrimas saem sem eu nem perceber, me abaixo, a abraçando emocionado.

— Que saudade, meu amor! — Digo a enchendo de beijos. Alice e Inês aparecem.

— Papai, você veio me buscar? — Pergunta ela toda feliz sorrindo animada.

— Sim, meu amor, agora você vai morar com o papai e a vovó Helena.

Só então Sarah se dá conta de que minha mãe está ao meu lado. Minha pequena fica tímida e se esconde atrás de mim, envergonhada.

— Sarah, esta é minha mãe e sua avó.

— Oi, Sarah, você é mais linda pessoalmente do que pelas fotos — diz mamãe se abaixando perto dela.

— Você também é muito bonita. — Diz meio tímida.

— Eu trouxe um presente para você. — Fala mamãe mostrando a boneca para ela.

— Ela estava ansiosa, Martim, desde a hora que acordou só sabia falar que hoje você ia buscá-la.

— Obrigado por ter cuidado da minha filha, Alice. E dona Inês, como está? — A cumprimento educadamente.

— Lancaster. Vejo que veio tentar arrumar o estrago que fez! — Diz de maneira irônica.

— Nunca é tarde para pedirmos perdão, Inês. Eu errei muito, mas me arrependo do mal que causei a Paloma.

— Como vai Inês, Alice. — Diz mamãe sorrindo para as duas.

— Estarei melhor quando a minha filha estiver boa. — Responde Inês.

— Ela vai se recuperar, dona Inês. Eu juro!

— Você fez isso com ela! Então nada mais justo do que você curá-la — diz me olhando com ódio.

— Aqui estão as coisas dela, ela está de férias, então temos bastante tempo até as aulas voltarem. — Fala Alice me entregando a mala de Sarah. — Martim, cuide bem das duas, ok? E assim que as visitas forem liberadas, nos avise, quero muito ver minha irmã.

Após prometer fazer o meu melhor para cuidar tanto de Paloma como de Sarah, nos despedimos todos. Sarah segura a boneca em uma mão e com a outra segura a mão de mamãe. Juntos entramos no carro, partindo em direção a Guildford.



Olho para meu reflexo no espelho e mal me reconheço; tirei toda a barba, cortei o cabelo bem rente, buscando ficar diferente.

— Papai, você está estranho! — diz Sarah rindo de mim.

— Realmente, meu filho, esse corte não combina com você.

Sarah se deu muito bem com mamãe, melhor do que eu esperava.

— Pai, vamos! Eu vim te buscar para o senhor ver a carruagem que o vovô comprou para mim! — diz minha filha toda empolgada. Sarah segura minha mão, me levando até o jardim, onde meu pai termina de montar uma carruagem das princesas.

— Vocês vão estragar essa menina de tanto mimar. — Digo vendo a minha filha encher o avô de beijos.

— Essa é a função dos avós. Ela é minha única neta, então tenho o direito de mimá-la. — Diz meu pai olhando com carinho para Sarah.

— Você vai agora de manhã para a clínica? — Pergunta minha mãe, assim que pego meu jaleco e minha pasta.

— Sim, marquei uma reunião com Josh, Manuela e o atual médico da Paloma. Hoje vamos decidir como será o tratamento dela. — Digo olhando para Sarah, que ainda está entretida na carruagem.

— Sarah, o papai já vai trabalhar, tá, amor?

— Você vai cuidar da mamãe? — Pergunta ela ficando séria. — Fala pra mamãe que eu tô com muita, muita saudade dela! — Diz minha pequena, com os olhinhos brilhando, querendo chorar.

— Eu prometo que ela logo ficará boa e vocês vão ficar juntas.



Sentado no escritório do meu amigo Josh, eu lia com calma todos os exames de Paloma. Gregório, o médico que a acompanhava, ia detalhando todo quadro dela, enquanto eu tentava encontrar a melhor maneira de tratá-la.

Um nó se formava em minha garganta a cada relatório médico que eu lia. E pensar que ela estava sofrendo todos esses meses aqui sozinha, e o único culpado sou eu.

— Quais foram os medicamentos que usaram até agora? — Pergunto a Gregório.

— Começamos administrando uma doze baixa de antidepressivos tricíclicos, Imipramina.

— Então isso justifica os delírios, a sonolência e as tonturas que ela relatou. — Fala a doutora Manuela Franzo, minha conhecida de muitos anos, que chamei para auxiliar no tratamento de Paloma. Ela tem bastante experiência em psiquiatria, e confio muito em seu trabalho.

— Exatamente; foi por isso que mudamos os medicamentos. Então ela passou a tomar o Toloxatona, e apresentou uma pequena melhora, mas voltou a ter crises, além da perda de peso e náuseas. — Explica Gregório. — O trauma do cárcere privado, aliado ao da perda recente do segundo filho, desencadeou um quadro profundo de depressão. Somente os medicamentos não são o bastante. O ideal agora seria uma terapia

cognitiva.

Quando ele fala sobre a atrocidade que fiz, ter a trancado naquela maldita cabana, sinto o ar faltar. É horrível saber que ela está assim por um erro meu. Minha mulher padece em uma cama de uma clínica psiquiátrica por minha causa.

— Doutor Lancaster, nós podemos tentar a Eletroconvulsoterapia. — Diz a doutora Manuela, se referindo a um procedimento de eletrochoques cerebrais, de forma controlada e indolor, que facilitam a reorganização da atividade cerebral. É um tipo de tratamento realizado para os casos de depressão grave, em que não houve melhora com os outros tratamentos disponíveis.

— Existem terapias mais recentes, que têm demonstrado bons resultados para o tratamento da depressão, com pacientes que não melhoram com outras formas de tratamento. Entre eles estão a estimulação magnética transcraniana e a estimulação do nervo cerebral, e é exatamente assim que pretendo curá-la. — Falo firme.

— Martim, eu sei que quer ajudá-la, porém, lembre-se que você foi o culpado do trauma da sua esposa. O melhor seria você deixar o tratamento dela nas mãos de outro profissional. — Fala Josh me olhando seriamente.

— Desculpe ter que concordar, mas eu, como médico atual da paciente, também não acho que seja adequado, sua presença pode piorar o quadro em que ela já está.

— Eu posso cuidar dela com o seu auxílio, Martim. — Diz a doutora Manuela.

— Você acha que é capaz? — Pergunto meio receoso.

— Façamos assim: vamos começar com a retirada da medicação e uma dieta balanceada para que recupere o peso perdido. E, aos poucos, iremos trabalhar o lado psicológico; através de conversas, sessões de psicoterapia e atividades que estimulem autoconhecimento. E, assim que percebermos que é seguro você se aproximar, você faz uma visita a ela. Quem sabe trazendo a filha de vocês. — Propõe Manuela.

— Já que não tem outra forma, eu aceito, mas estarei no comando de tudo e irei participar de todas as sessões.

Ficamos por mais uma hora acertando todos os detalhes.

Acertei com Manuela também a sua mudança para cidade; durante o tratamento, ela se afastaria das atividades no hospital em Londres.

— Eu vou vê-la agora. — Informo Josh, que foi o último a ficar na sala.

— Você precisa se acalmar, meu amigo. No estado em que está, não poderá ajudar muito Paloma.

— É difícil me acalmar sabendo que ela está lá, deitada naquela cama, destruída, por minha causa.

Saio da sala, indo direto até o quarto da Paloma. Ao entrar, percebo que as luzes estão baixas e ela dorme em sua cama. Me aproximo e vejo seu corpo encolhido, a coberta caiu no chão e sua pele está gelada, a cubro novamente com o edredom. Passo a mão direita pelo seu rosto, tão pálido e magro.

— Me perdoa, meu amor. Eu sinto muito ter feito você sofrer tanto. — Falo enquanto acaricio seu rosto frágil. — Eu sinto muito por você estar assim... — Minha voz sai embargada pelas lágrimas. — Minha loirinha, você vai melhorar. Eu juro pela minha vida, que vou conseguir tirá-la daqui.

Paloma

Primeiro dia da nova terapia

Abro os olhos devagar, tentando me localizar. A minha cabeça está pesada, confusa, não consigo reconhecer onde estou. Nem mesmo o que aconteceu até aqui. Meu corpo todo dói, assim como meu coração. Tudo está desfocado, retorcido; pisco várias vezes tentando clarear minha visão. A luz faz meus olhos arderem. Aos poucos, vou conseguindo enxergar o lugar onde estou.

— Vai abrindo os olhos com calma, Paloma. — Alguém fala algo, mas não entendo completamente. É como se meu cérebro não respondesse aos meus comandos e suas palavras ficassem embaralhadas na minha mente.

— Isso, com calma, vai acordando aos poucos, sem muito esforço. — Diz uma voz feminina, doce e agradável, mas não me parece familiar. Lentamente, começo a me dar conta de onde estou deitada. Viro meu rosto dolorido e noto uma senhora morena, vestida de branco, de pé ao lado da cama me olhando atentamente.

Meus olhos se arregalam e começo a tremer. Um pavor

horrível toma conta de mim. Tento falar, mas não consigo, é como se não conhecesse as palavras. É tudo tão estranho e confuso que minha cabeça dói.

— Quem... Quem... — Tento falar, mas minha voz sai embolada, me deixando ainda mais apavorada. É como se minha língua estivesse travada. Olho para ela já em pânico, meu corpo está lento e eu não consigo movimentá-lo direito.

— Calma. Respira, seu corpo está muito debilitado. Não faça esforço demais. Aos poucos, tudo voltará ao normal. — Diz tocando meu rosto com sua mão gelada.

Não entendo o que ela faz, não sei onde estou nem o que está acontecendo. Na minha mente, tudo está confuso, não consigo ter um pensamento coerente sequer.

— Meu nome é Manuela, eu sou a sua médica. De agora em diante, eu vou cuidar de você. — Diz como se isso fizesse sentido. Forço meu corpo a sentar e, só então, me lembro que estou na clínica. — Você deve estar faminta, eu trouxe o seu café da manhã — fala me ajudando a me arrumar. Uma bandeja é posta na minha frente com uma variedade enorme de comida e um jarro de tulipas.

— Eu não tenho fome — falo com a voz trêmula, mas ainda assim, consigo concluir a frase.

— Você precisa se alimentar, está muito fraca, debilitada. Vamos lá, Paloma, você consegue, coma apenas um pouco. Ainda receosa, começo a comer. Uma fatia de melão, um gole de suco de laranja. Meu estômago se contrai de dor e minhas mãos tremem. É

difícil segurar o copo. Só então noto mais uma pessoa no quarto e me assusto com um homem me olhando.

— Calma, ele está aqui para te ajudar, assim como eu — fala ela docemente, e o enfermeiro me ajuda segurando o copo para mim com um canudo. Estava realmente faminta. Lentamente, vou provando um pouco de cada coisa, com a ajuda do enfermeiro, enquanto a doutora me observa com um olhar atento.

Quando me sinto satisfeita, a bandeja é levada e os dois sorriem para mim. Mas, do nada, desabo. Olho para mim mesma e me sinto enjoada. Me levanto da cama aos tropeços e ando cambaleante até uma porta que imagino ser o banheiro. Um gosto ácido se forma em minha garganta. Nojo, vergonha, culpa, tudo se mistura. Ouço a doutora falar algo ao enfermeiro, mas tudo que faço é ajoelhar em frente à privada e vomitar tudo que comi. As lágrimas preenchem meus olhos, me sinto um lixo.

Os soluços saem da minha garganta involuntários, me encolho contra o azulejo frio do banheiro e choro. A dor, a solidão, a culpa, a vergonha, a raiva, a mágoa. Todos os sentimentos se formam de uma vez e eu apenas grito, querendo tirar essa dor de dentro de mim.

Sinto braços ao meu redor, um cheiro que me lembra alguém, mas minha mente está confusa e não associo a quem. Ouço-os falarem algo comigo, mas não consigo responder, só choro sem parar. Sinto a camisola ser tirada do meu corpo, mas não me movo; não me importo com nada que aconteça comigo. Só

quero tirar esta dor!

Sinto meu corpo ser colocado em uma banheira de água morna. Aos poucos, os soluços vão cessando. Fecho os olhos cansada, mas não deixo de sentir alguém lavando meu cabelo e cuidando de mim. Não entendo o que está acontecendo, por que estão cuidando de mim? Eles não sabem quem eu sou, se soubessem, também teriam nojo, raiva e ódio de mim.

Segundo dia da terapia

Acordo um pouco melhor, minha cabeça já não dói. Diferente da primeira vez, eu estou sozinha no quarto, até que a porta se abre e o mesmo enfermeiro da primeira vez entra. Ele usa uma touca hospitalar e uma máscara no rosto, mas ainda assim eu pude ver seus olhos e, não sei explicar, mas aqueles olhos me causaram um arrepio. Ele tira a bolsa de soro do meu braço, me ajudando a levantar e chegar ao banheiro.

— Me deixe sozinha. — Digo, assim que ele abre a porta do banheiro para mim.

Não olho para o espelho, detestaria me ver. Tenho vergonha e raiva de mim, não quero ver o fracasso que me tornei. Tomo um banho rápido e visto a roupa que ele deixou para mim.

Saio do banheiro e o enfermeiro já não está, apenas a tal médica. Ela me olha e sorri, mas não retribuo o seu olhar. Caminho até a minha cama querendo dormir.

— Como está se sentindo hoje, Paloma? — Pergunta, mas eu a ignoro e me deito na cama cobrindo o rosto.

— Não quer comer? Trouxe seu café da manhã. Não respondo, continuo fingindo que estou dormindo, quem sabe assim ela sai do quarto e me deixa sozinha.

Terceiro dia da terapia

Acordo, mais uma vez, com a doutora entrando no quarto junto com o enfermeiro.

— Que bom que acordou. Vim te buscar. — Fala com um sorriso no rosto. Eu não consigo entender por que ela sorri tanto, ela não me conhece, por que está aqui? Por que quer me ajudar? Nada faz sentido. Os dois me ajudam a vestir um vestido leve, me sinto uma inútil, que não consegue nem se vestir.

— Vamos, você vai adorar aonde vamos te levar. — Fala ela me olhando com expectativa. Não sei explicar, mas algo me diz que posso confiar nela. O enfermeiro que nem sei o nome me pega no colo, me tirando do quarto. A doutora caminha na frente, falando comigo sem parar. Eu não respondo, apenas a ouço falar do lugar onde estamos.

Minha cabeça lateja, mas não digo nada. Um medo me acerta por não saber onde estamos indo. Ela abre uma porta que, pela claridade, vejo que se trata de uma saída, que leva a um jardim. Meus olhos ardem com a luz do sol, coloco as mãos no

rosto tentando me proteger. Os dois caminham comigo até a beira de um lago onde um gazebo bonito está.

O enfermeiro me coloca sentada em uma cadeira, eu olho ao redor, mas não sinto nada; só existe um vazio dentro de mim.

— Paloma, sabe por que nós te trouxemos aqui fora? — Pergunta a doutora sentando na minha frente. Balanço a cabeça que não.

— Você não está reagindo ao tratamento. Você já está aqui na clínica há dois meses. As tentativas de terapias não surtiram efeitos e os medicamentos não funcionam no seu organismo, da maneira que precisa. É por isso que fui escolhida para ser sua médica.

— Arturo te mandou aqui, não é? — Falo pela primeira vez, a olhando séria.

— Sua família está preocupada com você. — Ela se esquivava da pergunta, sendo evasiva.

— Sou um estorvo para eles, só atrapalho a vida de todos eles. Eu não os mereço — falo sentindo a culpa me cercando de novo.

A doutora anota algo em seu caderno e me olha atentamente.

— Quero saber o que te faz se sentir assim, Paloma? O que te fez acreditar que não merece o amor da sua família?

Olho para ela confusa, sem entender aonde ela quer chegar. Nada está fazendo sentido. Minha cabeça ainda dói, meu corpo está

dormente. Sinto falta dos medicamentos, eles me deixavam descansar, me deixavam em paz, eu não sentia essa dor horrível dentro de mim.

— Eu não quero conversar. Não quero sua ajuda, só quero que me deixem em paz. Que me deixem sozinha, que esqueçam que eu existo. — Falo num fio de voz.

— Eu sei que é difícil para você se abrir. Há muita coisa trancada aí dentro, mas eu estou aqui para te ajudar a encontrar uma resolução para os seus problemas e dificuldades emocionais. Quero que, aos poucos, você vá estimulando o conhecimento de si própria e encontremos uma resolução para seus conflitos.

— Você não entende, não é? — sorrio fria. — Eu não preciso melhorar! Estou pagando por tudo que fiz no passado! Eu não sou uma pessoa boa que precisa de ajuda. Tudo isso é um castigo por todo o mal que já fiz!

— Então, é nisso que acredita? Que está aqui na clínica por um carma? Um castigo pelo mal que fez no passado? — Questiona ela me irritando.

— Eu quero voltar para o quarto e não te ver nunca mais!!
— Grito já ansiosa, tremendo. Minha cabeça lateja, meus olhos estão cheios de lágrimas.

— Tudo bem, vamos. Por hoje nós já tivemos um ótimo progresso. — Diz, como se eu não tivesse gritado e surtado em sua frente.

Sexto dia da terapia

— Eu já disse que não quero falar com você!! — Grito, tacando o travesseiro na doutora, que desvia rápido. O enfermeiro tenta me conter. Nesse momento eu vejo seus olhos azuis e algo dentro de mim se quebra.

— Não! Não! Sai de perto de mim!! — Grito enfurecida. — Não me deixa aqui, Martim!! Não me deixe nessa maldita cabana! Por favor, por favor, me deixa explicar! — Começo a gritar e me arranho toda, com medo.

A porta do quarto se abre e ouço vozes, barulhos e discussões. Alguém diz algo para mim, mas não consigo entender. Só sei que não quero ficar nessa maldita cabana sozinha. Sinto uma picada no meu braço e aos poucos a escuridão vai tomando conta, e com ela o alívio.

Décimo dia da terapia

Depois do meu surto, a doutora é a única que cuida de mim. Eu não gosto dela. Ela não me deixa sozinha e eu quero dormir. Quero apagar. Eu não quero pensar, mas ela fica falando e falando, o que me deixa nervosa e amedrontada.

— Vai embora, eu quero ficar sozinha.

— Eu vou ficar aqui, quero te mostrar uma coisa. — Fala segurando um envelope.

— Eu não quero ver nada! Vai embora e me deixa aqui. — Digo fria, mas ela não me escuta. Abre o envelope tirando de lá fotos. Não reconheço de imediato, mas assim que ela as põe em cima da cama, meu cérebro começa a trabalhar. Uma menininha linda sorri, brincando no parquinho.

— Por que está fazendo isso? Por que está me mostrando essas fotos?! — Pergunto já chorando e gritando, a dor apertando meu peito.

— Sarah sente sua falta! Sua família também! Eles querem te ver!

— Não! Não! Não! — Me chacoalho em pânico. — Sarah não pode me ver assim! Não, Sarah não pode! Sinto os braços da doutora me cercando, ela me abraça.

— Respira fundo, respira, não deixe o pânico tomar conta. Olha nos meus olhos! — diz séria e eu a obedeco. Aos poucos vou me acalmando.

— Viu só? Você consegue! Você é capaz de lutar.

— Eu não quero lutar. Eu não tenho razão para isso. — Sussurro me encolhendo na cama.

— Por que não quer mais viver, Paloma? Por que não quer melhorar e voltar para sua família?

— Estou cansada de lutar. Eu lutei a minha vida inteira, não quero mais lutar. — ouço a cadeira ser arrastada, sei que ela está sentada em frente à minha cama.

— Sarah precisa de você. Sua família precisa de você.

— Alice vai cuidar dela. Eu não sou boa para as pessoas, como eu seria boa para ela? Eu posso acabar machucando minha menina. Eu machuco as pessoas, é sempre assim.

— Eu imagino que você se sinta uma pessoa ruim, mas isso não é verdade. Paloma, ouvi coisas maravilhosas das pessoas sobre você.

— Você está mentindo. — Falo fechando os olhos, tentando dormir, mas sem os remédios é difícil.

— Quero entendê-la. Quero que me explique por que se sente esse monstro.

— Eu fiz muitas coisas ruins, nem saberia contar quantas. Eu machuquei muitas pessoas. Eu tentei... — Engasgo com as palavras. — Eu quis tirar o meu bebê... Eu sou um monstro que não merece ter a dádiva de ter um filho.

— Você está falando da sua primeira gestação, do filho que esperava do seu ex-noivo, Wallace? — Diz com calma.

— Sim! Como eu falei, eu não mereço a felicidade. Não, quando fiz tanta gente sofrer.

— Por que chegou a essa conclusão?

— Pelo simples fato de que eu nunca fui e nunca serei amada de verdade. Quando era criança, lia muitos livros, e os vilões não têm finais felizes. Essa é a realidade.

— Você está dizendo isso por conta do seu marido? Por conta do que aconteceu na África? — Questiona, me ferindo mais e mais. É como se essa parte da minha vida estivesse guardada em

uma caixa e essa doutora insuportável quisesse abri-la a todo momento.

— Eu não quero falar sobre isso! Me deixe sozinha, estou cansada.

— Tudo bem, isso foi um grande avanço para hoje.

Vigésimo dia da terapia

Estava sentada na frente do lago, o sol estava forte, mas o calor em minha pele me fazia recordar que ainda estou viva.

— Você não me deixa em paz, não é? — falo assim que a doutora se senta ao meu lado.

— Não, eu sei que no fundo você gosta da minha companhia.

— O que quer dessa vez? — Pergunto já sem paciência.

— Nada. Vamos para a beira do lago. — Diz ela caminhando até o lago. Me levanto para acompanhá-la, sem nem saber por que ainda a escuto.

— O que vê? — Pergunta olhando para beira do lago.

— Água, pedra, talvez peixes. — Digo sem entender o sentido disso.

— Não. Olha de novo. O que vê quando olha para essa água?

— Eu vejo o meu reflexo, mas o que isso tem a ver?

— Como você se vê, Paloma? Como você se enxerga por

essas águas?

— Não sei o que você quer!

— Sabe o que eu vejo quando olho para você? — Pergunta olhando para mim e não mais para o lago. — Eu vejo uma linda mulher, com um passado difícil e um coração quebrado. Mas, principalmente, eu vejo uma força dentro dos seus olhos, eu vejo uma determinação que nunca vi em outro paciente.

— Talvez, doutora, a louca aqui seja a senhora e não eu! — Digo me afastando da margem daquele lago. Eu odeio esse lugar, odeio essa mulher.

Só queria dormir e não acordar mais.

Quadragésimo quarto dia da terapia

— Chega! Chega! — Grito jogando tudo que vejo pela frente, no chão. — Eu não consigo! Eu não consigo! Para!!

— Só você consegue se curar, você é forte, Paloma. Já passou da hora de você lidar com o que aconteceu naquela cabana.

— Eu não quero falar sobre isso, dói demais. Eu não quero lembrar, lembrar me faz pensar nele, me faz sentir sua falta.

— Ele te magoou, é normal sofrer ao lembrar-se do que aconteceu. Você não é imune à dor, isso apenas a torna humana. Mas você é forte, Paloma, você é capaz de superar tudo isso e seguir em frente.

— Ele me largou sozinha no meio do nada, me deixou. Não

confiou em mim quando precisei dele, não ouviu meu apelo, eu implorei que me escutasse. Eu fiz de tudo por ele, eu entreguei todo meu amor, e em troca, ele me jogou como um cão sarnento.

— Você precisa colocar para fora, tudo que tem guardado aí. Se quiser gritar, agora é a hora! Grite, chore tudo que precisa chorar.

— Eu o amava... Pela primeira vez eu soube o que era amar alguém e tive meu coração arrancado do meu peito. Ele me magoou de tantas maneiras, me feriu, me fez sentir a pior das mulheres. Chega! Eu não aguento mais essa dor.

— Essa dor, Paloma, a dor que te machuca, que te destrói, ela também reconstrói. Use essa dor e se erga.

— Eu não consigo. Não dá. Fiz de tudo para que ele percebesse que eu o amava, mas nada adiantou, ele nunca confiou em mim.

— Só vai se sentir melhor quando aceitar tudo que aconteceu e perdoar. Primeiro por você mesma e depois pela sua filha.

— Como se fosse fácil esquecer tudo que aconteceu. Todo o passado. Você não entende, o problema não é o que fizeram comigo e sim o que eu mesma fiz. Eu sou um ser desprezível, alguém tão podre, que por onde passa causa destruição. Beatriz tinha razão, eu jamais serei feliz, não depois de tudo. Eu nunca vou ser o que eles querem de mim. Nunca serei como Alice ou como Kadish.

— Você percebe que sempre tentou ser o que as pessoas queriam? Nunca foi verdadeira consigo mesma. Sempre buscou ser amada e, para isso, fez tudo o que todos queriam, se transformou naquilo que as outras pessoas queriam. Primeiro, foi com a sua mãe; se tornou a melhor, a modelo número um, a mais bonita, a mais magra, a filha perfeita, pra ela.

— Quando David apareceu, se tornou a pervertida, a que ele queria, fez de tudo para ser melhor que a noiva dele, se sujeitou a tudo para agradá-lo. Com Arturo foi igual, você foi trabalhar na Cartier para fazer o que ele queria. Se esforçou, mais uma vez, para agradar seu irmão, ser o que não era.

— Com Martim, Paloma, não foi diferente. Você fez loucuras, superou até o medo de altura, apenas para estar perto dele. Se arriscou, foi tão baixo que nem se reconhecia. Se deixou ser humilhada, pisada, porque no final valeria a pena. Essa foi a única maneira que encontrou de lutar pelo amor dele. O seu maior problema, Paloma, é que você fez tudo o que todos quiseram a vida toda, entretanto, nunca se perguntou o que *você* realmente quer, quem *você* realmente é!

— Eu... Eu não sei. — Falo com a voz embargada pelas lágrimas.

— Quando você tiver essa resposta, você estará curada.

Martim

No início eu pensei que seria mais fácil. Como fui ingênuo! Não me dava conta do estrago que tinha feito em sua cabeça. Montei um plano perfeito para ajudá-la e, a cada dia do tratamento, eu lhe mandaria uma flor.

Na primeira semana, ela não se adaptou bem à retirada dos medicamentos. Não dormia direto, vomitava o tempo todo. Teve que ser colocada no soro. Tive que carregá-la desmaiada pelo quarto várias vezes. Ela se recusava a falar com a doutora. E, nesses momentos de crise, eu tive que me segurar para não falar com ela. Ela estava ali na minha frente, e ao mesmo tempo tão longe. No começo, ela não me reconheceu, pois estava tão mergulhada em sua dor e solidão, que não se deu conta de que o causador de tudo isso estava ao seu lado.

Mas, no sexto dia de terapia, ela pareceu ter me reconhecido. Eu usava uma máscara hospitalar e o cabelo raspado, mas ainda assim, naquele dia, ela me viu. Foi desesperador ver seu estado de pânico. Ver a mulher que amo tão destruída. Nada se compara a esse sentimento, de culpa, de rejeição, de impotência. Foi aí que a minha ficha caiu, e me dei conta que era tarde demais para conseguir seu perdão. Paloma nunca me perdoaria, nunca mais iria olhar para mim da mesma forma; eu a tinha quebrado de uma maneira irreparável.

A partir daí, eu fui forçado a acompanhar seu tratamento apenas de longe. Não podia tocá-la ou me aproximar. Só ia ao seu quarto quando ela já estava dormindo e não podia me ver. Sarah

perguntava pela mãe todos os dias e meu estoque de desculpas já estava acabado. Geralmente eu contava uma história para ela e esperava ela dormir e corria para o meu quarto para chorar, me sentindo um fraco impotente.

Eu odeio ter decepcionado não só minha esposa, como a minha filha. Eu prometi a ela que nunca mais choraria e ver Sarah sofrendo, sentindo falta da mãe, só mostra o quão merda eu sou.

Eu leio cada relatório que a doutora Manuela faz, eu ouço cada confissão que Paloma lhe faz, sempre tentando descobrir uma forma de ajudá-la.

Com um mês e meio de terapia, o máximo de evolução que ela apresentou foi conseguir sair do quarto. E começar a dormir a noite toda sem remédios. Ela não via motivos para viver, motivos para lutar. Eu só queria que ela melhorasse, que voltasse a ser o que era antes, que fosse feliz. Mesmo sabendo que, no final, eu não ficaria com ela. Eu a deixaria livre. Paloma seguiria em frente com Sarah.

Se eu pudesse voltar no tempo, jamais teria duvidado dela. Quanto tempo eu teria economizado, e quanto sofrimento teria nos poupado, se tivesse aberto mão do meu rancor, daquele ódio. Mas é impossível voltar atrás.

Me sento em meu escritório, com papel e caneta em uma mão e, mais uma vez, me pego escrevendo uma carta para ela. Embora eu saiba que é só mais um papel que ela nunca verá, me sinto mais próximo dela quando escrevo.

Eu nunca quis te machucar, meu amor. Você não é um monstro como diz, você é uma mulher maravilhosa. E não precisa mudar nada, eu te amo pelo que é. Posso ter, por muito tempo, feito você se sentir indigna ou errada, mas era mentira; era a minha insegurança falando. Eu sei que, com o tempo você, você vai me esquecer, e suas feridas vão se curar. Ainda vai amar de novo, vai encontrar a felicidade. Mas saiba que foi amor o que sentimos. Foi tão forte, tão intenso, que jamais deixarei de te amar.

Você pode não acreditar; tem todos os motivos do mundo para não acreditar em mim, mas foi amor, foi real. Eu senti, com todas as fibras do meu ser. Ele existiu e ainda existe em você.

Você precisa voltar, meu amor...



CAPÍTULØ 30



EU SOU PALOMA CARTIER

**"A maior dor não é estar longe das pessoas que amamos,
e sim estar perto e não conseguir alcançá-las".**

Diário

Dirigia pela autoestrada animado, uma música gostosa tocava no rádio do carro, com o sol já se pondo. Se tudo desse certo, chegaríamos no litoral antes das oito.

— Será que ela vai gostar de mim? Não acho uma boa ideia não avisar que estou indo. — Diz Kadish se referindo ao aniversário da minha tia, a que estávamos indo.

— Kadish, aposto que minha tia vai se encantar com você, assim como eu. — Digo segurando sua mão.

— Eu não sei, é difícil não ficar insegura. Você me disse que ela gostava da Sherilin. Se ela gostava da sua ex, talvez ela não vá com a minha cara.

Paro o carro no acostamento, às vezes a insegurança de Kadish me deixava angustiado. Como é possível que ela não se dê conta do quão maravilhosa é?

— Amor, minha linda, olha para mim. — Digo virando seu rosto para o meu. — Se tem alguém que precisa ficar inseguro aqui, sou eu. Você é linda, jovem, cheia de vida, com uma carreira em crescimentos e um futuro brilhante; e para piorar tem um bando de marmanjos babando por você. Eu sou só um médico, careta,

solitário, com uma irmã maluca e uma ex chata; só tenho um coração grande para te oferecer. — Sorrio e seguro as suas mãos.

Kadish não diz nada, mas responde me surpreendendo ao me beijar. Seu beijo me deixa em chamas. Minhas mãos vão para seus cabelos, e em resposta ela apenas geme alto. Bem de leve, fui fazendo carícias sobre suas pernas e coxas grossas. Eu sabia que ela estava excitada, e o perigo de sermos pegos deixava tudo ainda mais gostoso. Minha mão foi para baixo da sua saia e Kadish mordeu meus lábios, gemendo quando sentiu meus dedos no elástico da sua calcinha.

— Dário, nós não podemos fazer isso aqui. — Ela diz com a voz rouca e a respiração ofegante.

— Mas você quer, minha deusa? — Pergunto enquanto meus dedos entram em sua bocetinha.

— Oh Deus, Dário. — Ela geme fechando os olhos, e eu aproveito explorando seu pescoço com chupões e mordidas.

— Você me deixa louco, Kadish, não importa se ninguém gostar de você, a única coisa que vale é o que meu corpo e coração dizem. — Beijo-a intensamente e ela puxa meus cabelos. — Eu te amo, minha deusa, você é minha e nada nem ninguém vai mudar isso. — Falo acelerando meu toque em seu interior. Kadish geme alto gozando nos meus dedos, seu rosto corado e a boca aberta a deixam ainda mais linda.

— Você vai me deixar doida, amor — diz ela com um sorriso safado.

— Essa é a intenção, quero você tão louca, tão viciada em mim, como sou por você. — Beijo ela loucamente e sinto meu membro explodir com a tensão.

— Eu já sou, Dário, já sou completamente louca por você — diz me olhando com adoração. Kadish me surpreende quando solta nossos cintos de segurança e sobe em meu colo. — Preciso resolver esse probleminha, não posso deixar meu namorado lindo sofrendo assim — diz com a voz provocadora rebolando no meu colo.

— Quem é você, e cadê a Kadish tímida que eu conheço?

— Você despertou a fera, então terá que domá-la. — fala já abrindo o cinto da minha calça social.

Meu pau estava duro feito pedra, fico louco com essa sua nova fase. Kadish é como uma flor desabrochando. Ela me ajudou a tirar o cinto, e sem demora coloquei meu pau para fora, afastei sua calcinha para o lado, e deslizei pela sua gruta molhada. Kadish gemeu mordendo os lábios, jogando o corpo para trás. Aquilo foi um convite para mim. Abaixei as alças da sua blusa, abocanhando seus peitos fartos.

— Oh Deus, Dário, isso é muito bom — diz ela cavalgando com maestria.

— Cavalga no meu pau, minha deusa! Quero sentir sua bocetinha ordenhando ele — gemi mordendo o biquinho do seu seio.

Nosso tesão era tamanho que esquecemos que estávamos no

meio da estrada.

— Isso, gostosa, não para! — Falei puxando seus cabelos, trazendo sua boca para a minha. Kadish geme tremendo, quando o orgasmo a atinge; não preciso de muito para gozar em seguida.

Ficamos um tempo assim, grudados um no outro, acalmando nossas respirações; o carro tinha o cheiro forte de sexo. Sua roupa, assim como a minha, estava toda amarrotada, seu batom borrado, mas nada disso a tornava menos linda.

— Você foi incrível, amor.

— Deus, Dário, nós somos loucos. Se alguém nos visse assim... — Diz rindo.

Nos ajeitamos da melhor maneira possível, usando os lenços umedecidos do porta-luvas para nos limpar, e logo partimos de lá. Eu me sentia um homem de sorte por ter uma mulher como ela do meu lado.



Estacionei o carro na entrada da casa da minha tia. A casa dava de frente para a praia, com um belo deque de madeira e um jardim voltado para o pôr do sol. Olhei para Kadish e pude perceber que ela estava nervosa.

— Vai ficar tudo bem, minha linda. — Falei, beijando sua testa e ajudando-a a descer; nós já estávamos quarenta minutos atrasados.

Caminhamos pela entrada de mãos dadas, mas antes mesmo

que pudéssemos tocar a campainha, minha tia saiu pela porta com um sorriso amoroso no rosto.

— Meu filho, você veio. Achei que tinha esquecido dessa velha! — Diz ela toda eufórica.

— Nunca, minha tia, a senhora sabe que nunca a esqueceria. — Digo beijando seu rosto. Olho para Kadish, que se mantém no mesmo lugar onde a deixei, e me aproximo dela.

— Tia Lola, esta é minha namorada e futura esposa: Kadish. — Digo a puxando para perto de mim.

— Prazer, senhora. Sua casa é linda — diz Kadish levantando a mão para cumprimentar minha tia, mas é surpreendida com um abraço.

— Deus, filho! Ela é linda! Não me disse que estava namorando. Ainda mais com uma menina tão linda feito essa...

Não tenho tempo de responder, pois a porta se abre novamente.

— Ele já chegou... — Sherilin não completa a frase, quando vê que estou acompanhado.

— Me perdoa, querido, eu não sabia que você estava namorando. Convidei a Sherilin para passar o final de semana com a gente, não vi mal nisso. Vocês foram noivos por tanto tempo, eu quis dar uma forcinha para que se entendessem, porém agora, vendo sua namorada, vejo que fiz mal. Deveria ter te consultado. — Fala envergonhada.

Kadish olha para Sherilin e posso ver um duelo se

formando nos olhares das duas.

— Não se preocupe, Dário, eu vou embora, não imaginei que sua namorada se importaria comigo aqui! Afinal, tia Lola me conhece desde menina. — Diz ela manipuladora. Se ela pensa que eu vou voltar com ela está redondamente enganada.

— Senhora...

— Não, querida, me chame de Lola.

— Lola, não se preocupe comigo. É o seu aniversário e Sherilin é sua convidada. Não há problema algum com a presença dela aqui. Não me incomodada nem um pouco. Dário e ela tiveram um relacionamento no passado. E o lugar do passado é no passado. — Sorri olhando para mim. — Nós estamos juntos agora, e em breve, faremos parte da mesma família. — Fala minha deusa, me deixando orgulhoso.

Sherilin olha para Kadish com um sorriso debochado, e algo dentro de mim fica em alerta; ela não parece disposta a aceitar que não a quero mais.

Martim

— Não, amor! Não vá! Não me deixe! — Paloma suplica presa na cabana, mas algo não permite que eu a salve.

Eu acordo gritando por ela, mas percebo que é apenas mais um sonho. Meu coração bate forte, a sensação é a mesma de

sempre, aterradora. Olho para a janela aberta do meu quarto, ainda é noite e ela não está aqui.

Esses sonhos são como um castigo, acordo sempre chamando por ela, mas ela não está. O lado da cama está frio, vazio. As lágrimas, silenciosas, mais uma vez escorrem pelo meu rosto. A dor é avassaladora, ainda mais por saber que eu estraguei tudo. Nos meus sonhos, eu posso tocá-la, posso sentir seu cheiro, seu gosto, mas quando acordo, eu só sinto o vazio, a tristeza e a solidão. Pelo meu orgulho, pelo meu ciúme, eu a perdi. Por ser um estúpido.

Já se passaram dois meses da terapia, e eu não consigo trazê-la de volta.

— Paloma, amor, volta para mim. — Chamo em agonia, soltando um soluço no silêncio do meu quarto. — Eu amo você, loirinha. Volta para mim, amor...

Fico assim, chorando, me lamentando por tudo que eu perdi. O aperto no meu peito só cresce. A culpa é o meu pior pesadelo. Saber que ela está daquele jeito por minha causa, pelo que eu fiz a ela.

Olho para o relógio ao lado da cabeceira da cama, que marca cinco da manhã. Não vou mais dormir, não depois deste sonho. Me levanto, limpando o rosto molhado.

Descalço, saio do meu quarto, indo para a varanda. Tem sido sempre assim, fico sentado na varanda da casa esperando o sol nascer. É como se, com o raiar de um novo dia, a esperança dentro

de mim se renovasse, esperança de que ela voltasse a ser a Paloma que era. A minha loirinha teimosa.

Olho para foto do meu celular e um sorriso vem parar nos meus lábios. Ela não me viu, mas eu estava ali, observando como sempre, me esgueirando pelos cantos da clínica, apenas para ter uma chance, uma mísera chance de olhá-la, admirá-la de longe.

— Eu sinto muito, meu filho. — diz meu pai sentado na cadeira ao meu lado.

— Eu daria tudo para voltar atrás, pai, para ter ela de volta. — Digo com a voz trêmula.

— Não se pode voltar no passado, filho, mas podemos consertar nossos erros no presente.

— E se ela nunca se recuperar, pai? Eu morrerei! Eu não vou suportar essa culpa! Ela não quer melhorar, ela não quer ajuda. Ela se culpa por tudo, diz que estar lá na clínica é uma forma de castigo.

— Não pode continuar fazendo isso, filho. Não pode se culpar dessa forma. Antes de conseguir o perdão dela, você precisa se perdoar. Martim, todos nós erramos. Eu já senti na pele o que você está passando. Nunca te contei, mas eu quase perdi sua mãe por um erro idiota. Eu me deixei envolver por uma funcionária do banco, na época que sua mãe estava grávida do Logan e não tinha muito tempo para mim. Eu usei essa desculpa para me afastar dela. — Fico chocado com sua revelação. — Eu trai a mulher que mais amava, no momento em que ela mais precisava de mim, e eu quase

a perdi. Hoje, eu agradeço a Deus todos os dias por tê-la na minha vida.

— Como você conseguiu, pai? Como fez com que ela o perdoasse? E, como nunca fiquei sabendo dessa história? — Questiono confuso.

— Não foi fácil. Sua mãe saiu de casa e eu tive que lutar dia após dia para provar que estava arrependido. Seu irmão nasceu e eu nem estava lá. Ela não me quis na sala de parto. Passou os primeiros meses da vida do seu irmão na casa dos pais dela, eu ia somente visitar vocês. E sofri muito, afastado dela, de vocês, mas me esforcei para mostrar a ela que ainda a amava e que estava arrependido. Com o tempo, nós nos reaproximamos e sua mãe me perdoou. Nós nunca mais tocamos no assunto. Tenho vergonha do que fiz.

— Pai, e se ela nunca me perdoar?

— Dê tempo a ela ,meu filho, deixe o tempo cicatrizar todas as feridas.

Paloma

Sexagésimo terceiro dia da terapia

— Em todas as sessões você me diz que eu preciso me amar mais, que preciso aceitar tudo que já passou e seguir em frente! Você diz que preciso começar a gostar de mim. Parece um disco arranhado!! — Falo chorando em desespero, não aguentando mais

essa tortura.

— Esse é o nosso ponto. Já te expliquei. — Diz ela toda calma, o que me irrita.

— A questão, doutora, é que você nunca me ensina como fazer isso! Ou quando começar! Ou por onde começar! — Grito completamente fora de mim.

— Que tal começar agora, então?! — Diz ela me perscrutando com seus olhos escuros. — Não daqui a pouco! Não depois desta conversa! Nem amanhã! Vamos começar agora! Feche os olhos, Paloma.

— O que você quer agora? Não vê que eu estou esgotada, cansada de tudo isso? Por que não me deixa em paz?

— Feche os olhos, Paloma. — Ela insiste.

Fecho os olhos relutante, pois sei que será inútil. Nada que ela faça ou diga vai aliviar essa dor, esse desespero que há dentro de mim.

— Eu quero que você me diga o que você não gosta em si mesma, o que te faz pensar que não merece ser feliz, o que te prende aqui, o que a faz não querer lutar por sua vida e pela sua felicidade. Seja honesta consigo, Paloma. Não seja esperta, não fique com raiva, só seja honesta com você mesma. Não pela Sarah, não por mim, não pela sua família. Por você mesma.

— Eu sou um monstro. Sou egoísta. Eu machuco as pessoas. Eu sou uma pervertida. Manipuladora. Mentirosa, magra demais, inútil, fútil. Sou uma perda de tempo. Uma vergonha para

minha família. Eu estrago tudo sempre, todas as pessoas de quem eu me aproximo, eu machuco.

— Isso é muita coisa, Paloma. Me diga, há quanto tempo você se sente assim?

— Não sei...

— Você sabe, dentro de você, quando tudo isso começou.

— Talvez quando eu tinha uns oito ou nove anos.

— Então, essa é uma opinião formada há muito tempo. — Fala a doutora. — Abra os olhos, Paloma. Eu quero que imagine você mesma, com seus oito, nove anos, sentada ao seu lado nesse sofá.

— Não entendo, mas para que isso? — Questiono limpando as lágrimas.

— Me diga, Paloma, como você era com nove anos?

— Tímida, calada, solitária...

— Então, essa era a garota que achava que era egoísta, cruel, que não merecia ser amada?

Um nó se forma em minha garganta quando ela diz isso, é como se voltasse no passado e me visse de volta ali.

— Eu quero que você imagine ela sentada ali! Agora diga para essa menina que ela é um monstro, que ela é egoísta e mentirosa, que é um estorvo para sua família. Diga, Paloma, diga que ela não merece ser feliz, que não merece ser amada!

— Eu não vou fazer isso! — Falo assustada, olhando para o sofá onde posso ver claramente uma versão mais nova de mim,

triste, olhando pela janela do seu quarto as crianças brincando no parque.

— Diga para essa garotinha que ela é um monstro sem coração, que ela é uma vergonha, que estraga tudo que toca, que machuca todas as pessoas.

— Eu não vou fazer isso! — Grito horrorizada.

— Diga para essa garotinha loira, de olhos azuis, frágil, que ela é odiosa e jamais será feliz!

— Eu não posso! — Digo já chorando, olhando para mim mesma.

— É isso que você faz todos os dias quando o diz a si mesma. Quando você se convence de que é uma vergonha, um fardo. Você a acha odiosa?! Você acha que ela é um monstro? Que não merece ser feliz? Essa garotinha triste, ela não é digna de ser amada? Você acha que ela é uma vergonha, Paloma?

— Não! Não!! Não!! Para, eu não posso!

— Você acha que ela é um monstro horrível ou inútil?

— Pare, por favor! Não!!

— O que você quer dizer para essa garotinha, Paloma? — Não respondo, continuo olhando para a Paloma do passado, que chora olhando para a janela.

— O que você quer dizer a ela? O que diria à pequena Paloma se soubesse que ela se sente assim?

— Que ela é ótima! Que ela é perfeita, que ela é linda. Que é digna de ser amada, que mesmo errando, ela pode mudar, pode

consertar as coisas...

— Então, é isso que precisa dizer a si mesma toda vez que o pânico vier. Toda vez que a ansiedade vier e se sentir o pior dos seres humanos. Você precisa se acalmar como você acalmou essa garotinha. Olho para ela sem acreditar, com um nó na garganta que não me deixar falar.

— Você precisa dizer a si mesma que tudo vai ficar bem. Que tudo dará certo, que vai conseguir ser feliz, que não é o monstro que os outros pensam. Se você se comprometer a isso, eu prometo que será capaz de enfrentar qualquer coisa.

E, então, é como se um estalo acontecesse dentro de mim. Eu finalmente compreendo. Levanto-me daquele sofá como se meu corpo estivesse em chamas. Olho para o espelho do quarto e vejo a mim mesma: meu rosto pálido, meu cabelo sem corte, meus olhos sem vida.

— Por que estou fazendo isso comigo mesma? Por que me feri assim? Perdendo minha cabeça por um erro? Eu quase deixei a minha vida ser destruída dessa maneira!

— Quem é você? — Questiona ela me olhando através do espelho.

E, pela primeira vez na vida, eu sei a resposta, eu sei quem sou de verdade. Sem máscaras, sem disfarces, sem querer agradar os outros, sem vergonha ou culpa.

— Eu sou Paloma Cartier!! — Falo sorrindo, como se um novo sopro de vida entrasse em meus pulmões. Pela primeira vez

desde que me lembro, consegui olhar para mim mesma pelo espelho sem sentir raiva, nem vergonha, sem me sabotar ou me auto menosprezar.

— Eu sou perfeita assim, não preciso que ninguém diga isso para mim, eu posso ver. Eu não preciso ser o que os outros querem para ser amada. — Percebo enfim.

— Doutora, eu preciso ir embora daqui! — Falo firme.

— Já era hora! Eu vou falar com o diretor da clínica sobre sua alta, enquanto isso, você arruma suas coisas. — Diz ela caminhando até a porta.

— Doutora, será que você consegue uma coisa para mim?
— Pergunto animada.

— O que quiser.

— Um batom vermelho.

— Eu vou ver se consigo. — Diz ela achando graça do meu pedido.

— Doutora Manuela. Obrigada por ter me salvado.

— Eu não salvei ninguém, Paloma. Você se salvou. Eu só fiz você encontrar a força que estava dentro de você...

Martim

Atento, eu acompanhava sua sessão de terapia, como sempre, observando aquela tela de computador, já que era somente assim que podia vê-la. Sabia que era errado vigiá-la pelas câmeras

como um maldito perseguidor, mas eu não conseguia evitar, eu precisava saber como ela estava. Meu coração sangrou ouvindo todas as suas mágoas, ouvindo tudo que ela sentia. E quando enfim ela se deu conta de que não era um estorvo, de que não era aquele monstro terrível que se sentia, aí eu vi a luz no fim do túnel. Sabia que Paloma tinha se encontrado.

— Eu sou Paloma Cartier! — Disse ela sorrindo para a doutora, e ali eu vi que ela realmente estava de volta. Fiquei eufórico e lágrimas caíram pelo meu rosto, lágrimas de felicidade. Mas bastou a doutora dizer que ela poderia ir embora para meu mundo desabar.

— Doutor Lancaster? — chama a doutora Manuela entrando na sala.

— Você a viu? — Questiona ela olhando para tela do meu computador, onde a imagem de Paloma sorrindo, arrumando suas coisas, é nítida.

— Sim! Ela se encontrou, por fim ela está melhor.

— Ela pediu para ir embora, preciso que assine a alta dela. Ela precisa da autorização de um familiar, você é o marido e o responsável pelo seu tratamento.

— Eu sinto que a partir de agora eu a perdi para sempre.

— Nós não podemos prendê-la aqui. Eu tenho visto seu sofrimento, doutor, você poderia falar com ela agora, tentar se explicar.

— Eu não posso, fiz uma promessa. Eu jurei que faria isso

por ela. Era isso que todos nós queríamos, que ela se recuperasse, que voltasse a se amar e se valorizar, que lutasse por sua vida.

— Eu sinto que está cometendo um erro.

— Me dê os documentos, doutora, eu preciso dar a ela a liberdade.

Assinei a alta da Paloma, me sentindo vitorioso, e ao mesmo tempo derrotado.

Assisti, de longe, a toda a movimentação da sua saída. Não sei como os paparazzi descobriram que ela estava aqui, mas uma comoção estava parada na entrada da clínica.

Ela conseguiu, a minha loirinha venceu a sua batalha. Meu peito arde absurdamente em derrota. Respiro fundo, o medo me percorrendo por completo. Acabou, ela vai embora, e eu terei que deixá-la ir. Me rasga por dentro saber que terei que cumprir minha promessa. Agora nada mais a prenderá a mim.

Fico parado vendo-a sair do quarto, levando consigo sua mala. Tentando me convencer que fiz a coisa certa, que fiz o melhor por ela. Ela é tudo que importa, mesmo que isso esteja me rasgando por dentro, eu preciso deixá-la ir.

— Martim, tem certeza que não quer falar com ela? — Pergunta meu amigo Josh.

— Não, é melhor assim. Ela não pode saber que eu estava aqui. Que participei de todo seu tratamento. É hora dela ser livre — falo com pesar.

— Deveria falar com ela, é nítido o quanto a ama, meu

amigo. Eu estive aqui observando todo esse seu calvário, fale com ela.

— Não posso, não posso — falo angustiado, observando o quanto ela está linda; vestindo um conjunto preto, com seu batom vermelho, ela parecia ainda mais bonita. Seu rosto estava sério, ela abraçava a doutora Manuela, emocionada. As duas conversaram por um tempo. E então Paloma passa pelos repórteres, entrando no carro com ajuda dos seguranças de Arturo. Ela se foi, ela partiu e levou consigo um pedaço de mim.

Agora era hora de voltar para Londres e cumprir minha promessa.

Paloma

Entrei naquele carro e senti como se tirasse um peso de sobre meus ombros. Precisava ver minha filha.

— Para onde estão me levando? — pergunto ao segurança que ficou de vigia para o meu irmão, enquanto eu estava na clínica.

— O senhor Cartier nos mandou levá-la até a mansão da senhora Damasceno.

— E onde está Sarah? — Pergunto exasperada.

— Eu não sei informar, senhora.

— Me dê seu telefone, preciso falar com Arturo — Digo aflita, preocupada.

O telefone chama e não demora muito para Arturo atender.

— *Lincoln...*

— Sou eu, Arturo, a Paloma.

— *Paloma, como você está, irmãzinha?* — Diz ele com a voz embargada.

— Eu estou bem, Arturo, estou voltando para Londres e quero saber da Sarah, preciso ver a minha filha. Ela está na casa da Alice?

A linha fica muda, Arturo parece pensar antes de falar.

— *Sarah não está com Alice, Paloma* — diz de maneira mecânica, mas sinto que me esconde algo.

— Onde a minha filha está?

— *Sarah está com Martim, ele que está cuidando dela. Sarah chamava pelo pai e sentia a sua falta. Então decidi deixá-la ficar com ele, pelo bem da menina.*

Sinto um nó se formando em meu estômago quando ele cita o nome de Martim. Eu preferia fingir que ele não existe, fingir que não o amo e sofro por isso.

— Eu vou buscá-la! — Digo sendo firme.

— *É melhor não, eu pego a Sarah na casa dele e levo para você.*

— Arturo, já foi o tempo em que eu deixava as pessoas controlarem a minha vida, acabou. Eu vou à casa do pai da Sarah buscar a minha filha e ninguém vai me impedir!

Mesmo com Arturo relutante, encerrei nossa conversa e

entreguei o telefone para Lincoln, que pareceu ouvir instruções.

Fecho os olhos e me preparo mentalmente para revê-lo. *Eu sou forte, eu consigo enfrentar qualquer coisa*, digo a mim mesma.

O caminho demorou muito mais do que eu imaginava. O carro quebrou na estrada, e ficamos por duas horas esperando um guincho. Eu já estava cansada e nervosa demais com toda essa demora, tudo que eu mais queria era rever a minha filha.

Conforme nos aproximávamos do muro da mansão, eu já sentia a adrenalina me percorrer. Por que ele tinha que vir para cá? Por que ele se mudou justo para essa casa, a casa que escolhemos, que me dediquei tanto para deixá-la do nosso gosto?

Nossa entrada é liberada, passamos pela portaria e o motorista para o carro bem na entrada da mansão. Abre a porta para mim e eu desço olhando tudo ao redor com reconhecimento e saudade. Tudo continua igual ao _____ que eu me lembrava, o jardim imenso, as portas de madeira francesa, até mesmo as roseiras continuam iguais.

Antes que possa dar um passo em direção à porta, ela se abre e minha pequena vem correndo em minha direção

— Mamãe, mamãe você voltou!! — Grita ela eufórica me abraçando.

Eu a pego no colo apertando seu corpinho junto ao meu.

— Eu voltei, meu amor — falo beijando seus olhos, seu nariz, seus cabelos, seu rosto todo. Sarah chora me apertando forte

junto a si.

— Eu pensei que você não me amava mais, mamãe, eu senti tanto a sua falta — fala minha pequena partindo meu coração.

— Me perdoa, meu amor, me perdoa por não estar com você, me perdoa. Eu prometo nunca mais te deixar, eu juro nunca mais ficar longe de você. — Sarah aperta seus bracinhos sobre mim e chora emocionada. Meu peito se rasga ouvindo seus soluços.

— Te amo, minha princesinha, nunca vou deixar de te amar. Você é minha filha do coração; sem você, meu coração não bateria e minha vida seria triste.

— O papai disse que você estava dodói, que você ia melhorar, e eu não quis acreditar — fala com a voz embolada pelas lágrimas, porém antes que eu possa dizer qualquer coisa, a porta se abre e meu coração salta com a visão dele vindo em nossa direção. Martim, o homem que mais amei, aquele que roubou meu coração e depois o destruiu. Deus, como ele é odiosamente lindo. Foram tantos meses sem vê-lo e bastou um olhar para me machucar tanto. Diversos sentimentos passam pelos seus olhos azuis. Ele está mais magro, abatido, parece que não dorme há dias. Está sem barba e de cabelo raspado. Culpa, dor, saudade e amor, tudo está visível em seu rosto, mas tudo isso não passa de um teatro. Ele não se importou comigo. Fiquei meses naquela clínica e ele nem ao menos me procurou. Aposto que já está com outra.

Odeio admitir, mas meu coração acelera e minhas mãos tremem a cada passo que ele dá; eu sinto meu corpo estremecer.

Odeio amá-lo dessa forma tão doentia. Não consigo olhar para ele sem sentir um forte rancor por tudo que me causou.

— Meu amor, você voltou...



CAPÍTULO 31



ENCONTRO DE DOIS CORAÇÕES FERIDOS

"Quando se perde um grande amor, nasce uma grande dor... Porém quando conseguimos reafirmar o que quebrou em algo novo e mais belo, vemos que lutar é a única saída e que vencer as dificuldades é o que faz a vida ter valor!".

Kadish

Entramos na casa da tia do Dário e eu podia sentir o olhar daquela mulher. Ela não estava disposta a desistir dele, mas se ela pensa que irei facilitar está muito enganada.

— Espero que não tenha ficado aborrecida com ela aqui. —
Diz Dário baixo, apenas para eu ouvir.

— Claro que não, não vou deixar sua ex estragar nosso final de semana.

Fui apresentada a todos os amigos de Lola. Ela foi muito simpática, me tratou super bem. O que, de certa forma, me deixou mais tranquila. Sherilin, a todo o momento, fazia questão de tocar em meu namorado, ficar relembrando a sua época de namoro, até mesmo a infância dos dois. Eu tive que me manter forte, mas era difícil quando os dois tinham toda uma história juntos.

— Lembra, Dário, quando você me deu o Ralf?

— Claro, você tinha dezesseis anos e ficou tão feliz que começou a chorar.

— Ainda sinto falta dele. — Diz a barata descascada se fingindo de triste. Eu engulo a vontade de jogar minha taça na cara dela.

— Kadish, você poderia me ajudar a terminar o jantar? — Pergunta Lola notando meu desconforto.

— Eu adoraria. — Falo me levantando do sofá, onde estava sendo ignorada.

Acompanho a tia dele até a cozinha incrível da sua casa.

— Não fique chateada, querida, eu posso ver que meu menino gosta de você. Não a deixe envenenar a relação dos dois.

— Ela está fazendo de tudo para se aproximar dele.

— O que ela quer, não importa. Meu menino está apaixonado por você, filha. Eu nunca vi Dário olhar para Sherilin da maneira como olha para você.

— É difícil não ficar insegura, ela é muito bonita e eles tiveram uma história.

— Vamos levar esse salmão para a mesa. — Fala tirando a travessa do forno. Ajudo-a com as saladas e me entretenho conversando com ela sobre o seu restaurante. Nem vejo que já estamos todos na mesa para o jantar. Dário senta ao meu lado, e uma parte minha quer ignorá-lo assim como ele fez comigo, mas a forma preocupada com que ele me olha, acaba me amolecendo. Sua mão esquerda faz carinho em minhas costas.

— O que houve, amor? Por que está com essa carinha?

— Não foi nada. Vamos jantar.

O resto da noite passou voando, o jantar estava uma delícia, realmente Lola é uma ótima cozinheira. Todos comemos e bebemos muito bem. Depois, chegou a hora do bolo, e todos os convidados cantaram parabéns para Lola. Entreguei meu presente para ela, um lenço que trouxe comigo de Mali. Ela ficou muito feliz e me pediu para ajudá-la a colocar.

Já eram quase duas da manhã quando os convidados foram embora. Sherilin passou a noite toda me provocando, falando coisas constrangedoras do tempo que ela e Dário eram noivos. Eu já estava a ponto de matá-la se ela falasse mais alguma coisa.

— Acho que está tarde, tia. Kadish e eu tivemos uma viagem longa, vamos para o quarto descansar.

— Tudo bem, filho, eu deixei seu antigo quarto pronto para vocês dois.

— Obrigada pelo jantar, Lola. — Digo abraçando-a e nós dois subimos as escadas.

Ainda estou chateada, mas não falei nada. Fui direto pegar uma camisola na mala.

— Ei, minha linda, por que essa carinha?

— Como queria que eu estivesse com você e sua ex, relembrando os velhos tempos?

— Kadish, você não está pensando que eu dei abertura para Sherilin? Você sabe que não suporto aquela mulher, por mim, ela não estaria aqui.

— Eu estou muito cansada, Dário, vou tomar meu banho.

— Digo com raiva, indo até o banheiro. Antes que ele possa me seguir, eu fecho a porta.

Diário

Como se não bastasse ter passado a noite inteira com Sherilin no meu pé, me enchendo o saco e sendo inconveniente, assim que fiquei a sós com Kadish, ela me deu um gelo.

Por mim eu teria mandado Sherilin ir à merda logo de início, mas a casa estava cheia, não quis causar confusão na frente dos convidados da tia Lola.

Tudo que eu queria agora era me enterrar em Kadish, marcá-la como minha. Nada me preparou para sua explosão. Ela estava com ciúmes, furiosa.

Retiro minha camisa branca, meus sapatos e meias, e me sento na cama, apenas de calça social, para esperar por ela.

Kadish sai do banheiro com os cabelos molhados, a toalha enrolada no corpo. Continua a me ignorar, e nem repara que estou babando por ela.

— Amor! — Chamo por ela, mas sou ignorado. Sorrio sabendo que ela está me provocando. Kadish veste a camisola sem calcinha na minha frente, meu pau só falta saltar de tão duro. Ela senta na cama com o pote de hidratante nas mãos e começa a passar pelas pernas.

— Deixa que eu passo para você. — falo tomando o pote

das suas mãos. Começo aplicando em seus braços, e Kadish fecha os olhos com a massagem.

— Você sabe que eu só tenho olhos para você; não deixe aquela cobra envenenar nosso amor. — Falo enquanto esfrego o creme em seu pescoço, o massageando também. Kadish geme, eu sei que ela está gostando. Sua pele está arrepiada. Aos poucos vou deitando seu corpo na cama.

— Eu vivo por você, amor, e nada nem ninguém vai nos separar. Você é minha e eu sou seu! — Falo e vou descendo meus beijos pelo seu pescoço.

— Não me tortura assim, Doutor...

— O que você quer, minha deusa? Do que precisa? Eu te dou a lua se me pedir!

— Me beija, me faça sua!

— Com prazer! — E começo a beijá-la.

Vou descendo minha boca pelo seu pescoço, sua pele me fascina, ela é linda! Amo como nossos corpos se entrelaçam. Desço até sua bocetinha molhada, e afasto suas pernas. Lentamente, começo a chupar aquela boceta gostosa, de lábios carnudos. Kadish geme, puxando meus cabelos enquanto eu saboreio seu gosto doce. Minha língua brinca com seu clitóris, sugando e mordendo. Ela tampa a boca para não gritar quando o orgasmo vem, mas eu não paro, continuo a saboreando até não restar uma gota do seu gozo.

— Eu quero seu pau dentro de mim.

Eu não hesito, coloco meu pau todo de uma vez na sua

bocetinha apertada. Começo a tirar e pôr devagar. Ela implora para continuar. Fodo aquela boceta gostosa e falo o tempo todo o quanto ela é gostosa e o quanto sou viciado nela.

— Geme para mim, geme! Vou te comer gostoso, você é minha!

— Oh Deus, Dário, não para! Mais, amor, mais!

Giro seu corpo, a colocando em cima do meu pau, fazendo-a balançar feito uma potranca safada. Kadish não se faz de rogada. Sobe e desce com rapidez. Eu me seguro para não gozar. Puxo seu rosto para mim, beijando sua boca com paixão. Kadish morde meu pescoço de maneira selvagem, me levando à loucura.

— Você gosta de provocar, minha deusa. — Falo mordendo o seu ombro, e ela revira os olhos de prazer. Me sento com ela ainda no colo, e abocanho seus seios fartos que estão duros, pedindo por atenção. Minha língua brinca com o biquinho, mordendo no final. Kadish rebola gostoso e logo em seguida goza, vibrando sobre mim e me levando ao delírio. Exaustos, deitamos um ao lado do outro. Puxo seu corpo para mim olhando em seus olhos.

— Eu vou precisar de outro banho agora.

— Quero te entregar uma coisa. — Falo sério, olhando em seus olhos.

Kadish se vira para mim curiosa.

— Eu pretendia fazer algo especial, romântico, mas acho que esse é um bom momento. Me levanto ainda nu, caminho até a

minha mala e retiro de lá a caixinha, que era da minha mãe e que venho guardando há uma semana, esperando o momento certo.

— Você é a mulher da minha vida. Desde que nossos corações se encontraram, minha vida virou um mar de tranquilidade e amor. Nossa história está ainda no início e tanta coisa já aconteceu. Não tem um dia que eu não agradeça mentalmente a Paloma, por ter te trazido para mim. Agora, eu sinto que preciso de mais, meu amor! Não tenho dúvidas, eu quero me casar com você, Kadish. Só preciso do seu sim. Kadish, minha linda, você aceita casar comigo?

— Sim!! Sim, Dário!! É tudo que eu mais quero, amor! —
Fala se jogando nos meus braços.

Martim

Quando Paloma entrou naquele carro, eu tive que agir. Voltar a Londres e esperar que ela fosse até Sarah. Fiz tudo no piloto automático; meu pai fretou um helicóptero que nos levaria a Londres. Mamãe já tinha deixado tudo pronto. Sarah estava empolgada para ver os primos e tia Li, como ela chamava Alice. Arturo me ligou, avisando que Paloma estava desesperada atrás de Sarah e que viria atrás dela. Com ajuda do seu segurança, ele conseguiu atrasá-la para que eu chegasse antes. Meus pais foram direto para um hotel. Eu fui para nossa casa com minha filha. Sarah amou a casa e não parou quieta desde o minuto que eu disse que a mãe dela estava vindo.

Uma hora se passou depois que chegamos, até que a portaria nos avisou da sua chegada. Sarah não esperou nem eu abrir a porta para ela, saiu em disparada atrás da mãe.

Meu coração estava acelerado, um medo me invadiu, eu não sabia o que dizer nem o que fazer. Era a primeira vez que nos veríamos frente a frente em quase oito meses.

— Você voltou, meu amor. — Falo abobado olhando para ela.

Paloma paralisa assim que ouve minha voz. Seu corpo fica rígido, seu olhar sério.

— Como vai, Lancaster? — Fala de maneira fria.

Dou dois passos em sua direção e posso sentir seu cheiro, o mesmo que está gravado em minha mente, sinto tanta a sua falta. Me seguro para não puxar ela para os meus braços e acabar assustando-a.

— Eu senti sua falta. — Digo a primeira coisa que me vem à cabeça.

— Como deve imaginar, eu vim buscar minha filha. — Diz evitando olhar para mim.

— Nós precisamos conversar, então, é melhor a gente entrar.

— Eu não tenho nada para falar com você, Doutor.

— É melhor entrarmos, não quero que Sarah presencie uma discussão entre os pais, e Meire está lá dentro louca para te ver.

Posso ver em seus olhos que ela não quer entrar, mas bastou

tocar no nome da Meire que ela mudou de ideia. Sarah segurou a mão de Paloma e a minha, ficando no meio. Meu coração acelera vendo o quanto somos perfeitos juntos.

Ao entrarmos pela porta, Meire corre em direção a Paloma, a abraçando.

— Senti tanto a sua falta, minha menina. — As duas se abraçam emocionadas.

— Eu também. Pensei tanto em você, tenho tanta coisa para contar.

— Vem, eu fiz uma torta de chocolate para você. Está na cozinha e, enquanto come, você me conta tudo sobre a sua viagem e me explica como conseguiu ser mãe dessa menina linda.

— Eu preciso ir, eu só vim buscar Sarah. — Fala ela olhando para mim.

— Eu vou para o escritório, as duas podem conversar à vontade. Quando terminar a gente conversa, Paloma. — Falo me despedindo delas.

Entro no escritório e a minha coragem se esvai, minha vontade é de puxá-la para mim, pedir seu perdão, suplicar por uma segunda chance. Beijá-la até que ela me escute.

As cartas que escrevi para ela estão em cima da mesa, mas não tenho coragem de entregá-las. Tudo que eu quero é conseguir seu perdão. Quero que ela volte a me olhar com a devoção que sempre olhou. Estou tão arrependido, eu não deveria ter cedido à chantagem de Arturo. Ele me manipulou para me afastar dela.

Desesperado, abro uma garrafa de uísque enchendo o copo. Meu coração arde sabendo que logo ela vai passar por essa porta e vai me deixar, agora de vez. Me perco nas lembranças do tempo em que éramos felizes em Mali, como ela sorria cantando para as crianças, como nossas noites eram intensas.

A porta se abre e Paloma passa por ela. Sua fisionomia é séria, ela parece decidida, concentrada, mas ainda assim linda.

— A Sarah? — Pergunto olhando em seus olhos.

— Meire foi com ela para o quarto arrumar suas coisas, as duas virão comigo.

A dor que me acomete é tão forte que, quando dou por mim, estou de joelhos, prostrado a seus pés aos prantos.

— Me perdoa, amor, me perdoa, me arrependi tanto de ter te machucado. — Digo em prantos abraçando suas pernas. Paloma olha para mim, seus olhos estão, assim como os meus, cheios de lágrimas.

— Como pode me pedir perdão depois de todas as coisas que passamos? Depois de tudo que passei sozinha?

— Eu sei, eu sei, eu não deveria ter chegado àquele extremo! Eu erreí, eu te feri, mas eu te amo! — Falo olhando para ela com todo meu coração.

— Não encosta em mim! Não me toca! — Tenta se afastar. — Eu te pedi perdão tantas vezes, me humilhei, supliquei, mas você nunca me ouviu! Se isso não fosse o bastante, me trancou naquela cabana abandonada. Você sabe o que fez comigo, Martim?

— Pergunta descontrolada e eu fico com medo que ela tenha uma recaída.

— Você me abandonou! Você não sabe o que é amar! Sabe a sensação de medo, solidão, abandono? Foi isso que senti.

— O que eu posso fazer para você me perdoar? Para você voltar a me amar?

— Nada, Martim! Eu não te amo mais! Acabou! Você matou o amor que eu sentia por você quando me deixou naquela cabana. — Diz ela com tanta firmeza que sinto como se facas perfurassem minha pele.

— Não, não, isso não é verdade! Você me ama, Paloma! Nós dois nos amamos!

— Eu não quero um amor como o seu, Martim. Um amor capaz de largar quem se ama numa cabana abandonada no meio do nada. Onde estava o seu amor por mim nesses últimos oito meses? Você nem sequer me procurou, não se importou comigo! — diz apontando para si mesma.

— Não é bem assim, amor... — Tento tocar seu rosto, mas ela se afasta como se estivesse com nojo do meu toque.

— Você não imagina o que eu passei. É muito fácil para você agora dizer que me ama. Mas, seu amor é frágil, fraco e, quando eu mais precisava dele, ele não estava ali.

— Paloma, eu nunca deixei de te amar um segundo sequer desde que a conheci. — Puxo-a para o meus braços e a beijo. Beijo com desespero, com saudade. No início ela não corresponde, fica

travada feito uma estátua, mas minhas mãos foram para o seu pescoço, onde sei que é seu ponto fraco e, logo, ela estava correspondendo tão ou mais desesperada que eu. Foi tanto tempo sem senti-la que eu não quero parar de beijá-la, porém antes que possa prolongar mais nosso beijo, sinto um ardor forte no meu rosto do tapa que ela me dá.

— Nunca mais me toque! Nunca mais se aproxime dessa forma de mim. Eu não sou mais a sua esposa, Martim, o que tínhamos acabou.

— Você sempre será minha, Paloma, assim como eu sou seu, de corpo e alma.

— Não seja hipócrita! Acha que vou acreditar que ficou todos esses meses sem ninguém? Enquanto eu estava sofrendo abandonada numa clínica psiquiátrica, você estava aqui curtindo a sua vida. Sabe-se lá com quantas mulheres! — Fala amarga.

— Não existe outra mulher na minha vida e nunca vai existir. Você é a única que faz meu coração bater assim, só você, loirinha.

— Não me chama assim, você perdeu esse direito. Eu não acredito mais em você! Entre nós dois só existe Sarah e mais nada. Eu vou viver a minha vida junto da minha filha, vou me reerguer, e para isso eu quero o divórcio! — Diz me olhando com desprezo. Seu olhar, que ora fora apaixonado, hoje transmite apenas nojo.

— Nós dois separados, você longe de mim, quem vai ser feliz, Paloma?

— Eu serei feliz, Martim, porque agora eu descobri que não preciso que ninguém me ame para me aceitar. Eu descobri que não há nada de errado comigo. Minha filha é o bastante para me fazer feliz.

— Eu quero que você fique bem, meu amor. Se é o divórcio que quer, eu lhe darei, não quero prendê-la a mim contra a sua vontade. Eu te amo e a sua felicidade vem em primeiro lugar.

Paloma não responde, simplesmente se afasta de mim, abrindo a porta do escritório. Ela simplesmente se vai. E eu fico ali parado, olhando pela janela do meu escritório, a mulher da minha vida, minha filha e Meire partindo para longe de mim.

Paloma

Saio da casa de Martim com o coração em pedaços. Uma parte minha quer esquecer tudo que aconteceu e recomeçar, mas eu sei que no primeiro desentendimento ele não confiaria em mim. O amor que ele diz sentir é fraco e frágil; não é isso que quero para mim. Ele não me procurou, ele não se importou, e isso machuca.

O carro para em frente à casa de Arturo. Descemos e me preparo psicologicamente para a batalha que virá a seguir. Entro com Sarah no colo e qual é minha surpresa ao ver todos os Cartier reunidos! Papai, mamãe, Arturo e Verônica, Guilherme, Alice e Hector, todos eles me aguardavam.

— Olá, família. — Digo ainda meio sem jeito por estar de

volta depois de tudo que aconteceu.

— Minha princesinha! — Diz mamãe me abraçando. — Senti tanto a sua falta, meu amor. — Diz ela chorando e me sinto mal por ter feito com que todos eles se preocupassem comigo.

— Eu também, na verdade senti a falta de todos vocês.

As próximas duas horas são passadas entre abraços e beijos. Eu me sinto realmente querida, e culpada por não ter deixado eles me visitarem. Essa é a minha família, eles não são perfeitos, mas são meus. Alice chora muito me abraçando. Minha irmãzinha era a mais jovem de nós, mas de todos era a mais forte.

— Obrigada por ter cuidado da minha menina.

— Foi um prazer. Sarah é uma menina muito especial.

— Eu sei disso — falo olhando para ela que brinca com os primos.

Jantamos todos num clima gostoso, mas não poderia mais adiar minha conversa com Arturo, era hora de tomar conta da minha vida.

— Arturo, eu preciso falar com você em particular. — Olho para ele, que segura Safira no colo.

— Tudo bem, vamos para o escritório. — Fala entregando Safira para Hector.

Acompanho ele até o escritório, sob os olhares curiosos de todos.

Assim que entramos no escritório, meu irmão acende seu charuto e se senta na sua mesa.

— Verônica sabe que está fumando dentro de casa?

— Se ela descobre, com certeza vai me matar. — Diz com um sorriso apaixonado. — Toda vez que você me olha assim é porque quer me pedir alguma coisa. Eu a conheço bem, irmãzinha, do que você precisa?

— Não quero te pedir nada, na verdade, nada que não seja meu. — Falo séria.

Arturo me olha confuso, sem entender.

— O que posso fazer por você? Me sinto em dívida depois do que passou. Eu não deveria tê-la colocado naquela clínica, eu realmente acreditei que estava fazendo a coisa certa.

— Não se culpe. Foi bom ter ido. Assim, me fez refletir sobre muitas coisas, inclusive, que já é hora de cuidar da minha vida. Eu quero ter o controle do meu dinheiro. Você vem administrando o meu patrimônio há muito tempo, agora, é hora de eu mesma assumir o controle da minha vida. Eu quero comprar uma casa para mim e para minha filha, e também vou precisar de capital para um projeto que estou planejando.

— Você tem certeza que é isso que quer fazer? Você sabe que nunca toquei no seu dinheiro, e, apenas com os rendimentos, você e Sarah viveriam bem. Foram muitos anos como modelo, Paloma. Quer mesmo mexer nesse dinheiro?

— Eu sei o que estou fazendo, Arturo. Essa é uma nova fase na minha vida, pela primeira vez estarei assumindo minhas responsabilidades.

— Tudo bem. Se é isso que quer, o que me resta é apoiá-la. Você sabe que a Cartier está aberta para você se quiser voltar a trabalhar lá.

— Obrigado, mas eu já tenho planos. — Falo com um sorriso.

— Senti sua falta. — diz ele me abraçando forte. — Eu quero que seja feliz. Você, mais do que qualquer um, merece isso. Você já sofreu muito, Paloma, e de certa forma eu sou o culpado disso, eu falhei em protegê-la.

— Não se culpe, eu estou bem, eu juro. — Falo sendo firme.

— E o Lancaster? Como fica em tudo isso? Você ainda o ama? — Ele pergunta, olhando em meus olhos, que desvio em seguida.

— Amo. Não tem como apagar esse sentimento de dentro. Vou morrer o amando, mas é impossível esquecer tudo que aconteceu. Eu não conseguiria perdoá-lo mesmo se quisesse.

— Não deixe a mágoa te cegar. Eu quase perdi a minha felicidade por rancor. Lembre-se do que eu e Verônica passamos, não vá cometer o mesmo erro que eu. Nós Cartier, somos muito teimosos. — Fala ele sorrindo.

— Eu queria que não fosse assim, Arturo, mas eu não sou Verônica e Martim não é você.

— Lancaster é louco por você, irmã, só um cego não vê isso. — Diz ele firme.

— Não quero um amor como o dele.



Após a conversa com Arturo tudo transcorreu rapidamente. Hector me convidou para passar uma temporada na Espanha com Sarah, o que gentilmente recusei. Não era hora para viajar, eu tinha muito para organizar. Fui para meu antigo apartamento, mesmo sob protestos, mas fui firme e irredutível. Ninguém mais assumiria o controle da minha vida. Por sorte, após o incêndio, Arturo já tinha mandado reformar todo meu apartamento. Ele estava novinho, nem parecia o mesmo.

Sarah está confusa, não entende por que não estávamos indo para a casa do pai. Foi difícil, doeu muito, mas consegui explicar que eu e seu pai não estávamos mais juntos, mas que independente disso nós a amaríamos e nunca deixaríamos de ser seus pais.

Ela foi dormir chorando, falando que queria que eu e o pai dela morássemos na mesma casa. Que ele era o príncipe e eu a princesa, e nós tínhamos que ficar juntos. Abracei minha pequena cansada, queria que as coisas fossem fáceis como na cabecinha dela.

Kadish

Acordei naquela manhã com uma sensação gostosa. Meu corpo estava pesado devido à madrugada intensa. Abro os olhos e dou de cara com Dário apenas de toalha na minha frente.

— Que horas são? — Pergunto ainda meio sonolenta.

— São dez da manhã. Você dormiu bastante; deve estar cansada.

— Você acabou comigo ontem à noite, doutor. — Falo sorrindo para ele.

— Minhas costas são a prova disso, mas confesso que adoro quando você é uma gatinha selvagem.

— Você acha que sua tia ouviu meus gemidos?

— Ela teria que ser surda para não ouvi-la, gostosa.

— Dário... Deus! Como vou encarar sua tia agora? — Falo envergonhada.

— Deixa de ser boba. É normal um casal jovem ter intimidade. Minha tia não é nenhuma careta, ela sabe disso.

— Vou tomar um banho e desço com você. — Falo ainda envergonhada.

Tomo um banho rápido, repassando na minha cabeça o que aconteceu ontem. As provocações da cobra da Sherilin e, por fim, nossa noite incrível, com seu pedido de casamento. Eu jamais imaginaria que amar alguém era assim, nunca pensei que poderia ser tão feliz.

Me arrumo sob o olhar quente do meu noivo, que faz questão de me roubar carícias e beijos. Procuro meu celular e vejo que o mesmo está sem bateria.

— Como estou? — Pergunto a ele dando uma vultinha em sua frente.

— Maravilhosa. Você fica linda até vestindo uma sacola de mercado. — Diz me puxando para seus braços. — Eu sou um cara de sorte, tenho a noiva mais linda do mundo.

— Vamos, meu noivo, não quero chegar atrasada para o café. — Falo beijando seu pescoço.

Descemos as escadas de mãos dadas. Eu ainda estava envergonhada pelo barulho que fizemos, mas o anel em meu dedo compensava qualquer coisa.

— Aí estão vocês! Os pombinhos estavam demorando, já ia subir para buscá-los — diz Lola me abraçando.

— Bom dia, Lola. Acabamos dormindo demais — falo com o rosto vermelho.

— Oh Deus! O que é isso no seu dedo? — Diz ela fazendo um escândalo, e todos que já estavam na mesa se viram para nós, inclusive a cobra da Sherilin.

— Kadish aceitou se casar comigo. — diz Dário todo orgulhoso.

— Esse é o anel da sua mãe? Oh meu filho, estou tão feliz por vocês! — Fala ela com os olhos marejados e me surpreende com um novo abraço. Todos vêm nos parabenizar, menos a cobra, que saiu da mesa fora de si.

O café foi maravilhoso, principalmente porque Sherilin não estava lá. Ligo meu celular e aí percebo a quantidade de mensagens. Uma delas faz meu coração acelerar. Alice, avisando que Paloma tinha voltado para Londres e estava no seu antigo

apartamento e me passando o endereço. Tive que explicar a Lola o motivo da nossa volta inesperada. O combinado era que passaríamos o final de semana com ela, mas Paloma é muito importante. Sem ela, talvez eu nem estivesse aqui. Eu precisava vê-la, estava morrendo de saudades da minha amiga irmã.



Quando Dário estacionou o carro na frente do prédio onde ela mora, meu coração já saía pela boca. Quando, enfim, alguém abre a porta, é uma senhora me recepciona, porém, antes que eu possa dizer qualquer coisa, vejo Paloma na minha frente.

Ando em sua direção, a abraçando com tudo.

— Oh Deus! Como senti sua falta. — Falo já chorando.

— Eu também. Você está linda, Kadish. Você foi a única amiga verdadeira que eu tive. Como senti sua falta. Pensei muito em você nesses últimos meses.

— Deus, você está tão magra, tão diferente. Eu fiquei arrasada quando me disseram que você não queria receber visitas na clínica, eu queria tanto te ver.

— Me desculpa. Eu não estava psicologicamente bem.

Só então me lembro que Dário me acompanha. Paloma sorri para ele.

— Você cuidou dela como eu pedi. — Diz ela rindo.

— Com a minha vida! Na verdade, acho que ela que cuidou de mim — diz ele me olhando apaixonado.

— Oh meu Deus! Vocês estão juntos. — Fala abobada.

— Sim, nós vamos nos casar e você vai ser minha madrinha.

— Eu sabia que você não ia resistir ao charme dessa morena. — Diz provocando Dário.

— Impossível resistir. Eu sou imensamente grato a você por ter colocado ela na minha vida. Sem você, talvez eu jamais a tivesse conhecido. Kadish é a mulher da minha vida. — Fala meu noivo lindo. Paloma fica emocionada e o abraça mais uma vez.

— Amor, eu vou deixar você aqui e vou dar uma passada no hospital. Te busco mais tarde, pode ser? — Diz ele.

— Eu acho ótimo, assim Paloma e eu teremos bastante tempo para colocar o papo em dia. — Digo animada. Nos despedimos dele e então vamos para a varanda, onde Sarah brincava de boneca.

— Você precisa me contar tudo que aconteceu. Eu fui te visitar quando estava na casa da sua mãe, mas você parecia aérea, mal me reconheceu.

Paloma foi narrando para mim tudo que aconteceu em Mali após a minha partida. Choramos muito, nós duas, ela me contou sobre o bebê e me senti culpada, arrependida, talvez se eu não tivesse fugido de lá, hoje ela estaria com a filha nos braços.

— A culpa não é sua! Ibrahim era um louco, um psicopata.

Horas se passaram. Conversamos sobre tudo que houve nos últimos meses. Quando ela me contou sobre a clínica, sobre tudo

que enfrentou, eu a abracei forte. Queria poder ter estado lá, ter ajudado de alguma forma.

— Não imagina como foi difícil vê-lo depois de tanto tempo. Machuca tanto saber que ele nem ao menos me procurou. Kadish, ele não só me jogou naquela maldita cabana, como simplesmente esqueceu que eu existia. Seguiu a vida dele como se eu não importasse.

— Eu não consigo ver o Martim da forma como você o retrata, Paloma. Isso é muito estranho, ele não me parece o mesmo homem apaixonado que eu conheci em Mali. Quando você estava na casa da sua mãe, ele me procurou. Primeiro, foi um choque para ele, saber que eu estava viva. Eu expliquei todo seu plano. Paloma, ele chorou emocionado. Você precisava ver, ele estava desesperado, abatido, tudo que ele queria era saber onde você estava. Eu quase contei. Se não tivesse prometido para sua família que não falaria, eu juro que teria dito. Não é possível que ele não tenha se preocupado com você, eu mesma vi seu desespero.

— Ele ter me procurado quando voltou de Mali, não apaga tudo que aconteceu. Não demorou muito para ele se cansar de mim. Não, Kadish, isso não é amor. O que Martim sente, não passa de uma paixão. Nosso casamento começou de forma errada, estava na cara que não terminaria bem.

— Mas Paloma, vocês se amam, não podem ficar separados e sofrendo assim.

— Vai passar. Você vai ver...

Paloma

Os dias foram se passando e, em pouco tempo, Sarah e eu já tínhamos uma rotina; minha menina estava a cada dia mais inteligente.

A doutora Manuela, que se mudou novamente para Londres após o período que passou me acompanhando na Rehab, segue sendo minha psiquiatra, além de ter se tornado uma amiga pessoal.

Quanto a Martim, eu procurava evitá-lo a todo custo. O que era meio difícil, já que ele fazia questão de buscar Sarah todos os dias na escola e trazê-la para casa, além de me mandar flores diariamente. Não sei por que, mas as flores me lembravam as que eu recebia na clínica.

A imprensa fazia questão de pisar mais uma vez no meu nome. Eram teorias e mais teorias, que tomavam conta dos noticiários; todos queriam saber o que tinha acontecido para a princesinha da moda ter ido para Rehab. Muitas especulações sobre o fim do meu casamento, tudo um verdadeiro inferno.

Estaciono o meu carro em frente ao restaurante Tower, um restaurante de frutos do mar, onde iria encontrar o meu novo agente, Ryan. Contudo, após descer do carro eu paraliso vendo ninguém menos que Ana Beatriz e Nick na minha frente.

— Paloma — diz ela me olhando dos pés à cabeça.

— Ana Beatriz, Nick. — Falo surpresa e só então percebo

que Nick segura um bebê nos braços.

— É seu filho? — Pergunto constrangida, olhando para o bebê, que se parece muito com Nick.

— Sim, é nosso filho! — Responde Nick por ela.

— Ana Beatriz, eu sei que não é a melhor hora e nem o lugar, mas gostaria de pedir perdão pelas coisas que fiz, pela forma que a magoei. E a você também, Nick, sempre foi meu amigo e não pensei em seus sentimentos por Ana Beatriz, e acabei o machucando também.

— Não carrego mágoa, Paloma, estou feliz com a minha família. De uma forma torta, tudo que aconteceu acabou me trazendo o amor da minha vida. E hoje sou um homem feliz, realizado, com uma linda família. — Diz Nick olhando para Beatriz com devoção.

— Sabe, Paloma, por muito tempo, eu odiei você. Tinha raiva pelo que fez, por ter destruído meu casamento e por ter se fingido de minha amiga. Mas hoje eu vejo que o que Martim e eu tínhamos não era verdadeiro. Não nos amávamos e nosso casamento já estava fadado a ter um fim. Não posso dizer a você que esqueci a forma dissimulada com que me tratou, mas eu a perdoei há muito tempo. No fim das contas, eu hoje tenho a vida que sempre sonhei pra mim, sou amada e feliz. Não desejo seu mal jamais, quem está feliz não quer ver a infelicidade nos outros. — Uma lágrima cai do meu rosto, emocionada com suas palavras; é como se um peso saísse dos meus ombros.

— Obrigada, Ana Beatriz, não imagina a culpa e o arrependimento que carrego.

Despeço-me deles com o coração mais leve, e um sorriso no rosto; uma parte da minha vida estava encerrada agora, enfim posso deixar o passado no passado.

Entro no restaurante e vejo Ryan em uma mesa à esquerda, ele parece concentrado em algo que vê em seu celular.

— Oi, Ryan, fiz você esperar muito? — Pergunto parando bem na sua frente.

— Claro que não. — Fala com um sorriso no rosto. — Você está linda, Paloma. — diz e puxa a cadeira para eu sentar.

— Obrigada. Como andam os preparativos para o desfile? — Pergunto já ansiosa.

— Quanto a isso, já está tudo encaminhado, nós temos dois novos patrocinadores. Este evento ficará para a história. Também já consegui Miley para a abertura, está tudo seguindo conforme o planejado.

— Mas, então, por que me disse que precisávamos conversar sobre um assunto importante? Eu pensei que era sobre o desfile. — Questiono confusa.

— Bem, eu te chamei aqui porque andei pensando em marcamos uma coletiva de imprensa para você contar sua versão sobre o término do seu casamento.

— Isso é ridículo, Ryan, eu não devo satisfação a ninguém! Onde já se viu, ter que ir à imprensa para me explicar? — Falo com

desgosto.

— Eu sei disso, mas a maneira como está sendo atacada na internet e nas revistas não é justo. — Ele diz com um tom de voz preocupado.

— Eu não ligo, já estou acostumada, nada que eles digam é novidade para mim. Tem sido assim desde que me entendo por gente.

— Eu sei bem, Paloma, você já me explicou sobre isso, porém, eles não estão atacando somente você, mas até sua filha, a pequena Sarah.

— O quê?! — Olho para ele chocada.

— Eles são como abutres famintos.

— A minha filha? Não é possível! — Só então noto que há três revistas sobre a mesa.

— Deixe-me ver isso. — falo pegando-as, as manchetes são nojentas.

"Paloma Cartier adota criança africana para recuperar sua reputação perante a sociedade"

"Paloma Cartier volta a Londres após o fim do casamento e de quebra com um 'bichinho de estimação'!" — Uma foto da minha filha no meu colo.

"Paloma Cartier é traída pelo marido! A amante que foi traída." — Diz a outra manchete.

Um bolo se formava em minha garganta. Tiro meu celular da bolsa e começo a vasculhar minhas redes sociais, e as coisas que

vejo me deixam agoniada. Algumas pessoas falam mal do cabelo da minha filha, outras dizem coisas ainda piores, que me enojam.

— Isso não vai ficar assim! — Falo revoltada.

— Foi por isso que te chamei, eu já contatei seu advogado e vou falar com seu irmão para soltar uma nota, mas o ideal seria você ir a público.

— Ninguém mexe com a minha filha. Você não entende, quando eles atacam a mim até aguento, mas Sarah, isso eu não aceito nunca! — Começo a chorar tomada pela raiva. Ryan pede um copo com água para mim, perdi até a fome. Com dor de cabeça e indisposta, peço para irmos embora e terminarmos de resolver tudo depois.

Porém, ao sair do restaurante, mais uma vez encontro com o meu passado.

— Paloma... — Ele fala assim que me vê na entrada.

— Oi, Martim. — Falo meio afetada com a sua presença.

— Eu vou indo para a nossa mesa. Paloma, é um prazer revê-la. — diz seu amigo Harry.

— Eu já vou também, Paloma, nos falamos por telefone — diz Ryan beijando meu rosto e posso até sentir o olhar mortal que Martim lhe direciona.

— Não sabia que estava namorando. — Diz ele com a voz amarga e as mãos dentro do bolso.

— Não que seja da sua conta o que eu faço ou deixo de fazer, mas Ryan é meu amigo. — Digo seca.

— “Amigo”, sei, ele não te olha como um amigo — falando dois passos em minha direção, me fazendo sentir seu cheiro característico.

— O que isso importa, Martim? Eu não fico me preocupando com quem você sai ou deixa de sair, não se meta na minha vida.

— Não é possível que você tenha me esquecido desse jeito, Paloma. Não acredito que não se importa que eu saia com outra mulher.

— Eu não ligo! — Finjo o melhor que posso, mas minha voz vacila.

— Eu te amo, loirinha, eu sigo te amando, meu bem. Volta para mim, Paloma, vamos recomeçar nossa vida, vamos esquecer o passado. Me perdoa, amor, eu só quero uma única chance. — Diz tocando meu rosto como se não aguentasse ficar sem me tocar. Eu estremeço, e me odeio por reagir dessa forma perto dele.

— Não me toque. Eu já disse a você uma vez e parece não ter sido o bastante. Eu jamais vou esquecer o que fez, jamais! Você esqueceu que você me abandonou naquela cabana? Que me deixou sozinha? Não existe “nós”, Martim, eu não consigo te perdoar. — Falo já me afastando dele, virando as costas e entrando no meu carro. Pelo retrovisor posso vê-lo parado, olhando para mim, tão perdido, tão triste. Meu peito arde, as lágrimas caem sem parar, dói tanto; mesmo negando, ainda o amo.

Martim

Eu ainda não conseguia esquecer a cena da nossa conversa na saída do restaurante; aquele miserável com as mãos nas costas dela. Ela sorrindo para ele. Os dois pareciam bem íntimos. Se ele é agente dela, como ela diz, isso era sinal que ele estava passando bastante tempo com ela. Eu pude ver no olhar daquele mané que ele a quer, ele a deseja. Inferno! Ela ainda é minha mulher! Só minha!

Fecho os olhos cansado, não sei como fazer para me aproximar, não sei como reconquistá-la. Ela ainda não deu entrada no divórcio, mas eu sei que é apenas uma questão de tempo para isso acontecer, e então, terei que cumprir a promessa que fiz a Arturo.

Eu a amo tanto, estou morrendo dia após dia longe dela. Dói saber que ela está superando, que está me esquecendo.

— Pai, pai! — Chama Sarah me despertando dos meus devaneios.

— Oi, meu amor, desculpa, o papai está meio cansado hoje. — Falo olhando para a bagunça que ela fez na sala com todas as suas bonecas e lápis de cor.

— Eu quero papel para fazer um desenho bem lindo. — Ela sorri e eu a abraço.

— Em cima da mesa do escritório do papai tem, pode ir lá pegar. — Digo sorrindo para minha princesa.

No noticiário, as mesmas notícias de sempre. Minha vida está tão triste, que nada, a não ser Sarah, me anima. Um programa de entrevistas começa a passar. Nada disso me interessa, mas então, o ouço o nome de minha loirinha e meu coração perde uma batida.

— Café da tarde com Dinis. — Diz a narradora.

— Essa tarde teremos uma convidada pra lá de polêmica, a supermodelo e socialite Paloma Cartier! — Diz o apresentador. — Uma salva de palmas para Paloma Cartier!

A plateia aplaude e ela logo aparece. Com um vestido branco justo e um batom vermelho que me fez lembrar vários momentos em que arranquei o seu batom com a minha boca. Paloma sorri para a câmera se sentando no sofá, mas posso ver claramente que ela está nervosa.

— Paloma, recentemente você voltou a Londres depois de uma longa temporada fora do país. Voltou com uma filha, e foi vista saindo de uma clínica de reabilitação psicológica. Acredito que já deve estar a par de todos os rumores que circulam por aí. — Diz o apresentador, Dinis.

— Não importa se eu estiver em Londres ou em Mali. Ainda assim, vão me perseguir, vão tirar fotos e colocar nas capas das revistas. Já estou acostumada com isso.

— De certa forma isso é normal, sua família é muito rica. — Ele diz a ela.

— Não é normal quando você é taxada como a Miss ovelha negra, ora magra demais, no mês seguinte, “nossa, como ela está

gorda”. Agora estou sendo acusada de ter adotado minha filha “apenas” para fazer marketing. Acham que não sou capaz de cuidar dela? — Ela pergunta e eu fico com um nó na garganta, pois sei que são acusações absurdas.

— Eu vi fotos dela, ela tem cinco anos e é muito linda. — Diz Dinis e no telão uma foto de Sarah e Paloma aparece.

— Eu amo Sarah do jeito que ela é. Eu posso ter tido um passado turbulento, mas ainda assim, trabalho, cuido da minha filha, da minha casa. Eu sigo a minha vida, não consigo entender por que se importam tanto com o que eu faço!

— Eu andei lendo algumas matérias a seu respeito e me envergonho até mesmo de ler esse tipo de reportagem. — Diz o apresentador lendo a ficha enquanto minha loirinha fica calada e muito séria.

— Eu sou uma Cartier desde que nasci, sempre fui superprotegida. Comecei nas passarelas com seis anos; eu ainda era criança, para mim era tudo brincadeira, não percebia o quanto aquilo era importante. — Minha loirinha fala enquanto o telão exhibe algumas fotos de sua infância.

— Você acha que isso acabou afetando a sua infância? Começar desde cedo a ser o centro das atenções? — O apresentador pergunta e ela assente.

— Com toda a certeza! Eu não tive a chance de ter uma vida normal, aonde eu ia, era fotografada. Meu pai era muito conhecido e nós vivíamos cercados de segurança.

— Você ganhou um prêmio de Miss Mundo e por três vezes seguidas foi a Miss Inglaterra, tem alguma pretensão de voltar a desfilar?

— Bem, uma vez me fizeram essa pergunta e eu respondi que só voltaria para a passarela por um motivo muito forte. — Ela diz séria.

— Soube que você foi convidada a desfilar e aceitou, compartilhe com a gente seu motivo para aceitar esse convite.

— É essa a minha grande oportunidade, estou trabalhando em uma campanha beneficente em conjunto com a Victoria's Secret e a Cartier. Iremos arrecadar fundos para as crianças africanas.

— Africanas? Como a filha que você e seu marido adotaram? — Questiona Dinis.

— Sim. Sarah, minha filha, foi adotada em Mali, na África. Por mim e meu ex-marido. — Quando ela diz isso sinto um aperto no peito.

— Então, é real o rumor do fim do seu casamento com o doutor Lancaster?

Percebo que ela engole em seco e pensa antes de responder.

— Muita gente tem especulado sobre mim. Foi por conta disso que procurei seu programa para essa entrevista. Eu e o doutor Lancaster terminamos nosso relacionamento, hoje somos amigos, temos uma filha, que é um laço que nos liga para sempre. — Diz ela sendo madura.

— Foi por conta do fim do seu casamento que você foi parar na Rehab? — questiona o maldito entrevistador.

— Não, Dinis, não culpo meu ex-marido pela minha depressão. — Mente.

— Você teve depressão? — Pergunta ele surpreso e a plateia grita um "Oh" em uníssono.

— Sim, passei por uma fase muito difícil, que felizmente consegui superar. Porém, ao retornar a Londres, comecei a ser perseguida nas redes sociais e nos jornais. — Ela fez uma expressão séria.

— Você diz pelos comentários preconceituosos que sua filha e você vêm recebendo?

— Exatamente. Sarah vem sendo atacada nas redes sociais apenas por ser minha filha, o que me revolta. Eu vou ler aqui para você alguns comentários que foram feitos no meu Twitter em uma foto onde estou com a minha filha.

"Onde ela achou esse bichinho de estimação? Com tanto dinheiro ela poderia ao menos cuidar do cabelo dessa menina."

— Essa pessoa, claramente, está sendo racista ao fazer um comentário desse tipo — diz Dinis revoltado.

Olho para o tapete, minha pequena continua entretida no desenho e nem percebe o que acontece. Uma ira tremenda se apodera de mim, não acredito que alguém possa ser capaz de dizer um absurdo desse da minha pequena.

— Pois é, é exatamente o que eu penso. Meus advogados

estão a par de toda essa situação e iremos processar os responsáveis.

— Você está certíssima, o racismo é um crime e os responsáveis devem ser punidos com todo o rigor da lei. — O apresentador fala e é aplaudido pelos espectadores do programa.

— Não importa se Sarah saiu ou não da minha barriga, eu não aceito que a ataquem. Eu a amo mais que qualquer coisa nesse mundo e ela é linda à sua maneira. Sarah já passou por muita coisa e eu a protegerei de tudo que a possa machucar. — Paloma diz firme e a multidão aplaude. A entrevista acaba e me sinto orgulhoso da minha loirinha, defendendo fielmente nossa princesa.



CAPÍTULO 32

O DESFILE

*“Não consigo parar de olhar para a porta
Desejando que você entrasse arrebentando
Do jeito que você fazia antes
E eu me pergunto se eu ainda passo pela sua cabeça
Pois você está na minha o tempo todo.”*

Paloma

O tempo está passando rápido. Já faz semanas que tive alta da clínica. Não vou mentir e dizer que está sendo fácil lutar contra o sentimento que ainda vive dentro de mim. Eu ainda o amo, e dói vê-lo praticamente todos os dias. Sarah ainda insiste que quer morar com o pai e a mãe na mesma casa. As sessões de terapia com a doutora Manuela estão sendo ótimas para me ajudar a entender e aceitar o que me aconteceu.

Me olho no espelho e confiro como meu cabelo está arrumado e me recrimino por isso. Meire já foi para sua casa, a

cobertura fica vazia sem ela e Sarah aqui.

Olho para os vasos de tulipas vermelhas. Tem sido assim todas as manhãs. A mesma floricultura me traz um buquê de flores, cada dia um tipo diferente, mas todas elas com seu significado. Já falei com Martim para parar de me mandar as flores, mas pelo visto, ele não me dá ouvidos.

A chuva forte castiga Londres, não posso deixar de me preocupar com Sarah. Além do que, é impossível não lembrar a noite terrível na cabana, a tempestade que me aterrorizou naquela noite.

A campainha toca e suspiro aliviada; fico ansiosa, mesmo já sabendo quem é.

— Mamãe! — Grita Sarah pulando nos meus braços.

— Oi, amor, a mamãe já estava preocupada com você nessa chuva.

— Estava com saudades, mamãe.

— Eu também. — Só então levanto meu olhar para ele e me arrependo no segundo seguinte. Martim está lindo; sua barba voltou a crescer, ele usa uma camisa que eu lhe dei, seu perfume como sempre marcante.

— Boa noite, Martim.

— Boa noite. Desculpa a demora, a chuva está muito forte e preferi esperar ela melhorar um pouco.

— Tudo bem. Quer entrar? — Falo por educação, mesmo sabendo que ele não entra. Porém, dessa vez, Martim me

surpreende ao entrar na minha sala com a mochila da Sarah e outra sacola. Fecho a porta e me viro em sua direção.

— Sarah, leva suas coisas para o quarto que o papai quer falar com a sua mãe. — Diz ele sorrindo para nossa filha. Ficamos nós dois sozinhos, Martim senta no sofá e eu me sento na poltrona da frente.

— O que quer falar comigo? — Questiono nervosa, não gosto de ficar tão perto dele, é mais fácil lutar estando longe.

— Você está linda. — diz olhando em meus olhos com tanta intensidade que eu desvio o olhar.

— Se era isso é melhor ir embora. Está ficando tarde e amanhã é o desfile, não posso perder a hora.

— Não, na verdade eu preciso te entregar uma coisa. — Fala abrindo a sacola e tirando de lá o meu porta-joias. O olho confusa, sem entender o que ele faz com ele.

— Quando seus irmãos te levaram de Mali, todas as suas coisas ficaram na nossa casa. Eu tinha planejado te fazer uma surpresa. — Diz me entregando o porta-joias, que está estranhamente pesado. Abro o primeiro compartimento e me surpreendo ao ver vários anéis que eu tinha vendido. Vou abrindo uma por uma das repartições e está tudo lá, todas as joias que vendi em Mali, inclusive meu anel de noivado com meu precioso diamante verde.

— Você não precisava ter recuperado minhas joias. — Falo com um nó na garganta.

— Eu sabia que elas eram importantes para você. Já tinha recuperado a maioria, mas o anel de noivado foi mais difícil. Só consegui recuperá-lo recentemente, depois que saiu da clínica. — Diz ele com a voz trêmula.

— Eu não sei o que dizer...

— Não diga nada, elas são suas, sempre foram. Você merece esse recomeço. Eu estou orgulhoso do que está fazendo. Eu te vi na televisão e fiquei emocionado com a sua força. Sarah tem sorte de tê-la como mãe.

— Obrigada. — Digo ainda meio atordoada. Martim toca minhas mãos e sinto uma corrente elétrica passar pelo meu corpo.

— É melhor você ir, está tarde. — Falo tentando cortar o clima quente que se instala na sala.

— Tem razão, está ficando tarde. É tão bom estar aqui com as duas que até me esqueço que tenho que ir embora.

Me levanto rápido abrindo a porta para ele, Martim passa por mim e por um segundo eu não o puxo para mim e o beijo. Droga! Me odeio por me deixar afetar dessa forma.

— Boa noite, amor. — Diz com a voz rouca.

— Não me chame assim! — Falo com raiva. Ele apenas sorri e caminha até a saída.

— Martim. — O chamo antes que ele saia. Seus olhos focam em mim com um pedido mudo. — Eu já falei com a minha advogada. Semana que vem os papéis do divórcio devem ficar prontos.

— Não estou preparado para perdê-la, me dê ao menos uma chance de provar que estou arrependido.

— Nós já conversamos sobre isso. É melhor você ir embora. — Falo segurando a porta para ele passar.

— Tudo bem, meu amor. — Diz com tristeza, partindo. Fecho a porta e me escoro na mesma, desabando. Se pudesse, eu mesma arrancava esse amor de dentro de mim.

Arturo

— Você precisa resolver isso, Arturo. Não vê o quanto os dois estão sofrendo? — Verônica praticamente grita na minha cara.

— Não sei o que quer que eu faça. Eu não me intrometi, deixei que eles se acertassem.

— Se acertarem como, se você o fez jurar que a deixaria? Paloma está sofrendo, Martim está sofrendo, não faça com eles o que fizeram com nós dois! Você sabe o quanto sofremos separados, não vai querer isso para sua irmã!

— Já disse que fica muito sexy quando fica brava? — Digo beijando seu pescoço.

— Nada disso, senhor Cartier! Sem sexo até você resolver essa situação. Vá falar com Martim e diga a ele que tudo que você falou foi apenas para testá-lo. Ajude de alguma forma os dois a se entenderem.

— Agora você vai dar uma de cúpido, é? — Falo provocando.

— Já te falei que me sinto culpada pelo estado em que a Paloma esteve. A única coisa que eu quero é que ela encontre a mesma felicidade que nós dois encontramos. — Ela diz com a voz triste.

— Tudo bem, minha rainha. Você tem razão, talvez eu tenha que abrir os olhos do idiota do meu cunhado.

— É o melhor a fazer. Hoje à noite é o desfile, leva um convite para ele, duvido que Paloma o tenha convidado.



Depois de Verônica praticamente me obrigar a vir falar com Martim, eu estaciono meu Lamborghini Roadster no estacionamento do hospital. Alice, outra cúmplice de Verônica, me disse que Martim não saiu nem para almoçar.

Entro no hospital e caminho até a recepção. A recepcionista só falta me comer com os olhos. Se ela soubesse que puxar o decote não resolve nada, meu corpo só reage a uma mulher, aquela que é dona do meu coração.

— Boa tarde, gostaria de falar com o doutor Lancaster, o diretor do hospital.

— Seu nome, por favor — diz me secando.

— Arturo Cartier.

— Claro, aguarde um minuto, senhor.

Não demora muito para ela liberar minha entrada.

Caminho até a sala do panaca do Martim e logo que um paciente sai eu entro.

— Quando me disseram que você estava aqui eu quase não acreditei. — Fala ele cruzando os braços sobre a mesa.

— Pois é, mas não vim aqui por você e sim por Paloma.

— O que quer, Arturo? Já não estou fazendo tudo o que você pediu? O que mais quer? — Pergunta exasperado.

— Você realmente ama minha irmã? — Pergunto logo.

— Amo! Mais que a mim mesmo. — Diz sem titubear.

— Então, o que está esperando para reconquistá-la, doutor? Paloma te ama e está sofrendo. Eu não gosto de ver minha irmãzinha sofrer.

— O que você quer afinal, Cartier? Você mesmo me fez jurar que me afastaria dela! Eu não entendo aonde quer chegar. — Diz revoltado.

— Eu precisava ter a certeza de que realmente a ama! Apenas quem ama de verdade, abre mão da própria felicidade pela pessoa amada. Você subiu no meu conceito quando aceitou dar o divórcio após ajudá-la a se curar.

— Então, tudo era um teste seu? Você é um babaca, Cartier! — Grita revoltado. Eu me seguro para não rir.

— Eu já passei pelo que está passando e sei bem como é amar uma pessoa que não o quer por perto, mas da mesma forma como eu consegui, você vai reconquistá-la. Só precisa mostrar que

se importa, que a ama, que a quer de verdade!

— Paloma não quer me ver nem pintado de ouro!

— E você vai desistir por causa disso? — Pergunto debochado.

— Jamais!

— Foi o que pensei. — Abro meu paletó, tirando de lá o convite para o desfile. — Toma. Vai precisar de um desses hoje à noite. — Entrego o convite.

— Obrigado, Cartier.

— Me agradeça apenas quando tiver recuperado sua família.

Paloma

O desfile já estava para começar, eu estava nervosa. Era estranho estar nas passarelas novamente. Fazia muito tempo que não desfilava. A coleção nova da Cartier seria leiloadada no final do desfile, assim como as lingerie exclusivas da Victoria's Secret. Todo o dinheiro arrecadado seria usado para ajudar meninas africanas que sofreram mutilação genital. Essa era a minha missão agora, faria de tudo para ajudar o máximo de crianças e mulheres possível a não sofrer esse ato bárbaro.

A imprensa estava toda lá fora. Aqui dentro uma correria.

Maquiagem, cabelo, as peças Cartier estavam selecionadas. A produção do desfile trabalhava feito louca.

— Ryan, a atração musical já chegou? — Pergunto ansiosa.

— Infelizmente, ainda não. Estou ligando para o agente dela, mas só dá caixa postal. Já era para ela estar aqui.

— Nada pode dar errado. Nós esgotamos todos os ingressos, esse desfile é muito importante para mim. — Digo nervosa.

Logo, vejo Verônica chegando junto com Arturo no meu camarim.

— Você está linda. — Diz ela me abraçando.

— Obrigada, você também está muito bonita. — Pisco para ela.

— Estou muito feliz por você, Paloma. — Diz meu irmão me abraçando.

— Obrigada por estar ajudando com o patrocínio da Cartier.

— É para uma causa nobre, não posso nem imaginar o que você presenciou lá na África. A Sarah, tadinha. Não gosto nem de pensar no que queriam fazer com ela. Esse crime é desumano; conte com a Cartier no que precisar.

— Amor, eu quero mostrar o presente que fiz para Paloma e ajudar ela, você poderia nos deixar sozinhas?

— Claro, te espero lá fora.

— Perfeito. — Ela sorri para ele. Arturo nem imagina o que Verônica está aprontando.

— Ele vai te matar quando a vir na passarela. — Digo, quando ele se vai.

— Não se preocupe, se ele me punir será de outra forma. — Dá um sorriso malicioso. — Trouxe um presente para você. — Diz ela abrindo uma embalagem que traz nas mãos.

Olho para o vestido, ele é lindo, verde e todo bordado com cristais Swarovski.

— Uau, Verônica, ele é lindo.

— Essa é sua noite de brilhar, você merece.

Verônica me ajuda a colocar o vestido, que é um pouco pesado, mas fica lindo.

Alice chega junto com Kadish, que está belíssima, usando uma coroa de pérolas negras. O conjunto caiu perfeitamente bem com sua lingerie.

— Você está linda, irmãzinha. — Falo, vendo como ficou a lingerie branca rendada que Alice usa.

— Já disse isso a ela, Paloma, mas ela não me escuta. — Diz Kadish sorrindo.

— Não estou muito confortável, o que Guilherme vai pensar?

— Ah, irmãzinha, conhecendo meu irmão, como eu conheço, ele vai enlouquecer.

— Eu vou procurar o meu modelito e encontrar com Amanda. Ela me mandou uma mensagem dizendo que está na plateia e está difícil despistar Scott.

— Esse é outro que vai surtar. — Falo rindo, lembrando-me do conjunto da Amanda, que vem com asas de anjo.

Martim

Olho para o relógio e vejo que preciso acelerar. Esta noite minha loirinha vai brilhar. Me olho no espelho checando minha aparência, estou vestindo um terno Armani preto. Coloco o perfume que sei que ela adora e pego a caixa com o colar. Parto em direção a Earls Court, onde aconteceria o desfile.



Assim que saio do carro, uma montanha de jornalistas já me cerca.

— *Doutor Lancaster, o senhor veio ver sua ex-esposa desfilar?*

Ignoro a pergunta e continuo a caminhar.

— *Doutor Lancaster, é verdade que a sua ex está namorando o agente dela?*

— *O divórcio já foi finalizado?*

Não respondo nenhuma das perguntas. Entro no salão, ansioso para vê-la.

Caminho pelo local já nervoso; vou direto para os bastidores, depois de subornar um segurança para liberar minha passagem. Fui andando até encontrar seu camarim. Assim que vejo

a porta cor de rosa com seu nome um sorriso toma conta de mim.

— Achei você, amor. — Abro a porta e Paloma não percebe a minha presença, ela está de costas para mim em frente ao espelho.

— O que está fazendo aqui? — Pergunta assustada assim que me vê pelo reflexo do espelho.

— Hoje é a sua reestreia nas passarelas, onde eu estaria se não aqui?

— Martim, eu já disse que nós...

— Não diga nada, amor. — Falo me colocando bem atrás dela. — Você está maravilhosa como sempre, mas falta algo. — Digo tocando seu cabelo e reparo que sua pele se arrepia. Paloma engole em seco com a intensidade que eu a olho pelo espelho. Abro a caixa de veludo tirando de lá seu colar de diamante verde. Seus olhos brilham pelas lágrimas contidas, eu sei do significado que ele tem. O quanto ele é importante para nós.

— Eu não quero usá-lo, não é certo, não mais. — Diz com a voz trêmula e eu apenas ignoro. Coloco seu cabelo para trás, sentindo a maciez da sua pele. Posso ver por sobre seu ombro que seus seios estão rígidos. Ela está excitada com o meu toque. E meu pau fica duro apenas por tocá-la. Eu sei que ela ainda me deseja, só é teimosa demais para aceitar. Sua pele se arrepia com o toque das pedras geladas. Fecho o fecho e me inclino beijando seu pescoço.

— Você está maravilhosa, meu amor, essa noite é sua. — Falo embasbacado com sua beleza. Paloma não diz nada, parece

em transe com o meu toque, com as lembranças.

— Quando você era minha, eu te tratei mal, te machuquei. E agora, princesa, desde que você se foi, eu estou perdido, sozinho, no vazio. A vida sem você, meu amor, é sem cor e sem graça. Passe o tempo que for, eu jamais desistirei de nós dois.

— Martim, nós já conversamos sobre isso. Não existe “nós dois”. — Diz ela se levantando e colocando alguma distância entre nós dois. — Eu já disse mil vezes que nós não vamos ficar juntos. Acha que depois do que fez eu vou te perdoar?

— Você continua me amando e isso é o que importa. O rancor, a dor, a mágoa, não são tão fortes a ponto de acabar com nosso amor. Eu não vou desistir, Paloma, eu não vou me cansar de provar que te amo, que te quero. — Falo me aproximando e a colocando contra a penteadeira.

— Não pode tentar se enganar assim, não vê que eu quero distância de você? Que eu te odeio por ter me machucado, e como se isso não bastasse, ainda me abandonou. — Diz magoada.

— Isso não é verdade, eu jamais te abandonei, loirinha. — Falo puxando-a para mim e olhando dentro dos seus olhos.

— Não me chama assim! — Grita revoltada, mas eu posso ver o quanto as minhas palavras mexem com ela.

— Vamos recomeçar, amor. Vamos esquecer o passado! — Praticamente suplico. Porém, antes que ela possa responder, a porta do camarim se abre e o tal Ryan entra.

— Paloma, nós... — Ele estaca quando vê nós dois tão

próximos. — Desculpa, não sabia que estava ocupada. Preciso falar com você, é urgente. — O idiota fala me fazendo bufar.

— Martim, por favor, vá embora. Não quero brigar com você e acabar estragando essa noite. — Diz ela sem me olhar.

Magoado, decido me afastar, porém, antes que eu feche a porta do seu camarim, posso ver seu empresário a abraçando.

Fecho os olhos, confuso, frustrado, parece que nada que eu faça tem efeito. Ela não me ouve, ela não me deixa explicar, mas eu não vou desistir. Talvez hoje não seja o melhor momento para termos nossa conversa.

Paloma

Assim que ele sai eu desabo. Ryan me abraça tentando me consolar, mas nada nesse momento alivia a dor que sinto. É tão difícil ouvi-lo dizer essas coisas e não fraquejar. No fundo não passam de palavras vazias. O amor que ele pensa sentir por mim não é verdadeiro, se fosse, ele jamais me machucaria.

— Ei, não fique assim, você não pode borrar sua maquiagem. Está linda e nada pode estragar sua noite. — Diz Ryan tentando me animar.

— Você tem razão, nós temos um desfile para começar.

— É sobre isso que eu queria falar com você. Miley ainda não chegou. Eu estou sem saber o que fazer para dar abertura ao desfile.

Kadish entra no camarim nesse exato momento.

— Paloma, nós estamos atrasados, por que o desfile ainda não começou?

— A cantora que abriria o desfile não veio, não temos ninguém para substituir.

— Paloma, você deve cantar. — Fala Kadish sorrindo, como se fosse algo simples.

— O quê?! Você está louca? Kadish, tem uma plateia enorme lá fora.

— Você canta super bem, eu vi você com as crianças, vai tirar de letra.

— Ela tem razão, Paloma, nós não temos outra opção.

Olhei para os dois assustada, mas eu sabia que era a única saída. Eu teria que abrir o desfile, até a Miley chegar.

Subo naquela passarela confiante, nada estragaria essa noite, jamais. Caminho lentamente sob holofotes até o centro, e de lá eu pude vê-lo. Martim estava bem na minha frente, seu olhar parecia me devorar. Fiquei com tanta raiva, ele não tinha o direito de me olhar assim, não depois de tudo que fez. Olhei em seus olhos deixando toda a mágoa transparecer em meu rosto e cantei “I Knew You Were Trouble” da cantora Taylor Swift. Cantei para ele colocando para fora tudo que eu tenho guardado dentro de mim.

As modelos começaram a entrar, mas eu estava focada na letra da música, meus olhos fixos nele.

Alice entrou e eu sorri para ela, que parecia ter desfilado a

vida toda. Logo após Alice, foi a vez de Kadish, que fez a plateia ir à loucura. Eu cantava, como se com essas palavras eu pudesse colocar para fora toda a dor que existe dentro de mim.

Verônica entra na passarela maravilhosa, usando uma coleira escrito “Cartier”. Quem não conhece, até diria que é um colar, mas eu sei bem que ela fez para provocar. Seguro sua mão e ando com ela até o centro da passarela.

Amanda entra com toda sua sensualidade e faz um coração para o marido que está tão vermelho que parece que vai explodir. Olho mais uma vez para *ele* e vejo que seus olhos continuam atentos em mim. Canto o último refrão da música olhando diretamente em seus olhos.

“Eu sabia que você era problema quando você apareceu. Problema, problema, problema.”

A música acaba e todos ficam de pé para aplaudir o desfile. Meu coração parece sair pela boca.



Após o show eu não vi mais Martim em lugar nenhum. Talvez fosse melhor assim, preciso colocar um fim nessa situação de uma vez por todas.

A cantora chegou mais de uma hora atrasada. Por sorte ainda pôde encerrar o show. Ainda vi Verônica sendo arrastada por Arturo até a saída do desfile; posso imaginar onde os dois devem ter ido encerrar a noite.

Após o fim do desfile, um coquetel foi servido para a produção e modelos que trabalharam. Uma coletiva foi dada e Ryan falou por mim, me salvando do bando de abutres. Voltei para casa sozinha. Ryan ainda insistiu em me levar, mas eu neguei, percebendo a forma como ele anda olhando para mim. Nesse momento tudo que menos quero é dar esperança para alguém.



Uma e quinze da manhã. Sarah dorme feito um anjo em seu quarto, Meire dormiu aqui para ficar com ela durante o desfile.

Sinto-me só, meu corpo em chamas; talvez tenha sido o champanhe, talvez a forma como ele me tocou. Fecho os olhos tentando não pensar nas vezes que nos amamos, na forma como meu corpo corresponde ao seu toque. Olho as luzes lá fora. A cidade fica tão linda à noite. Não consigo entender por que que eu não consigo apagá-lo do meu coração, por que não consigo deixar de amá-lo.

Me levanto e vou direto para o pequeno bar da sala. Talvez uma bebida me faça relaxar e consiga dormir. Uma taça de vinho. Duas. Três. Nada alivia a angústia que segue dentro de mim.

Acabo por perder todo o meu autocontrole, e quando me dou conta do que estava fazendo, já estou dentro do carro, vestindo roupa de dormir, atravessando os portões da minha casa. Olho para a mansão sem saber se teria coragem de descer. Um pouco da minha sanidade voltou, mas o desejo é mais forte que tudo.

— Uma última vez, uma despedida, é isso que eu preciso.
— Digo a mim mesma e olho para os papéis do divórcio, na minha bolsa.

— É isso aí, depois cada um segue seu rumo. — Falo entrando na mansão.

Procurei por ele, mas não o encontrei. Fui ao escritório e ao quarto; ele não estava. O carro estava lá fora, então, ele deveria estar aqui. Decido ir até a área de lazer, onde uma piscina interna aquecida foi planejada para nós dois.

Ao abrir a porta eu o vejo. Martim está sem camisa, vestindo apenas uma calça moletom, com uma garrafa de uísque na mão, sentado na beirada da piscina.

Ele parece atormentado. Uma parte minha fica feliz em saber que eu não sou a única a sentir essa angústia.

— Você está aí. — Falo caminhando até ele.

— Paloma! O que faz aqui? — Questiona ele confuso e meio atordoado.

Me aproximo dele e o vejo se levantar.

— O que aconteceu, Paloma? Você está de camisola! O que houve? Sarah está bem? — Pergunta preocupado.

— Sarah está ótima! Meire está com ela. Não é para falar de Sarah que vim aqui! — Falo nervosa.

— O que aconteceu, amor? Por que está aqui uma hora dessas? Não que eu esteja reclamando, longe disso, é que depois do desfile eu pensei que... — Não o deixo falar mais nada. Ataco sua

boca, o beijando com loucura.

— Martim, eu preciso de você, agora! — Falo enquanto minha língua brinca com a sua.

— Você bebeu, Paloma, amanhã você vai se arrepender, é melhor eu te levar em casa.

— Por que você tem que ser tão bonzinho?! — Falo com raiva, com a voz meio atrapalhada.

— Oh, meu amor, você é tudo que eu quero, mas não posso me aproveitar de você nesse estado.

— Droga, Martim! Meu corpo está em chamas! Se você não pode me satisfazer, talvez outro possa! — Falo provocando.

— O que disse?! — Ele rosna irritado.

— O que você ouviu! Talvez eu devesse ter ido até a casa do Ryan e não aqui!

— Nem ferrado que você vai atrás daquele mané! Você é minha, Paloma! — Fala me puxando para seus braços.

— Eu não sou sua, doutor! Mas essa noite eu posso ser! Apenas essa noite. Será como uma despedida.

— Só pode estar brincando. Você não pode fazer isso comigo, Paloma! — Fala com as mãos no meu rosto, me fazendo olhar para ele.

— Eu não te perdoei, Martim. Sexo, é tudo que eu tenho para te oferecer.

— Eu amo você, Paloma, eu não quero só seu corpo, eu quero o seu coração, o seu perdão.

— Sinto muito, isso não posso te dar. — Falo me afastando.
— Talvez seja melhor eu ir mesmo, foi um erro vir aqui — falo irritada com sua recusa, me sentindo rejeitada. Porém, antes que eu possa me afastar, eu o ouço dizer:

— Espera! Não vá! Se é isso que quer, eu vou te dar o que precisa. Eu sou seu marido, se tem alguém que vai te satisfazer, esse alguém sou eu, só eu. — Diz me puxando novamente.

Martim me puxa pelo braço, eu nem pude responder. Sua boca ataca a minha, nossas línguas duelam numa batalha fervorosa. Eu sentia raiva, ódio e um desejo profundo por esse homem.

Martim

Ainda parece mentira que ela está aqui, em meus braços. Hoje não é um sonho, é a realidade. Sei que, quando acordar, ela irá embora; ou pior, irá me odiar. Mas o que fazer se meu corpo clama por ela? Eu morreria se não a tivesse agora.

— Eu te amo, Paloma Cartier! — Falo beijando seu pescoço, descendo para seu colo. Em seguida a seguro forte pela nuca, olhando fundo em seus olhos. — Eu quase morri todo esse tempo longe de você, minha loirinha. — Ela geme ao me ouvir chamá-la assim.

— Me perdoa, amor, nos dê essa chance! Esquece essa coisa de despedida e vamos ser felizes juntos!

Sem me dar resposta, Paloma encosta levemente os seus lábios nos meus, e posso sentir sua respiração ofegante e tensa.

Talvez agora não seja o melhor momento para resolvermos isso. Paloma se esfrega em meu pau desesperadamente.

— Eu quero você, Martin, agora. Para de me torturar. — Ela arranha minhas costas e eu sinto a pele arder.

— Eu sou todo seu, amor. — Falo a erguendo em meus braços. Sua camisola sobe, deixando sua calcinha preta à mostra; sua pele tem um cheiro agradável e uma maciez que me enlouquece. — Você quer me enlouquecer? Como saiu de casa com essa roupa?

— Você fala demais, doutor. — Diz debochada.

Dou um tapa forte na sua bunda e ela geme.

— Eu vou castigar você, sua safada, vai aprender a não me provocar. Eu quase subi naquele palco e tirei você de lá. — A beijo lentamente, curtindo cada milímetro dos seus lábios, e ela arranha meus braços.

Afasto as alças de sua camisola e começo a explorar seu pescoço e colo, lambendo, chupando e mordendo. Paloma gruda as pernas na minha cintura. Minha barba arranha sua pele, a deixando arrepiada.

— Eu amo seu cheiro, ninfeta safada.

— Não para, doutor! — Diz de olhos fechados, e eu mordo seu queixo subindo para sua boca e a beijando novamente. — Eu... Eu quero você — diz trêmula.

E lá estava ela, a minha menina. A mesma que me enlouquece, que me faz queimar de desejo. Sua mão massageia

levemente meu pau por cima da calça, e eu, sem lhe dar chances, puxei a camisola com força, a rasgando ao meio. Ali, vejo os seios mais perfeitos que já vi, ela é perfeita. Os bicos de seus peitos não escondiam o quanto ela estava excitada.

Me delicieei com aqueles seios gostosos, massageando-os e beliscando seus bicos rosados. Me desfiz da calça de moletom, sem tirá-la do meu colo, não a soltaria nem se o mundo acabasse. Paloma geme, segurando meu pau. Esfreguei a cabeça na sua calcinha de renda e vi o quanto ela estava molhada. Empurro-a contra a parede, chupando seu seio esquerdo, enquanto ela massageia meu pau. Eu poderia gozar assim apenas com sua mão em mim. Mas eu precisava durar mais, eu precisava sentir ela em mim.

— Vou te devorar todinha, gostosa. — Mantive ela na parede de pé e, me ajoelhando na sua frente, coloquei a calcinha para o lado e aquela bocetinha rosada ficou bem na minha frente. Caí de boca: comecei passando a língua devagar, seu cheiro é delicioso o mesmo que me lembrava.

— Que saudade do seu gosto, amor, sou viciado nessa bocetinha.

Continuei chupando e ela se contorcendo e me chamando de safado. Meti um dedo enquanto minha língua massageava seu clitóris. Fui lambendo bem devagar, chupava bem gostoso, e ela se torcia toda. Quando percebi que ela estava para gozar encostei a ponta do dedo em seu cuzinho, sem penetrar, só massageando de

leve, e ela atingiu o orgasmo. Tremendo toda.

— Vem, me fode, Martim! Eu quero você agora!

Foi aí que perdi a cabeça; tirei sua calcinha encharcada e me levantei, passei meu pau de cima para baixo e fui penetrando lentamente seu paraíso.

— Oh, Deus! Martim, devagar...

— Você não queria me provocar, safada? Agora vai ter que aguentar. — Falo socando com força.

— Oh, não para! Isso! — Diz gemendo. Foi aí que decidi castigá-la: tirei meu pau de dentro da sua bocetinha, a pegando no colo.

— Martim... — Fala brava quando entro com ela na água morna.

Sentei com ela no meu colo, num degrau da escada.

— Cavalga no meu pau, gostosa! — Digo fazendo questão de colocar seus seios em minha boca.

— Canalha! Oh, isso é bom demais!

Ela sobe e desse com gosto, enquanto eu massageio seu clitóris encharcado.

— Goza para mim, amor! Goza no meu pau. — Digo mordendo o biquinho do seu seio.

Foi como um gatilho; Paloma estremeceu sobre mim, chegando ao orgasmo pela segunda vez. E eu a segui em um gozo tão forte que senti meu pau tremer dentro dela. Puxei-a para mim, cobrindo-a de beijos. Paloma sorriu jogando água no meu rosto.

— Essa piscina é maravilhosa. — Fala ela flutuando de braços abertos.

Fico olhando para ela; ficamos os dois apenas curtindo o clima gostoso. Meu medo era que ela logo se arrependesse do que nós fizemos e partisse, me deixando novamente na solidão.

— Vem, você já tá ficando enrugada. — Falo, a puxando para o meu colo.

— Você gosta de me carregar, não é, doutor? — fala manhosa.

— Adoro ter você assim nos meus braços, toda minha. — falo cheirando seu pescoço.

Após nos secarmos e ambos vestirmos roupões, subimos, ela em meus braços, para nosso quarto, quarto esse que nunca chegamos a usar. Paloma deitou na cama e parecia abalada, ela olhava pelo quarto e eu podia ver a dor em seus olhos, sei o que ela estava pensando.

— Esqueça o que já passou. Não vamos pensar em coisas ruins. Sonhei tanto com você aqui nessa cama comigo. — Falo beijando seus pés, e ela fecha os olhos arrepiada. Vou subindo pelo seu corpo, a enchendo de beijos.

Essa foi apenas a segunda rodada de uma noite de amor intensa. A todo o momento, eu dizia o quanto a amava, o quanto a quero. Mas não me passou despercebido que Paloma não disse o mesmo, nem respondeu aos meus pedidos para voltarmos.

Eu não queria aceitar, mas parte de mim sabia que essa era

mesmo uma despedida.



CAPÍTULO 33

CARTAS DE AMOR

“Digo a mim mesma que eu não me importo, mas eu sinto que estou morrendo até eu sentir o seu toque. Eu digo que não me importo se você parte, mas toda vez que você está lá estou te implorando para ficar. E toda vez, toda vez que você se vai é como se uma faca cortasse bem na minha alma.”

Paloma

Acordei na manhã seguinte com seu corpo grudado ao meu e suas mãos coladas em minha cintura; o seu cheiro é tão bom. A noite foi tão intensa, a forma íntima como nos amamos. Olho para o seu rosto adormecido e não é difícil ver por que me apaixonei por esse homem. Com dificuldade, consigo me desvencilhar de seu abraço e me levantar da cama. Entro no closet, onde encontro algumas roupas minhas de tempos atrás. Com uma dor no peito, me

visto sem olhar para ele. O dia já estava amanhecendo, não deve passar de seis da manhã.

Coloco o bilhete dentro do envelope, deixando-o em cima do criado mudo, e saio de lá sorrateiramente. As lágrimas caem, mas sei que estou fazendo a coisa certa; é hora de ser adulta. Como uma vez Nina me disse, nem sempre o amor é o bastante. Entro no carro e não consigo deixar de olhar para aquela janela onde sei que ele dorme. Acabou; não há mais volta. Sangrando por dentro, eu ligo o carro partindo de lá, com a mente dando voltas e mais voltas.

Eu dirigia a mais de 140 km/h minha Land Rover Discovery nova. As lágrimas embaçaram minha visão, e quando dei por mim, estava na auto estrada, saindo da cidade.

Parei no acostamento e tentei me acalmar; eu sabia que tinha tomado a decisão certa, então por que estava doendo tanto? Ainda podia sentir suas mãos em meu corpo, a forma intensa como nos entregamos. Saio do carro batendo a porta com raiva, fora de mim. Com ódio dele por não ter me procurado, por não ter se preocupado comigo todos os meses que passei na clínica.

Começo a chutar o carro querendo descontar nele toda a minha raiva e frustração. Mas é em vão, a dor não vai embora, a mágoa ainda está aqui. Por mais que eu o ame, não consigo esquecer, ele me deixou.

Fico ali sozinha no meio da estrada chorando, me sentindo patética. Meu celular toca sem parar, imagino que seja ele. Entro no carro e desligo o celular. Talvez eu devesse repensar o convite

do meu irmão de ir para a Espanha. Espero que, com o tempo, essa dor diminua.

Dirigia presa em meus pensamentos, já estava de volta a Londres quando meu carro para. Olho para o marcador do combustível e vejo que fiquei sem gasolina.

— Meu dia não podia ficar pior. — Falo com raiva.

Pego a minha bolsa e saio do carro acionando o alarme. E saio atrás de um táxi. Sarah já deve estar perguntando sobre mim, ela já deve ter acordado. Caminho apressada até o ponto do táxi. Quando sem querer esbarro em alguém. Me abaixei para ajudar a pessoa e senti um calafrio percorrer todo o meu corpo. Era a cigana. A mesma que há tanto tempo tinha previsto tudo que aconteceria comigo.

— Você? — falo chocada, tremendo.

— A mocinha está sempre correndo. — Fala com um sorriso frio e um tom de voz sério.

— Eu não acredito, é você mesmo? Eu me lembro de você, você disse que eu ia para um lugar distante onde sofreria, onde seria testada.

— E disse que nos veríamos novamente. A mocinha passou por muitas provas. O destino foi cruel, machucou, feriu a alma, mas também renovou uma alma amarga. A mocinha já não tem escuridão no olhar. — A cigana dessa vez sorriu.

— Tudo que você disse aconteceu, tudo que me falou foi concretizado. “O mesmo que me trouxe o amor, me trouxe muitas

lágrimas”, como você sabia?

— Os caminhos já estavam escritos, você só precisava percorrê-los. A mocinha já se decidiu o que fazer, já escolheu o caminho a seguir?

— Eu não sei se fiz a escolha certa, e se eu estiver errada, como posso saber o que fazer?

— Há quem diga que o tempo cura tudo... Tolos, pois o tempo não cura nada! É o coração que se cansa... Se acha que a resposta é o tempo, está perdendo o seu. Ele não vai curar, se você ama, se você quer, só vai aumentar conforme o tempo passa; não tente esquecer o que é inesquecível.

E, como da primeira vez, eu ouvi a buzina do táxi. Olhei para o lado e quando me virei ela já não estava mais lá. Confusa, com a cabeça martelando, entrei no táxi em direção ao meu apartamento, duvidando até se aquilo tinha mesmo acontecido.



Chego em casa com a cabeça latejando. Abro a porta de casa e Sarah corre em minha direção para me abraçar.

— Mamãe, você demorou *muitão*!

— Eu estou morrendo de saudade de você, princesa. Se comportou com a Meire? — Perguntei mexendo em seus cabelos.

— Sim, mamãe, já escovei os dentes e a Meire já penteou meu cabelo. — Diz com um sorriso lindo. Meire aparece com a mochila de Sarah.

— Bom dia, menina. Estava procurando essa mocinha para ela vestir o uniforme da escola. — Meire diz com um tom de voz gentil.

— Vai colocar o uniforme que depois da escola a mamãe tem uma surpresa para você.

A campainha toca nos interrompendo.

— Pode deixar que eu abro. — Falo a Meire e vou até a porta.

Me surpreendo ao ver Ryan ali.

— Bom dia, Paloma, preciso falar com você. — Diz ele com um olhar estranho. Fecho a porta atrás de mim.

— O que aconteceu para você vir aqui assim sem avisar, algum problema com o desfile de ontem? — Questiono preocupada.

— Não é isso, o desfile foi um sucesso, quase todas as peças foram vendidas. A fundação Sarah começou já com uma grande conquista. — Ryan sorri.

— Então o que foi, Ryan? Você está me preocupando.

— Eu estou apaixonado por você, Paloma! Não aguento mais guardar esse sentimento dentro de mim. Depois do que eu vi no seu camarim, vi que já não o ama mais. Eu não posso deixar de pensar que eu posso ter uma chance com você. — Diz ele tocando minhas mãos e me olhando nos olhos.

Meu cérebro demora a processar o que ele diz.

— Eu nunca dei abertura para esse tipo de sentimento, você

é meu agente. Nada mais que isso. — Falo séria.

— Eu sei que você sofreu muito nas mãos do seu ex, mas eu posso fazê-la feliz. Eu estou disposto a conquistá-la.

— Isso é impossível, você só pode estar confuso. — Digo chocada.

Porém, antes que eu possa me dar conta do que realmente está acontecendo, Ryan me beija me pegando desprevenida.

Martim

Acordei preguiçoso, com uma sensação de relaxamento que há muito não sentia. Abro os olhos e percebo que estou sozinho na cama. Será que foi tudo um sonho? Não. Ela realmente esteve aqui. Tudo aquilo realmente aconteceu. Rapidamente me sento, não quero acreditar que ela se foi. A cama está fria, mas seu cheiro ainda está aqui.

— Inferno! — Grito frustrado.

Ela se foi, me deixou como se a noite de ontem não importasse. Me levanto puto da vida, ela não pode fazer isso, não pode me deixar assim, não depois da noite de ontem.

Procuro meu celular para ligar para ela, mas o quarto está uma bagunça; não teve um canto que não inauguramos. Só de lembrar meu pau já dá sinal de vida. *Ah, loirinha, quando eu te pegar, eu vou te surrar por ser tão teimosa.*

Ligo uma, duas, três, dez vezes e a teimosa não me atende.

Decido tomar um banho e ir até ela, de hoje não passa! Nos acertaremos de uma vez por todas. Ontem não tive a chance de conversar sobre a clínica, foi tudo tão intenso. Deus, ela me tira o juízo, me faz ficar descontrolado e eu amo isso.

Deixo o celular sobre o criado mudo e vou direto para o chuveiro. Nada melhor que um banho gelado para clarear minhas ideias. Preciso fazê-la me escutar, mostrar para ela o quanto é importante para mim, que sem ela minha vida fica triste e vazia.

Me visto rápido e, quando vou pegar o celular, noto um envelope em cima do criado mudo. Algo me diz que não vou gostar de seu conteúdo.

Os malditos papéis do divórcio. Ela quer acabar com nosso casamento.

— Inferno, eu não posso aceitar isso! — Rosno fora de mim.

Eu a amo, não vou deixá-la ir assim. Com isso em mente eu saio da nossa casa em disparada a seu apartamento.

Dirigi meu carro feito louco desesperado, ela teria que me escutar. Ela precisa saber toda a verdade, saber que eu não deixei de pensar nela nem um minuto por todos esses meses. Estacionei de qualquer jeito o carro e subi até o seu andar. O elevador nunca pareceu tão lento. A porta metálica abriu e só aí pude caminhar em direção ao seu apartamento. Porém, nada me preparou para o que vi. Lá estava ela: Paloma, a minha mulher, aos beijos com o maldito Ryan. Eu não sei o que foi pior, se a dor, a raiva ou a

sensação de ter perdido ela.

— Maldito desgraçado! — Falo rugindo de ódio.

Paloma o empurra em choque olhando para mim. Mas não dou tempo dela falar nada, avanço em direção a ele. Soco sua cara, o pegando de surpresa, o desgraçado cai para trás e Paloma grita assustada.

— Filho da puta, quem você pensa que é para tocar na minha mulher?! — falo enfurecido.

— Martim, para com isso, solta ele! — Paloma tenta dizer.

Mas a minha fúria me deixa cego e surdo. Ele estava beijando-a, maldito!

Ele revida, me acertando no ombro, o que me faz soltá-lo.

— Ela está solteira, seu idiota. Não enxerga que ela não quer nada com você? —

— Seu infeliz! — agarro seu ombro, socando-o mais uma vez.

— Você, seu desgraçado, já destruiu demais a vida dela! Paloma merece coisa melhor.

— Não fala da minha mulher, seu filho da puta! Paloma é minha!

— Parem, vocês dois! — Ela tenta nos separar e acabo a derrubando no chão.

Preocupado com ela, eu largo o pescoço do infeliz para socorrê-la.

Paloma chora assustada.

— Vai embora, Ryan, você não vê que já causou confusão

demais?

— Eu vou, mas eu volto, Paloma, e iremos conversar. — Ele ainda diz.

— Desculpa, meu amor, eu te machuquei? — Falo tocando o seu cabelo, tentando ajudá-la a se levantar. Porém Paloma se esquivava de mim com raiva.

— Onde você estava com a cabeça de fazer uma coisa dessas? Eu não sou sua, seu desgraçado! Eu não sou sua propriedade, não sou um objeto. Ou um poste onde você deve mijar, para deixar demarcado seu território.

— Eu sei, amor, mas como queria que eu me sentisse vendo-o te beijar? Vendo ele te tocar? — Abaixo a cabeça. — Caralho, Paloma, horas atrás você estava nos meus braços gemendo meu nome, como pode estar beijando outro? Você é minha.

— Eu não sou sua, eu te dei o divórcio, nosso casamento acabou. Eu te avisei ontem que era uma despedida e você aceitou, então não tem que fazer show.

— Paloma, por favor, me deixa conversar com você, me deixa explicar. Vamos conversar, eu vou te contar tudo.

— Vai embora, eu e você não temos mais nada para conversar, eu já te falei mais de mil vezes.

— Paloma, por favor, me dá uma oportunidade para falar!

— Você quer falar? Então me explica por que não confiou em mim?

— Foi o pior erro da minha vida, eu tenho plena

consciência de que errei com você, amor. E estou arrependido como nunca estive na minha vida. Eu nunca deveria ter te ferido, eu fui um estúpido.

— Meio tarde para desculpas.

— Você é minha vida, eu não posso perdê-la. Eu te amo, Paloma. Me perdoa, por favor? — Me ajoelho aos seus pés.

— Não acredito em você. — É como se eu tivesse levado um tapa na cara.

— Me perdoa, amor, eu não posso viver sem você. Não cometa o mesmo erro que eu cometi, não deixe a mágoa ser maior que o amor que você sente por mim.

— Não dá mais. Eu não acredito em você.

— Paloma, amor, você e a Sarah são a minha vida, eu não posso viver sem vocês. Te amo com toda a minha alma, não consigo viver sem você.

— Eu sinto muito, Martim, nada muda o que já passou entre nós dois. E já é hora de seguir em frente. É melhor você ir. — Diz com firmeza, me partindo ao meio.

— Tem certeza que é isso que quer, não vai ao menos tentar nos dar uma chance? — Suplico desesperado para que ela volte atrás.

— Tenho, jamais vou esquecer o que me fez. — Fala ela com a voz embargada.

— Então é isso, esse é o fim? — Falo com o rosto coberto por lágrimas.

— Não existe mais “nós dois”, Martim, agora nós somos apenas a mãe e o pai da Sarah. Vai embora. Você já fez um estrago muito grande por hoje.

— Eu vou, mas, passe o tempo que passar, meu coração está aqui.

— Aponto para ela. — Jamais deixarei de te amar, princesa.

Daloma

Assim que ele sai, eu fecho a porta com tudo e sinto meu mundo inteiro ruir. Uma parte minha diz que devo ir atrás dele, mas a minha consciência diz que fiz a coisa certa, que não há futuro em um relacionamento sem confiança. Nem sempre o amor é o bastante.

— Mamãe, eu fiz um desenho para você. — Diz Sarah puxando a barra do meu vestido assim que entro.

— Agora não, filha. — Digo chorando, como se o peso do mundo estivesse em minhas costas.

Meire percebe meu estado.

— Sarah, vá para o quarto brincar com suas bonecas, por favor.

— Tá bem. — Ela sai ainda meio desconfiada.

— Você está bem, querida? Você está pálida, o que aconteceu?

— Acabou, Meire. Martim e eu não temos mais conserto.

— Não fique assim, se for para vocês dois ficarem juntos, o

destino há de juntá-los.

— Tá doendo tanto, eu não imaginei que sofreria assim. Ontem à noite nós ficamos juntos e parecia que nada tinha acontecido, éramos apenas nós dois.

— Seu coração está quebrado, minha querida, só o amor pode consertá-lo. — Fala com pesar.

Caminho até meu quarto indo direto para o banho. Tiro minha roupa e ainda posso sentir seu cheiro grudado ao meu corpo. Entro no chuveiro e deixo a água escaldante cair pelo meu corpo. E choro. Choro por tudo que vivemos, choro por tudo que poderíamos ter vivido, choro por amá-lo e não ver futuro ao seu lado.



Depois de quase uma hora trancada no banheiro, vesti um pijama qualquer e desabei na minha cama. E deitada ali eu vi o dia passar.

— Você precisa comer, não quero te ver tristinha assim. — Diz Meire entrando com uma bandeja na mão.

— Tem razão, Meire. — Me sento para comer, e quando termino ela leva a bandeja e me deixa sozinha. Olho para o meu celular e vejo várias mensagens de Alice e de Kadish. Até uma de mamãe. Mas decido ignorar. Não estou com vontade de falar com ninguém. Não agora. Me deito novamente na cama e pego no sono, só acordo quando ouço a porta se abrir.

— Oi, meu amor, você já chegou. — Digo quando vejo Sarah.

— A vovó Helena me trouxe hoje, ela disse que papai estava ocupado. — diz minha pequena triste.

— Eu já te expliquei que seu pai é um super-herói, ele ajuda a salvar a vida das pessoas, e às vezes isso o mantém muito ocupado.

— É por isso que ele cuidou da senhora quando a gente estava na outra casa? — Pergunta minha menina me deixando confusa.

— Que outra casa, amor? Na casa do papai?

— Não, mamãe, na casa longe que o vovô e a vovó moravam conosco. A vovó sempre ficava comigo para o papai ir cuidar da senhora.

Olho confusa para Sarah sem compreender o que ela está falando. Ela só pode estar confusa, foram muitas mudanças em um curto período de tempo.

— Eu queria um beijo bem gostoso e um abraço. Deita aqui com a mamãe um pouquinho, meu bebê. — Falo erguendo os braços para ela.

Sarah guarda sua mochila na minha cômoda e vem deitar comigo; abraço minha pequena bem apertado, sentindo seu cheirinho gostoso.

— Eu amo você, filha.



Dois meses se passaram e eu não vi mais Martim. Era Helena, sua mãe, que sempre trazia Sarah para mim, quando ela ia passar o fim de semana com o pai.

Sarah falou várias vezes sobre o pai dela ter cuidado de mim na clínica. Ainda não entendo o que ela queria dizer. Arturo e Verônica, por incrível que pareça, não ficaram felizes com o fim do meu casamento. Segundo eles, eu deveria conversar com Martim mais uma vez.

Ryan já não é mais meu agente. Depois do que houve, contratei Eveline Snow; ela é ótima, conseguiu vários patrocinadores para a ONG Sarah. Mês passado, no natal, recebemos uma doação de três milhões de dólares do Lister Hospital. Até tentei falar com Martim sobre isso, dizer que não era necessário, mas ele não me atendeu. Fiquei sabendo, através de Alice, que ele não estava indo ao hospital.

Confesso que o amor que sinto por ele ainda vive dentro de mim. E isso faz com que eu me preocupe com ele. Helena também não me falou nada, cheguei ao cúmulo de perguntar a ela como ele estava. Por um momento eu a vi sem fala. Mas rapidamente ela disfarçou e me disse que ele estava bem. Só tinha pedido um afastamento do hospital para se restabelecer. Eu quase a perguntei o que houve com ele, mas decidi que não era da minha conta.

Porém, hoje eu o verei, e foi preciso me preparar

mentalmente para isso. Martim será padrinho de Kadish junto comigo. Estaremos juntos no altar. Me olho no espelho para conferir se está tudo perfeito; estou vestindo um lindo vestido verde claro, e acabei escolhendo minhas joias de diamante verde para combinar, embora me doa olhar para elas. Não posso negar que estou ansiosa para revê-lo após tanto tempo.

Kadish

Hoje me sinto a mulher mais feliz do mundo. Dário, meu príncipe, o amor da minha vida, hoje se tornará meu marido. Não sei o que seria da minha vida se não o tivesse conhecido.

Dário se mostrou o homem mais incrível; ele me propôs ir a Mali para acertar minha situação perante a justiça, já que eu fora dada como morta em meu país, e aqui eu usava um sobrenome falso. Como ele mesmo disse, esse era o começo das nossas vidas e eu não podia mais me esconder. Portanto, fomos a Mali com nosso advogado. Eu consegui regularizar minha situação e voltei a usar meu nome de solteira, Kadish Abe Ländern. Também fiz questão de doar toda a herança que Ibraim deixou para o orfanato, até me surpreendi com tanto dinheiro guardado.

Foi muito bom ter levado Dário, assim ele pôde conhecer um pouco da minha cultura e das minhas raízes. Na volta para

Londres, eu sentia como se um peso tivesse sido tirado dos meus ombros.

Aplico o batom em meus lábios e me seguro para não chorar.

— Você está linda, estou tão orgulhosa do meu menino ter conquistado uma flor como você.

— Obrigada, Lola, você está sendo uma mãe para mim. Me acolheu em sua família e está ajudando a fazer essa cerimônia linda.

— Você e meu sobrinho merecem. — diz ela me dando um sorriso meigo. — Está fazendo esta velha chorar. — Diz ela emocionada.

A porta se abre e Paloma e Sarah entram por ela.

— Uau... Você está maravilhosa. — Diz Paloma sorrindo.

— Titia, o seu noivo mandou para você. — Diz a pequena segurando uma caixa da Cartier.

— Oh, meu Deus, você parece um anjo de tão linda. — Falo encantada.

— Não, tia, eu sou uma princesa. — Diz Sarah rindo.

Beijo a sua bochecha e pego a caixa. Fico sem fala quando abro e vejo o conjunto ali dentro: um colar delicado de pérolas negras, o mesmo que foi leiloado no desfile. Lágrimas enchem meus olhos.

— É lindo. Tem um bilhete, tia. — Diz Sarah me entregando o papel.

*Para minha flor do deserto, aquela que trouxe luz
aos meus dias escuros, aquela que me ensinou o
que é ser verdadeiramente feliz. Te espero no
altar, meu amor.*

— Oh, Deus, eu o amo demais. — Falo emocionada.

— Nada de chorar, você não pode borrar a maquiagem. —
Diz Paloma pegando um lenço e me ajudando a limpar as
lágrimas.

Com a ajuda de Paloma e Tia Lola, saio do hotel sem
amassar o vestido, e entro na limusine a caminho da casa da tia de
Dário, onde o casamento aconteceria, de frente para o mar. Dentro
do carro, eu tentei segurar as lágrimas, mas quando chegamos meu
coração parecia que ia explodir.

— Vamos lá, seu noivo já está te aguardando.

Martim aguardava Paloma do lado de fora. Vi como minha
amiga ficou afetada quando ele olhou para ela e lhe disse algo que
não pude ouvir. Os dois entraram juntos, como meus padrinhos, e
depois foi Sarah. Em seguida era a minha vez de entrar.

A marcha nupcial começa a ser tocada por uma orquestra, à
medida que sigo lentamente pelo caminho de flores brancas,
amarelas e lilases. O sol já estava se pondo, criando um horizonte
alaranjado sobre o oceano, mas nada disso era mais lindo do que o
meu noivo me esperando no altar. Dário sorri para mim e tenho que
me segurar para não correr até ele. Paloma e Martim estão no altar,
eles ficam perfeitos juntos. A irmã de Dário e seu namorado eram

os padrinhos dele. Assim que parei ao seu lado, Dário segurou minhas mãos e beijou meu rosto com carinho.

— Você está maravilhosa, minha deusa.

— Obrigada, você está lindo também. — Falo nervosamente.

— Noivos caríssimos... — Diz o pastor assim que nos posicionamos de joelhos em frente ao altar. — Estamos todos reunidos aqui, diante da esplendorosa obra do Criador, para testemunhar a união de dois corações apaixonados. Para abençoar, na presença de familiares e amigos, o relacionamento entre este homem e esta mulher, que de hoje em diante serão uma só carne. Pedimos a Deus, o Pai, que os abençoe ricamente com infinita felicidade. Que Ele conceda a vocês a graça especial do casamento, para que vocês possam assumir o dever de mútua fidelidade, respeito e amor conjugal. Diante dessas testemunhas, e do nosso bondoso e poderoso Deus, interrogo-lhes agora sobre a disposição do casal quanto ao sagrado matrimônio.

— Dário Evans Cruz e Kadish Abe Ländern, é de vossa livre vontade e de todo o coração que aceitam o santo matrimônio?

— Sim! — dizemos juntos.

— Prometem amar e respeitar um ao outro, deste momento em diante, até que a morte os separe?

— Sim! — dizemos novamente.

— Uma vez que é de livre e espontânea vontade que se unem, peço agora ao noivo, Dário, que professe seus votos

matrimoniais, e em seguida a noiva, Kadish.

— Eu, Dário Evans Cruz, a recebo por minha esposa, Kadish Abe Ländern, e prometo ser-lhe fiel, lhe amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.

— Eu, Kadish Abe Ländern, o recebo por meu esposo, Dário Evans Cruz, e prometo ser-lhe fiel, lhe amar e respeitar, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe.

Após isso, Sarah aparece andando com as alianças nas mãos. Dário coloca a aliança em meu dedo anelar, e eu faço o mesmo com ele.

— Assim, eles se tornam um só. Portanto, o que Deus uniu, não separe o homem. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu os declaro marido e mulher! — Diz o pastor dando a bênção final. — Pode beijar a noiva!

Dário não perde tempo, me puxa para ele e me beija com gosto. Começamos a escutar aplausos e, assim, terminamos nosso beijo. Olhamos felizes para os nossos convidados e caminhando de mãos dadas até o local da festa, sendo recebidos por uma chuva de arroz e felicitações.

Daloma

Ele está tão lindo, em um traje formal escocês, com kilt e tudo; me faz até perder o fôlego. Veio sozinho, parece diferente.

Talvez seja porque não o vejo há bastante tempo. Senti meu coração acelerar quando ele pegou minha mão. Seus olhos pareciam implorar por algo. Eu fiquei totalmente afetada com seu toque. Entramos juntos e ficamos lado a lado durante toda a cerimônia. Sarah entrou junto com Kadish e fiquei tão orgulhosa da minha filha. A cerimônia foi linda, não tinha como não se emocionar. E, quando chegou a hora da valsa, eu pensei que não ia aguentar.

— Dança comigo? — Perguntou ele olhando diretamente em meus olhos.

— Eu não acho que seja uma boa ideia. Você sabe que nós...

— Os outros padrinhos estão dançando — diz ele olhando para os noivos, que dançavam no centro do salão com os padrinhos em volta.

— Tem razão, vamos. — Falo acompanhando-o.

Ele toca minhas costas levemente, me guiando até a pista de dança, e um arrepio percorre meu corpo. A banda Boyce Avenue era responsável pela música. Assim que Martim e eu chegamos ao centro do salão, era como se todos tivessem sumido dali. Só existia eu e ele.

Com seus olhos azuis presos aos meus, dançamos ao som de “Unchained Melody”. Martim cola seu corpo ao meu e eu me seguro para não gemer. As luzes estão baixas, posso sentir o som do seu coração batendo acelerado, assim como o meu. A cada verso

eu sentia que não poderia ser uma música pior. Martim me gira e sorri, para logo em seguida sussurrar o refrão da música em meu ouvido.

— *“Oh, meu amor, minha querida. Eu estou faminto, eu anseio pelo seu toque há um longo e solitário tempo. E o tempo passa tão devagar longe de você.*

Você ainda é minha? Eu preciso do teu amor. Eu preciso do teu amor. Que Deus traga seu amor para mim”.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto. É horrível senti-lo tão perto e não poder tê-lo. A música acaba e ouço uma salva de palmas, então, reparo que só havia eu ele dançando. Todos os outros já tinham parado.

— E melhor eu ir — falo sem olhar para ele.

Não posso, não posso fraquejar, não agora — repito para mim mesma na minha mente.

E, sem esperar por uma resposta, eu o deixo para trás. Decido beber alguma coisa para me acalmar. Sabia que uma hora ou outra nós nos veríamos e isso ia acontecer. Ele é o pai da minha filha, é óbvio que vou vê-lo, até mesmo acompanhado um dia. Droga! Por que fui pensar logo nisso? Inferno! Por que não posso simplesmente apagá-lo da minha vida?

Percorro a festa com os olhos e vejo Martim ainda na pista de dança, mas desta vez com Sarah. Ele rodopia com minha pequena nos braços, e ela sorri feliz; deve estar se sentindo uma verdadeira princesa num baile. Martim lança um olhar em minha

direção, e percebo que fui flagrada observando os dois com um enorme sorriso no rosto. Decido caminhar um pouco para espairecer minha mente.

Tiro os saltos, levando-os em minhas mãos, e ando pela areia fria da praia. A noite está linda, estrelada. O mar está tranquilo, quase sem ondas, e a lua cheia parece querer se unir ao mar. Sento em um tronco caído de árvore e sinto a brisa gostosa.

— É incrível como o mar tem o poder de nos trazer essa sensação de paz. — Diz Martim, se sentando ao meu lado, na areia.

— Você me seguiu? — Falo incomodada.

— Preciso falar com você e não tive oportunidade antes.

— Certo. — Falo olhando para as poucas ondas.

— Eu estou indo para Mali amanhã. — Diz, jogando um raio sobre mim.

— Mali... Você está indo embora?

— Sei que as coisas entre nós não terminaram da maneira que deveria. Você ainda me odeia pelo que lhe fiz e tem o direito de seguir a sua vida, de ser feliz. Mas não está sendo nada fácil para mim. Não estando tão perto, não te amando do jeito que amo.

— O que quer dizer com isso? — Questiono magoada.

— Eu quero que seja feliz, Paloma. Você, mais do que ninguém, merece isso. E, talvez, para que seja feliz, eu precise me afastar por um tempo.

— E Sarah, você vai abandonar sua filha?! — falo com um

bolo na garganta.

— Eu já expliquei a Sarah. O hospital de Timbuktu precisa de mim. Não vou ficar tanto tempo desta vez, serão apenas quatro meses. Voltarei antes do aniversário dela. E esse tempo será bom para nós dois.

— Então é isso, você está desistindo? — Digo decepcionada.

Não acredito que ele já se cansou de lutar por mim, de lutar por nós.

— Me dê apenas um motivo para ficar, me dê apenas uma mísera esperança, que jogo tudo para o alto apenas para estar ao seu lado.

— Eu não vou te prender aqui, se quer ir, vá! — Falo amarga.

— Foi o que pensei. — Suspira pesadamente. — E é por isso que tenho que te entregar uma coisa.

Ele tira de dentro do paletó um papel branco amassado.

— O que é isso? — Questiono tremendo.

— Eu assinei os papéis, você está livre enfim. — Fala e deixa duas lágrimas caírem. — Eu te amo, Paloma, e espero que, um dia, possa deixar de me odiar.

— Eu não te odeio. — Digo olhando em seus olhos. — Eu só não consigo esquecer o que passou. — Falo chorando, sem conseguir me segurar mais.

— Shhh... Não chora, não suporto ver você chorando. Basta

uma ligação sua e eu vou estar no primeiro voo para Londres para você.

— Eu queria conseguir esquecer, queria consegui seguir em frente.

— Eu sei, eu sei. Mas não pense nisso, não quero te deixar triste. Se estou indo para longe é porque me dei conta de que é o melhor para você. Vem, é melhor nós voltarmos, Sarah deve estar procurando por nós dois.

— Tem razão. — Digo, limpando o rosto.

Depois que voltamos, vi Martim se despedir dos noivos e de Sarah, ele apenas acenou para mim. O resto da noite passou como um borrão. Tive que esperar o bolo ser cortado, e Kadish jogar o buquê, e só então pude voltar para casa.

O caminho foi longo, mas Stewart tinha ido comigo como motorista. Sarah veio desmaiada no banco de trás do carro, sua cabecinha apoiada em meu colo. Stewart a carregou no colo até meu apartamento para me ajudar. Coloquei minha pequena em sua cama e tirei o vestido de festa dela. Sarah nem se mexeu de tão cansada que estava.

Saí do quarto dela exausta, tudo que queria era me trancar no meu quarto e acordar só no dia seguinte. Não queria sentir essa dor de perda tão horrível.

— Maldito, mentiroso! Se me amasse mesmo, continuaria lutando por mim! Ficaria aqui. Teria me procurado. Ele não pensou em mim, não pensou em como eu ficaria sem ele. Em como Sarah

sofreria. — Digo em voz alta, pondo para fora meu desespero.

Tiro meus sapatos e os jogo longe.

— Merda, merda! Eu sou uma imbecil! Poderia ao menos ter dito a ele para ficar por Sarah. Mas a quem eu quero enganar? Queria que ele ficasse por mim, por nós.

Tomo um banho quente e demorado, depois me encolho na cama macia, sob o edredom, e durmo um sono leve e turbulento. Acordo cedo, me sentindo cansada e triste. Levanto e vou à cozinha preparar um chá. Não demora muito para minha pequena aparecer, com a carinha toda amassada do sono; ela anda até mim e me abraça apertado.

— Bom dia, filha. Pode ir dormir mais, ainda está cedo.

— Não, mamãe. Tive um sonho ruim.

— Quer contar para a mamãe, meu amor?

— No sonho, o papai ia embora e não voltava nunca mais. Eu fiquei tão triste, mamãe... Me deu vontade de chorar.

— Filha, não fica assim, foi só um sonho. Você sabe que o papai te ama muito e nunca vai te abandonar. — Digo a ela com um nó na garganta.

Depois do café da manhã, Sarah quis desenhar em seu quarto e eu a acompanhei. No quarto, havia uma bagunça de folhas de papel espalhadas pelo chão. Quando ela terminou de desenhar, juntas recolhemos as folhas, e ela disse que os desenhos eram todos para mim.

Sarah pede para ver desenho na sala e sai, me deixando com

aquele monte de papeis na mão. Vou para o meu quarto e começo a ver cada desenho dela. Minha linda, está desenhando cada dia melhor, ela tem talento para a coisa. Quando chego no terceiro desenho, que mostra nossa família, eu, ela e Martim, algo me chama a atenção. A caligrafia de Martim. Percebo se tratar de algum tipo de bilhete ou carta; Sarah usou os papeis do pai para desenhar no verso.

Sento na cama e começo a ler...

“As horas se arrastam longe de você. Os dias se tornaram meses e, dentro de mim, a cada minuto que passa, o vazio se torna maior. Sinto como se sufocasse sem você aqui. Onde você está, meu amor? Procurei por você em cada canto de Londres. Fui ao cúmulo de procurar seu irmão na Espanha desesperado para te ver. Se eu pudesse voltar no tempo, apagar todo o mal que te fiz... Sem você, loirinha, me sinto morto e vazio”.

O resto da carta está ilegível porque Sarah usou canetinha para desenhar um sol e nuvens azuis. Minha cabeça fica confusa, sem entender direito, e a lembrança de Sarah me falando que o pai dela cuidou de mim volta com tudo. Será possível?

"Eu continuo guardando todas as cartas que te escrevi, minha loirinha. Em cada uma delas, eu coloco uma parte de mim. É como se por elas eu pudesse conversar com você, mesmo que eu não possa te ouvir. Basta fechar os olhos e você está aqui comigo. Queria poder te dizer o quanto me arrependo. Queria nunca ter te machucado. Não ter te perdido e perdido nossa filha”.

"Como você está, amor? Sinto a sua falta, preciso de você. Preciso te ver, mesmo que você me odeie pelo que fiz. Eu nem mesmo sei se um dia terei coragem de te entregar essas cartas. Escrevo-as por saudades. Porque queria conversar com você, mas não posso. Queria tocar em você, mas não posso."

"Olhando para a neve lá fora, não deixo de imaginar como seria diferente se eu não tivesse estragado tudo. Agora, estaríamos nós três lá fora, fazendo bonecos de neve. Sarah estaria sorrindo, encantada com a beleza do inverno. Eu perdi as duas! Eu não perdi só a mulher que amo, mas perdi minha filha também."

Um nó se forma em minha garganta; ele estava procurando por mim.

"Hoje segui Arturo, tentando de alguma forma encontrá-la. Mas foi em vão, não a encontro em lugar algum. Ninguém me conta nada, com certeza a mando de Arturo. Não tiro sua razão, ele é o irmão mais velho, quer proteger você."

"Minha vida se tornou um inferno nesses últimos meses, não sei como consigo suportar a falta que vocês me fazem. Meu amigo Harry diz que tem uma pista sua em uma clínica no interior. Não acredito que seu irmão a obrigaria a ir para lá, mas alguma coisa me diz que devo ir até esse lugar. Quem sabe essa pode ser minha única oportunidade de ver você."

"Nada me preparou para vê-la nesse estado; eu não queria acreditar que era você ali naquela cama, tão magra e abatida. Me sinto um mostro por saber que o culpado disso sou eu. Por um

segundo, cogitei até acabar com a minha vida.”

“Me perdoa, meu amor, eu sinto muito ter feito você sofrer tanto. É horrível vê-la dia após dia nessa maldita clínica sem poder dizer que sou eu aqui, sem poder tocá-la. Eu sinto muito por você estar assim. Eu daria a minha vida para não vê-la sofrendo dessa forma. A cada sessão eu sinto meu peito ser perfurado, e a dor é agonizante.”

“Vamos, amor, lute. Lute pela sua vida! Eu não aguento mais ver você se entregando assim. A doutora Manuela quer desistir, mas eu ameacei a carreira dela. Eu já não sei mais o que fazer, já não sei qual terapia tentar. Tudo que eu quero é que volte para mim.”

“Você conseguiu, amor, venceu a sua batalha. Meu peito arde de orgulho e felicidade, mas também de derrota. Eu tive que te deixar ir, mas não imagina como foi difícil assinar a sua alta e apenas vê-la partir. Mas eu prometi a Arturo que a salvaria e depois te deixaria livre. Eu sei que deve me odiar, e sei que é merecido. Mas saiba que eu a amo e estou disposto a abrir mão de você apenas para que seja feliz.”

Eu não saberia descrever o que senti naquele momento. Tudo começou a fazer sentido na minha cabeça... Era ele. Martim era o enfermeiro que cuidava de mim. Ele sempre esteve ali...



CAPÍTULO FINAL

FINAL

"Longe de ser a mocinha doce e frágil. Longe de ser a princesa encantada em um vestido cor de rosa. Ela tomou as rédeas da sua carruagem, dispensou a fada madrinha. E escolheu seu próprio vestido para o seu baile particular. Ela desafiou o dragão e criou seu próprio reino em terras distantes. Fez suas próprias regras e conquistou o seu príncipe, mesmo sem sapato de cristal. Ela mesma se salvou de sua torre. Nesse conto de fadas ela mesma foi a protagonista e heroína".

Paloma

Quando terminei de ler todas as cartas aquelas palavras pareciam me queimar. Minha mente estava a mil, pensando no que faria agora. Isso muda tudo, meu Deus! Me sinto enganada, todos sabiam e não me contaram. Ele me procurou. Me procurou até conseguir me encontrar. Ele estava ali durante o meu tratamento; mal posso acreditar.

Me levanto e vou ao banheiro, para tomar um banho e me arrumar. Meu coração diz que devo ir atrás dele, mas minha mente diz que isso é loucura, que não posso arriscar. Mas, quer saber? Eu nunca fui uma pessoa certinha mesmo! Eu o amo e o quero para mim! Não vou deixar o amor da minha vida escapar dessa maneira.

Ao chegar na sala, vejo mamãe sentada no sofá com Sarah.

— Vim fazer uma visita a vocês duas, mas não quis te acordar. — Fala dona Inês.

— Na verdade, mãe, eu já estava de saída. Você fica com a Sarah?

Beijo Sarah me sentindo agradecida, se não fosse minha pequena eu jamais teria encontrado essas cartas.

— Te amo, princesa, amei os seus desenhos.

— Onde você vai tão apressada? Pensei em aproveitarmos o domingo, fazer compras, talvez, só nós três.

— Hoje não vai dar, mãe, estou atrasada para resolver minha vida. Até mais!

— Tchau, filha.

Posso ver que ela está morrendo de curiosidade para saber onde vou, mas ela se contém.

Saí de casa decidida a procurar Martim, dizer a ele que ainda o amo, mas antes que pudesse sair do estacionamento do meu prédio, tenho uma surpresa mais do que desagradável. Wallace. O que esse desgraçado está fazendo parado bem na frente do meu carro? Que vontade de atropelá-lo!

— O que faz aqui?! — Digo irada ao sair do carro.

Já não tenho medo dele. Wallace me inspira somente desprezo e rancor.

— Fiquei sabendo do que aconteceu com você. A cabana, a clínica... — Diz ele com um olhar arrependido.

— Ainda não respondeu o que perguntei, o que faz aqui? —
Rosno nervosa.

— Faz muito tempo desde Mali. Eu mudei muito, Paloma, já não sou o mesmo. Preciso muito conversar com você, por favor.

— Eu não tenho nada a ver com isso. Preciso ir, e está me atrapalhando.

— Paloma, espere — diz tentando segurar meu braço, mas me afasto.

— Nem pense em me tocar! Vá embora ou eu vou começar a gritar. Eu te desprezo, Wallace. Será que não entende?

— Eu sei, eu sei... — fala com lágrimas nos olhos, o que me deixa confusa.

— Eu sou uma pessoa diferente. Vou ser pai.

— O que quer aqui, Wallace? Você quer que eu o parabeneze pelo bebê?

— Eu cometi muitos erros com você, Paloma. Deus me fez ver o quanto eu estava errado. Por toda a minha vida eu fui um fraco, um covarde, cruel. Preciso pedir perdão.

Estou chocada. Mal posso acreditar que esse é o Wallace que conheço. Só pode ser uma piada. Só agora reparo em suas roupas formais, na bíblia debaixo do braço.

— O que você está procurando? — Ele pergunta incomodado.

— As câmeras, é óbvio. Isso é alguma pegadinha da sua parte, não é?

— Não, Paloma, eu digo a verdade. Eu me arrependo do que fiz. Encontrei a paz de Cristo, em Jesus eu pude ver o quanto agi mal, o quanto errei.

— Quê?! — Falo completamente chocada.

— Depois que voltei de Mali, eu acabei bebendo demais e quase atropelai um senhor. O nome dele é Samuel, e ele me ajudou naquela noite. Ao invés de chamar a polícia para um playboy embriagado, ele me levou para sua casa. Ele, sua esposa e filha cuidaram de mim. Eles são muito humildes, mas me trataram bem. Na manhã seguinte eu saí de lá jurando a mim mesmo que nunca mais voltaria àquela casa velha, não ia mais ver aquelas pessoas miseráveis. Mas, olha só como Deus escreve certo por linhas tortas. Eu voltei lá, e dessa vez sóbrio. A filha deles, Kesiah, me ajudou. Eu precisa conversar com alguém e aquela estranha me estendeu a mão. Acabei me apaixonando por ela.

— É sério isso? Você quer que eu acredite que você milagrosamente se arrependeu do que fez para mim e aceitou Jesus?! — Questiono achando graça.

— É natural você não acreditar, Paloma, mas me arrependo sinceramente de todo o mal que lhe fiz, a você e ao Martim. Eu oro todos os dias para conseguir o perdão de vocês dois.

— Wallace, isso é uma pegadinha. Sério, cadê as câmeras?
— Pergunto já irritada. — Quer saber? Eu estou atrasada e você está me atrapalhando.

— Eu sei que não posso voltar atrás, Paloma. E eu juro que

quero ser uma pessoa melhor, por meu filho, pela minha noiva. — Diz com o rosto cheio de lágrimas e por incrível que pareça ele parece estar sendo sincero.

— Wallace, eu realmente preciso ir. Se quer meu perdão, saiba que está perdoado. Ah, meus parabéns para você e para sua noiva.

— Perdão novamente por incomodar você, Paloma — Diz me deixando partir.

Saio de lá cantando pneu, desesperada demais para pensar no choque das palavras de Wallace. Quando chego à casa de Martim — nossa casa — descubro que ele não está. Tento ligar para ele, mas nem chama. Droga!! E agora, como faço?

Decido ligar para sua mãe, ela deve saber onde ele está. A bateria do meu celular está quase no fim, mas ainda sim consigo completar a ligação.

Desligo o telefone atordoadas. Ele vai embora. Está a caminho de Mali agora mesmo. Será que consigo chegar ao aeroporto antes que seu voo parta?

Estaciono no aeroporto me sentindo perdida. Meu Deus, eu nem perguntei qual era o voo dele. Pego meu celular na bolsa, mas ele está descarregado. Merda!

Ando em passos largos pela entrada. Caminho diretamente para o setor de embarque internacional. A fila está enorme, o que faz com que o medo dentro de mim cresça. E se ele já foi? Maldito Wallace! Corro até o balcão de informações onde uma atendente de

cara amarrada me atende.

— Eu preciso dessas informações.

— Nós não podemos dar informações pessoais do passageiro, senhora.

Já estou tremendo de raiva. Abro minha bolsa discretamente e entrego a ela quase todo o dinheiro que encontro na minha carteira.

— O nome dele é Martim McGregor Lancaster.

— Certo. — Diz ela sorrindo e volta a digitar no computador. Nem parece que é a mesma de minutos atrás. — O voo só está aguardando liberação para decolagem.

— Não, não, ele não pode ter embarcado. Eu preciso falar com ele! Eu quero uma passagem, eu preciso entrar naquele avião! — Falo desesperada.

— Sinto muito, mas o próximo voo com o mesmo destino e só amanhã.

— Não! — Grito já chorando. — Ele não pode ir! Não sem me ouvir. Você não tá entendendo. Ele está me deixando sem saber que eu ainda o amo! — Falo angustiada e as pessoas começam a olhar para mim.

— Eu sinto muito, senhora, só posso te ajudar reservando uma passagem.

— Não... Eu preciso falar com ele. Martim precisa me ouvir. Ele não pode me deixar, não depois daquelas cartas. — Soluço aos prantos.

Todos me olham com pena, alguns até filmam a cena, como se estivessem em um circo. Olho para a mulher, que agora me olha entediada, e, num ataque de raiva, avanço em direção a ela pegando o microfone.

— Me dá isso aqui, sua louca! — Ela tenta puxar de mim, mas eu a empurro, segurando o microfone com força, mesmo sabendo que as chances dele ouvir são poucas. Ainda assim, eu tinha que tentar. Vejo seguranças caminhando em minha direção, enquanto falam ao rádio. Desesperada e com medo de perdê-lo, eu começo a chamá-lo.

— Martim McGregor Lancaster!! Martim, amor, sou eu, Paloma! — Falo com a voz embargada pela emoção forte. — Amor, não vá, fique comigo! Você foi o único que me quis assim como eu sou. Eu te amo, fique por mim. Já não preciso reprimir esse amor dentro do meu peito. Não vou me esconder, só desça desse avião e fique comigo. — Subo em cima de uma cadeira e, pela enorme janela de vidro, posso ver o avião da Emirates. Eu sei que ele está lá, foi esse mesmo voo que pegamos para ir para lá da primeira vez.

— Senhora, desça daí. — Uma segurança tenta tomar o microfone de mim.

— Martim, amor, eu te amo! Me perdoa, se menti para você, se te fiz acreditar que nosso amor tinha morrido. Era o medo falando. Eu tive tanto medo de sofrer que não percebi que já estou sofrendo sem você, amor.

O microfone é puxado com tudo das minhas mãos e me sinto ser arrastada de cima da cadeira.

— Você não entende! Ele vai embora, ele vai me deixar...

— Moça, todo o aeroporto ouviu seu discurso apaixonado. Se esse tal Martim for embora, ele é um idiota. — Fala o outro segurança com um sorriso gentil. Eu, porém, não consigo parar de chorar.

Fico ali plantada, vendo aquele avião subindo, ganhando o céu. Era como se um pedaço de mim estivesse me deixando. Desolada, caio de joelhos no chão chorando.

Martim

Mais cedo naquele dia...

Naquela manhã acordei com um pesar; a sensação que tinha era que estava cometendo um erro e que poderia me arrepender se fosse embora. Contudo, era o melhor a se fazer; Paloma precisava desse tempo, e eu já não suportava essa distância que ela colocou entre nós dois. Terminei de arrumar minha mala, checando a cada cinco minutos meu celular, à procura de uma ligação ou mensagem sua. Bastava ela me dizer que eu largava tudo e ficava ao seu lado.

— Meu filho, tem certeza que quer ir? Você parece tão triste. — Diz meu pai tentando me ajudar.

— Não tem como não ficar triste, pai, eu perdi a mulher que

amo. A magoei profundamente e agora estou sozinho, ficar aqui só está me machucando e a ela também.

— Se essa é a sua escolha, eu e sua mãe só podemos te apoiar — Diz ele abraçando mamãe, que chora inconsolada com minha partida.



Quando cheguei ao aeroporto foi difícil me despedir deles. Mas tinha que seguir em frente, então fiz o check-in. Ao entrar na sala de embarque, vi toda a nova equipe animada, mas dentro de mim uma angústia absurda tomava conta. Fico perdido na minha própria mente relembro nossa última conversa, como ela estava linda no casamento de Kadish. Por que eu tinha que estragar tudo? Eu a perdi por ser um burro e não confiar nela.

— Doutor, fala para gente, como é a vida em Mali? — Pergunta uma enfermeira novata, empolgada com a jornada dos MSF.

— Não será nada fácil, especialmente no começo, até vocês se habituarem ao clima e as condições do local. Mali é um lugar lindo, com uma natureza rica e crua. O deserto de Mali é incrível, se tornou uma segunda casa para mim.

— E as tribos beduínas que iremos ajudar, como elas são? — Pergunta Elliot, um colega ginecologista.

— A cultura é muito diferente da nossa. Eles levam muito a sério a religião, e nós não devemos interferir, estamos indo até lá

para ajudar em questões médicas humanitárias. Muitas crianças estão morrendo de desnutrição. A população ainda é muito carente e o povo do deserto ainda mais.

Continuamos conversando sobre Mali, até que ouvimos a primeira chamada para nosso embarque. Mecanicamente, me levanto junto com a equipe, apresento meu documento para entrada na aeronave, mas então algo me faz travar.

Uma voz dentro de mim me dizia para ficar, para não desistir ainda. Por isso, resolvo agir no impulso e dou meia volta, saindo dali. Meu lugar é aqui e, se for preciso, ficarei em Londres ao lado dela nem que seja como amigo.

Peguei um táxi para voltar para casa. Voltei para mansão me sentindo mais leve, sabendo que fiz a coisa certa; meu lugar é ao lado da minha mulher e da minha filha. Talvez com o tempo suas feridas possam se cicatrizar e nosso amor possa renascer.

Guardo minha mala no quarto, pensando em ir até seu apartamento dizer a ela que fiquei, por ela e pela nossa filha. Porém, meu celular começa a tocar e vejo que é minha mãe. Estranho ela ligar, já que era para eu estar no voo agora.

— *Martim, filho, onde você está?*

— Oi, mãe, estou em casa. Eu desisti do voo, acabei de chegar.

— *Filho, graças a Deus!* — ela diz angustiada. — *Meu amor, liga a tv no canal sete, você precisa ver isso.*

Confuso, faço o que ela diz. Na tela, vejo Paloma em cima

de uma cadeira no aeroporto, ela chora com um microfone nas mãos. Aumento o som da tv e então posso ouvir claramente sua declaração. Meu coração acelera e lágrimas enchem meus olhos.

— Mãe, ela me ama, ela foi atrás de mim.

— *Sim, meu filho, não desperdice essa chance e vá buscar sua mulher.*

— Eu vou, mãe. E dessa vez vou fazer tudo direitinho, eu prometo — desligo o telefone e ligo direto para Arturo, subitamente animado.

— *Lancaster, onde você está?* — Ele diz com a voz tensa.

— Estou em Londres, Cartier. Onde está minha mulher?

— *No apartamento dela, desesperada, chorando, achando que você se foi. Ela me pediu que mandasse preparar o jatinho pra ir a Mali à sua procura. Desgraçado, você está aqui, e minha irmã lá, chorando por sua causa mais uma vez!*

— Ela não vai mais chorar, Cartier, eu prometo. Mas vou precisar da sua ajuda...

Paloma

Saí daquele aeroporto com o coração em pedaços, paparazzi me cercavam por todos os lados, pareciam abutres. Derrotada, era assim que me sentia. Voltei para casa no piloto automático.

Entrei no meu prédio e, já no elevador, desabei, lembrando de tudo. Desde que saí da clínica, todas as vezes que ele tentou

falar comigo. Deus, era ele o tempo todo! Ele estava lá quando acordei do efeito dos remédios. Naquele dia eu o reconheci, mas nem me dei conta disso. Tento me recompor, limpando minha maquiagem borrada e entrando no apartamento. Assim que abro a porta, vejo a cobertura cheia. Arturo, Verônica, Alice, mamãe e Meire, todos me olham aflitos.

— Todos vocês sabiam! — Acuso, revoltada, olhando para eles.

— Eu queria te contar, mas tivemos medo que isso fizesse você ter uma recaída. — Arturo tenta explicar.

— Arturo, você o fez prometer que iria se afastar de mim. Por que fez isso?! — Grito fora de mim.

— Eu fiz isso por você, Paloma. Eu não confiava no Lancaster, não tinha como saber que ele realmente a amava, depois do que ele fez com você.

— Você não tinha o direito de fazer isso.

— Eu sei, mas fiz pensando em você e quis testá-lo. Eu estava errado, ele realmente te ama.

— Do que adianta agora, saber que ele me ama? — Me sento no sofá chorando. — Martim foi embora, ele me deixou.

— Nós vimos na tv o que aconteceu — diz Alice me abraçando.

— Já deve estar todo mundo falando do meu vexame.

— Calma, filha, nós vamos dar um jeito.

— É melhor a gente deixar a Paloma descansar — diz

Meire olhando para mim.

— Paloma, se quiser, posso mandar preparar o jatinho e você pode ir a Mali hoje mesmo.

Uma chama de esperança se acende dentro de mim.

— É isso, eu vou atrás dele em Mali, e dessa vez nada ficará no nosso caminho! — Falo sorrindo.

Arturo ficou de mandar preparar o jato, e às cinco da tarde eu iria embarcar para Mali, atrás do amor da minha vida. Corri para fazer minhas malas e as de Sarah, mas desta vez levaria Meire comigo.

As horas passaram voando. Depois que carreguei o celular e tentei ligar para ele, seu celular só dava caixa postal. Mas com sorte, por ir de jatinho, eu não demoraria muito a chegar em Mali.



Ao entrar no jatinho, estava tão exausta que acabei dormindo em minha poltrona. Não vi quando chegamos, acordei com Meire me balançando e avisando que já tínhamos pousado. Estranhei a rapidez, a viagem para Mali, da última vez, demorou muito mais tempo. Todavia, como estávamos em um jato potente, não liguei para isso; devo ter dormido muito. Desembarcamos e reparei que ainda era noite. Olhei ao redor e não reconheci o lugar onde estávamos. Era óbvio para mim que não tínhamos ido para Mali.

— Que lugar é esse? — Questionei ao segurança que nos acompanhava.

O piloto me entrega o telefone e olho tudo confusa.

— Alô?

— *Meu amor* — fala Martim e meu coração acelera.

— Martim, é você? Eu nem acredito — digo confusa.

— *Sim, minha princesa. Não pensou que eu iria embora sem você e minha filha, né?*

— Você não foi, você não está em Mali! Martim, eu fui até o aeroporto, eu li as cartas, eu preciso te ver, preciso te dizer tantas coisa. Me diga, onde está?

— *Eu não consegui embarcar, sabendo que estava deixando para trás meu coração.*

— Me perdoa, amor, eu não sabia que era você na clínica. Eu preciso que me perdoe por ter mentido, eu nunca deixei de te amar. — Falo chorando.

— *Não quero que chore, não hoje. Não tenho nada que perdoar, já é hora de deixarmos o passado no passado. Um motorista está te esperando para te levar até mim, porém antes, quero que se apronte, te espero para uma noite especial.*

— Onde você está? Eu quero te ver, Martim, o que você tá aprontando?

— *Calma, a noite é uma criança e tenho muitos planos para nós dois. Agora você precisa ir.*

Me despeço dele e acompanho o segurança até o carro,

junto com Sarah e Meire. No caminho não tem como não ficar nervosa apenas com a expectativa de vê-lo. Fui levada até um castelo de pedras. Fiquei encantada e ao mesmo tempo confusa, porque ninguém me dizia nada.

Ao descermos do carro e adentrarmos o castelo, Sarah e Meire me deixam sozinha na entrada de uma suíte. Não tive nem tempo de observar a decoração do lugar.

Esperava que Martim estivesse atrás daquela porta, mas me surpreendi ao encontrar o quarto vazio. Algo me chamou a atenção: um vestido lindo de princesa, igual ao da Cinderela, juntamente com um envelope verde. Curiosa, corri até ele, abrindo o envelope ansiosa.

“Uma princesa merece um vestido perfeito, então escolhi este especialmente para você. Com amor, Martim.”

O vestido é digno de contos de fadas: azul com pequenas pérolas, no estilo princesa, e um colar de diamante no formato de gota para combinar. Um pouco atrapalhada, coloco o vestido e o lindo par de sapatos Jimmy Choo's com brilhantes maravilhosos. Tudo cabe perfeitamente em mim. Me pergunto como Martim conseguiu preparar tudo isso em tão pouco tempo.

Quando estava pronta, desci as escadarias da mansão, sem saber ao certo para onde deveria ir. Me sentia literalmente uma princesa, mesmo sabendo que estava longe de ser uma.

Vou caminhando pelos fundos até chegar a um belo jardim,

todo iluminado por velas e decorado com rosas. Uma música linda começa a tocar ao fundo. Caminho à procura dele. Vou andando lentamente, até que encontro Hector, todo vestido de branco, com um sorriso no rosto. Ele se aproxima de mim e beija minha bochecha.

— Isto é para você, princesa. — Me entrega um botão de tulipa, com um bilhete.

— Obrigada, meu irmão.

Abro o bilhete ansiosa para saber o que está escrito.

"Que privilégio. Entre quase sete bilhões de pessoas, eu fui o sortudo de ter encontrado você. Nunca pensei que eu teria a sorte de encontrar a minha alma gêmea, mas olha como o destino gosta de brincar com a gente! Não só a encontrei, como ao seu lado descobri o que é ser amado".

As primeiras lágrimas já começam a escorrer pelo meu rosto. Continuo caminhando e logo à frente encontro mamãe e papai, cada um com uma tulipa em mãos. Ela sorri para mim e me entrega a flor; papai faz o mesmo e me abraça.

— Te amo, minha princesa, você está linda. — Ele diz emocionado, me entregando o bilhete, que trato de abrir logo.

"Desde que te conheci tive a certeza de que havias surgido para ser a mulher da minha vida, para toda a minha vida. A única e eterna, a mais amada dentre todas as outras do mundo".

Meu coração transborda de tanta felicidade. Continuo meu caminho até encontrar Verônica, Arturo e as crianças; feliz demais,

eu os abraço. Arturo me entrega outra tulipa e mais um bilhete. Sorrio e o leio.

"Você entrou em minha vida e a mudou por completo; trouxe significado à minha existência. Foi como uma brisa em meio ao meu deserto. Obrigado por me amar, mesmo quando não mereço o seu amor".

— Meu Deus, Martim. — Falo emocionada.

Começo a ficar ansiosa para chegar ao fim e vê-lo. Caminho mais um pouco e logo posso ver Alice e Guilherme, os dois de branco, e com eles mais duas flores. Guilherme me entrega o botão e eu abro o bilhete.

"Nós não seremos a metade um do outro, mas sim, um casal unido e completo pelo amor, pois ele estará sempre à frente das nossas vidas".

Dou mais alguns passos e vejo Meire com outro botão de tulipa nas mãos, que ela me entrega sorrindo. Abro o bilhete, desesperada para saber o que está escrito.

"Te amo, não somente pelo que és, mas pelo que sou quando estou contigo! Te amo, porque você, Paloma, colocou a mão na minha alma e fez das minhas fraquezas um amor forte e duradouro".

Continuo caminhando e encontro Kadish e Dário. Ela sorri, disfarçando as lágrimas, mas sei que tem um dedo dela em tudo isso. Abraço minha irmã de coração.

— Você deveria estar na lua de mel. — Falo emocionada

por vê-la aqui.

— E perder esse momento tão especial para você? Jamais — ela diz me entregando a tulipa com o bilhete.

"Não existe a menor possibilidade de não te amar. Não existe a menor felicidade se não for para fazê-la feliz. Pois, eu nasci exatamente para te amar, eu nasci exatamente para fazê-la feliz".

Continuo caminhando até que encontro Sarah e os pais de Martim, também vestidos de branco. Sarah está vestida de princesa, assim como eu. Minha filha me abraça e me entrega o bilhete com o restante do buquê. Abraço meus sogros muito emocionada.

"Antes de conhecer você, Paloma, eu não sabia o que era rir à toa. Eu desconhecia o amor à primeira vista, pensava que era coisa de livros de romance. Antes de conhecer você, eu não sabia o que era o amor. Mas hoje eu amo tanto você, que acho que uma vida só não é suficiente para esse amor que pulsa em meu peito. Nada faz sentido em minha vida sem você, sem seus beijos, seus abraços, seu amor. Mas acho que o amor é isso, é ter medo de perder e sofrer mesmo amando. Você entrou na minha vida e a roubou para você, estou em suas mãos e em seus braços. Eu te amo mais do que tudo. Nunca mais me deixe, me ame sempre, pois eu irei amá-la até a eternidade. Eu desejo, de todo coração, que sejamos para sempre um só coração, uma só alma."

Eu já estava chorando copiosamente. Caminhei mais um pouco e vi uma tenda montada no fim do caminho. E lá estava o

meu príncipe, meu amante, meu amor. Martim estava vestido como um completo príncipe e sorria para mim. Fui até ele com um sorriso no rosto e vi em suas mãos um outro botão de rosa, que ele me entrega e diz olhando em meus olhos:

— Nada nesta vida tem muito sentido quando não se tem alguém para cuidar, para brigar, para ser feliz, para amar e principalmente para viver cada momento juntos, de maneira louca e intensa até o nosso último suspiro. Então, para viver tudo isso com você só preciso que responda uma pergunta.

Martim se ajoelha aos meus pés com uma caixinha vermelha aberta em suas mãos, dentro está o meu anel de casamento, o mesmo que troquei por Sarah.

— Paloma Damasceno Cartier, você me daria a honra de ser minha esposa de novo e dessa vez para sempre?

Levo a minha mão até a boca completamente surpresa, meus olhos estão transbordando em lágrimas, enquanto Martim espera ansiosamente pela resposta. Então eu me ajoelho à sua frente com o meu buquê em mãos, sorrio para ele e digo:

— Sim, eu aceito me casar com você de novo. Eu te amo, doutor, e sempre vou te amar. — Beijo seus lábios em meio às lágrimas.

Nossos amigos e familiares se aproximam sorrindo.

Martim sorri, igualmente emocionado.

— Então vamos, meu amor? — Martim me oferece seu braço e juntos, nos colocamos diante do cerimonialista.

— Martim e Paloma, as muitas águas não poderiam apagar este amor, nem os rios afogá-lo. Mesmo em meio a tantas adversidades, a tantas tormentas, esse amor sobrevive. E estamos aqui para testemunhar a renovação desse amor tão forte. Eu lhes pergunto: é de livre e espontânea vontade que hoje vocês refazem os seus votos de casamento?

— Sim. — Dizemos juntos.

— Que Deus abençoe esta família e que derrame sobre vocês bênçãos e felicidade. O marido já pode beijar a esposa.



A noite estava linda, e eu me sentia a mulher mais amada do mundo. Nunca imaginei que pudesse ser tão feliz como agora.

Ouvi sons de fogos de artifício e olhei para aquela vista maravilhosa encantada.

— Espero que você não esteja cansada, meu amor, porque nossa noite só está começando. — Meu marido diz em meu ouvido, enquanto me abraça.

— Para você nunca estou cansada.

— Hector disponibilizou esse castelo para nós dois.

— Então, estamos na Espanha. — Falo olhando ao redor deslumbrada.

— Castelo de Cardona, Barcelona, Cataluña, para ser mais específico.

Foi uma noite maravilhosa, renovar nossos votos, reatar

nossos laços, na companhia das pessoas que mais amamos, nesse castelo maravilhoso. Parecia inacreditável. Mas eu não via a hora de todos irem embora para eu ter meu marido só para mim. Ainda dancei uma valsa com meu pai e depois com meus irmãos. Sarah sorria feliz ao ver que enfim nós dois estávamos juntos.

No final da noite todos se despediram de nós, mas antes que Hector fosse, eu lhe disse:

— Você é o último solteiro, meu irmão.

— Não jogue essa praga para cima de mim, Paloma, eu estou bem assim. — Ele diz sorrindo, porém, é nítido que Hector guarda muita dor dentro de si. — Talvez já seja hora de abrir seu coração e deixar outra pessoa entrar. — Falo colocando o buquê de flores nas mãos dele.

— Sei que tem as melhores intenções quando diz isso, irmãzinha. Mas, só se ama uma vez na vida, e essa minha vez já passou. Melissa se foi junto com nossa filha, não tem um dia que passe que eu não pense nas duas.

— Há muita mágoa e dor dentro de você, Hector. Espero que não deixe a felicidade escapar quando ela aparecer...

Martim aparece e me leva para dançar e ao som de “You Are the Reason”; nós dois dançamos como num perfeito conto de fadas.

— Eu te amo, Martim, jamais imaginei que pudesse fazer algo tão lindo. — Falo com um sorriso no rosto.

— Você merece. Saiba que pode passar meses, anos,

séculos, eu irei amar você por toda a eternidade. Tudo começou com um desejo e se reafirmou em um puro amor. Eu sei que fiz você passar por muitas coisas ruins, você não sabe como eu me odeio por isso, mas quero me redimir e recomeçar, te fazendo feliz dia após dia. — Sussurra em meu ouvido, e prossegue dizendo:

— Meu amor, você sempre diz que os vilões não têm finais felizes. Que nunca foi e nunca seria a mocinha; que as pessoas más nunca saem ganhando, e que não é nenhuma princesa encantada. Eu fiz tudo isso para provar a você que está enganada. No final, a vilã se redimiou, e ficou com o príncipe, que não tinha nada de encantado, teve uma linda princesinha e vai viver feliz para sempre, ao lado do seu amado.

Meus olhos lacrimejam com suas palavras, que nunca foram tão verdadeiras e tiveram um significado tão forte como agora. Ele era o meu príncipe, aquele que um dia sonhei encontrar. E, ao lado dele, vivi uma longa e difícil história de amor. Eu posso até ser a vilã dessa história, a bruxa má, mas no fim das contas eu encontrei a minha felicidade. Meu “felizes para sempre”.



Martim

Um ano se passou, desde o dia que nos casamos novamente, e a cada dia meu amor pela minha loirinha cresce mais um pouco. Saio do hospital após atender o último paciente, o sol já está se pondo,

acabei me atrasando um pouco. Hoje à noite embarcaremos rumo à Espanha.

Dirigia concentrado no trânsito, mas ao passar em frente a uma floricultura, decidi parar e comprar algo para minha loirinha. Paloma está com os hormônios enlouquecidos por conta da gravidez e tudo que me resta é tentar agradá-la.

Escolho um buquê de lisianthus, uma flor delicada, com um perfume gostoso e um significado especial. Agradeço a atendente e saio de lá, partindo em direção a nossa casa. No caminho, não deixo de pensar que falta pouco para o nosso filho estar em nossos braços, Paloma está grávida de sete meses de Ethan, nosso garotinho que cresce forte em sua barriga. Não tem sido uma gestação tranquila por conta do tiro que ela levou em Mali; a gravidez era delicada, mas, como médico, faço de tudo para cuidar dela e do nosso bebê.

Estaciono o carro em frente a nossa casa, sabendo que hoje ela não foi para a ONG. Ela tem trabalhado lá arduamente em prol das mulheres e crianças vítimas da mutilação genital. A ONG atende não somente esses casos como também mulheres vítimas de violência doméstica, com ajuda psicológica e médica.

Desço e caminho até a entrada e assim que entro noto que Sarah ainda não chegou da escola. Com um sorriso no rosto, subo as escadas em direção ao nosso quarto.

Ao entrar no quarto, vejo Paloma deitada acariciando a barriga. Seus cabelos sedosos estão soltos, ela usa um vestido

curto. Nem grávida essa mulher deixa de me provocar.

— Como está a gravidinha mais linda desse mundo? —
Pergunto passando pela porta.

— Inchada, de mau humor e com fome. — Fala abrindo uma caixa de rosquinhas e esticando as pernas na cama.

— Trouxe para você — falo entregando as flores. Paloma sorri sentindo o cheiro das mesmas e eu não resisto, puxo-a para mim e lhe roubo um beijo. — Senti sua falta. — Falo beijando seu pescoço.

— Eu também. Esses hormônios estão me deixando louca, e seu filho decidiu jogar beisebol na minha barriga hoje. Estou exausta.

Ajoelho na sua frente beijando sua linda barriga redonda.

E vou subindo para seu colo e pescoço.

— Que tal aproveitarmos que estamos a sós em casa, gostosa?

— Hum, meu marido está precisando dos meus cuidados — diz ela provocadora, descendo as alças do vestido.

Não espero ela dizer mais nada, ataco sua boca, a beijando com gosto. A cada dia me vejo mais apaixonado nessa mulher. Puxo as alças do vestido com força, o partindo ao meio para ter livre acesso aos seus seios volumosos.

— Hum, doutor, está com pressa para me ver nua? — fala provocando.

— Ah, loirinha! Você não imagina o quanto.

— Hum, estou curiosa, você poderia me dizer, não é? — Diz travessa soltando o fecho do sutiã bem na minha frente.

— Ahh, provocadora, você não perde por esperar! Eu vou chupar cada pedacinho do seu corpo até te ver se contorcendo sob o meu corpo. Vou possuir cada pedacinho seu! — Falo enquanto vou me desfazendo das minhas roupas.

— Talvez seja exatamente isso que eu precise, doutor, essa gravidez está me deixando louca — fala ela se livrando das roupas íntimas.

Me aproximo dela feito uma fera selvagem, essa mulher me deixa louco.

— Ah, ninfeta safada, eu sei bem o que você quer. — Falo descendo meus lábios direto para o seu pescoço. E ela me arranha feito uma gatinha manhosa.

Pressiono ela contra a cama. Depois, afasto sua calcinha branca encharcada e abocanho sua bocetinha deliciosa. Minha língua brinca com seu clitóris inchado, acelero meus movimentos mordiscando sua pele sensível. Paloma geme gozando forte, puxando meus cabelos.

— Deliciosa! — Falo enquanto assopro sua boceta. Ela sorri arteira e me surpreende, se virando na cama, ficando por cima de mim. Beijo sua boca cheio de posse, de amor, ela é minha! Meu amor, minha princesa, minha felicidade.

Paloma cavalga feito uma amazona me levando à loucura, sua boceta mastiga meu pau enquanto eu chupo seu pescoço

alucinado.

— Isso, safada! Ninfeta gostosa! — Digo, olhando em seus olhos verdes. Sinto sua boceta ordenhando meu pau, seu corpo fica trêmulo e ela goza gemendo alto.

Giro Paloma de lado, para não machucar nosso filho, e abro bem suas coxas, a deixando bem arreganhada.

— Está molhadinha, minha gostosa! — falo colocando meu pau dentro dela e lentamente vou metendo em estocadas longas, meus dedos acariciando seu clitóris.

— É assim que você gosta?

— Mais!! Não para, por favor! — Ela implora, louca de prazer.

— Eu te amo, Paloma! Você é minha, só minha! Assim como eu sou somente seu. Fui aumentando a força das estocadas, sentindo minhas bolas batendo na sua bunda. Nossos corpos já estavam cobertos de suor, e assim, Paloma goza pela terceira vez. Eu a acompanho, gemendo feito louco. Juro que quase desfaleci de tanto prazer naquele momento. Caímos os dois exaustos na cama abraçados, saciados e ofegantes.

— Eu te amo, doutor Lancaster! — Fala emocionada, deitada em meus braços.

— Não mais que eu, Paloma Lancaster!

Paloma

Quando chegamos a Madri já era mais de nove da noite. Ficaríamos todos hospedados no palácio real, mamãe já estava lá desde o início da semana. Até mesmo Scott e Amanda, amigos de Arturo e Verônica, vieram para acompanhar a coroação. O único excluído foi meu pai.

Um chofer veio nos buscar no aeroporto assim que pousamos. Entramos no carro e lá de dentro pude admirar a beleza do lugar. Madri é uma cidade linda, mesmo de noite, e por onde passamos podemos ver bandeiras da Espanha espalhadas. O povo estava em festa comemorando a coroação do novo rei.

O carro passa pelos portões do palácio real, que é lindo e majestoso, com arquitetura elegante e ao mesmo tempo rústica, ancestral.

— Papai, é um castelo de verdade? — Pergunta Sarah ao pai encantada.

— É sim, amor, nós vamos ficar hospedados aqui.

Fomos recebidos pela rainha Letícia, que após a abdicação do marido ao trono em favor do filho, volta ser princesa Letícia. São tantos protocolos que fico até confusa.

— Sejam bem-vindos! Paloma, você está linda com essa barriga de grávida. — Diz Letícia me abraçando.

— Obrigada, Majestade, na verdade estou me sentindo

exausta com a viagem.

— Já imaginava isso, mandei preparar um quarto para vocês dois, e Sarah pode ficar na ala infantil.

— Onde está Hector? — Pergunto ansiosa para vê-lo.

— A cerimônia de coração começou ontem, meu filho fica separado do resto dos convidados, nesse momento ele está em uma cerimônia no parlamento.

Ela nos levou para nossos aposentos e fiquei encantada com a beleza do lugar; provavelmente nos perderíamos sozinhos aqui.

— O jantar já foi servido, mas pedirei que um funcionário lhes traga algo para comerem.



Na manhã seguinte, todos estavam se arrumando para a coroação. Acordei com uma dor leve nas costas, mas imaginei que deveria ser pela cama diferente. Ethan não parava quieto, se mexia o tempo todo à noite.

— Está se sentindo bem, amor? — Pergunta meu marido, terminando de colocar a gravata.

— Um leve incômodo, mas não deve ser nada.

— Tem certeza? Sua barriga está bem baixa e nosso filho está inquieto, posso ver daqui. — Ele diz se aproximando e tocando minha barriga.

— Eu estou bem, é só um incômodo.

— Tem certeza que não é nada? Talvez devêssemos ir a um

hospital.

— Estou ótima, Martim, e não perco essa coroação por nada.

Termino de pentear os cabelos de Sarah e um mordomo bate à porta para nos levar até a mesa do café da manhã. Caminhamos pelos enormes corredores do castelo até chegarmos a uma grande sala de jantar, onde posso ver toda a minha família reunida, além do rei Felipe e a rainha Letícia. Há também uma loira muito bonita e um senhor que se parece bastante com ela.

— Bom dia, majestades. — Os cumprimentos para logo em seguida me sentar ao lado de Verônica, e Martim do meu outro lado.

Acabo ouvindo a loira dizer algo e fazer cara de nojo para mim, o que me deixa irritada.

— O que ela disse? — Pergunto discretamente a Verônica.

— Não ligue para ela, esse entojão está aqui a semana toda. Ela pensa que vai casar com seu irmão, e que será a nova rainha da Espanha, coitada. — Diz minha cunhada com um riso discreto.

Fuzilo a tal loira com o olhar, mas Martim parece não notar o clima tenso. Hector chega para tomar café conosco e então posso abraçar meu irmão. Rezo para que ele encontre alguém que o faça esquecer Melissa de uma vez por todas.

O resto da manhã passou voando. Na frente do castelo, uma multidão de pessoas estava reunida para assistir à cerimônia de coroação, que seria transmitida em telões. Uma carruagem com

detalhes em ouro leva o novo rei do palácio real à Catedral de Santa Maria a Real de Almudena, onde o arcebispo realizará a cerimônia de coroação.

Estávamos todos na catedral, o lugar estava repleto de pessoas importantes, representantes de vários países. Mamãe está linda em um vestido vermelho, sei que ela está se mordendo de ciúmes de Letícia. Foi difícil para ela aceitar que não poderia contar a ninguém que Hector era seu filho, mas vendo agora a importância que ele tem para o povo espanhol, percebo que Felipe e Letícia têm razão.

Um coral começou a cantar e então as portas foram abertas. Hector caminhou sobre um tapete azul, vestindo um uniforme real militar da Espanha, um longo manto dourado e branco sobre os ombros. Atrás dele estavam o rei Felipe e a rainha Letícia. O bispo de Carlisle conduzia a cerimônia de coroação, e em latim ele dizia palavras de bênção ao novo rei, o reconhecendo como soberano de toda a Espanha. Em um gesto bonito, Hector se ajoelhou no chão de frente ao trono e a coroa.

Ele senta-se num trono de frente para o altar, enquanto quatro cavaleiros o escondem do público com um pano. O arcebispo passa óleo sagrado em suas mãos, peito e cabeça. Essa consagração é o que garante que o rei está apto a cumprir sua função de soberano. Segundo mamãe tinha dito.

Meu irmão, ou melhor, o rei, é apresentado às joias da coroa e por último recebe o cetro com a cruz na mão direita e a

haste com a pomba na esquerda. O arcebispo finalmente coloca a coroa sobre sua cabeça e o proclama Hector Carlos VI de Ortega o soberano rei da Espanha.

— Deus salve o rei! — Ele diz e todos repetem em coro.

Meu irmão mais velho é benzido uma última vez pelo arcebispo, oficializando sua nova posição. Ele então se assenta no trono e os oficiais se posicionam ao redor dele, segurando as joias da coroa. Foi nessa hora que senti uma pontada forte na minha barriga e gemi me contorcendo. No mesmo instante, Martim viu meu desconforto.

— O que tá sentindo, amor? Você está suando frio.

— Acho que nosso filho quer nascer antes da hora, amor.

Depois que disse isso, tudo passou como um flash. Martim me levou à saída da catedral, Sarah ficou com Alice. Ele me levou no colo até o carro; um motorista dirigia até o hospital mais próximo. A dor não parava de aumentar, era como se estivessem enfiando facas nas minhas costas.

— Fica calma, amor, tudo vai dar certo.

— Martim, não tá na hora ainda. E se ele não estiver bem? E se eu fiz algo de errado para nosso bebê?

— Calma, Paloma não entra em pânico. Eu estou aqui e não vou deixar nada de mal acontecer com você ou com nosso bebê; eu prometo.

— Tá doendo muito!! — Grito quando uma contração forte me atinge.

— Respira fundo, lembra o que eu te ensinei, amor, logo vai passar. — Ele diz massageando minhas costas.

Chegando ao hospital, Martim pega uma cadeira de rodas para mim, e me leva para dentro; o ouço discutindo com um médico, sobre quem ia fazer o parto. As contrações eram tão fortes que a minha vontade era gritar que se ele não viesse logo me ajudar, eu mesma faria meu parto.

— Martim, droga! Seu filho tá nascendo!!

Só aí ele e o médico decidem me ajudar. Sou levada para a sala de parto já com oito dedos de dilatação. Meu menino já estava encaixado, pronto para nascer. Sentia minhas costas abrindo e uma dor horrível no abdômen.

Uma enfermeira me ajuda a ficar na posição correta para passar mais oxigênio para o bebê. O doutor mede a minha barriga e coloca um aparelho através do qual posso ouvir os batimentos do coração do meu filho, bem fortes, o que me deixa mais aliviada. Ele está bem, só está apressado demais.

Meu marido aparece com uma roupa cirúrgica. Fico mais aliviada ainda, nós tínhamos combinado que ele faria o parto do nosso filho.

— Está pronta, meu amor? Vamos trazer nosso príncipe ao mundo. — Ele diz me passando segurança.

Os intervalos das contrações diminui mais, e logo sou obrigada a fazer força.

— Vamos lá, Paloma você consegue. Faz força, nosso

garotão já tá coroando.

— Ahhh! — Grito forte fazendo força.

— Mais uma vez, vamos lá, ele já está coroando.

O suor escorre do meu rosto, a dor é forte demais. Seguro a barra da maca e faço força com tudo; sinto Martim puxando-o de dentro de mim. Ouço seu choro forte e não aguento: deixo as lágrimas transbordarem de emoção.

— Ele é lindo, amor. Lindo e perfeito. — Diz meu marido, o colocando sobre a minha barriga enquanto corta o cordão umbilical.

— Deus, ele é perfeito! — Falo emocionada.

Martim pega nosso filho e entrega para a enfermeira realizar os primeiros cuidados, enquanto ele cuida de mim. Eu não sabia explicar a dimensão do que estava sentindo. Momentos depois, meu marido vem até mim com meu pequeno príncipe nos braços. Ethan é tão pequenininho. Tem lindos cabelos loiros e os olhinhos azuis, um perfeito príncipe, uma mistura minha e do pai.

— Ele é perfeito. Obrigado, minha princesa. — Diz Martim emocionado olhando para o filho.

Fui levada ao quarto, que já estava repleto de flores de diversas cores e balões azuis; logo toda minha família encheu o quarto. Alice e Guilherme, Arturo e Verônica, meus sobrinhos, mamãe e Sarah, que estava com ciúmes do irmão. Meu pai e os pais de Martim já tinham sido avisados do nascimento do neto e fizeram uma chamada de vídeo, ansiosos para ver o neto.

Ethan só precisou ficar na incubadora por sete dias. Ele era forte e saudável, apenas havia nascido antes da hora. Minha pequena se apaixonou pelo irmão assim que o viu e era linda a forma protetora como ela olhava para ele.

Nossa família estava enfim completa. Ethan era o que faltava para completar a nossa felicidade.

Foi paixão, foi desejo, atração, loucura, arrepios. Foi tudo, inclusive o amor. Nós sofremos, nós choramos, nos apaixonamos e no fim encontramos o verdadeiro amor. E hoje, não existe maior alegria e felicidade do que estar ao lado de quem amamos. Martim e eu passamos por muitas coisas para chegarmos até aqui. Olho para trás e lembro como tudo começou. Lembro daquela paciente apaixonada pelo seu médico, e de todos os nossos momentos de tormenta e de amor. No final, o amor prevaleceu, e aqui estamos nós, mais felizes do que nunca.



EPÍLOGO

17 anos depois

Sarah

Novamente me olho no espelho, é impossível não ficar nervosa. Hoje é o dia da minha palestra na Organização das Nações Unidas. Falarei em nome de várias mulheres e crianças do meu país natal. Na frente de líderes políticos e outros líderes religiosos de países importantes na África. A porta do meu quarto se abre e Ethan passa por ela.

— E aí, maninha? Já está pronta? — Diz meu irmão, olhando para mim.

— Ainda não, falta só calçar os sapatos e estarei pronta. —
Falo sorrindo para ele.

— Você está linda, Sarinha. Estou orgulhoso de você. —
Diz meu irmãozinho.

— Você fala como se fosse o irmão mais velho, pirralho. —
Digo abraçando-o.

Ethan puxou o tamanho do papai. Ele é alto e forte, mesmo
ainda sendo adolescente.

— Papai e a mamãe te esperam lá no escritório, parece que
é importante.

— Você sabe o que eles querem? — Pergunto ansiosa.

— Pior que não, mas não deve ser nada demais. A ovelha
negra da família sou eu, lembra?

— Claro! Você insiste em sair com aqueles marginais dos
seus amigos e as patricinhas da faculdade.

— Você está falando isso por causa do Liam, não é? —
Pergunta meu irmão, se referindo ao líder da turminha de marginais
com que ele sai.

— É óbvio que não! Eu nem lembrava o nome daquele
imbecil. É melhor nós irmos logo, nossos pais estão me esperando.
— Falo mudando de assunto.

Termino de colocar meus saltos e vou em direção ao
escritório do meu pai. Bato à porta e entro.

— Oi, meu amor. Você está linda. — Diz mamãe vindo até
mim e me abraçando fortemente. — Está nervosa com o seu

discurso na ONU?

— Não tem como não estar, mãe! É muito importante para mim. Ainda mais agora, que terminei a faculdade, tudo que mais quero é trabalhar na ONG.

— Estou tão orgulhoso de você, minha filha. — Diz meu pai, emocionado.

— Ei! Vocês dois podem parar com isso! Eu não quero borrar minha maquiagem. — Falo rindo.

— Vem, senta aqui, princesa, seu pai e eu temos algo para te entregar. — Diz mamãe me indicando a cadeira.

Observo papai abrir o cofre e pegar um estojo de lá. Meu coração acelera já imaginando o que possa ser, já vi aquele estojo antes. Papai abre o estojo da Cartier e, então, posso ver o lindo colar de diamante verde da mamãe.

— Seu pai e eu decidimos entregar ele a você. O diamante verde que foi dado a mim no dia do meu casamento. Eu conversei com seus tios e decidimos que os diamantes coloridos da família serão passados de geração em geração. Como você é nossa filha mais velha, cabe a você esse colar.

— Mas mãe, eu não posso aceitar, ele tem que ser do Ethan! Ele é o filho biológico dos dois! É direito dele — constato o óbvio.

— Nunca mais repita isso, Sarah! Você pode não ter saído da minha barriga, mas é tão minha filha quanto ele! Esse colar é seu e quero ver você usando-o amanhã à noite na festa dos seus

primos.

— Sua mãe tem razão. Nós já conversámos com Ethan e até mesmo ele concorda que você merece carregar o legado da nossa família.

— Obrigada, mãe, ele é lindo. — Falo com o rosto cheio de lágrimas tocando a joia.

Depois de secar as lágrimas, partimos todos juntos para a sede da ONU onde o meu discurso será feito. Na entrada do evento encontro toda a minha família. Fico emocionada ao vê-los todos aqui. Meu tio Arturo, tia Verônica, minha madrinha Alice e meu padrinho Guilherme. Minha tia Kadish com meu tio Dário e seus dois filhos, Richard e Akira. Minha avó Inês, meu avós escoceses, Helena e William; o único que não pôde vir foi meu tio Hector. Mas vejo a minha tia, a rainha da Espanha, o que me deixou emocionada. O apoio dela seria fundamental para sancionar essa lei.

Todos foram se sentando em seus lugares. Eu fui em direção ao palco, minhas mãos estavam suando, mas segui até o microfone. Ali, naquele palco, senti a importância do que estava prestes a fazer, eu não poderia fraquejar. Havia mais de trezentas pessoas na minha frente e muitos rostos me olhavam com repúdio; posso dizer que os líderes religiosos não aceitam o fim de uma tradição tão antiga.

— Boa noite a todos, meu nome é Sarah Cartier Lancaster. Gostaria de agradecer a presença de todos nesta noite. Em especial,

da minha família. — falo olhando para eles lá no canto. — Eu amo minha mãe, amo minha família, amo meus pais biológicos, amo a África.

— Há mais de três mil anos, inúmeras famílias africanas acreditam que uma filha que não foi circuncidada, não é pura. Isso porque o que há entre nossas pernas teoricamente nos faz impuras, deve ser removido e depois fechado. Como prova de virgindade e virtude, na noite de núpcias, o marido pega uma gilete, uma faca, e a corta, antes de penetrar à força sua noiva. Uma menina não circuncidada, não pode se casar. E por consequência, é expulsa da sua aldeia. É tratada do mesmo modo que uma prostituta. É sabido que a consequência dessa mutilação são mulheres doentes mental e fisicamente, para o resto de suas vidas. Eu fui salva, fui poupada, mas duas irmãs minhas, não. Sáfora sangrou até a morte, após ter sido mutilada. Amira morreu no parto, com o bebê ainda dentro do ventre. O que acontece com qualquer uma de nós, afeta todas nós.

— Em 2009, o Comitê Fatwa do Conselho Nacional de Assuntos Religiosos Islâmicos determinou que a circuncisão feminina fosse obrigatória para todas as mulheres muçulmanas, a menos que esse procedimento lhes fosse prejudicial, mas isso não é o bastante. Eu venho aqui implorar a vocês, que são os únicos que podem realmente ajudar essas crianças, essas mulheres, para que proíbam essa prática horrenda e desumana.

— No meu caso, eu tinha apenas cinco anos quando tudo aconteceu. Parecia que era uma festa. A festa era para mim, meu

pai era líder da tribo onde eu vivia. Muitas pessoas moravam ali, e o chefe de outra tribo tinha negociado com meu pai o meu casamento com o filho dele. Eu só tinha cinco anos, mas fui trocada por cabras para alimentar a minha família. Naquela tarde, minha mãe me explicou que as mulheres mais velhas queriam celebrar comigo, o fato de ser agora uma mulher, e para isso, claro, haveria uma cerimônia. — Olho bem para a plateia tentando demonstrar a eles o tamanho da minha dor.

— Eu fui levada a uma tenda, me colocaram deitada no chão com as pernas amarradas e todas se reuniram ao seu redor. Eu estava assustada, com medo e comecei a chorar desesperada. Minha mãe dizia o tempo todo, “Sahara, fique quieta, que tudo vai correr bem”.

— Um tambor soou ao fundo, e os cantos de comemoração. Até que um anjo apareceu na entrada da tenda. Era ela, a minha mãe, a minha salvadora. Paloma Cartier Lancaster. Ela entrou naquela tenda e me tirou dos braços da minha mãe biológica. Ela me salvou! Arriscando a própria vida para isso. Eu fui salva de um ato tão brutal e desumano. Eu fui adotada, tive a melhor família que uma criança poderia querer. Porém, não posso deixar de pensar nas minhas irmãs, que não tiveram a mesma chance, e nas milhares de crianças que neste exato momento passam por isso.

— Quando eu tinha quinze anos, pedi a meu pai e mãe, como presente de aniversário, para conhecer minha família biológica. Mamãe chorou a noite toda depois do meu pedido, e me

senti mal por fazê-la sofrer, entretanto, eu precisava entender por que eles fizeram aquilo comigo. Acompanhada dos meus pais, eu rumei para o deserto. Fui até a aldeia que nasci e, naquela manhã, olhando a minha mãe biológica, um sentimento de horror apoderou-se de mim. Naquele instante, percebi o quão enraizada era a condição cultural e religiosa daquelas pessoas. Eu chorei por minha mãe, que aceitara sua condição, a ponto de ser um instrumento para que ela se perpetuasse. Sofri por minhas irmãs, tão maltratadas que mal podiam entender o mundo em que viviam.

— Ali, me lembrei do que Amira havia me dito na noite anterior à minha quase circuncisão. Ela me disse que não queria ser uma mulher. Porque ser mulher é sofrer e ser infeliz! Para quê ser uma mulher? Para o bem de todas nós, tentemos mudar o que isso significa. O que significa ser uma mulher africana!

— “Se a cultura fere o seu corpo, por que preservá-la?”

Encerrei o meu discurso com os olhos cheios de lágrimas, fui aplaudida de pé. Olhei para mamãe e pude vê-la tão emocionada quanto eu.

Dias depois, a ONU lançou o comunicado no qual foi estipulado que a mutilação genital como prática cultural ou religiosa seria um crime contra a mulher e a criança. A repercussão do meu discurso, junto com o apoio de toda a Europa, teve um grande peso nessa vitória.

Conheça também

ENTRE O
ODIO
e a PERDÃO

LIVRO QUATRO DA SÉRIE FAMÍLIA CARTIER

Acordo assustada com o som da sirene, era hora da contagem das presas. Levanto-me meio atordoada, como sempre tive pesadelos, passado e presente se misturando com a culpa e o pavor.

— Teve pesadelos de novo, Liana? — Pergunta Miranda.

— Sim, já faz quatro anos que tudo aconteceu, mas sinto como se fosse hoje, não há um dia em que eu não sonhe com ela.

— Respondo limpando meu rosto.

— Você vai ver que todos esses pesadelos vão embora quando você estiver livre e longe daqui. — Fala Miranda abatida, parecendo mais debilitada a cada dia.

— Isso nunca vai acabar, é a culpa e o remorso me lembrando do que fiz.

— Vamos, Liana, antes que a agente Nabya venha nos tirar daqui. — Fala Karina.

Um nó se forma na minha garganta; eu sabia que dia era hoje, o dia que mais temo no ano. Todo dia 23 de setembro é assim.

— Vamos! Ou estão achando que isso aqui é colônia de férias!? — Grita Soares, o pior dos guardas da prisão.

— Miranda, vamos. — Chamo a mesma, que está sentada na cama parecendo um tanto tonta.

— O que você tem, Miranda, são as dores de novo? — Karina pergunta.

— Não é nada, fica tranquila, vamos, antes que Soares volte. — Diz Miranda disfarçando, mas posso ver que ela não está bem.

Saímos da nossa cela e vamos direto para o corredor onde a contagem será feita.

— Castela, você vem comigo. — Diz a agente Nabya me puxando pelo braço.

— O que foi? Eu não fiz nada, para onde está me levando?

— O diretor quer falar com você, sabe que dia é hoje? — Ela pergunta com um sorriso sádico no rosto.

— Sei... — É a única coisa que digo e tento controlar as lágrimas que querem sair.

Caminho e, guiada pela carcereira, atravessamos o corredor sete em direção à sala do diretor.

— Entra. — Diz me empurrando em direção à porta. Entro

meio desconfiada, não gosto de estar aqui.

— Liana Alvarez Castela. Sente-se. — O diretor diz apontando para a cadeira na sua frente.

Sento-me, sinto seu olhar por meu corpo e estremeço.

— Sabe que dia é hoje, Liana?

— Sim, sei. — Falo com gosto amargo na boca.

— Eu já disse que não gosto de fazer isso com você; mas sabe como são as coisas... As ordens vêm de cima; se você fosse boazinha e me agradasse, talvez eu pudesse te livrar da solitária.

— Eu não me importo. — Falo firme com asco desse velho escroto. Se ele pensa que vou deixá-lo me tocar apenas para não ir para a solitária, ele está redondamente enganado.

— Eu até tento ajudar, Liana, mas você não colabora. Você é como uma flor delicada e frágil no meio de vários espinhos, esse lugar não é para você. — diz ele dando a volta na mesa e se pondo de pé bem ao meu lado; suas mãos vão para o decote da minha camiseta e eu me seguro para não vomitar de nojo.

— Você pensa que eu não vejo o que Morgana faz com você. Nada passa despercebido por mim, Liana. Eu posso te proteger, minha flor.

— Eu já falei isso todas as outras vezes que me fez essa proposta. Eu me recuso, não quero que me toque. Não me importo de ir pra solitária, pode chamar a agente Nabya e mandar ela me levar agora mesmo.

— Você me deixa enfurecido com esse seu puritanismo

exagerado.

— Eu não vou mudar de ideia, para me ter terá que me forçar, jamais vou aceitar suas investidas.

— Eu já lhe disse que não gosto de forçar uma mulher, meu amor, você ainda será minha. Talvez ficar na solitária sem comida te faça mudar de ideia! — Ao dizer isso ele caminha até a porta e só então eu posso respirar aliviada.

— Nabya, leve a senhorita Castela até a solitária. Ela está proibida de receber qualquer tipo de alimentação.

— Ok, diretor. — Fala puxando-me pelo braço e me arrastando da sala dele. Nabya me joga na solitária como um saco de lixo; é assim que me sinto nesse maldito lugar.

A sala minúscula, mal iluminada e úmida não possui janelas, apenas um fino colchão sobre uma cama de concreto. Quando menos espero, as lágrimas começam a cair. Eu não devia estar chorando, já deveria estar acostumada; é sempre assim. Uma vez por ano, durante esses quatro anos, sou jogada, na data do atropelamento, aqui. No começo tentei entender o porquê, agora já não me importo, talvez isso seja pouco perto do que eu deveria receber. Afinal, eu sou uma assassina.

Sento-me na cama e puxo minhas pernas me encolhendo, o lugar é tão pequeno que só consigo ficar sentada encolhida na cama em posição fetal durante a madrugada pensando que vou enlouquecer com o frio e com o silêncio perturbador daqui.

Fecho os olhos e tento dormir, e aos poucos vou me

entregando à escuridão.

“Assassina”. Era isso que via nos olhos de todas aquelas pessoas. Lá estava eu, em frente ao tribunal com apenas 17 anos, já enfrentando um julgamento por assassinato e tentativa de fuga.

O pior de tudo era saber que eu era realmente culpada; aquela podre mulher e o bebê em seu ventre morreram por minha culpa. A vergonha, a culpa e a dor de ser a causadora de tanta destruição toma conta de mim. O juiz me olha de forma dura, o promotor foi narrando uma lista de relatos sobre mim. A maioria eram falsos, mas dentro de mim eu sabia que merecia pagar. Talvez assim, condenada, na prisão, eu encontrasse a paz que há muito tempo procurava.

Eu olhava ao redor e não a via, mas sabia que ela estava ali. E no meio de todas aquelas pessoas, me senti sozinha, fraca, covarde.

Eu senti como se estivesse presa na escuridão em meio ao medo e à culpa. Quando o juiz deu a sentença de culpada, senti o peso de duas vidas nas minhas costas; cinco anos não iam trazer aquela mulher e seu bebê de volta; nada do que eu fizesse poderia trazer. Meus olhos se voltam para uma fileira de cadeiras a minha esquerda, lá estavam os familiares de Melissa, a moça que atrolei. Uma senhora era amparada em meio às lágrimas por um senhor, imagino serem os pais dela.

A única coisa que faço é pedir perdão, mesmo sabendo que o que fiz é imperdoável. Então do nada eu sinto alguém tocar meu

ombro.

— *Você só precisa entregar a ele o seu amor, sua compaixão; precisa tirá-lo da escuridão e trazer a felicidade de volta.*

Uma sensação tão boa me preenche. Tento virar e olhar para trás para ver quem é, mas não consigo, é como se meus pés estivessem presos ao chão.

Não reconheço a voz, mas me parece familiar. Ela me traz uma calma que há muito não sentia.

Um som alto de metal batendo me desperta. Atordoada, eu abro os olhos e me vejo na solitária.

É uma carcereira me chamando.

— Acorda princesa Lia, é hora de sair da torre.

Levanto-me assustada, o sonho foi tão real, era como se estivesse novamente ali no meio do meu julgamento. Ainda meio zozza, sigo a carcereira até o banheiro, outras detentas já estão tomando banho. Pego meus objetos pessoais e caminho em direção a uma cabine. Ligo o chuveiro e deixo a água morna relaxar meu corpo dolorido pelo colchão duro da solitária, fecho os olhos e esfrego meus cabelos, começando a me sentir melhor. A água do chuveiro cessa repentinamente, abro os olhos e dou de cara com Morgana entrando na minha cabine.

— O que tá fazendo? — Pergunto tentando me cobrir.

— A bonitinha dormiu fora hoje? — Fala cheia de ódio e eu tremo de medo já sabendo o que ela vai fazer.

— Me deixa em paz, Morgana, eu nunca te fiz nada.

— Eu já te falei, meu amor, estão me pagando bem para te dar um tratamento exclusivo aqui! — Fala me acertando no estômago. Encolhi, tentando me defender, mas ela não parou por aí. Meus cabelos foram puxados, me fazendo curvar para trás, e então Marina chuta meu estômago. Sinto a bile subir e minhas pernas fraquejam, eu não aguento e caio no chão gemendo de dor. Tento proteger meu rosto até que elas se cansem. As lágrimas já borravam a minha visão; a cada golpe eu sentia uma parte de mim morrendo, sentia-me como o pior ser humano da terra; e era isso que eu merecia.

Elas saíram e me deixaram jogada no chão do banheiro, nua, toda molhada e ferida. Limpei meu rosto com as mãos, eu não deveria chorar. Lágrimas eram para os mais fracos; estou mais forte agora, ou pelo menos é o que digo a mim mesma dia após dia nesse inferno.

O que quer que seja esse Deus de que todos falam, ele parece que está rindo de mim nesse momento. Arrasto-me pelo chão gemendo de dor nas costas. Um corte no meu lábio inferior enche minha boca com o gosto ácido de sangue. Sem forças, fico ali escolhida pelo que parecem horas, até Soares me chamar.

— O que fizeram com você? — Pergunta ele me ajudando a ficar de pé e cobrindo meu corpo com uma toalha.

— Não foi nada, eu me machuquei. — Digo sem olhar seu rosto.

— Não me faça de idiota, Castela; quem fez isso com você?
— Ele pergunta de forma fria pegando o meu uniforme que está caído no chão.

— Ninguém, eu já estou bem. — Falo lavando as minhas mãos na pia e limpando meu rosto.

— Você pode não dizer, mas saiba que vou descobrir. E essa pessoa vai ficar uma semana na solitária. — Fala irado me assustando.

Com dificuldade consigo me vestir, ainda sob o olhar dele sobre mim.

— Eu já estou bem, vou para o refeitório. — Falo constrangida.

— Você vem comigo para a enfermaria, Miranda piorou e está chamando por você. O doutor Cézar não sabe se ela passa de hoje.

Quando ele diz isso, esqueço toda a dor que estou sentindo; meu coração dispara. Miranda é mais que uma amiga para mim, é como a mãe que nunca tive.

Desespero-me com a hipótese de perdê-la.

Corri com o coração acelerado, seguida por Soares, até a enfermaria.

Ao entrar, já vejo sua figura frágil e debilitada sobre uma maca. As lágrimas já preenchem a minha visão. Sua fisionomia está tão pálida, ela está realmente abatida.

— O que você tem, Miranda, o que aconteceu?! —

pergunto preocupada me aproximando da sua maca e segurando suas mãos.

— Minha menina, o que fizeram com seu rosto? — ela pergunta com a voz fraca, mesmo doente ainda se preocupa comigo.

— Não foi nada, escorreguei no chuveiro.

— Morgana te feriu, meu anjo.

— Não foi nada, me diga o que você tem, por que tá aqui?

— Estou doente, minha doce menina, e está chegando minha hora de partir. Eu preciso te contar uma coisa.

— Não... Não diga isso, fica tranquila, logo você vai melhorar, como das outras vezes, o doutor Cézar pode te ajudar.

— Filha, me escuta. Meu tempo está acabando, você precisa me ouvir.

— Tudo vai ficar bem. Logo você vai ficar boa e vai sair daqui.

— Liana, é câncer, meu anjo, e ele já se espalhou por todo meu corpo. É tarde demais pra lutar.

— Eu não posso perder você, não posso...

— Escuta, eu preciso te entregar uma coisa, pedi uma autorização especial ao diretor do presidio, para que tivesse o prazer de lhe entregar essa joia, antes da minha morte. — Ela diz, abrindo a mão esquerda e me mostrando o colar com uma grande pedra azul.

— Este colar se chama Hope, ganhei do meu marido

quando nos casamos. Eu sabia que corria uma lenda sobre ele, mas estava apaixonada e tão feliz pelo presente que não me importei. A lenda conta que essa pedra foi extraída de um santuário feito em homenagem à deusa hindu Sita, e que esse sacrilégio ocasionou a maldição. Levado à Europa pelas mãos do joalheiro Jean Baptiste Tavernier, esse diamante foi comprado por Luís XIV, que reduziu seu tamanho e lhe deu uma forma de coração. Grande parte dos filhos do rei morreu com uma idade precoce. — Miranda faz uma pequena pausa para se recompor. — Anos depois, a joia foi presenteada a Maria Antonieta, que morreu decapitada durante a Revolução Francesa. Uma amiga da rainha, a princesa de Lamballe, que havia usado o diamante em mais de uma ocasião, também morreu, linchada por uma multidão.

— A pedra foi roubada e apareceu séculos depois nas mãos do joalheiro holandês Wilhelm Fals, que lhe deu uma forma ovalada, como está agora. Ele morreu assassinado pelo seu próprio filho.

— O diamante continuou circulando: foi presenteado a uma nobre russa que morreu assassinada e, depois, esteve nas mãos do príncipe Iván Kanitowski, executado pelos revolucionários bolcheviques. Seu último proprietário, o joalheiro Harry Winston, vendeu o colar ao meu marido, que me deu como presente de casamento.

— Meu marido foi um homem cruel, quando não me espancava, me estuprava. Perdi a conta de quantas gravidezes

minhas foram interrompidas pelas suas agressões. Até o dia em que o esfaqueei enquanto ele dormia bêbado ao meu lado. O resto da história você já sabe: fui condenada à prisão e agora irei enfim encontrar a paz; porém antes de morrer quero ter a certeza que de você estará segura.

— Você não vai morrer, para de dizer besteiras, Miranda.

— Lia, querida, esse diamante é amaldiçoado. Todos que o tiveram em suas mãos sofreram com sua maldição. Quero que o venda e use o dinheiro para recomeçar sua vida. Meu amor, podem ter lhe tirado tudo, mas a algo que não lhe tiraram foi sua vida. Saia daqui e não olhe para trás, siga em frente e recomece do zero. Apaixone-se e se case, tenha filhos e seja muito feliz. Você é tão jovem e já passou por tanto sofrimento. Pegue a chave que guardo dentro do meu colchão; ela abre o compartimento 456 do guarda-volumes na estação de trem 35. Eu escondi um dinheiro lá; pretendia fugir do meu marido e esse dinheiro me ajudaria a recomeçar.

— Eu não posso aceitar. Você vai sair dessa, você vai ver. Ainda vai sair aqui. Vai viajar. Não me disse que queria conhecer a Inglaterra?

— Faça isso por mim; você é a filha que nunca tive. Foi a única que me trouxe um pouco de felicidade, mesmo dentro desse lugar. — Ela para de falar para tossir.

Os aparelhos começam a apitar e o doutor Cézar se aproxima, junto com dois enfermeiros.

— Não, Miranda! Fica comigo, não me deixa sozinha.

— Se afaste! — Alguém grita para mim.

Algo dentro de mim diz que é tarde demais. Seguro com força o diamante em minhas mãos, enquanto vejo os médicos tentando reanimá-la.

— Não, Miranda! Fique comigo, não me deixe sozinha! — Grito chorando. — Salve ela, por favor, salve ela!

— Soares, tire-a daqui. — Pede o doutor César.

Sinto meu corpo ser arrastado para fora da enfermaria.

— Castela, me escuta. Eles estão cuidando dela. — Fala ajudando-me a sentar no banco de madeira do corredor.

— Eu não posso perdê-la, ela é tudo que eu tenho. É mais que uma amiga; ela é uma parte minha. — Falo soluçando alto.

Fiquei ali sentada pelo que pareceram horas, até que o doutor saiu e veio falar comigo.

— Eu sinto muito, mas Miranda não resistiu. — Diz de maneira fria, como se a vida dela não fosse importante.

— Não, Doutor! Não me diga uma coisa dessas, por favor, ela tem que ter sobrevivido! — Minha respiração falha, minhas pernas fraquejam.



Um mês depois da morte de Miranda, chegou meu dia de partir. A chave da qual ela tinha me falado, no mesmo dia eu peguei, já que todos os pertencem dela estavam sendo retirados e

seu beliche sendo preparado para ser ocupado por outra detenta.

— Castela, já está pronta? — Pergunta Soares na porta da minha cela.

— Adeus, Karina. — Falo abraçando a única outra amiga que fiz nesse lugar.

— Que Deus te proteja, minha amiga. — Diz Karina limpando as lágrimas.

— Eu venho te visitar, eu prometo. — Falo triste por deixá-la aqui.

— Não quero que venha. Esse lugar não é pra você. Daqui a um ano eu estarei livre dessas grades e nós vamos nos encontrar em Las Canteras, nas Ilhas Canárias. Já até nos imagino tomando sol em frente àquele mar.

Sorrio, despedindo-me dela, e saio daquela cela sentindo meu coração acelerado. Ainda não parece real, estou há tanto tempo presa dentro dessas paredes que agora que vou sair não sei bem o que fazer.

Fui levada até a sala do diretor, onde assinaria meus papéis de soltura.

— Entre, senhorita Castela. — Diz ele já me aguardando na porta da sua sala.

Entrei, mesmo sabendo que ele poderia tentar algo, mas precisava sair daqui.

— Sabe, Liana, quando você entrou aqui parecia um ratinho assustado; uma adolescente frágil e delicada. E olha para você

agora, se tornou uma mulher. Não é mais aquela criança. Uma pena não termos nos divertido juntos... — Diz tocando uma mecha do meu cabelo.

Não digo nada, apenas fico olhando fixamente para sua mesa.

— Assine aqui e você estará livre. Só tenha cuidado, pequena Liana; você está livre dessas grades, mas o peso do seu crime sairá daqui com você.

Engulo em seco assinando meu nome nos papéis e por fim saindo daquela sala. Fui levada até a saída e lá peguei os únicos pertences que vieram comigo para a prisão. Um celular velho, cinquenta euros e a muda de roupa que vestia quando fui presa.

Entrei no banheiro, me liberei daquele uniforme laranja horrível e pude vestir meu velho jeans e camiseta. Recolhi todas as minhas coisas e caminhei até a saída. Soares me acompanhava silenciosamente. Passei por um corredor longo que levava até o portão, e quando aquelas grandes portas de metal se abriram, as lágrimas transbordaram de meus olhos.

— Castela, se precisar de alguma coisa não hesite em me ligar. — Fala me entregando um pedaço de papel.

Estranho sua atitude, pois Soares nunca demonstrou nenhuma empatia por nenhuma presa, mesmo Karina insistindo que ele gostava de mim.

— Obrigada. — Falo pegando o papel apesar de saber que não ligarei.

Os portões são abertos e eu respiro fundo caminhando rumo à minha liberdade.